

# **MARIA LAMAS (1893-1983) - UMA PARTICIPANTE NA HISTÓRIA DA MENTALIDADE FEMININA**

**Maria Luzia Fouto Prates**

---

**Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos  
necessários à obtenção do grau de Doutor em Estudos  
Portugueses, Cultura Portuguesa do século XX, realizada sob  
a orientação científica da Professora Doutora Cecília Barreira**

**JULHO, 2010**

**Volume 1**



## DEDICATÓRIA

Aos meus filhos adorados, pelo tempo que lhes não dispensei, pela paciência com que me ouviram falar sobre os problemas que fui enfrentando na pesquisa e na elaboração deste trabalho.

Ao meu pai, que terá muito orgulho em mim, apesar de não estar presente fisicamente, mas, que para mim, está sempre presente.

À minha mãe, pela vida de luta que travou até aos dias de hoje, sem esmorecer por ser mulher.

À minha avó, pelos seus ideais, que me transmitiu sempre com a sua força inabalável.

A uma pessoa especial, o Luís Miguel, pela atenção, pelo carinho, pelos incentivos constantes e auxílio precioso na elaboração da parte gráfica da tese.

Às minhas amigas, que sempre depositaram imensa confiança em mim, com especial relevo para a Graça Batista.

## AGRADECIMENTOS

O trabalho apresentado não teria sido possível sem os apoios e incentivos, institucionais e pessoais, que me foram dispensados ao longo dos anos em que me dediquei a este projecto. Os agradecimentos devidos são múltiplos. Começo pelos de cariz institucional.

À Professora Doutora Cecília Barreira que depositou em mim confiança inabalável e me aconselhou a pedir a Licença Sabática, o que me permitiu usufruir de excelentes condições para a elaboração da proposta de abordagem apresentada. Os resultados obtidos são o fruto de diversas discussões que fomos travando.

Ao Ministério da Educação pela concessão de um ano de licença sabática, que me facilitou a redacção do presente trabalho.

Aos funcionários da Biblioteca Nacional de Portugal, da Biblioteca Municipal de Palmela, da Hemeroteca de Lisboa, da Biblioteca da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, pelo carinho que sempre me demonstraram, pela disponibilidade, pelas pistas fornecidas e pela atenção que me dedicaram.

Relativamente à leitura e revisão do texto, ficarei eternamente devedora à minha filha adorada Anabela Sofia Prates Carvalho, pelo trabalho inexcedível que teve com este projecto.

## RESUMO

Nascida nos finais do século XIX, Maria Lamas viveu até à década de oitenta do século XX, onde se destacou como mulher de cultura e da cultura. Durante o seu percurso, teve participações ao nível da literatura, sendo considerada como uma das precursoras da literatura infantil portuguesa, mas percorreu também o caminho da poesia, do romance, da novela. Na área da escrita movimentou-se ainda pela área da reportagem, de que resultou o livro único no nosso país, *As Mulheres do Meu País*, pela área da pesquisa, cujas repercussões são verificáveis em outros dois livros: *A Mulher no Mundo* e *Mitologia Geral*. Ainda na escrita, não podemos esquecer a sua participação jornalística, tanto em revistas femininas, como em jornais nacionais, como por exemplo, o jornal *O Século*, e ainda a sua actuação na área da tradução.

A sua intervenção na sociedade destacou-se pela presidência do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, pela actividade na Associação Feminina Portuguesa para a Paz e pela sua conduta política de oposição ao regime salazarista, que a levou à prisão e posteriormente ao exílio.

Maria Lamas foi uma mulher que se relacionou com todos os sectores da sociedade, o que provamos através da correspondência mantida ao longo da sua vida.

Na área da cultura, Maria Lamas constitui um exemplo a seguir, tendo-se desdobrado em actividades como a organização de exposições, participando como conferencista ou assistindo a congressos internacionais onde travou conhecimentos com individualidades mundiais.

A prova do reconhecimento da sua actividade é-nos dada através de várias homenagens de que foi alvo, ainda em vida.

O que tentamos demonstrar com este trabalho é que quando uma mulher quer, pode contribuir para a alteração da mentalidade de um país, foi este o caso de Maria Lamas.

As nossas expectativas serão atingidas se o presente estudo trazer um contributo para a história cultural do nosso país.

Palavras-chave: cultura, mulher, exposição, livros, liberdade, pensamento, conferências, sociedade, história, vida, jornalismo.

## ABSTRACT

Maria Lamas was born in the late 19<sup>th</sup> century and lived until last century's 80's. She distinguished herself as a cultivated woman and a woman of culture. Along her way, she participated in literature, and is considered one of the precursors of portuguese children's literature. She also wrote poetry, novels, participated in news reporting which resulted in a unique book in our country, *As Mulheres do Meu País*, and in research which led to two other books, *A Mulher no Mundo* and *Mitologia Geral*. And we cannot forget her participation as a journalist in women's magazines as well as in national newspapers, such as *O Século*, and as a translator.

Her intervention in society was featured by her leadership of the National Council of Portuguese Women, by her activity in the Portuguese Feminine Association for Peace, and by her political stand as an oppositionist of the Salazar regime which led her to prison and later to exile.

Maria Lamas was a woman who dealt with every sector of society which is proved by the mail she wrote along her life.

At a cultural level, Maria Lamas is an example to be followed, as she took part in several activities, such as organizing exhibitions, as a lecturer and participating in international conferences, where she met worldwide personalities.

She was payed homage several times during her life and that proves the recognition for her activities.

What we are trying to show with this essay is that when a woman wants she can contribute to change the mentality of a country, which was the case of Maria Lamas.

Our expectations will be reached if this paper contributes to the cultural history of our country.

Keywords: culture, woman, exhibition, books, freedom, thinking, conferences, society, history, life, journalism.

## RESUMO

Nascida nos finais do século XIX, Maria Lamas viveu até à década de oitenta do século XX, onde se destacou como mulher de cultura e da cultura. Durante o seu percurso, teve participações ao nível da literatura, sendo considerada como uma das precursoras da literatura infantil portuguesa, mas percorreu também o caminho da poesia, do romance, da novela. Na área da escrita movimentou-se ainda pela área da reportagem, de que resultou o livro único no nosso país, *As Mulheres do Meu País*, pela área da pesquisa, cujas repercussões são verificáveis em outros dois livros: *A Mulher no Mundo* e *Mitologia Geral*. Ainda na escrita, não podemos esquecer a sua participação jornalística, tanto em revistas femininas, como em jornais nacionais, como por exemplo, o jornal *O Século*, e ainda a sua actuação na área da tradução.

A sua intervenção na sociedade destacou-se pela presidência do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, pela actividade na Associação Feminina Portuguesa para a Paz e pela sua conduta política de oposição ao regime salazarista, que a levou à prisão e posteriormente ao exílio.

Maria Lamas foi uma mulher que se relacionou com todos os sectores da sociedade, o que provamos através da correspondência mantida ao longo da sua vida.

Na área da cultura, Maria Lamas constitui um exemplo a seguir, tendo-se desdobrado em actividades como a organização de exposições, participando como conferencista ou assistindo a congressos internacionais onde travou conhecimentos com individualidades mundiais.

A prova do reconhecimento da sua actividade é-nos dada através de várias homenagens de que foi alvo, ainda em vida.

O que tentamos demonstrar com este trabalho é que quando uma mulher quer, pode contribuir para a alteração da mentalidade de um país, foi este o caso de Maria Lamas.

As nossas expectativas serão atingidas se o presente estudo trazer um contributo para a história cultural do nosso país.

Palavras-chave: cultura, mulher, exposição, livros, liberdade, pensamento, conferências, sociedade, história, vida, jornalismo.

## SUMMARY

Maria Lamas was born in the late 19<sup>th</sup> century and lived until last century's 80's. She distinguished herself as a cultivated woman and a woman of culture. Along her way, she participated in literature, and is considered one of the precursors of portuguese children's literature. She also wrote poetry, novels, participated in news reporting which resulted in a unique book in our country, *As Mulheres do Meu País*, and in research which led to two other books, *A Mulher no Mundo* and *Mitologia Geral*. And we cannot forget her participation as a journalist in women's magazines as well as in national newspapers, such as *O Século*, and as a translator.

Her intervention in society was featured by her leadership of the National Council of Portuguese Women, by her activity in the Portuguese Feminine Association for Peace, and by her political stand as an oppositionist of the Salazar regime which led her to prison and later to exile.

Maria Lamas was a woman who dealt with every sector of society which is proved by the mail she wrote along her life.

At a cultural level, Maria Lamas is an example to be followed, as she took part in several activities, such as organizing exhibitions, as a lecturer and participating in international conferences, where she met worldwide personalities.

She was payed homage several times during her life and that proves the recognition for her activities.

What we are trying to show with this essay is that when a woman wants she can contribute to change the mentality of a country, which was the case of Maria Lamas.

Our expectations will be reached if this paper contributes to the cultural history of our country.

Keywords: culture, woman, exhibition, books, freedom, thinking, conferences, society, history, life, journalism.

## ÍNDICE

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

NOTAS INTRODUTÓRIAS.....	1
I    PROPOSIÇÃO DO TEMA.....	3
II   PERÍODO ESTUDADO.....	5
III  ESTADO DA QUESTÃO.....	5
IV  METODOLOGIA.....	10
V   PERSPECTIVAS TEÓRICAS.....	12
1. CONCEPTUALIZAÇÃO DE CULTURA.....	13
VI  ORDENAMENTO DO TEXTO.....	17
Capítulo 1-Breve contextualização.....	20

---

Capítulo 2-Biografia sumária.....	37
-----------------------------------	----

---

Capítulo 3-A imprensa.....	40
----------------------------	----

---

1.    A estreia no jornalismo .....	40
2.    Jornalismo infantil .....	43
3.    Jornalismo feminino .....	51
4.    Cargos de direcção .....	67
5.    Outras contribuições .....	69

Capítulo 4-Registos de escrita.....	88
-------------------------------------	----

---

1.    Da literatura infantil ao romance .....	91
2.    Escrita poética .....	111
3.    Romance .....	130
4.    As mulheres do meu país .....	156



4.1.	<i>Críticas e opiniões sobre as mulheres do meu país</i> .....	160
4.2.	<i>Feitura da obra</i> .....	165
4.3.	<i>As mulheres do meu país vistas pelos jornalistas</i> .....	178
5.	<i>A mulher no mundo</i> .....	180
6.	<i>Incursões histórico-mitológicas</i> .....	193
7.	<i>Traduções</i> .....	198

## Capítulo 5-Escrita contemporânea.....209

---

## Capítulo 6-Cartas e outros manuscritos reveladores da personalidade de Maria Lamas.....223

---

1.	<i>Correspondência com escritores: confidências</i> .....	226
2.	<i>Maria Lamas por ela própria</i> .....	243
3.	<i>Cartas de pura amizade</i> .....	249
4.	<i>Cartas de admiração pessoal</i> .....	258
5.	<i>Cartas de teor intimista</i> .....	261

## Capítulo 7-Participação cultural de Maria Lamas ..... 271

---

1.	<i>Conferencista</i> .....	279
----	----------------------------	-----

## Capítulo 8-Exposições de 1930 a 1947- contributo para a cultura..... 290

---

1.	<i>Exposição de S. Miguel</i> .....	296
2.	<i>Exposição de livros escritos por mulheres – 1947</i> .....	298

## Capítulo 9-Participação política..... 338

---

1.	<i>Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas: a organização com mais longevidade durante o Estado Novo</i> .....	340
2.	<i>Organizações femininas posteriores ao CNMP</i> .....	366

3.	<i>Norton de Matos</i> .....	368
4.	<i>Congressos</i> .....	371
4.1.	<i>A Paz</i> .....	371
5.	<i>Prisão</i> .....	400
6.	<i>O exílio</i> .....	420
6.1.	<i>Pós - exílio ou o regresso antecipado à Pátria</i> .....	426
6.2.	<i>Sobre a emigração</i> .....	427
7.	<i>O advento do 25 de Abril</i> .....	430

## **Capítulo 10 -A última escalada..... 436**

---

1.	<i>Convites e homenagens</i> .....	436
2.	<i>O final</i> .....	459
2.1.	<i>Notícias póstumas ou outros olhares</i> .....	466
	<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i> .....	467
	<i>FONTES E BIBLIOGRAFIA</i> .....	475
	<i>FONTES</i> .....	475
	<i>PERIÓDICOS</i> .....	475
	<i>BIBLIOGRAFIA ACTIVA</i> .....	478
1.	<i>OBRAS</i> .....	478
2.	<i>POEMAS</i> .....	479
3.	<i>CONTOS E FOLHETINS</i> .....	481
4.	<i>TRADUÇÕES</i> .....	489
5.	<i>PREFÁCIOS DE MARIA LAMAS</i> .....	491
6.	<i>DIRECÇÃO</i> .....	491
7.	<i>OUTROS</i> .....	492
8.	<i>REPORTAGENS/ARTIGOS/NOTÍCIAS/ENTREVISTAS</i> .....	492
9.	<i>ENTREVISTAS</i> .....	497
	<i>BIBLIOGRAFIA PASSIVA</i> .....	499
1.	<i>OBRAS DE REFERÊNCIA</i> .....	499
2.	<i>TESES</i> .....	516

Só podemos saber quem um homem [uma mulher] foi se conhecermos a história da qual ele [a] é o (a) herói (na) – por outras palavras, a sua biografia – tudo o mais que sabemos a seu respeito, inclusive a obra que ele (a) possa ter produzido e deixado atrás de si, diz-nos apenas o que ele (a) é ou foi.<sup>1</sup>

## NOTAS INTRODUTÓRIAS

Desde sempre que a temática da mulher e da condição feminina nos tem interessado, essencialmente por termos consciência de que, através dos tempos, a mulher tem sido discriminada na sociedade, tratada com desigualdade relativamente ao homem e isso tanto em Portugal como no mundo em geral. Essa desigualdade manifesta-se nos aspectos mais variados e das formas mais diversas: quando se lhe limita os seus direitos no domínio familiar; quando se lhe impede o acesso a determinadas profissões e quando ela é arbitrariamente tratada nos locais de trabalho; quando, em nome de estereótipos femininos obsoletos e retrógrados, a sobrecarregam com tarefas múltiplas, algumas delas castradoras da sua personalidade; em conclusão – quando ela é vista apenas em função do homem, como simples objecto e nunca como sujeito. Consubstancia-se nisto a razão fundamental por que este assunto tanto interesse nos desperta.

“Ao discurso referencial biográfico, cujo objectivo primeiro é a semelhança com a verdade, são exigidas duas qualidades, que o aproximam do discurso histórico: a exactidão e a fidelidade.”<sup>2</sup> É, precisamente, nestas duas qualidades que pretendemos centrar o nosso trabalho.

Pelo exemplo de coragem e pelo contributo que Maria Lamas deu no impulso à luta das mulheres pela sua emancipação, é de plena justiça o conhecimento da sua acção também pelos valores da liberdade, da justiça e da democracia.

---

<sup>1</sup> Hanna Arendt, *A Condição Humana*, Lisboa, Relógio d' Água, 2000, pp. 235-236.

<sup>2</sup> Clara Crabée Rocha, *O Espaço Autobiográfico em Miguel Torga*, Coimbra, Livraria Almedina, 1977, p. 54.

Com este estudo pretendemos conhecer, através do seu pensamento e acção, quem foi Maria Lamas. Consideramos importante perceber como utilizou a sua própria experiência, seja para quebrar a ignorância em que se encontravam as mulheres, seja para apoiar e incentivar as outras mulheres a seguirem o mesmo caminho.

Maria Lamas estava decidida a quebrar as barreiras sociais que impediam as mulheres de seguir uma carreira científica, diferente da carreira do ensino ou de cuidados de saúde, detendo um papel fundamental na área do jornalismo, através dos artigos de opinião, dos temas abordados, quer através da divulgação de notícias alusivas a essa temática.

Tentaremos compreender, através do seu discurso, como reagiu aos ideais do movimento feminista que começou a ter expressão, em Portugal no início do século XX, e como se preocupou com o atraso intelectual e social das mulheres, o qual verificou pessoalmente aquando da feitura do grandioso livro *Às Mulheres do meu País*.

Pretendemos, com este trabalho, dar a conhecer o percurso de Maria Lamas, na história colectiva da sociedade portuguesa e compreender a sua actuação em contextos sociais, onde até então, as mulheres estavam praticamente ausentes. Como mulher, no que esta categoria tem de significado cultural, na perspectiva feminista, interessa perceber a importância das relações de género, na interacção com os outros onde variam as regras sociais, mais ou menos rígidas, a fronteira de actuação entre o espaço masculino e o espaço feminino, assentes nas relações de poder entre homens e mulheres. Na acção de Maria Lamas tentaremos realçar a sua diversidade e/ou complexidade, considerando que “cada sujeito [...] transporta uma bagagem subjectiva que interage com os aspectos objectivos das várias situações em que se relacionam”<sup>3</sup>.

Partindo de uma diversidade de olhares, iremos percorrer a sua história de vida, reiterando os momentos em que se distinguiu a sua voz, as suas acções e as suas subjectividades, para uma leitura mais compreensiva de quem foi esta mulher. Uma interpretação do que foi escrito ou dito, uma tentativa de clarificar as suas atitudes e comportamentos e tentar ver qual o efeito causado na mentalidade dos seus/suas contemporâneos/as e a influência que teve em si própria os acontecimentos que viveu.

---

<sup>3</sup> Maria da Conceição Quinteiro, «Notas sobre a relação social de género», *Plural*, 3, Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, Primeiro trimestre de 1996, pp. 122-135.

É recontar e refazer a história de quem foi pioneira na actividade política, durante o Estado Novo e no período pós 25 de Abril. Não só perceber a vida profissional mas também o sentido que deu à vida pessoal e familiar, que paralelamente foi construindo.

A presente dissertação sobre Maria Lamas pretende ser um contributo para a História das Mulheres em Portugal.

Este trabalho pretende dar visibilidade ao discurso e à acção de uma mulher pioneira que cedo emergiu no espaço público, como escritora e jornalista, e se tornou numa das mais importantes figuras do país.

Optámos por actualizar a ortografia, dado que havia regras diferentes de escrita nos anos a que se referem muitos dos documentos consultados, respeitando sempre as convenções<sup>4</sup>, o mesmo no que se refere aos nomes próprios. Todos os sublinhados e itálicos existentes no texto são da responsabilidade dos autores dos citados.

## I-PROPOSIÇÃO DO TEMA

Apesar de a figura de Maria Lamas já ter sido tratada por Maria Antónia Fiadeiro, em 1999, depressa nos damos conta da ausência de alguns factos, nomeadamente, no que se refere à literatura infantil e à actividade jornalística, dispersa por diversos jornais, sobretudo na década de vinte e trinta, do século XX, bem como a explicitação da sua participação cultural, enquanto conferencista e organizadora de eventos, como, por exemplo, a «Festa das Costureiras», entre outros. Pensamos colmatar algumas lacunas encontradas, nesse trabalho.

O tema, ora em estudo, afigura-se-nos de elevada importância, dada a personalidade de Maria Lamas e o impacto que teve na sociedade portuguesa. Prova disso é a extensão de artigos escritos sobre a autora, a quantidade enorme de cartas que recebeu e que enviou, apesar de não termos acesso a estas últimas, bem como as opiniões aí transcritas. Maria Lamas manteve contacto com personalidades de todos os

---

<sup>4</sup> Carlos Ceia, *Normas para Apresentação de Trabalhos Científicos*, 3ª edição, Lisboa, Editorial Presença, 2000, pp. 18-19.

quadrantes, como por exemplo, pintores, escritores, políticos. O mesmo aconteceu com várias organizações mundiais.

Com base na escrita dispersa por periódicos e manuscritos do seu espólio, procuraremos identificar as suas ideias, o seu contributo para a educação das mulheres a fim de as preparar para o exercício de uma profissão e as interessar pelos assuntos políticos do país e dos que lhes diziam respeito.

Pretendemos ainda caracterizar o seu percurso de democrata, empenhada na luta contra o Estado Novo, a sua intervenção política que por quatro vezes a levou à prisão.

A participação de mulheres e homens, como agentes históricos, é analisada na perspectiva das relações entre os sexos, procurando identificar diferentes experiências e concepções num momento de ruptura nas mentalidades e no quotidiano da sociedade portuguesa. Esta reorientação do olhar histórico sobre as relações sociais pretende valorizar e tornar visíveis os percursos, vivências, percepções e subjectividades das mulheres na esfera pública e privada e inseri-los na reconstituição de um passado em que a memória de mulheres e homens se reveja e se constitua em herança comum.

Para Hannah Arendt, “nenhuma vida humana, nem mesmo a vida do eremita no meio da natureza selvagem, é possível sem um mundo que, directa ou indirectamente, testemunhe a presença de outros seres humanos.”<sup>5</sup> É, precisamente, o que aconteceu na vida de Maria Lamas, com um número infindável de testemunhas.

Ao confrontarmo-nos com o termo público, temos de ter em conta, segundo Hannah Arendt, que esse termo “significa, em primeiro lugar, que tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e que tem a maior divulgação possível.”<sup>6</sup> Sendo assim, a aparência, ou seja, tudo o que é percebido pelos outros, constitui a realidade.

Com este estudo pretendemos reconstruir uma vida dedicada às causas da liberdade e da democracia e à reivindicação da igualdade de direitos para todos os cidadãos, em relação e interacção com a comunidade, partilhando ideais, esperanças e desilusões. É uma história individual que faz parte da história colectiva e, como tal, pode contribuir para o enriquecimento da História das Mulheres e da História de Portugal.

---

<sup>5</sup> Hannah Arendt, op. cit., p. 38.

<sup>6</sup> Hannah Arendt, idem., p. 64.

## II-PERÍODO ESTUDADO

Cronologicamente, situa-se entre 1893 e 1983, com especial relevo para as décadas de trinta e de quarenta, do século XX, período no qual Maria Lamas desenvolveu mais intensa actividade jornalística e política.

O estudo deste domínio de actuação é indissociável da apreensão do seu perfil de dirigente feminista e do seu papel no CNMP, entre 1945 e 1947, em defesa dos direitos políticos e jurídicos entre os sexos, com especial relevo para a luta política.

## III-ESTADO DA QUESTÃO

Segundo Anne Cova, os estudos sobre as mulheres e “a história das mulheres apresentam um atraso relativamente a outros países europeus e em comparação com os Estados Unidos.”<sup>7</sup> Na opinião da historiadora, “este atraso afectou também as Ciências Sociais, muito pouco desenvolvidas até à instauração da democracia.”<sup>8</sup>

Entre nós são escassas as biografias de mulheres. Como trabalhos académicos no âmbito da História das Mulheres estão referenciadas bibliograficamente a da Rainha D. Carlota Joaquina (1775-1830) por Sara Marques Pereira (1995), a de Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) por Carla Pinto (1996), a de Maria Lamas (1893-1983), escrita por Maria Antónia Fiadeiro (1999), a de Dona Isabel Rainha de Portugal (1271-1336), por Maria Isabel Montes (1999), a de Ana de Castro Osório (1872-1935) da autoria de Dulce Maria Baptista Moacho (2003) outra da autoria de Inês Neto (2008), que se debruçou sobre o papel de Ana de Castro Osório enquanto escritora e editora para crianças. Também Maria de Fátima da Cruz Araújo abordou a figura feminina em *Às Mulheres Portuguesas* de Ana de Castro Osório. Domitila de Carvalho (1871-1966) foi

---

<sup>7</sup> Anne Cova, «Escrever a história das mulheres», *Actas dos V Cursos Internacionais de Verão de Cascais*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1999, p. 119.

<sup>8</sup> Id., *ibid.*

tratada por Margarida de Carvalho (2004), Adelaide Cabete (1867-1935) por Joaquim Cortes Eduardo (2004), Berta Alves de Sousa (1906-1997), por Janete da Conceição Ruiz (2004), Virgínia Quaresma (1882-1973), abordada como a primeira jornalista portuguesa por Maria Augusta Seixas (2004), Dona Brites (c.1517-c.1584)<sup>9</sup>, por Maria Odete Sequeira Martins (2004), Sara Afonso (1899-1983) por José Manuel Fortes (2004) e por Maria João Pedro (2004) e ainda por Maria Isabel Rodrigues Oliveira (2006), Maria Veleda (1871-1955), por Natividade Monteiro (2004), D. Catarina de Bragança (1638-1705), por Joana Leandro d'Almeida Troni (2005), D. Filipa de Vilhena (? -1651) por Filipa Raquel Duarte (2005), Amália Rodrigues (1920-1999), por Rui Manuel Ferreira (2006).

Estudos que tomam como temática a educação feminina das classes superiores são ainda hoje extremamente escassos o que, aparentemente, se revela um pouco paradoxal. Em termos de conhecimento sobre classes sociais, as classes superiores têm de facto tido desde sempre um estatuto privilegiado que lhes advém da particularidade da condição social detida. Enquanto grupo dominante – e justamente porque o é – a prevalência da sua interpretação do mundo sobre todas as restantes versões disponíveis e a posse dos meios mais legítimos de registo – nomeadamente a escrita – dessa apreensão dos outros e de si mesmo têm feito desta classe um frequente sujeito e objecto de saber, contrastando com um aparentemente mais tímido domínio<sup>10</sup> sobre os valores e as práticas de outras classes sociais.

Seria assim de esperar que sobre educação feminina das classes superiores, tal como relativamente a outras facetas destas classes, a investigação e o material de informação na globalidade disponível fosse bastante mais abundante do que aquele com que nos viemos a deparar.

As causas desta relativa escassez terão certamente a ver, entre outros motivos, com o ponto de vista teórico predominantemente adoptado no tratamento deste tema. Na verdade, as pistas teóricas nesta área, apesar de alguma bibliografia sobre mulheres, classes sociais e educação, têm revelado algumas lacunas que impedem uma apreensão mais rigorosa da especificidade desta temática.

<sup>9</sup> Editado em 2009, pela Quidnovi, na colecção «Mulheres na história de Portugal».

<sup>10</sup> Tímido não só porventura em termos de quantidade de informação e fontes de informação sobre essas classes, mas também na própria capacidade de dominar totalmente os meios de decifração da sua cultura por parte dos agentes produtores do saber, como o sugere Hoggart em *La Culture du Pauvre*, Paris, Ed. Minuit, 1970, p. 42, para o caso específico das classes populares.



De todos os estudos e referências, foram os trabalhos de João Esteves que deram a Maria Lamas a visibilidade suficiente para se poder avaliar a importância do seu papel e do seu combate à ditadura, através da propaganda, assim como as lutas reivindicativas das mulheres. Do que foi possível entrever sobre a sua identidade e itinerário, as suas opções ideológicas, filosóficas e estratégicas, as polémicas que espoletou e em que se envolveu, a ousadia que revelou e a paixão com que se entregou a tudo quanto empreendeu ao longo da vida, assim como o seu contributo para a educação das crianças e das mulheres, para a defesa e consolidação das liberdades, para a dinâmica do movimento feminista português e para a reflexão sobre problemas sociais e fenómenos culturais do seu tempo, despertaram em nós o interesse em conhecê-la melhor.

Assim sendo, impunha-se a investigação do seu discurso e da sua acção, expressos sobretudo nos periódicos da época, a fim de analisar, apreender e interpretar o que de mais relevante e significativo transparecesse da sua individualidade em interacção com a colectividade, porque se terá sempre o desejo de contar, impunha-se também a escrita da sua biografia que abrangesse, se não a totalidade, pelo menos grande parte da sua vida.

Dada a escassez de biografias de mulheres, Maria Filomena Mónica<sup>11</sup> explica porque é que “o género biográfico não é popular em Portugal”. Segundo a investigadora, se nos limitarmos apenas à biografia histórica, “basta um passeio pelas livrarias para se constatar a carência de obras sobre as principais figuras da história de Portugal.” Na sua opinião, “os historiadores desinteressaram-se do género.”

Para Maria Filomena Mónica “esta situação deve-se a uma ordem complexa de factores”, porque “a história ensinada sob o Estado Novo fornecia uma interpretação do passado onde quase só estavam presentes os santos, os guerreiros e os mártires.” Outra explicação apresentada, deve-se ao facto de nos chegar de França “a escola dos *Annales*, a qual, ao banir o acontecimento, destruía o papel do homem como sujeito no evoluir histórico.” Maria Filomena Mónica acrescenta que “a influência desta revista, na qual colaboraram alguns historiadores notáveis, pode detectar-se no tipo de história que privilegia os processos de longa duração, bem como os movimentos sociais.”

A historiadora afirma, também, que “era improvável que Portugal, uma sociedade democrática, analfabeta e centralizada, tivesse gerado um tipo de história

---

<sup>11</sup> Maria Filomena Mónica, *Análise Social*, vol. XXXVI, n.º 160, Outono de 2001, pp. 603-604.

liberal, onde a biografia fosse valorizada,” para de seguida citar Hanna Arendt, que escreveu no seu livro *Homens sem Tempos Sombrios*:

A biografia definitiva, ao estilo inglês, é um dos géneros mais admiráveis da historiografia. Longa, minuciosamente documentada, com notas abundantes e generosamente recheada de citações, apresenta-se geralmente em dois grossos volumes e diz-nos mais, e de forma mais viva, acerca do período histórico em questão do que todos os livros históricos, excepto os mais notáveis.<sup>12</sup>

Na área da biografia, Manuela Gonzaga abordou a vida de Maria Adelaide Coelho da Cunha, filha do fundador do *Diário de Notícias*, que se apaixonou pelo seu motorista, nos começos do século XX, numa obra publicada em 2009.

Outras abordagens concernentes à temática das mulheres compreendem estudos académicos como o de Ana Isabel Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo, que analisa a viagem das mulheres e a psicanálise, em *Não aconteceu Nada em Hiroshima: uma Abordagem do Género na Psicoterapia: uma Micro-política...* (1999); duas investigações centram-se nas organizações femininas do regime, Irene Pimentel investigou a Obra das Mães para a Educação Nacional e a Mocidade Portuguesa Feminina<sup>13</sup> enquanto Manuela de Sousa Barbas concentrou-se na primeira fase do ciclo da Mocidade Portuguesa Feminina (1937-1945), na sua tese de mestrado (1998).

Em outras vertentes da temática feminina, destacam-se as teses de mestrado de Maria Manuela Paiva Fernandes, com uma tese intitulada *Movimentos de Mulheres em Portugal após Abril de 1974* (1998), Maria Lúcia Serralheiro com uma abordagem da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz: Delegação do Porto* (2002), António Ferreira de Sousa, que aprofundou um estudo sobre *A Obra de Protecção às Raparigas: um Exemplo de Associativismo Católico de Mulheres: 1914-1945* (2004), Isabel Ventura, com uma tese sobre as mulheres jornalistas, intitulada *A Emergência de Mulheres Repórteres nas Décadas de 60 e 70* (2007) e Célia Rosa Batista Costa, que estudou o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas e defendeu a tese intitulada *O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947): Uma Organização do Estado Novo* (2007).

---

<sup>12</sup> Hanna Arendt, *Homens em Tempos Sombrios*, Lisboa, Relógio de Água, 1991, citada por Maria Filomena Mónica in *Análise Social*, vol. XXXVI, n.º 160, Outono de 2001, p. 604.

<sup>13</sup> Dissertação de Mestrado apresentada em 1996, publicada pelo Círculo de Leitores, em 2000.

Também na área da história da educação Teresa Pinto<sup>14</sup> debruçou-se sobre o ensino industrial feminino no século XIX na tese intitulada *O Ensino Industrial Feminino Oitocentista: A Escola Damião de Góis em Alenquer*. Pioneira na dissertação de doutoramento (1991), em Portugal, encontra-se Cecília Barreira que estudou os universos femininos das mulheres burguesas no período temporal de 1890-1930, publicado sob o título *Histórias das Nossas Avós: Retrato da Burguesa em Lisboa 1890-1930* em 1992, pelo Círculo de Leitores e pela Colibri.

As investigações sobre imprensa feminina revelam, no entanto, uma tímida produção. Maria Isabel Moutinho Duarte Ildefonso dedicou a sua investigação a um periódico de oitocentos e de que resultou o título *As Mulheres na Imprensa Periódica do Século XIX: o Jornal A Voz Feminina*, (1998).

Gabriela Mota Marques recorreu às revistas femininas, do que resultou a tese de mestrado *Cabelos à Joãozinho: a Garçonne em Portugal nos Anos Vinte* (2002), com publicação em 2007, pelos Livros Horizonte. Em 2002, Maria Alice Guimarães apresentou uma tese de mestrado em História Económica e Social Contemporânea, subordinada ao título *Saberes, Modas & Pó de Arroz: Modas & Bordados: Vida Feminina: 1933-1955*, com publicação em 2008, pelos Livros Horizonte. Também Ana Maria Costa Lopes se debruça sobre a análise da imprensa periódica oitocentista (2005), com a publicação do livro intitulado *Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos – Percursos de Modernidade*.

Já no campo de análise do jornalismo, Maria Helena Oliveira Veríssimo, apresentou a tese de mestrado *A Classe dos Jornalistas nos Anos 30/40 – uma Elite do Estado Novo*, no Instituto Superior de Ciências do trabalho e da Empresa, (1998), onde refere um estudo que diz respeito a um grupo, o dos jornalistas, predominantemente urbano, incorporado num país cuja matriz é ainda essencialmente rural, com uma população esmagadoramente analfabeta e uma restrita elite cultural e política e onde o discurso oficial, de regime, apela àquela mesma ruralidade, mas não refere o nome de Maria Lamas como jornalista, abordando mais o Sindicato Nacional dos Jornalistas e o papel da censura e a propaganda nacional e política de informação.

Uma edição do Clube de Jornalistas, subordinada ao título *Quem é Quem no Jornalismo Português*, de 1992, cujo conteúdo reside num inventário biográfico de

---

<sup>14</sup> Dissertação de Mestrado apresentada em 1998, publicada pela Colibri, em 2000.

jornalistas, mas que não refere também o nome de Maria Lamas como jornalista, porque considera apenas os 2784 jornalistas habilitados com título profissional, dos quais 2464 sindicalizados. Ora Maria Lamas, apesar de estar habilitada como jornalista<sup>15</sup>, com direito a descontos nos comboios<sup>16</sup> como jornalista de *O Século*, não foi incluída nesta obra.

A Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres distinguiu-se com a publicação de Cadernos Condição Feminina, cuja publicação se iniciou em 1976, dois anos após a Revolução do 25 de Abril, com a finalidade primeira de esclarecer as mulheres sobre os seus direitos. Nesta colecção, salientam-se Isabel Romão, com o título *Situação de Trabalho das Mulheres Portuguesas* (1976), entre outros, Regina Tavares da Silva com *Feminismo em Portugal na Voz das Mulheres Escritoras do Início do Século XX*, (1982), Ana Margarida Nunes de Almeida com *Do Campo à Cidade: o Impacto do processo de Migração na Organização Interna da Família* (1984), Teresa Pizarro Beleza com *A Mulher no Direito Penal* (1984), *Mulheres Portuguesas, Ontem e Hoje* (1989), Elzira Machado Rosa com *Bernardino Machado, Alice Pestana e a Educação das Mulheres nos Fins do Século XIX* (1989), Ana Maria Braga da Cruz com *Urdir a Teia, Tecer a Vida – Percurso Feito em Cúmplice Sororidade com alguns Grupos de Mulheres do Norte* (1991). Esta Comissão publicou ainda outras colecções, a saber: Colecção «Ditos & Escritos» (1991), Colecção «Informar Mulheres» (1979), Colecção «Mudar as Atitudes» (1979), Colecção «Coeducação», Colecção «Bem-Me-Quer» (1995), Colecção «Agenda Global» (1995) e Colecção «Planeamento Familiar» (1976).

#### IV-METODOLOGIA

O ponto principal de partida para a nossa investigação foi o Espólio E-28, referente a Maria Lamas, que se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal.

---

<sup>15</sup> Maria Lamas possuía a Carteira de Identidade de Profissional da Imprensa 239 e era a sócia n.º 178 do sindicato dos jornalistas. Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 66.

<sup>16</sup> Detinha o passe social dos Caminhos de Ferro n.º 155, enquanto Directora da revista *Modas & Bordados*. Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 66.

Verificámos as 72 caixas de documentos, que constituem o espólio acessível ao público, uma a uma, documento a documento num total de cerca de 15 072.

Segundo Jacques Le Goff, hoje, “faz-se a crítica de noção de documento, que não é material bruto, objectivo e inocente, mas que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento.”<sup>17</sup>

Outra fonte, por vezes catalogada como menor, foi a consulta de periódicos alusivos à época vivida por Maria Lamas. Torna-se claro, que não podemos desperdiçar a imensa informação recolhida em vários jornais e revistas, de todos os quadrantes da área política.

Do ponto de vista metodológico, Ann Taylor Allen<sup>18</sup> sugeriu que para fundamentar algumas “questões interpretativas relevantes” devemos concentrar a investigação das fontes primárias num conjunto restrito de questões, que podem ser aquelas que despontam mais, ou aquelas sobre as quais existe pouco material secundário.

A metodologia utilizada compreendeu uma gestão dos documentos, que correspondeu à separação e selecção de tão extensos materiais por capítulo, tendo em conta a temática em que se inscreviam, e organizar, em função dela, a sua inclusão.

Mas, se a fonte principal deste trabalho é o Espólio de Maria Lamas, não pudemos descurar a consulta de jornais, bem como a sua análise apurada, dadas as múltiplas referências à autora em estudo, na imprensa portuguesa. A ter em conta, também os diversos artigos, reportagens, cartas, contos, poemas, notícias da autoria de Maria Lamas, que em muito contribuíram para a elaboração do nosso estudo.

O método de análise de conteúdo permite-nos a reconstituição de realidades passadas não materiais, sendo este o método adequado ao estudo do não dito, do implícito, uma vez que obriga o investigador a manter uma distância em relação a interpretações espontâneas e, em particular, às suas próprias. Com efeito, não se trata de utilizar as suas próprias referências ideológicas ou normativas para julgar as dos outros,

---

<sup>17</sup> Jacques Le Goff, *História e Memória*, I Volume, Coleção Lugar da História, Lisboa, Edições 70, 2000, p. 11.

<sup>18</sup> Citado por Anne Cova in Anne Cova, *História Comparada das Mulheres*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008, p. 23.

mas sim de analisá-las a partir de critérios que incidem tanto a nível do conteúdo explícito como a nível da organização interna do discurso<sup>19</sup>.

Raymond Quivy<sup>20</sup> considera fiável a recolha de dados particulares tais como narrativas, memórias, correspondência.

Nesta investigação optámos por uma abordagem qualitativa, pois, aqui se parte do princípio de que o modo de investigação histórico, descritivo, sempre que possível com produção de sínteses interpretativas é o mais adequado a este objecto de estudo, que incluiu o método de pesquisa e análise documental.

## V-PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Segundo Anne Cova, “é importante ter ao nosso dispor monografias que assentem numa sólida pesquisa empírica.”<sup>21</sup> É, pois, dentro dessa perspectiva que elaborámos o nosso trabalho.

“Uma história «sem as mulheres» parece impossível. Todavia, ela sempre existiu. Pelo menos no sentido colectivo do termo: não só das biografias, das vidas das mulheres, mas de mulheres, no seu conjunto e ao longo dos tempos.”<sup>22</sup> É desta forma que Michelle Perrot apresenta a problemática da história das mulheres. Para a historiadora, a preocupação com o estudo da história no colectivo é relativamente recente, tendo como primórdios os anos 70 do século XX, em consequência do Maio de 68.

Michelle Perrot considera que “a história é o que se passa, a sucessão dos acontecimentos, das mudanças, das revoluções, das evoluções, das acumulações que tecem a transformação das sociedades.” Aqui se inscrevem todas as mulheres, participantes activas na história e na sociedade.

---

<sup>19</sup> Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 2003, p. 230

<sup>20</sup> Idem, p. 202.

<sup>21</sup> Anne Cova, *História Comparada das Mulheres*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008, p. 23.

<sup>22</sup> Michelle Perrot, *Uma História das Mulheres*, Porto, Asa Editores, 2007, p. 9.

Para Antoine Prost<sup>23</sup> “a vida privada não é uma realidade natural, existente desde a origem dos tempos: é uma realidade histórica, construída de formas diferentes por sociedades determinadas.” O autor considera ainda que “não há uma vida privada, com limites definidos de uma vez por todas, mas uma sequência, ela própria mutante, da actividade humana entre a esfera privada e a pública.”

Na opinião de Françoise Thébaud<sup>24</sup> algumas mulheres foram “devoradas pela guerra, pela revolução ou pela ditadura, mas igualmente espectadoras e atrizes de uma formidável modificação das relações entre os sexos.” É neste quadro que se inscreve, precisamente, a figura de Maria Lamas.

Gisela Bock<sup>25</sup> cita o exemplo de Cristina de Pisa (1364-1430) como uma das primeiras mulheres a debruçar-se sobre história de mulheres.

## 1. CONCEPTUALIZAÇÃO DE CULTURA

A cultura não poderia existir sem a espécie humana. É esta a ideia de Leslie A. White. Para o antropólogo “a ciência da cultura, como as outras ciências, é produto de um desenvolvimento evolutivo.”<sup>26</sup>

Para além das perspectivas centralizadas sobre o homem ou a mulher, interessa perceber a forma como o comportamento, os modos de actuação e de pensamento das pessoas são condicionados pela cultura, pelo facto de esta estar associada a aspectos de natureza económica, religiosa, ética e política.

Para Daniel Bell, a cultura é:

Um processo contínuo de sustentação de uma identidade através da coerência ganha por um ponto de vista esteticamente consistente, uma concepção moral do eu e um estilo de vida que expõe estas concepções nos objectos que adornam a própria casa ou pessoa, e no gosto que exprime estes pontos de vista. A cultura é, assim, o reino da sensibilidade, da emoção e da ténpera moral, e da inteligência que procura estabelecer a ordem das coisas. Historicamente

---

<sup>23</sup> Antoine Prost, «Fronteiras e espaços do privado», in *História da Vida Privada*, direcção de Philippe Ariès e de Georges Duby, V volume, Porto, Edições Afrontamento, 1991, p. 15.

<sup>24</sup> Françoise Thébaud, *História das Mulheres*, direcção de Françoise Thébaud, V volume, Porto, Edições Afrontamento, 1995, p. 9.

<sup>25</sup> Gisela Bock, «História, História das mulheres, história do género», in *Penélope. Fazer e Desfazer História*, n.º 4, Novembro, 1998, p. 158.

<sup>26</sup> Leslie A. White, *O Conceito de Sistemas Culturais*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978, p. 12.

muitas culturas e estruturas sociais exibiram unidade, embora sempre existissem pequenos grupos que exprimiam valores esotéricos, desviantes, comumente libertinos.<sup>27</sup>

No entanto, Alain Touraine considera que a desmodernização, a qual define pela dissociação da economia e das culturas e pela degradação de uma e outra como sua consequência directa, contribuiu para o desmoronar das identidades culturais. Para este autor, tudo “começou no momento em que, no final do século XIX, se formou, numa escala até então desconhecida, uma economia financeira e industrial internacional que provocou a resistência das identidades culturais e nacionais nos países centrais e sublevações anticolonialistas nos países dependentes.”<sup>28</sup> É neste contexto que Maria Lamas vive.

Para o sociólogo, assiste-se ao desaparecimento do homem social. Este desaparecimento deve-se à:

Representação dos seres humanos que os identifica com a sua participação numa actividade colectiva e na vida de uma sociedade. Esta concepção do ser humano surgiu como a conclusão lógica e logo desejável da secularização e da racionalização. Se o ser humano é o que faz e já não o que é, se a autoridade social é racional-legal e já não tradicional ou carismática, se a dominação da natureza substitui a reprodução dos valores, das normas e das formas de dominação social, o indivíduo só se constrói socializando-se.<sup>29</sup>

«Moldam-se as plantas através da cultura, os homens através da educação», disse Rousseau<sup>30</sup> no início de *Émile ou de l'Éducation*, apresentando assim, conjuntamente, os dois sentidos da palavra cultura. Em sentido geral cultura, do latim *colere*, significa «valorizar» por exemplo um campo, mas também o espírito. Todavia, em Rousseau, essa aproximação encerra uma crítica da civilização, outro sentido da palavra cultura: para ele o processo de civilização não se identifica com o progresso. A antropologia contemporânea de Claude Lévi-Strauss situa-se na linha de pensamento de Rousseau na medida em que a ruptura entre natureza e cultura dá lugar à expansão de múltiplas formas de civilização, não sendo, contrariamente ao que a palavra indica, as culturas ditas primitivas atrasadas em relação à civilização ocidental, mas apenas diferentes. Devido a esse desvio, a cultura acabou por designar um conjunto de normas

<sup>27</sup> Daniel Bell, *The Cultural Contradictions of Capitalism*, 2ª edição, Londres, Heinemann, 1979, p. 36.

<sup>28</sup> Alain Touraine, *Iguais e Diferentes -Podemos Viver Juntos?*, Lisboa, Instituto Piaget, 1998, p. 57.

<sup>29</sup> Idem, p. 205.

<sup>30</sup> No seu livro *Discours sur l'Origine et les Fondements de l'Inégalité parmi les Hommes*, citado por Elisabeth Clément, Chantal Demonque, Laurence Hansen-Love e Pierre Kahn, *Dicionário Prático de Filosofia*, Lisboa, Terramar, 1997, pp. 80 e 81.



colectivas, embora tenha mantido um outro sentido do conceito: a cultura é também o requinte individual que distingue um indivíduo dos seus semelhantes.<sup>31</sup>

Na filosofia hegeliana a cultura é um processo histórico no decurso do qual o homem aprende a dominar a realidade. Ele não pode contentar-se com o já existente, imprime a sua marca no mundo através da sua actividade, movimento que reflecte o progresso da consciência. A cultura é assim a realização da natureza humana e não do abandono desta.<sup>32</sup>

Nestas condições, a cultura individual pode conceber-se como a capacidade de compreender a realidade do presente, em vez de a suportar de uma forma ignorante. Isto pressupõe que se tenha assimilado a herança do passado e que se tenha ultrapassado a estreita esfera dos interesses particulares.<sup>33</sup>

Já no entender de Simon Blackburn, cultura é:

O modo de vida de um povo, em que se incluem as suas atitudes, valores, crenças, artes, ciências, modos de percepção e hábitos de pensamento e de acção. As características culturais das formas de vida aprendem-se, mas são muitas vezes demasiado abrangentes para serem facilmente detectáveis a partir do seu interior.<sup>34</sup>

James K. Feibleman considera que cultura é o valor intrínseco da sociedade, sinónimo de civilização, empregue por Spengler para definir uma civilização no seu período de desenvolvimento criativo. Os meios, i.e., os instrumentos, costumes e instituições dos grupos sociais; ou o uso de tais meios. Em psicologia: o esclarecimento ou educação do indivíduo. Alguns distinguem cultura de civilização: sendo a primeira o efeito no desenvolvimento e expressão pessoal (arte, ciência, religião) das instituições e sendo a organização material e social identificada com a última.<sup>35</sup>

---

<sup>31</sup> Elisabeth Clément, Chantal Demonque, Laurence Hansen-Love e Pierre Kahn, *Dicionário Prático de Filosofia*, Lisboa, Terramar, 1997, pp. 80 e 81.

<sup>32</sup> Idem, p. 81.

<sup>33</sup> Id., ibid.

<sup>34</sup> Simon Blackburn, *Dicionário de Filosofia*, Lisboa, Gradiva, 1997, p. 95.

<sup>35</sup> Dagobert D. Runes, *Dicionário de Filosofia*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p. 94.

Todas “as mulheres foram e são participantes na criação e na transmissão cultural”<sup>36</sup>, podendo, deste modo integrar um “movimento social que traz sempre em si um novo poder, que só é activo porque é oposição ao poder dirigente.”<sup>37</sup>

Na opinião de Maria Laura Bettencourt Pires, “no estudo da cultura, uma questão que se põe é a da relação desta área científica com a história.”<sup>38</sup> Para a autora, “a cultura surge como um produto da criatividade humana”<sup>39</sup>, sendo hoje “um dos conceitos fundamentais das actuais ciências sociais e humanas.”<sup>40</sup>

Para M<sup>a</sup> Laura B. Pires “o valor e o interesse do conceito da cultura residem no facto do seu estudo, além de dar acesso a outros domínios do saber, criar disponibilidades para se explorarem novas direcções e abordagens teóricas diferentes e inovadoras.”<sup>41</sup> A autora refere ainda que “perante a dificuldade inegável de definição do conceito de cultura, alguns analistas, como C. Wright Mills<sup>42</sup>, afirmam que é justamente esta indefinição que dá aos estudos culturais a sua capacidade intelectual.”<sup>43</sup>

Esta autora, Maria Laura B. Pires, afirma também que:

Devido a esta característica<sup>44</sup>, que alguns críticos classificam como ausência de um cânone disciplinar estabelecido, pode afirmar-se que esta área de estudo tem como objectivo geral a aquisição de um conhecimento sem fronteiras. Constitui uma zona do saber na qual questões e abordagens convencionalmente excluídas dos planos de estudos tradicionais podem ser estudadas.<sup>45</sup>

Interessa, pois determinar “até que ponto os indivíduos, especialmente os mais influentes, afectam a História e até que ponto eles actuam como agentes da cultura.”<sup>46</sup>

---

<sup>36</sup> Ivone Leal, «As mulheres criadoras e transmissoras da identidade cultural», in *As Mulheres, a Identidade Cultural e a Defesa Nacional*, Lisboa, Comissão da Condição Feminina/Presidência do Conselho de Ministros, 1989, p. 37.

<sup>37</sup> Alain Touraine, *Pela Sociologia*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1982, p. 147.

<sup>38</sup> Maria Laura Bettencourt Pires, *Teorias da Cultura*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2004, p. 51.

<sup>39</sup> Idem, p. 42.

<sup>40</sup> Idem, p. 44.

<sup>41</sup> Idem, p. 48.

<sup>42</sup> Citado por Maria Laura Bettencourt Pires, com a indicação que se transcreve: C. Wright Mills (1916-1962), sociólogo americano, autor de *The New Men of Power* (1948), *White Collar* (1951) e *The Power Elite* (1956).

<sup>43</sup> Maria Laura Bettencourt Pires, op. cit., p. 48.

<sup>44</sup> A autora refere-se à característica da indefinição.

<sup>45</sup> Maria Laura Bettencourt Pires, op. cit., p. 48.

<sup>46</sup> Idem, p. 51.

Segundo Mary Nash, “já há muito tempo que a história das mulheres e do género superou esquemas interpretativos simplistas que se centravam numa visão histórica da óptica da sua vitimização ou do desafio heróico das mulheres contra a opressão.”<sup>47</sup>

Quanto ao conteúdo deste trabalho de investigação receamos que a excessiva quantidade de fontes consultada nos tenha impedido de dedicar mais tempo e reflexão à formulação mais minuciosa das questões metodológicas, teóricas e interpretativas.

## VI-ORDENAMENTO DO TEXTO

Tendo em conta que Maria Lamas teve uma vida multifacetada, seja na área do jornalismo, na área da literatura, na área da cultura, na área da política, repartiremos o texto consoante essas temáticas. Como Maria Lamas iniciou o seu aparecimento ao público através do jornalismo, consideramos importante desenvolver nessa secção os aspectos ligados ao jornalismo.

Numa segunda parte será abordado o papel desempenhado pela autora no mundo da escrita, nomeadamente no que se refere à escrita dirigida aos mais pequenos, intensamente publicada nos jornais e nas revistas. Uma palavra também para os projectos inacabados de Maria Lamas, guardados por ela, religiosamente.

É impressionante a participação de Maria Lamas, quer como organizadora de eventos, quer como participante activa.

Julgamos que o nosso trabalho possa contribuir para o incremento do estudo sobre figuras femininas de Portugal e que, de algum modo, possa concorrer para o levantar do véu sobre o papel preponderante exercido pelas mulheres na nossa história.

No primeiro capítulo procederemos a uma breve contextualização de cariz social com maior incidência nas décadas de 30 e 40 do século XX, dado considerarmos as décadas mais marcantes na vida e na participação de Maria Lamas na sociedade.

A biografia sumária de Maria Lamas será abordada no segundo capítulo.

---

<sup>47</sup> Mary Nash, *As Mulheres no Mundo. História, Desafios e Movimentos*, tradução de Lílilana Roma Pereira, Vila Nova de Gaia, Ausência, 2004, p. 20.

O capítulo terceiro servirá de amostragem em relação ao desempenho de Maria Lamas na imprensa portuguesa, seja no jornalismo infantil, seja no jornalismo designado feminino, bem como outros projectos idealizados pela jornalista, mas que não lograram concretização, não deixando, no entanto de demonstrar a sua criatividade e a sua preocupação na participação no mundo da imprensa.

Reservámos o quarto capítulo para enquadrarmos o envolvimento de Maria Lamas na escrita, tanto a nível literário, como em outras modalidades. Assim, daremos conta dos seus romances e o impacto que tiveram na imprensa da época, bem como as novelas e contos infantis. Uma abordagem, também, para outra tipologia textual, que envolveu a pesquisa, como foi o caso da elaboração do livro *A Mulher no Mundo*. A modalidade de reportagem, que consagrou Maria Lamas como a única jornalista portuguesa na feitura do livro *As Mulheres do meu País*. Uma referência, ainda, para a elaboração do livro *Mitologia Geral*, que exigiu, da parte da autora, um grande empenhamento e investigação. Maria Lamas ficou reconhecida pelo seu trabalho como tradutora e ainda pelas conferências que realizou no país, sobre temas diversos, todos de âmbito cultural.

No quinto capítulo daremos conta do posicionamento de Maria Lamas relativamente aos escritores seus contemporâneos e ao seu reconhecimento enquanto escritora.

Através da escrita epistolar, tentaremos dar a dimensão da personalidade de Maria Lamas, do seu relacionamento com diversas pessoas da sociedade portuguesa e ainda a sua participação com incidência no aspecto cultural, o que será abordado no sexto capítulo.

No sétimo capítulo mostraremos como Maria Lamas se notabilizou na sociedade através da sua participação cultural, com particular relevo para o seu papel como conferencista.

Maria Lamas distinguiu-se na sociedade portuguesa como mentora e organizadora de exposições, que obtiveram grande amplitude junto do público, servindo como marcos culturais no país, aspecto que será analisado no oitavo capítulo.

No nono capítulo, debruçar-nos-emos sobre o empenhamento político que levou Maria Lamas à prisão, ao exílio, e o impacto que esses factos tiveram na sua vida.

Ainda uma abordagem para a sua participação em congressos, com relevo para a temática da paz.

No décimo capítulo, referir-nos-emos às homenagens de que foi alvo em Portugal, o que reflecte o reconhecimento das suas atitudes e o papel que desempenhou na sociedade. Uma palavra também para o seu final e as manifestações de pesar que lhe foram prestadas.

Há ainda muitas mulheres que permanecem desconhecidas do público português e que detiveram uma participação activa na vida social e cultural portuguesa. Muitas dessas mulheres integram dicionários, enciclopédias, mas com breves referências. Muitas outras, nem sequer são abordadas.

## *Capítulo 1*

### BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Em 1893, ano de nascimento de Maria Lamas, sai o decreto que regulamenta o trabalho das mulheres e das crianças nas indústrias, a licença de parto e a criação de creches nas empresas.<sup>48</sup> No ano seguinte, dá-se a reforma do ensino secundário de Jaime Moniz com a valorização da vertente humanista.<sup>49</sup>

Em 1900 a população continental do país apresentava o número de 5 016 267 habitantes, dos quais a população urbana atingia 32,4% e a rural 67,6%. Os Açores contabilizavam 256 291 habitantes e a Madeira 150 570. No início do século XX, o número de operários industriais não ultrapassava os 85 600, dos quais, 45 000 eram homens.

Em 1905, é criada a Liga da Educação Nacional e em 1906, no início da ditadura de João Franco nasce o primeiro liceu feminino, Maria Pia, por decreto de Eduardo José Coelho.

No ano fatídico de 1908, mais precisamente a 1 de Fevereiro acontece o regicídio de D. Carlos I e do príncipe D. Luís Filipe. A 6 de Maio do mesmo ano é aclamado rei D. Manuel II, quando se contabilizam, em Lisboa, 3398 pobres.

Em 1909 é formada a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, apesar de ainda no ano seguinte o número das suas adesões não ultrapassar as cinco centenas.<sup>50</sup>

Em 1910 apenas estão construídos pouco mais de 3000 quilómetros de vias-férreas, sendo 58% de companhias particulares em que a CP detém 1172 quilómetros. A rede de estradas contabiliza 16000 quilómetros.<sup>51</sup>

---

<sup>48</sup> In Natividade Monteiro, *Maria Veleda*, Lisboa, Comissão para a Igualdade e Direitos da Mulher, 2004, p.10.

<sup>49</sup> Id., *ibid.*

<sup>50</sup> In Pedro Ramos de Almeida, *História do Colonialismo Português em África*, Lisboa, Estampa, 1979, p.53.

No país há 552 escolas primárias, com cerca de 6000 professores, mas 702 das 3918 freguesias, o que representa 17,5%, não têm qualquer escola. Há 32 liceus, com 8691 alunos e 510 professores. Há 8 creches e nenhuma maternidade.

A Revolução de 1910 foi precedida de um intenso período de propaganda. A luta contra o analfabetismo e a promessa de amplo desenvolvimento das instituições educativas faziam parte da ideologia da República. Triunfante, o regime incluiu o ensino entre as primeiras preocupações. A reforma de 1911, com António José de Almeida resultou da congregação de muitos esforços. Entretanto, a colagem de alguns monárquicos que tinham passado ao campo republicano, e a discordância em relação a aspectos de fundo e de forma, conduziram ao afastamento voluntário de João de Deus Ramos e de João de Barros. O último travaria uma polémica na imprensa com o próprio ministro, cujo nome ficaria ligado à reforma.

Enquanto João de Deus Ramos consagrou a maior parte da sua actividade ao prosseguimento da obra de seu pai, o pedagogo e poeta João de Deus, deve-se a João de Barros uma acção muito intensa e continuada de doutrinação e acção administrativa no Ministério da Instrução.

João de Barros defendeu energicamente a laicização do ensino, de acordo com o ambiente anticlerical da Primeira República, como condição prévia da libertação das energias populares e a sua orientação no sentido das realidades nacionais.

A luta contra o analfabetismo, o desenvolvimento da educação infantil e primária, o incremento do ensino técnico-profissional, não poderiam fazer esquecer a necessidade da educação moral, da educação cívica e da educação artística. O ensino deveria ser integral.<sup>52</sup>

A presença feminina<sup>53</sup> na maçonaria é bastante posterior à *Constituição* de James Anderson (1679-1739)<sup>54</sup> de 1723. O Maçom tinha de ser um cidadão na plena posse dos seus direitos cívicos, capaz de assegurar os seus deveres para com a sociedade. Sendo uma sociedade iniciática, e para mais excomungada, a documentação

---

<sup>51</sup> Idem, p.60.

<sup>52</sup> Cf. Rogério Fernandes, *João de Barros – Educador Republicano*, Lisboa, Livros Horizonte, Lisboa, s. d., p. 24.

<sup>53</sup> Fernando Marques da Costa, *A Maçonaria Feminina*, Lisboa, Editorial Vega, s. d., p. 43.

<sup>54</sup> James Anderson, mestre de uma loja maçónica em Londres, escreveu uma história dos Maçons, que foi publicada em 1723, como *Constituição dos Maçons Livres*, mas que ficou conhecida como a *Constituição* de Anderson, tendo sido o primeiro livro maçónico impresso nos Estados Unidos da América. A segunda edição, em 1798, foi traduzida em diversas línguas.

não abunda para determinados períodos da sua história e em muitos mesmo não chegou a produzir-se por temor das perseguições. É o que se passa nas duas primeiras décadas do século XIX. Contudo, é nesse período que se parece verificar a primeira iniciação feminina. Diz Rodrigo Felner que Andrade Corvo, iniciado no ano de 1814, viria a ter uma fulgurante carreira maçónica até 1817, ano em que trai o movimento liberal, sendo um dos denunciantes de Gomes Freire de Andrade, teria persuadido a viscondessa de Juromenha a entrar para a maçonaria, precisamente, em 1814, tendo em atenção a grande intimidade com os centros de decisão nesse difícil período da regência inglesa. A loja Restauração de Portugal, de que as senhoras dependiam era uma loja da velha guarda fundada em 1867.

Só em 1904 é que voltam a aparecer lojas de Adopção. Em França, Louise Michel (1830-1905) foi iniciada em 1901. Em Portugal, em 1910 aparecem duas lojas novas de adopção: a Humanidade, filial da Comércio e Indústria e a 8 de Dezembro, a filial da Fernandes Tomás. A actividade das senhoras dentro da maçonaria não é alvo de grandes registos.

Mas a intensa campanha política anti-monárquica e a importância do contributo de grandes vultos feministas, faz com que os ideais de emancipação, face à tutela das lojas masculinas, e de igualdade de direitos e representação junto das diversas hierarquias maçónicas, ganhe pouco a pouco terreno até se tornar realidade, por decreto de 8 de Abril de 1907. As senhoras passam então a pertencer a lojas femininas independentes, tal como as masculinas, com representação própria em todas as instâncias do poder electivo. A maçonaria feminina portuguesa adianta-se assim 38 anos às primeiras lojas femininas independentes formadas no pós II Grande Guerra.

A loja Humanidade, presidida por Ana de Castro Osório, evolui normalmente dentro da hierarquia maçónica até receber, a 6 de Junho de 1909, Carta Patente de Soberano Grande Capítulo de Cavaleiros Rosa Cruz. Abandonando o Grande Oriente, a loja trabalhou no mundo profano, durante sete anos, pela emancipação da mulher sob todos os pontos de vista, principalmente, moral e civil. Sofrem, apesar disso, um enfraquecimento. Eram em 1913, um grupo de vinte, que se encontra sete anos depois reduzido a oito elementos.



Eis alguns dos nomes de mulheres que faziam parte da loja Humanidade<sup>55</sup>: Carolina Ângelo, Aurora de Castro Gouveia, Amélia Trigueiros, Vitória Pais Madeira, Angélica Porto, Domingas Larazy Amaral. Há ainda Adelaide Cabete, Maria da Luz Pereira, Aurora Fernandes da Silva, Fábila Ochôa e Elisa Lima.

Em 1935, é criado o Curso de Serviço Social<sup>56</sup>, identificado com a Igreja Católica, cuja criação se deve ao Patriarcado de Lisboa. Um dos cursos de Educadora de Infância<sup>57</sup> existentes na capital, criado em meados da década de cinquenta, contando, na sua direcção, com um elemento feminino conotado com a Igreja Católica – quer porque possuíam a chancela de destacados membros do meio – o caso do curso de Artes e Decoração, não da Escola de Belas Artes, mas de uma Fundação<sup>58</sup> privada – estas opções constituíam na realidade prolongamentos das estruturas de enquadramento a que as jovens do meio mais elevado da sociedade estavam submetidas desde o início da sua socialização, representando, no conjunto destas mulheres, o tipo de habilitação mais comumente atingida.

Estes cursos ofereciam uma reconhecida respeitabilidade no funcionamento e na frequência, oferecendo ainda a sua total ou quase total feminilização.

As três grandes áreas frequentadas pelas meninas da elite eram as seguintes:

-as letras;

<sup>55</sup> A título de curiosidade reproduzimos de seguida, os nomes simbólicos de algumas mulheres maçónicas, referentes à Loja Carolina Ângelo do GOLU, em 1920: Ana de Castro Osório – L. da Fonseca Pimentel; Antónia Bermudes – Filipa de Vilhena; Clandina Machado – Marquesa d'Alorna; Antónia Barroso Vitorino – Hida Liz; Eliza Breia – Mariana de Lencastre; Anita Gaspar – Catarina de Atayde; Ana Castilho – Brites de Almeida; Olímpia Soares – Joana d'Arc; Amélia Romão de Freitas – Madame Roland; Júlia Antunes Franco – Brites de Moura; Beatriz Esmeraldo – Eva; Beatriz Lemos – Clemence Roger; Vitória Pais Madeira – Liberdade; Mariana Silva – Mariana de Lencastre; Ermelinda da Silveira – Inês Perez; Angélica Porto – Madame Roland; Domingas Lazary Amaral – Heloísa d'Abelard; Emília Santos – Antónia Puside; América Trigueiros de Sampaio – Madame Roland; Romana Moreira – Clemence Roger; Laurentina Pires – Angelina Vidal; Vitória Gomes – Chike de Lamshrade; Palmira Ferrão – Judith; Maria Coelho – Heloísa; Júlia Azevedo – Ninon; Paulina Costa – Brites de Almeida; Cármen Segui – Colombie; Regina Oray – Charlotte Corday; Emília da Conceição – Liberdade.

<sup>56</sup> Nascido em 1935 sob os auspícios do Patriarcado, este curso recebe quatro anos depois o seu reconhecimento oficial e, em 1961, é-lhe dada equivalência a curso superior. O seu lançamento parece ter obtido o apoio do meio, já que desde a sua fundação, até 1944 irá funcionar sob a direcção, respectivamente, da Condessa de Rilvas e da Condessa de Almoester. In Ernesto Fernandes «Elementos para uma cronologia do Serviço Social em Portugal», *Intervenção Social*, 2-3, pp. 143-148.

<sup>57</sup> O projecto da «Escola de Educadoras de Infância», nasce em 1954, mas a sua criação oficial data de 1959. *Diário do Governo*, IIIª série, 4 de Novembro de 1959.

<sup>58</sup> Criada em 1953, a Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva abre o seu curso de Artes Decorativas (decoreção de interiores) quatro anos depois, neles prestando colaboração, não apenas professores nacionais, mas também frequentemente personalidades nacionais e estrangeiras de destaque no mundo das artes, conferindo aos seus cursos um grande prestígio entre as classes altas. In António Alçada Baptista, *Fundação Ricardo de Espírito Santos Silva, Museu – Escola de Artes Decorativas*, Lisboa, Quetzal Editores, 1988, p.69.

-a assistência e a protecção, tarefas a que há muito se dedicavam as mulheres do meio mais alto, sob a forma de beneficência;

-dactilografia;

-estenografia;

-puericultura;

-floricultura.

Na nota introdutória da *Estatística da Educação*, em 1943, há uma congratulação com o presente volume que inaugura a publicação da nova estatística da Educação em Portugal. O presente volume entra ao serviço da Nação e na história da estatística portuguesa. Trata-se de uma obra completa que abarca todos os graus de ensino desde o menor ao mais elevado.

Em 1940, o ensino português englobava o Ensino Infantil, o Ensino Primário Elementar, o Ensino Liceal e o Ensino Técnico e Profissional.

Havia também o Ensino Elementar e Complementar que compreendia as Escolas Comerciais e Industriais, as Escolas Práticas de Agricultura, as Escolas de Enfermagem e o Serviço Social. O Ensino Médio dividia-se em Institutos Comerciais e Agrícolas.

No que concerne o Ensino Artístico consideravam-se duas vertentes: Música e Teatro e Belas Artes. O Ensino Normal não tinha divisões. Já o Ensino Superior subdividia-se nas seguintes vertentes: Ensino Universitário Geral, Faculdades de Ciências, Faculdades de Direito, Faculdades de Letras, Faculdades de Medicina, Faculdades e Escolas de Farmácia, Faculdades de Engenharia, Escola de Medicina Veterinária, Instituto Superior de Agronomia, Instituto de Ciências Económicas e Financeiras, Instituto Superior Técnico, Escola Superior Colonial e Ensino Militar e Naval.

Assim, em 1940/41 havia 10 429 estabelecimentos de ensino oficial, no continente e nas ilhas. No continente havia 10 294 no ensino primário, das quais 7 768 eram escolas e 2 526 eram postos escolares. Nas ilhas Angra do Heroísmo, Horta, Ponta Delgada e Funchal havia 504 escolas e 129 postos escolares.

É de notar que, enquanto no Porto havia 827 escolas e 197 postos escolares, em Lisboa havia 424 escolas e 153 postos escolares.

No que se refere ao ensino liceal havia um total de 43 no continente e ilhas, sendo tudo dentro das unidades à excepção de Lisboa, com uma dezena. O Porto apresentava apenas 6 liceus.

O Ensino Elementar e Complementar apresentava um total de 55 escolas, Ensino Médio, 8 escolas, o Ensino Artístico, 5 escolas e o Superior 21, distribuídas por Coimbra, com 5, Lisboa, com 12 e Porto, com 4.

No que se refere aos estabelecimentos de ensino particular autorizados havia um total de 526, distribuídos da seguinte forma: 19 no infantil e primário, um no infantil, primário e liceal, 226 primário, 173 primário e liceal, 56 primário, liceal e técnico, 7 primário e técnico, 27 liceal, 5 liceal e técnico e 14 técnico, com incidências maioritárias em Lisboa e Porto.

Em 1940/41 havia um total de 693 473 alunos, sendo os rapazes 410 926 deste total. Deste total 620 923 andavam no oficial e 72 550 no particular, sendo os rapazes do oficial 345 243 e no particular 44 557. No ensino liceal oficial havia 15 877 alunos, sendo os rapazes 10 044. No ensino particular liceal havia 16 445 sendo os rapazes 8 713. No ensino técnico profissional elementar e complementar havia um total de 36 285, rapazes eram 26 692, no oficial. No particular havia 2 087 alunos, sendo os rapazes 1 516. No ensino médio oficial eram 3 532, onde mais uma vez os rapazes estavam em maioria com 3 197 alunos.

No ensino artístico oficial havia 1 016 sendo aqui a maioria composta por raparigas, havendo apenas 420 rapazes, no particular 878, rapazes 128. No ensino superior oficial havia 9 321 sendo os rapazes 7 552 em número superior.

No ensino infantil no número total de 1 334, dos quais 588 rapazes e 746 raparigas, mais uma vez em, número superior.

Numa outra vertente, relativamente ao que se passava no mundo feminino, Abúndio da Silva (1874-1914) considera em 1912, que “ as soldadas das nossas criadas aumentaram extraordinariamente nestes últimos quinze anos: qualquer rapariga, que começa a fazer a sua aprendizagem, ganha hoje tanto como dantes ganhava uma criada feita, boa cozinheira, activa e cuidadosa. Em Lisboa, a soldada média de uma criada deve computar-se em 5\$000 reis mensais, no Porto em 4\$000 reis, e nas terras de

província [...] uma boa criada ganhava, há 20 anos, dez mil reis por ano, e hoje qualquer delas, por menos perita que seja, ganha 1\$500 a 1\$800 reis por mês.<sup>59</sup>

Para Abúndio da Silva

A mulher foi feita para a maternidade e para as alegrias e trabalhos do lar doméstico: é esta a regra geral. Mas se se dá o caso de a mulher não ter lar, de não poder formá-lo ou de se desfazer o que tinha? E se esse lar, mercê das condições económicas, exige que a mulher o alimente também, trabalhando fora dele como o homem? A mulher é uma pessoa, e como tal assiste-lhe o direito de escolher livremente e de seguir a sua vocação. As profissões femininas que devemos aconselhar, aquelas em cujo favor urge, pelos modos mais variados, criar uma corrente no mundo feminino, são as profissões em que as mulheres aproveitam as aptidões características do seu sexo. O centro da actividade feminina é a maternidade e as tarefas a esta anexas: dirija-se, pois, essa actividade para os trabalhos da mãe, da educadora, da dona de casa, para todos aqueles misteres que a mulher fará bem e que nós, os homens, faremos, se não mal, pelo menos pior do que ela. Procure a mulher aquelas carreiras nas quais se supre a insuficiência das mães: escolas profissionais, escolas de ensino doméstico, escolas maternais e de educação.<sup>60</sup>

Nesta época, “a mulher operária não [era] uma excepção na sociedade contemporânea, [era] a regra.”<sup>61</sup>

Ao discorrer sobre a função social da mulher, Abílio Barreiro<sup>62</sup>, em 1912, dizia que “os admiráveis estudos de Darwin sobre a selecção sexual mostram como, na espécie, a fêmea tem geralmente uma representação biológica muito mais importante que a do macho.”<sup>63</sup>

Era generalizada a opinião sobre o papel da mulher na sociedade:

Desde a puberdade até à menopausa, durante toda a vida sexual que compreende a juventude e a idade adulta, sem dúvida a melhor parte da vida somática, a natureza a cada momento lhe lembra rudemente a sua função de mãe: É primeiro o desabrochar da vida sexual, a puberdade, alargando-lhe a bacia, avultando-lhe os seios, suavizando-lhe a voz, mas fazendo-se acompanhar também quase sempre dum cortejo de modificações de ordem patológica, algumas vezes indeléveis até à menopausa, outras vezes persistindo mesmo toda a vida; a anemia, a histeria, as enxaquecas, para não citar senão as mais conhecidas, fornecem inúmeros exemplos dessa ordem. E entre essas duas idades críticas, geralmente dos 12 aos 45 anos, ainda mesmo nos casos normais, o fluxo catamenial, uma vez em cada mês lunar, lhes chama ainda a atenção para a função específica. Em suma, na patologia das mulheres, as doenças ginecológicas concorrem

<sup>59</sup> Abúndio da Silva, *Feminismo e Acção Feminina (Cartas a uma Senhora)*, Braga, Editores Cruz & Cª, 1912, pp. 345-346.

<sup>60</sup> Idem, pp. 81-84.

<sup>61</sup> Idem, p. 89.

<sup>62</sup> Abílio Barreiro, *O Feminismo (Principalmente no Ponto de Vista do Ensino Secundário)*, Porto, Tipografia da Empresa Literária e Tipográfica, 1912. Neste livro, dedicado às suas cinco irmãs, Abílio Barreiro refere de um modo sumário a história da mulher no mundo. Abílio Barreiro fez uma visita de estudo pela França, Suíça e Alemanha do sul tendo em vista os efeitos da alimentação nas doenças, tendo visitado vários sanatórios.

<sup>63</sup> Abílio Barreiro, *O Feminismo (Principalmente no Ponto de Vista do Ensino Secundário)*, Porto, Tipografia da Empresa Literária e Tipográfica, 1912, p. 11.

com uma enorme percentagem para essa onerosa prerrogativa da maternidade. Finalmente as dores violentas a que nenhuma parturiente escapa, as exigências do «post-partum» reclamadas pela natureza, os cuidados do purpúreo, inclusive do aleitamento, impostos pela boa higiene, são outros tantos laços que a prendem dolorosa, mas em geral gostosamente aos seus filhos.<sup>64</sup>

Letourneau (1835-1902) observa que “a evolução social, que se vem operando desde o matriarcado das sociedades primitivas até à família actual, transportou lentamente a mulher «de besta de carga e animal doméstico até às condições sucessivas de escrava, de serva, de sujeita e de menor», suavizando-lhe gradualmente a vida, mas sem jamais a arrancar do lar.”<sup>65</sup>

Num enaltecimento das mulheres, Abílio Barreiro destaca Madame Curie, no descobrimento do rádio, Paula Lombroso que tem notáveis estudos psicológicos sobre a criança; e entre nós Carolina Michaëlis, Angelina Vidal, Maria Amália Vaz de Carvalho, Ana de Castro Osório e Olga de Moraes Sarmiento.<sup>66</sup>

No que concerne à educação da mulher no ensino secundário, Abílio Barreiro considera que o plano de estudo deve ser orientado para “o governo da casa, educação dos filhos e o auxílio do marido”, porque são «aplicações verdadeiramente úteis e de resultados imediatos» que um ensino primário não pode, de modo algum, satisfazer completamente.<sup>67</sup>

Abílio Barreiro considera que a “educação deve aproveitar aos vários estratos sociais e não apenas às classes mais altas.”<sup>68</sup>

Para este estudioso,

A educação em comum deve aspirar a um carácter tanto quanto possível homogéneo, tal como a educação dos homens, a fim de que as privilegiadas da sorte aprendam a render o devido preito às qualidades morais e intelectuais das suas companheiras, únicas qualidades que, sobre a base da modéstia, podem estabelecer legitimamente o merecimento das pessoas. A verdadeira instrução deve ser profundamente educativa e, como tal, não pode pesar sobre a humildade dos pobres, nem servir de pedestal ao orgulho dos ricos.<sup>69</sup>

No início do século XX, foram criadas as Escolas Profissionais e «Ménagères», as Escolas Normais da Ciência Doméstica, com cursos especiais, muito difundidas no

---

<sup>64</sup> Abílio Barreiro, op. cit., p. 14.

<sup>65</sup> Citado por Abílio Barreiro, in *O Feminismo (Principalmente no Ponto de Vista do Ensino Secundário)*, Porto, Tipografia da Empresa Literária e Tipográfica, 1912, p. 16.

<sup>66</sup> Abílio Barreiro, op. cit. p. 38.

<sup>67</sup> Idem, p. 41.

<sup>68</sup> Idem, p. 43.

<sup>69</sup> Id., ibid.

estrangeiro, e que Louis Frank (? -?)<sup>70</sup>, no seu livro *L'Éducation Domestique des Jeunes Filles* “dá notícia muito desenvolvida, mostra como lá fora se vai tomando a sério este assunto.”<sup>71</sup>

Na *École des Mères* de Madame Moll-Weiss (1863-1946)<sup>72</sup> ensina-se não somente a higiene e as leis da economia doméstica, os cuidados aos doentes, a puericultura e a pedagogia fisiológica, o direito usual, o papel da mulher na família e na sociedade, mas também a preparar uma alimentação racional adaptada ao estado de saúde e de doença, ou seja como se tira melhor partido de todos os recursos para administrar a casa com economia e inteligência, enquanto nos Estados Unidos já se ensinava Economia Doméstica nas Faculdades.<sup>73</sup>

Em 1902, numa conferência internacional para a profilaxia da sífilis e das doenças venéreas, em Bruxelas, sob proposta de Louis Frank, aprovou-se a seguinte moção:

A conferência emite o voto de que o problema da educação racional e progressiva das questões de ordem intersexual, no ponto de vista higiénico e moral, seja posto junto dos instituidores e educadores da juventude em todos os graus. Uma comissão é nomeada para estudar a redacção dum tratado que, inspirando-se das brochuras existentes, servirá de indicação para este ensino e permitirá a sua vulgarização em todos os países.<sup>74</sup>

Claro que só muito mais tarde é que estas preocupações irão ser visíveis no nosso país. Para Abílio Barreiro, a mulher tem sem dúvida, em todas as circunstâncias, direitos políticos tão incontestáveis como os do homem e como os seus direitos particulares, mas o que não deve ter ainda, na sociedade portuguesa, politicamente corrompida até à medula, é obrigações políticas [...].<sup>75</sup>

Emílio Costa (1877-1952) refere a vinda de Elisée Reclus (1830-1905)<sup>76</sup>, cerca de 1880, a Portugal, em viagem de estudo para a sua grande *Geografia Universal*, notou

---

<sup>70</sup> Louis Frank, advogado belga e considerado pioneiro do Movimento Feminista Belga.

<sup>71</sup> Abílio Barreiro, op. cit., p. 47.

<sup>72</sup> Madame Auguste Moll-Weiss publicou, em 1902, o livro *Les Mères du Demain. L'Éducation de la Jeune Fille d'Après la Physiologie*. Foi fundadora e directora da Escola das Mães.

<sup>73</sup> Abílio Barreiro, op. cit., p. 48.

<sup>74</sup> Idem, p. 50.

<sup>75</sup> Idem, p. 71.

<sup>76</sup> Jean Jacques Elisée Reclus foi um cientista, geógrafo e político revolucionário francês. Filho de um pastor protestante, que o destinava à carreira eclesiástica, seguiu, nesse sentido, alguns estudos em França e na Alemanha. A sua cultura e ideologia liberal fizeram dele um republicano e democrata convicto, pelo que após o golpe de estado de Napoleão III, em 1835, abandonou a pátria, encetando um período de grandes viagens pela Europa, e sobretudo pelas Américas, conhecendo terras e gentes novas e colhendo

que nas ruas das cidades quase que não se viam mulheres. A frequência de mulheres nas ruas era, de todos os aspectos de Lisboa, aquele que mostrava, talvez, maior diferença, relativamente à transformação operada nos costumes.<sup>77</sup> Como muito bem notava Emílio Costa, uma das características mais interessantes das sociedades é a intervenção, cada vez maior, da mulher na vida colectiva, em contacto com a multidão.

Segundo Emílio Costa, os progressos realizados nas indústrias e nos transportes, principalmente a partir da segunda metade do século passado [XIX] é que são os grandes culpados da mulher ter saído fora do casulo paternal e conjugal, e ter começado a voar por sua conta e risco. Para fazer voltar a vida da mulher ao que era antes, seria preciso anular toda a indústria moderna e a viação acelerada. Foi o desenvolvimento industrial que obrigou a mulher a trabalhar, porque os homens não chegavam para todas as necessidades da indústria.<sup>78</sup>

Lucien Romier (1885-1944), no seu livro *Qui sera le Maître*, dá-nos a causa da rapidez crescente com que se opera a mudança de costumes da mulher, pela influência dos agrupamentos e da multidão, a que chama a «acção das massas». Segundo Lucien Romier, a mulher nova adapta-se muito depressa e instintivamente, às necessidades ou às novas tendências, como se adapta às modas. As mudanças exteriores, as crises, as

---

preciosos dados geográficos que o habilitariam a dirigir trabalhos dessa especialidade, como *Révue des Deux Mondes*, *Tour du Monde*, etc. A sua melhor obra foi, porém, *La Terre: Description des Phénomènes de la Vie du Globe*, em dois volumes, (1868-1869) com uma descrição de numerosos países, tratados com uma minúcia e exactidão de pormenores geográficos e históricos, verdadeiramente notável. Politicamente, pelas suas convicções e como reacção contra as prepotências da época, filiou-se na Internacional, tomando parte em movimentos, quer como militar em serviços arriscados, quer nas barricadas. Em 1871 redigiu o *Cri du Peuple*. Foi preso e encarcerado em Brest, onde ensinava Matemática aos seus companheiros de infortúnio. Julgado em Conselho de Guerra, foi condenado à deportação. A sua situação moveu, porém, em seu favor um conjunto de homens de ciência britânicos e franceses, chefiados por Darwin, que se dirigiram ao governo francês, protestando contra uma tal ofensa à intelectualidade europeia. Thiers, que se achava no poder e o conhecia e apreciava, alterou a sentença de deportação, pelo que passou a viver na Itália. Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXIV, Lisboa, Editorial Enciclopédia, s. d., pp. 605-606.

Mais alguma informação pesquisada sobre Élisée Reclus, com contradição de datas: morreu em Thourout, Bruges. Republicano e anarquista é obrigado a abandonar a França em 1851, devido às suas ideias políticas. Nos sete anos que se seguiram percorreu a Europa e a América. Em 1857 volta a França. Filiado na primeira Internacional, participa na Comuna, o que leva à sua deportação. Seguem-se novas viagens, até que em 1892 é convidado para professor na Universidade Nova de Bruxelas. Embora não participando do movimento de renovação geográfica, Reclus, através de uma série de obras de grande divulgação, mostrou as características geográficas da Terra, contribuindo para o seu melhor conhecimento. Obras principais: *La Terre, Description des Phénomènes de la Vie du Globe*, 1867-1868; *L'Afrique Australe*, 1901; *Introduction à la Géographie de la France* 1905; *L'Homme et la Terre*, 1905-1908) e, principalmente, a famosa *Géographie Universelle*, 1875-1894, traduzida em várias línguas e com numerosas edições. Cf. *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*, vol. 15, Lisboa, Editorial Verbo, s. d., p. 1882.

<sup>77</sup> Emílio Costa, *As Mulheres e o Feminismo*, separata da «Seara Nova», Lisboa, 1928, p. 33.

<sup>78</sup> Idem, p. 35.

guerras, a ruína, a prosperidade, actuam mais directamente sobre a sua maneira de viver e de pensar do que sobre o homem. Actualmente, as multidões agrupadas em aglomerações enormes sofrem a influência imediata da mais pequena mudança de ordem económica e social. Os jornais, os anúncios, os caminhos-de-ferro, o automóvel com uma velocidade e uma força sem precedentes, levam a sua influência até aos habitantes das pequenas cidades e dos campos. Certa maneira de se vestir, de mobilar, de se alimentar, de se divertir, uma vez oferecida ao público, fortifica-se pela solidariedade dos fabricantes, dos operários, dos transformadores, dos comerciantes, dos vendedores.<sup>79</sup>

Os quatro anos da I Guerra Mundial proporcionaram uma transformação mais forte na sociedade do que a que se realizara em meio século. A mulher de 1920 apareceu tão diferente da de 1914, como esta o era da de 1850 ou 1870. Somente os homens de 1914 não tinham conhecido as jovens de 1870, para se impressionarem com a diferença. As modificações mais importantes que a guerra originou na vida da mulher são as produzidas pelo desequilíbrio económico. Portugal<sup>80</sup> foi dos povos beligerantes o que menos sofreu directamente com a grande guerra, onde ela menos influência exerceu.

O que as mulheres tiveram de fazer, na Inglaterra ou na França, proveniente da falta de grandes massas de homens que partiam, da enorme mortandade, da legião de inválidos, da necessidade de manter as indústrias alimentadoras da guerra, as mulheres portuguesas só o conheceram de ouvir falar. A influência que tudo isso exerceu na vida da mulher, na economia, na família, nos costumes sentiu-se em Portugal indirectamente, como reflexo. Além disso há que considerar que aquela influência foi ainda mais notável em países de vida industrial intensa, onde a mulher já tinha antes da guerra, uma

---

<sup>79</sup> Idem, p. 37.

<sup>80</sup> A intervenção portuguesa na I Grande Guerra Mundial foi travada por vicissitudes políticas em 1914 e 1915. Mas Portugal entrou na guerra em Março de 1916, tendo-se decidido enviar uma divisão reforçada de 39 585 homens, acompanhados de 11 721 solípedes, 1 789 viaturas hipomóveis e 395 viaturas automóveis. A relação oficiais-praças era de 1 551 para 38 034. Com esta divisão se constituiu o Corpo Expedicionário Português, enviado para França durante o ano de 1917, a partir de Janeiro. A impossibilidade de conseguir apoio britânico para o transporte das tropas e, posteriormente, as dificuldades criadas pelo Sidonismo impediram a transformação completa da Divisão reforçada em Corpo de Exército de duas divisões, com um total de mais de 50 000 homens. Ao todo partiram para França 56 493 homens, sendo 3446 oficiais e 53 047 praças. Morreram 2091 (3,7%), sendo 74 oficiais (2,1%) e 2017 praças (3,8%). Aos mortos é preciso adicionar os feridos e incapazes para o serviço: 12 508, sendo 695 oficiais e 11 813 praças, muitos deles permanentemente inutilizados para o futuro. Ficaram ainda prisioneiras 6678 pessoas. Cf. A. H. Oliveira Marques (coordenação), Joel Serrão e A. H. Oliveira Marques ( direcção), *Nova História de Portugal, Portugal da Monarquia para a República*, vol. XI, Lisboa, Editorial Presença, 1991, pp.476-477.



intervenção na vida económico-social muitíssimo maior que em Portugal. Nesta medida o feminismo português não pode ser o mesmo que o inglês, o francês ou o americano.

Os mais fortes adversários das reivindicações das mulheres são as próprias mulheres. As mulheres tinham à época salários inferiores aos dos homens, chegando mesmo a corresponder a dois terços do salário masculino, o que levou madame Hanna, da Alemanha, na Conferência Internacional das Mulheres Socialistas, em 1928, a exigir, segundo o lema do movimento operário, a trabalho igual, salário igual.

Os lares onde o que o homem ganha não chega para se manter o padrão de vida que se deseja ter, são cada vez mais numerosos. Deste facto resulta a procura pela parte da mulher em restabelecer o equilíbrio com o seu trabalho. Ao mesmo tempo tenta-se que os filhos e as filhas ganhem dinheiro, o mais cedo possível, para aumentar os proventos da família. A tendência da mulher é para afirmar, com o produto do seu trabalho, a sua independência perante o homem, embora ele disponha dos recursos necessários para manter a família.

Não se pode garantir<sup>81</sup> a toda a gente a estabilidade, que a todos dava confiança na eficácia dos ordenados e de rendimentos. Deste facto, resultou, principalmente, a procura de ocupações remuneradas, nas quais se lançaram mulheres de todas as idades e condições, cada uma valendo-se da habilidade, ou das prendas que possuía. Referimo-nos às meninas e senhoras da classe média, onde ganhar a vida era a excepção, pelo que a educação se dava apenas para a posse de ornamentos educativos que caracterizavam a chamada menina «prendada». Quanto às mulheres do povo, essas trabalharam sempre, trabalham e hão-de trabalhar; as da aristocracia e da «sociedade elegante» nunca trabalharam, não trabalham, e nunca se resignarão a mudar de sistema.<sup>82</sup>

Mas a realidade brutal mostrou que todas essas prendas de pouco serviam para se ganhar sequer o suficiente para ajudar na despesa da casa. Por isso as novas lançaram-se nos cursos e concursos, em tudo o que lhes pudesse garantir um ganha-pão suficiente.<sup>83</sup>

Para Emílio Costa é visível cada vez mais conquistas femininas que aparecem noticiadas nos jornais. Nomeações de senhoras para altos cargos administrativos, técnicos ou políticos, isto no que se refere aos outros países, concedendo às mulheres

---

<sup>81</sup> Emílio Costa, op. cit., p. 53.

<sup>82</sup> Idem, p. 54.

<sup>83</sup> Idem, pp. 54-55.

regalias até então recusadas. Assim se multiplicam médicas, advogadas, farmacêuticas, sem falar nas inúmeras funções burocráticas, desde a telegrafista à dactilógrafa.<sup>84</sup>

Emílio Costa é bastante severo na análise que faz relativamente às mulheres no concernente às profissões:

As profissões aparecem aos olhos da mulher como a mais sedutora das miragens, em que entra tudo o que a pode atrair: a independência, o orgulho satisfeito, a possibilidade de «*subir*», de ganhar mais ou de brilhar. Mas a realidade, com as suas asperezas e desilusões, começa a manifestar-se durante os estudos, visto que das raparigas que frequentam liceus e outras escolas, apenas uma pequena minoria é que chega ao fim, ficando as outras pelo caminho. Porquê? É que a vida é brutal, e vêm as doenças, as perdas de ano, as dificuldades económicas, o namoro com o casamento no horizonte, o aborrecimento, etc. Estas iludidas formam um grande exército de «*déclassées*» incapazes de aplicar o que aprenderam, porque não tem aplicação, e não querendo, na grande maioria dos casos, voltar-se para o ganha-pão manual, porque este lhes parece um rebaixamento. Pois elas, que aprenderam a papaguear verbos, fórmulas químicas, demonstrações geométricas e nomes geográficos, haviam de ir fazer chapéus ou cortar vestidos? As suas mãos não se fizeram para isso e a família ajuda a manter esta atitude, porque também não quer «*descer*».<sup>85</sup>

E a crítica prossegue:

Desta forma se engrossa a legião de «*déclassées*» que já era grande quando só o outro sexo a formava, e se multiplicam as «*demarches*» de pais, parentes e amigos, para se obter o emprego salvador, qualquer coisa que dê um ordenado, e seja «*decente*» (decente é tudo o que não está classificado de trabalho manual). Enquanto se procede a estes trabalhos, a menina, por seu lado, procura noivo, para o que trata de pôr em destaque tudo o que pode, desde a «*toilette*» até às prendas adquiridas na escola. E enquanto não chega o noivo ou o emprego, quantos sacrifícios, quantos pequenos dramas familiares não há na vida destas pobres raparigas! Mas tudo se suporta, menos descer à vergonha de ganhar o pão, de ter a tal sonhada independência por meio dum trabalho manual. Não se pode calcular a soma de trabalho perdido, de utilidades não produzidas para a colectividade, representada por estas raparigas, vítimas, e a sociedade vítima também, do preconceito de classe, de categoria social, que se mantém a despeito de quantas pregações igualitárias se façam.<sup>86</sup>

Vejamos os problemas que as feministas tinham de abordar e solucionar, na perspectiva de Emílio Costa:

As feministas têm dois problemas principais a tratar: o das profissões que mais convêm à mulher quando esta não tem a obrigação do trabalho doméstico, e o do conflito entre as duas formas de trabalho. Um dos argumentos feministas é que os trabalhos domésticos absorvem demasiado tempo, contribuindo, pela sua natureza, para a estagnação mental da mulher. Há nesta maneira de ver duas ilusões. Uma, é supor-se que as profissões liberais são menos absorventes que a doméstica, e que constituem sempre um elemento de progresso intelectual; a outra, é considerar

---

<sup>84</sup> Idem, p. 54.

<sup>85</sup> Idem, p. 58.

<sup>86</sup> Idem, p. 60.

o trabalho feito em condições de rudeza, monotonia, sujidade, não se vendo que ele se presta, mais do que outras profissões, ao desenvolvimento da mulher.<sup>87</sup>

Emílio Costa aponta soluções para esta problemática das profissões da mulher, uma das quais consiste na instrução geral:

Quanto às profissões, é preciso que as feministas, na sua propaganda, se esforcem por dignificar o trabalho manual, tanto do homem como da mulher, pugnando por que ele se torne melhor remunerado e mais inteligentemente executado. É preciso que as mulheres não sejam tão atraídas, como são actualmente, para as profissões liberais, fontes de desilusões e sofrimentos. Este aspecto da questão prende-se com o problema da instrução para todos, com a vitória da Escola Única. Neste particular, deve dizer-se que algumas feministas portuguesas têm trabalhado com boa orientação, vendo com inteligência que o combate pela instrução geral é o mais importante a travar para a verdadeira emancipação da mulher. Têm depois que fazer propaganda em favor das profissões mais próprias à natureza da mulher, deixando as outras em segundo plano.<sup>88</sup>

Partilhando a ideia de que a vida de família tende a desaparecer, e desaparecerá em pouco tempo, se uma grande alteração na vida económica se não produzir, Emílio Costa questiona-se se isso será um bem ou um mal<sup>89</sup>, o que o leva a propor três condições para o melhoramento da vida familiar:

1ª - O ganho do marido fosse suficiente para a vida da família.

2ª - Os serviços domésticos fossem reduzidos e melhorados para se poder dispensar a criada – que deve desaparecer, e tende para isso – o que se consegue com o fornecimento, muito barato, da energia eléctrica. Faz mais, para a emancipação da mulher, conseguir-se a electricidade barata, do que a multiplicação de advogadas, engenheiras, deputadas, etc., por mais talentosas que sejam.

3ª - A instrução ficasse ao alcance de todos, e a mulher capaz, por isso mesmo, de governar a sua casa, criar e educar os filhos com mais saber, e com a consciência de que o seu trabalho é o mais útil, o mais nobre e o mais interessante para a sua mentalidade.<sup>90</sup>

Estas eram as três soluções prioritárias apontadas por Emílio Costa. Assim, desapareceria a noção de que o trabalho doméstico era tarefa de ordem inferior<sup>91</sup>, boa para criadas ou para donas de casa sem horizontes largos, de nada sabendo ou querendo saber, além do cozinhado e da roupa a dar à lavadeira, o que levou a que depois da guerra se assistisse a uma crise: a das criadas de servir, o que leva a muitas queixas das donas de casa sobre as criadas de servir. Qual será a origem dessas lamentações?

---

<sup>87</sup> Idem, p. 64.

<sup>88</sup> Idem, p. 65.

<sup>89</sup> Idem, p. 68.

<sup>90</sup> Idem, p. 69.

<sup>91</sup> Idem, p. 72.

Emílio Costa responde:

Não é o que as criadas ganham, porque elas ganham relativamente o mesmo que ganhavam. Não é a qualidade dos serviços que prestam, porque isso depende de qualidades pessoais que continuam sendo as mesmas. Embora de tudo isto se queixem, o que, de facto, mais as impressiona e o que menos toleram, são as regalias que as criadas entendem possuir: melhor alimentação e alojamento, mais consideração, mais liberdade, mais diversões, vida menos rude sob todos os aspectos.

A questão das criadas de servir constitui também um problema de educação. Estas serviçais recrutam-se, geralmente, em dois campos: a grande maioria delas é constituída por humildes raparigas da cidade ou da aldeia, sem preparação alguma, cuja aprendizagem é feita nas casas onde servem; a minoria, que é fornecida pelos asilos e estabelecimentos análogos.<sup>92</sup>

Emílio Costa salienta as dificuldades sentidas pelas feministas portuguesas, enumerando-as, ao mesmo tempo que as elogia:

O que as feministas portuguesas têm feito para a propaganda do seu ideal é pouquíssimo. Elas o sabem melhor que ninguém. Mas quem as acusar do pouco que têm realizado, comete uma injustiça, porque a verdade é que elas pouco ou nada mais poderiam realizar. É até para admirar o que têm feito, quando se pensa bem na grande pobreza da nossa vida social. Nada, neste país, as tem incitado a lançarem-se, confiantes, na propaganda e na organização, e tudo se conjuga para as afastar, para as desanimar. Poucos países haverão, talvez nenhum, onde o meio social seja tão pouco propício para certas inovações como o nosso: um analfabetismo desolador; uma rudeza de vida que, em muitos pontos do país, toca as raízes do primitivo; uma indústria fraca, e essa mesma, limitada a meia dúzia de povoações; um fraquíssimo espírito associativo; grande falta, na pouca vida associativa que se criou, de espírito construtivo, de sequência e tenacidade. É tudo assim em Portugal, e o movimento feminista não podia fazer excepção, tratando-se, de mais a mais, dum trabalho que, em toda a parte, é difícil.<sup>93</sup>

Emílio Costa declara que é socialista, e afirma que fazem falta mulheres e homens socialistas em torno de um ideal. Na sua opinião “a causa principal de fraqueza do movimento feminista, está na fraqueza do movimento associativo do operariado, a qual, por sua vez, provém de várias causas que determinam o nosso atraso geral.”<sup>94</sup>

Maria Veleza (1871-1955) já tinha expresso a sua opinião em relação à conquista dos direitos políticos das mulheres, estabelecendo uma comparação entre as relações homem/ mulher e senhor/escravo:

Nunca nos parlamentos essencialmente constituídos por homens, a mulher obterá a posse de todos os seus direitos, porque os homens, por muito boa vontade que tenham de auxiliá-la, não compreendem, não podem mesmo compreender como é dolorosa a sua situação. Compreendem por acaso os senhores como são angustiosas as condições dos escravos?

---

<sup>92</sup> Idem, p. 75.

<sup>93</sup> Idem, p. 96.

<sup>94</sup> Idem, p. 97.

Quem tem todas as liberdades não avalia o que sofre quem não possui nenhuma. Quem manda, imagina que os outros nasceram para obedecer-lhe, e considera esse facto como uma fatalidade do destino.

É preciso que a mulher comece pela conquista dos direitos políticos, para chegar à conquista dos seus direitos civis e económicos.

A emancipação da mulher há-de ser obra da mulher, porque só ela sabe o que sofre, só ela sabe o que precisa, só ela sabe o que lhe convém.<sup>95</sup>

Na década de trinta a frequência do ensino secundário e o seu diploma criam condições de ascensão social ou de manutenção de posição para determinados grupos sociais, pelo acesso que permitem às carreiras administrativas ou após frequência universitária, às profissões liberais e outras. Se para uns significa uma cultura de luxo, para outros significa a detenção de um património com valor no mercado de trabalho. No caso feminino, este valor promocional do diploma liceal ganha uma importância específica: por um lado existe a possibilidade histórica de ser obtido, por outro lado, com ele opera-se uma transfiguração, pela passagem que permite de uma identidade sexual estrita para uma identidade escolar mais liberalizadora. À mulher, munida do diploma liceal, não só estão abertas determinadas carreiras profissionais não manuais, como também por esse facto a sua identidade social se aproxima de uma identidade profissional, podendo dizer-se que de alguma maneira, o diploma escolar permite anular formalmente a desigualdade sexual.<sup>96</sup>

Atentemos na descrição que Maria Filomena Mónica apresenta em relação ao modo como se vivia em Portugal na década de 30 do século XX:

Poder-se-á descrever com fidelidade o Portugal dos anos trinta como uma sociedade paternalista e polarizada em termos de classe; com uma poderosa burguesia terratenente, um pequeno mas crescente grupo de grandes industriais, uma «classe média» tradicional fraca, uma massa imensa de camponeses e trabalhadores rurais ignorantes e miseráveis e um número considerável de operários urbanos. Tratava-se, de maneira geral, de uma sociedade isolada e particularmente pobre, em que a fome e a doença produziam um dos maiores índices de mortalidade da Europa.<sup>97</sup>

Cândida Florinda Ferreira (1893-?)<sup>98</sup> dá-nos um retrato bastante nítido da situação da mulher portuguesa nos anos trinta, quer da mulher rural, camponesa ou proprietária, quer da mulher urbana, operária ou burguesa. Em todas elas o analfabetismo e a ignorância e todo o seu cortejo de vários valores a par das dependências a que obriga são a tônica dominante. Umas, porque a luta pela

<sup>95</sup> *A Madruga*, 15, 31 de Outubro 1912, p. 4.

<sup>96</sup> Maria Filomena Mónica, *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar*, Lisboa, Editorial Presença, Gis, 1978, p. 80.

<sup>97</sup> Maria Filomena Mónica, op. cit. p.81.

<sup>98</sup> Cândida Florinda Ferreira, *A Mulher Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Ed. da A., 1935, p. 15.

sobrevivência é degradante de mais, outras porque a ociosidade as corrompe e mata. As poucas que emparceiram com os homens no trabalho, sobretudo nos escritórios e particularmente no ensino, sentem o efeito de uma luta desigual a nível do desrespeito profissional, menores salários e o opróbrio da sua condição de mulheres trabalhadoras.

Em termos históricos, o processo educativo feminino parece ter sido pautado pela passagem da educação privada, doméstica ou realizada na intimidade dos conventos ou dos colégios, para a educação pública. O processo é o da secularização da mulher que se processa em três campos: no campo do saber, pela sua progressiva participação no saber academicamente instituído; no campo institucional, pela passagem progressiva da família e da Igreja para o Estado; e no campo do desempenho social, através do exercício de profissões exteriores ao mundo doméstico.

Já Maria Belo considera que:

A partir das obras publicadas nos anos 20 e 30 pode-se captar a conflitualidade existente numa fase da sociedade portuguesa tendencialmente subordinada a uma ortodoxia estatal cujo ideal feminino se consubstancia no lar ao mesmo tempo que se faz um apelo a alguma participação organizada da mulher na vida pública.<sup>99</sup>

Em 1930, na primeira página do *Diário de Notícias*, de 15 de Janeiro, refere que foi publicado o relatório do XX congresso realizado em Berlim, em 1929, da Aliança Internacional da Mulher, tendo sido redigido em três línguas. O relatório faz referência às actividades da federação durante os seus 25 anos de existência, salientando a delegação da Aliança Internacional da Mulher, em Portugal, presidida pela Dr.<sup>a</sup> Adelaide Cabete. O jornal destacava, também a presença da Dr.<sup>a</sup> Elina Guimarães, no congresso realizado em Paris em 1926, onde foi decidido organizar a Comissão Internacional da Condição Civil das Mulheres.

Nos anos 50 do século XX, o lema proposto para a educação da Mocidade Portuguesa era a preparação dos homens de amanhã, porque entendia que a educação tinha de ser dominada pelos princípios do dever moral, da liberdade civil e da fraternidade humana.<sup>100</sup>

---

<sup>99</sup> Maria Belo e outros «O Estado Novo e as Mulheres», in *O Estado Novo das Origens ao Fim da Autarcia, 1926-1959*, Colóquio, vol. II, Lisboa, Fragmentos, 1987, pp. 263-279.

<sup>100</sup> *Mocidade* (Goa), Ano II, n.º 7, Janeiro 1950, p. 5.

## Capítulo 2

### BIOGRAFIA SUMÁRIA

Maria Lamas tem honras de figurar nas páginas dos *Anais Torrejanos*<sup>101</sup>, ladeando com os factos mais importantes da sua terra natal, bem como as personalidades que se destacaram em Torres Novas. Eis como é descrita:

1893-X-6 – Nasce em Torres Novas, na freguesia de S. Pedro, D. Maria da Conceição Vassalo da Cunha Lamas, filha de Manuel Caetano da Silva e D. Maria da Encarnação Vassalo e Silva.

Directora da revista feminina – *Modas & Bordados* – suplemento do *Século*, ocupa um lugar de relevo na literatura portuguesa, sob o pseudónimo de Rosa Silvestre, com que tem subscrito várias obras, entre as quais:

*Humildes*, poesias – *Caminho Luminoso*, romance – e *Contos Infantis*, além de muitas poesias dispersas.

Promotora do certame de trabalho feminino que com o título de «Mulheres Portuguesas» se realizou nas salas do jornal *O Século* durante um mês, viu o seu brilhante esforço coroado com uma sessão solene de encerramento no dia 18 de Junho de 1930, a que assistiu o Chefe de Estado, o Ministro da Instrução e outras altas individualidades.

A revista *Portugal Feminino*, dirigida por Maria Amélia Teixeira, publica na secção «A infância das nossas escritoras»<sup>102</sup>, uma breve biografia de Maria Lamas, assinada por Miriam. Com a reprodução de uma fotografia de Maria Lamas, com a idade de oito anos, a jornalista Miriam conta aos leitores, que Maria Lamas

Morava na moradia paterna, propriedade contígua ao castelo de Torres Novas. Achava mais graça em ver brincar as outras crianças do que brincar ela própria. Ainda bem pequenina, se furtava ao elogio e já em criança manifestava as tendências poéticas. Ainda bem pequena entregava-se a uma meditativa contemplação, no seu quatozinho isolado. Rosa Silvestre não podia suportar o barulho da ruidosa alegria das irmãs, no seu quarto isolado ficava longos minutos, antes de adormecer a pensar em tudo que os seus olhos tinham visto e admirado e iam guardando com amorosa ternura, para uma futura expansão de sentimento. Dos 7 para os 8 anos deu entrada no colégio de St.<sup>a</sup> Teresinha, onde foi aluna das mais cumpridoras. Um dia foi lá o Exm<sup>o</sup> Cardeal Neto, ao tempo patriarca de Lisboa e quando as freiras perguntaram quem queria

---

<sup>101</sup> Artur Gonçalves, *Anais Torrejanos*, Companhia Editora do Minho, Torres Novas, 1939, pp. 150-151. O livro é dedicado ao Dr. Rafael da Silva Neves Duque. Ministro da Agricultura, natural de Torres Novas.

<sup>102</sup> *Portugal Feminino*, n.º 27, Abril de 1932, p. 6.

fazer a saudação, Rosa Silvestre ofereceu-se logo, apesar de estar há pouco tempo no colégio. Foi ela própria que fez o discurso. Quando chegou a altura, acercou-se do cardeal e alheia aos ritos pontificais, acercou-se e pegou-lhe na mão e levou-o para um canto duma janela assegurando-lhe que tinha uma coisa a dizer-lhe. Bondosamente, sossegando a atitude receosa das freiras, aflitas com a incorrecção do gesto, o cardeal ouviu atentamente, na introdução da frase – «eu queria ter...», e o cardeal disse no fim, afagando-a, que também ele queria ter assim uma alma ingénua e simples como a alminha dela. Também foi simples a rosa que escolheu para o seu lindo pseudónimo.

A partir da realização de uma exposição, a Biblioteca Municipal de Almada, publicou um catálogo onde apresentava aspectos biográficos de Maria Lamas de que resultou uma breve biografia<sup>103</sup>:

Maria Lamas é a mais velha de quatro irmãos, três raparigas e um rapaz. Dos doze aos quinze é internada num colégio de freiras Teresianas, de Santa Teresa de Jesus. Em Março de 1911, faz o primeiro casamento com oficial de cavalaria Ribeiro da Fonseca. Dez meses depois, parte na sua companhia para Angola. A sua filha Maria Emília nasce em Luanda. Em princípios de 1913, volta com a filha e vem grávida. A 9 de Julho nasce a segunda filha, Manuela.

O marido volta a Portugal em 1916 e parte para a guerra em França juntamente com o seu amigo aviador Óscar Monteiro Torres, padrinho da filha mais velha. O marido regressa doente de França. Quando se restabelece em 1919, divorciam-se. Com 28 anos e duas filhas procura emprego e através de Maria Monteiro Torres, viúva do aviador, conhece Virgínia Quaresma que dirigia a Agência Americana de Notícias, onde trabalhará. Aí conhece Alfredo da Cunha Lamas, monárquico e redactor do *Correio da Manhã* com quem casa a 25 de Abril de 1921.

Em Maio de 1922 nasce a terceira filha, Maria Cândida. Vivem dificuldades financeiras e Maria Lamas aceita costura para fazer em casa e dá lições. Cursa o 5º ano de Português e interna a filha Maria Emília no Instituto Luso-belga, em Carnide, pagando o internamento em lições. Em 1936, separa-se e fica com a Maria Cândida.

Maria Lamas assina em 1945 as listas para a fundação do MUD juvenil. Em 1946, participou no Congresso da Federação Internacional das Mulheres na Bélgica. Em 1953, dirige a delegação portuguesa ao Congresso Mundial das Mulheres em Copenhaga e é eleita membro do Conselho Mundial da Paz.

---

<sup>103</sup> Maria Lamas, *Vida e Obra*, Almada, Biblioteca da Câmara Municipal de Almada, 1984.



Em 1957 participa no Congresso Mundial da Paz, em Ceilão. Em 1962, chefia a delegação portuguesa à Conferência para o Desarmamento e pela Paz.

Em Outubro de 1960 morre a filha Manuela, o grande desgosto da sua vida. Vive temporadas na Madeira, na ilha de S. Miguel. Esteve 15 meses em Paris e, depois, sete anos. Conheceu toda a Europa, Japão, China, Ceilão...Foi 5 vezes à União Soviética, e esteve na Albânia a convite do Governo e em Argel. No estrangeiro vai dando apoio aos exilados e emigrantes.

Condecorada pelo Presidente Carmona, aquando da Exposição das Mulheres Portuguesas, com a Ordem de Oficial de Santiago de Espada, possui entre outras condecorações a Ordem da Liberdade concedida pelo Presidente Eanes, em 1980.

Maria Lamas recebe a medalha de ouro<sup>104</sup> da Câmara Municipal de Torres Novas em 1982 numa homenagem que lhe foi prestada no Salão Nobre dos Paços do Concelho.

Tomou parte em vários congressos de Organizações de Mulheres, em diversos países e da FDM, da qual possuía a Medalha de Honra. Foi a primeira mulher a receber a medalha de Honra do MDM – Movimento Democrático de Mulheres, da qual era Presidente de Honra. Fez parte da Comissão Nacional de Paz, sendo eleita membro do Conselho Mundial da Paz.

Personalidade de grande relevo na vida cultural e política nacional e internacional foi directora da revista *Mulheres* até à data do seu falecimento em 6 de Dezembro de 1983.

---

<sup>104</sup> A *Forja*, n.º 245, 15 Julho 1982, p. 1.

### Capítulo 3

## A IMPRENSA

### 1. A ESTREIA NO JORNALISMO

Na revista *Civilização*, em 1929, a colaboradora Rosa Silvestre procede a uma série de entrevistas, a várias mulheres que se distinguiam na sociedade lisboeta, da época, alusivas ao seu pensamento sobre as mulheres portuguesas. Rosa Silvestre dá-nos a conhecer as suas pretensões:

Saber o que pensam da Mulher portuguesa as mulheres de Portugal, é, sem dúvida um assunto cheio de oportunidade e interesse.

Resolveu, por isso, *Civilização* reunir nas suas páginas a opinião e impressões de algumas figuras femininas em destaque no nosso meio intelectual e artístico e, bem assim, a de uma senhora que viva tranquila no âmbito limitado e sereno do lar, alheia às grandes lutas da existência, toda entregue à sua missão de esposa e mãe.<sup>105</sup>

Depois de clarificado o objectivo das entrevistas, seguem-se as respostas das entrevistadas, mulheres que se distinguem e valorizam o inquérito pela sua inteligência e pelo seu espírito: doutora Maria Cândida Parreira (1877-1942), doutora Sara Benoliel (1898-1970), Branca de Gonta Colaço (1880-1945) e Maria Adelaide da Lima Cruz (1878-1963).

Maria da Cândida Parreira é uma distinta advogada, que se elevou intelectualmente ao nível dos “grandes homens”<sup>106</sup>, que impôs a sua inteligência e o seu saber, conquistando pelo seu talento um lugar de destaque na jurisprudência. Além do exercício da advocacia, Cândida Parreira dedica-se também à poesia, tendo já publicadas, duas obras: *Versos* (2ª edição em 1909) e *Cantigas Leva-as o Vento* (1925).

Para esta advogada,

---

<sup>105</sup> Rosa Silvestre, *Civilização*, n.º 8, Fevereiro de 1929, p. 27.

<sup>106</sup> Id., ibid.

A mulher, em Portugal, como de resto, em toda a parte, deve aprender a contar consigo, a ter consciência do seu valor, a ser útil verdadeiramente, tendo porém sempre em vista que a sua missão mais bela, sublime, é a de mãe. Afastar-se do lar, preferir a vida fora de casa, sem um motivo que o justifique, é um erro; por outro lado, educar as raparigas sem uma finalidade, deixá-las entregues aos caprichos dum destino incerto, escravas da frivolidade e das pequenas ambições que envenenam a alma, é um perigo terrível de que todos os pais devem afastar as suas filhas.<sup>107</sup>

Para Cândida Parreira, “à educação da mocidade feminina deve presidir um critério sensato, equilibrado e nobre.”<sup>108</sup> As raparigas devem ser preparadas para a luta pela existência, ser ensinadas a ter respeito por si próprias e o seu espírito fortalecido com uma doutrina sã, não esquecendo, no entanto, a gentileza, a ternura e o amor do lar que são o maior encanto, a maior força da mulher. Estas palavras soam a Rosa Silvestre como “um hino de glorificação à mulher moderna, no sentido mais inteligente e elevado da palavra.”<sup>109</sup>

Sara Benoliel considera muito vaga a questão sobre o que pensa da mulher portuguesa, preferindo abordá-la como médica:

A mulher portuguesa necessita, primeiro que tudo, de aprender a tratar dos seus filhos, conscientemente, conforme os preceitos higiénicos indispensáveis, desde a mais tenra idade ao normal desenvolvimento da criança.

A mortalidade infantil em Portugal é apavorante, principalmente nas classes pobres! E porquê? Em grande parte causada pelos erros de alimentação, pela falta de cuidado das mães, ou de quem as substitui mercenariamente, com o único fim de ganhar dinheiro e sem medir bem toda a responsabilidade e importância de tão delicada incumbência.<sup>110</sup>

Sara Benoliel aponta as causas da mortalidade infantil, denunciando o que se passa na sociedade portuguesa, no final da década de vinte, do século XX. Em 1920, a taxa de mortalidade infantil, em permilagem, situava-se em 173,1, decrescendo para 143,6, em 1930<sup>111</sup>. Sara Benoliel prossegue, comparando o que se passa em Portugal, com outros países da Europa:

A maternidade é, sempre em todas as circunstâncias, sagrada. No entanto, entre nós, a Mãe não é, ainda, olhada com o respeito e o interesse que lhe são devidos, ao passo que em França, na Áustria, e principalmente, na Alemanha, existem Obras e Institutos notáveis pela sua

---

<sup>107</sup> Idem, pp. 27-28.

<sup>108</sup> Idem, p. 28.

<sup>109</sup> Id., ibid.

<sup>110</sup> Idem, p. 30.

<sup>111</sup> Custódio Cónim, *Portugal e a sua População*, 2 volumes, Publicações Alfa, Lisboa, 1990, p. 187.

organização, disciplina e ordem, que protegem, a um tempo, a mãe e o filho, como tive ocasião de verificar durante a minha viagem de estudo nesses países.<sup>112</sup>

A opinião de Sara Benoliel manifesta-se também em relação às necessidades da mulher, durante a maternidade:

A protecção legal da maternidade e da primeira infância impõe-se como uma consequência da solidariedade social, que se tornam um dever imperioso para os povos civilizados; não basta ajudar e socorrer particularmente as mães; é preciso que, oficialmente, a sociedade liquide a dívida que contraiu para com elas!<sup>113</sup>

No entanto, Sara Benoliel considera necessário ministrar o ensino de puericultura às raparigas:

Necessário é, iniciar, também, as raparigas nos deveres inerentes à sua alta missão de mães, introduzindo nas escolas o ensino de Puericultura e fazendo a propaganda da Higiene, de forma menos complexa para que, sendo mais facilmente compreendida, possa ter um alcance mais prático.<sup>114</sup>

Para Rosa Silvestre, a doutora Sara Benoliel fala com convicção e alerta para a situação das mães bem como a das crianças:

As suas palavras autorizadas e sinceras são como um grito de alarme no meio da frivolidade, da inconsequência, da confusão que caracterizam a hora presente; evocam a tragédia dolorosíssima de tantas mulheres que se vêem com um filho nos braços, sem apoio moral e material de ninguém, resvalando, não raro, no abismo do crime, e povoam a nossa imaginação de rostozinhos mirrados de crianças, vítimas da ignorância das mães, ou das condições miseráveis duma vida imprópria de seres racionais, neste século de civilização e progresso!<sup>115</sup>

Para Branca de Gonta Colaço, que organiza tardes de arte, onde evidencia e enaltece os poetas portugueses, sendo considerada como um estímulo para novas aspirações, a mulher portuguesa é:

Adorável, por ser simples, bondosa, honesta, dedicada e sofredora, tendo instintivamente todas as principais qualidades que a vida exige a uma mulher. [...] É inteligente; - mas as mil influências a que durante séculos tem estado sujeita, e que seria longo discriminar, criaram-lhe

---

<sup>112</sup> *Civilização*, n. ° 8, Fevereiro de 1929, pp. 30 e 31.

<sup>113</sup> Rosa Silvestre, op. cit., p. 31.

<sup>114</sup> Id., ibid.

<sup>115</sup> Id., ibid.

uma segunda natureza, feita de passividade e abdicação, de que só ultimamente, e com grande lentidão, começa talvez a emancipar-se... - se começa.<sup>116</sup>

Branca de Gonta Colaço tem “a aspiração de que a mulher se aperfeiçoe, eleve e cultive, sim, mas *para melhor poder colaborar com o homem*.”<sup>117</sup> Para esta escritora, o feminismo devia ser compreendido, sentido e expresso a favor do homem e não lutar contra o homem, factor que considera prejudicial. O homem só tem a lucrar com o aperfeiçoamento moral e intelectual da sua companheira.

Já a artista Maria Adelaide de Lima Cruz não responde à pergunta, por não ter ainda opinião formada sobre assunto, que considera complexo. A sua única aspiração é trabalhar e viver para a arte.

## 2. JORNALISMO INFANTIL

Os primeiros trinta anos do século XX são bastante férteis em obras e revistas para a infância, sendo estes, também, os anos em que Maria Lamas mais escreveu para os mais novos. Segundo a investigadora Natércia Rocha (2001) é “nestes anos que se encontra um maior registo de contos, versos e novelas originais, bem como algumas traduções de textos publicados para o público mais jovem.”<sup>118</sup> Francesca Blockeel refere-se a esta época, considerando-a como “o movimento áureo da literatura infantil e juvenil”<sup>119</sup>, apontando como principal causa do sucesso deste tipo de textos, o reconhecimento da criança como consumidor de livros.

A primeira incursão na área da publicação jornalística, com o pseudónimo de Madressilva, dá-se no jornal *O Fôco*, jornal regional de Torres Novas, em Outubro de 1914 e estende-se de um modo não regular até Maio de 1915, com a inclusão de poemas.

---

<sup>116</sup> *Civilização*, Fevereiro de 1929, p. 31.

<sup>117</sup> *Civilização*, Fevereiro de 1929, p. 31.

<sup>118</sup> Natércia Rocha, *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*, Lisboa, Caminho, 2001, p. 23.

<sup>119</sup> Francesca Blockeel, *Literatura Juvenil Portuguesa Contemporânea: Identidade e Alteridade*, Lisboa, Caminho, 2001, p. 35.

Maria Lamas inicia-se no jornalismo infantil, em 1925, quando funda e dirige uma revista infantil quinzenal *O Pintainho*. Usa o pseudónimo de Rosa Silvestre, flor de que gostava e nome de dois tios que a ajudaram a criar: Rosa e Silvestre<sup>120</sup>. Até 1926, dirige o suplemento infantil do *Correio da Manhã* «Correio dos Pequenininhos».

Um dos jornais, em que Maria Lamas publica, em 1935, com o pseudónimo de Rosa Silvestre e também como Maria Lamas, é justamente *O Gaiato*. Outros colaboradores do jornal eram, respectivamente: Alice Ogando, Cardoso dos Santos, Rui Correia Leite, Rosa Silvestre, doutor Ferreira de Mira, Aquilino Ribeiro, com *História dum Macaco Trocista e dum Elefante que não Era para Graças*, José de Bragança, João Bastos, tia Zeca, Júlio de Sousa, com participação ao nível das ilustrações, Daisy e Bisnau, no 1; Rosa Silvestre, José Augusto, Marques Matias, A.O., no n.º2; Maria da Glória, Maria do Carmo Peixoto, A.O., Ferreira de Mira, Cândida Ayres de Magalhães, Fausto Duarte, José de Bragança, Rosa Silvestre, Rui Correia Leite, tia Zeca, no n.º3; Laura Chaves, Rosa Silvestre, José Augusto, Ferreira de Mira, Afonso Lopes Vieira, conto de Maria Lamas, Daisy, Bisnau, Cardoso dos Santos, no 4. Neste número é anunciado um concurso para desenhos dos leitorzinhos e do júri constam: Júlio de Sousa, Roberto de Araújo, Jorge Matos Chaves e A. Cunhal. No 5 colaboraram Rosa Silvestre, Fausto Duarte, Elzira Dantas Machado, A.O., Ferreira de Mira, Daisy, tia Zeca, Bisnau.<sup>121</sup> No 7: Rosa Silvestre, Sousa Costa, Olavo (conto e ilustração) e no 8, Maria da Glória, Celestino David, A.O., Marques Matias e Maria Matilde.

Maria Lamas sempre se esforçou por fazer o melhor, fosse qual fosse a tarefa a que se dedicasse, e no caso do jornalismo infantil, não era diferente.

Maria Lamas conhece vários jornais infantis franceses<sup>122</sup>, como por exemplo, *Lisette* (1935), *Bernardette* (1935), *Fillette* (1935), *L'Intrépide* (1935), *Les Belles Images et la Jeunesse Illustrée* (1935), *Pierrot*, *Le Journal des Jeunes* (1935), *La Semaine de Suzette* (1934), os quais apresentam muitas semelhanças, quer em termos gráficos, quer em termos de conteúdo, com os que foram publicados em Portugal.

A escritora publicou a maior parte dos contos infantis em suplementos infantis de jornais nacionais, com maior intensidade nos jornais *A Voz* e *A Época*. De facto, os contos não se inserem em nenhuma categoria jornalística, mas dado que eram

<sup>120</sup> Maria Lamas, *Vida e Obra*, Almada, Biblioteca da Câmara Municipal de Almada, 1984, s. p.

<sup>121</sup> Pseudónimo de Dias de Sousa. Revista *Civilização*, n.º 91, de Julho-Agosto, 1936.

<sup>122</sup> Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 27, referência 2.32.

publicados nas secções infantis, no caso do jornal *A Voz*, na secção denominada «Semana Infantil», optámos por integrá-los neste capítulo. A capacidade de escrita de Maria Lamas é assombrosa, o que podemos avaliar pela lista de contos, assinados pelo pseudónimo Rosa Silvestre.

No jornal *A Época* Rosa Silvestre publicou os seguintes contos:

*A Dúvida*<sup>123</sup>, *A Maior Coragem*<sup>124</sup>, *A Ceguinha*<sup>125</sup>, *Primavera*<sup>126</sup>, *Não há mal que sempre dure...*<sup>127</sup>, *“História de um Peixinho”*<sup>128</sup>, *O João Mandrião*<sup>129</sup>, *Nossa Senhora de Fátima*<sup>130</sup>, *Os Grandes Portugueses -S. António”*<sup>131</sup>, *As três Maças de Prata*<sup>132</sup>, *A Bela e a Fera*<sup>133</sup>, *O Convento dos Capuchos na Serra de Sintra*<sup>134</sup>, *A Lâmpada Cor-de-rosa*<sup>135</sup>, *Os Calções do Joãozinho*<sup>136</sup>, *A Lenda das Nascentes”*<sup>137</sup>, *A Estrela e o Plátano*<sup>138</sup>, *Os Cabelos de Teresa*<sup>139</sup>, *O Coração de Susana*<sup>140</sup>, *Vem aí o Menino Jesus”*<sup>141</sup>, *O Camelo e o Dromedário*<sup>142</sup>, *Os Tamanquinhos*<sup>143</sup>, *O Natal*<sup>144</sup>, *Pim-pim! Conto do Natal*<sup>145</sup>, *Boas Festas*<sup>146</sup>, *O Milagre das Rosas*<sup>147</sup>, *A Boneca de Aninhas*<sup>148</sup>, *Os Ovos Quebrados*<sup>149</sup>, *A Lenda das Margaridas*<sup>150</sup>, *O Apostolado de Madalena*<sup>151</sup>, *O Colar de Joanhinha*<sup>152</sup>, *O que faz a Preguiça*<sup>153</sup>, *Uma Ideia Feliz*<sup>154</sup>, *A Capa de Asperges de S. Nicolau*<sup>155</sup>, *A*

<sup>123</sup> *A Época*, n.º 1981, 23 Janeiro 1925, p.3. Assinado com o pseudónimo Madressilva.

<sup>124</sup> *A Época*, n.º 2051, 5 Abril 1925, p. 3.

<sup>125</sup> *A Época*, n.º 2051, 5 Abril 1925, p. 3.

<sup>126</sup> *A Época*, n.º 2060, 15 Abril 1925, p. 3.

<sup>127</sup> *A Época*, n.º 2067, 22 Abril 1925, p. 3.

<sup>128</sup> *A Época*, n.º 2067, 22 Abril 1925, p. 3.

<sup>129</sup> *A Época*, n.º 2078, 10 Maio 1925, p. 3.

<sup>130</sup> *A Época*, n.º 2085, 17 Maio 1925, p. 3.

<sup>131</sup> *A Época*, n.º 2097, 31 Maio 1925, p. 3. Assina R. S.

<sup>132</sup> *A Época*, n.º 2112, 15 Junho 1925, p. 3.

<sup>133</sup> *A Época*, n.º 2118, 21 Junho 1925, p. 3.

<sup>134</sup> *A Época*, n.º 2139, 12 Julho 1925, p.3.

<sup>135</sup> *A Época*, n.º 2153, 26 Julho 1925, p. 3. Tradução de Rosa Silvestre.

<sup>136</sup> *A Época*, n.º 2160, 2 Agosto 1925, p. 3.

<sup>137</sup> *A Época*, n.º 2167, 9 Agosto 1925, p. 3.

<sup>138</sup> *A Época*, n.º 2181, 23 Agosto 1925, p. 3.

<sup>139</sup> *A Época*, n.º 2181, 23 Agosto 1925, p. 3.

<sup>140</sup> *A Época*, n.º 2209, 20 Setembro 1925, p. 5

<sup>141</sup> *A Época*, n.º 2279, 13 Dezembro 1925, p. 3.

<sup>142</sup> *A Época*, n.º 2286, 20 Dezembro 1925, p. 3. Assina R. S.

<sup>143</sup> *A Época*, n.º 2292, 27 Dezembro 1925, p. 3. Tradução de Rosa Silvestre.

<sup>144</sup> *A Época*, n.º 2292, 27 Dezembro 1925, p. 3.

<sup>145</sup> *A Época*, n.º 2298, 3 Janeiro 1926, p. 3. Tradução de Rosa Silvestre.

<sup>146</sup> *A Época*, n.º 2298, 3 Janeiro 1926, p. 3.

<sup>147</sup> *A Época*, n.º 2304, 10 Janeiro 1926, p. 3

<sup>148</sup> *A Época*, n.º 2304, 10 Janeiro 1926, p. 3.

<sup>149</sup> *A Época*, n.º 2312, 17 Janeiro 1926, p. 3. Tradução de Rosa Silvestre.

<sup>150</sup> *A Época*, n.º 2319, 21 Janeiro 1926, p. 3.

<sup>151</sup> *A Época*, n.º 2326, 31 Janeiro 1926, p. 3.

<sup>152</sup> *A Época*, n.º 2332, 7 Fevereiro 1926, p. 3.

<sup>153</sup> *A Época*, n.º 2359, 7 Março 1926, p. 3.

*Mendiga de Nemi*<sup>156</sup>, *Cláudio e Claudina*<sup>157</sup>, *Agulhas Falantes*<sup>158</sup>, *Aventuras duma Formiga Contadas por ela Própria*<sup>159</sup>, *A Ideia de Pelicano*<sup>160</sup>, *Aventuras duma Formiga Contadas por ela Própria*<sup>161</sup>, *Como V. Ex.<sup>a</sup> quiser?*<sup>162</sup>, *O Achado da Rainha*<sup>163</sup>, *História do Mau Gigante Périférigérilérimini e da Boa Margarida, Rainha dos Anões*<sup>164</sup>, *O Coelho Ambicioso*<sup>165</sup>, *A Voz da Consciência*<sup>166</sup>, *Desobediência Castigada*<sup>167</sup>, *A Casa Misteriosa*<sup>168</sup>, *O Presente do Rei dos Mares*<sup>169</sup>, *Como Duas Meninas de Más se Fizeram Boas*<sup>170</sup>, *S. Francisco de Assis*<sup>171</sup>, *A Princesa Florbela*<sup>172</sup>, *Uma Visita ao Reino dos Bonitos*<sup>173</sup>, *História sem Fim*<sup>174</sup>, *História sem Fim*<sup>175</sup>, *Não façam Mal aos Passarinhos*<sup>176</sup>, *Uma Aventura de Antoninho*<sup>177</sup>, *O Quarto da Porta Encarnada*<sup>178</sup>, *Manhã de Neve*<sup>179</sup>, *Ano Novo*<sup>180</sup>, *O Gigante e o Feiticeiro*<sup>181</sup>, *O Pregão da Rainha*<sup>182</sup>, *A Princesa dos Cabelos de Ébano*.<sup>183</sup>

No jornal *A Voz* Rosa Silvestre publicou os contos que a seguir se indicam: *O Balão Mágico*<sup>184</sup>; *O Tio Jerónimo e as Flores*<sup>185</sup>; *A Tesoura Mágica*<sup>186</sup>; *Os Ratinhos*

<sup>154</sup> *A Época*, n.º 2366, 14 Março 1926, p. 3.

<sup>155</sup> *A Época*, n.º 2380, 28 Março 1926, p. 3.

<sup>156</sup> *A Época*, n.º 2407, 25 Abril 1926, p. 3.

<sup>157</sup> *A Época*, n.º 2420, 9 Maio 1926, p. 5.

<sup>158</sup> *A Época*, n.º 2427, 16 Maio 1926, p. 3.

<sup>159</sup> *A Época*, n.º 2443, 2 Junho 1926, p. 4.

<sup>160</sup> *A Época*, n.º 2443, 2 Junho 1926, p. 4. Assina R.S.

<sup>161</sup> *A Época*, n.º 2447, 6 Junho 1926, p. 5.

<sup>162</sup> *A Época*, n.º 2461, 20 Junho 1926, p. 3.

<sup>163</sup> *A Época*, n.º 2468, 27 Junho 1926, p. 5. Assina R. S.

<sup>164</sup> *A Época*, n.º 2475, 4 Julho 1926, p. 5.

<sup>165</sup> *A Época*, n.º 2475, 4 Julho 1926, p. 5. Assina R. S.

<sup>166</sup> *A Época*, n.º 2489, 18 Julho 1926, p. 5. Assina R. S.

<sup>167</sup> *A Época*, n.º 2553, 20 Setembro 1926, p.2.

<sup>168</sup> *A Época*, n.º 2559, 26 Setembro 1926, p. 3.

<sup>169</sup> *A Época*, n.º 2566, 3 Outubro 1926, p. 5.

<sup>170</sup> *A Época*, n.º 2572, 10 Outubro 1926, p. 5.

<sup>171</sup> *A Época*, n.º 2572, 10 Outubro 1926, p. 5. Assina R.S.

<sup>172</sup> *A Época*, n.º 2586, 24 Outubro 1926, p. 5.

<sup>173</sup> *A Época*, n.º 2593, 31 Outubro 1926, p. 5.

<sup>174</sup> *A Época*, n.º 2600, 7 Novembro 1926, p. 5.

<sup>175</sup> *A Época*, n.º 2607, 14 Novembro 1926, p. 5.

<sup>176</sup> *A Época*, n.º 2614, 21 Novembro 1926, p. 3.

<sup>177</sup> *A Época*, n.º 2627, 5 Dezembro 1926, p. 5.

<sup>178</sup> *A Época*, n.º 2634, 12 Dezembro 1926, p. 5.

<sup>179</sup> *A Época*, n.º 2653, 1 Janeiro 1927, p. 15.

<sup>180</sup> *A Época*, n.º 2653, 1 Janeiro 1927, p. 15.

<sup>181</sup> *A Época*, n.º 2667, 18 Janeiro 1927, p. 5.

<sup>182</sup> *A Época*, n.º 2674, 23 Janeiro 1927, pp. 5-6.

<sup>183</sup> *A Época*, n.º 2339, 14 Fevereiro 1926, p. 3.

<sup>184</sup> *A Voz*, n.º 2, Suplemento «Semana Infantil», n.º1, 31 Janeiro 1927, p. 3. Este conto voltou a ser publicado no jornal *O Século*, n.º 17150, 6 de Dezembro 1929, p. 9, no Suplemento «Pim Pam Pum!».

<sup>185</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 8, 6 Fevereiro 1927, p. 5.

<sup>186</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 12, 13 Fevereiro 1927, pp. 3-4.



*Aventureiros*<sup>187</sup>; *O Pierrot Branco e Preto*<sup>188</sup>; *A Princesa Yolanda*<sup>189</sup>; *As Bolas de Sabão*<sup>190</sup>; *A Taça de Creme*<sup>191</sup>; *A Andorinha*<sup>192</sup>; *A Tempestade*<sup>193</sup>; *Uma Aventura*<sup>194</sup>; *O Príncipe Dolcemar e a Princesa Rosalinda*<sup>195</sup>; *Luizinho e o Pato Voador*<sup>196</sup>; *A Zequinha no Campo*<sup>197</sup>; *O Palácio da Fortuna*<sup>198</sup>; *O Castigo da Ambição*<sup>199</sup>; *Na Praia*<sup>200</sup>; *Uma História Verdadeira*<sup>201</sup>; *O Príncipe Alzindro*<sup>202</sup>; *Como Acabou o Reino da Tristeza*<sup>203</sup>; *O Natal dos Pequenos Saltimbancos*<sup>204</sup>; *Nunca o Invejoso medrou...*<sup>205</sup>; *Como o Raul Deixou de Ser Preguiçoso*<sup>206</sup>; *A Caverna do Dragão*<sup>207</sup>; *A Boneca Atropelada*<sup>208</sup>; *Os Cisnes e os Bombons*<sup>209</sup>; *A Fada dos Passaritos*<sup>210</sup>; *O Pão-de-Ló*<sup>211</sup>; *O Segredo do Pato*<sup>212</sup>; *A Revolta das Flores*<sup>213</sup>; *Quando o Inverno chegou...*<sup>214</sup>; *A Lenda das Sete Cidades*<sup>215</sup>; *As Memórias duma Esteira*<sup>216</sup>; *A Aventura da Rosinha*<sup>217</sup>; *Um Presente do Menino Jesus*<sup>218</sup>; *A Amiga das Avezinhas*<sup>219</sup>; *A Amiga das Avezinhas*<sup>220</sup>; *Na Ilha da Bonecada*<sup>221</sup>; *No Baloíço*.<sup>222</sup>

<sup>187</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 22, 23 Fevereiro 1927, p. 3.

<sup>188</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 26, 27 Fevereiro 1927, p. 5.

<sup>189</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 39, 13 Março 1927, p. 5.

<sup>190</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 53, 27 Março 1927, p. 5.

<sup>191</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 60, 3 Abril 1927, p. 5.

<sup>192</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 74, 17 Abril 1927, p. 3. Um conto, com o mesmo título, seria também publicado no jornal *A Voz*, no Suplemento «Semana Infantil», respectivamente entre o n.º 672, de 19 de Dezembro 1928 ao n.º 792, de 23 de Abril 1929.

<sup>193</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 80, 24 Abril 1927, p. 5.

<sup>194</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 87, 1 Maio 1927, p. 7.

<sup>195</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 93, 8 Maio 1927, p. 5.

<sup>196</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 107, 22 Maio 1927, p. 5.

<sup>197</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 114, 29 Maio 1927, p. 3.

<sup>198</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 128, 12 Junho 1927, p. 5.

<sup>199</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 136, 20 Junho 1927, p. 3.

<sup>200</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 210, 4 Setembro 1927, p. 3.

<sup>201</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 226, 20 Setembro 1927, p. 3.

<sup>202</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 279, 13 Novembro 1927, p. 3.

<sup>203</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 313, 18 Dezembro 1927, p. 5.

<sup>204</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 320, 25 Dezembro 1927, p. 5.

<sup>205</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 353, 5 Fevereiro 1928, p. 3.

<sup>206</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 360, 12 Fevereiro 1928, p. 5.

<sup>207</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 392, 20 Março 1928, p. 5.

<sup>208</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 510, 8 Julho 1928, p. 3.

<sup>209</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 510, 8 Julho 1928, p. 3.

<sup>210</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 517, 15 Julho 1928, p. 3.

<sup>211</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 531, 29 Julho 1928, p. 5.

<sup>212</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 531, 29 Julho 1928, p. 5.

<sup>213</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 538, 5 Agosto 1928, p. 5.

<sup>214</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 616, 23 Outubro 1928, p. 3.

<sup>215</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 623, 30 Outubro 1928, p. 3. Assina R.S.

<sup>216</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 630, 6 Novembro 1928, p. 3.

<sup>217</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 644, 20 Novembro 1928, p. 3.

<sup>218</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 684, 1 Janeiro 1929, p. 5.

<sup>219</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 690, 8 Janeiro 1929, p. 3.

<sup>220</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 697, 15 Janeiro 1929, p. 5.

<sup>221</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 738, 27 Fevereiro 1929, p. 3.

Maria Lamas publica, sob o pseudónimo de Rosa Silvestre, vários contos infantis, em revistas destinadas às crianças. Uma dessas revistas é *O Gaiato*, semanário infantil, com publicação às quintas-feiras, e que tem como directora, proprietária e editora Alice Ogando. No primeiro número, *O Gaiato* apresenta-se como um jornal aberto não só à participação de escritores e escritoras, mas também aos primeiros trabalhos literários dos pequenos leitores:

«O Gaiato» será, de hoje em diante, se assim o quiserdes, o vosso melhor companheiro. «O Gaiato» ensinar-vos-á tudo quanto vos for agradável saber, dar-vos-á lindos contos, onde a maravilha e a humanidade, o pitoresco e o imaginário se dêem mãos, numa perfeita aliança, de molde a realizar o seu grande intento: - divertir-vos, educando-vos o gosto artístico e o amor pela boa leitura.

Escritores e escritoras, dos mais ilustres da nossa terra, virão aqui conversar convosco! Exactamente como o fazem para as pessoas crescidas, vão agora trabalhar para vos oferecer o melhor do seu talento, empenhando-se na agradável tarefa de vos interessar a inteligência, conquistando-vos o coração.

Nas páginas deste semanário, que é vosso, publicaremos com prazer os vossos primeiros trabalhos literários sempre que eles se nos afigurem dignos de publicação. Se o não forem inteiramente, mas, ainda assim, lhe encontrarmos qualidades apreciáveis, «O Gaiato», que é um rapaz esperto, vos ensinará a maneira de os corrigir.<sup>223</sup>

Maria Lamas inicia a sua colaboração neste jornal, logo no primeiro número, apresentando as *Aventuras do Zito e da Zizinha*:

O Zito e a Zizinha pertencem à família de «O Gaiato» e vão divertir, a valer, com as suas «partidas» e «descobertas» os meninos portugueses, desde o Minho ao Algarve – que digo eu? – desde o Oceano Atlântico até ao Oceano Índico, passando pela África, pois tenho a certeza de que, onde houver uma criança que fale português, lá chegará este jornalzinho, o melhor, o mais completo de todos os jornais infantis.<sup>224</sup>

E prossegue, com a explanação em torno das personagens, que se pretendem modelos de crianças com educação, mas também capazes de traquinices:

- Mas quem são, afinal, este Zito e esta Zizinha que nos estão apresentando como se fossem grandes celebridades? -perguntam os meninos com certeza, lá consigo e com os seus botões? Não tenham pressa. Lá diz o ditado «Roma e Pavia não se fizeram num dia...». Já vão saber: O Zito e a Zizinha chegaram há pouco do colégio, e estão a lanchar com belo apetite; não tardam aí um minuto. Pronto, lá vêm eles, corados, olhos brilhantes, todos contentes com os novos amiguinhos que lhes arranjei.

---

<sup>222</sup> A Voz, Suplemento «Tiroliro», n.º 865, 6 Julho 1929, p. 3. Assina R. S.

<sup>223</sup> Alice Ogando, *O Gaiato*, n.º 1, 1935, s. p.

<sup>224</sup> Rosa Silvestre, *Aventuras do Zito e da Zizinha*, *O Gaiato*, n.º 1, 1935, p. 6.

- Ora, vivam! – Dizem os dois, ao mesmo tempo, fazendo uma mesura – porque o Zito e a Zizinha, lá por serem «os ases» da brincadeira, não deixam, por isso de ser bem educados...quando querem.

- Béu, béu, rebéu, béu – protesta um cãozito que os acompanha sempre, assim com ar de quem diz: - Então eu não sou gente?

E o simpático cãozinho põe-se de pé, mas patitas traseiras, e cumprimenta também os leitorzinhos do «Gaiato», lá na sua linguagem:

- Béu, béu, rebéu, béu!

Chama-se Redopio, este cãozito, que tem uma história bem bonita, que um dia destes lhes contarei, e não larga os donos nem por um torrão de açúcar.

São três amigos inseparáveis, até lhes chamam os três da vida airada.

Para eles não há ralações nem tristezas. O Zito e a Zizinha têm tudo quanto as crianças da sua idade podem desejar: uns pais muito amiguinhos, uma quinta para brincar e correr, à vontade, uma avó que lhes conta lindas histórias, brinquedos, livros e, até, aquele impagável Rodopio que se presta a quantas diabruras eles se lembram de lhe fazer.

O Zito tem 9 anos e a Zizinha fez 8 há pouco tempo.

E... pronto, está feita a apresentação.

É verdade, ainda não lhes disse que a Zizinha gosta de comer doce às escondidas da mãezinha e diz a sua mentirita de vez em quando, e que o Zito, com a sua mania de engenhos e engenhocas, se farta de partir e estragar várias coisas que ainda tinham utilidade.

Também há uma personagem importante nestas aventuras: é a miss Kate, a quem foi confiada a difícil tarefa de educar estes anjinhos... da pele do diabo!

Para mais, como a bondosa senhora é muito alta, muito magra, muito feia e muito ridícula, com vestidos que se usaram no século passado e chapéus que parecem tirados do caixote do lixo, os pequenos, por mais que queiram, não podem deixar de se rir dela.

Mas, lá no fundo do seu coraçãozinho, estimam-na a valer, e têm razão para isso, porque a miss Kate é a bondade em pessoa, apesar de ralhar de manhã à noite.<sup>225</sup>

As *Aventuras do Zito e da Zizinha* serão publicados até ao nº 9, no semanário *O Gaiato*, com os seguintes subtítulos: *II- O Tio Serafim; III- O Susto de «Miss» Kate; V- O Capacete de Plumas; VI- Nem Tudo é Brincadeira; VII- O Banho da «Miss» Kate; VIII- O Passeio de Barco e IX- As Histórias do «Tio Nordeste»*, sempre com recurso ao pseudónimo de Rosa Silvestre.

Com a assinatura de Maria Lamas, é também publicado no semanário *O Gaiato*, respectivamente, no número 4, o conto *No Quarto das Malas*<sup>226</sup>, em que se destacam como personagens principais a Lena e o Tito. A Lena, “uma linda menina de 4 anos, tem cabelos pretos e olhos castanhos, muito grandes, que parecem ver tudo.”<sup>227</sup> O Tito, “irmão da Lena, com quem se parece muito; tem 6 anos e é um rapazinho muito esperto e com muito mau génio.”<sup>228</sup>

<sup>225</sup> Rosa Silvestre, *Aventuras do Zito e da Zizinha, O Gaiato*, n.º 1, 1935, p. 6.

<sup>226</sup> *No Quarto das Malas* foi primeiramente publicado no jornal *A Voz*, n.º 265, 30 de Outubro de 1927, p. 5 na rubrica «Semana Infantil», assinado por Rosa Silvestre. Será ainda publicado uma terceira vez na revista *Joaninha*, n.º 24, 28 de Dezembro de 1936, pp. 6 e 14.

<sup>227</sup> Maria Lamas, *No Quarto das Malas*, in *O Gaiato*, n.º 4, p. 10.

<sup>228</sup> Maria Lamas, op. cit., p. 10.

Em 1970, após o regresso do exílio, Maria Lamas recebe o convite de Maria do Carmo Rodrigues<sup>229</sup> (1924-....) para contribuir com contos ou outros escritos para o seu jornal infantil:

Minha querida amiga:

Apetecia-me escrever muito mais do que “minha querida amiga”. Parece-me uma forma convencional de principiar uma carta quando não há nada de convencional no modo como lhe quero. E por que só agora lhe escrevo? Todos os dias o desejo fazer e, portanto, muito penso em si, mas os dias vão passando – muito depressa passam os dias! Penso no seu regresso, na felicidade que ele trouxe a todos os seus amigos portugueses. Mas penso também em certas renúncias desse regresso. Com isto quero apenas dizer-lhe que o meu coração a acompanha. Por mim estou contente por a ter mais perto, poderei vê-la frequentemente em Lisboa e talvez, um dia não muito longe, na Madeira. Mas houve um bocadinho da beleza de Paris que se perdeu, Paris ficou mais distante e mais ignorado. Gostei de a encontrar no «Diário de Lisboa». Foi um recordar de conversas semelhantes. E gostaria de a ouvir dizer-me, em breve, que reencontrara aquela calma desejada, de que me falou em Paris, para rever os seus livros, pensar em reedições. E que se sentia melhor de saúde, que estava feliz junto dos seus filhos e dos amigos. Que em sua consciência estava a viver, naquele sentido tão largo que sempre a sua inteligência deu a esta expressão.

A nossa «Canoa» vai tornar-se semanal, de Março em diante, com distribuição independente da do Eco, portanto distribuição em Lisboa, e com o dobro das páginas. Terá publicidade e várias outras secções. Mantenho aquela ideia de impressões de viagens ou de perspectivas de vida no estrangeiro, de que lhe falei em Paris – lembra-se? Terá alguém que me indique? Claro que preciso de um maior número de colaboradores para conseguir aquele jornalzinho que sonho, sempre variado, sempre vivo. Terá tempo, senhora dona Maria, de escrever algum conto? Ou algumas das suas observações da vida infantil em Paris? Penso também relembrar livros esgotados, transcrevendo trechos. Mas da sua obra para crianças só tenho “Maria Cotovia”. Se me quisesse mandar os outros, por empréstimo, eu tiraria alguns excertos sem grande demora. Num jornalzinho de oito páginas e semanal, não posso estar a contar somente com originais, até por uma questão económica. Já tenho colaboradores efectivos: Matilde Rosa Araújo; Madalena Gomes, Ricardo Alberty, Alice Gomes, Maria Isabel Anjo, três de cá da Madeira. Convidei mais quatro de Lisboa que ainda não responderam. Vamos lá ver se consigo levar esta «Canoa» a bom porto! Queria sobretudo que ela se masculinizasse um pouco pois está excessivamente feminina. Se tiver ideias, bem sabe que lhas agradeço do coração. Vou mandar-lhe os últimos números.

Maria do Carmo Rodrigues escreveu vários livros na área da literatura infantil, a saber: *Dona Trabucha, a Costureira Bucha* (1964) *O Vencedor* (1973), *Chamo-me Leovigildo* (1974), *Camélias Brancas* (1980), *Sebastião, o Índio* (1982), *Picapau - O Jardim de Rosalina* (1988), *Estou a Crescer* (2003), *Aventuras de Chico Aventura* (2005). Dirigiu a revista *UNICEF Informação* e o jornal *Canoa*.

---

<sup>229</sup> Carta manuscrita de Maria do Carmo Rodrigues a Maria Lamas, datada de 20 de Fevereiro de 1970. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.156.

## 3. JORNALISMO FEMININO

A imprensa feminina assiste a uma expansão onde se aborda preferencialmente os aspectos da beleza feminina, que era até então abordada em “obras de poetas, romancistas ou médicos”.<sup>230</sup> Mas a partir do século XX, foram as revistas femininas que se tornaram os principais vectores de difusão de imagens e definição de beleza femininas, valorizando o aspecto social dos cuidados corporais.

Segundo Gilles Lipovetsky, a primeira imprensa de carácter estritamente feminino, explode nos últimos decénios do século XIX. Reportando-se à imprensa feminina estrangeira, nomeadamente ao *Le Petit Écho de la Mode*<sup>231</sup>, Gilles Lipovetsky aponta que este jornal chega aos 200 000 exemplares em 1893 e a mais de um milhão em 1930. Nos Estados Unidos da América, a *Harper's Bazaar* surge em 1867 e a *McCall's Magazine*, em 1870, o *Ladies Home Journal* em 1883 e a *Vogue* em 1892, com tiragens que ascendem a vários milhões de exemplares. No entanto, até 1900, estas revistas centravam-se em conselhos sobre vestuário. Só mais tarde se debruçam sobre outros assuntos referentes às mulheres. Em Portugal, não se destoa do que se faz lá fora.

As mulheres contribuíram para a difusão da mensagem discursiva presente nos jornais e nas revistas, inscrevendo a sua identidade jornalística nos textos que redigiram. “Geralmente silenciadas pela história da cultura, por o haverem sido das esferas do poder público, só muito recentemente a actividade jornalística começou a ser objecto de análise histórica”.<sup>232</sup>

A imprensa feminina sofreu um grande desenvolvimento no século XIX, sobretudo a partir de 1850<sup>233</sup>, não obstante o jornalismo feito por mulheres não ser diário e se restringir a temáticas femininas ou feministas.<sup>234</sup> Os costumes e a moral do

<sup>230</sup> Gilles Lipovetsky, *A Terceira Mulher, Permanência e Revolução do Feminino*, Lisboa, Instituto Piaget, 2000, pp. 151-152.

<sup>231</sup> Com início de edição em 1879.

<sup>232</sup> Veja-se a este propósito Irene Vaquinhas, «As mulheres na imprensa regional. O caso de A Comarca de Arganil (1901-1980)», *Ler História*, n.º 45, 2003, p. 64.

<sup>233</sup> Veja-se a este propósito o inventário de títulos apresentado por Maria Ivone Leal, *Um Século de Periódicos Femininos. Arrolamento de Periódicos entre 1807 e 1926*, Lisboa, CIDM, 1992.

<sup>234</sup> Mary Louise Roberts, «Copie subversive: le journalisme féministe en France à la fin du siècle dernier», *Clio. Histoire, Femmes, Société*, 6 – Femmes d’Afrique, 1997, p. 234, citado por Irene

tempo impediam-lhes o acesso ao jornalismo de reportagem, baseado na observação e no testemunho directo da realidade vivida e presenciada, sob pena de caírem no ridículo ou de serem conotadas com a prostituição.<sup>235</sup>

Num contexto histórico preciso, em que se discutia a nível nacional a conveniência da instrução feminina<sup>236</sup>, escrever num jornal era tido como um acto transgressor, de cunho eminentemente viril, e uma usurpação de uma actividade exercida desde tempos longínquos pelos homens, uma vez que o poder da palavra pública era considerado prerrogativa masculina.<sup>237</sup> Raras eram as mulheres que escreviam na imprensa diária. Constituíam verdadeiras excepções à regra, dando origem a comentários depreciativos, inclusive das próprias colegas de ofício. É o caso, entre outras, da escritora Maria Amália Vaz de Carvalho, que, ao ser convidada, em 1868, para colaborar no recém-criado jornal *A Voz Feminina*, se recusou, argumentando que “o jornal enfim, deve ser masculino, porque só os homens têm o espírito positivo que esse género demanda”.<sup>238</sup> Não admira, por conseguinte, o recurso frequente a pseudónimos, anagramas ou iniciais, atrás dos quais as colaboradoras de jornais ou de revistas escondiam a sua verdadeira identidade, preservando-se assim da eventual maledicência ou da agressão pública.

Era difícil às mulheres manifestarem-se abertamente, se não recorressem ao anonimato. A explicação para a máscara do anonimato utilizada pelas mulheres pode encontrar-se tanto nas facetas da mentalidade da época, masculina ou feminina, como nas dificuldades pessoais que as autoras teriam em se expor num meio relativamente pequeno. O receio de críticas em relação ao que se propunham dizer poderia ser uma das razões para a escolha e uso dos pseudónimos. Mas, este será, talvez, “apenas um dos aspectos do problema; o outro é que comportamentos femininos, mesmo na sua

---

Vaquinhas «As mulheres na imprensa regional. O caso de *A Comarca de Arganil (1901-1980)*», *Ler História*, n.º 45, 2003, p. 64.

<sup>235</sup> Irene Vaquinhas, «As mulheres na imprensa regional. O caso de *A Comarca de Arganil (1901-1980)*», *Ler História*, 45, 2003, p. 65.

<sup>236</sup> Irene Vaquinhas, «Miserável e gloriosa: a imagem ambivalente da mulher no século XIX», *Senhoras e Mulheres na Sociedade Portuguesa do Século XIX*, Lisboa, Edições Colibri, 2000, pp. 25-32.

<sup>237</sup> Lola Luna, «Escritoras para una historia literaria», *Leyendo como una Mujer. La Imagen de la Mujer*, Prólogo de Íris M. Zavala, Sevilla, Anthropos, 1996, p. 133, citado in Irene Vaquinhas «As mulheres na imprensa regional. O caso de *A Comarca de Arganil (1901-1980)*», *Ler História*, n.º 45, 2003, p. 65.

<sup>238</sup> Maria Isabel Moutinho Duarte Ildefonso, *As Mulheres na Imprensa Periódica do Século XIX. O Jornal A Voz Feminina (1868-1869)*, Tese de Mestrado, Lisboa, Universidade Aberta, 1998, p. 14.

dimensão intelectual, estão frequentemente associados a comportamentos sociais e morais da época.»<sup>239</sup>

Maria Lamas escreve também um artigo, em que assina com o pseudónimo de Serrana d'Aire, no jornal *A Comarca de Arganil*.<sup>240</sup>

Maria Lamas escreve profusamente no jornal *A Voz* durante três anos, desde 1927 a 1929. Inicia a sua participação, neste jornal, a 31 de Janeiro, utilizando o pseudónimo de Rosa Silvestre, 31 Janeiro 1927, com o conto *O Balão Mágico*<sup>241</sup>, na secção «Semana Infantil». Com este pseudónimo serão publicados vários contos e poemas. Mas a jornalista assina com o pseudónimo de Serrana d' Ayre, a secção «Cartas às Mães» e a secção «Cartas às noivas», onde aborda várias temáticas. De realçar que muitas das contribuições são publicadas na primeira página, o que não acontecia frequentemente, a articulistas femininas. Serrana d'Ayre inicia a sua contribuição no jornal *A Voz*, em 16 de Janeiro de 1928, ou seja, um ano depois de colaborar na «Semana Infantil», e termina a 30 de Maio de 1929, quando já integra a redacção da revista *Modas & Bordados*.

Participações de Serrana d'Ayre no jornal *A Voz*: «Pensem nos que sofrem»<sup>242</sup>; «O pudor da mulher»<sup>243</sup>; «Um apelo»<sup>244</sup>; «Os maus livros»<sup>245</sup>; «O veneno da ambição»<sup>246</sup>; «Os perigos da ociosidade»<sup>247</sup>; «A vida simples»<sup>248</sup>, «O casamento»<sup>249</sup>, «Os Dias de Provação»<sup>250</sup>; «A suave beleza e o terno significado das festas de família»<sup>251</sup>, «A beleza moral e a importância da maternidade»<sup>252</sup>, «A benéfica influência da mulher nas horas da adversidade»<sup>253</sup>, «As relações perigosas e as que devemos conservar»<sup>254</sup>, «Os cuidados maternos»<sup>255</sup>, «A boa disposição, segredo dos lares

<sup>239</sup> Ana Maria Costa Lopes, *Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos, Recursos de Modernidade*, Lisboa, Quimera, 2005, p. 326.

<sup>240</sup> Irene Vaquinhas, op. cit., p. 69.

<sup>241</sup> *A Voz*, n.º 2, 31 de Janeiro 1927, p. 3.

<sup>242</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 340, 16 Janeiro 1928, p. 3.

<sup>243</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 445, 4 Maio 1928, p. 1.

<sup>244</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 455, 14 Maio 1928, p. 1.

<sup>245</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 462, 21 Maio 1928, p. 1.

<sup>246</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 469, 28 Maio 1928, p. 1.

<sup>247</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 485, 13 Junho 1928, p. 3.

<sup>248</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 490, 18 Junho 1928, p. 6.

<sup>249</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 497, 25 Junho 1928, p. 1.

<sup>250</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 532, 30 Julho 1928, pp. 1-2.

<sup>251</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 539, 6 Agosto 1928, p.1.

<sup>252</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 546, 12 Agosto 1928, pp. 1-2.

<sup>253</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 553, 20 Agosto 1928, pp. 1-6.

<sup>254</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 560, 27 Agosto 1928, pp. 1-6.

<sup>255</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 567, 3 Setembro 1928, p. 1.

felizes»<sup>256</sup>, «A vaidade, origem de muitos males»<sup>257</sup>, «Saibamos ser cristãos»<sup>258</sup>, «A alegria cristã»<sup>259</sup>, «O que é a verdadeira beleza»<sup>260</sup>, «A literatura e as mulheres»<sup>261</sup>, «A literatura e as mulheres II»<sup>262</sup>, «Eduquemos a mocidade na disciplina de Cristo»<sup>263</sup>, «O culto da verdade»<sup>264</sup>, «Não devem desprezar-se os pequenos defeitos»<sup>265</sup>, «A mentira é um mal que urge combater»<sup>266</sup>, «O amor do próximo»<sup>267</sup>, «A fragilidade das boas intenções»<sup>268</sup>, «A bondade e a fraqueza»<sup>269</sup>, «Precisamos de saber envelhecer»<sup>270</sup>, «Depois da falsa alegria da quadra carnavalesca, recordemos que a verdadeira alegria provém do espírito e não da matéria»<sup>271</sup>, «O perigo da má leitura e a responsabilidade moral dos escritores»<sup>272</sup>, «Os lares cristãos são o mais forte sustentáculo da sociedade»<sup>273</sup>, «A dor sofrida cristãmente aproxima-nos de Deus»<sup>274</sup>, «A propósito de Antero de Quental».<sup>275</sup>

Na última participação no jornal *A Voz*, Serrana d' Ayre, na secção «Cartas às Mães», com o título «A propósito de Antero de Quental», dirige-se às mães, dando como exemplo o que aconteceu com o poeta:

Todas as mulheres portuguesas, de mediana instrução, conhecem o nome de Antero de Quental e sabem que este nome pertenceu a um grande poeta, embora poucas tenham lido os seus versos. O que a grande maioria ignora é a tragédia íntima deste homem, que, sendo um génio, foi também um desgraçado, que o vento da descrença precipitou no abismo horrível do desespero. Não é minha intenção apreciar a Obra e a tão discutida personalidade de Antero de Quental, particularmente relembado e enaltecido nos últimos tempos.

Desejo, apenas, chamar a atenção das minhas leitoras para a grande lição e terrível exemplo que a vida do torturado Poeta deve representar para todos nós. Antero de Quental, em cuja alma se debatiam os mais desconhecidos sentimentos, tinha a aspiração suprema do Bem e da Verdade; porém, em vez de caminhar ao encontro da Luz, embrenhou-se nas trevas, deixou o caminho da

<sup>256</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 574, 10 Setembro 1928, pp. 1-6.

<sup>257</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 581, 17 Setembro 1928, pp. 1-6.

<sup>258</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 590, 26 Setembro 1928, p. 3.

<sup>259</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 595, 1 Outubro 1928, pp. 1-6.

<sup>260</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 601, 8 Outubro 1928, pp. 1-2.

<sup>261</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 615, 22 Outubro 1928, p. 6.

<sup>262</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 622, 29 Outubro 1928, p. 1-6.

<sup>263</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 629, 5 Novembro 1928, pp. 1-6.

<sup>264</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 636, 12 Novembro 1928, pp. 1-6.

<sup>265</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 650, 26 Novembro 1928, pp. 1-6.

<sup>266</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 658, 5 Dezembro 1928, pp. 1-2.

<sup>267</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 671, 18 Dezembro 1928, p. 3.

<sup>268</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 688, 16 Janeiro 1929, p. 5.

<sup>269</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 705, 23 Janeiro 1929, p. 3.

<sup>270</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 716, 4 Fevereiro 1929, p. 1.

<sup>271</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 729, 18 Fevereiro 1929, p. 1-6.

<sup>272</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 737, 26 Fevereiro 1929, p. 1.

<sup>273</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Noivas», n.º 757, 18 Março 1929, p. 1-2.

<sup>274</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 768, 29 Março 1929, pp. 1-6.

<sup>275</sup> *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 828, 30 Maio 1929, p. 3.



Fé, o único seguro e perdeu-se nos labirintos da dúvida, sucumbindo, por fim, tragicamente, num instante de irremediável desalento!

Podia ter sido um Santo, e foi uma vítima da sua própria ânsia de perfeição!

A jornalista prossegue, inicialmente, caracterizando a época em que se vive, seguindo um cunho religioso e chamando a atenção das mães para o factor Deus e para a fé que é necessário ensinar às crianças, para que elas se fortaleçam:

É certo que a hora que estamos vivendo, agitada, febril, anárquica, o ar impregnado de desordem e paganismo, que se respira, embriagam frequentemente os espíritos, arrancando dos corações a plantazinha mimosa, frágil, da Fé, ali plantada nos anos risonhos da infância. Porém, sucede com mais frequência, ainda, as crianças desenvolverem-se, chegarem à idade adulta, ricos de conhecimentos científicos, falando várias línguas, sabendo discutir arte, música, mas pobrezinhos de crença, ignorantes dos preceitos que o Senhor impôs aos homens e cegos para a doce claridade que o Amor e Confiança em Deus derramam nas almas.

Por ser assim, estas crianças, quando chegam à idade adulta debatem-se em grandes lutas, descontentes com a vida e consigo próprias, sem compreenderem o mal que “as vai minando”, sem se lembrarem “de erguer para o alto os seus olhos cansados e o seu pobre coração insatisfeito.”

Para a jornalista:

É dever de todas as mães, de todas as mulheres – porque são as suas mãos carinhosas e diligentes, que moldam, por assim dizer, o espírito das crianças – arreigar-lhes nas alminhas tenras e puras a Fé inquebrantável, que as robustecerá para a luta e norteará a sua existência. De que serve a inteligência – esse facho deslumbrante, onde, tão claramente, se reflecte a Omnisciência do Criador – se a Fé a não esclarecer?

Serrana d’Ayre continua a fazer um apelo à religião, tornando-a factor de resolução dos problemas. Com uma instrução religiosa capaz, as crianças tornar-se-ão melhores e mais seguros adultos:

Não basta ensinar às crianças a fazer o sinal da cruz, a rezar o Padre-nosso, a venerar Maria Imaculada e os Santos.

Exactamente porque a instrução religiosa tem sido tão descurada, tão insuficiente, transmitindo-se, assim, de geração para geração, cada vez menos profunda, chegámos a um ponto em que poucos sabem as verdades que o Cristianismo encerra e a consolação incomparável, divina que o seu conhecimento nos proporciona.

E tão superficial, tão inconsistente é a instrução religiosa recebida pelas modernas gerações que basta um leve sopro de mundanismo, o esboço duma insinuação maldosa, para que a indiferença triunfe da Fé vacilante, nas pobres almas aturdidas pelos pregões desta falsa civilização, que dá conforto exterior à Vida, divulga a ciência, proclama direitos, mas não atende a perfeição moral, a elevação do espírito, factores indispensáveis do verdadeiro progresso, da única civilização capaz de corresponder ao que esta palavra mágica realmente significa.

A jornalista prossegue, quase num tom acusatório da ignorância de quem educa:

Tanto nos preocupamos com os nossos filhos, tanta alegria e ventura, sonhamos para o seu futuro e tão mal sabemos prepará-los para triunfar das lutas íntimas, dos assaltos inesperados e terríveis dos mil inimigos que trazemos escondidos em nós mesmos!

Afirmando que sem o conhecimento de Deus não é possível alcançar a paz, Serrana d'Ayre aconselha:

Aqui fica o conselho a todas as mães e a todas as mulheres que tiverem a seu cargo a educação da mocidade.

Ensinai-a a conhecer o senhor; cultivar nas suas almas a flor prodigiosa da Fé e preparar-lhe-eis um porvir menos tempestuoso, dando-lhe, assim, um arrimo seguro para as horas inevitáveis de abatimento e tristeza.

Mas o que pensa a jornalista Maria Lamas sobre as mulheres jornalistas? O jornal *A Província de Angola*<sup>276</sup> publica em 11 de Abril de 1942, uma entrevista realizada por Lília da Fonseca (1916-1991), com o título «Um inquérito oportuno: Depõe uma jornalista», na qual Maria Lamas expressa a sua opinião.

Maria Lamas começa por dizer que conhece o jornal e que colecciona os «Suplementos de Domingo», nos quais Lília da Fonseca colabora. Em relação ao exercício do jornalismo conjuntamente com os homens, Maria Lamas considera que:

Uma mulher nunca deve deixar de ser senhoril, seja qual for o cargo que desempenhe ou a posição que ocupe na sociedade. De resto, ser senhoril, não significa, de modo algum, ser piegas ou excessivamente frívola. Ser senhoril quer dizer: ser de uma impecável correcção em todos os seus actos e atitudes, saber sorrir, ser gentil, sem deixar de se impor ao respeito daqueles com quem convive.

À pergunta se a mulher que se masculiniza não tem probabilidade de triunfar na carreira a que se dedica, Maria Lamas responde:

A mulher tem sempre vantagem em ser Mulher, no sentido mais nobre e elevado da palavra. Uma profissão produz, geralmente uma certa deformação em quem a exerce. É quase impossível fugir a essa influência; mas, ainda assim, a mulher que conseguir, através de todas as situações manter-se feminina - sempre num sentido de equilíbrio e dignidade, é claro - terá pelo menos, muito mais simpatias e até maior respeito da parte dos homens com quem tenha de trabalhar. Pelo menos, eles continuarão a ter assim, mais facilmente a ilusão da sua superioridade...

---

<sup>276</sup> O jornal foi fundado em 1923 e o último número foi publicado em 19 de Junho de 1975.

O que pensa Maria Lamas, sob o ponto de vista moral e social, do crescente profissionalismo da mulher no campo intelectual?

O problema do profissionalismo da mulher, em qualquer campo, liga-se intimamente com o problema económico, a evolução dos costumes e o próprio desenvolvimento intelectual; o desenvolvimento intelectual da mulher, para ser realmente benéfico, sob o ponto de vista moral e social, não deve anular aquelas qualidades de dedicação, ternura e ...indulgência que são, digam o que disserem, as suas mais belas prerrogativas.

Para Maria Lamas “o desenvolvimento intelectual da mulher deve ser um elemento de perfeição e, como tal, influir na organização inteligente da vida doméstica, na criação e educação dos filhos e, até, na verdadeira compreensão da camaradagem com o marido.”

Em relação à sua vida profissional, Maria Lamas afirma ter

A certeza de que a vida é uma luta desigual. Uma vez a vantagem é nossa; outras vezes é dos nossos competidores. Mal vai quem não está sempre vigilante. Mas o nosso grande inimigo está quase sempre em nós próprios. Pois bem, devemos viver a nossa vida, conforme uma directriz segura e nobre; desconfiar sempre de nós e dos outros, que é como quem diz proceder sempre como se não pudéssemos contar com coisa alguma, de resto é difícil chegar a uma conclusão, porque a vida encarrega-se de as destruir todas. O único meio de triunfar honestamente é pelo valor próprio quando o tivermos.

O jornal *Mãos de Fada* começa a ser publicado em 1945, em Janeiro de 1949, já atingiu o nº 43 e usufrui de um «Suplemento Literário». Contém a citação de Visado pela Comissão de Censura, apresentando-se o suplemento com quatro páginas, o editor é Mário de Aguiar, a composição e impressão da responsabilidade de Bertrand (Irmãos), Limitada, que se situa na travessa da Condessa do Rio, 7 em Lisboa. A redacção e administração na Rua do Arsenal, 60, 2º, Lisboa, com o número de Telefone 26208. Neste suplemento colaboram Maria Lamas, Armindo Rodrigues, Lília da Fonseca entre outros.

De Armindo Rodrigues, (1904-1993) conhecido de Maria Lamas, por ter participado na campanha eleitoral de Norton de Matos e ter feito parte do Movimento de Unidade Democrática (MUD), são publicados na rubrica «Versos», dois poemas, retirados do livro *A Esperança Desesperada*, publicado em 1948. Um dos poemas é dirigido aos homens como, de resto mostra o próprio título: «Homem, abre os olhos e verás» aborda a solidariedade e a temática da paz:

Homem,  
Abre os olhos e verás  
Em cada outro homem um irmão.

Homem,  
As paixões que te consomem  
Não são boas nem más.  
São a tua condição.

A paz,  
Porém, só a terás  
Quando o pão que os outros comem,  
Homem,  
For igual ao teu pão.

Logo na primeira página, o suplemento, que não apresenta número, reproduz um artigo intitulado «A instrução da mulher», por Ana de Castro Osório (1872-1935), com o antetítulo «O que as nossas escritoras diziam há 40 anos»:

Não há por aí senhora da geração de nossas mães, rudimentarmente educada que fosse, que não tenha chorado com os romances de Camilo, que não tenha discutido e amado Júlio Diniz, que não conheça Garrett e Herculano, que se não lembre com saudade da «Lua de Londres», que não tenha recitado Soares dos Passos e Castilho, Palmeirim e Tomás Ribeiro, que não tenha cantado essas poesias, que entraram no ouvido de todos em modinhas e cantatas, compostas por músicos ignorados.

Isto numa época em que a mulher não tinha, como a de hoje, facilidade em se instruir, em que a instrução por essas províncias fora era um caso esporádico, em que os liceus não eram franqueados e nas escolas superiores se falava do exemplo de Públia Hortênsia de Castro, que cursou a Universidade vestida de homem, como um caso fabuloso, porventura menos provável do que a sabedoria de Minerva, a deusa mitológica da ciência.

O que significa que a mulher jovem há trinta ou quarenta anos, sem ter a alta cultura de uma grande dama da corte brilhante de D. Manuel, era, sem dúvida, muito superior à de hoje, que não conhece os seus escritores nem compreende os seus poetas.

Se bem que a Arte, embora na sua forma mais intelectual – a literatura – não possa dar à mulher o grau de conhecimentos, a soma enorme de noções exactas da ciência que são necessárias para construir hoje a educação de qualquer criatura regularmente culta, é bem certo que eleva as almas e constitui um dos mais nobres ideais da existência humana.

A mulher desconhece os escritores do seu tempo e deixou de se preocupar pela literatura, porque não temos romancistas que a interessem e os poetas deixaram de lhe falar ao coração... – costuma dizer-se para desculpar uma falta que todos reconhecem e da qual ninguém se confessa culpado.

Seguramente que a maior, se não a única responsável é a mulher, que assiste sem compreender, ao avançar vitorioso da civilização que há-de expulsar os ignorantes como párias inúteis de uma sociedade que se encaminha para a luz.

Poetas e prosadores deixaram, é certo, a azinhaga florida do romantismo para seguirem pela estrada arejada de um novo ideal estético, para uma forma mais verdadeira e humana. Mas porque os não seguem as mulheres?

Por que se quedam numa indiferença<sup>277</sup> que as distancia do tempo, que as torna tão alheias a tudo quanto interessa o homem do seu país, da sua sociedade, do seu próprio lar?

Não ler porque não há quem escreva a seu gosto no nosso país é... apenas uma desculpa. Temos hoje, como sempre tivemos, quem escreva bem. Todos os anos, a par do grande aluvião de livros

---

<sup>277</sup> Ana de Castro Osório assume aqui claramente uma crítica às mulheres.

sem valor que ficam nos depósitos das casas editoras para serem vendidos a peso de papel, ou dados como brinde a quem compra outros livros, publicam-se os bastantes para saciar a curiosidade vulgar em quem tem o hábito da leitura.

O que não falta não são os escritores nem as suas obras.

Falta o público que dê no seu aplauso ou no seu desagrado o incitamento de que precisa todo o artista para fazer obra em que ponha toda a alma, toda a energia do seu espírito, na inspiração de progredir e vencer a concorrência, que então se dá material e áspera, mas compensadora para os triunfantes.

Quem lê no nosso país? Uma minoria de intelectuais que prefere a literatura estrangeira e que a maior parte das vezes não compra sequer os livros portugueses, que poderão ler de empréstimo ou oferecidos.

Não lê no nosso país, a grande maioria dos homens, porque não encontram para isso campo que lhes fale dos seus afazeres ou da vida desgarrada por cafés e clubes, na conversa de conhecidos e amigos encontrados sempre nas horas de sobejo.

Não lêem as mulheres, o que é muito pior. Porque é em toda a parte o grande público feminino quem lê os poetas e os romancistas, quem assina os «magazines» e revistas, quem conhece as mais interessantes brochuras de viagens, quem discute os seus autores, quem faz, enfim, uma reputação literária.

Entre nós, a não ser nos centros intelectuais de que as mulheres só raramente fazem parte, não se fala em literatura, não se conhecem os escritores e não há – o que é significativo – o menor desejo de os conhecer.

Para muitas senhoras que lêem e gostam de ler é um facto desconsolador o pensarem que serão ridicularizadas e que os ignorantes as alcunharão de «sabichonas» e «doutoras», se por acaso entram em conversa que transponha os limites literários dos folhetins dos jornais ou da secção de modas.

Mas será isto motivo bastante para se desinteressarem tão completamente pela literatura do seu país?

Fugindo do ridículo com que foram tão cruelmente perseguidas as românticas de há vinte anos, as mulheres deixaram de ler com receio de que as chamassem «literatas» - o epíteto mais desagradável que podia ser dito a uma senhora que era vista com um livro na mão.

Pararam, indecisas, isto é, retrogradaram, porque em civilização não há paragens que não sejam retrocessos.

E foi este o motivo porque se deu o afastamento cada vez mais pronunciado da mulher portuguesa pela arte e pelos artistas do seu país e do seu tempo. É desolador este sintoma, porque nos mostra como é feita sem elevação moral, nem intelectual a educação das mulheres que hão-de ser as educadoras das futuras gerações. Numas, as que se dizem educadas, os seus conhecimentos são apenas um mostruário vistoso de habilidades e conhecimentos superficiais, que não iludem ninguém. Outras conservam-se na mais boçal ignorância, na mais completa indiferença pelas coisas de espírito.

.....  
É urgente que se convençam de que a mulher ignorante é o mais triste e aborrecido verbo-de-encher que a sociedade agasalha. Se é bonita, elegante, e veste bem, começa por ser um prazer para os olhos e acaba por se tornar um desprazer maior para o espírito, quando responde com o mutismo da ignorância convicta, ou com a tagarelice da ignorância atrevida a uma simples conversa em que as pessoas cultas jogam com ideias e conhecimentos.

Isto olhando-a pelo lado social, que na vida familiar os efeitos da ignorância feminina são ainda de mais tristes e deletérias consequências.



Em 1949, Maria Lamas aposta na criação de uma revista feminina a exemplo das revistas norte-americanas. Deste modo surge a revista *As 4 Estações*, inicialmente prevista em quatro tomos: Primavera<sup>278</sup>, Verão<sup>279</sup>, Outono<sup>280</sup> e Inverno<sup>281</sup>, mas o último tomo não viria a ter concretização neste projecto que tinha a parceria de Actuais, Lda., o qual viria a soçobrar, por questões financeiras. No entanto, no prefácio ao primeiro tomo afirma-se que:

Um bom livro é um companheiro indispensável na jornada da Vida. *As Quatro Estações* deseja ser esse companheiro agradável e sincero, ajudando a preencher, com proveito, as horas em que o espírito procura alargar os seus horizontes, para além da rotina diária, das responsabilidades e cuidados materiais.<sup>282</sup>

E esclarecendo o conteúdo prossegue: “Não apresenta apenas um autor: reúne vários autores, num sentido de cooperação, tendo em vista aspectos da literatura, da arte, da ciência e também da vida prática, conforme a sequência natural das épocas do ano.”<sup>283</sup> Em relação aos objectivos aclara-se que:

Os quatro tomos em que se divide – PRIMAVERA, VERÃO, OUTONO e INVERNO – absolutamente independentes uns dos outros e incluindo, cada um, um romance completo, constituirão, no conjunto, uma obra valiosa, em moldes diferentes do usual, com interesse para toda a gente que lê e em especial para a mulher. Esta iniciativa, modesta embora, corresponde a

<sup>278</sup> Com saída prevista a 1 de Março de 1949.

<sup>279</sup> Com saída prevista a 1 de Junho de 1949.

<sup>280</sup> Com saída prevista a 1 de Setembro de 1949.

<sup>281</sup> A saída prevista era inicialmente para 1 de Dezembro de 1949.

<sup>282</sup> *As 4 Estações*, PRIMAVERA, coordenação de Maria Lamas, Actuais, Lda., Lisboa, 1949.

<sup>283</sup> *As 4 Estações*, PRIMAVERA, coordenação de Maria Lamas, Actuais, Lda., Lisboa, 1949.

um esforço enorme e sério, cujo fim é contribuir para o desenvolvimento do gosto pela leitura em Portugal.<sup>284</sup>

No primeiro tomo, PRIMAVERA, destacam-se, entre outros, Emília de Sousa Costa, Lília da Fonseca, Manuela Porto, Maria Lamas, Camilo Castelo Branco, Ilse Losa, Matilde Rosa Araújo. No segundo tomo, VERÃO, escrevem, entre outros, Julião Quintinha, Carlos de Oliveira, Hélio Quartim, Ramalho Ortigão. Participam no terceiro tomo, OUTONO, Arminda Gonçalves, Alda Beatriz, Jaime Brasil, Manuel do Nascimento, Júlio Pomar.

É, sobretudo, através das opiniões dos amigos e de publicações em revistas e jornais, que podemos apreender o significado das publicações editadas por Maria Lamas.

Para Guedes de Amorim (1901-1979), a revista *As 4 Estações* é manifestamente uma obra de qualidade, que não encontra igual nas publicações em Portugal. É precisamente esta a mensagem que lhe comunica por carta, em 28 de Abril de 1949<sup>285</sup>:

Há mais de duas semanas que ando a saborear, aos bocados, *As Quatro Estações*. Já lhe poderia ter dito, portanto, que gostei deste variadíssimo trabalho desde o primeiro momento. Mas, hoje, já com uma leitura quase completa da obra, sinto-me na obrigação de confessar-lhe que, a meu ver, esse seu trabalho representa qualquer coisa de muito novo e muito útil entre as nossas raras grandes publicações ilustradas. Faltava realmente entre nós uma obra assim de tão variada e proveitosa leitura, que tivesse um valor magazinesco de inteligente orientação, e, ao mesmo tempo, se distinguisse, pelo proveito cultural, de todos os magazines até hoje aparecidos. Com as suas 160 páginas, lembra uma pequena biblioteca, que se pode trazer até debaixo do braço, para preencher as horas vagas de toda uma estação, merecendo ficar depois na estante, para reler mais tarde. A Senhora D. Maria conseguiu efectivamente realizar uma interessante obra, tão moderna quanto inconfundível: bem vestida, com capa e ilustrações inconfundíveis pelo estilo e seriedade, o seu conteúdo interessa a todas as idades, sabendo ensinar e sabendo recriar, sem impertinência ou monotonia. Gostei – afirmo-lhe, bem sinceramente, do 1º vol. *“4 Estações”*. Gostei do seu romance, com trama tão feminino, tão psicologicamente profundo e verosímil, que, espero, ainda um dia reapareça muito mais desenvolvido; gostei também de outros artigos e secções, repletos de novidade e interesse. Estas qualidades, de resto, parecem comandar todo o grosso volume, pois, quando se chega ao fim, guarda-se a rara e agradável certeza de se ter aproveitado o tempo. Por isso, não me surpreenderá absolutamente nada que também o seu êxito de venda seja rápido e retumbante, o que é inteiramente merecido. Folgo muito com esta nova vitória, Senhora D. Maria.

A revista *As 4 Estações* é anunciada na imprensa, quer nacional, quer regional. Na revista *Ler* (1-2-1949 e 4-5-1949); *República* (11-3-1949, 7-9-1949 e 28-11-1949)

---

<sup>284</sup> *As 4 Estações*, PRIMAVERA, coordenação de Maria Lamas, Actuális, Lda., Lisboa, 1949.

<sup>285</sup> Carta manuscrita de Guedes de Amorim, com o timbre do *Século Ilustrado* a Maria Lamas, datada de 28 de Abril de 1949. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.98, (transferida para a caixa 70).

*Diário do Alentejo* (17-5-1949); *Voz do Sul* (5-10-1949) *Povo Algarvio* (20-10-1949); *Correio dos Açores* (27-10-1949). A 8 de Maio de 1949, o jornal *Diário de Notícias* referia, que “nos países europeus e americanos de mais adiantada civilização – que corresponde a maiores preocupações espirituais – os magazines ocupam um lugar especial e intenso nas respectivas literaturas.” Para o articulista, a revista *As 4 Estações* “não teme confrontos com as melhores do estrangeiro”.

Para a concretização do projecto *As 4 Estações*, Maria Lamas envidou todos os esforços, efectuando todos os contactos possíveis, apesar de não ter obtido grandes resultados. A primeira resposta obtida e a única, com informações positivas, é a da Legação da Noruega<sup>286</sup>, a 24 Janeiro 1949, em resposta à carta de 22 de Janeiro. Enviam três páginas de informações sobre «Les droits des femmes», organizadas pelo Gabinete de Imprensa de Imprensa do Ministério Norueguês dos Negócios Estrangeiros, onde apresentam a história das mulheres na Noruega.

A 26 de Janeiro de 1949, chega a resposta da Legação da Turquia<sup>287</sup> à carta enviada a 24 de Janeiro, a informar que não têm nenhum material e indicam a Maria Lamas o nome de duas revistas turcas, para as quais se pode dirigir em francês ou inglês. Neste mesmo dia, a Legação da Suécia<sup>288</sup> remete a jornalista para a Associação das Mulheres Suecas, por não terem o material requisitado.

A 27 de Janeiro de 1949, recebe a resposta à carta enviada a 22 de Janeiro, à Legação da Dinamarca<sup>289</sup>, em Lisboa a informar que não têm material informativo, remetendo a jornalista para a Associação de Mulheres Dinamarquesas, com a indicação do respectivo endereço.

A 2 de Fevereiro de 1949, surge a comunicação da Legação da Holanda<sup>290</sup> que sugere que Maria Lamas se dirija à Legação de Portugal em Haia, porque se realizou naquela cidade uma exposição denominada «A mulher neerlandesa de 1898 -1948».

---

<sup>286</sup> Carta da Legação da Holanda a Maria Lamas, datada de 24 de Janeiro de 1949. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 36, referência 2.71.

<sup>287</sup> Carta da Legação da Turquia a Maria Lamas, datada de 26 de Janeiro de 1949. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 36, referência 2.71. As duas revistas são respectivamente: *EV Kadın* e *Kadın Gazetesi*, ambas de Istambul.

<sup>288</sup> Carta da Legação da Suécia a Maria Lamas, datada de 26 de Janeiro de 1949. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 36, referência 2.71.

<sup>289</sup> Carta da Legação da Dinamarca a Maria Lamas, datada de 27 de Janeiro de 1949. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 36, referência 2.71.

<sup>290</sup> Carta da Legação da Holanda a Maria Lamas, datada de 2 de Fevereiro de 1949. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 36, referência 2.71.



A Secção de Informações da Embaixada Britânica Lisboa<sup>291</sup> responde 4 de Fevereiro 1949, à carta de 22 de Janeiro, informando que não possuem livros e outros elementos de estudo, e remetem para o Instituto Britânico, rua Luís Fernandes, nº 3.

A 12 de Fevereiro de 1949, recebe a resposta da Legação da Suíça<sup>292</sup> em Portugal, a informá-la de que não tem material susceptível de interesse sobre os assuntos pedidos para «As 4 estações». Indicam que foi efectuado um pedido ao Departamento Político Federal de Berna, e caso tenham, enviarão.

Em Dezembro, Maria Lamas<sup>293</sup> é obrigada a desistir do seu projecto *As 4 Estações*. Em carta enviada a Guedes de Amorim, lamenta e explica o facto e devolve a colaboração recebida:

Meu prezado amigo

Recebi a novela que me enviou, pontualmente, no prazo marcado. É excelente! Digo-lho sinceramente.

Estava, porém, escrito, que as «4 estações» não publicariam a sua colaboração, como eu tanto desejava: O «Inverno» já não sairá, porque o meu sócio assim o determinou, visto as «4 estações» darem prejuízo a empresa.

Devolvo-lhe, pois, com a maior pena, o seu belo trabalho, para que disponha dele.

Julgo desnecessário afirmar-lhe o meu desgosto por esta resolução, que não posso impedir...

Faço, como sempre, ardentes votos pelas suas prosperidades e sou, inalteravelmente, a sua colega e amiga,

Admiradora gratíssima

Em 1950, Maria Lamas colabora no *Jornal Mãos de Fada*, mais propriamente no «Suplemento Literário», sob o pseudónimo de Vera. Um dos primeiros textos intitula-se «Primavera»<sup>294</sup> que reproduzimos:

A Terra refloresce! A vida canta, triunfalmente, na luz do Sol, no renovar das árvores e dos campos!

As almas vibram, numa ansiedade indefinível, e têm esperança, querem ter esperança...

Paira na atmosfera uma terrível ameaça. Fala-se de guerra!

Mas os corações repelem essa perspectiva horrível.

A humanidade tem fome e sede de amor fraterno. Amor e paz!

De manhãzinha, quando a luz é suave e pura, passam homens e mulheres que vão para o trabalho diário. O seu andar tem um ritmo vivo, seguro. Vê-los, dá confiança. Eles são a vida forte, construtiva, pacífica.

Nos parques e jardins, as crianças são visões de alegria e graça. Elas são a própria esperança!

<sup>291</sup> Carta da Secção de Informações da Embaixada Britânica a Maria Lamas, datada de 4 de Fevereiro de 1949. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 36, referência 2.71.

<sup>292</sup> Carta da Legação da Suíça a Maria Lamas, datada de 12 de Fevereiro de 1949. Biblioteca nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 36, referência 2.71.

<sup>293</sup> Carta manuscrita de Maria Lamas, com o timbre de *As 4 Estações*, a Guedes de Amorim, datada de 2 de Dezembro de 1949. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 41, referência 2.94.

<sup>294</sup> *Mãos de Fada*, n.º 59, Maio de 1950. «Suplemento Literário», p. 1.

Passa no céu azul, a reluzir como prata polida, um grande avião, que vai na sua rota, serenamente. Leva dez, vinte, trinta passageiros. Cá de baixo, seguem-no olhares em que brilha o desejo de ir também...É uma visão de progresso.

Dir-se-ia que a harmonia dos seres e das coisas se define melhor. Como é bom viver!

A dor existe, é bem certo, mas há, nestes períodos de glorificação da natureza, como que um êxtase universal, e até o que é mesquinho e triste e feio, é tocado, intimamente, de graça, quando chega a Primavera!

Os sonhos passam, em revoadas.

Cresce em cada alma um anseio de felicidade.

Nada mudou, na realidade das coisas definidas e comuns: o dia, a noite, o trabalho, a fadiga, o amor, o sofrimento. Todavia, um sopro de renovação envolve a terra e penetra os seres.

Há tanto tempo que o mundo espera a sua hora plena de vida sem ódios!

.....

Pensamentos soltos, sem nexos, isto que escrevemos? Talvez, mas traduz um anseio profundo de paz. Um desejo fremente de Primavera nas almas a reflectir a primavera magnífica do sol e da terra.

Cada planta tem a sua flor; cada árvore a sua sombra; cada ave o seu ninho.

Cada coração tem o seu amor.

E se algum existe, tão árido e deserto, que não conhece a felicidade de querer bem, é porque alguma coisa está errada na sua vida. Verdadeiramente, não existe Primavera para esse coração. E isso quebra a harmonia do mundo.

.....

Ao iniciar esta segunda fase da sua publicação, o «Suplemento Literário» traz às suas leitoras uma mensagem de esperança, uma mensagem de Primavera.

E deseja que entre todas se estabeleça, através destas páginas, uma corrente de confiança, de entendimento, que seja, para cada uma, uma força de moral e uma certeza reconfortante: a certeza de que, dispersas por todo o país, e mesmo em terras distantes de África e da América, milhares e milhares de espíritos femininos podem encontrar-se no mesmo anseio de vida harmoniosa, fecunda, plena de promessas, como este Maio primaveril.

Aqui estamos, pois, amigas, de coração aberto, ao vosso dispor!

Vera

Vera, aliás, Maria Lamas, apela às leitoras, para que se estabeleça uma relação de confiança, num local próprio, cujo veículo de comunicação será o suplemento da revista, o que, de facto, virá a ter efeitos práticos, com início em Maio de 1950 a Janeiro de 1951.

No editorial do «Suplemento Literário»<sup>295</sup> de *Mãos de Fada* salienta-se que o suplemento é de novo uma realidade. Para o editorialista:

O seu reaparecimento corresponde ao desejo manifestado por milhares de senhoras, e representa um esforço incalculável da nossa parte, para corresponder a esse desejo, vencendo as dificuldades relativas ao papel que, há cerca de um ano, motivaram a sua suspensão.

Este «Suplemento» é de todas as leitoras e só tem um fim: servir a Mulher portuguesa, proporcionando-lhe leitura agradável e ajudando-a a bem cumprir a sua missão no lar, na vida profissional e na sociedade.

O «Suplemento Literário» completa, de forma excepcional, a revista *Mãos de Fada*, que era já, com o seu «Suplemento» de rendas e ponto de cruz, a publicação de labores femininos mais desenvolvida e útil, editada no nosso país.

---

<sup>295</sup> *Mãos de Fada*, n.º 59, Maio de 1950. «Suplemento Literário», p. 1.

Estamos, pois, certos de que as suas numerosas leitoras e amigas compreenderão o alcance desta iniciativa, absolutamente desinteressada, enviando-nos a sua colaboração, seus alvitre e opiniões, para que possamos tornar este «Suplemento» cada vez mais útil, de harmonia com o gosto e a necessidade do seu público.

Pela nossa parte, tudo faremos para elevar, de número para número, o nível desta revista, que será, em cada casa, como uma amiga indispensável, cuja visita mães e filhas esperarão ansiosamente.

E essa será a nossa recompensa.

O novo suplemento, com o número de oito páginas, contará com a rubrica «A mulher em África», especialmente dedicada às leitoras de África. A quinta página será dedicada aos conselhos às leitoras, prestados por Vera, através da rubrica «Correio das Raparigas». Eis como se lhes dirige Maria Lamas<sup>296</sup>:

Venho conversar convosco, Amigas!

A minha idade? Não importa. Terei a idade que cada uma de vós desejar.

Conversaremos de tudo, em geral. E ouvirei também as vossas confidências; e procurarei ajudar-vos a resolver os vossos problemas pessoais, esclarecendo-vos, dizendo-vos algumas verdades que deveis conhecer, para melhor enfrentar e vencer as horas más da vida.

Teremos, neste «Suplemento», um cantinho só nosso. Digo teremos, porque eu estarei sempre convosco.

As raparigas têm tantas coisas a perguntar, tantas coisas a contar, do que se passa no seu íntimo, tanta necessidade de se sentirem amparadas com ternura! Não é verdade? Eu sei, por mim, como é doce e reconfortante abrir o coração a alguém que nos compreenda e queira bem!

Estou disposta a ser essa Amiga compreensiva e fiel. Tenho a certeza de que nos havemos de entender à maravilha.

Aguardo, agora, que me digam se esta minha resolução vai ao encontro os vossos desejos.

Vossa

VERA

Vera assina ainda, no mesmo número de *Mãos de Fada*, um texto de carácter interrogatório e de cariz intimista, formalizado numa questão, que, sobremaneira, interessará, senão a todos os seres humanos, pelo menos à maioria. Intitulado com a interrogativa «Queres ser feliz?», Vera interpela as futuras leitoras:

Eis uma pergunta que interessa a todas as jovens - que interessa a toda a gente!

Ser feliz é na verdade a suprema aspiração do ser humano. Mais do que isso: deveria ser a coisa mais natural da vida.

Evidentemente que não se trata daquela felicidade egoísta, feita de caprichos, ou mesmo daqueloutra que se resume a um amor correspondido ou à realização de qualquer coisa que vivamente desejamos.

Também não vamos dar uma receita milagrosa capaz de tornar feliz, de um dia para o outro, quem sempre tenha vivido em condições desfavoráveis. Desejamos apenas esclarecer os espíritos jovens acerca da possibilidade de ser feliz.

---

<sup>296</sup> *Mãos de Fada*, n.º 59, Maio de 1950. «Suplemento Literário», p. 5.

A felicidade a que nos referimos depende muito de nós próprias e, até, daquilo que esperamos da vida.

É certo que nem todas as pessoas têm a mesma capacidade para ser feliz. A doença e as dificuldades materiais da vida, por exemplo, criam, geralmente, uma predisposição para a tristeza e falta de confiança no futuro.

Deixemos, porém, esses casos especiais, por agora.

Falemos apenas das vidas que decorrem num ritmo normal – referindo-nos em especial às raparigas.

Primeiro que tudo, não devemos perder de vista as nossas possibilidades. É segundo elas que devemos construir os planos de futuro e, até, os nossos sonhos.

Uma jovem que considere felicidade ser «estrela» de cinema, ou viver as aventuras de qualquer heroína de filme americano, quando o seu caminho natural deveria ser preparar-se, mental e profissionalmente, para conquistar a sua independência económica e poder organizar o seu lar, quando encontrar um noivo do seu agrado, corre grave risco de ser infeliz.

Queremos dizer com isto que, ser feliz, não é realizar um ideal mais ou menos extravagante.

A felicidade só tem um sentido profundo quando resulta da harmonia da existência. Dependendo embora, em grande parte, de circunstâncias exteriores, essa harmonia tem que estar em nós mesmas, nas nossas aspirações, no nosso conceito de vida e, principalmente, na compreensão desta verdade: só é verdadeiramente feliz quem pensa primeiro na felicidade dos outros do que na sua própria.

Nesta pequena frase está contido todo um programa de vida! Um programa de respeito mútuo, de solidariedade perante o infortúnio de libertação interior.

Falaremos detidamente acerca de cada um destes pontos, nos próximos números deste «Suplemento».

Entretanto, aqui fica sucintamente exposto, um dos problemas mais importantes para a juventude.

- Queres ser feliz?

Esta pergunta acende um brilho maior no olhar, dá ao rosto uma expressão de expectativa ansiosa. Sim, todas querem ser felizes!

E porque não havemos de conquistar a felicidade?

VERA

A revista *Os Nossos Filhos*, dirigida por Maria Lúcia Namorado (1909-2000), anterior colaboradora da revista *Modas & Bordados-Vida Feminina*, inicia-se em Junho de 1942, com uma apresentação do Dr. Carlos Salazar de Sousa<sup>297</sup>, e conta com vários colaboradores<sup>298</sup>, entre os quais Prof. Dr. Castro Freire, Prof. Dr. Costa Sacadura, D. Emília de Sousa Costa, D. Fernanda de Castro, D. Guida Ottolini, José de Oliveira Cosme, D. Julieta Ferrão, D. Lília da Fonseca, Arquitecta D. Maria José Estanco, Dr.<sup>a</sup> Maria Teresa Paulo Rego, Dr. Mário Cordeiro, D. Raquel Roque Gameiro, Dr.<sup>a</sup> Teresa Leitão de Barros, Dr.<sup>a</sup> Virgínia Gersão, entre outros. Muitas pessoas que colaboraram na revista *Os Nossos Filhos* eram do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas<sup>299</sup>, segundo Maria Lúcia Namorado, directora da citada revista. Maria Lamas teve também a sua participação, com mais intensidade, no ano de 1952. Enquanto colaboradora da revista *Os Nossos Filhos* Maria Lamas dá duas entrevistas, uma sobre o que pensa da

<sup>297</sup> Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa.

<sup>298</sup> *Os Nossos Filhos*, n.º 1, Junho 1942, p. 9. Mas ao folhearmos a revista encontram-se muitos mais colaboradores e colaboradoras do que aqueles mencionados na revista. A revista era mensal.

<sup>299</sup> Ana Maria Rodrigues Borges, *Os Nossos Filhos, uma Revista dos Anos 40*, tese de mestrado em Estudos sobre as Mulheres Lisboa, Universidade Aberta, 1993, pp. 198-215.

literatura infantil<sup>300</sup>, e outra em Julho de 1949. Publica ainda uma crítica de índole literária, intitulada «Novas histórias maravilhosas», sobre Ana de Castro Osório, com o pseudónimo de Rosa Silvestre. Em 1944, mais propriamente em Janeiro<sup>301</sup>, publica o conto *O Balão Mágico*. No ano de 1952, o ano mais prolífico em publicações nesta revista, Maria Lamas publica *Aventuras da Zézinha e o João I*<sup>302</sup>; *Aventuras da Zézinha e o João II*<sup>303</sup>; *Aventuras da Zézinha e do João III: O Pássaro Mágico*<sup>304</sup>; *Aventuras da Zézinha e do João IV: Aparece um gigante*<sup>305</sup>; *Aventuras da Zézinha e do João V: o gigante e o seu moleque*<sup>306</sup>; *Aventuras da Zézinha e do João VI: a casinha verde*<sup>307</sup>; *Aventuras da Zézinha e do João VII: um reboiço na praia*<sup>308</sup>; *Aventuras da Zézinha e do João VIII: A Airinhas e a boneca de trapos*<sup>309</sup> e *Uma viagem à lua*<sup>310</sup>.

#### 4. CARGOS DE DIRECÇÃO

É visível a influência de Maria Lamas enquanto Directora da revista *Modas & Bordados*. Em 1936, recebe uma cópia<sup>311</sup> de uma carta da leitora Albertina da Conceição Múrias para reprodução na revista, que tinha sido enviada à Ilma. Senhora Dona Maria do Carmo Fragoso Carmona, Presidência da República. Lisboa. Albertina da Conceição Múrias, levada pelos nobres sentimentos de Maria Lamas, não hesita em se lhe dirigir:

Ilma. Senhora:

Permita V. Ex.<sup>a</sup> que lhe dirija algumas palavras que se me afiguram oportunas, dada a publicação feita em «Modas & Bordados», no seu número 1246, de 24 de Dezembro último, dos nobres sentimentos humanitários por V. Ex.<sup>a</sup> revelados à jornalista que teve a feliz ideia de a entrevistar com tão simpático fim.

<sup>300</sup> *Os Nossos Filhos*, n.º 17, Outubro, 1943.

<sup>301</sup> *Os Nossos Filhos*, n.º 20, Janeiro, 1944.

<sup>302</sup> *Os Nossos Filhos*, n.º 128, Março, 1952.

<sup>303</sup> *Os Nossos Filhos*, n.º 129, Abril, 1952.

<sup>304</sup> *Os Nossos Filhos*, secção «Para entreter os Pequenos», n.º 130, Maio, 1952.

<sup>305</sup> *Os Nossos Filhos*, n.º 131, Junho, 1952.

<sup>306</sup> *Os Nossos Filhos*, n.º 132, Julho, 1952.

<sup>307</sup> *Os Nossos Filhos*, n.º 133, Agosto, 1952.

<sup>308</sup> *Os Nossos Filhos*, n.º 134, Setembro, 1952.

<sup>309</sup> *Os Nossos Filhos*, n.º 135, Outubro, 1952.

<sup>310</sup> *Os Nossos Filhos*, secção «Era uma vez...», n.º 173, Novembro, 1955.

<sup>311</sup> Cópia de carta dactilografada de Albertina da Conceição Múrias a Maria Lamas, datada de 1 de Janeiro de 1936. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 18, referência 2.10.

É uma carta a realçar a miséria em que o povo vivia e o que os políticos deveriam fazer. Apresenta, também, um balanço da situação e como é que se chegou a ela.

Analisemos:

O fundo do desemprego, que arrecada milhares de contos por ano, é consumido ao desbarato arrancando-se-lhe verbas avultadíssimas para obras de igrejas inteiramente desnecessárias, por as haver em número mais que suficiente para os crentes praticantes.

A instrução dificultada ao máximo, não só por agravamento de propinas como ainda por medidas restritivas de frequência.

E prossegue a análise:

E se outros aspectos se podem focar, este da questão do pão bem merece não ser posto de parte. Pois não sabe V. Ex.<sup>a</sup> que foi decretada a proibição de cultura de trigo em determinadas terras, alegando-se que há uma superabundância deste cereal? E não sabe, também que grandes quantidades de trigo têm apodrecido nos celeiros de há dois anos para cá?

O trigo, desde a colheita até à sua passagem a pão, está em monopólio da Federação e tabelado a um preço elevado, do qual se retiram as avultadas verbas para assegurar o bem-estar de todos os que superintendem nas transacções e sua fiscalização.

Aborda, também, a questão da liberdade de imprensa:

Porque se não decreta a liberdade de imprensa, depois de decretada como esta uma severa lei que a regula? Pois não bastaria esta para chamar à responsabilidade quem acusasse sem provas? Que consciência limpa é essa que tanto medo tem do adversário sem razão?

Relativamente a Salazar, afirma: “Mas o doutor Salazar mostra-lhes o papão bolchevista com todas as sombrias cores e tramas que a polícia conhece... e aos seus mais bons-homens diz-lhes do perigo que os cerca dos dois lados: mais para a direita - a Alemanha; mais para a esquerda - a Rússia.”

E, prossegue, quase num tom ameaçador:

E oxalá que as minhas palavras, sinceramente sentidas e tão deficientemente expostas, calembem em vossa alma e possam gerar a vontade consciente e imperiosa de as perfilhar na sua essência. Porque é meu desejo levar a doutrina desta carta junto de outros espíritos femininos que possam encarná-la e defendê-la, mais me permito que V. Ex.<sup>a</sup> se digne interceder que a Censura à Imprensa não impeça a sua publicação no jornal «Modas & bordados», para onde endereço uma cópia com o pedido de publicação.

Procede, em seguida, a uma comparação entre como se vive em 1936 e no período anterior:

Antes do 28 de Maio, vivia-se no estado de decomposição do régimen democrático -burguês, eivado de todos os defeitos herdados da velha monarquia e acrescidos com a depressão moral resultante da fraqueza de direcção na administração dos negócios públicos. As classes trabalhadoras, mal preparadas para a conquista de maiores liberdades e mais justa independência económica, exerciam certa mas desorientada pressão sobre os governos no sentido de lhes ser garantida a existência como factor primacial na produção e desenvolvimento das riquezas nacionais. Já, como em todos os tempos, lavrava a fome em muitos lares e os velhos, os inválidos, as mulheres e as crianças sem amparo, vagueavam pelas ruas num estado confrangedor de miséria estendendo a mão à caridade pública. O excesso de produção por virtude do aperfeiçoamento mecânico das indústrias e da lavoura, a diminuição de trabalho e consequentemente a redução na capacidade de compra, fizeram aumentar consideravelmente o número dos sem trabalho e daí a crise que se vinha atravessando.

## 5. OUTRAS CONTRIBUIÇÕES

José Rocha, jornalista do *Correio dos Açores*<sup>312</sup> assina ao artigo intitulado «Amigos de S. Miguel, D. Maria Lamas», onde se orgulha de ter tido “a suma honra de ser apresentado à jornalista D. Maria Lamas, em casa de Domingos Rebelo (1891-1975).” O mestre acabara de pintar em tamanho natural o retrato da mulher a quem S. Miguel tanto deve pelo “bom reclame que na capital e em todo o país, por intermédio do jornal «O Século», D. Maria Lamas fez há bem pouco tempo.”<sup>313</sup> O jornalista informa os leitores relativamente aos projectos de Maria Lamas, a favor da «ilha verde»:

Projectos são esses que, – por certo realizáveis no campo prático pela vontade férrea desta jornalista, que basta que mulher seja, inteligente e culta, para a bom e completo fim levar o que idealiza e deseja – a nós outros, micalenses, obrigarão a mais agradecer, se possível é, à devotada amiga de S. Miguel, a sua boa vontade pelo bom reclame da terra micalense. Pensa Maria Lamas em realizar um filme de entrecho, onde a par com o desdobramento da urdidura dramática e teatral, passem ante os olhos dos espectadores dos cinemas do mundo as belezas panorâmicas da nossa terra, as lagoas de sonho, as cumeeiras ciclópicas, os vales idílicos, os jardins dos contos das *Mil e uma Noites*, as pastarias bíblicas, as aldeias de presépio, as caldeiras dantescas, enfim toda esta sinfonia de maravilhoso cenário da natureza de que Maria Lamas se apaixonou com devoção.

O jornalista prossegue, acrescentando que Maria Lamas recitou um poema sobre a «ilha verde» composto por ela. Maria Lamas afirmou ao jornalista “que queria passar

<sup>312</sup> *Correio dos Açores*, 28 de Outubro 1936.

<sup>313</sup> O jornalista refere-se à Exposição de S. Miguel, organizada por Maria Lamas, que tratamos no capítulo 7.

uns tempos em S. Miguel, para viver não a vida de sala, mas sim a vida de calma e desprendimento pelas exigências mundanas que o seu espírito e feitio tanto apreciavam.” No entender de José Rocha, “era desta gente<sup>314</sup> que Portugal precisava estar cheio. Mulheres como Maria Lamas valem todo um exército revolucionário em combate pela perfectibilidade duma causa perfeita.”

Já anteriormente, Maria Lamas referira que “gostaria de viver num país encantado onde fosse possível sacudir o fardo da civilização e recomeçar a vida na sua magnífica simplicidade.”<sup>315</sup>

Em notícia intitulada «Escritoras latinas»<sup>316</sup>, Maria Lamas ombreia com a “grande Colette (1873-1954), a célebre autora de *Chéri* que acaba de terminar um capítulo de suas memórias e trabalha num grande romance” e Carmen de Icaza (1904-1979), “a maior escritora da actualidade, que está alcançando um enorme êxito com o romance *Vestida de Tule*”. Sobre Maria Lamas, o articulista afirma que “a grande e inconfundível escritora portuguesa publicará, brevemente, *Livro do Amor e Fronteiras*.”

O romance intitulado «Livro do Amor» consta de catorze páginas dactilografadas<sup>317</sup>, escritas na primeira pessoa, onde a autora conta a sua vida, mas com alteração de alguns factos, como por exemplo, ter um filho, em vez de uma filha. A história acaba quando a personagem regressa de África, para a casa da mãe e a mãe a manda para o marido, porque não compreende porque é que ela se veio embora. A personagem assume aqui o nome de Mara.

Maria Lamas apresenta como definição do «Livro do Amor», a que se segue: a confissão de uma mulher que através das mais duras experiências e lutas procura libertar-se das influências do meio em que nasceu e de uma educação deformada das mais belas e fundamentais verdades da vida. É um grito de sinceridade que principia por ser uma análise íntima e acaba num apelo ardente de amor ilimitado, que a morte suspende, mas não consegue sufocar.<sup>318</sup>

<sup>314</sup> O jornalista referia-se também ao pintor Domingos Rebelo, que já tinha, nesta altura, ganho vários prémios em Paris e ia realizar uma exposição em Lisboa, nos Salões de *O Século*, em 1937.

<sup>315</sup> *Cartaz*, n.º 4, Junho-Julho, 1936, pp.12-13.

<sup>316</sup> *Século Ilustrado*, n.º 346, 19 de Agosto 1944, p. 25.

<sup>317</sup> No entanto, no Espólio E-28, caixa 45, encontramos páginas numeradas até ao 109, apesar de faltarem imensas.

<sup>318</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, Caixa 54.



Eis alguns fragmentos do «Livro do Amor», em que se exprime a personagem Mara:

Se fosse escritora, gostaria de escrever um livro especialmente para os tristes, os inquietos, os fracos e [os] desamparados. Um livro que fosse lido por aqueles que sofrem humilhações; os que se perderam em caminhos sem luz, os que têm na alma a aridez do deserto, os que se rojaram no pó da sua miséria. Esses entender-se-iam, porque eu falaria da sua angústia e da sua revolta. Sinto-me irmã das multidões que passaram, em tropel, espezinhadas, e pediram justiça, e pediram amor. Os seus corações pulsam no meu coração; as suas almas vibram na minha alma; as suas vozes clamam na minha voz – sim, queria escrever um livro que não fosse para a literatura, mas sim para a humanidade – um grito de amor vindo do coração do mundo, através de séculos de sofrimentos impostos ao homem ou criados pelo próprio homem. Valerá a pena escrever? Assalta-me a indecisão: para quê escrever tanta palavra? Que bem poderá levar à humanidade a confissão das minhas lutas, das minhas amarguras, da minha ânsia de verdade e justiça? Que importa o que pensa e sente uma mulher anónima?

No que se refere ao romance *Fronteiras*, encontram-se no espólio de Maria Lamas algumas páginas manuscritas que denotam a devoção que a autora tinha pela escrita, particularmente, a escrita literária.

A autora começa pela indicação das personagens<sup>319</sup>:

Marta – mãe de Carlos Manuel;

Luciana – assistente social;

Jovelina – solteirona -poetisa;

Senhoras Mendonças – mãe e filha – amadoras de música.

É a história de um médico preso político que vai causar o desmembramento da família pelas alterações económicas – também trata de classes sociais. Marina era outra personagem deste conto, com vinte e um anos. Maria Gabriela regressa da Suécia e tem dificuldade em integrar-se na sociedade.

Esquema de «Fronteiras»:

A moralidade – vários aspectos da moral;

Marta e o seu noivo mais conflitos – ataques;

Um português que veio na leva dos refugiados – um combatente da resistência francesa;

Sociedade elegante, reaccionária e convencional;

---

<sup>319</sup> Documento manuscrito de Maria Lamas. Biblioteca Nacional de Portugal. Espólio E-28, caixa 45.

Meio social católico;

Presos políticos – ilegalidade;

O meio medieval de Freixo de Espada à Cinta;

O meio da alta finança – a ambição do dinheiro;

O problema da guerra visto em vários sectores;

Meio intelectual e artístico;

Jovens democráticos;

Fraternidade – desejo de compreensão – embates inevitáveis – confusão de ideais;

O mundo novo pelo qual se luta – a última fronteira;

Carlos – engenheiro – rapaz esclarecido, lutador;

Cientista – Dr. Felipe Rodes;

Raul – operário;

M<sup>a</sup> Gabriela e Carlos;

O Carlos – jovem intelectual de fronteiras, é filho da Marta de *Para além do Amor*;

O ambiente é na serra da Estrela;

O Carlos vai estar preso em Caxias.

O romance<sup>320</sup> seria dividido em duas partes:

Primeira parte (1900-1920): infância, adolescência – juventude – casamento – divórcio – meio de baixa burguesia – péssima educação – gostos grosseiros – ansiedade – romantismo exagerado – sonho – aspirações – gostos e tendências – incompreensão no meio – amor – supremo ideal – decepções.

Segunda Parte (1920-1940):

Em plena luta – sempre o amor – novos sonhos – novas ilusões e sempre decepções – dor – revelações de inteligência e espírito – viagens – serenidade

---

<sup>320</sup> A data aposta por Maria Lamas nos apontamentos do romance «Fronteiras» é 10 de Setembro de 1942.

No romance seriam abordadas as fronteiras – sociais – artísticas – espirituais – económicas – religiosas – e por último a grande fronteira.<sup>321</sup>

Ideias para projectos de trabalho relacionados com a escrita eram o que não faltava a Maria Lamas. O projecto que apresentamos a seguir, e que tudo leva a crer, não teve concretização, prendia-se com a temática da educação, que viria a conter abordagens biográficas e civilizacionais. Assim, a colecção<sup>322</sup> teria: a) Biografias (vida e obra) de Pestalozzi (1746-1827), Fröbel (1782-1852), Montessori (1870-1952) e Décroly (1871-1932).<sup>323</sup> Seguir-se-iam: b) Pequena história da Educação (A educação através do tempo), História do ensino das crianças anormais (Como se ensinam os meninos doentes); c) Psicologia: Evolução psicológica da criança (Como a criança se faz homem), O instinto; d) Pedagogia: A escola activa (A vida, a grande mestra), Como se ensinam os meninos a ler, Como se ensinam os meninos a contar, Jogos (Como entreter o seu filho)<sup>324</sup>; e) História: 1) O Feudalismo (No tempo das guerras privadas); 2) Um rio chamado Nilo; 3) Dois rios que ficaram na história (Tigre e Eufrates); 4) Civilização chinesa (Nas margens do Yang-Tsé); 5) Civilização Fenícia (Um povo amigo do mar); 6) Civilização Cretense (História dum sábio que fez falar uma ilha); 7) Civilização Micénica (Quem construiu aquela fortaleza?); 8) Era uma vez duas cidades... (Esparta e Atenas); 9) Civilização Persa; (No planalto do Irão); 10) Como apareceram as cidades; 11) Como pensava o homem primitivo.

Há, no entanto, outro projecto<sup>325</sup> com o título «Artes», um pouco semelhante ao anterior. Neste projecto, muitas das rubricas já possuem a designação da pessoa que as vai tratar:

Casa – Pomar;

A vida maravilhosa da água – Areosa Feio;

Crianças – Maria Amália;

Um rio chamado Nilo...Flausino Torres;

---

<sup>321</sup> No esboço de notas sobre o romance «Fronteiras», Maria Lamas anotou algumas datas. A guerra de 1939 a 1945, a invasão de França em 1941. Em seguida elaborou uma página para cada personagem onde faz a breve apresentação/caracterização das personagens.

<sup>322</sup> Documento no espólio. Espólio E-28, Biblioteca Nacional de Portugal, caixa 18, referência 2.11.

<sup>323</sup> Ovide Décroly, médico psiquiatra e professor na Universidade de Bruxelas, é considerado o pioneiro da pedagogia experimental.

<sup>324</sup> Este documento não tem data.

<sup>325</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 18, referência 2.11.

Do cavalo-besta ao cavalo-vapor – Areosa Feio;  
A epopeia do milho;  
A casa por dentro – Pomar;  
Como o homem agarrou o vento – Joaquim Namorado;  
O que é a energia atómica – Areosa Feio;  
Leonardo da Vinci – Mendes;  
O sol dentro de uma ampola;  
Venha daí ao fundo do mar;  
Conhece o senhor Bombyx?;  
O que é o desenho? - Pomar;  
Médico;  
Pescador.

Na rubrica «Províncias Portuguesas», todos têm indicação de quem as vai abordar:

Alentejo – Fonseca;  
Ribatejo – Redol;  
Douro – Araújo;  
Beira Alta – Flausino;  
Beira Baixa – Namora;  
Beira Litoral – C. Oliveira;  
Algarve – Manuel Nascimento;  
Açores e Madeira – Maria Lamas;  
Minho – Afonso Ribeiro;  
Douro Litoral – José Borrego. Curiosamente, não há referências às províncias ultramarinas.  
O esquema do projecto continua:

Pequenas histórias de países, contendo talvez em ordem cronológica fundação, solo, clima, língua, raça, religião, moeda. E ainda: os seus heróis, os seus artistas, os seus sábios, a sua arte, a sua literatura, a sua ciência, a indústria, o comércio, etc., a sua projecção no mundo, etc., etc. Na opinião da escritora, “se todas as histórias de países, tiverem estes elementos, tornar-se-ão muito úteis para consulta.” Pois “todas as obras carecem de ser úteis, disporem de elementos de consulta.” Entre os assuntos a publicar, Maria Lamas considerava importante lembrar: ensinamentos práticos sobre puericultura, receitas caseiras, industriais e agrícolas. Beleza física, higiene.

Também tinham a sua importância os considerados grandes livros da humanidade: *Bíblia*, *Talmude*, *Lusíadas*, *Dom Quixote*, *O Inferno* de Dante.

Outro projecto<sup>326</sup>, a ser apresentado à Actualis, teria o nome «ABC da vida» e conteria os itens a seguir reproduzidos, sendo alguns repetidos de um projecto referido anteriormente:

Da caverna à casa;

Do cavalo besta ao cavalo-vapor;

A vida maravilhosa do milho ou (a epopeia do milho);

Leonardo da Vinci;

O sol dentro de uma ampola;

Dos pés aos aviões;

Viagem ao povo Azteca;

O homem e o som;

Da piroga ao transatlântico;

Pasteur;

Colhedores de estrelas;

A epopeia do trigo;

A epopeia do ferro;

Os nossos irmãos das cavernas;

---

<sup>326</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28caixa 18, referência 2.11.

Conhece o Sr. Bombix?;

A epopeia da madeira;

Grandezas e misérias do açúcar;

Vamos até à Índia!;

Kock;

A vida maravilhosa da água;

No fundo dos micróbios;

Um mágico chamado carvão;

Venha daí ao fundo do mar;

Um rio chamado Nilo...;

Previsões do tempo.

Este é, sem dúvida, o projecto mais completo, pois apresenta, além, das definições e fins, os custos previstos:

Projecto do «ABC da vida» por António Lucas<sup>327</sup>:

Colecção Actualis

Definição e fins:

A colecção Actualis será constituída por pequenas obras de divulgação de assuntos de interesse geral e prático, de modo a dirigir-se ao maior público, e em particular às camadas populares.

Para isso devem os assuntos:

1-Ser apresentados sob aspecto acessível e de forma a poder despertar as atenções do grande público.

2-Ser escolhidos de modo a que satisfaçam e sejam do interesse geral. Estas duas partes são estreitamente dependentes e definem, em substância, o carácter que se pretende imprimir à colecção.

---

<sup>327</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28 caixa 18, referência 2.11.

3- Salienta-se que é de primeira importância a maneira como se tratarão os assuntos a escolher: prosa acessível, com um cuidado na clareza, na síntese e na documentação, que permita ao leitor «empolgar-se» pela leitura, e ao mesmo tempo proporcionar-lhe consulta fácil e imediata dos tópicos essenciais das questões a que se refira cada volume.

Haverá que revestir de certos cuidados a apresentação das obras da colecção, nomeadamente no que diz respeito à escolha de títulos, modo sugestivo de contar, etc.

Nisto reside a grande dificuldade deste empreendimento: encontrar colaboradores capazes de actuar adentro deste caminho, francamente de divulgação, quase ignorado no nosso país.

Entre as poucas excepções, cita-se Keil do Amaral em «A Arquitectura e a Vida» (Cosmos Ed.), mas no estrangeiro os exemplares são abundantes em qualquer dos dois ramos em que se poderá enveredar para a realização deste trabalho, quer no que se refere à clareza e simplicidade de grande número de obras de divulgação, quer no respeitante ao outro ramo já mais literário, das obras de Illine (? -?), do *Sr. Tompkins no País das Maravilhas*, de Gamow (1904-1968)<sup>328</sup>, ou do «Time is up, readers» de Ellen Kern (? -?), por exemplo.

4-Por justificação da própria existência da colecção Actúalis não se tratará de apresentar assuntos especializados nas suas linhas gerais (Cosmos) ou de outros demasiado reduzidos e intelectuais pela estreiteza do panorama que apresentem (Saber, das Ed. Europa-América).

O propósito desta nova colecção é a de realmente divulgar assuntos de interesse geral nas suas linhas gerais.<sup>329</sup>

Orçamento para a colecção Actúalis: para 5000 exemplares-28 088\$00, para 3000-20 600\$00. Este preço engloba: composição e impressão, papel para texto, idem para capas, cartolina, capa, brochura, original, expediente, cobrança, gravura e desenhos, embalagem papel «Kraft» e despesas gerais.

No espólio E-28 é apresentada outra colecção, que se nos afigura ainda mais completa do que as anteriores, com a indicação de livros a publicar, que contemplariam

---

<sup>328</sup> George Gamow foi um dos físicos mais importantes do século XX, um dos fundadores da teoria do Big Bang manifestando-se também um mestre da divulgação científica.

<sup>329</sup> Parece ser uma carta de apresentação da proposta.

as temáticas seguintes: Biografias; Histórias breves dos países; Artes e ofícios; História das profissões (o médico «mágico, curandeiro»); engenheiro (artífice, mestre, engenheiro); escritor (escriba, escritor); As raças humanas; Evoluções da casa; Problemas domésticos; Decorações e móveis; Culinária; Transportes; Os jogos (a magia, e o jogo, cartomancia); Desportos; A criança (sua evolução, papel social e educativo através dos tempos); Puericultura; A mulher e o homem (vida dos dois; aspecto social através da história e da civilização); Os grandes livros; As estradas e os portos; O álcool (influência, países que vivem em grande parte do álcool, lei seca, escritores artistas e homens que foram alcoólatras célebres); Os estupefacientes; O café; As madeiras; A borracha; O petróleo; O pão; Os astros.

Faz, também, parte dos projectos de Maria Lamas, a edição de um almanaque<sup>330</sup> que teria o título de *Almanaque Popular* ou *Almanaque do Povo*. Deveria sair em Novembro de 1950, mas com a data de 1951. Sempre numa perspectiva de cultura e de informação, este projecto, explanado de modo simples em três folhas A4, apresentaria como característica fundamental, no primeiro ano de publicação que corresponderia ao primeiro ano da segunda metade do século XX, traçar um breve panorama dos 50 primeiros anos do século XX em Portugal e da vida mundial. Assim publicaria artigos de três a quatro páginas sobre os seguintes temas<sup>331</sup>:

1- A mulher na vida portuguesa – Maria Lamas

2- Literatura portuguesa

3-Teatro – Luís Francisco Rebello

4-Cinema – Manuel de Azevedo

5-Ensino – Jorge de Macedo

6-Vida económica

7-Artes plásticas – Mário Dionísio

8-Colónias – Norton de Matos<sup>332</sup> ou...

9-Ciências – Aboim

10-Vida associativa – Raul Esteves dos Santos

---

<sup>330</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 37, referência 2.83.

<sup>331</sup> Alguns dos temas a abordar tinha já redactor destinado. Faltava, pois, escolher os restantes.

<sup>332</sup> As reticências estão no projecto. Maria Lamas punha a hipótese de ser outra pessoa a tratar deste tema.



11-Música

12-Desportos – Cândido de Oliveira

13-Transportes – Dr. Clemente da Silva

14-Vida política

15-As duas guerras – Carlos Ferrão.

Ficção: contos de Carlos de Oliveira, Manuel da Fonseca, José Cardoso Pires, Ilse Losa, «páginas» de Alves Redol, Assis Esperança, Armindo Rodrigues, Ferreira de Castro.

Poesia: vários poemas modernos (três a quatro páginas por volume)

Antologia: (autores mortos no meio século) Raul Brandão, Proença, F. Pessoa, Sá Carneiro, Junqueiro e Álvaro Feijó. Notas biográficas, críticas e retratos.

Camilo-uma coisa sobre Camilo, talvez um inquérito aos escritores portugueses contemporâneos.

Biografias: família Curie, Egas Moniz, Bernardino Machado (?).<sup>333</sup>

O projecto integraria ainda as seguintes secções:

Leitura vária

A beleza da mulher

Utilidades domésticas

Reportagens

Parte infantil

Parte profissional

Parte gráfica

Agenda

Indicações úteis

Diversos

Concursos

Publicidade.

---

<sup>333</sup> A interrogação encontra-se no projecto de Maria Lamas.

Em princípio estavam estipuladas dezasseis páginas finais com «coupons» para compras em estabelecimentos comerciais, cinemas, teatro, com descontos variados e a combinar com as respectivas casas.<sup>334</sup>

Um conjunto de páginas manuscritas<sup>335</sup>, por Maria Lamas, com várias biografias, mas sem identificação do nome do projecto que poderia ser para um livro que abordasse a história de mulheres, pois são de diferentes nacionalidades, épocas e áreas, relativamente às quais Maria Lamas fez pequenas anotações, as quais indicamos, com as anotações da escritora: Jeanne Françoise Julie Adelaïde Arnold (1777-1849)<sup>336</sup>; Marquise de Rambouillet (1588- 1665); Beatriz (? -?) (musa); Jeanne d’Arc (1412-1431), (santa); D. Filipa de Lencastre (rainha); rainha Santa Isabel; Gerard (? -?), (poeta); condessa de Noailles (1876-1933), (poeta); Branca de Gonta Colaço (1880-1945), (poeta); condessa de Ségur (1799-1874), (escritora para os pequeninos); Guy de Chantepleure (1870-1951)<sup>337</sup>, (romancista); Henri Ardel (1863-1938)<sup>338</sup>, (romancista); Joséphine (1763-1814), (imperatriz); Alcipe (1750-1839)<sup>339</sup>, (mulher de letras); Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925), (mulher de letras); Sofia de Sousa Viterbo (1878 -1933) (letras); Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), (letras); Joana, a Louca (1504-1555), (mulher excêntrica); Sarah Bernhardt (1844-1923)<sup>340</sup>, (atriz ultra-romântica); Mademoiselle de Lespinasse (1732-1776) (reunia em salão com os enciclopédicos em 1732 e 1776); Soror Mariana (1640-1723), (amorosa); Marquesa de Sévigné (1626-1696)<sup>341</sup>, (escritora); Madame de Staël (1766-1817), (escritos com ideias políticas, literárias e morais, tendências liberais, perseguida por Napoleão. Casou secretamente com um jovem de 23 anos quando tinha 46. Escreveu *Lettres sur le Caractère* e *Les Écrits de J. J. Rousseau*); Infanta D. Maria (1521-1577); Madame de Pompadour (1721-1764), (política, favorita de Luís XV, influência nefasta sobre o rei e o governo. Custou a França 40 milhões. Protegeu pintores e literatos.); Madame Vigée-

<sup>334</sup> Não compreendemos se são dezasseis páginas de cupões ou se seria apenas a página dezasseis que contemplaria os cupões.

<sup>335</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 18, referência 2.11.

<sup>336</sup> Jeanne Arnold, também madame Récamier, conheceu Madame de Staël (1766-1817), que estava exilada por ordem de Napoleão a mais de 50 léguas de Paris. Em 1813 foi viajar para Itália, onde foi bem recebida pelo rei Joaquim Murat (1767-1815). Entre 1814 e 1815 desenvolveu grande intimidade com Benjamim Constant (1767-1830). Sem dinheiro fixou-se, em 1819, no convento Abbaye-aux-Bois onde se ligou a Chateaubriand (1768-1848), e manteve o seu salão onde reunia a mais bela sociedade. Em 1846 ficou cega e com cólera.

<sup>337</sup> Pseudónimo de madame Edgar Dussap, antes Jeanne-Caroline Violet.

<sup>338</sup> Pseudónimo de Berthe Abraham.

<sup>339</sup> Pseudónimo literário de D. Leonor de Almeida Lorena e Lencastre, Marquesa de Alorna.

<sup>340</sup> Nome artístico de Henriette Rossine Bernhardt.

<sup>341</sup> Nome por que era conhecida nas letras, Marie de Rabutin-Chantal.

LeBrun, (1755-1842), (pintora); Madame Rosa Bonheur (1822-1899), (pintora); Marie Baskistseff (? -?) (russa, pintora, diário celebre); Clara Schumann (1819-1896), (música, também conhecida por Clara Wieck); George Sand (1804-1876)<sup>342</sup>; Elisabeth Pauline-Otilie Louise zu Wied (1843-1916)<sup>343</sup>; Elizabeth Browning (1805-1861), poetisa inglesa; Graziela da Cunha Ferreira (? -?), (pintora); Laura Costa (? -?), (pintora); Celeste de Jesus Ribeiro (? -?), (arquiteta).

Maria Lamas prepara um outro livro<sup>344</sup>, com o título «Cartas de Mara-prisão», cuja acção se passa na Madeira, em que uma das personagens será Paulo, que se interroga se pode ser escritor. Existe ainda outro projecto para um livro, cujo título seria «Autobiografia secreta», mas que segundo a autora nada tem de comum com «As confissões de Sílvia».

Algumas notas<sup>345</sup> de Maria Lamas com o título *Pensamentos secretos* ou *Apontamentos secretos de uma mulher de hoje*, onde a autora tem anotações sobre o homem, a mulher, a felicidade, a vida, a natureza, etc. Indica algumas citações de autores, como por exemplo: «O destino do homem é lutar. Por isso não há obstáculos nem sofrimento que o impeçam de prosseguir na luta»; «O amor responde a tudo»; «Muitas pessoas gostam de nós só porque se enganam a nosso respeito. Gostam de nós pelo que julgam que somos e não pelo que somos.»

Também consultámos o esquema<sup>346</sup> de romance «Um rapaz à procura de um barco» que Maria Lamas diz ser “um livro simbólico, dentro de ambiente, com personagens e conflitos reais, na actualidade, em 1951. Para o livro apresenta em esquema: as personagens, a acção do romance (o romance não tem acção propriamente dita. Apenas um conflito que estabelece ligação entre algumas personagens e alguns episódios, tem, sim, vários problemas, cada passageiro com o seu). O conflito, figuras – símbolos: a ambição do dinheiro, a mediocridade, o servilismo, o instinto – amor, o

<sup>342</sup> De seu nome Amandine Lucie Aurore Dupin, baronesa Dudevant, mulher escritora e ilustre romancista francesa que se dedicou ao romance sentimental, social e campestre. Teve dois filhos, Maurício e Solange. Trabalhou no jornal *Le Fígaro*. Tem obra de mais de cem volumes e muitas envolverias amorosas com Delacroix (1789-1863), Chopin (1810-1849), Barbe (1815 -?), Mickiewicz (1798-1855);

<sup>343</sup> Usou o pseudónimo literário de Cármen Sylvia. Princesa de Wied, rainha da Roménia, nasceu em 1843, casou em 1869 com o príncipe Carlos Hohenzolern, rei Carlos I. Antes de ser rainha, em 1881, tinha publicado com o pseudónimo de Cármen Sylvia traduções em alemão, de canções romenas. Em 1880, publicou as suas poesias romenas. Em 1882, publicou *Pensamentos de uma Rainha*. Fundou, em 1878, a Ordem de Isabel dedicada apenas a senhoras.

<sup>344</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, Caixa 54.

<sup>345</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 54.

<sup>346</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 54.

amor – o sonho, o cepticismo, a inquietação, a inteligência, o ideal, a rebeldia. O rapaz – símbolo da humanidade e da vida – o futuro – a eterna renovação – o homem livre. O mar e o horizonte – o enigma da vida e do destino humano. O barco – o mundo terreno. Os passageiros – a sociedade organizada – convencional. Tudo isto em sete páginas embrionárias dactilografadas.

Projecto de livro<sup>347</sup> «Tempo de exílio» datado de 1963, sobre os exilados políticos do leste, do oeste, do velho e do novo mundo, intelectuais, proletários, crentes e ateus, artistas, militantes e anarquistas, defensores de um passado de privilégios e revolucionários da nova ordem social. Este projecto prender-se-á com o seu próprio exílio.

Varias folhas<sup>348</sup> manuscritas sobre vários temas, que indiciam outros projectos, neste caso, sobre política: “No caso político português, neste momento, 1966, em que se atinge um ponto gravemente crítico para Salazar, porque os problemas internos e externos – na economia, na segurança e independência nacional, na atmosfera moral e cívica, na guerra colonial – agravam-se cada vez mais e encaminham-se para, num prazo mais ou menos longo, arrastarem o país para uma catástrofe; para a oposição, porque a desunião, a descrença, a falta de segurança e de valores reais, capazes de reagrupar os democratas e desencadear uma acção eficaz, se tornam cada vez mais evidentes.”

Sobre a vida<sup>349</sup>: “na velhice, a morte passou a existir permanentemente para mim. Mas já não tenho medo do inferno – o inferno deixou de existir para mim, como tormento – castigo, como lugar de punição para além da morte. Pior: o inferno passou a estar permanentemente real em mim – o inferno está em nós. Hoje penso que a morte liberta do inferno – mas continuo a ter pena de morrer. Cheguei à conclusão de que o que importa é ter a quem dar, e que o facto de receber o que lhe damos é já, nessa pessoa, uma dádiva profunda.”

Projecto de livro «Um livro para a minha Manuela - requiem para uma filha», ideia que surgiu em Paris a 5 de Setembro de 1962.<sup>350</sup>

---

<sup>347</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, Caixa 54.

<sup>348</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 54.

<sup>349</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, Caixa 54.

<sup>350</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 54.

Maria Lamas preparava ao pormenor o que iria escrever, como podemos verificar neste esquema de romance: “Romance ? Narrativa? Cartas? Diário? Criar uma personagem? Escrever na primeira pessoa? Posso escrever mais à vontade. Maior valor documental. África: viagem no interior.

Clemente – noite na floresta;

Vida no forte;

Morte do negro;

Aparição do louco;

Doença e auxílio do degredado;

Humanidade, solidariedade, colonialismo brutal e desumano, valor do auxílio nas horas más;

Escrever na primeira pessoa mas procurar quebrar a monotonia;

Só os assuntos ligados com as lutas por uma sociedade mais justa e pela paz;

Evocação da primeira sensação de falta de liberdade – uma porta fechada;

Dois problemas: problema íntimo, consciência – Deus;

O problema do indivíduo integrado na sociedade: problemas comuns;

O desenvolvimento das duas lutas;

A íntima – a colectiva;

Plano – alternar o passado, o presente?

Dar simultaneamente os conflitos íntimos e a solicitação das lutas humanas?

Paris;

O dia-a-dia da solidão;

(Toda a vida evocada);

-não toda a vida;

-os pontos culminantes que marcam revelações e reacções.”<sup>351</sup>

---

<sup>351</sup> Páginas manuscritas, não datadas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 53.

Uma outra abordagem, um outro esquema, um outro plano de livro<sup>352</sup>, cuidadosamente preparado por Maria Lamas, que nos parece semelhante a um diário de prisão:

“Iniciar cada capítulo (cada impressão diária, mas sem data) com uma nota objectiva, relativa a vida prisional. Nem sempre será necessário ou literariamente conveniente. De qualquer maneira dar a máxima sinceridade à construção do livro.

Assuntos que deverei tratar: liberdade – amor do próximo – revisão do caminho percorrido – o que me sugere a visita das famílias dos presos – o que me sugerem os outros presos – como vou principiando a conhecer de vista as outras presas e alguns dos presos que, por acaso, passam para a secretaria ou vão cortar o cabelo durante a minha visita ou passeiam na sua hora de recreio, que executam algum trabalho à vista da minha janela – descarregar lenha, por exemplo.

Análise dos interrogadores – dos agentes que me prenderam - do que observei nas idas à PIDE e dos empregados do forte.

Alusão a estrangeiros – a silhuetas – às vezes apenas uma mão, que se distinguem por detrás das portas de vidro fosco de cada sala.

O toque da alvorada – o render da guarda – já se conhecem os soldados. A guarda é rendida de mês a mês. (Para render a guarda vai o cabo, o soldado que vai entrar de sentinela e mais dois, um de cada lado.

Os carros aglomerados nas imediações (parques de estacionamento) em dias de desafio de futebol no Estádio.

Os carros celulares – grande? pequeno? – Tudo sugestões que dão pretexto a curiosidade e a suposições. A curiosidade de lobrigar quem entra e sai dos carros – o que é difícil, porque ele chega o mais possível junto da porta e as portinholas abertas servem de biombo.

As encomendas entregues directamente na portaria ou vindas pelo correio – sem que se saiba quem as envia. – A hora do correio.

---

<sup>352</sup> Páginas dactilografadas, não datadas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 53.

A visita dos meus netos – de pessoas amigas que vieram de longe – a sensação de devassa quando se escreve, sabendo que tudo será previamente lido, assim como o que nos é escrito. Nunca é demais insistir na sensação de asfixia e paralisia que se experimenta.

O apagar das luzes – sobretudo no Inverno e Outono. A linha do nascer do Sol, acompanhando o decorrer das Estações.

O Natal – o Ano Bom (na prisão – terceiro período – no hospital segundo período).”<sup>353</sup>

Maria Lamas dimensionou também o que seria designado como colecção «Mocidade»<sup>354</sup>, que contemplaria livros, pretensamente adequados aos jovens, de que indicamos alguns títulos:

*Une jeune fille voyagea* (1925) de Claude Farrère (1876-1957)<sup>355</sup>

*Graine au Vent* de Lucie Delarue Mardrus (1874-1945)

*Les Roquevillard* de Henry Bordeaux (1870-1963)

*The Bride of Larmmemoor* (1819) de Walter Scott (1771-1832)

*Le Gentilhomme Pauvre* por Charles Dickens (1812-1870)<sup>356</sup>

*The First Wife* (1933) de Pearl Buck (1892-1973)

*Sweet as a Rose* de Charles Garvice (1850-1920)

*La Mare au Diable* (1846) de George Sand (1804-1876)

*Ces Dames aux Chapeaux Verts* de Germaine Acremant (1889-1986)

*La petite fille comme ça* de Lucie Delarue- Mardrus

*À dix-huit ans* (1906) de Mathilde Aigueperse (1854-1924)

*An Old Fashioned Girl* (1832) de Louise Alcott (1832-1888).

Maria Lamas projectou também um livro<sup>357</sup> que seria constituído por cartas, em que ela indica quais os destinatários pensados. Seriam cartas às filhas, o que nos faz

---

<sup>353</sup> Páginas dactilografadas, não datadas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 53.

<sup>354</sup> Duas páginas dactilografadas e assinadas por Maria Lamas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, Caixa 16, referência 2.2.

<sup>355</sup> Pseudónimo de Frédéric-Charles Bargonet (1876-1957).

<sup>356</sup> Na pesquisa efectuada não encontramos referência a esta obra do autor. Para este título constatámos três autores: Hendrik Conscience (1812-1883), Dumanoir (1806-1865) e Édouard Lafargne (1803-?), pelo que pensamos que deve ter havido engano de Maria Lamas na atribuição do autor.

lembrar os livros de Maria Amália Vaz de Carvalho, *Cartas a uma Noiva* e *Cartas a Luísa*, cartas a um intelectual, a uma amiga de infância, a um jornalista, a uma operária, às netas, aos antepassados, aos homens e mulheres de amanhã, aos analfabetos, aos crentes e aos indiferentes.

Outro projecto<sup>358</sup> seria de cariz teórico filosófico e abordaria: a felicidade, a dor, a humildade, a sinceridade, a confiança, o amor, a inteligência, a pureza, a compreensão, a vida, a morte, a fadiga, a ânsia de renovação, o tormento da lucidez, as indecisões antes de casar, entre outros aspectos.

Há um projecto<sup>359</sup> intitulado VALLAURIS<sup>360</sup> (antigo «vallis», que significa áurea - vale de ouro) com os seguintes aspectos:

O passado – tradições, olaria (Há barros variados na região?)

Picasso<sup>361</sup> – influência no desenvolvimento da cerâmica artesanato – indústria – arte – comércio.

Turismo – a paisagem – o pitoresco – a excentricidade

A realidade e a fantasia – escola de cerâmica? Oficinas de cerâmica?

Nome de artistas que vieram trabalhar em Vallauris

Os que debandaram

Porquê

Perspectivas artísticas (?) industriais (?) turísticas (?) de Vallauris.

Maria Lamas pensa e esquematiza um projecto para um livro, cujo título seria *100 Vidas Maravilhosas*. Segundo os seus apontamentos<sup>362</sup>, pois apresenta o esboço numa página, o livro seria apresentado por ordem alfabética e contemplaria: artistas,

---

<sup>357</sup> Apontamentos manuscritos de Maria Lamas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 53, sem referência.

<sup>358</sup> Apontamentos manuscritos de Maria Lamas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 53, sem referência.

<sup>359</sup> Três páginas dactilografadas com explicações alusivas a esta cidade onde Pablo Picasso descobriu a olaria e produziu mais de 4000 obras de cerâmica no atelier de Fourmas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 53, sem referência.

<sup>360</sup> Cidade francesa situada na região de Provença – Alpes, onde Pablo Picasso conheceu a cerâmica e a ela se dedicou a partir de 1947.

<sup>361</sup> Pablo Diego José Francisco de Paula Juan Nepomuceno Maria de Los Remedios Cipriano de la Santissima Trinidad Ruiz y Picasso, conhecido como Pablo Picasso (1881-1973), figura máxima do Cubismo.

<sup>362</sup> Agenda pessoal de 1966. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 53, sem referência.



cientistas, exploradores, escritores, inventores, navegadores. Também havia a sugestão de estadistas e legisladores mas depois riscou-os.

Em 1980, o Frei Adelino Pereira<sup>363</sup>, do Convento de S. Francisco, escreve a Maria Lamas, informando-a de que vai realizar uma exposição sobre a vida de S. Francisco de Assis (1182-1226), cujo centenário se irá celebrar em 1982. Pede-lhe, em seguida,

Um testemunho como escritora, para legar à posteridade o testemunho, a homenagem, a visão e a interpretação, a vivência e a inspiração, a ressonância e o afecto dos nossos escritores por Francisco de Assis. Santo, artista, místico, poeta, líder, profeta, irmão e homem – tudo isto foi, como ninguém mais, Francisco de Assis. O texto original não deve ultrapassar as 5 páginas dactilografadas, a 2 espaços, em folha de formato comercial. Assinado com o seu próprio punho.

Maria Lamas responde em 25 de Novembro de 1980:

Venho acusar a recepção da vossa carta, agradecendo também terem incluído o meu nome entre os colaboradores da projectada colectânea: «Francisco de Assis, 1982, Testemunhos das Letras Portuguesas».

Desejo e espero poder mandar-vos a minha, modesta colaboração, apesar dos meus 87 anos, muito cansados. Tomei nota da data limite para o seu envio e faço votos para que esta justa e bela iniciativa seja coroada de maior êxito. Muito respeitosamente retribuo os vossos cumprimentos. Maria Lamas<sup>364</sup>

---

<sup>363</sup> Carta dactilografada de frei Adelino Pereira em 1980 a Maria Lamas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 70, referência vários.

<sup>364</sup> Rascunho manuscrito da carta de Maria Lamas a Frei Adelino Pereira em 25 de Novembro de 1980. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 70, referência vários.

## Capítulo 4

### REGISTOS DE ESCRITA

Ana Maria Costa Lopes, num estudo realizado sobre a publicação do conto num espaço temporal abrangente de 1875 a 1930, na imprensa periódica, realça que:

Os textos recolhidos são de autores de primeiro e segundo planos, ou mesmo de alguns desconhecidos da história da literatura, que, de uma maneira ou de outra, tentaram transcrever, segundo intenções de realidade ou de paradigmaticidade, o que os seus olhos contemplavam. O material de base deste estudo são, pois, revistas e jornais literários que, de 1875 a 1930, pulularam por esse Portugal fora.<sup>365</sup>

No entanto, mas não refere nenhum conto de Maria Lamas.

João Gaspar Simões (? -?) salienta que o aparecimento do conto nos periódicos usurpava o lugar das narrativas históricas e do folhetim, “os dois géneros mais correntes nas revistas e jornais da época.”<sup>366</sup>

Américo Faria (1905-) publica em 1956, o livro *Dez Mulheres na Literatura*<sup>367</sup>, onde apresenta dez escritoras, a saber: George Sand; Charlote Brontë; George Elliot; Sigrid Undset; Emília Pardo Bázan; Katherine Mansfield; Vicki Baum; Pearl S. Buck, Margaret Kennedy e Maria Amália Vaz de Carvalho, a única portuguesa, deixando de fora a escritora Maria Lamas. Em relação à única escritora portuguesa abordada, o único aspecto alusivo à escrita é a indicação do pseudónimo usado pela escritora, Valentina de Lucena. As observações que autor refere em relação a Maria Amália Vaz de Carvalho prendem-se com o seu posicionamento em relação ao feminismo, e não, necessariamente à sua escrita:

---

<sup>365</sup> Ana Maria Costa Lopes, *O Conto Regional na Imprensa Periódica de 1875 a 1930*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 1989, p. 9.

<sup>366</sup> João Gaspar Simões, *Perspectiva Histórica da Ficção, das Origens ao Século XX*, Lisboa, D. Quixote, 1987, 2ª edição, p. 542.

<sup>367</sup> Américo Faria, *Dez Mulheres na Literatura*, colecção 10, XXVI, Porto, Livraria Clássica Editora, 1956.

Em 1880 [...] o movimento feminista alastrava por então noutros países, com todos os exageros que uma doutrina aliciante mas mal compreendida pode suscitar. Maria Amália toma atitude firme na questão. É contra o feminismo, embora queira a exaltação da Mulher. Esta, em seu entender, deve ser apenas educadora, rainha do lar, companheira desvelada do homem, confortadora dos deserdados da sorte. Deve possuir doçura, sensibilidade, coração. Nada de mulheres imiscuídas em política, nem de competidoras do Homem nas profissões que tradicionalmente a ele pertencem e que as anulam na sua verdadeira personalidade.<sup>368</sup>

Em 1962, António Salvado (1936-) no livro *Antologia das Mulheres Poetas Portuguesas*<sup>369</sup> também não contempla Maria Lamas como autora. O livro divide-se em duas partes, sendo a primeira dedicada às “trovistas, gongorizantes e pré – românticas”: Filipa de Almada (? -?)<sup>370</sup>, Joana da Gama (1520-1526), Bernarda Ferreira de Lacerda (1595-1644), Soror Violante do Céu (1601-1693), Soror Maria do Céu (1658 -1753), Madalena da Glória (1672 -?), Catarina de Lencastre (1749-1824), Leonor de Almeida, marquesa de Alorna (1750-1839), Francisca de Paula Possolo (1783-1838). A segunda parte refere-se às românticas que se seguem: Maria Browne (1800-1861), Henriqueta Elisa (1864-?), Amélia Janny (1839-1914), Mariana Angélica de Andrade (1840-1882), Alice Moderno (1867-1946), Maria da Cunha (? -1917), Branca de Gonta Colaço (1880-1944), Irene Lisboa (1892-1958), Florbela Espanca (1894-1930), Marta de Mesquita da Câmara (1894-?), Oliva Guerra (1896-?), Virgínia Vitorino (1897-?), Fernanda de Castro (1900-?), Merícia de Lemos (1913-?), Maria da Graça Freire (1915-?), Maria Manuela Couto Viana (1919-), Maria Valupi (1905-1977)<sup>371</sup>, Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-?), Natércia Freire (1920-?), Salette Tavares (1922-?), Natália Correia (1923-?), Maria da Conceição Baptista (1924-?), Marta Cristina de Araújo (? -?), Fernanda Botelho (1926-?), Ana Hatherly (1929-) e Maria Alberta Meneses (1930-).

Em 1980, Maria Ondina Braga<sup>372</sup>, no seu livro *Mulheres Escritoras: da Biografia no Texto ao Texto da Biografia*, aborda algumas escritoras, mas não refere o nome de Maria Lamas, havendo lugar apenas a três escritoras portuguesas: Maria Browne, Irene Lisboa e Teresa Margarida da Silva e Orta (1712-1793), “uma escritora feminista no Século das Luzes”, no parecer de Maria Ondina Braga. As restantes escritoras eram: As irmãs Brontë, Colette, Lou Salomé, Jane Austen, Selma Lagerlöf (1858-1940), Katherine Mansfield, George Sand, Virgínia Woolf e Gabriela Mistral.

<sup>368</sup> Idem, p. 68.

<sup>369</sup> António Salvado, *Antologia das Mulheres Poetas Portuguesas*, Lisboa, Editora Delfos, 1962.

<sup>370</sup> António Salvado situa esta poetisa no século XVI.

<sup>371</sup> Pseudónimo de Maria Dulce Lupi Cohen Osório de Castro.

<sup>372</sup> Ver Maria Ondina Braga, *Mulheres Escritoras: da Biografia no Texto ao Texto da Biografia*, Amadora, Livraria Bertrand, 1980.

Maria Lamas prefaciou o livro *Crianças Bem Fadadas* de J. Fontana da Silveira (1891-?), em 1936. O autor já tinha, à época, escrito e editado cerca de catorze livros de literatura infantil, nomeadamente *Jardim da Infância*, *Uma Lição*, *Prenda de Anos*, os quais se encontravam esgotados. No prefácio de *Crianças Bem Fadadas*, Maria Lamas dirige-se “aos leitores pequeninos” da seguinte forma:

Não precisa o autor deste livro de quaisquer palavras de apresentação, visto tratar-se dum escritor que muito bem deveis conhecer, através de vários contos e engraçadas comédias, diálogos, monólogos e canções que para vós tem escrito.

Só uma excessiva modéstia pode, portanto, justificar o seu desejo de que algumas palavras minhas antecedam a biografia destas «Crianças bem fadadas» que todos os portugueses pequeninos devem ler e reler, para distração e educação do seu espírito.

Em vez de fadas e príncipes encantados, encontrareis nestas páginas heróis verdadeiros, meninas e meninos da vossa idade, que se tornaram célebres pelo seu talento, pela sua arte e pelas suas virtudes. E vereis que, afinal, não é preciso sair da realidade para admirar feitos maravilhosos e criaturas privilegiadas!

Este livrinho encerra lições preciosas que deveis aproveitar, na certeza de que a verdadeira «varinha de condão», na vida, aquela que realiza os maiores prodígios, é a vontade firme de ser bom, honesto e trabalhador.

Nem todos podem ser heróis. Nem todos nascem dotados de inteligência e qualidades invulgarmente superiores. Mas todos podem e devem valorizar, pelo seu próprio esforço, os dons que de Deus receberam, procurando sempre, em tudo, proceder o melhor possível.

Compreendeis?

O autor de «Crianças bem fadadas», ao reunir carinhosamente neste volumezinho as narrativas singelas e lindas da infância dos grandes sábios, heróis e artistas, fez uma obra muito útil e muito bela, que merece o vosso interesse e o vosso agradecimento.

Oxalá tão admiráveis exemplos se transformem em clarão bendito que, pela vida fora, ilumine sempre os vossos passos!

J. Fontana da Silveira aborda a infância dos seguintes heróis: D. Nuno Álvares Pereira (1360-1431), Pablo Sarasate (1844-1908), Helena Keller (1880-1968), José Lourenço da Luz (1800-1882), Dieudonné Delbege (? -?), André Maria Ampère (1775-1836), Abraão Lincoln (1809-1865), Domingos António de Sequeira (1768-1837), Mozart (1756-1791), Francisco Arago (1786 -1853), D. Leonor de Almeida «Alcipe» (1750-1839), Victor Hugo (1802-1885), Cyrano de Bergerac (1619-1655) e Molière (1622-1673), Edison (1847-1931), Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), Giotto (1266-1337), Miguel Faraday (1791-1867), Francisco Haydn (1732-1809), Almeida Garrett (1799-1854) e Florência Nightingale (1820-1910). Este livro de J. Fontana da Silveira era editado pelas Edições da Livraria Escolar Progredior e estava integrado na colecção «Biblioteca para Crianças», que contava com autores como Custódia de Carvalho e Melo (1904-?), Parente de Figueiredo (1898-1992) e Manuel de Melo (? -?).

## 1. DA LITERATURA INFANTIL AO ROMANCE

Em 1880, escrevia Eça de Queirós<sup>373</sup> numa das suas crónicas de Inglaterra:

Eu às vezes pergunto a mim mesmo o que é que em Portugal lêem as pobres crianças. Creio que se lhes dá Filinto Elísio, Garção ou outro qualquer desses mazorros sensaborões, quando os infelizes mostram inclinação pela leitura.

Isso é tanto mais atroz quanto a criança portuguesa é excessivamente viva, inteligente e imaginativa. Em geral, nós outros, os portugueses, só começamos a ser idiotas quando chegamos à idade da razão. Em pequenos, temos toda uma pontinha de génio: e estou certo que se existisse uma literatura infantil como a da Suécia ou a da Holanda, para citar só países tão pequenos como o nosso, elevar-se-ia consideravelmente entre nós o nível intelectual.

As Histórias da Literatura Portuguesa referem que em Portugal, as primeiras preocupações com a literatura infantil foram particularmente tardias, e que mesmo depois de haver “teóricos do assunto vai decorrer muito tempo sem que apareça quem se lhe dedique na prática, isto é, quem componha as primeiras obras destinadas à infância.”<sup>374</sup> Deste modo, Castilho (1800-1875) procura tornar atraente e agradável o ensino primário, preconizando uma leitura adequada à infância, mas nada escreve adequado às crianças. João de Deus é o primeiro escritor português que se dirige deliberadamente ao público infantil, reservando no *Campo de Flores* uma pequena parte a que deu o título de «Para Crianças». Antero de Quental interessa-se também pelo assunto publicando o *Tesouro Poético da Infância* (1883), em cujo prefácio, exprime a sua convicção de que «há no espírito das crianças tendências poéticas e uma verdadeira necessidade de ideal que convém auxiliar e satisfazer». Enquanto Eça de Queirós oferece aos seus leitores o exemplo de Inglaterra, aparecem as primeiras traduções de livros para crianças, entre eles, os da Condessa de Ségur. Surge Maria Amália Vaz de Carvalho com a atenção voltada para os problemas infantis e juvenis, tendo ajudado a criar ambiente propício ao desenvolvimento deste género de escrita, ao prefaciá-las com Virgínia de Castro e Almeida<sup>375</sup> e Maria Sofia de Santo Tirso.<sup>376</sup>

No entendimento de Ester de Lemos,

---

<sup>373</sup> Citado por Ester de Lemos em *A Literatura Infantil em Portugal*, Lisboa, Ministério da Educação Nacional, 1972, p. 6.

<sup>374</sup> Ester de Lemos, «Literatura Infantil», in *Dicionário de Literatura*, Jacinto do Prado Coelho ( direcção), II volume, 3ª edição, Porto, Figueirinhas 1984, p. 468.

<sup>375</sup> Maria Amália Vaz de Carvalho prefaciou o seu livro *A Fada Tentadora*.

<sup>376</sup> Maria Amália Vaz de Carvalho prefaciou o seu livro *A Boneca Cor-de-rosa*.

O movimento de ideias que se preparou e se seguiu ao advento da República veio reflectir-se, naturalmente, neste sector da actividade literária. Desde que se descobriu a importância das primeiras impressões da vida, sempre que uma revolução se propõe conduzir os destinos de qualquer país, as atenções dos responsáveis voltam-se naturalmente para as novíssimas gerações, de quem dependerá no futuro a plena frutificação dos ideais revolucionários. Progressista, confiante na perfectibilidade do Homem, jogando na carta da elevação do nível social e intelectual das populações, atenta aos problemas imediatos do ensino prático – a revolução republicana deu origem a uma literatura infantil a que podemos chamar de combate.”<sup>377</sup>

Ana de Castro Osório publica o título *Para as Crianças*, em 1897, em fascículos, que configuram versões literárias de textos de tradição oral, que a autora recolheu de informantes.

A literatura para a infância ajuda a criança a fazer descobertas tão importantes e necessárias com, por exemplo, o lúdico, a descoberta do bem e do mal, o encontro com os afectos, a revelação do sagrado, a viagem através do conhecimento, o valor da poesia, a ancestralidade da sabedoria. Vários investigadores têm mostrado o papel da literatura infantil no desenvolvimento da criança. É o que acontece com Aguiar e Silva quando afirma que “a literatura [...] tem desempenhado uma função relevantíssima, atendendo aos seus destinatários, na modelização do mundo, na construção de universos simbólicos, na consolidação de sistemas e valores”.<sup>378</sup>

As revistas infantis apareceram em número considerável no século XIX, apesar de curta duração. Segundo Maria Laura Bettencourt Pires<sup>379</sup> uma das primeiras, com publicação de 1854, *Ramalhinho de Puerícia* surge com intuítos pedagógicos. Seguir-se-ão *Artes e Letras* (1872), *O Amigo da Infância* (1874), tendo sido a primeira publicação a apresentar ilustrações, *O Recreio Infantil e Ilustração da Infância*, ambos em 1877, o *Jornal da Infância* (1883), o *Jornal das Crianças* (1898). Em 1899, aparece a *Revista Branca*, a primeira sob a direcção feminina, neste caso, de Alice Pestana.

Os jornais passaram a integrar uma página ou uma secção dedicada aos mais pequenos, dando azo a que muitos escritores aí colaborassem, tanto os mais conhecidos como os principiantes.

---

<sup>377</sup> Ester de Lemos, op. cit., p.470.

<sup>378</sup> Vítor Manuel de Aguiar e Silva, «Nótula sobre o Conceito de Literatura Infantil», Domingos Guimarães de Sá, *A Literatura Infantil em Portugal: Achegas para a sua História*, Braga, Edição Franciscana, 1981, p. 14.

<sup>379</sup> Maria Laura Bettencourt Pires, *História da Literatura Infantil Portuguesa*, Lisboa, Veja, s. d. , p. 55.

Maria Lamas estreia-se na literatura infantil com livro *Maria Cotovia*, em 1929, com o pseudónimo de Rosa Silvestre. Laura Chaves (1888-1966) dedica-lhe um poema a 18 de Junho de 1930, alusivo ao pseudónimo utilizado:

Singela, fresca, viçosa.  
É bem uma flor campestre,  
Mas não deixa de ser rosa  
Lá porque é Rosa Silvestre.

Toda a rosa tem espinhos  
E ela tem-nos, com certeza...  
P'ra nós só teve carinhos,  
Perfume, graça, beleza!

E é um caso singular,  
Como uma rosa somente,  
Consegue assim perfumar  
A alma de tanta gente!<sup>380</sup>

O articulista da revista *Ilustração*, João de Sousa Fonseca, apresenta a seguinte recensão ao livro *Maria Cotovia*:

A autora é uma excepção no meio literário feminino português. Sabe escrever, tem uma sensibilidade delicadíssima e nunca esquece, nas suas obras, a sua condição de senhora e de educadora. Cumpre assim amplamente, nobremente, a mais bela prerrogativa da mulher inteligente; escrever para as crianças, despertando nelas, o mais cedo possível, a ânsia da beleza. Trabalhadora incansável, dispersando a sua actividade literária por todas as revistas, em livros e jornais, D. Maria Lamas conseguiu direitos de notoriedade para o seu lindo e suave pseudónimo. Em *Maria Cotovia* tem a autora um dos seus trabalhos mais gentis e amoráveis que a Livraria Civilização editou com primor e que decerto se esgotará porque merece entrar em todas as casas portuguesas onde houver uma criança a encantar e a educar.<sup>381</sup>

O articulista da *Gazeta*, em 15 de Abril de 1934, referia o que se segue sobre este livro de Rosa Silvestre: “O seu último livro de contos infantis, *Maria Cotovia* constitui, pelo seu real merecimento, um verdadeiro sucesso de livraria. Pode bem dizer-se que Rosa Silvestre detém hoje o primeiro lugar entre as senhoras que escrevem para crianças.”<sup>382</sup>

---

<sup>380</sup> Poema manuscrito de Laura Chaves. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 27, referência 2.34.

<sup>381</sup> *Ilustração*, 99, 1 de Fevereiro 1930, p. 17. Em recorte no Espólio. Biblioteca Nacional de Palmela, Espólio E-28, caixa 38.

<sup>382</sup> Em recorte no espólio e sem mais indicações. Biblioteca Nacional de Palmela, Espólio E-28, caixa 38.

Este conto viria também a ser objecto de análise por Elgay, no jornal *Diário de Notícias*.<sup>383</sup>

Matilde Rosa Araújo<sup>384</sup> considera o livro *Maria Cotovia* como um “livro transparente e manso” que à sua infância “deu a certeza de que alguém, naquele tempo, pensava no mundo da criança como num mundo que tivesse poesia verdadeira e deu a consciência já de tal seriedade da vida, da sua imensa dor, e a sua imensa alegria.”

Matilde Rosa Araújo afirma que “essa *Maria Cotovia* foi a primeira mão estendida de Maria Lamas para o mundo” que era tão pobre ainda. A autora relembra que “estávamos num tempo em que a literatura infantil não se considerava literatura nem havia necessidade pedagógica”. Nesse tempo “a criança vivia ainda longe do adulto como um ser ausente com mais deveres que direitos.” Matilde Rosa Araújo reafirma que Maria Lamas, naquele tempo, entendeu o tanto que a infância pedia.

*O Jornal do Comércio e das Colónias*<sup>385</sup> criticava, na sua edição de 16 de Agosto de 1930, o facto de as ilustrações não serem adequadas ao texto de Rosa Silvestre: “Faz parte da Biblioteca dos Pequeninos, tem ilustrações de Ofélia Marques, pena é que as ilustrações de Ofélia Marques não condigam com o texto, pois são por vezes desproporcionais no conjunto.” Este mesmo jornal<sup>386</sup> voltaria a referir-se a este livro de Rosa Silvestre, em 20 de Março de 1931, na rubrica «Livros Novos» e em 23 de Julho do mesmo ano, na rubrica «Crónica Literária», mas com opinião contrária em relação às ilustrações, como tinha referido no ano anterior, elogiando, no entanto, a autora e a obra como “eminentemente educativa, uma escritora que não se deixa levar pela onda avassaladora dos êxitos fáceis. As ilustrações são muito interessantes e revelando da parte do seu autor magnificas qualidades artísticas.”

Em 1930, é publicado o livro de Rosa Silvestre *Aventuras dos Cinco Irmãozinhos*. Em 28 de Março do ano seguinte, o articulista de *O Século*<sup>387</sup>, em artigo não assinado, afirmava o seguinte, debruçando-se sobre a temática do livro:

---

<sup>383</sup> Em recorte no espólio e sem mais indicações. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38, caderno 5.

<sup>384</sup> Discurso pronunciado por Matilde Rosa Araújo em 1973, na Casa da Imprensa. Biblioteca Nacional de Portugal Espólio E-28, caixa 65, capa 9, pp. 4-5 do discurso de Matilde Rosa Araújo.

<sup>385</sup> Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.

<sup>386</sup> Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.

<sup>387</sup> *O Século*, n.º 17616, 28 de Março 1931, p. 1. Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.



O tema é o que mais pode interessar à imaginação das crianças: a aventura, a evasão, algo de maravilhoso, tudo tecido com os preceitos morais, que são a razão de ser dos livros para crianças.

Realiza na linguagem desta novela todos os preceitos impostos à literatura infantil: clareza, simplicidade, expressões familiares e uma poeira de ternura dourando tudo, pela musicalidade dos diminutivos. O volume *Aventuras dos 5 Irmãozinhos*, n.º 34 da Biblioteca dos Pequenininhos, edição da Empresa Nacional de Publicidade é ilustrado pela Sra. Ofélia Marques.

Em 1935, o jornal *A Voz das Colónias*<sup>388</sup>, a 10 de Janeiro, em artigo assinado por S. N., recomendava a leitura de *A Estrela do Norte* a todos os leitores e especialmente “àqueles que têm filhos e se esforçam por moldar-lhes o carácter no sentido do bem e das virtudes tradicionais da raça.”

Para Alberto Bramão<sup>389</sup>, *A Estrela do Norte*

É destinada a crianças mas pode ser lida com deliciado interesse pelas pessoas adultas. Dostoiévski, o escritor que mergulhava a pena no húmus da alma humana, para extrair daí, flagrantes de pureza, os elementos psicológicos das suas personagens, não hesitou em declarar que apreciava as emoções infantis, como tempero de candura humana, para suavizar as asperezas da realidade dramática.

Também Teresa Leitão de Barros abordaria a análise deste livro, no *Notícias Ilustrado*, n.º 352, enquanto o jornal *O Século* salientava o ilustrador Júlio de Sousa. O jornal *Moçambique*<sup>390</sup>, de Lourenço Marques, referiu a publicação do livro em 3 de Maio de 1935. Em 6 de Junho, era a vez do jornal *A Voz*<sup>391</sup> assinalar o livro na rubrica «Estante». *A Estrela do Norte* teve uma segunda edição em 1972.

Em 21 de Dezembro de 1940 inaugurava-se a Exposição de Arte e Bibliografia Infantil, no Palácio Galveias<sup>392</sup>, na qual Maria Lamas marcou presença. No dia anterior, o jornal *A Voz*, em notícia sobre o mesmo assunto, refere os escritores que figuraram com publicações na área da literatura infantil, a saber: Ana de Castro Osório, Alice Pestana, Maria Amália Vaz de Carvalho, Antero de Quental, João de Deus, Afonso Lopes Vieira, Virgínia de Castro e Almeida, Henrique Marques Júnior, Emília de Sousa Costa, Maria Lamas, Aquilino Ribeiro, Teresa Leitão de Barros, Fernanda de Castro, Virgínia Lopes de Mendonça, Simões Müller (1909-1989), entre outros.

<sup>388</sup> Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.

<sup>389</sup> *Diário Português* do Rio de Janeiro, de 14 de Março de 1935. Recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.

<sup>390</sup> Recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.

<sup>391</sup> Recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 39.

<sup>392</sup> *O Século*, 22 de Dezembro de 1940, recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 39.

No dia seguinte, o jornal *O Século* referia que “a exposição de arte e bibliografia infantil ontem inaugurada é uma realização muito feliz.”<sup>393</sup> Acrescentava que Maria Lamas agradeceu à Câmara “como escritora, como mãe e como portuguesa a realização desta linda ideia posta em prática com a ternura de quem embala um berço.”

Em 1941, Maria Lamas, em entrevista a Lopes de Oliveira, do jornal *Diário do Minho*<sup>394</sup>, de 19 de Fevereiro, aclara o que representa para ela a literatura infantil, chegando mesmo a criticar os escritores que não se preocupam com os seus leitores e mostrando-se receptiva à ideia de uma censura para esta tipologia de livros:

- Qual a função primacial da literatura infantil?
- Distrair a criança. Mas, neste caso a palavra distrair tem um sentido muito complexo, porque significa, por exemplo: - Desenvolver o espírito e a imaginação; - despertar a sensibilidade; ajudar a definir o próprio carácter, orientando-o de forma a reagir contra a maldade e a injustiça; finalmente revelar a beleza da vida, das almas, das próprias coisas – se assim me posso exprimir.
- O escritor desta espécie de literatura deverá ser antes de mais um hábil pedagogo?
- Pedagogo, propriamente, não digo: mas tem que conhecer profundamente a psicologia infantil, e possuir, em elevado grau, o dom de transmitir ternura e encanto aos pequeninos leitores.
- Escrever para crianças é uma arte ao mesmo tempo profunda e delicadíssima!
- A estrutura destes livros, no tocante ao estilo, implicará para a sua feitura, uma linguagem apropriada?
- A linguagem empregada para os pequeninos deve ser simples e transparente como um cristal puríssimo – quer na forma como no conceito. Neste ponto sou intransigente. De resto, confesso-lhe que sou de uma exigência enorme em tudo quanto diz respeito à literatura infantil. Queria que nas mãos das crianças só andassem livros perfeitos sob todos os aspectos. Reputo a literatura infantil um dos mais poderosos factores da educação da criança, e a preparação mais eficaz para que a sua personalidade se defina em moldes de elevação e nobreza. Sei que vou irritar muitas pessoas fazendo esta afirmação, mas entendo que deveria existir uma censura especial para a literatura infantil – uma censura que impedisse a divulgação de certos livros, tão mal escritos e tão errados sob o ponto de vista moral, que só podem prejudicar os pequeninos leitores a quem se destinam.
- Muito haveria a dizer sobre este ponto mas eu sei que o seu jornal deve lutar, como todos, com a aflitiva falta de espaço e não quero abusar...
- Esta literatura visa somente distrair a criança ou o elemento recreativo que ela provoca na criança tornará mais fácil a associação de ideias?
- Evidentemente que uma história interessante, bem contada, beneficiará sempre a inteligência da criança, desenvolvendo-se as faculdades de compreensão e dedução, enriquecendo-lhe o espírito e alargando-lhe os horizontes da vida – a vida que os seus olhos procuram desvendar, numa curiosidade insaciável de dia para dia. Repito: a literatura infantil é para mim um problema de importância máxima, que chega a revestir aspectos de interesse nacional, e que, entre nós, está muito longe, ainda, da solução certa...
- Ultimamente, tem-se cuidado bastante do aspecto gráfico dos livros para crianças. Nesse ponto progrediu-se muito e já existem edições portuguesas que podem colocar-se, sem desdouro, ao lado dos melhores estrangeiros. Pena é que, em muitos casos, esses primores gráficos excedam muito o mérito da obra...
- Em resumo, reconhecendo o valor de alguns escritores portugueses, que na literatura infantil têm marcado lugar de grande relevo, não me dou por satisfeita, e queria mais, muito mais, -

<sup>393</sup> *O Século*, 22 de Dezembro de 1940, recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 39.

<sup>394</sup> *Diário do Minho*, n.º 6491, 19 de Fevereiro 1941, pp.1 e 4.

uma literatura renovada, tão bela e pura na essência e na forma, que fosse, por assim dizer, um mundo maravilhoso, onde os pequeninos, insensivelmente, aprendessem a ser bons, confiantes e nobres, daquela nobreza de sentimentos que faz os homens fortes justos, para engrandecimento da Pátria e a dignificação da Humanidade.

Em 7 de Janeiro de 1943, o jornal *O Século*<sup>395</sup> noticia desta forma a saída da novela infantil *O Vale dos Encantos*, ilustrado por Roberto de Araújo:

A arte de escrever para crianças é a mais difícil de quantas agrupa a literatura. Tem, como nenhum outro género literatura, de reagir contra a decadência das sociedades e de manter acima de tudo a beleza dos grandes ideais humanos. Não se dispensa numa novela ou conto infantil a poesia, a lição prática da vida, um pedaço de maravilha, uma expressão moral que facilite a educação dos pequenos seres aos quais se destina. Daí, o motivo por que são muitos os livros impropriamente chamados «para crianças» e bem poucos os que constituem peças modelares e úteis de literatura infantil. Entre as senhoras que em Portugal escrevem para crianças, tem lugar de alto relevo e primazia a nossa ilustre colega Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lamas.

Ainda em Janeiro fazem referência ao novo livro de Maria Lamas os jornais *Século Ilustrado* no dia 16 e *Novidades* no dia 27.

Para Raquel Bastos<sup>396</sup> o livro *O Vale dos Encantos* apresenta uma “mistura da realidade e sonho, de que o [...] livro está cheio” e “é dum grande interesse para as crianças”.

Também *A Comarca de Arganil*, em 29 de Janeiro de 1943 e o jornal *República*, a 30 do mesmo mês referem a publicação do novo livro de Maria Lamas.

Maria Isabel Lupi<sup>397</sup>, em carta datada de Lisboa, 2 de Fevereiro de 1943, mostra o seu contentamento e satisfação por mais esta novela para as crianças, tão magistralmente escrita:

Queridíssima Maria:

Acabei há pouco «O Vale dos Encantos» e a minha primeira ideia foi de lhe escrever e de lhe dizer quanto gostei, quanto apreciei a sua deliciosa novela infantil.

A Luzinha, a Liças, o Zé são personagens que dificilmente se esquecem, elas são tratadas por si com aquela sua linguagem terna, sua maneira tão inteligente de falar com as crianças e que eu já tanto apreciava nas suas novelas, para crianças, anteriores.

Na sua atmosfera de poesia, de encantadora poesia, as pessoas são contudo de carne e osso, quero dizer que a sua Luzinha, a Liças, o Zé, podiam ser verdadeiros. As suas atitudes não se assemelham nada como nos contos das fadas onde tudo é maravilhoso mas irrealizável.

<sup>395</sup> *O Século*, n.º 21837, 7 de Janeiro 1943, pp. 1 e 2.

<sup>396</sup> Carta manuscrita de Raquel Bastos a Maria Lamas, datada de 18 de Janeiro de 1943, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.198.

<sup>397</sup> Carta manuscrita de Maria Isabel Lupi a Maria Lamas, datada de 2 de Fevereiro de 1943, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.164.

É assim que eu acho que se escreve bem e que se deve escrever para crianças, por isso o seu livro é bom e por isso fiquei tão entusiasmada como já deve ter compreendido.  
Eu queria ainda dizer-lhe mil coisas. Poderei resumir tudo num grande abraço?  
Envio-lhe então um grande abraço onde vai toda a minha amizade e grande admiração.

A. F. assina no *Jornal do Comércio* em 7 de Fevereiro de 1943 um artigo elogioso do livro de Maria Lamas, no qual distingue os diversos tipos de livros que se escrevem para crianças em Portugal. Deste modo, para o jornalista:

Há livros, livrinhos e livrecos – como dizia o formosíssimo poeta Acácio de Paiva, quando criticava – até para as crianças! Com a diferença que os livros são muito mais difíceis de escrever, que os livrinhos são muito mais perniciosos e que os livrecos abundam na ganância dum mercado fácil e duma tolerância crítica criminosa perante tanta irresponsabilidade.  
A primeira condição para se escrever para crianças é ter uma cultura superior a vulgar, uma inspiração de cristalinas visões, um instinto pueril mas de alta concepção educativa. Os poetas e as mães serão os melhores escritores para a juventude. «O Vale dos Encantos», de Maria Lamas preenche todos os requisitos dos livros para crianças.

Ainda em Fevereiro a publicação do livro consta nos seguintes jornais<sup>398</sup>: *O Primeiro de Janeiro*, *O Diário do Alentejo*, *O Diário de Lisboa*, *A Gazeta de Coimbra*, *O Diário da Manhã*, *Vida Mundial Ilustrada*, *Diário de Beja* e *O Diário dos Açores*. Em Março, o jornal *O Almonda* reproduz o artigo de João Gaspar Simões, publicado no *Diário de Lisboa*, no mês anterior. Em Abril, a publicação do livro *O Vale dos Encantos* é noticiada no jornal *Renascença* e em Maio n' *O Diário de Notícias*.

O jornalista do jornal *Acção*<sup>399</sup> apresenta alguns elogios ao livro de Maria Lamas e ao que representa no panorama da literatura infantil em Portugal, nos anos 40, não deixando, porém, de tecer algumas críticas:

Só os poetas verdadeiros chegam a saber escrever para a gente moça. A dificuldade está em tudo: na escolha dos temas, no tratamento deles, na linguagem. Portugal é dos países mais pobres em qualidade, neste género de literatura, e não dos mais ricos na quantidade, embora nos últimos tempos a produção seja mais numerosa do que há vinte anos. Isto explica (e provoca...) muito da nossa negra falta de educação, da nossa carência de verdadeiras elites, apesar do esforço dos últimos tempos (estas coisas não se melhoram em meia dúzia de anos, porque têm seculares raízes), e até, julgo, esta deslocação de homens e valores que logo começa na primeira formação dos indivíduos, e se vai agravando pela vida fora. Dessem-nos uma literatura infantil inteligente e boa e ela seria o fulcro bastante para qualquer regular alavanca poder mover todo o resto. Recente tentativa neste ingrato campo é o livro de Maria Lamas, *O Vale dos Encantos*, que acabo de receber.

<sup>398</sup> Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 50, referência 2.112.

<sup>399</sup> Jornal datado de 4 de Março de 1943, em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 50, referência 2.112.

O jornalista critica alguma irrealidade no encontro inesperado de uma das personagens com o irmão de quem se afastara há muito tempo e afirma que “os pastores, só na lírica cultista, têm a beleza da alma deste do livro.” Por isso acrescenta:

Acuso, neste ponto, a autora de dar aos seus pequenos leitores imagem, que pode ser funesta, para alguns, duma simplicidade e bondade que as coisas campestres só têm nos cicloramas e na literatura delambida. Reconheço simultaneamente que pôs a nota da realidade naqueles garotos que apupam cruelmente a velha louca nas ruas e na feira. A característica que mais impressionou neste livro foi a naturalidade dos acontecimentos e a simplicidade do estilo com que são contados. Por esse lado trata-se de verdadeiro espécime de literatura infantil. Receio que não desperte muito entusiasmo nos rapazes, justamente porque nele entra em pouco grau a imaginação, mas estou em crer que as raparigas o lerão sem esforço e com agrado.

Em carta datada de Lisboa, 13 de Março de 1943, Fernanda de Castro<sup>400</sup> dirige-se a Maria Lamas, nos termos que se seguem, a propósito do livro *O Vale dos Encantos*:

Minha querida Amiga:

É com o maior gosto que lhe venho dizer o muito que gostei do seu livro: «*O Vale dos Encantos*». Creia que sou sincera ao escrever estas palavras. Li o livro de “fio a pavio”, numa noite em que estava tristonha e cansada, e não calcula como me fez bem à alma a leitura daquelas páginas tão puras, tão frescas, tão cheias de inocente encanto! Além disso, gosto muito do seu estilo simples, corrente – como água de fonte a brotar da rocha.

Bem-haja, pois, pelos agradáveis momentos que me proporcionou oferecendo-me o seu livro.

Creia-me sua amiga e admiradora muito obrigada

Fernanda de Castro

O jornal *Correio dos Açores*<sup>401</sup> de 20 de Junho de 1943, numa notícia intitulada «Maria Lamas publicou mais um livro *O Vale dos Encantos* em que há homenagem à Terra e à paisagem micalense» revela que se trata de uma novela infantil. Realçam a história da escritora Maria Lamas, dando como exemplo a organização de duas exposições que obtiveram imenso êxito: a exposição sobre S. Miguel, a que assistiram os Srs. Presidentes da República e do Conselho e também a exposição ocorrida, no Ateneu Comercial, no Porto. Para o articulista do jornal “esta obra é mimosa, cheia de encantos e de ternura, em linguagem simples e atraente.” Para prova do que é afirmado, o jornal transcreve vários excertos da obra em questão.

---

<sup>400</sup> Carta manuscrita de Fernanda de Castro a Maria Lamas, datada de 13 de Março de 1943, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.91.

<sup>401</sup> *Correio dos Açores*, n.º 6717, 20 de Junho 1943, pp. 1 e 4.

Em Abril de 1943, a revista *Os Nossos Filhos*<sup>402</sup>, através da jornalista Lília da Fonseca, promove um inquérito subordinado à pergunta única: «Que orientação deve seguir a Literatura Infantil?». Lília da Fonseca relembra a queixa de Eça de Queirós, no final do século XIX, em relação ao abandono a que estava votada a criança portuguesa, no que dizia respeito à literatura. O escritor lembrava que havia imensos livros, “deliciosamente ilustrados e efabulados, que a cidade do Tamisa anualmente editava para deleite e formação dos adoráveis «babies»”<sup>403</sup> e sentia a mágoa da ausência da literatura infantil no seu país.

Eça de Queirós alvitava, que havendo tantas senhoras inteligentes, mas necessitadas de ganhar a vida, algumas delas se poderiam dedicar a este ramo da literatura, por bem se ajustar à sua feminilidade e ao fervor maternal que toda a mulher em si comporta.

Lília da Fonseca salienta Maria Amália Vaz de Carvalho e Gonçalves Crespo, que tinham reunido em volume as traduções “dos mais insinuantes contos infantis dos países nórdicos”<sup>404</sup> e Ana de Castro Osório que tinha iniciado “a bela tarefa de recolher da tradição oral o maravilhoso do reportório popular, concernente a historietas para espíritos infantis.”<sup>405</sup>

Na opinião de Lília da Fonseca, o trabalho do verdadeiro escritor de literatura infantil consiste em “estudar profundamente o coração do menino, para que, com a sua narrativa, o seu conto, a sua poesia, a sua peça teatral, o clarão se não apague, se não extinga, a risada não deixe de retinir.”<sup>406</sup>

Considera, por isso, que chegou o momento de ouvir “grandes escritores, consagrados e de nome aureolado pelo maior dos prestígios literários, ou os que apesar da sua juventude, são já uma eloquente realidade [...]”<sup>407</sup>

No inquérito são ouvidos três escritores: Maria Lamas, Eduardo Schwalbach (1860-1946)<sup>408</sup> e Aquilino Ribeiro (1885-1963). Interessa-nos, sobretudo a opinião de Maria Lamas, na altura em que tinha publicado *O Vale dos Encantos*.

<sup>402</sup> Lília da Fonseca, *Os Nossos Filhos*, n.º 11, Março 1943, p. 6.

<sup>403</sup> Id., ibid.

<sup>404</sup> Id., ibid.

<sup>405</sup> Id., ibid.

<sup>406</sup> Id., ibid.

<sup>407</sup> Id., ibid.

Na breve introdução que Lília da Fonseca apresenta, em relação à escritora, destacamos o seguinte:

*O Vale dos Encantos* está fresco da tinta dos prelos, e ainda nos perdura no espírito o encantamento que nos trouxe a leitura da formosa novela infantil. Ela teve o condão de nos projectar de novo para a infância; de nos abrir aqueles jardins maravilhosos de candura e deslumbramento que só uma vez se percorrem.

É livro dos que conferem a consagração a um nome, se dela ainda houvesse mister a escritora que ilustra as letras portuguesas com o fulgor do seu talento. Mas na bibliografia infantil de D. Maria Lamas, todos os seus livros são poemas de ternura e percepção da alma infantil. Havia, por isso, que ouvir a sua palavra. Seria preciosa e indispensável neste inquérito.<sup>409</sup>

Lília da Fonseca prossegue, com a caracterização de Maria Lamas:

O [seu] sorriso [...] é um oásis na fealdade da vida em que todos egoistamente nos acotovelamos. Tem elegância moral, tem camaradagem, tem compreensão do coração humano. Por isso, indulgentemente, nos revela a impertinência de lhe fazermos perder alguns minutos e facilita a nossa missão.<sup>410</sup>

Segue-se a pergunta sobre a directriz da literatura infantil em Portugal, ao que Maria Lamas responde:

Em Portugal, a literatura infantil não tem uma directriz acentuada nem obedece a determinado modelo. Cada autor escreve conforme as suas tendências ou critério pessoal. Aparecem, portanto, livros de todos os géneros, embora predominem os contos de fadas e encantos, mas a verdade é que a qualidade nem sempre corresponde à quantidade... E, no entanto, é indispensável dar às crianças livros diferentes de quase todos os que, até agora, têm constituído a literatura infantil – livros onde palpite beleza, generosidade, heroísmo e um sentido forte de humanidade, sem pieguices nem atitudes românticas, antes optimista, confiante e saudável.<sup>411</sup>

---

<sup>408</sup> Eduardo Schwalbach Lucci estreou-se no jornalismo no *Diário da Manhã*, onde começou com a publicação de um folhetim. Mais tarde, ficou responsável por toda a redacção do *Diário Ilustrado* que, posteriormente, passou a chamar-se *Correio da Manhã*. Fez várias viagens para dar cobertura à família real. Trabalhou no *Jornal do Comércio*, no *Diário Popular*, no *Correio da Noite*, onde as condições salariais eram tentadoras. Participou em convívios partidários e fundou o seu próprio jornal, *A Tarde*, que mais tarde se fundiu com a *Gazeta de Portugal*, onde Schwalbach passou a ser um simples redactor. Teve grandes êxitos no teatro de revista, tendo chegado a director do Conservatório. Foi redactor da câmara dos Pares. Conheceu o director do *Século*, que lhe entregou a direcção do *Século de Portugal e Colónias*. Dirigiou a publicação da *Revista Literária, Científica e Artística*. Foi director do *Diário de Notícias*, onde promoveu campanhas de sensibilização e solidariedade e deu início a publicações como *Notícias Comercial, Industrial e Financeiro*, *Notícias Insular e Colonial*, *Notícias Pedagógico*, *Notícias Teatral* e *Notícias Miudinho*. Iniciou a sua vasta produção teatral, em 1883, com *Surpresas*, representada no Teatro do Ginásio. A sua peça *O Íntimo*, estreada no teatro nacional de D. Maria II, em 1891, constituiu um êxito. Cultivou o drama, o teatro infantil, a opereta e a revista, género em que se tornou, em Portugal, um paradigma. Cf. Leonel de Oliveira (coordenação) *Quem é Quem, Portugueses Célebres*, Lisboa, Círculo de Leitores, p. 475.

<sup>409</sup> *Os Nossos Filhos*, 12, Maio, 1943, p. 12.

<sup>410</sup> Id., ibid.

<sup>411</sup> Id., ibid.

Lília da Fonseca quer, também, saber se Maria Lamas é da opinião de que se introduza no conto o sobrenatural e o maravilhoso, em decalque da forma simples e objectiva como a criança vê a vida. Vejamos o que Maria Lamas pensa sobre este tópico:

Penso que os dois géneros podem ser belos e despertar o interesse das crianças. Tudo está na maneira de contar... A linguagem com que se fala aos pequenitos tem uma importância enorme e deve merecer ao escritor especial estudo e carinho. Não basta empregar palavras simples, que eles compreendam sem esforço, mas sim encontrar a expressão sugestiva, clara, justa e harmoniosa, que corresponda perfeitamente à ideia e transmita ao espírito da criança, beleza, alegria, força e clareza que devem existir em toda a literatura infantil.<sup>412</sup>

Lília da Fonseca insiste na abordagem do mundo sobrenatural em tão delicado sector da literatura e quer saber se se deverá aproveitar “toda essa figuração que alimenta a curiosidade do povo, tais como bruxas e mouras encantadas.”<sup>413</sup>

A resposta de Maria Lamas a esta questão é bastante clara:

Reprovo tais assuntos, por impróprios. Só muito excepcionalmente histórias e lendas desse género poderão ter a frescura, ingenuidade e pureza que convém à literatura infantil. O maravilhoso e o real podem e devem ser dados às crianças através de uma literatura sã, construtiva e bela, trabalhada com amor, tal como se fosse um poema, uma obra de Arte delicadíssima!

Tenho, sob este ponto, uma opinião intransigente. É preciso que o estilo e a ideia formem um todo harmonioso, capaz de prender a atenção das crianças a ponto de lhes fazer sentir, como se tivessem surgido espontaneamente no seu espírito, todo o encanto, pensamentos generosos e ensinamentos que a obra encerre. Mas, falando ainda do maravilhoso, penso que deve revestir novos aspectos, e levar assim, proveitosamente, a alma da criança à exaltação do heroísmo, da virtude, da força, da justiça e de todos os sentimentos nobres, capazes de dignificar a espécie humana. Mas, em qualquer caso, é preciso atender sempre à sensibilidade infantil, e em especial, ao temperamento e psicologia da criança portuguesa.<sup>414</sup>

Também Adelaide Bramão<sup>415</sup> se pronuncia sobre *O Vale dos Encantos* em carta escrita e assinada também por Alberto Bramão. Para Adelaide Bramão o livro apresenta tudo o que é adequado às crianças, mostrando mais uma vez que foi escrito por uma grande escritora:

---

<sup>412</sup> Id., ibid.

<sup>413</sup> Id., ibid.

<sup>414</sup> Id., ibid.

<sup>415</sup> Carta manuscrita de Adelaide Bramão e de Alberto Bramão a Maria Lamas, datada de 20 de Janeiro de 1948. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.226. Como a carta é manuscrita, não se percebe se o ano é 1948 ou 1943, mas pelo teor da carta, parece-nos que seja de 1943.



Acabei de ler o «Vale dos Encantos» e é debaixo da bela impressão que me deixou a sua leitura que lhe venho escrever esta carta.

O talento da minha boa amiga, o seu alto valor literário, não precisa que lhe diga que esse livro está primorosamente escrito, numa linguagem simples, como tem de ser a linguagem para crianças, e que o assunto foi escolhido por mão de mestra conhecedora do espírito das leitoras a que ele particularmente se destina.

A sua grande sensibilidade encontrou um magnífico tema para desenvolver, definiu-o com uma bela alma de artista, deu-lhe toda a emoção que o seu coração de mulher, mãe e avó sabe traduzir, fazendo dum livro um grande prazer espiritual para todos os que o lêem, incluindo os adultos. As figuras da Luzinha, Liça, Zé, Serafina foram marcadas primorosamente, todas definindo caracteres diferentes, todas acusando na autora uma rara sensibilidade.

São almas boas e com quem faz bem conviver e em que as crianças encontram proveitosos ensinamentos.

A 16 de Dezembro de 1933, *O Século* assinalava num artigo não assinado com o título «A *Montanha Maravilhosa*<sup>416</sup> de Rosa Silvestre com ilustrações de Roberto Araújo<sup>417</sup> – Um livrinho que vai encantar as crianças e que a editorial – Século acaba de publicar», apresentando um texto claramente publicitário, a que juntava uma foto rubricada de Rosa Silvestre:

A editorial Século abriu o ciclo das suas publicações infantis com uma obra oportuna e valiosa. [...] O livro que a ilustre escritora agora publicou – *A Montanha Maravilhosa* – é uma novela infantil, que, pelo interesse do entrecho, a linguagem clara e elegante, o ritmo e as lições morais que contém, pode considerar-se como modelar no seu género. [...] A novela permite uma sucessão de quadros encantadores, de cenas cheias de vivacidade e de ternura, de lições de coisas e de preceitos morais, que fazem do livro mais do que uma obra de ficção destinada a recrear, um trabalho didáctico, que serve para educar. [...] A autora soube com rara maestria, diluir os ensinamentos no texto da obra, de forma que o leitor, insensivelmente, os vai bebendo, enlevado nas peripécias do entrecho. Por outro lado, a elegância da forma literária, a graciosidade da exposição, tornam este livrinho um trabalho que corresponde à actividade mental da autora. O nome literário de Rosa Silvestre já se impôs ao afecto das crianças, à gratidão das mães e à admiração de todos e tem neste livro uma das mais belas criações da literatura infantil.

Ainda no mesmo mês, no dia de Natal, era também a vez do jornal *Voz das Colónias*, no caderno nº 8, noticiar a saída da novela *A Montanha Maravilhosa*, pela mão de S. N. Um pouco mais tarde, em 3 de Janeiro de 1934, A.J.A. assinava também uma crítica, no *Jornal de Notícias* do Porto.

A *Revista Fémina – Jornal Ilustrado da Mulher*, no seu nº 9, dirigido por Helena de Aragão em 12 de Janeiro de 1934 apresenta Maria Lamas na capa, com o seguinte destaque: «A ilustre senhora D. Maria Lamas, escritora delicada, inspirada poetisa que

---

<sup>416</sup> O original dactilografado e emendado por Maria Lamas do livro *A Montanha Maravilhosa* encontra-se no Espólio E-28, na Biblioteca Nacional de Portugal, na caixa 59. O livro tem a data de impressão a 10 de Dezembro de 1933.

<sup>417</sup> 1908-1969.

dirige o suplemento de *Modas & Bordados* do jornal *Século* e que publicou há dias um delicioso e enternecedor livro de leitura infantil: *A Montanha Maravilhosa*».

No Brasil, o jornal *Diário Português* do Rio de Janeiro realçava a 21 de Janeiro de 1934 que “há cinquenta anos que Eça de Queirós notou a falta de literatura infantil entre nós, quando já na Inglaterra essa literatura era abundantíssima e cheia de interesse, bastando dizer que nela figuravam grandes nomes literários daquele país.”

A 18 de Fevereiro do mesmo ano, o *Jornal do Comércio e das Colónias* referia o livro de Rosa Silvestre. Ainda em 1934, também o jornal *Tic-Tac* referia a publicação do livro *A Montanha Maravilhosa*, no seu nº 57. A novela é sucessivamente noticiada no jornal *Moçambique* de Lourenço Marques, a 8 de Março de 1934 e no jornal *A Voz*, a 12 de Julho de 1934.

A novela infantil *Os Brincos de Cerejas* começou por sair em folhetim no jornal *A Voz* durante o ano de 1928, na rubrica «Semana Infantil». Só seria publicada em 1935.

Em Janeiro de 1942, Maria Lamas oferece o livro *Os Brincos de Cerejas* (novela infantil) aos netos, com a seguinte dedicatória: “Para os queridos pequeninos Manuel Henrique, João Carlos e Maria Benedita com o mais ardente desejo de felicidade da avó muito amiga – Maria Lamas (Rosa Silvestre)”<sup>418</sup>

O *Diário de Notícias* noticiava o livro *Os Brincos de Cerejas* a 22 de Janeiro de 1935, seguindo-se-lhe O *Jornal de Notícias* que salientava a publicação do livro infantil de Maria Lamas, *Os Brincos de Cerejas*, a 26 de Janeiro de 1936. Em Fevereiro, O *Jornal* do Funchal considerava que “o livro é de moral, é de educação, e a criança analfabeta pode ouvi-lo.”

A participação literária não se restringe aos livros publicados. A imprensa, também, mostra um retrato da imensa criatividade de Maria Lamas, enquanto contista dedicada ao público infantil.

A revista *Civilização* apresenta-se ao público, com o número 1 em Julho de 1928, sob a direcção de Ferreira de Castro (1898-1974) e de Campos Monteiro (1899-1961). A revista será publicada até 1937, atingindo o número 99. A estreia de Rosa Silvestre dá-se logo no número um, publicando contos, ora com o pseudónimo, ora

---

<sup>418</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 59.

assinando Maria Lamas. Em 1928, aparecem ao público os contos: *Aventuras dum Coelho Branco*<sup>419</sup>, *A Tristeza de Flor-de-neve*<sup>420</sup>, *O Brilhante Perdido*<sup>421</sup>, *Os Barquinhos e a Boneca*<sup>422</sup>, *A Revolta do Néquito*<sup>423</sup>, *D. Espertalhão e o Saco de Trigo*<sup>424</sup>, *O Gigante Zabalão*<sup>425</sup>, *A Voz dos Búzios*.<sup>426</sup>

Ainda sob o pseudónimo de Rosa Silvestre, em 1929, Maria Lamas publica os seguintes contos, na *Civilização*, na rubrica «O Reino dos Miúdos» com desenhos de vários ilustradores: *A Esperteza dum Peixinho*<sup>427</sup>, *O Ano Novo*<sup>428</sup>, *Surpresas do Carnaval*<sup>429</sup>, *Como D. Fagundo emagreceu*<sup>430</sup>, *Uma Viagem de Aeroplano*<sup>431</sup>, *A Maravilha das Cores*<sup>432</sup>, *Um Presente da Primavera*<sup>433</sup>, *O Desejo de Carmina*<sup>434</sup>, *O Comboio das Fadas*<sup>435</sup>, *O Lencinho da Pastora*<sup>436</sup>, *A Inimiga do Amor*<sup>437</sup>, *Os Soldadinhos de Chumbo*<sup>438</sup>, *Os Sapatinhos Dourados*<sup>439</sup>, *A Fada Madrugadora*<sup>440</sup>, *A Aventura dum Príncipe*<sup>441</sup>, *O Príncipe Medroso*<sup>442</sup>, *O Gigante da Montanha*<sup>443</sup>, *Os*

<sup>419</sup> *Civilização*, n.º 1, Julho, 1928, pp. 65-67, com desenhos de Marimília, autoria de Rosa Silvestre.

<sup>420</sup> *Civilização*, n.º 1, Julho, 1928, pp. 68-71, com desenhos de Sara Afonso, autoria de Maria Lamas. Posteriormente foi publicado no jornal *A Voz*, n.º 976, 26 de Outubro 1929, p. 3 e n.º 983, 2 de Novembro 1929, p. 3 com o pseudónimo de Rosa Silvestre.

<sup>421</sup> *Civilização*, n.º 2, Agosto, 1928, pp. 73-75 e pp. 78-79, com desenhos de Marimília, autoria de Maria Lamas.

<sup>422</sup> *Civilização*, n.º 3, Setembro, 1928, pp. 73-75, com desenhos de Lino António, autoria de Rosa Silvestre.

<sup>423</sup> *Civilização*, n.º 4, Outubro, 1928, pp. 73-75, com desenhos de Rodolfo, autoria de Maria Lamas.

<sup>424</sup> *Civilização*, n.º 5, Novembro, 1928, pp. 73-75, com desenhos de Marimília, autoria de Rosa Silvestre. Este conto voltaria a ser publicado na revista *Lusitânia*, Rio de Janeiro, n.º 6, 1934, p. 16.

<sup>425</sup> *Civilização*, n.º 5, Novembro, 1928, pp. 76-78 e p. 127, com ilustrações de Ofélia, autoria de Maria Lamas.

<sup>426</sup> *Civilização*, n.º 6, Dezembro, 1928, pp. 105-107, com desenhos de Ofélia Marques, autoria de Rosa Silvestre.

<sup>427</sup> *Civilização*, n.º 7, Janeiro, 1929, pp. 73-75, com desenhos de Ofélia Marques.

<sup>428</sup> *Civilização*, n.º 7, Janeiro, 1929, pp. 76-78, com desenhos de Marimília.

<sup>429</sup> *Civilização*, n.º 8, Fevereiro, 1929, pp. 73-75, com desenhos de Marimília.

<sup>430</sup> *Civilização*, n.º 8, Fevereiro, 1929, pp. 76-78, com desenhos de Marimília.

<sup>431</sup> *Civilização*, n.º 9, Março, 1929, pp. 73-75, com desenhos de Marimília.

<sup>432</sup> *Civilização*, n.º 9, Março, 1929, pp. 76-78, com ilustrações de J. Tagarro.

<sup>433</sup> *Civilização*, n.º 10, Abril, 1929, pp. 92-94, com desenhos de Ofélia Marques.

<sup>434</sup> *Civilização*, n.º 11, Maio, 1929, pp. 84-86, com ilustrações de Roberto Nobre.

<sup>435</sup> *Civilização*, n.º 12, Junho, 1929, pp. 81-83, com ilustrações de Marimília.

<sup>436</sup> *Civilização*, n.º 12, Junho, 1929, pp. 84-86, com ilustrações de Ofélia Marques.

<sup>437</sup> *Civilização*, n.º 13, Julho, 1929, pp. 75-78, com ilustrações de Lino António.

<sup>438</sup> *Civilização*, n.º 13, Julho, 1929, pp. 81-83, com desenhos de Marimília.

<sup>439</sup> *Civilização*, n.º 13, Julho, 1929, pp. 84-86, com ilustrações de Roberto Nobre.

<sup>440</sup> *Civilização*, n.º 14, Agosto, 1929, pp. 81-83, com desenhos de Marimília.

<sup>441</sup> *Civilização*, n.º 14, Agosto, 1929, pp. 84-86, com desenhos de Ofélia.

<sup>442</sup> *Civilização*, n.º 15, Setembro, 1929, pp. 81-83, com ilustrações de Ofélia Marques.

<sup>443</sup> *Civilização*, n.º 16, Outubro, 1929, pp. 81-83, com ilustrações de Marimília. Publicado no jornal *A Voz* n.º 568, 4 de Setembro 1928, p. 3, no Suplemento «Semana Infantil», sob o pseudónimo Rosa Silvestre.

*Castelos de Areia*<sup>444</sup>, *A Rainha das Flores*<sup>445</sup>, *A Aldeia do Castigo*<sup>446</sup>, *O Natal do Pastorinho*.<sup>447</sup>

Durante o ano de 1930 são ainda publicados na *Civilização*, com o pseudónimo de Rosa Silvestre, os contos: *As Vozes Misteriosas*<sup>448</sup>, *Maria do Luar*<sup>449</sup>, *Quando o Inverno chegou*<sup>450</sup>, *A Fada Risonha*<sup>451</sup>, *Uma Luta no Jardim*<sup>452</sup>, *A Chegada da Primavera*<sup>453</sup>, *Uma Viagem à Lua*<sup>454</sup>, *História de D. Presumida*<sup>455</sup>, *O Segredo do Papagaio*<sup>456</sup>, *A Rainha Rosina*<sup>457</sup>, *A Vingança do Feiticeiro*<sup>458</sup>, *A Coragem de D. Pantaleão*<sup>459</sup>, *Aventura de 7 Borboletas*<sup>460</sup>, *A Vingança da Águia*<sup>461</sup>, *A Princesa Liliana e os três Anões*.<sup>462</sup>

Em 1949, no nº 6, a revista da Associação Feminina Portuguesa para a Paz<sup>463</sup> aconselha uma “pequena bibliografia para crianças de mais de dez anos”, mas, curiosamente, os livros de Maria Lamas não constam, apesar de ela fazer parte da Associação, sendo indicados os seguintes livros: *História das Invenções*, *História do*

<sup>444</sup> *Civilização*, n.º 16, Outubro, 1929, pp. 84-86 e p. 135, com ilustrações de Roberto Nobre.

<sup>445</sup> *Civilização*, n.º 17, Novembro, 1929, pp. 73-75, com ilustrações de Roberto Nobre.

<sup>446</sup> *Civilização*, n.º 17, Novembro, 1929, pp. 76-78, com ilustrações de Ofélia Marques.

<sup>447</sup> *Civilização*, n.º 18, Dezembro, 1929, pp. 97-99, com ilustrações de Roberto Nobre.

<sup>448</sup> *Civilização*, n.º 19, Janeiro, 1930, pp. 84-86, com ilustrações de Roberto Nobre.

<sup>449</sup> *Civilização*, n.º 20, Fevereiro, 1930, pp. 73-75 e p. 79, com ilustrações de Marimília. Inicialmente publicado no jornal *A Voz*, n.º 402, 20 de Março 1928, p. 3, na secção «Semana Infantil», com o pseudónimo de Rosa Silvestre.

<sup>450</sup> *Civilização*, n.º 20, Fevereiro, 1930, pp. 76-78, com desenhos de Ofélia Marques.

<sup>451</sup> *Civilização*, n.º 21, Março, 1930, pp. 73-75, com desenhos de Roberto Nobre.

<sup>452</sup> *Civilização*, n.º 21, Março, 1930, pp. 76-78, com ilustrações de Ofélia Marques.

<sup>453</sup> *Civilização*, n.º 22, Abril, 1930, pp. 73-75, com desenhos de Marimília.

<sup>454</sup> *Civilização*, n.º 22, Abril, 1930, pp. 76-79, com desenhos de Roberto Nobre.

<sup>455</sup> *Civilização*, n.º 23, Maio, 1930, pp. 73-75 e p. 125, com desenhos de Marimília. Publicada em primeiro lugar no jornal *A Voz*, n.º 589, 25 de Setembro 1928, p. 3, na secção «Semana Infantil» sob o pseudónimo de Rosa Silvestre.

<sup>456</sup> *Civilização*, n.º 23, Maio, 1930, pp. 76-77, com desenhos de Roberto Nobre.

<sup>457</sup> *Civilização*, n.º 24, Junho, 1930, pp. 73-75, com desenhos de Marimília. Também publicado no jornal *A Voz*, n.º 32, 6 Março 1927, p. 5, no Suplemento «Semana Infantil», com o pseudónimo de Rosa Silvestre.

<sup>458</sup> *Civilização*, n.º 24, Junho, 1930, pp. 76-79, com desenhos de Nobre. Primeiramente publicado no jornal *A Voz*, n.º 121, 5 de Junho 1927, p. 5, no Suplemento «Semana Infantil», com o pseudónimo de Rosa Silvestre.

<sup>459</sup> *Civilização*, n.º 25, Julho, 1930, pp. 73-75, com desenhos de Marimília. Publicado primeiramente no jornal *A Voz*, n.º 67, 10 de Abril 1927, p. 5, no Suplemento «Semana Infantil», sob o pseudónimo de Rosa Silvestre.

<sup>460</sup> *Civilização*, n.º 25, Julho, 1930, pp. 76-78, com desenhos de Roberto Nobre.

<sup>461</sup> *Civilização*, n.º 26, Agosto, 1930, pp. 73-75 e p. 79, com desenhos de Roberto Nobre. Primeiramente publicado no jornal *A Voz*, n.º 306, em 11 de Dezembro, 1927, p. 5 no Suplemento «Semana Infantil» sob o pseudónimo de Rosa Silvestre.

<sup>462</sup> *Civilização*, n.º 26, Agosto, 1930, pp. 76-78, com desenhos de Roberto Nobre. Este conto foi primeiramente publicado no jornal *A Voz*, n.º 379, em 26 de Fevereiro, 1928, p. 5 na secção «Semana Infantil» com o pseudónimo de Rosa Silvestre.

<sup>463</sup> *AFPP*, n.º 6, 1949, p. 11. Revista da Associação Feminina Portuguesa para a Paz.

*Mundo e Geografia de D. Benta* de Monteiro Lobato (1882-1948); *Nómadas do Norte* de James Curwood (1878-1927); *Caninos Brancos* de Jack London<sup>464</sup> (1876-1916); *A Ilha do Tesouro* de Robert Stevenson (1850-1894); *A Ilha do Coral* de Ballantyne (1825-1894); *Robinson Suíço* por Wyss (1743-1818); *Aventuras de Tom Sawyer* de Mark Twain<sup>465</sup> (1835-1910); *Aventuras duma Família de Leões* de Andrius Albertus Pienaar<sup>466</sup> (1894-1979); *Emílio e os Detectives* e *Emílio e os três Gémeos* de Erich Kastner (1899-1974). De Virgínia de Castro e Almeida: *História de D. Redonda e da sua Gente*; *Em Pleno Azul*; *Céu Aberto. O que canta o Pintassilgo* de Jane Bensaúde (1862-1938) e Agostinho Celso de Azevedo Campos (1870-1944). De Jaime Cortesão (1884-1960), *O Romance das Ilhas Encantadas*. De Adolfo Simões Müller eram indicados quatro livros: *Historiazinha de Portugal*; *A Pedra Mágica e a Princezinha Doente*; *O Homem das Mil Invenções* e *O Trinca – Fortes*.

Em 1964, quando está em Paris, Maria Lamas vê surgir a oportunidade de editar as traduções de alguns dos seus contos e novelas infantis. Tomamos conhecimento desse facto através de uma carta manuscrita à filha, datada de 4 de Fevereiro de 1964<sup>467</sup>:

Como te disse também na minha carta, surgiu-me a possibilidade de um trabalho editorial, com a casa Flammarion. Entre outras coisas, estão interessados na tradução de, pelo menos, alguns dos meus livros infantis – os romancelinhos, especialmente.

Peço-te o favor de veres se tenho algum exemplar da MONTANHA MARAVILHOSA, BRINCOS DE CEREJAS, ESTRELA DO NORTE, VALE DOS ENCANTOS, naquele armário que está no meu escritório. [...] Mas o VALE DOS ENCANTOS, que é o que preciso com maior urgência, talvez se encontre na Livrolândia, ao fundo da Calçada do Combro, creio eu.

Seria na década de 80 do século passado, que Maria Lamas foi requisitada para estar presente no livro sobre Literatura Infantil, de Fernando Cardoso<sup>468</sup>, que alterou a data de lançamento do livro por motivo de saúde, mas não quis desistir:

Como, porém, não quero, de forma alguma, desistir daquela incumbência (tanto mais que 80% do trabalho está efectuado) nem protelar por mais tempo a publicação do referido livro, solicito à minha ilustre confrade a sua colaboração, no sentido de sintetizar, em poucas linhas, o conteúdo de cada um dos seus livros, já que, até à data, não tive oportunidade de fazer, como pretendia, a leitura e apreciação dos mesmos.

---

<sup>464</sup> Pseudónimo de John Griffith Chaney.

<sup>465</sup> Pseudónimo de Samuel Langhorne Clemens, que também usou o de Sieur Louis de Conte.

<sup>466</sup> Usou o pseudónimo de Sangiro.

<sup>467</sup> Carta dactilografada de Maria Lamas à filha, Biblioteca Nacional de Portugal Espólio E-28, caixa 68, desdobramento da caixa 1.

<sup>468</sup> Carta manuscrita de Fernando Cardoso a Maria Lamas, datada de 26 de Dezembro de 1981, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 70, sem referência.

Peço-lhe ainda o especial favor de igualmente me habilitar com os seguintes elementos:  
-formato e tipo de capa (se cartonado se brochado), bem como o nome do ilustrador de cada um dos seus livros.

Em 1987, o jornal *Diário Popular* de 17 de Janeiro fazia referência ao livro *A Montanha Maravilhosa*, que teve uma reedição em 1971, em artigo de Soledade Martinho, jornalista que propôs a inclusão do livro à Direcção Geral da Cooperação para os países africanos.<sup>469</sup>

Em Março de 1982, aquando da realização do II Congresso de Escritores Portugueses, a escritora Orlanda Amarílis (1924-?) questiona a ausência de livros de Maria Lamas, para os mais pequenos, nas bibliotecas. Em carta reivindicativa dos escritores portugueses, aprovada por unanimidade, no Congresso, pede-se a exoneração dos elementos que compõem a Comissão de Leitura da Direcção de Serviços de Ensino Primário (Serviço de Acção Pedagógica) da Direcção-Geral do Ensino Básico, e apela-se para a criação de uma nova Comissão de Leitura.

Numa carta constituída por quinze pontos, salienta-se a marginalização a que vêm sendo votados, nomeadamente, nomes consagrados e representativos da literatura infantil portuguesa, autores novos, editoras e ilustradoras. Denuncia-se a falsa imagem criada a partir da marginalização da maioria dos escritores para a infância que leva a supor que não existe literatura infantil portuguesa, como várias vezes tem sido afirmado, inclusivamente, pelos próprios professores do ensino primário. Há também a questão da não representação dos escritores nas bibliotecas escolares. Denuncia-se que o apoio vem sendo nitidamente orientado apenas em benefício de alguns escritores e editoras. A carta faz referência à falta de imparcialidade da comissão de leitura, salientando a ditadura cultural exercida sobre as crianças das escolas primárias e pré-primárias que assim estão privadas de conhecerem a maior parte dos escritores portugueses, à situação de compadrio e amiguismo, à forma incorrecta como têm sido tratados os escritores e editores quando pretendem informar-se sobre obras enviadas para apreciação, facto que os coloca numa situação de dependência e mendicidade. Denuncia-se, ainda, a grande percentagem de autores estrangeiros (42 títulos), o facto de serem dinheiros públicos, e o facto de a comissão exercer desde 1976, ou seja sete anos, o que parece configurar demasiado tempo.

---

<sup>469</sup> Carta manuscrita de Soledade Martinho à filha de Maria Lamas, a dar-lhe conta da sua proposta. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 51, referência 2.117.

Dos livros adquiridos pela Direcção Geral do Ensino Básico para as escolas do ensino primário e jardins-de-infância constam os seguintes autores: António Torrado, Ilse Losa, Sérgio Godinho, Virgínia Motta, Alberta Meneres, Alice Gomes, Matilde Rosa Araújo, Sophia de Mello Breyner, Isabel Mendonça Soares, Leonel Neves, Aquilino Ribeiro, José Sacramento, Luísa Ducla Soares, Alves Redol, Glória Canuto Jorge, Maria Keil, José Barata Moura, Sidónio Muralha, António Botto, Garcia Barreto, Catarina Ferreira, Manuel Ferreira, Alice Nicolau, Isabel da Nóbrega, Isabel César Anjo, Cristina Malaquias, Maria Cândida Mendonça, Ramiro Osório, Leonor Santa-Rita, Sofia Sottomayor, Madalena Gomes, Papiniano Carlos, Carlos Correia, Eduardo Olímpio, António Sérgio, Lília da Fonseca e Patrícia Joyce, mas nenhum de Maria Lamas. A Comissão de Leitura da Direcção de Serviços de Ensino Primário adquiriu obras a vinte e oito editoras. No entanto, apenas duas escritoras, Madalena Gomes e Maria Cecília Correia, têm edições de autor. As aquisições, no número de setenta e sete, efectuadas pela Comissão de Leitura da Direcção de Serviços de Ensino Primário concentraram-se, sobretudo, em três editoras. Livros Horizonte, dezanove livros; Plátano, quarenta livros; Sá da Costa, dezoito livros. A maior parte das restantes editoras vendeu apenas um livro perfazendo a quantidade de vinte e sete livros. Também disto se queixaram os escritores no Congresso, em 1982.

Estas informações são recebidas por Maria Lamas, através de carta de Soledade Martinho Costa, datada de 14 de Fevereiro de 1982, para conseguir a sua assinatura à referida carta.

Para Alice Vieira<sup>470</sup>:

A melhor maneira de homenagear um autor é ler as suas obras. Para lá de todas as palavras de elogio e louvor, aquilo que verdadeiramente importa é levar os seus livros ao contacto com o leitor. No caso da obra para crianças de Maria Lamas o caso não é fácil como à primeira vista poderia parecer: encontrar um livro seu no mercado é tarefa difícil e quase sempre inglória.

Maria Lamas consta numa entrada no *Dicionário da Literatura Infantil Portuguesa* de António Garcia Barreto<sup>471</sup>, com o seguinte teor:

<sup>470</sup> Alice Vieira, *Maria Lamas 1893-1983*, Instituto da Biblioteca nacional e do Livro, Lisboa, 1993, p. 17.

<sup>471</sup> António Garcia Barreto, *Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa*, Coleção Campo da Literatura/Ensaio, Porto, Campo das Letras, 2002, pp. 287 e 288.

Escritora e mulher singular na vida pública portuguesa, Maria da Conceição Vassalo e Silva da Cunha Lamas, aliás Maria Lamas ou ainda Rosa Silvestre, pseudónimo que usou, nasceu a 6/10/1893 em Torres Novas e faleceu em Lisboa no dia 6/12/1983. Estreou-se na vida literária com o livro de versos *Humildes*, 1923.

Dirigiu o suplemento feminino *Modas & Bordados*, do jornal *O Século*, até 1947, e colaborou nas páginas infantis dos jornais *A Voz* e *Correio da Manhã*, tendo sido responsável, em 1925, pelo semanário infantil *O Pintainho*. Foi ainda repórter de *O Século*, em Gibraltar, Marrocos, Argélia e Madeira. Interessada pelos problemas das mulheres escreveu algumas obras de tipo sociológico entre os quais merecem referência *Mulheres do Meu País*, em 1948 e *A Mulher no Mundo*, 1950. Realizou conferências em vários locais, nomeadamente em Lisboa, Porto, e S. Miguel. Dadas as suas posições políticas viu-se obrigada ao exílio, tendo vivido em Paris durante algum tempo. Desde cedo, no entanto, canalizou o seu talento literário e disponibilidade de escrita para a literatura infantil. Sob o pseudónimo de Rosa Silvestre escreveu, de início, várias novelas e livros para os mais novos, como *Maria Cotovia*, 1929, ou *A Estrela do Norte*, 1934. Maria Lamas foi eleita em 1954 para o Conselho Mundial da Paz. Foi ainda Presidente do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, tendo sido agraciada com o grau de Oficial da Ordem de Sant'Iago.

Obras: Literatura Infantil:

*Maria Cotovia* -1929

*O Caminho Luminoso* -1930

*As Aventuras de Cinco Irmãozinhos* -1931

*A Montanha Maravilhosa*-1933

*A Estrela do Norte*-1934

*Os Brincos de Cerejas*-1935

*O Vale dos Encantos*-1942

Outras obras:

*Humildes*-1923

*A Ilha Verde*-1938

*As Mulheres do meu País*-1948

*O Despertar de Sílvia*-1950

*Arquipélago da Madeira, Maravilha Atlântica*-1955

*O Mundo dos Deuses e dos Heróis*-1959.

Este *Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa* apresenta mais duas entradas relativas a Maria Lamas, uma sobre o jornal *O Pintainho* e outra sobre a novela *A Estrela do Norte*. Sobre *O Pintainho* são tecidas as seguintes considerações<sup>472</sup>:

Jornal para crianças com direcção de Rosa Silvestre (Maria Lamas) que se começou a publicar a 16 de Julho de 1925 e terminou em 15 de Outubro de 1926, quando ia no nº 11. Tinha periodicidade bimensal, no início, tornando-se depois irregular. Era propriedade de Alberto Afonso e o seu preço cifrava-se em 1\$50, para 20 páginas. Entre os seus colaboradores encontram-se a própria directora, e também Ana Roque Gameiro Ottolini e Rocha Vieira.

<sup>472</sup> António Garcia Barreto, *Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa*, Colecção Campo da Literatura/Ensaio, Porto, Campo das Letras, 2002, p. 418.



*A Estrela do Norte* merece mais observações<sup>473</sup>:

Novela infantil da autoria de Rosa Silvestre, pseudónimo de Maria Lamas, com ilustrações de Júlio de Sousa, publicada pela editorial O Século, Lisboa, em 1934. Ler esta obra, hoje, é como regressar a um passado que já custa a crer ter existido. A história de João e Soledade, em que entram saltimbancos, o Patrão Ventura, o burrito Gafanhoto, o barco Estrela do Norte (e a própria Estrela do Norte) é uma história escrita com um sentimento de bondade e ternura a atravessá-la. Como uma conversa educada em que ninguém levanta a voz. Era inexoravelmente outro tempo. Um tempo português, de pobrezinhos com boas maneiras, de pequenas alegrias, de pequeninas ambições, um tempo que nos parece agora quase parado. Uma obra muito escorada na realidade da época, que não concede muitos espaços à imaginação nem à irrequietude das crianças. O livro encerra uma mensagem, que a autora resume no final do livro: “*Que cada um tenha também a sua boa estrela! Ela guiará os vossos passos no caminho do bem e iluminará o vosso coração com a luz bendita da bondade e do amor do próximo, que hão-de diminuir o sofrimento das criaturas e tornar o mundo melhor*”.

## 2. ESCRITA POÉTICA

Um dos primeiros poemas elaborados por Maria Lamas<sup>474</sup>, intitula-se *Crianças!*, datado de Benfica, Maio de 1925, dedicado a uma festa de confraternização das crianças, na confirmação de que a poetisa se dedicou a várias formas poéticas, entre as quais o soneto, que apresentamos, com a temática das crianças:

Crianças! Doce luz que nesta vida  
Nosso carinho vai iluminando!  
Anjos que Deus à Terra vai mandando,  
Minh'alma vos saúda enternecida!

Vejo em vós uma Esp'rança e, comovida,  
Um futuro melhor eu vou sonhando:  
Vossas almas, que vão desabrochando,  
À Terra tornarão linda e florida!...

Boquitas a sorrir, faces de rosas,  
Lembram um bando alegre de avezinhas.  
Que belo quadro formam, graciosas,

Sendo umas ricas, outras pobrezinhas,  
Brincando juntas, simples, descuidosas,  
Como se fossem todas irmãzinhas!...

---

<sup>473</sup> Idem, pp. 185-186.

<sup>474</sup> Poema dactilografado e assinado à mão por Rosa Silvestre. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 65, sem referência.

O primeiro e único livro de poesia publicado por Maria Lamas, com o pseudónimo de Rosa Silvestre, *Humildes*<sup>475</sup>, obteve uma fraca recepção na imprensa da época, no entanto, foi alvo de notícia no jornal *A Semana de Sintra*<sup>476</sup> em 7 de Novembro de 1924, por A. P. S. não se encontrando mais críticas à saída do livro.

Apesar de não voltar a publicar mais nenhum livro de poesia, Maria Lamas não deixou de escrever poemas, fosse para guardar, fosse para publicar em diversas secções infantis de jornais, ou em jornais de cariz infantil ou em revistas de teor feminino. No seu espólio encontram-se várias composições poéticas, das quais destacamos apenas algumas, no entanto, consideramos que seria importante reunir todas as composições para posterior publicação, dado que esta faceta da autora permanece desconhecida do grande público. Uma dessas composições, a que Maria Lamas deu o título pouco ambicioso de *As Minhas Quadras*, foi escrita em 1927 e assinada por Rosa Silvestre, num caderno com o formato de um coração<sup>477</sup>, composta pelas 14 quadras alusivas à temática amorosa:

I

Fico às vezes a cismar  
Neste mistério de Amor:  
És o bem da minha vida,  
Sendo tu a minha Dor!

II

Ainda que o teu amor  
Seja apenas, falsidade,  
Abençoada mentira!  
Nunca me fales verdade!...

<sup>475</sup> O livro *Humildes* está inserido numa colectânea que contém: *Cantigas Leva-as o Vento...* (3ª edição de Maria Cândida Parreira, 1925, da Tipografia Da Empresa Diário de Notícias. Esta autora já esgotou *Versos*, que atingiu a 2ª edição e *Cânticos de Saudade*. *Cantigas Leva-as o Vento* tem a 1ª e 2ª edição esgotadas); *Romeu e Julieta* de Gustave Dubarry da Livraria Barateira-Colecção de Ouro, 9-não datado (Havia também a Colecção Clássica, a Colecção de Ouro, a Colecção do Povo, a Colecção de Obras-primas e a Colecção Económica); *O Rei da Cidade Maravilhosa*, alegoria para crianças pela Madre Mary Loyola, Edição Casa Nun'Álvares-1929, tradução de Avelino Dantas, autorizada pela autora; *Oguim* por Riunossuqué Acutaganá, Imprensa Nacional, 1930, Colecção de Literatura Japonesa, traduzido para português por José Cabral de Lacerda e Minóru Izauá; *Definições*, versos de José Agostinho, Livraria Portuense-1914-Casa Editora de António Figueirinhas; *Eça de Queirós e a França* por P. Hourcade, Cadernos da Seara Nova-Estudos Literários-1936-tradução, prefácio e notas de Castelo Branco Chaves; *A Bomba* por frei Gil d'Alcobaça, sainete carnavalesco num acto, Lisboa, Actualidade 1930, da Parceria António Maria Pereira-1931; *Saudades*, carta em verso de Euclides Sotto-Mayor-1930; *Histórias que o Vento Conta*, ilustrações de Vasco L. Mendonça, de Maria do Carmo Peixoto, Empresa Nacional de Publicidade sucessora da Empresa Diário de Notícias da Biblioteca dos Pequenininos, 28, 1930, colecção dirigida e organizada por Emília Costa. A obra *Humildes* teve apenas dez exemplares editados.

<sup>476</sup> Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.

<sup>477</sup> Caderno manuscrito por Maria Lamas e assinado por Rosa Silvestre. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 65, sem referência.

III

Ciúmes, quem os não tem?!  
E eu tenho tantos, Amor!  
Ciúmes de que outra saiba  
Amar-te mais e melhor!

IV

De tudo o que mais me custa  
Na nossa separação,  
É não saber se tu tens  
Saudades minhas, eu não!

V

Andei perdida no mundo  
Ferindo-me nos abrolhos  
E, afinal, o meu destino  
‘Stava escrito nos teus olhos!

VI

Dizes que deixo saudades,  
Mas custa-me a acreditar!  
Trago-as todas no meu peito,  
-Como as posso eu lá deixar?!

VII

Tanta mulher tens amado  
Que ainda um dia, – vê lá! -  
Procuras o coração  
E não sabes onde está...

VIII

Eu nunca disputaria  
A ninguém teu coração.  
Não quero amor mendigado,  
Antes morrer da paixão!

IX

O mundo dá tanta volta!  
Quem dera que fosse assim  
E que numa dessas voltas  
Tu viesses para mim!...

X

Dizem que o amor é cego,  
Mas não posso acreditar.  
Tudo era negro, encontrei-te,  
Logo vi o Sol brilhar!

XI

A saudade faz sofrer,  
Mesmo assim quero-lhe bem!  
Uma saudade na vida,  
Pobre de quem a não tem!

XII

Amor com amor se paga!  
Assim deveria ser;  
Mas quanto mais eu te quero,  
Mais tu me fazes sofrer!

XIII

Mendigos de olhar profundo  
São felizes se têm pão.  
Só é pobre, neste mundo,  
Quem não tem uma ilusão...

XIV

Vai-se um amor e vem outro,  
Que lhe havemos de fazer?  
Também o sol morre, à tarde,  
Para tornar a nascer...

Um dos primeiros poemas publicados sob o pseudónimo de Rosa Silvestre, no Suplemento «Semana Infantil» do jornal *A Voz*<sup>478</sup>, é o poema intitulado *Pedrinhas da Rua*, em que a poetisa metaforiza o sofrimento das pedras da rua. Senão, vejamos:

Pedrinhas da rua,  
Por todos pisadas,  
Muito hão-de sofrer!  
Parece-me, às vezes,  
De tão magoadas,  
Que as oiço gemer...

Que boa era a vida  
Na serra distante  
Entre os romaninhos!  
Só viam de longe  
Algum viandante  
Passar nos caminhos.

Ouvindo cantar  
Com voz sonhadora  
Certa pastorinha,  
Pensavam: será  
A Nossa Senhora  
Que está na ermida?

À chuva e ao sol  
Viviam contentes,  
Tinham liberdade.  
Mas tudo mudou:  
Hoje são diferentes...  
Ai! Quanta saudade!

Partidas em mil  
Foram torturadas  
Até que, por fim,  
Cravadas no chão  
Sofrem desprezadas,  
Tormentos sem fim.

---

<sup>478</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 279, 13 Novembro 1927, p. 3. Este poema voltaria a ser publicado no mesmo jornal e no mesmo suplemento, n.º 392, 26 de Fevereiro 1928, p. 5 e na revista *Modas & Bordados*, 29 de Janeiro 1930, p. 8.

E os pés descalcitos  
De alguma criança  
Das mais pobrezinhas,  
São o único afago  
Na vida sem esperança  
Das tristes pedrinhas.

.....

Pedrinhas da rua  
Por todos pisadas  
Muito hão-de sofrer!  
Parece-me às vezes,  
De tão magoadas,  
Que as oiço gemer...

O suplemento «Semana Infantil» do jornal *A Voz* viria a servir de meio de comunicação para a publicação dos poemas de Maria Lamas. Aí, publicou *O Tonio do Lagar*<sup>479</sup>, poema que actua como denunciante da vida de crianças trabalhadoras, sem as menores condições de conforto, do qual transcrevemos apenas um excerto:

Dez anos mal cumpridos, pobrezito,  
E já a mourejar, ganhando a vida!  
Inda há estrelas no céu, começa a lida,  
Lá vai buscar o gado, o pequenito.

E quantos dias sem comer, coitado!  
Que o pedaço de pão que havia em casa,  
Meia sardinha assada numa brasa,  
São pró farnel guardados com cuidado.

Às vezes – Deus o sabe! – a tiritar,  
O barrete enterrado até aos olhos,  
Por caminhos cruéis, cheios de abrolhos,  
Perna ao léu e pezitos a sangrar.

As faces requeimadas pelo frio,  
Lá vai andando atrás das cabras mansas,  
Alheio às brincadeiras das crianças  
Cumprindo o seu dever, cheio de brio

[...]

Mas, chegado o Inverno, custa tanto...  
O vento gela e corta; é um horror!  
Há tanta fome, tanto mal, Senhor!  
A terra fica triste e sem encanto.

---

<sup>479</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 251, 16 Outubro 1927, p. 5.

*O Ribeirinho*<sup>480</sup>, poema extraído do primeiro e único livro de poesia, *Humildes*, foi o poema escolhido pela autora, para ser editado e publicado em livro, num tamanho reduzido numa edição de apenas 100 exemplares<sup>481</sup>, em 1933. Dada a relevância demonstrada pela autora na selecção do poema, consideramos importante a sua reprodução. Mais uma vez se assiste ao manifestar dos sentimentos de um elemento da natureza, num claro hino ao mundo campestre:

O berço do ribeirinho  
De musgo verde forrado,  
Muito fresco, perfumado,  
Até faz lembrar um ninho!

E o ribeirinho ao nascer  
Mostra logo que é vadio:  
Deixa o berço, tão macio,  
Põe-se a correr, a correr...

Os montes fazem-lhe medo.  
Mas, logo que vê as flores  
Fica perdido de amores,  
Quer beijá-las em segredo.

E lá vai, buscando o prado,  
Amoroso, ligeirinho,  
Dá-lhe o sol, e o ribeirinho  
Fica tonto, deslumbrado!

Assustou-se. Pressuroso  
Foge, foge; mas, por fim,  
Viu que era bonito assim.  
Cheio de luz e, vaidoso

Esquece as flores, vai à toa;  
Só pensando em se mostrar.  
Corre, corre, sem parar,  
Acha a vida muito boa!

Salto aqui, salto acolá,  
Lá vai ele, o ribeirinho.  
Perdeu-se do seu caminho,  
Já não sabe aonde está.

Na beleza que o rodeia  
Nem sequer tem reparado.  
E contente, descuidado,  
Vai chegando a uma aldeia.

Nisto surge-lhe uma azenha,  
Fá-la andar, contrariado,  
E vai-se embora, apressado.  
Não há nada que o detenha.

<sup>480</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 265, 30 Outubro 1927, p. 5.

<sup>481</sup> Documento no espólio. Biblioteca Municipal de Lisboa, Espólio E-28, Caixa 51, referência 2.117.

Uma nora vai gemendo,  
Uns boizinhos, muito lentos,  
Sossegados, pachorrentos,  
Vão bebendo, vão bebendo...

Estremece, o ribeirinho,  
Ao sentir que o vão sorvendo  
E vai correndo, correndo,  
Já não lhe agrada o caminho...

Ouve falar muita gente,  
Rega hortas e quintais  
E vê muitos animais...  
Não está nada contente.

Já não pensa em se mostrar!  
Então, uma voz sonora,  
Mas fresquinha como a aurora,  
Espalhou-se pelo ar.

O ribeirinho escutou,  
Alegrou-se, teve esperança.  
E uns pezitos de criança  
Dentro do leito encontrou.

Rodeou-os com ternura.  
Curioso, pôs-se a olhar  
E viu, curvada, a lavar  
E a bater na pedra dura

Uns trapos muito velhinhos  
Uma linda pequenita  
Mal vestida, coitadita!  
Era a dona dos pezinhos.

Muito alegre, já cantando,  
Mesmo naquela pobreza  
Era feliz, com certeza,  
Era feliz, trabalhando!

Ai! O ribeirinho agora,  
Vai afagando os pezitos,  
Engraçados, pequenitos,  
Com pena de se ir embora.

E lá vai, numa ansiedade,  
Numa pressa de chegar.  
Corre, corre, sem parar,  
Embora leve saudades...

Infeliz! Não pode amar  
E não se pode deter,  
Que o seu destino é correr,  
Correr, correr, para o mar...

Também no jornal *A Voz*<sup>482</sup>, Maria Lamas publica o poema intitulado *Quem faz Mal...*, cuja moral se enquadra na avaliação de como devemos tratar aqueles com quem convivemos:

É sempre assim, em geral:  
Quando alguém nos faz sofrer,  
É que nós avaliamos  
O mal que aos outros causamos.

Pois é bom, não esquecer  
Que uma pessoa,  
Para ser boa,  
Deve sempre procurar  
Tratar todos com amor  
E evitar  
Causar mal, seja a quem for.

Maria Lamas enquanto colaboradora do jornal *A Voz*, no Suplemento «Semana Infantil», além dos contos, publica também poemas de carácter infantil, com uma moral, como se pode verificar no poema intitulado *Fazer Bem*<sup>483</sup>, assinado por Rosa Silvestre:

A mamã de Nina  
Que ainda é pequenina,  
Quis fazer-lhe uma surpresa:  
Convidou vários meninos,  
Seus amiguinhos,  
E ei-los juntinhos  
Em volta da mesa.

Ano-Bom! Que alegria,  
E neste dia  
Todos riem contentes,  
Recebem-se presentes,  
Há grande animação!

E a Nina encontrou  
Na sua carteira,  
Uma linda pulseira  
Muito bem embrulhada.  
E toda corada  
Gritou:

-É para mim, mamãzinha?!  
Que bem me deve ficar!  
E, vaidosa,  
Foi logo, pressurosa,  
A pulseirinha  
No braço colocar.

---

<sup>482</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 306, 11 Dezembro 1927, p. 5.

<sup>483</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 328, 4 Janeiro 1928, p. 3.



A mãe não gostou,  
E achou,  
Que afinal,  
O pai fizera mal  
Em dar à pequenita  
Uma coisa bonita,  
Mas sem utilidade,  
Quando a verdade  
É que há muita criancinha,  
Pobrezinha...

Depois do jantar  
Mandou chamar  
Uma pequena  
Que lhe fazia pena  
Por ser aleijadinha!  
Andava ali na rua,  
Quase nua,  
Pedindo uma esmolinha  
A quem passava.

Quando ela apareceu  
A mãe falou assim:  
-Escutem, meus meninos:  
Inda sois pequeninos,  
Mas, enfim,  
É bom saber  
Que esta vida  
Nem sempre é divertida!...  
E que o nosso dever  
É ajudar,  
Consolar,  
Os pobrezinhos.

Por isso me lembrei  
De mandar aqui vir  
Esta menina,  
Que também é pequenina  
E não tem que vestir!  
Quereis repartir com ela  
Os vossos vestidinhos  
Como uns bons irmãozinhos?!

E todos à porfia.  
Foram logo buscar  
Qualquer coisa para dar  
À aleijadinha, coitada  
Que muito envergonhada  
Sorria, sorria...

Por fim sentaram-na à mesa  
E a pequena, confortada,  
Olhava, deslumbrada,  
Para tanta riqueza!

Desse dia em diante  
A pobrezinha  
Não tornou a mendigar,  
Aprendeu a trabalhar

E a Nina enternecida,  
Foi a sua amiga qu'rida  
Protegendo-a sem cessar!

E sempre assim deve ser!

Quem muito tiver  
Nunca deve esquecer  
Os que nada têm,  
Que a maior ventura  
S'tá na Caridade!  
Feliz quem puder  
Espalhar o bem,  
Amor e ternura,  
Dar felicidade  
A quem passa a Vida,  
A sofrer!...

Ainda no jornal *A Voz* publica entre outros, os poemas: *Os Sinos das Ermidinhas*<sup>484</sup>, *O Pão-de-ló*<sup>485</sup>, *O Pião*<sup>486</sup>, *Natal!*<sup>487</sup>, *A Passagem do Ano.*<sup>488</sup>

A época natalícia propicia a escrita e a consciência da infelicidade e da dor. Aqui, Maria Lamas usa um soneto, assinado com o pseudónimo de Rosa Silvestre, intitulado *Súplica*<sup>489</sup> para mostrar o sofrimento do mundo e a sua religiosidade:

Chegou outro Natal! Eu bem queria  
Escrever lindos versos e cantar  
Mil louvores ao Filho de Maria,  
Mas a minha alma escuta o soluçar

Das multidões que sofrem, neste dia,  
Não a fome e o frio, – isso é vulgar! –  
Mas outra dor maior, outra agonia:  
A de viver sem Fé e sem amar!

E nos meus lábios tristes morre o canto...  
Ao Deus que nos sorri com doce encanto,  
Nesta bendita noite de Natal,

Apenas sei dizer com humildade:  
-Vinde Senhor! Salvai a humanidade!  
É tempo já de exterminar o mal!

Maria Lamas publicou outro poema, também intitulado *Súplica* apesar de ser diferente, no jornal *A Voz*<sup>490</sup>, no suplemento «Tiroliro», com a observação “versos

<sup>484</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 385, 13 Março 1928, p. 3.

<sup>485</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 531, 29 Julho 1928, p. 5.

<sup>486</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 651, 27 Novembro 1928, p. 3.

<sup>487</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 678, 25 Dezembro 1928, p. 7.

<sup>488</sup> *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 684, 1 Janeiro 1929, p. 5.

<sup>489</sup> *A Voz*, n.º 678, 25 de Dezembro 1928, p. 16.

escritos propositadamente para a Primeira Comunhão dos pequeninos Mário e Maria José Pinheiro de Melo de Arruela”, composto por oito quadras, de um teor claramente religioso, do qual transcrevemos as duas últimas quadras:

Vede, Senhor, que pequeninos são!  
Guardai a sua alminha virginal!  
Dentro do vosso próprio coração  
E defendei-os contra todo o mal!

Quando, um dia, mais tarde, o sofrimento,  
Lhes der – talvez – momentos de aflicção,  
Protegei-os, Senhor, dai-lhes alento,  
Pela sua Primeira Comunhão!?

Maria Lamas tem a honra se ver um poema seu publicado em Espanha, por *La Gaceta Literária*<sup>491</sup>, nº 51, a 1 de Fevereiro de 1929, na quinta página na secção da gazeta portuguesa, com o desenho de Júlio, designado como jovem escultor português. O poema intitula-se «O Ferreiro» e tem a assinatura de Rosa Silvestre:

É negra a oficina do ferreiro.  
É negra, triste e feia;  
Mas, lá no fundo, quando a forja ateia,  
Acende-se um braseiro  
De fogo rubro, vivo, a crepitar,  
Que vai iluminar  
De luz vermelha o rosto do ferreiro.

Em volta, continua a'scuridão.  
O ferro esbraseado  
Na bigorna é batido, torturado,  
Sem dó, nem compaixão.  
E quando o ferem, grita, em voz sonora,  
Solta chispas, que vão pelo ar fora  
A salpicar de luz a'scuridão...

O ferreiro, impassível, vai batendo!  
Tudo é negro, em redor.  
Incha o fole e do ferro sofredor,  
À medida que vai arrefecendo,  
Vão surgindo, perfeitas, bem moldadas,  
Queimadas, requeimadas,  
As peças que o ferreiro vai batendo...

---

<sup>490</sup> A *Voz*, Suplemento «Tiroliro», 921, 31 de Agosto 1929, p. 3.

<sup>491</sup> A *Gazeta* tinha a indicação de ser ibérica, americana e internacional. Era um periódico quinzenal, com publicação a 1 e 15 de cada mês. O seu director – fundador era E. Giménez Caballero. O redactor-chefe: C. M. Arconada. Esta revista literária foi fundada em 1927 e terminou em 1932. No número 51, tinha uma secção, dirigida por António Ferro e Ferreira de Castro, «La gaceta literária-gaceta portuguesa» onde reproduzia o poema «O Ferreiro» de Rosa Silvestre, com desenho de Júlio, jovem escultor

As suas mãos, tão duras, calejadas,  
Tem trabalhado tanto!  
Trabalho humilde, é certo, mas tão santo!...  
Ferraduras, enxadas  
E pouco mais. Lá dentro do seu canto  
Desbravou muita serra,  
Ferrou muito burrico, lá da terra,  
Com suas mãos, tão negras, calejadas.

Os anos vão passando, vão passando...  
Há lutas agitando a terra inteira  
E da mesma maneira,  
Vai o ferreiro sempre martelando  
O ferro incandescente.  
O mundo lembra uma fornalha ardente,  
Onde se queimam almas, corações...  
E o bom ferreiro, humilde, simples, crente,  
Sem sombra de ambições,  
Vive feliz, contente,  
Sol a sol, trabalhando,  
Com suas mãos, tão úteis, calejadas,  
Sempre fazendo enxadas,  
Alheio ao que no mundo vai passando.

O poema «Cantares» de Rosa Silvestre, percorrendo a temática amorosa é primeiramente publicado em *Modas & Bordados* em 18-12-1929, nº 932 com as quadras:

Fico às vezes a cismar  
Neste mistério de amor:  
És o Bem da minha vida  
Sendo tu a minha Dor...

A saudade faz sofrer;  
Mesmo assim, quero-lhe bem!  
Uma saudade na vida,  
Pobre de quem a não tem!

Tanta mulher tens amado  
Que ainda um dia – vê lá! -  
Procuras o coração  
E não sabes onde está!

De tudo, o que mais me custa  
Na nossa separação,  
É não saber se tu tens  
Saudades minhas, ou não...

A este poema, depois publicado no *Almanach Bertrand* em 1930, é-lhe acrescentada a seguinte quadra:

Ciúmes, quem os não tem?!  
E eu tenho tantos, amor!  
Ciúmes de que outra saiba  
Amar-te mais e melhor!

Este poema foi ainda publicado em 1932 e 1934, na revista *Modas & Bordados*. O *Almanach Bertrand*<sup>492</sup> publica, em 1930, o poema *Anno Novo*, poema inédito de Rosa Silvestre, que realça a esperança no novo ano, já que o ano findo tirou as ilusões à humanidade. Assiste-se à definição de pobre, que é aquele que conhece o desespero, a verdadeira causa da morte:

Mais um ano findou! Lá vai, tristonho,  
A sumir-se nas brumas do passado!  
Chegou envolto em sonho,  
Ateando nas almas a ansiedade;  
Espalhou risos, dores,  
Fez reflorir amores,  
Tristezas, desenganos,  
Tal como haviam feito os outros anos,  
E lá partiu velhinho, fatigado!  
Roubou, é certo, a muitos corações,  
Tesouros de ilusões,  
Mas deixou-os mais ricos de saudade!

E a pobre humanidade,  
Inquieta, torturada,  
Na ânsia eterna d'outro Bem maior,  
Recebe, alvoraçada,  
O ano que desponta, no fulgor  
D'uma nova alvorada!

Vem branquinho de neve, mas risonho,  
Como um menino alegre, brincalhão,  
Embalado, ao de leve, pelo Sonho,  
Nos braços, carinhosos da Ilusão!...

Será bom? Será mau? Fico a pensar  
Na bendita ventura de esperar  
Uma hora, que seja, de alegria!  
Só é pobre, a valer, quem, n'este mundo,  
Conhece o desespero, – mal profundo  
Que mata lentamente, dia a dia! –

Por isso o Ano Novo vem tão lindo!  
Traz na sua bagagem a Esperança,  
E o Mundo, em festa, esquece o Ano findo,  
Que já também, assim, o fez vibrar.  
Mas, cuidado, Ano Novo, és tão criança...  
Não acordes a Dor! Vem de mansinho,  
E deixa-nos sonhar!

---

<sup>492</sup> *Almanach Bertrand*, 1930, p. 2.

A autora fazia estudos de rimas<sup>493</sup> a utilizar nos seus poemas. Elaborava uma lista de palavras que rimavam e partia então para o poema. Prova disso é o estudo de um soneto com as seguintes palavras: «cão, burro, não, urro, camaleão, zurro, Azeitão, casmurro, canapé, rapé, impossível, academia, Maria e nível». O resultado final foi o seguinte:

Eu conheci um simpático cão  
Que andava sempre atrás dum velho burro  
Os garotos batiam-lhe, eu não,  
E um dia até soltou um grande urro.

Faziam dele vulgar camaleão,  
Pintando-o de mil cores, ate que um zurro  
Se fez ouvir das bandas de Azeitão,  
Onde há também muito asno casmurro.

Então sentei-me ali num canapé,  
A cheirar, com vagar o meu rape,  
Pensando numa coisa impossível:

Fazer entrar na douta academia  
Uma velhota chamada Maria  
Que toda a vida foi guarda de nível.

Albino Forjaz de Sampaio, na sua antologia *Poetisas de Hoje*, publicada em Lisboa pela empresa do *Diário de Notícias*, em 1931, salientava na introdução:

Reunir versos, os melhores versos de algumas poetisas vivas é fazer um lindo e curioso livro, que deve ter muitos leitores e fartos aplausos. A musa feminina teve sempre requintes e sensibilidade que não só diferem profundamente da musa dos poetas mas antes por vezes a excede e nos surpreende. Ler as nossas poetisas não é fácil. Edições limitadas e dispersas, livros que só à custa de insano trabalho se logram reunir, tudo isso faz com que o talento feminino seja de difícil se não impossível apreciação. Não estão aqui todas, porque a este voluminho outra série se seguirá. Mas estão aqui algumas jóias poéticas de extraordinário valor que o publico apreciará. Parece-nos pois que não foi trabalho pedido a colectânea que é mais este voluminho da Patrícia.

Figuravam na antologia as seguintes autoras: Albertina Paraíso, Alice Ogando, Amélia de Guimarães Villar, Beatriz Arnut, Beatriz Delgado, Branca de Gonta Colaço, Cândida Aires de Magalhães, Domitília de Carvalho, Esmeralda de Santiago, Fernanda de Castro, Florbela Espanca, Laura Chaves, Mafalda de Castro, Maria Amélia Teixeira, Maria Ana Acciaioli Tamagnini, Maria Cândida Parreira, Maria de Carvalho, Maria do Carmo Peixoto, Maria Gabriela Castello Branco, Maria Inês Lupi Nogueira, Maria

---

<sup>493</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 40, referência 2.87.

Leonor Reis, Marta Mesquita da Câmara, Oliva Guerra, Rosa Silvestre, Virgínia Madeira e Virgínia Victorino. Sobre Rosa Silvestre diz o autor da antologia: “Pseudónimo que oculta uma alma de verdadeira poetisa.” E o poema publicado da autora é «Resolução», sem indicação de onde foi retirado:

Digamo-nos adeus serenamente!  
Eu sinto bem que o teu amor morreu.  
Quando sorris, o teu sorriso mente  
E o teu olhar já não procura o meu.

Todo o encanto desse sonho ardente  
Que foi o meu amor desapar'ceu,  
Ficando apenas, doce, mas pungente,  
A saudade dum bem que se perdeu.

Nem mais um beijo, não! De que servia  
Reviver nesta hora de agonia  
Encantos dum amor que já passou!?

Digamo-nos adeus. Tu tens razão!  
Pode mais do que nós o coração;  
Tenho medo do meu... Tudo acabou!

Curiosamente, relativamente à temática amorosa, Pais de Figueiredo<sup>494</sup> publica o livro *O Elogio do Amor*, em 1931, onde nos dá a definição de mulher, num poema intitulado «A Mulher», que não resistimos a transcrever, por mostrar de uma forma tão clara o que se pensava sobre a mulher no início da década de trinta do século XX:

A mulher é um autêntico mistério,  
Que nunca nenhum homem desvendou.  
E quanto mais se julga que ela amou,  
É quando o amor em si é fluido etéreo.

Nela se acoita um mal tão deletério,  
Que, se nos toca, tudo em nós vibrou...  
Pessoa alguma ainda o dissecou,  
E queima às vezes mais do que um cautério.

Ninguém a entende se ela ri ou chora!  
É o seu destino pela vida fora,  
Desde o pecado vil do pai Adão...

E a quem lhe pede a luz do seu amor,  
Foge, a sorrir, ou cora de pudor,  
Indo animar o seu felpudo cão!...

---

<sup>494</sup> Pais de Figueiredo, *O Elogio do Amor*, Porto, Tipografia Sequeira, 1931. Sem número de página.

Sempre a raiar a temática da infância, da relação maternal e do mundo da natureza, Maria Lamas publica o poema «O Pirilampo», pelo menos duas vezes, uma em 1929 e outra, posteriormente, em 1935, sempre com o pseudónimo de Rosa Silvestre, no qual se assiste ao diálogo de um bebé com a mãe, sobre um pirilampo.

Noite escura, muito escura!  
No céu não havia lua;  
E na rua  
Do jardim,  
Uma luzinha  
A brilhar,  
A brilhar...  
Era assim  
Como uma estrelinha  
A voar  
De rosa em rosa!

Sentado ao pé da janela,  
Bebé diz, numa vozinha  
Curiosa:  
-Mas que luz será aquela?!...  
É engraçada, não é?!  
Brilha aqui, brilha acolá,  
Olha, agora, onde ela está!...  
Vais buscá-la, vais mãezinha,  
A luzinha,  
Para dar ao teu Bebé?!

A mãe foi. Quando voltou,  
Trazia dentro da mão  
Um bichinho,  
Feiozinho,  
Pequenino.  
O menino  
Teve uma desilusão  
E ficou muito espantado!...  
Era engraçado,  
Esquisito,  
Mas bonito,  
Isso não!

E quedou-se a olhar,  
A pensar...  
Afinal,  
Quem viria acender  
E apagar,  
Sem lhe mexer,  
A luzinha que brilhava  
E não queimava,  
Dentro do animal?!

Naturalmente, uma vez,  
Aquele frio bichinho  
Tinha subido sozinho,  
Com mil cautelas,  
Até junto das estrelas,



Para vê-las,  
Ou para passear.  
E talvez,  
- Podia bem suceder! –  
Fosse guloso, atrevido,  
E tivesse engolido  
Alguma, para provar...

Por fim, Bebê deixou ir  
O pirilampo,  
Para o campo,  
E ficou a cismar,  
Vendo-o fugir,  
A luzir,  
A luzir:  
- Se eu tiver uma asinhas,  
Também um dia,  
Iria  
Brincar com as estrelinhas  
Do Céu!

.....  
E a sorrir,  
Bebezinho adormeceu!<sup>495</sup>

Em Maio de 1929, Rosa Silvestre, com o lema da moralidade, publica na revista *Civilização*, o poema «A morte do passarinho», em que aborda o tema da liberdade da vida e a inconsciência de uma criança:

À beirinha do rio, no choupal,  
Um certo passarinho  
Construía o seu ninho  
E vivia contente. Por seu mal,  
Um rapazito lá da vizinhança  
Avistou-o, de longe, e logo desejou  
Levá-lo para casa. Era criança  
E não avaliou  
Que acção tão feia ia praticar!

Mas, como apanharia o passarito,  
Que passava os seus dias a voar?  
E começou, então, o rapazito,  
Passando horas inteiras a espreitar,  
Em vão, o pobrezito.

Certa noite, porém, vendo uma estrela  
Cintilar, muito bela,  
Na escuridão do céu,  
O passarinho veio, deslumbrado,  
Para a ponta dum ramo e, enamorado,  
Ali ficou; do ninho se esqueceu!...

---

<sup>495</sup> Este poema é publicado no *Gaiato*, n.º 7, 1935, na *Civilização*, n.º 12, Junho de 1929 e ainda no jornal *A Voz*, n.º 644, 11 de Dezembro 1928, p. 3, no Suplemento «Semana Infantil».

Deu por isso o pequeno endiabrado;  
Aproveitando aquela distração,  
Atirou-lhe uma pedra, inconsciente,  
Desejando feri-lo levemente,  
Mas tal não sucedeu...

E o pobre passarito,  
Tão alegre e bonito,  
Criado p'ra voar,  
P'ra ser livre e cantar,  
Caiu morto no chão!<sup>496</sup>

Ainda no ano de 1929, Rosa Silvestre publica em Dezembro o poema “Nas vésperas do Natal”<sup>497</sup>, também na revista *Civilização*, na rubrica O REINO DOS MIÚDOS.

Em 6 de Julho de 1935, em entrevista não assinada, intitulada «Dez minutos com Maria Lamas», com foto, ao *Diário de Lisboa*, no Suplemento Literário, Maria Lamas manifesta-se em relação à poesia e à sua única publicação dentro desse género: “Só publiquei um livro de poesia, que considero uma colecção de aguarelas feitas de claridade e singeleza. E creio bem que não publicarei mais nenhum, embora tenha versos para dois ou três volumes.” À questão sobre a eventualidade de voltar a publicar poesia, responde que não publica “porque são versos feitos com a minha própria alma, tão sentidos que seria, uma profanação atirá-los para as montras das livrarias.”<sup>498</sup>

Muitos dos poemas escritos por Maria Lamas não foram publicados, como é o exemplo do que a seguir apresentamos, intitulado «Fraternidade»<sup>499</sup>, em que aborda as agruras da vida:

Negrume...silêncio...torpor...  
Assim foi no princípio.  
E a humanidade,  
Escravizada à sua condição  
De animal sofredor,  
Era somente instinto e crueldade,  
A tactear na escuridão!

Mas um dia,  
O coração do homem,  
Cansado de sofrer,  
Teve sede de Amor!

<sup>496</sup> *Civilização*, n.º 11, Maio, 1929, p. 83, Rosa Silvestre.

<sup>497</sup> *Civilização*, n.º 18, Dezembro, 1929, pp. 100 e 101, Rosa Silvestre.

<sup>498</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 4543, 12 de Julho 1935, Suplemento Literário, p. 3.

<sup>499</sup> Poema dactilografado em 5 páginas, assinado por Maria Lamas, datado Lisboa, 15 de Janeiro 1933. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 65.

E a sua inteligência iluminada  
Por uma luz que ao longe se acendeu,  
Descobriu na Vida  
Um sentido mais nobre,  
Um sentido mais alto,  
E aprendeu a dizer  
Esta palavra linda:  
IRMÃO!

Nasceu nesse instante,  
Singela como a flor,  
Vasta como o Infinito,  
A ideia de Justiça e de Bondade  
Que se tornou suprema aspiração,  
Bússola, farol,  
Da pobre humanidade torturada.

E desde então  
O homem  
É mártir e gigante.  
Luta e sofre,  
Luta e sonha,  
Transformando em punhal a própria dor,  
Para rasgar a treva e ver o Sol!

E o corpinho tão frágil da criança,  
Quando treme de frio  
Ou vai mirrando à fome;  
O olhar suplicante  
Do mísero doente, sem esperança;  
As faces cadavéricas  
Da mãe crucificada  
Em desgraça e abandono;  
A figura alquebrada  
Dos que não tem pão  
Nem lume na lareira;  
Aquele que, arrastando  
Um viver de canseira,  
Nem mesmo assim consegue  
Alegria e fartura;

São como um grito vivo,  
A repetir, em trágico clamor,  
A palavra sagrada,  
Doce como a ternura  
E terrível como uma acusação,  
A palavra tão breve,  
Mas de sentido tão profundo,  
Que nela cabe toda a Paz do Mundo:  
IRMÃO! IRMÃO!  
Porque há-de ser assim?!

A vida é claridade!  
É linda a luz do dia,  
Beijando a Terra, ainda adormecida,  
Ao romper da manhã!  
É lindo o céu azul,  
Com poentes de carmim!  
É imensa a riqueza  
Da seara doirada,

Do olival tristonho  
E da vinha pagã!

Há meio-dia ardente  
E noites de luar!  
Há fontes a cantar devagarinho,  
Junto de cada arvore uma sombra,  
Rebanhos pelos prados  
E frutos no pomar!  
Há ninhos escondidos nos valados,  
Gorjeios pelo ar!  
Há flores na charneca e no jardim,  
E, pela tarde calma,  
Um fumo levezinho  
A subir dos casais!

A serra é um altar de força e de grandeza  
A vida tem beleza!  
E o mar perde-se, ao longe,  
Na vastidão sem fim!...

-----

Basta de lutas, ódio e crueldade!  
Basta de dor inútil!  
Saibamos ser irmãos!  
Deixemos o Amor  
Florir na nossa alma,  
Como nascem as rosas nos rosais!  
O Mundo quer Justiça!  
O Mundo quer Verdade!  
Que a pobre humanidade  
Não pode sofrer mais!

### 3. ROMANCE

Antes de se iniciar no romance, Maria Lamas publicou na revista *A Novela*<sup>500</sup> a novela *O Filho Perdido* em que assina com o pseudónimo Serrana d' Ayre. Para se ter uma dimensão da importância de Maria Lamas, enquanto escritora, a sua novela ocupa praticamente metade do espaço da revista, dado que esta é composta por dezassete páginas.

A 14 de Abril de 1930, Maria Lamas dirigiu-se à Conservatória da Propriedade Intelectual, em Lisboa, apresentando para registo de propriedade literária a obra *O Caminho Luminoso*, de que é autora e que publicou com o pseudónimo de Rosa Silvestre, tendo pago de emolumentos a quantia de 20\$00.

---

<sup>500</sup> *A Novela*, n.º 2, 4 de Outubro 1923, pp. 1-8.

Com a publicação do livro *O Caminho Luminoso* em 1930 são várias as notícias do lançamento e de abordagem ao romance prolongando-se até 1935, em cerca de 15 jornais com cobertura de norte a sul do país, incluindo as ilhas da Madeira e dos Açores.

Com o título «*O Caminho Luminoso* um romance da distinta escritora Rosa Silvestre» o jornal *A Gazeta*<sup>501</sup> publica, em 15 de Abril de 1930, um extenso artigo sobre o aparecimento de mais um livro de Rosa Silvestre, do qual transcrevemos apenas um excerto:

Rosa Silvestre, a ilustre escritora, cujo nome ocupa, de há muito nas letras portuguesas em lugar de tão merecido quão destacado relevo, acaba de publicar um romance que aparecerá amanhã nas montras das livrarias com o título *O Caminho Luminoso*. Trata-se dum livro de mais de 200 páginas onde a personalidade, mais que um título interessante da ilustre senhora, surge em plena pujança do seu fulgurante talento.

O artigo prossegue destacando a importância da escritora, no mundo das letras, procedendo ao seu enaltecimento:

Pertencendo ao escasso número de mulheres portuguesas que sabem honrar as letras – pátrias, cultivando-as com o esmero feminino, com a sensibilidade requintada que só as senhoras sabem ter, Rosa Silvestre de há muito que vem afirmando-se, principalmente na difícil arte que é entre nós a literatura infantil.

Todavia nem só aqui a ilustre escritora tem sabido conquistar uma posição marcante, um lugar dos mais brilhantes. De personalidade complexa, a ilustre autora do novo romance é também uma poetisa distinta que se revelou nesse livro admirável que é o volume *Humildes*.

A crítica literária ao livro será feita posteriormente, por agora trata-se apenas de noticiar o aparecimento do livro:

O novo romance, *O Caminho Luminoso* atestando uma nova faceta do espírito brilhantíssimo da distinta autora, há-de pela certa, ser por si, mais um belo documento do seu valor. Há-de ser, como todos os outros trabalhos de Rosa Silvestre, mais um triunfo que a crítica e o público leitor do nosso país não deixarão de assinalar carinhosamente.

*O Caminho Luminoso* tem uma capa sugestiva, bela na sua simplicidade, que é uma bem merecida moldura do admirável trabalho. Em breve, o nosso crítico se referirá ao novo trabalho de Rosa Silvestre. Por hoje queremos apenas assinalar o acontecimento literário que representa a publicação de mais um livro da ilustre senhora a quem respeitosamente beijamos as mãos.

Em 23 de Abril de 1930, na rubrica «Novidades Literárias», o *Diário de Lisboa*<sup>502</sup> publicava um excerto do livro *O Caminho Luminoso* de Rosa Silvestre, com o

---

<sup>501</sup> Recortes de jornais de 1930, no álbum 7 dos seguintes livros: *Humildes*, *Brincos de Cerejas*, *Estrela do Norte*, *O Caminho Luminoso*, *Maria Cotovia* e *Aventuras de 5 Irmãozinhos*. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38 (sem referência).

<sup>502</sup> Este jornal foi fundado em 1921, por Joaquim Manso e publicado até Dezembro de 1990.

seguinte comentário: “A dedicada poetisa que sob o pseudónimo de Rosa Silvestre nos tem dado algumas produções primorosas, acaba de publicar um romance – *O Caminho Luminoso* – que se recomenda pela simplicidade e pela ternura que a autora pôs na sua efabulação.” Nesta mesma data, além do *Jornal do Comércio*, também o jornal *Novidades*<sup>503</sup>, na rubrica «Figuras da actualidade», com uma foto de Maria Lamas aborda a publicação do romance que considera ser “um belo trabalho no difícil género de romance, que mais vem aumentar os créditos já firmados da ilustre escritora que tanto tem honrado o pseudónimo que usa.” Para o articulista, *O Caminho Luminoso* é “uma obra de apreciável leitura, um romance de amorável entrecho, que oportunamente nos merecerá larga referência.”

A *Revista Bibliográfica*<sup>504</sup> informa os leitores de que podem, por 10\$00, pedir o livro *O Caminho Luminoso* pelo correio através do catálogo, no qual se afirma que:

A actividade feminina, na literatura portuguesa, raro sai do estéril livro de versos. Raras são as senhoras que deitam até ao volume de contos ou novelas ou aos utilíssimos volumezinhos destinados às crianças. Mais raras ainda as senhoras que tentam o romance e poucas o terão feito com a nobre largueza de vistas com que Rosa Silvestre escreveu este *Caminho Luminoso*. O seu melhor elogio é dizer-se que a autora é a mais próxima sucessora de Maria Amália Vaz de Carvalho, a insigne prosadora portuguesa.

Sucedem-se as notícias nos jornais. Em Maio de 1930, além do *Correio de Mangualde*, também O *Primeiro de Janeiro* saúda a publicação do romance de Maria Lamas. Em Junho, na rubrica «Crónica Literária» a revista *ABC*<sup>505</sup> aborda a saída do livro de Rosa Silvestre, com uma foto da autora. Em 5 de Julho de 1930, *O Açoriano Oriental*<sup>506</sup> na rubrica «Do labor literário», assinada por M.F.A. notícia da seguinte forma a saída do livro de Maria Lamas:

À gentileza amável da sua autora que oculta sob o pseudónimo de Rosa Silvestre o seu verdadeiro nome, devemos o grato prazer da leitura do seu livro há pouco lançado no mercado com grande êxito *O Caminho Luminoso*.

São duzentas páginas cheias de interesse, de ternura e de amor. São frases que nos calam no coração como bálsamo consolador a irradiarem luz e pureza em nossas almas.

É como que um reflexo da razão de um amor humilde, cheio de ternura mas despidido de preconceitos que vence a altivez e o orgulho com a sua sensata forma de pensar.

A poesia das lindas paisagens de Portugal, impregnando de um perfume místico todo o ambiente onde se debatem as paixões de duas mulheres de pensar completamente diferente; uma,

<sup>503</sup> O jornal *Novidades* foi fundado em Janeiro de 1885, por Emídio Navarro e encerrou em Maio de 1974.

<sup>504</sup> *Revista Bibliográfica*, n.º 4, 1º ano, Abril 1930, p. 5.

<sup>505</sup> Revista *ABC*, n.º 517, 12 de Junho de 1930, ano X, p. 5.

<sup>506</sup> Este jornal é o mais antigo de Portugal, tendo sido fundado em 18 de Abril de 1835, por Manuel António de Vasconcelos.

ambicionando riqueza, luxo, outra, ambicionando apenas um amor santo, uma felicidade sem facciosismo.

E, como não poderia deixar de ser, o amor puro triunfa, mais uma vez, na aleluia sagrada do dever cumprido.

*O Açoriano Oriental* publica, também, um excerto do livro para que os leitores possam confirmar o que é referido no artigo sobre a “obra moralizadora da ilustre escritora.” No artigo é também referida a “cativante dedicatória” da autora e o agradecimento pelo envio do exemplar.

Já o jornal *O Povo*<sup>507</sup>, através do articulista A. M., na rubrica «Livros Novos», considera que o romance de Maria Lamas tem “o duplo aspecto religioso e literário”, no qual se “observa um pouco da influência de Henri Ardel.”

*O Século*, em 2 de Agosto de 1930, num artigo intitulado «D. Maria Lamas – Rosa Silvestre», dá realce ao romance de Rosa Silvestre, comparando-a a Júlio Diniz, fazendo notar o seu papel como directora da revista *Modas & Bordados*:

Publicou agora esta senhora um romance que é um verdadeiro encanto. Cheio de sentimento e poesia, marca bem a nota moderna que uma bela alma de mulher soube adoçar com o seu superior tacto. Tem descrições de uma frescura deliciosa dos mais belos cantos do nosso país, que nos lembram os romances de Júlio Diniz, mas com um vigor moderno que torna este romance um hino à mulher forte da nossa época. Recomendamos a leitura de *Caminho Luminoso* a todas as nossas leitoras e temos o prazer de lhes dizer que este romance, forte e que prende a atenção, pode ser posto em todas as mãos, porque nada há nele que possa susceptibilizar a mais requintada sensibilidade. É uma obra de valor a que nos dá Rosa Silvestre, a dedicada poetisa, que com os seus versos nos tem encantado. Directora de *Modas & Bordados*, tem, esta senhora, afirmado no elegante magazine dedicado às senhoras portuguesas, o seu alto valor intelectual e artístico.

No ano de 1931 voltam a surgir notícias sobre o romance *O Caminho Luminoso*. *O Jornal de Notícias* do Porto, em 8 de Fevereiro, noticia que “*O Caminho Luminoso* é o livro ideal para ser folheado por dedos de raparigas, fazendo parte da literatura «branca», tão difícil de encontrar entre nós, sem ser em tradução.” Este jornal voltaria a fazer uma segunda referência ao romance um mês depois ou seja a 8 de Março.

Em 20 de Junho de 1931, no jornal *Sintra Regional*, o romance *O Caminho Luminoso* é referido como “uma obra muito interessante pela urdidura comovente do entrecho, pela psicologia das personagens, pela observação, pelo equilíbrio e ainda pelo fundo doutrinário que ressalta da sua emocional efabulação.”<sup>508</sup> Atento aos aspectos

---

<sup>507</sup> *O Povo*, 9 Julho 1930.

<sup>508</sup> Artigo não assinado.

morais do romance o jornal avança que deste livro se extrai “como síntese a conversão aos princípios morais dum rapaz tresloucado por ideias extremistas e a apologia da felicidade, que só reside na serenidade de espírito, na resignação e na bondade.” Uma semana depois, é a vez de D. Alberto Bramão (1865 (?) -1944) abordar e analisar no *Sintra Regional*<sup>509</sup> o romance de Maria Lamas. Para o jornalista, “a autora é uma poetisa tão original, que a ela se pode também aplicar o «frisson nouveau» com que Victor Hugo definiu a feição poética de Baudelaire. É a senhora Maria Lamas, conhecida pelo pseudónimo campesinamente florido de Rosa Silvestre.”

D. Alberto Bramão prossegue a sua recensão afirmando que:

A obra é, em resumo, a história da regeneração dum rapaz com sentimentos originariamente puros, transviado na senda dos extremismos de facto. É um romance de intenção sociológica, sem teorizações, sem aspecto de tema com desenvolvimento de argumentação e respectivas conclusões. Não tem página alguma em que a questão social seja posta com nitidez didáctica, em ar de pregação.

A sua ideia geratriz, só pode ser visionada pela crítica, que rebusca sempre na obra literária a mira que o autor teve em vista. Muitas vezes até encontra intenção deliberada, onde houve apenas o acaso do pensamento.

Na opinião do jornalista, “o leitor, percorrendo o livro sem a curiosidade de indagar se ele teve uma orientação educativa, chega ao fim convencido de que foi escrito com o simples propósito de pôr em jogo de entrecho alguns personagens interessantes.” No entanto, o leitor “não deixa de ficar com a sua sensibilidade melhorada, porque nessa obra viu a apologia da pobreza honrada e do trabalho digno, exemplificada com o resgate duma alma arrastada em má hora pela atracção do crime e regressada ao seu fundo de consciência pela acção do conselho salvador.”

D. Alberto Bramão salienta que “livros como *O Caminho Luminoso* são obras, não só de talento literário, mas também de benemerência social. Deveriam ser proporcionados como distracção e remédio aos doentes do crime, com eficácia curativa para alguns.” O jornalista acrescenta ainda que “segundo informações dignas de crédito, este romance já regenerou a alma dum penitenciário.” Para D. Alberto Bramão não é para admirar este resultado benéfico. Assim como a obra “*Werther* de Goethe produziu suicidas”, sendo “possível pela acção literária acordar na alma a serpente do mal, igualmente é possível despertar nela a reacção dos sentimentos bons.”

---

<sup>509</sup> Jornal datado de 27 de Junho de 1931. (s. p.)



Em 11 de Julho de 1931, Ludovina Frias de Matos assina na revista *A Montanha* uma recensão sobre *O Caminho Luminoso* onde realça a importância de haver em Portugal pelo menos uma escritora que pensa e escreve como mulher. Neste campo Rosa Silvestre

Atinge, neste romance, a perfectibilidade moral que a escritora compenetrada da sua nobre missão nunca deve perder de vista. *O Caminho Luminoso* abre-se ante os nossos olhos enternecidos como uma enorme clareira de beleza. A extensão não cansa porque a Luz é uma companheira adorável...No fim encontra-se a tranquilidade e o remanso – a paz que suaviza, a confiança que fortifica. Rosa Silvestre deve possuir em cada leitor um amigo devotado, porque a sua arte honesta, plena de virtuosa formosura, irradia simpatia e afectividade. O seu livro tem todas as condições de agrado – estilo simples e claro como um veio de água, enredo interessante magistralmente conduzido, caracteres vincados, vibração, humanismo e imprevisto – até imprevisto, porque eu nunca imaginei que Rosa Silvestre fosse capaz de casar a complicada Maria da Graça com o operário Luís...

Tenho para mim que a diferença de educação é uma barreira que o amor não consegue transpor sem sacrifício...Mas este Luís, inteligente e delicado, apura-se, esmera-se para subir à esfera aonde brilha a sua estrela...Daí, a harmonia. E a par de tudo isso, acima de tudo isso, dominante, absorvente, esplende a bondade suprema que é a base essencial da obra, a sua mais alta expressão e finalidade cristã.

Ludovina Frias de Matos informa os leitores de que recomendou a uma amiga, que tem uma filha que vai fazer 15 anos, que lhe oferecesse o livro pelo aniversário. De facto, depois de ler a apreciação de Ludovina Frias de Matos sobre *O Caminho Luminoso*, consideramos que quase todos os leitores ficavam desejosos de o ler. Seria interessante saber quantos exemplares teve a primeira edição, para se perceber melhor o impacto das notícias saídas na imprensa.

A imprensa continua a fazer referências ao romance de Maria Lamas ainda em 1933, como é o caso do quinzenário regional de Estremoz *Brados do Alentejo*, em 23 de Abril<sup>510</sup>, na rubrica «Crónicas de Lisboa» que considera a escritora “irmão gémeo de Júlio Diniz, pela moral que reveste.” O jornalista salienta ainda que “todos os pais que cuidam da educação moral das suas filhas devem adquirir este livro maravilhoso.”

Também *O Século*, em artigo assinado por V. de M., noticia sobre *O Caminho Luminoso*, corria o ano de 1935. *O Caminho Luminoso* tem uma segunda edição em 1942, mas apresentando como autora Maria Lamas, e voltou a ser profusamente noticiado.

---

<sup>510</sup> Artigo de Maria Amélia de Melo Flores. O jornal *Brados do Alentejo* é um quinzenário regional de Estremoz.

Maria Lamas afirma sobre este livro: “*O Caminho Luminoso* não vale a pena lê-lo. É um documento ingénuo da mais ingénua crença na redenção da Humanidade pelo Socialismo Cristão.”<sup>511</sup> Sendo o único, em 1944, com “honras de 2ª edição”, a escritora considera que “mesmo literariamente é muito insignificante”.

Apesar de imensas referências na imprensa, *O Caminho Luminoso* de Maria Lamas não é referido no *Dicionário de Literatura* de Jacinto do Prado Coelho, nem na edição mais recente, o mesmo se passa em relação ao romance publicado cinco anos depois, *Para além do Amor*.<sup>512</sup>

Em 1935, é publicado o romance de Maria Lamas *Para além do Amor*. Torna-se importante, antes de observarmos o que é escrito sobre este romance, que aborda a temática, proibitiva à época, do adultério feminino, o que é referido na introdução, pela autora:

Ao imaginar e escrever este livro, tive duas grandes preocupações: ser sincera e ser Mulher. Eram muitos os modelos femininos que a vida me oferecia. Podia ter copiado um ingénuo ou heróico, de recorte impecável e atitudes serenas, que fosse exemplo de virtude, já no limiar do sublime. Seria mais fácil a tarefa e maior a garantia de aplauso. No entanto, preferi outro, humanamente imperfeito e inquieto. Assim, dei à heroína do meu romance uma alma torturada por mil interrogações, em luta com o meio ambiente e consigo própria, numa ânsia consciente de Verdade e Beleza; uma alma onde todas nós, mulheres, encontraremos muito das nossas revoltas inconfessadas, das nossas ilusões, dos nossos sonhos e da nossa dor. Sem intuítos doutrinários, bem longe de qualquer intenção oculta, este livro pretende ser, apenas, literariamente, um grito de sinceridade a lembrar aos indiferentes a necessidade de ter uma Fé que se traduza numa aspiração de nobreza, justiça e bondade.

Em 11 de Junho de 1935, o jornal *O Século*<sup>513</sup>, em artigo não assinado, publica a notícia da saída do novo romance de Maria Lamas, caracterizando-o como ousado, no panorama português, pela temática abordada:

Esta obra é hoje posta à venda e analisa um conflito humaníssimo. O tema será ousado, mas a autora tratou-o com tanta delicadeza, soube nimbar de ternura todas as situações, criar as emoções de beleza em todas as páginas, de sorte que os mais exigentes se maravilharão ante essa obra de arte. O romance ilustra a tese de que o amor maternal supera o outro, mas é alguma coisa mais do que isso. É a apoteose da sublimação do amor, da transferência para as obras de justiça social do caudal de ternura de um coração de mulher.

<sup>511</sup> Carta de Maria Lamas a Eugénio Ferreira, datada de 24 de Fevereiro de 1944, publicada em *Cartas de Maria Lamas*, introdução e notas de Eugénio Monteiro Ferreira, Porto, Campo das Letras, 2004, p. 31.

<sup>512</sup> Este romance também não é referenciado no *Dicionário da Literatura* de Jacinto do Prado Coelho em 1984, nem na actualização, em 2003.

<sup>513</sup> *O Século*, n.º 19123, 11 de Junho de 1935, p. 1.

Obra psicológica, de introspecção e análise de fenómenos sentimentais, apresenta-nos a sua autora como uma admirável dissecadora de almas, dotada de notável poder de observação.

Como técnica, *Para além do Amor* é uma obra cheia de equilíbrio, em que a sucessão de episódios se dá, naturalmente sem transições bruscas. O desenho dos caracteres é admirável de precisão e realidade, tanto que dir-se-ia encontrarmos nele o perfil de figuras com que nos cruzamos na vida.

A poetisa dos *Humildes* tem nesta obra uma das mais belas realizações do seu formoso talento. Pela arquitectura, pelo estilo e, sobretudo, pela humanidade do conflito e pelo alcance social da obra, a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lamas conquistou, definitivamente, um grande lugar entre os romancistas portugueses. A edição, muito cuidada, tem uma artística capa de Júlio.

Em 28 de Junho de 1935, Julião Quintinha manifestava a sua opinião em relação ao panorama literário português, no jornal *A Montanha*<sup>514</sup>, num artigo intitulado «Literatura feminina: comentários a propósito do romance *Para além do Amor* que Maria Lamas acaba de publicar»:

Pertengo ao número dos que acreditam no talento literário das mulheres. Claro que não abro, sem reservas, a grande maioria dos livros das mil poetisas e escritoras que surgem todos os dias, não se sabe de onde.

Mas, essas reservas, não as mantenho, apenas para a literatura feminina produzida por ilustres desconhecidas, visto que a mesma atitude mantenho ante tanto literato medíocre que me não pode interessar.

Mas acredito, decididamente no talento de algumas mulheres e reputo-as capazes de escrever páginas brilhantes e com muita inteligência, quando lhes dá para escrever bem. Mais do que isso, conheço até prosa feminina, sobretudo em género epistolar, que nunca será publicada, onde se poderiam seleccionar páginas encantadoras.

Como não acreditar no talento feminino se tantas vezes me tenho deliciado a reler as páginas desse altíssimo espírito de lúcida escritora, que foi Maria Amália Vaz de Carvalho!

E não só essa, porque entre as escritoras vivas, ainda temos autênticos valores, como Virgínia de Castro e Almeida, Emília de Sousa Costa, Teresa Leitão de Barros e Virgínia Vitorino, esta tão notável nos seus sonetos e peças de teatro.

E, visto que falo de talentos femininos, deixem-me recordar o nome de Florbela Espanca, poetisa alentejana, que escreveu lindíssimos sonetos que avultam na história da poesia portuguesa.

Se, além destes, eu poderia citar ainda tantos nomes de ilustres escritoras que honram a nossa língua, como duvidar, pois, do talento feminino!

Pois bem, a todos esses nomes de mulheres intelectuais, tenho de juntar mais um outro – o de Maria Lamas, já conhecida como publicista, mas que acaba de alcançar merecida evidência com o romance que acaba de publicar – *Para além do Amor*.

Lêem-se numa curiosidade crescente essas duzentas páginas onde crepita a eterna chama amorosa, a exaltação da mulher que tudo se dispõe a sacrificar para se render à ilusão de um grande amor.

Mas não imagine o leitor que a ilustre autora do livro apenas enche as suas páginas com temas ou sentimentos amorosos, que só afagam os sentidos e nada dizem a inteligência. Não.

O título do romance – *Para além do Amor* – está plenamente justificado, visto que, para além dos sentimentos amorosos, Maria Lamas soube erguer os sentimentos da dignidade, da renúncia, do sacrifício, rematando a sua obra com a apologia do mais alto dos deveres – o amor maternal.

Maria Lamas abordou um tema difícil e delicado, que os preconceitos não permitem discutir e encarar livremente e com a devida serenidade.

Tratou, quase corajosamente, o direito que a mulher tem de procurar a felicidade no amor, mesmo à custa dos maiores sacrifícios, inclusivamente o da própria família e da sua dignidade convencional.

---

<sup>514</sup> *A Montanha*, n.º 7162, 28 de Junho 1935, p. 1.

Simplesmente, ao solucionar o seu problema literário – e foi bom que assim o resolvesse – não teve ânimo para soltar asas à sua heroína que, em vez de seguir o amante, como tinha planeado, fica presa ao lar pelo grande amor dum filho.

Como se vê, depois da projecção audaciosa, não falta a lição moral. Todo o romance tem perfeita unidade e nada lhe falta para empolgar o leitor e, principalmente, a leitora: brilho literário, emoção, bons trechos de paisagem, lances amorosos e até um fiozito social.

Este romance de Maria Lamas – que suponho uma estreia no género – marca-lhe um belo lugar na literatura feminina.

Com um pouco de menos exaltação literária e mais acção a substituir a narrativa, talvez que a obra se valorizasse ante a crítica.

Mas, tal como se apresenta, é um livro que impõe uma escritora.

Em 1935<sup>515</sup>, O articulista do semanário literário *Bandarra*, que assina J.A., declara que ainda bem que Maria Lamas diz na introdução que o livro não é doutrinário. Quanto ao valor psicológico de *Para além do Amor* “é justo sublinhar que há muitos pormenores certos, muita substância humana, nas personagens de Maria Lamas.” Na continuação da sua recensão, o jornalista referindo-se à heroína, aponta que “a heroína sofre apenas, por vezes, do artifício da composição que, embora seja redigida na primeira pessoa, não tem quase nunca o ritmo duma autobiografia mas sim o duma narrativa feita de fora.” Na sua crítica acrescenta que “as suas exclamações e confidências soam, frequentemente, a postiço.” E continua, afirmando que “o mesmo sucede com os diálogos onde a par de frases naturais ou admissíveis, aparecem tiradas retóricas que quebram o encanto.” Para o articulista, o facto de apontar com tanto rigor os defeitos da obra “só prova a consideração” a que vota a sua autora e a própria obra. Considera ainda que Maria Lamas “fez uma tentativa séria, equilibrada e firme”.

No jornal *O Diabo* de 30 de Junho de 1935 pode ler-se que na obra se sente

Que a autora pôs em acção a sua própria sensibilidade, e se não limitou, como acontece tantas vezes em livros de origem feminina, a ser o espelho que reflecte, com mais ou menos felicidade, observações alheias. Há a apresentação de questão social. O romance tem dotes excepcionais de análise psicológica ao mesmo tempo profunda, despretensiosa e enternecida.

O jornal *O Diabo*, já tinha avançado, em 15 de Junho do mesmo ano, na rubrica «Novidade literária» que o livro apresentava um “assunto forte e emotivo, tratado com impecável justeza, escrito numa linguagem elegante e cuidada” e que “a seu tempo o nosso crítico literário falará do livro da ilustre escritora com os cuidados que ele merece.” O articulista assinalava também que “a escritora quis-nos dar um livro humano

---

<sup>515</sup> *Bandarra*, 6 de Julho de 1935, p. 2.

e conseguiu-o.” O livro apresenta um “conflito de almas e de ideias” e “neste romance a autora enfileira, sem favor, entre os nossos bons romancistas.”

Também as mulheres se debruçaram sobre o livro de Maria Lamas. Um desses casos é a crítica de Emília de Sousa Costa, publicada no jornal *Fradique*<sup>516</sup>, em 11 de Julho de 1935:

Ao terminar a leitura do romance sensacional e admirável de Maria Lamas, senti a impressão de um deslumbramento. Uma evocação mitológica acudiu ao meu espírito: as amazonas de Termodon<sup>517</sup> cortando o seio direito para melhor atirarem o arco e acertarem a flecha.

É que para uma pena feminina escrever e publicar este livro, não foi bastante o possuir a inspiração, o talento, a sensibilidade, o poder emocional e o cinzel afeito à brilhante plasticização de figuras e caracteres, que a autora já demonstrara no romance *Caminho Luminoso*. Foi sobretudo necessário amputar o milenário preconceito que tem aferrolhado a alma e a arte femininas em gaiolas doiradas de hipocrisia, criando falsas aparências, indutoras de erros graves em que sobre as faculdades emocionais da mulher têm laborado os mais insignes pensadores masculinos, ao julgá-la incapaz de ascender à observação e ao estudo dos problemas complexos. Maria Lamas não se deixou abroquelar por considerações inferiores.

Maria Lamas não se subordinou ao romantismo piegas dos pretensos decifradores do «enigma feminino», que ridiculamente se comprazem em criar manequins, incumbidos de representar papéis de anjos ou de monstros, com almas misteriosas, onde não entram as seivas fortes animadoras dos seres humanos.

Audaciosamente arrancou a vida real um caso palpitante de verdade. Sem dó, sem artifícios de pudor, lacerou os convencionalismos que revestiam uma alma frágil de mulher pecadora e desnudou-a. Não atenua as suas culpas. Não oculta as complicações criadas pelos requintes de espiritualismo no cérebro feminino que, seguindo o pior dos caminhos, pretende libertar-se das algemas seculares que a sociedade lança e aperta nos pulsos das mulheres.

Essa alma, a que falta o amparo da sólida crença religiosa, apesar dos seus refinamentos espirituais, é arrastada pelo impulso do fatalismo sensual. Como qualquer mulher vulgar, Marta não procura libertar-se, às voluptuosidades pecadoras e cai nos vergonhosos deleites do adultério.

Salvá-la-ia, sem dúvida, o cristianismo com a virtualidade forte e consoladora que pela fé nos dá a renúncia e a resignação. Mas a miserável fragilidade da condição humana, uma educação errada, a sociedade de tartufos que a rodeia, onde se sofismam os princípios da moral autêntica, em holocausto aos baixos prazeres, não afastaram Marta – a protagonista – do precipício, nem lhe permitiram avaliar, tal como sucede na vida todos os dias a altura desse precipício.

O caso de psicanálise que Maria Lamas nos oferece, desfibrado em todas as suas facetas angustiosas, deverá fazer pensar os homens no quase desprezo votado à espiritualidade feminina, em que até hoje não atentaram, para as convencerem das suas culpas em muitos delitos atribuídos ao sexo das suas mães.

Filósofos, artistas ou simples mortais – nenhuns vêem a mulher como ela é realmente, mas através do seu próprio egoísmo, da sua animalidade, das fantasias da sua imaginação, dos postulados que as aparências enganadoras duma hipocrisia multissecular lhes fizeram crer e impor como verdades científicas. Bergson, ainda há pouco afirmava: «a mulher é tão inteligente como o homem, mas menos capaz de emoção – porque emoção é sinónimo de criação.»

<sup>516</sup> *Fradique*, n.º 75, 11 Julho 1935, p. 5. Este semanário literário teve uma duração inferior a 2 anos. Fundado em 8 de Fevereiro de 1934, por Tomás Ribeiro Colaço, publicou o último número (99), em 26 de Dezembro de 1935.

<sup>517</sup> Pode-se também escrever Termodonte que corresponde ao nome de um rio onde moravam Hipólita e as suas amazonas.

Para Emília de Sousa Costa o romance de Maria Lamas “dá a plenitude sensacional da vida. Estabelece contacto entre a paisagem e as emoções – o que orienta o gosto.”

Também o *Jornal do Comércio e das Colónias*<sup>518</sup>, em Junho de 1935, na rubrica «Vida Literária» pela pena de Armando Ferreira, aborda a obra *Para além do Amor*, numa perspectiva editorial, não deixando de fora uma apreciação ao romance:

E se os sucessos literários em Portugal se limitam a dois ou três milhares de exemplares quando bem propagandeados por imprensa jornalística e com uma *imprensa* absolutamente colega e favorável, o valor das obras às vezes merece mais, e em comparação com romances traduzidos, pseudo-sucessos mundiais, demonstram a injustiça da pequenez do nosso meio.

*Para além do Amor* filia-se na literatura de confissões íntimas; diário de uma alma de mulher é obra cheia de observação psicológica, reflexões de espírito aberto às ideias modernas e exercendo com inteligência uma «self-análise» aos sentimentos próprios...

O entrecho porém, na sua banalidade de caso íntimo e trivial, limita-se a servir de base para essas formosas duzentas páginas de reflexões sobre a vida, o amor, a fé, a caridade, o casamento, páginas de revolta de mulher contra certos preconceitos e erros da sociedade actual, revolta ancestral quase, porque é quase eterna a ânsia de igualdade na companhia do Homem...

Alberto Bramão, em 21 de Julho de 1935, no jornal *Diário Português*, apresenta aos leitores o resumo da obra, afirmando que se trata de uma obra-prima, comparando Maria Lamas a Paul Bourget (1852-1935), considerado como autor de romances psicológicos:

Não se trata de um romance vulgar. Neste livro a escritora atingiu uma excepcional elevação. Não é somente um romance emocional, cheio de interesse no desdobramento do entrecho; é principalmente uma obra de aprofundamento psicológico, estudando os trâmites sentimentais e morais duma alma de mulher. Bourget não perderia nada do seu fulgor de romancista se fosse autor deste volume.

Em 25 de Julho, também o *Primeiro de Janeiro*, na rubrica «Livros e Publicações» noticiava que “Maria Lamas acrescentou à sua valiosa bibliografia mais um brilhante trabalho”.

Em Agosto do mesmo ano, Norberto Araújo<sup>519</sup>, num artigo intitulado «Bilhete à Exma. Sra. D. Maria Lamas», faz parte dos que se “sentem insultados, pela ousadia da

<sup>518</sup> Recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38. O *Jornal do Comércio* publicou-se, em Lisboa, entre 1853 e 1989, sendo que entre 1912 e 1940 saiu com o título *Jornal do Comércio e das Colónias*. Cf. Gina Guedes Rafael e Manuela Santos, *Jornais e Revistas Portugueses do Século XIX*, volume 2, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002, p. 40.

<sup>519</sup> *Diário de Lisboa*, secção «Página de quinta-feira», 8 de Agosto de 1935, p. 4.

autora”<sup>520</sup>, afirmando na sua recensão que Maria Lamas não escreve “como uma mulher”.

Atentemos agora no comentário de Guedes de Amorim, publicado<sup>521</sup> na *Gazeta de Coimbra* em 22 de Agosto de 1935:

Num país como o nosso, lastimável na vida literária, por falta de estímulo de toda a ordem, onde os escritores que vencem apenas se reduzem a meia dúzia, chega a parecer milagre que uma senhora, integralmente dotada das mais altas e nítidas virtudes femininas, tenha corajosamente arrancado da vida do nosso tempo uma obra de tamanha verdade humana.

Para Guedes de Amorim “tem faltado uma literatura feminina verdadeira.” O que nós temos “são muitas mulheres que publicam livros para imitar alguns dos piores dos homens...”

O jornalista continua a elogiar altamente o romance de Maria Lamas:

Este volume, sendo uma firme novidade dentro da nossa literatura de exaltação humana, é também um monumento de sensibilidade feminina, com expressões infinitas dum destino singular e verdadeiro de mulher.

O romance é constituído por um grande bloco das mais fundas inquietações da nossa época. Algumas mulheres, com mentalidade de «costureira», podem desdenhar do livro, mas isso apenas será possível por insuficiência de dignidade.

Maria Lamas está dentro do século XX e, por consequência, amassou o livro nos sonhos e legítimas aspirações do nosso tempo.

Mulheres que sofrem assim (como a heroína, digo eu), esmagadas pela incompreensão dos que as cercam, há muitas.

O livro de Maria Lamas é uma verdadeira lição de literatura do nosso tempo: descrever como ela descreve, modelar figuras e denunciar caracteres, com nitidez e um conceito elevado de perfeição, não é assim vulgar nos nossos dias.

Em 25 de Agosto de 1935 é a vez do jornal *O Cávado* trazer a público, em artigo não assinado, a sua opinião sobre o livro de Maria Lamas, na rubrica «Semana literária»:

Romance cheio de originalidade e de imprevisto. Há nele vibratilidade e muita humanidade. Maria Lamas, escritora de fina sensibilidade e de apurado gosto artístico, conseguiu fazer um livro interessantíssimo, abordando o tema, aparentemente gasto e ingrato do adultério.

Viu-o, porém, sob um prisma muito pessoal e muito feminino, que foca flagrantes aspectos do problema do casamento e da maternidade. Não se trata de um romance de tese. O romance aborda um caso de consciência, posto, literariamente, com arte e elegância excepcionais.

Analisa um caso real, através de um panorama com o seu quê de romântico.

---

<sup>520</sup> Eugénia Vasques, prefácio a *Para além do Amor*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, Lisboa, 2002, p. 16.

<sup>521</sup> Este comentário foi também publicado no jornal *Império Português* em 27 de Novembro de 1935.

A autora faz o sugestivo retrato psicológico de uma mulher, como há tantas, de uma mulher que revela, sem qualquer subterfúgio, os seus pensamentos mais íntimos, os seus mais secretos anseios e anelos!

Não é um livro desonesto, é um livro humano, onde a alma feminina se patenteia sem vergonhas, em todas as suas contradições e incertezas. A protagonista não é uma mulher ideal, mas sim uma mulher do nosso tempo – que age no romance como poderia actuar na realidade.

Neste romance sentidíssimo debate-se um curioso conflito de consciência que, decerto, há-de ter atormentado muitas almas. De resto este romance psicológico deriva afinal de contas numa amplidão maior.

O jornal *Diário da Madeira*<sup>522</sup> em 5 de Setembro de 1935, num artigo não assinado, com o título «Maria Lamas, o seu último livro *Para além do Amor* e a sua visita à ilha da Madeira» considera que o romance pretende mostrar “um sentido da vida, numa aspiração de bem interpretar os anseios duma existência torturada entre sentimentos que se chocam” o que “interessa gratamente o leitor e apaixona-o pelo desenrolar do romance.”

O articulista adianta ainda que

Literariamente a obra é digna de quem a produziu: quer de Rosa Silvestre, seu pseudónimo de muitos anos e sob o qual encetou e fez carreira brilhante entre os literatos da sua geração, quer de Maria Lamas, cujo talento construtivo, sobejamente afirmado em obras perduráveis, nunca será demasiado enaltecer. *Para além do Amor* é um belo romance de fundo humano, que se apresenta magnificamente trabalhado por uma pena bem habituada a cultivar com carinho e elegância a nossa formosíssima língua.

Também no mesmo dia, o jornal *O Distrito*<sup>523</sup> de Ponta Delgada, apresentava a rubrica «Dos novos livros», em artigo não assinado, um comentário em que reforça a capacidade de Maria Lamas, comparando-a, primeiro a Júlio Diniz e de seguida à escritora Raymonde Marchard:

Maria Lamas, que na literatura infantil enobreceu o pseudónimo de Rosa Silvestre, acaba agora de consolidar definitivamente os seus méritos como romancista. É o seu segundo romance. No primeiro, dá-nos um livro quase a maneira romântica de Júlio Diniz, tal o lirismo de que as suas figuras principais andam impregnadas. As mulheres portuguesas entenderam-no e leram-no com enlevo e ternura (isto em relação ao *Caminho Luminoso*). O segundo romance mais forte mais sincero, mais ousado, mais pungentemente feminino, há-de ser lido ainda em Portugal, não já com a mesma cândida ternura, mas com a mais viva emoção. No género, não tínhamos lido ainda nada, quer subscrito por senhoras, quer elaborado por escritores. Ao lê-lo, lembramo-nos, pela sua sinceridade, e, sobretudo, pela sua intensa e desconcertante feminilidade de dois livros da escritora francesa Raymonde Marchard – *L'Oeuvre de Chair* e *Possession*. Maria Lamas é mais penetrante na análise do drama moral das mulheres – e todas aquelas que lerem este livro aprenderão a compreender melhor a sua própria alma, que, em muitos casos, constitui também

<sup>522</sup> *Diário da Madeira*, n.º 7145, 5 de Setembro de 1935, p. 1.

<sup>523</sup> *O Distrito*, n.º 178, 5 de Setembro de 1935, p. 2.



para elas o seu primeiro e mais torturante enigma. Esta simples notícia não pretende ser uma crítica. Com ela desejamos apenas hoje registar e agradecer a oferta do volume, valorizado com dedicatória amável, que confirma uma velha e elegante camaradagem, com que nos sentimos bastante honrados.

Teresa Leitão de Barros também manifesta a sua opinião na rubrica «Livros» em *O Notícias Ilustrado*<sup>524</sup> destacando a sensibilidade de Maria Lamas:

Primeiro que tudo, honra seja feita a Maria Lamas por ter aproveitado assunto querido à sua sensibilidade e dele ter tirado todas as consequências e efeitos, sem se assustar com tal papão...E, depois, louvemo-la sem condições, sem «mas» nem «se», por ter dado tanto da sua alma e da sua emoção ao tema sentimental que literariamente explorou, de olhos fixos numa intenção humanitária que as últimas páginas denunciavam ser disfarces,

Tecnicamente, o romance pareceu-me não atraí-lo a generosa inspiração que o ditou. Só raramente nos sentimos transportados com mais vertiginosa velocidade de uma descrição de estado de alma a qualquer paisagem ou desta a um solilóquio mental. [...]

Resta-me dizer alguma coisa do tema, que julgo ser o único ponto vulnerável a discussões. Tenho ouvido falar de inverosimilhança, mas não admito valor em tal comentário, por entender que o «caso» romanesco não deve plagiar o caso real, já que a inversa é tantas vezes verdadeira. Por mim, apenas gostaria de ver mais justificada a incompatibilidade conjugal de Marta e a relativa fraqueza do seu instinto maternal, e isto para que duas capitais situações do romance – a grande cena em que ela revela ao marido o seu amor por Gabriel, e os tumultos de que o filho foi vítima – perdessem um pouco a sua rígida expressão de episódios indispensáveis para a intriga caminhar. Mas é tão insignificante este pormenor, que até já me arrependo de o salientar. Numa impressão de conjunto, só convém fixar o seguinte, que é capital: todos os caracteres estão bem definidos e vinculados; todos os episódios aparecem logicamente encadeados.

O temperamento lírico da poetisa de *Os Humildes* surge, flagrantemente, nas últimas páginas, naquelas que nos mostram a protagonista [...] procurar, de súbito, para além do amor de um homem, outro norte, outro interesse vital, outra alvorada: o amor pela humanidade sofredora e sacrificada. Compreendo que não possa agradar a gregos e troianos, este inesperado desfecho, mas sinto que sorriria a todas as «gregas» e a todas as «troianas».

Teresa Leitão de Barros termina “com um abraço de sinceras felicitações, o seu comentário, onde tão pouco” pode dizer “do muito bem” que pensa “acerca do mais recente livro de Maria Lamas.

Honório de Carvalho<sup>525</sup> escreve no *Correio da Noite*, no Rio de Janeiro, na rubrica «Livros Novos», depois de lembrar aos leitores que Maria Lamas foi condecorada com a Ordem de Santiago de Espada, o seguinte:

No romance, a autora estabelece um conflito entre o amor, sentimento nutrindo-se da própria essência, e o amor convencional, isto é, aquele que é dosado nas suas manifestações segundo regras e preceitos...sociais.

Infelizmente, embora muitos a leiam e a apreciem, poucos apreenderão a finalidade exacta do seu objectivo, tantos e tão poderosos são os elos das muitas cadeias que prendem,

<sup>524</sup> *O Notícias Ilustrado*, n.º 381, 29 de Setembro de 1935, p. 19.

<sup>525</sup> *Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 26 de Novembro de 1935. Recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.

desencorajando-as, as inúmeras vítimas de uma educação incompleta em muitos pontos e imperfeita em outros relativamente ao verdadeiro papel da mulher dentro do sexo.

Em 10 de Dezembro de 1935, era também publicado um resumo da obra *Para além do Amor*, realizado por Fernando Baldaque, no jornal *Notícias* de Lourenço Marques. A revista *Momento – Manifesto de Arte e Crítica*, dirigida por Artur Augusto, António Marques Matias e José Augusto, que pretendia ser a réplica lisboeta da *Presença*, de Coimbra, no seu segundo volume, em 10 de Fevereiro de 1936 publicava o soneto de Mário Saa «Servem-me os desgostos p’ra meus versos» e poemas de Luís de Montalvor e de Edmundo de Bettencourt, e apresentava na sua última página, uma crítica assinada por A.A. à obra *Para além do Amor*:

Diz que agora anda em moda a imitação de Proust ou a «proustituição» literária. Copia-se Dostoievski, Proust e Joyce até à cópia servil. Assim, foi com alvoroço que acolhi o romance de Maria Lamas, onde se debatem problemas de grande actualidade, problemas vivos e que mais do que nenhuns outros servirão mais tarde para se fazer a história contemporânea. O enredo, «neste romance de intuitos sociais» é simples incidente, que pouco ou nada interessa. O problema que ele vem agitar, é de tão grande e vital importância, que tudo o mais lhe fica tangencial. Poder-se-á discutir e eu próprio discutiria se a solução apresentada por Maria Lamas no seu romance, o triunfo do ideal sobre o amor é humanamente verdadeira. Como livro de tese, e é assim que ele me prendeu, parece-me falso.

No início de 1936, Viana de Almeida, no jornal *Humanidade*<sup>526</sup>, considera a recente obra de Maria Lamas um “romance de intuitos sociais”. Para Viana de Almeida

Este livro foi saudado unanimemente pela crítica como uma obra de grande valor. Maria Lamas mostra qualidades de analista em plena expansão.

A pena que descreve a aventura da mulher apaixonada é bem feminina pela sensibilidade impressionável ao extremo, vibrando a todas as emoções, mas ao mesmo tempo parece o instrumento de expressão de uma artista de másculo vigor pela energia do estio, pela penetração do estudo psicológico.

No Rio de Janeiro, através do jornal *A Noite*, em 19 de Maio de 1936, na rubrica «Livros», não assinada, o articulista comenta:

O romance é tecido com zelo psicológico, apuro de forma literária, a melhor intenção de fidelidade na fixação das figuras e das paisagens, de modo que a impressão dominante de quem o lê é a de um trabalho consistente com aquela resistência característica da literatura talhada para prevalecer. Não existe nas figuras traçadas o formalismo comum em numerosos trabalhos de ficção. Elas se mostram e se movem com naturalidade, dentro da moldura e ritmo normais, com as indecisões, os assomos, as torturas próprias da criatura, e nesse desdobramento sincero de temperamentos e de acções reside o mérito mais sensível do entrecho novelesco. As

---

<sup>526</sup>*Humanidade*, n.º 5, 20 de Fevereiro de 1936, 5, p. 3.

imperfeições humanas são apresentadas sem esforço preconceituoso, lisa e nuamente, em anseios oscilantes de alma, propósitos negados diante da realidade e das impressões íntimas. Também a beleza de espírito se manifesta com idêntica espontaneidade. Gabriel de Sá e Marta, os personagens centrais, são neste livro documentos humanos ricos de interesse psicológico e de emoção humana.

Maria Lamas compôs em *Para além do Amor*, um romance talvez excessivamente intelectualista, em certo sentido, mas com substância sentimental bastante para interessar a toda classe de leitores.

Em 1936<sup>527</sup>, é a vez de mais uma jornalista, Ludovina Frias de Matos, apresentar uma resenha:

*Para além do Amor* não é um romancinho vulgar, uma historieta banal laboriosamente esgaratada no cérebro estreito de qualquer literatela incipiente. *Para além do Amor* é o livro de alguém que sabe pensar, que sabe observar e sabe sentir, tinha, fatalmente, de ser bem pensado, bem sentido. [...]

Em ambos os livros, *O Caminho Luminoso* e este vibra o mesmo anseio: a dignificação da mulher e o aperfeiçoamento da sociedade. Vincando bem os caracteres, expondo ideias justas, usando uma sinceridade comovente, Maria Lamas robustece os seus créditos de pensadora e artista, manejando sempre um estilo dúctil e sóbrio e ao mesmo tempo brilhante e musical. E que profundas, que dolorosas verdades ela sabe moldar em frases lapidares.

Em 19 de Julho de 1936<sup>528</sup>, na rubrica «Alguns livros», Paulo Braga (1905-1960), um crítico que se considera amigo de Maria Lamas faz a seguinte referência:

Há um ano que Maria Lamas espera que lhe agradeça como camarada e como crítico, a sua oferta gentil. Agradeço-lhe, pois, ao relê-lo, ao reviver o seu problema – que fica *Para além do Amor* e que é e será de sempre, enquanto nas almas surgirem conflitos entre o amor e os deveres que a moral e o direito criam, talvez para que a vida não seja mais feliz, e talvez para que a vida não seja sempre uma condenação ao tédio.

A obra *Para além do Amor* também merece referências internacionais. Prova disso é a resenha publicada na revista<sup>529</sup> *Ibero-Amerikanisches Archiv*, em 1936:

Lamas, Maria: *Para além do Amor*. Lisboa: Editorial Século. 1935. S. 8º

“Ein Frauenroman von einer feinempfindenden Frau geschrieben, der in den ausserlichen Motiven von typisch-romanhafter Art erscheint, dessen Wert aber in der innerlich vornehmen Darstellung weiblichen Empfindens beruht.”

<sup>527</sup> *A Montanha*, Porto, n.º 7472, de 30 de Junho de 1936, p. 3.

<sup>528</sup> *Jornal da Régua*, n.º 260, 19 de Julho 1936, p. 1.

<sup>529</sup> Folha solta de uma resenha publicada na revista *Ibero-Amerikanisches Archiv*, do órgão do Instituto Ibero-Americano de Berlim, ano X, 3 de 1936. Biblioteca Nacional de Portugal Espólio E-28, caixa 38. Caderno 7.

Em 1941, V. M., na rubrica «A estante de Joaninha», da revista *Modas & Bordados*<sup>530</sup>, considera que o livro *Para além do Amor* “não é indicado para todas as raparigas; só o poderão ler com proveito aquelas que, com mais de 20 anos, possuam uma sólida formação moral”, constituindo, desta forma uma crítica velada ao romance.

Em 1949, o livro *Para além do Amor* podia ser adquirido em Luanda. É o que ficamos a saber através de uma carta<sup>531</sup> de Eugénio Ferreira, datada de 12 de Junho de 1949, onde conta que adquiriu o seu livro e pergunta à “querida amiga e camarada” quando será a publicação do romance «Fronteiras» e do romance «O livro do amor». Diz-lhe, ainda, que fez uma crítica literária ao livro *As Mulheres do meu País*, no suplemento literário *A Província de Angola*.

Ferreira de Castro considera que “um talento literário como o seu, não honra só as mulheres dum país, honra todo um país.”<sup>532</sup>

Maria Lamas diz que escreve procurando traduzir, sentir, viver, comover-se, purificar-se de todos os erros e males da vida. Em entrevista ao Suplemento Literário<sup>533</sup> do *Diário de Lisboa*, Maria Lamas confessa que:

O género em que trabalho com mais entusiasmo quase febril é o romance. Mas tenho um grande carinho pela literatura infantil. Quando escrevo para crianças sinto-me tão pertinho delas como se estivesse purificada de todos os erros, de todos os males da vida...

Tenho, acima de tudo, a preocupação de ser uma escritora bem «feminina», não segundo o modelo ingénuo, frívolo e superficial que, entre nós, é considerado pela grande maioria como o único compatível com a dignidade de uma senhora, mas no sentido humano. Porque, quanto a mim, o verdadeiro interesse da literatura feminina deve estar na revelação sincera consciente das reacções da mulher perante a vida, quase sempre, diferentes das do homem. De resto, verdade não quer dizer impudor, como sinceridade não significa deselegância...

Entre a publicação do meu primeiro romance *O Caminho Luminoso* e o segundo *Para além do Amor* que apareceu ultimamente, mediei seis anos. Pensei que devia primeiro, apurar as minhas faculdades de observação, aprofundar a vida tanto quanto a minha inteligência e a minha sensibilidade mo permitirem, estudar, sentir, para escrever, depois, alguma obra que valesse a pena...

Maria Lamas aspira a mais alguma coisa: ser uma escritora que “se toma a sério”.

<sup>530</sup> *Modas & Bordados*, 18 de Junho de 1941.

<sup>531</sup> Carta manuscrita de Eugénio Ferreira a Maria Lamas, datada de 12 de Junho de 1949, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.86. (transferida para a caixa 70)

<sup>532</sup> Carta manuscrita de Ferreira de Castro a Maria Lamas, datada de 3 de Agosto de 1950, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 9, referência 1.266.23.

<sup>533</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 4543, 12 de Julho 1935, Suplemento Literário, p. 3.

No entanto, anos mais tarde, em 1944<sup>534</sup>, em entrevista ao *Século Ilustrado*, dirigido por João Pereira da Rosa, quando ainda mantinham boas relações, Maria Lamas viria a apresentar uma opinião diferenciada daquela de 1935, em relação à escrita feminina. Na rubrica «A entrevista da semana», com o título «A escritora e poetisa Maria Lamas», a escritora depois de informar que “espera publicar «O Livro do Amor» este ano”, afirma que “não concorda com distinção entre literatura feminina e masculina”, salientando que “há boa e má literatura, nada mais.” A autora realça, também, a “ausência total de crítica em relação ao romance” e a “falta de escrúpulo com que se exalta a obra literária de autores amigos ou altamente recomendados o que contribui no mais elevado grau para a lamentável desorientação do público que lê.” Para Maria Lamas “há poucos bons romancistas em Portugal.”

Em 1973, Matilde Rosa Araújo, no seu discurso<sup>535</sup> de dez páginas, na Casa da Imprensa, aborda de maneira vincada, o percurso literário de Maria Lamas, nomeadamente a obra *Para além do Amor* e os efeitos que esta obra causou na sociedade portuguesa de 1935:

E, humildemente, com humildade verdadeira, deitou-se ao caminho ajudando a criança, a Mulher – jovem ou menos jovem – a sentir a sua montanha que para além de tudo, até para além do amor era de rasgada e tolerante compreensão, aclarando o presente, buscando o futuro.

Foi uma época difícil a da minha geração. Ainda se processava a dicotomia entre a mulher que pensa e a mulher que ama.

Pensar seria uma espécie de rejeição da vida plena. E era, apenas, um pensar com amor, com ternura, não era o pensar frio de qualquer medida desumana que nós queríamos.

Ainda há pouco, um colega meu cuja inteligência e honestidade muito prezo, disse: Nós, no nosso tempo, não sabíamos nada. Víamo-las a vocês, mulheres, que eram diferentes um pouco, como não humanas, julgávamo-las de uma só maneira,

Na verdade, o nosso mundo foi duro, agora que o vejo um pouco com a minha mão estendida para a sua mão, para a montanha onde a Maria está com os seus cabelos de neve. Sinto-lhe mais a dureza e, pela perspectiva que dele posso encontrar, dele mais sinto a força humaníssima e contida.

Maria quis ensinar esta alegria plena de sermos nós, seres humanos completos, capazes de pensar, de amar com amor, com fraterna comunhão e até o dolorido frio dos solitários.

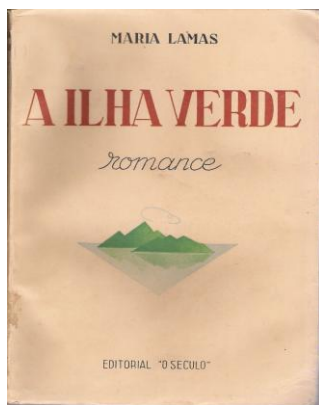
Mas o que era o amor para Maria Lamas? A autora expressava-se assim em 10 de Janeiro de 1982<sup>536</sup>, no programa televisivo que apresentou a sua biografia:

<sup>534</sup> *Século Ilustrado*, n.º 314, de 8 de Janeiro de 1944, p. 28.

<sup>535</sup> Discurso de Matilde Rosa Araújo. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, Caixa 65, capa 9, pp. 6-8 do discurso de Matilde Rosa Araújo.

<sup>536</sup> Transcrição feita pela filha Bissú, a partir da cassete com o programa gravado. Textos do programa radiofónico emitido pela RTP 2, às 21 h do dia 10 de Janeiro de 1982. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-29, caixa 40, referência 2.92.

Para mim o amor teria que ser a minha realização total. O que sentia em mim ardendo inquieto, insatisfeito não era apenas o coração, era também o cérebro. Eu não podia limitar-me a ser uma mulher que sonha, eu queria ser uma mulher, que vive conscientemente. O meu conflito íntimo foi, no entanto, o ponto de partida para todas as reacções que me transformaram.



Edição de 1938

Maria Lamas procede ao registo da propriedade literária do livro *A Ilha Verde* em 15 de Outubro de 1938, cuja certidão importou na quantia de vinte escudos, em 28 de Julho de 1939, em documento n.º 19, emitido pela Conservatória do Registo da Propriedade Intelectual - Biblioteca Nacional.

O jornal *Portugal, Madeira & Açores*, em 23 de Abril de 1938 agradece a “valiosa colaboração” de Maria Lamas na propaganda dos Açores, informando que vai publicar um capítulo do romance *A Ilha Verde*, que sairá no próximo Outono.

É no dia 19 de Outubro de 1938 que *O Século* noticia na primeira página que o novo romance de Maria Lamas é posto à venda a partir “de hoje”, indicando que a acção do romance decorre “nos belos cenários da ilha de S. Miguel”. Este jornal dedica a segunda página à apresentação de um resumo do livro.

Este romance de Maria Lamas é mais noticiado, mais criticado e com maior número de recensões do que *Para além do Amor*. Em 1938, a autora tinha já conquistado um lugar na sociedade portuguesa, quer através da escrita literária, quer como jornalista e sobretudo através das suas intervenções directas na sociedade através de várias exposições já realizadas. Contabilizámos cerca de 42 artigos, variando entre recensões, ou notícias de que o livro ia ser publicado em vários jornais, publicados não só em Portugal continental, mas também, nas ilhas e nas colónias portuguesas e ainda num jornal, decerto lido por emigrantes portugueses, na Califórnia.

Reparemos nos jornais que publicaram notícias alusivas ao romance, apenas no mês de Outubro de 1938: *O Século*, *Diário de Lisboa*, *Século Ilustrado*, *Jornal do Comércio e das Colónias*, *Diário da Manhã*, *República*, *O Diabo*, *Diário dos Açores*, *Correio dos Açores* (este a 13 e a 28 de Outubro), *Diário de Notícias* (Madeira), *Portugal Madeira & Açores* (Lisboa).

Em 1 de Novembro de 1938, o articulista de *Gazeta dos Caminhos de Ferro*<sup>537</sup> afirmava que *A Ilha Verde*

É um romance de amor, um romance, porém, de serenidade, em que o conflito das almas não atinge, como no seu *Para além do Amor*, publicado em 1935, as culminâncias dolorosas do desespero e do sacrifício. [...] A acção do romance passa-se num cenário novo, de estranha e inédita beleza, a ilha de S. Miguel, evocada até hoje como a pátria de Antero de Quental e Teófilo Braga. [...] Como os pintores que se comprazem em fixar na tela as paisagens que melhor sentiram e viveram, a ilustre escritora quis também prolongar a sua impressão de beleza no barro da sua prosa viva, de equilibrada e nobre elegância, dando-nos uma obra duplamente interessante pela paisagem que descreve e pelo desenho dos personagens que animam a acção do romance. Ferreira de Castro inspirou-se na Madeira para escrever o seu romance *Eternidade*, agora é D. Maria Lamas quem encontrou para cenário surpreendente do seu novo romance a paisagem da «Ilha Verde» de S. Miguel.

Amâncio Machado de Faria e Maia<sup>538</sup> considera que o livro *A Ilha Verde* devia ser “vertido para francês ou inglês e ser utilizado numa comissão de turismo. Isto porque em separatas da *Illustration* vemos frequentemente obras deste género, que não lhe são superiores.” Para o jornalista a obra é “própria para adaptar ao cinema.” Também a jornalista Alice Moderno<sup>539</sup> compactua com a ideia da realização de um filme.

No dia 4 de Novembro do mesmo ano, F. de S., articulista do jornal *A Voz*, criticava a escritora que parecia ter alterado as ideias desde que deixou de utilizar o pseudónimo de Rosa Silvestre<sup>540</sup> e passou a assinar Maria Lamas. Vejamos:

Teve *A Época* uma brilhante colaboradora que sob o pseudónimo de Rosa Silvestre, se ocupava, sobretudo, em «Cartas às Mães», de educação, formação moral das crianças e dos adolescentes, e das boas normas da vida de família, com genuíno sentimento cristão, delicada e sadia sensibilidade e apreciável bom senso.

Esse pseudónimo, tão justamente festejado, que apareceu firmando encantadores contos e novelas, destinados às crianças, foi há pouco, substituído em recentes livros pelo nome da autora, Maria Lamas, mas o pior é que parece ter mudado com o nome, a sua mentalidade e com ela a feição desses novos escritos.

<sup>537</sup> *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, n.º 1221, Novembro 1938, p. 487.

<sup>538</sup> *Correio dos Açores*, 1 de Novembro 1938. Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.

<sup>539</sup> *Correio dos Açores*, 11 de Dezembro 1938. Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.

<sup>540</sup> Maria Lamas, quando assinava a secção «Cartas às Mães», utilizava o pseudónimo de Serrana d’Ayre. O jornalista estava equivocado.

F. de S. agudiza ainda mais a sua crítica ao afirmar que “parece que há retrocesso da mentalidade cristã e da nobre elevação de sentimentos à glorificação dos impulsos inferiores e ao menosprezo das regras morais.”

Para Emília de Sousa Costa<sup>541</sup>, o “romance *A Ilha Verde* não é somente o que Stendhal queria que fosse um romance «espelho que ilumina o caminho», é muito mais.” Emília de Sousa Costa publicou também no jornal *Notícias* de Lourenço Marques, a 2 de Dezembro de 1938, a crítica tecida na revista *Modas & Bordados*.

Mas nem todas as críticas são positivas. A 4 de Novembro de 1938, Maria Lamas envia uma carta com uma reclamação, para ser publicada, ao jornal *A Voz* que a divulga a 18 de Novembro de 1938. Da reclamação consta o seguinte:

“Muito longe de julgar ter produzido uma obra perfeita, nunca suspeitei, porém, que aquele romance pudesse ser acusado de imoral, e o meu modesto nome apontado, por isso, ao público, como desprezível. Teria V. Ex.<sup>a</sup> lido o meu livro?”

Fernando de Sousa, o jornalista visado, mantém o que tinha dito e transcreve, pedindo desculpa aos leitores: “Riram felizes, e sentaram-se presos um ao outro por qualquer coisa, que foi, naquele instante, mais forte que o amor: o prazer selvagem, instintivo, de seres que tivessem regressado à sinceridade plena duma vida sem balizas nem prejuízos.” Para o jornalista isto é uma paixão inferior. E afirma que “escandalizam as facilidades concedidas à desenvolta Ilonka<sup>542</sup> para frequentar a sociedade honesta e a complacência com que se descreve o episódio sensual de uma noite passada no abrigo improvisado de uma casinhota para depósito de utensílios de pesca.”

Para o articulista do *Diário dos Açores* “um grande escritor, um grande novelista, nado e criado em São Miguel, profundamente integrado no meio, não o faria melhor e não observaria com mais justeza.”<sup>543</sup>

João Gaspar Simões manifesta a sua opinião no *Diário de Lisboa*<sup>544</sup>:

*A Ilha Verde* é um livro bem escrito: muito mais bem escrito do que alguns livros assinados por escritores de grande nomeada. Bem escrito, bem architectado e não de todo mal resolvido dentro

<sup>541</sup> *Modas & Bordados*, 16 de Novembro 1938. Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.

<sup>542</sup> Nome da personagem feminina do romance.

<sup>543</sup> *Diário dos Açores*, 19 de Novembro de 1938. Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.

<sup>544</sup> *Diário de Lisboa*, 24 de Novembro de 1938. Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.



das premissas que a escritora se deve ter imposto a si mesma para o escrever. O romance de Maria Lamas teve de ser escrito para responder a uma intenção completamente estranha à arte do romance. Essas premissas são a descrição da ilha de São Miguel e das suas belezas, daí o próprio título da obra. Trata-se de um romance pretexto para exaltar os encantos naturais de uma das nossas mais belas ilhas. O romancezinho de amor entre a húngara e o engenheiro é um atractivo. Maria Lamas contou com ele para servir de engodo aos seus leitores. Mas os leitores menos ingénuos devem ter perguntado aos seus botões: então não teria sido bem melhor que esta senhora nos descrevesse a Ilha Verde tal qual como a viu, em impressões directas, como viajante ou jornalista? Nisto está a falta de franqueza de Maria Lamas. Nisto está a fraqueza da sua obra.

A. Santos Pereira<sup>545</sup>, em carta manuscrita de 1 de Dezembro de 1938, manifestava-se da seguinte forma sobre o livro *A Ilha Verde*:

Minha ilustre camarada

Só agora tive conhecimento da sua amável carta que me foi reenviada de Lisboa, com a nota de que ia junto o fotograma.

O seu interessante e precioso livro sobre a Ilha Verde, vim acabar de o ler à cidade da Virgem.

Só tenho pena de me faltar a competência para que, a crítica que vou fazer deste seu notável trabalho, resultasse brilhante porque a isso tem jus incontestável.

A brisa forte da coragem que me impele para tal cometimento nasce do muito amor que também tenho à Ilha enamorada dos poetas!

Ainda não li trabalho literário que tão alto cantasse as imperecíveis belezas da Ilha sempre bela!

Nela renasce todo o encanto, toda a graça poética da vida campestre da Ilha Verde.

Como conheço aquelas paisagens de sonho, estou um pouco autorizado a dizer-lhe que o seu livro está magistralmente escrito não só literariamente mas pela beleza espiritual das imagens que você soube arrancar à poesia da terra e projectá-las no «écran» da Verdade!

O livro é escrito com moralidade exaltando o espírito religioso daquela gente trabalhando pela unidade familiar. Não se moleste com a crítica do velho venenoso que conhecemos, pois ela não conta. Como muito bem dizia Locke é muito difícil fazer compreender alguém que está em erro. Quando se está dentro da razão, a caravana passa sempre.

Disponha sempre que lhe aprouver do que se confessa muito grato pelas suas gentilezas e se subscreve com superior admiração.

A crítica apresentada na revista *Renascença*<sup>546</sup>, por um articulista não identificado, aponta alguns aspectos negativos ao romance de Maria Lamas:

Temos muita estima pelo culto espírito da autora e por aqueles dos seus livros que até aqui conhecíamos. É por isso, com bastante desgosto, que cumprimos o dever de declarar que na *Ilha Verde* há episódios absolutamente inconvenientes e perversos, como o da Ribeira Quente. Paul Bourget<sup>547</sup>, Pierre l'Ermite<sup>548</sup>, Madame Delly<sup>549</sup> também apresentam nos seus romances

---

<sup>545</sup> Carta manuscrita a Maria Lamas, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.206. Há apenas uma carta deste remetente.

<sup>546</sup> *Renascença*, 1 de Dezembro de 1938. Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.

<sup>547</sup> 1825-1935.

<sup>548</sup> Pseudónimo literário de Edmond Louil (1863-1959).

<sup>549</sup> Pseudónimo colectivo de Jeanne Henriette Marie Petitjean de la Rozière (1875-1947) e do seu irmão Henri Joseph Frédéric Petitjean de la Rozière (1876-1949). Também usaram, apenas, o pseudónimo Delly.

conflitos intensos, mas as figuras simbólicas de maldade humana não são envoltas em aura de aliciante simpatia, não vencem. Na *Ilha Verde* a húngara desequilibrada domina.

Só a uma página e meia do fim do livro é que a tese cristã, a tese portuguesa, a tese da autora se define e...vence (?).

Falámos com uma senhora, mãe cristã, com um jovem operário, e com uma autoridade corporativa, que haviam lido o livro. A opinião dos três foi unânime; que pena que, sendo maravilhoso este livro na descrição da ilha verde não possa dar-se a ler à mocidade. E a hora, luminosa e dramática, que o mundo está vivendo, tem de ser de intensa formação das gerações que sobem.

Para Teresa Leitão de Barros<sup>550</sup> *A Ilha Verde*, de Maria Lamas, está bem “impregnada de criterioso espírito nacionalista e vincadamente feminil.” Na sua opinião “Maria Lamas não procura atrair um numeroso público, fácil de contentar.” E continua: “Maria Lamas tem páginas que parecem ter sido compostas em momentos de transe, com uma vibrátil alucinação. Romance com foros de valioso documentário e marcante interesse etnológico” por haver referência às festas de Senhor Santo Cristo, à festa do Espírito Santo e às cavalhadas.

Luís Forjaz de Trigueiros, jornalista do *Novidades*<sup>551</sup>, assinala o novo romance de Maria Lamas na seguinte forma:

O romance não aumenta o nome literário de Maria Lamas. Maria Lamas é uma das raríssimas penas femininas que podem escrever um dia os romances por que a nossa literatura há tantos anos espera.

A meu ver os romances portugueses não têm interesse universal, não por culpa do meio, mas por culpa dos romancistas. E tanto assim é que, o único romance traduzido em várias línguas, *A Selva*, deve-se à experiência rara do seu autor. Nem todos os portugueses têm uma infância no Amazonas à sua disposição. Raras vezes se publicam entre nós obras de ficção que mereçam crítica cuidada ou observação rigorosa e atenta. Os nossos escritores passam ao lado da vida e desprezam-na. Depois de Eça de Queiroz nenhum romancista português teve as honras de posteridade. Entre os modernos romancistas portugueses, Maria Lamas é um dos nomes que mais aprecio. Uma mulher quando escreve não pode esquecer a sua condição feminina. Maria Lamas tem a virtude da sua própria feminilidade. *Para além do Amor* é a revelação dum espírito feminino. Maria Lamas teve a coragem de querer escrever um livro que resultasse ao mesmo tempo um «romance-vivo» e um reclamo simpático e justo a São Miguel. Teria preferido que Maria Lamas escrevesse uma colectânea de crónicas paisagísticas e as reunisse em volume. A autora esquece-se por vezes daquela frase de André Bellessort<sup>552</sup>: «o que é essencial num romance não é compreender as suas personagens, mas sentir com elas».

Em Nota da Redacção, o jornal indicava que *A Ilha Verde* não é um romance que, “sob o aspecto moral, mereça a nossa inteira aprovação. Tem inconvenientes que tornam vedada a sua leitura a crianças e raparigas.”

<sup>550</sup> *Século Ilustrado*, 3 de Dezembro de 1938. Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.

<sup>551</sup> *Novidades*, 18 de Dezembro 1938. Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.

<sup>552</sup> 1866-1942.

No mesmo dia, o jornal *Brados do Alentejo*<sup>553</sup> publicava o artigo de Celestino David alusivo ao romance de Maria Lamas, em que o jornalista a comparava a Diana de Liz e Florbela Espanca, salientando que:

Tempos houve em que as mulheres só nos davam obras frouxas e de fraca inspiração. Não é um livro de todos os dias, é um livro de excepção. Alguns portugueses andam a exaltar a literatura de fancaria que em traduções péssimas os mostradores de livreiros lhes oferecem, sentem um tal empenho em deprimir a todo o momento os nossos escritores, entoando a campanha derrotista de que não há quem escreva entre nós, que eu, satisfeito com a leitura de *Ilha Verde* ousou recomendá-la com a convicção de que quem a escreveu é uma notável escritora e quem a imaginou é, sem favor, uma romancista a pedir meças às que de fora vêm com o rótulo de inultrapassáveis.

Para o Dr. Alfredo Pinto (1881-1956)<sup>554</sup>, “na crise do «romance moderno», *A Ilha Verde* vem ocupar no nosso meio literário um lugar de um justo e lógico destaque.”<sup>555</sup>

Na *Revista d'Aquém e d'Além Mar*, o jornalista, que assina S. G., afirma que a obra tem um “grande poder descritivo.” Para o articulista “Maria Lamas descreve com a sua pena molhada no tinteiro luminoso do céu, perdida entre as montanhas picosas daquele cenário dantesco. Maria Lamas veio engrossar com avultada soma o magro tesouro da literatura açoriana e enriquecer a literatura nacional.”<sup>556</sup>

T.R.C. aponta o facto de Maria Lamas ter sido acusada, por alguns críticos, de ter escrito *A Ilha Verde* como um romance de propaganda turística. Para o articulista, esse reparo, parece-lhe, assim posto, “de uma ingenuidade que se confunde com o disparate. Já alguém se lembraria de dizer que Eça de Queiroz, com *O Crime do Padre Amaro*, fez a propaganda turística de Leiria?”<sup>557</sup> T.R.C. considera que o estilo de Maria Lamas é “de notável limpidez, de equilíbrio quase perfeito.” A única crítica que faz ao romance é alusiva ao recurso exagerado de Maria Lamas aos adjetivos “maravilhosos, deslumbrantes e encantadores.” Afirma, ainda, que não entende porque se exige ao autor exemplares do livro, por considerar que a publicação de uma obra é um acontecimento. Também não compreende certos exclusivismos de ditador, conferidos ao crítico.

---

<sup>553</sup> *Brados do Alentejo*, 18 de Dezembro de 1938. Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.

<sup>554</sup> Publicista e jornalista.

<sup>555</sup> *Estrela do Minho*, 18 de Dezembro de 1938. Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.

<sup>556</sup> *Revista d'Aquém e d'Além Mar*, n.º 6, Dezembro 1938.

<sup>557</sup> *Juventude*, 8, Janeiro 1939, p. 5.

*O Jornal do Médico*, do Porto, noticiava a segunda edição do livro *A Ilha Verde* em 15 de Novembro de 1942, pela Livraria Civilização, no Porto e o articulista A. T. considerava lógico chamar-se *A Ilha Verde*, porque toda a acção decorre em São Miguel. Para o crítico, a personagem principal é a própria ilha verde. Acrescenta ainda que Maria Lamas tem uma “prosa fluente, equilibrada e rica de poder descritivo.”

Marie Charlotte Pellevoisin de Queiroz<sup>558</sup> traduziu a *Ilha Verde* para a língua francesa, com o título *L'Île Verte*, de que encontramos três versões: uma dactilografada em francês com emendas manuscritas, a segunda com as anotações das emendas e a terceira já corrigida. Não nos foi possível encontrar referência a esta tradutora em nenhuma Biblioteca, nem de França, nem de Portugal, bem como à obra em questão, pelo que pensamos que tenha sido apenas um projecto inacabado.

Em 1949, Maria Lamas publica no primeiro tomo da revista *As 4 Estações* o romance *Confissões de Sílvia*. A este propósito, refere Leonor Santa Rita<sup>559</sup>:

Título premonitório, o da obra de Maria Lamas, escrito em 1949, e que, partindo da análise da sua própria vida “falo de mim porque sou o material humano que melhor conheço”, traça os primeiros passos da vida de uma rapariga à descoberta de um mundo diferente, no desejo de construção de um mundo melhor.

Título premonitório para uma vida que percorreu todas as etapas da vida, todos os tempos, todas as estações, todos os caminhos, e que no espanto da alegria, em pleno Inverno reviveu em Abril, a Primavera. Assim se renovou o ciclo das Estações, ciclo da esperança, da vida, da história enfim, de que Maria Lamas não quis ser apenas espectadora, de que foi interveniente tanto neste país que é o dela, que é o nosso, como no mundo, pois que foi internacional a sua luta contra o fascismo, contra a repressão, contra a desigualdade, pela paz.

No anúncio à revista *As 4 Estações*, publicado no *Diário de Notícias* da Madeira<sup>560</sup>, o articulista indica que se trata de uma grande revista dirigida pela escritora Maria Lamas, e que cada volume terá um romance completo da autora. O jornalista acrescenta que o primeiro volume da revista está expressivamente valorizado com uma obra magistral de Maria Lamas, intitulada *O Despertar de Sílvia*.

Para o articulista:

Este singular romance tem como fulcro a confissão duma alma de mulher, desde as ingenuidades infantis, ao acordar da puberdade, e percorrendo depois o caminho dos sonhos da mocidade até encontrar as cruas realidades da vida, com os seus terríveis dramas que determinam destinos.

---

<sup>558</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 36, referência 2.75.

<sup>559</sup> *O Diário*, n.º 2336, 29 de Março 1983, p. 3

<sup>560</sup> *Jornal de Notícias* da Madeira, 8 de Maio de 1949, p. 1, em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 58.

Todas as passagens desta impressionante obra de ficção – será de ficção? Denunciam profunda penetração psicológica que nos faz ver os acontecimentos com intenso realismo e sob uma forma literária do mais límpido recorte. Admirável romance!

Matilde Rosa Araújo (1921-)<sup>561</sup> pronuncia-se por carta, em relação à personagem Sílvia, publicada na revista *As 4 Estações*:

Agora gostava de lhe falar da sua Sílvia. Como eu não poderia gostar? Sente-se em todo o texto um sopro forte de verdade e é essa ainda a pedra de toque da melhor literatura.

A ficção só é ficção autêntica quando é interiormente verdadeira: e até que ponto, senhora Dona Maria Lamas criou a sua vida, a sua verdade autêntica?

Até o esconder-nos certas coisas, é verdade, embora nós sintamos pena de que a sua pena nos não conte o que supomos.

O ambiente social a que a quis limitar está dado com certeza, e a sua confissão é combativa assim, sem precisar de ser combativa de propósito. Há luta aberta sem os espasmos da luta que afogam a confiança espontânea.

Em tudo, Sílvia numa serenidade luminosa, consciente e cheia de pureza – o que é mais.

A minha opinião de nada vale, senhora D. Maria Lamas mas aqui lha deixo com a sinceridade com que a sinto.

E estendo-lhe as mãos, cheia de reconhecimento, respeito, admiração e, creia, de ternura, Matilde

Maria Lamas, escritora, anseia por estar ligada ao mundo dos escritores. É neste sentido que requer a sua admissão como sócia à «Comunità Europea degli Scrittori». A resposta recebe-a por carta do Secretário-geral, Giancarlo Vigorelli (1913-2005)<sup>562</sup>, jornalista, escritor e crítico literário:

Chère Collègue,

J'ai le plaisir et l'honneur de vous communiquer qu'au cours de la dernière séance du Conseil Directeur de la COMES votre demande d'admission a été favorablement accueillie.

Je suis ravi et honoré de pouvoir vous compter parmi nos associés et je vous envoie ci-joint votre carte de membre.

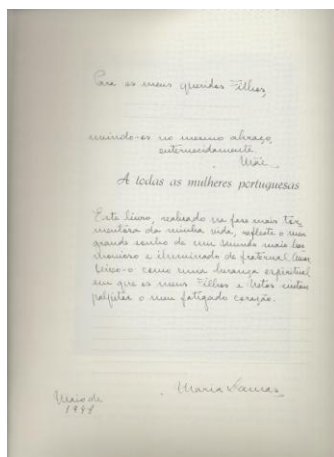
Dans l'attente d'un mot de réception, je vous prie d'agréer mes salutations les meilleures.

P.S. La cotisation annuelle de membre de la COMES est de Lires Italiennes 3.000 que vous pouvez faire transférer sur notre compte courant n° 13543 auprès du «Institut Bancario» San Paolo di Torino" (Via della Stamperia 64 – ROMA) au nom de la COMUNITA EUROPEA DEGLI SCRITTORI.

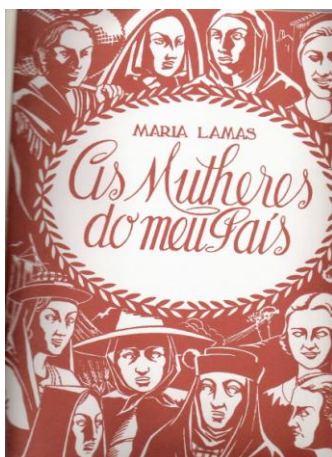
<sup>561</sup> Carta manuscrita de Matilde Rosa Araújo a Maria Lamas, não datada, mas presumimos que seja de 1949, dado que Matilde Rosa Araújo, no início da carta refere que vai enviar um conto para ser publicado no tomo *Verão*, o que não se verificou. Seria publicado o conto *Conferência*, no tomo *Outono*. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.183.

<sup>562</sup> Carta dactilografada da Comunidade Europeia dos Escritores, assinada por Giancarlo Vigorelli a Maria Lamas, não datada. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio 28, caixa 14, referência 1.317. Pensamos que a carta tenha sido enviada na década de 60 do século XX, por ter sido enviada a Maria Lamas para o Hotel St. Michel, em Paris.

#### 4. AS MULHERES DO MEU PAÍS



Dedicatória de Maria Lamas



Capa da primeira edição



Índice da obra

A 2 de Setembro de 1947, Maria Lamas regressava a Lisboa, da sua pesquisa sobre as mulheres, realizadas nas ilhas portuguesas. O *Diário de Notícias* do Funchal<sup>563</sup> publicava, a 1 de Setembro de 1947, uma notícia intitulada «Maria Lamas», que nos mostra a imensa popularidade da escritora:

Regressa, amanhã a Lisboa, a escritora Sra. D. Maria Lamas, que veio às ilhas documentar-se para o livro que publicará brevemente, em fascículos mensais, intitulado *As Mulheres do meu País*, em edição de luxo. Possuidora de sólida e vasta cultura e dotada de excepcional talento, a Sra. D. Maria Lamas conhece profundamente os problemas femininos graças à sua fecunda actividade à frente das organizações femininas portuguesas e à sua participação em congressos internacionais realizados no estrangeiro, com delegações das mulheres mais cultas de quase todos os países do mundo. A obra anunciada era, portanto, um estudo de grande valor sobre o trabalho da mulher e suas condições de vida, em Portugal, dando-se a circunstância de não haver nenhuma publicação deste género, o que mais aumenta o seu interesse. As suas peregrinações por montes e vales da nossa ilha durante a sua estadia entre nós, tiveram o gostoso condão de a levar a escrever um livro, também a sair brevemente, a que deu o título aliciante *Cartas da Madeira*.

No mesmo artigo são citadas as obras que a escritora já publicou e as próximas que serão, respectivamente: «Fronteiras» e ainda «Livro do Amor». Para o articulista

<sup>563</sup> *Diário de Notícias* do Funchal, 1 de Setembro de 1947, em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.

Maria Lamas tem “um talento altamente cotado nos meios intelectuais do continente e do estrangeiro, e é igualmente uma jornalista de invulgares méritos.”

Para o lançamento da edição de *Mulheres do meu País* firma-se um contrato<sup>564</sup> em 4 de Novembro de 1947, quando é formada uma sociedade comercial por quotas entre Manuel Fróis de Figueiredo, Orquídea Lança Fróis de Figueiredo e Maria Lamas, e que tomará a seu cargo o financiamento e administração da referida edição. As bases para a publicação do livro *Mulheres do meu País* são as que se seguem:

- 1.º A obra publicar-se-á em fascículos mensais de 32 páginas, num total de 12 a 15 fascículos, cuja publicação se iniciará em Março de 1948. Estes fascículos devem publicar-se regularmente todos os meses.
- 2.º A direcção literária, artística e técnica da obra ficará a cargo da Autora.
- 3.º Os serviços administrativos ficarão sob a direcção do sócio Manuel Fróis de Figueiredo.
- 4.º A Autora receberá de direitos 10% sobre o valor do preço de capa. O pagamento será efectuado mensalmente e correspondente aos exemplares vendidos.
- 5.º A Autora será abonada durante 6 meses com a quantia mensal de 3500\$00 por conta dos referidos direitos.
- 6.º A partir de 1 de Abril de 1948 os sócios receberão o ordenado mensal como segue:  
1 500\$00, a sócia D. Maria Lamas  
750\$00, a sócia Orquídea Lança Fróis de Figueiredo  
750\$00, o sócio Manuel Fróis de Figueiredo

Do contrato<sup>565</sup> constavam também os elementos para a constituição duma sociedade comercial por quotas:

Capital: 20 000\$00 em 3 quotas pelos seguintes sócios:

D. Maria Lamas.....10 000\$00

Orquídea Lança Fróis de Figueiredo .....5 000\$00

Manuel Fróis de Figueiredo ..... 5 000\$00

- Todos os sócios são gerentes mas a sociedade obriga-se com a assinatura do sócio Manuel Fróis de Figueiredo

- O objecto da sociedade é o comércio de comissões, representação e conta própria, etc.

- Os lucros serão divididos proporcionalmente pelo valor das quotas como segue:

50% D. Maria Lamas

25% Orquídea Lança Fróis de Figueiredo

25% Manuel Fróis de Figueiredo

---

<sup>564</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 66.

<sup>565</sup> Datado à mão em Lisboa, 4 de Novembro de 1947.

No seguimento dos contactos estabelecidos com o Governador de Lisboa, que afirmou não haver necessidade da existência de mais organizações femininas, pelo facto de já existir a Obra das Mães, que zelava pelas mulheres, Maria Lamas não quebra e vai mostrar ao país como de facto vivem as mulheres portuguesas, e que apesar das organizações estatais, aquelas continuavam a viver na ignorância e com dificuldades em obter ajuda e esclarecimentos. A *Actuális* prossegue, então, com longos textos de esclarecimento e de publicidade da obra a ser publicada. Mais do que a obra a ser publicitada, parece-nos que é a figura de Maria Lamas, demasiado conhecida do público português, que serve de tópico publicitário para a obra que se viria a tornar numa das mais emblemáticas da autora:

Actualmente, Maria Lamas publica *As Mulheres do meu País* longo friso das mulheres da nossa terra nas suas lutas, nos seus trabalhos, na sua mentalidade e nas suas aspirações. Jamais em Portugal se havia feito uma obra semelhante, uma obra de tão profundo interesse e de tanta amplitude, jamais uma mulher – e neste caso uma mulher excepcional – havia abandonado a comodidade da sua vida para percorrer, tantas vezes nas piores condições, todos os recantos do seu País, mesmo os mais inacessíveis, mesmo os mais adustos, para ir de cidade em cidade, de vila em vila, de aldeia em aldeia, como uma peregrina, ver a situação em que viviam as outras mulheres e auscultar os seus sentimentos e os seus anelos. E jamais em Portugal também um coração feminino pulsou com mais fraternidade junto dos corações de suas irmãs. Não exageramos portanto, se dissermos que as mulheres portuguesas têm uma dívida moral para com esta outra mulher, cuja vida vem sendo dedicada, desde há muito, a compreendê-las e a defendê-las.

Tudo isto bastava para fazer de Maria Lamas uma das mais impressionantes figuras literárias do nosso País. Mas a sua obra está ainda em marcha, a sua actividade continua. Maria Lamas não fez ainda tudo quanto pode fazer, pois nem sempre a vida lhe tem permitido realizar inteiramente a sua personalidade. O jornalismo – e Maria Lamas é também, uma notável jornalista, como o demonstram as muitas colaborações e a direcção que exerceu, em *Modas & Bordados* – o jornalismo, dizíamos, tem-lhe tomado um tempo que seria precioso para a sua obra puramente literária. Mas esta continua e Maria Lamas dar-nos-á, temos a certeza de que nos há-de dar, novas criações da sua fulgurante arte de escritora – de escritora que sabe interpretar ardentemente os mais complexos sentimentos humanos.

Há ainda na personalidade de Maria Lamas um outro aspecto que é, sem dúvida alguma, aquele que melhor a caracteriza. Propositadamente deixámo-lo para o fim, por ser o mais raro, referimo-nos a essa permanente aliança que existe no seu espírito entre o talento e a bondade, entre o talento e a compreensão humana.

Maria Lamas é uma das grandes almas de Portugal. Uma das mais nobres, mais generosas, mais fraternas, que existem na nossa terra. Alguns milhares de almas assim e o mundo seria bem diferente do que é.<sup>566</sup>

O livro *As Mulheres do meu País*, por Maria Lamas, surge como uma obra grandiosa, publicada através de fascículos. Com o aproximar do aparecimento ao público do primeiro fascículo, eis o que a *Actuális* faz constar como mensagem publicitária sobre a publicação que se inicia:

<sup>566</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, Caixa 16, referência 2.2.



O 1.º fascículo desta obra, agora publicado, coloca-a entre os mais notáveis trabalhos literários, de profundo sentido humano, escritos em língua portuguesa. Consta de 15 fascículos mensais, profusamente ilustrados.

Para colher elementos que lhe permitissem conhecer de perto como vive e trabalha a mulher portuguesa, Maria Lamas percorreu todo o país, em longos meses de estudo.

Partilhou a vida da camponesa, da operária e da mulher do mar; estudou as indústrias caseiras – as que se mantêm e as que tendem a desaparecer; visitou fábricas, minas e laboratórios; foi às docas e às salinas, a toda a parte onde a mulher trabalha, sem recuar perante a violência do trabalho.

A professora primária, a funcionária dos correios e telégrafos, a telefonista, a empregada de escritório, a dactilógrafa, a enfermeira, a intelectual, a advogada, a artista, a professora de ensino secundário, a médica, a assistente das faculdades, a investigadora científica, enfim, todas as mulheres, com diferentes graus de cultura, que exercem o seu labor nas mais variadas profissões, foram também incluídas nesta obra com o maior interesse e cuidadosa observação.

Da mesma forma, a mulher doméstica, de todas as classes, cuja vida de cansaças e dedicação sem limites chega a ser heróica, tem o seu lugar nesta obra que reflecte o ambiente e as condições em que vivem as mulheres de Portugal.

Trata-se, pois, de uma reportagem viva, directa, vibrante o romance de milhares de mulheres em que as figuras vêm ao nosso encontro, com os seus trajes, usos, costumes e tradições, o seu tipo físico, o seu encanto e o seu sofrimento, as suas alegrias e os seus dramas, enquadradas no cenário que lhes é natural.

Por tudo isto e ainda pelo seu valor literário e aspecto gráfico *As Mulheres do meu País* constitui uma obra de excepcional categoria, cuja leitura empolgante nunca mais se esquece.<sup>567</sup>

Num folheto a *Actuális* faz a seguinte publicidade, à qual, ainda hoje nós não seríamos indiferentes:

Maria Lamas, escritora notável, que, como nenhuma outra mulher portuguesa, se tem dedicado ao estudo dos problemas femininos, atingiu agora com

#### AS MULHERES DO MEU PAÍS

a plenitude do seu talento e a expressão máxima das suas extraordinárias faculdades de trabalho. Estas páginas que ela escreve, não somente com o cérebro, mas também com o coração e com a mais humana sensibilidade, constituem um depoimento impressionante e importantíssimo, cuja leitura não poderá esquecer-se, além de ser, no seu género, a obra mais bela e completa que, até hoje, se publicou entre nós.

Só a poderia escrever quem se dispusesse a enfrentar serenamente todas as dificuldades e o maior desconforto, muitos perigos e incalculáveis fadigas. Assim fez Maria Lamas.

Trata-se, pois, de uma reportagem viva, directa, vibrante, em que as figuras vêm ao nosso encontro, com os seus trajes, usos, costumes e tradições, com o seu tipo físico, o seu encanto e o seu sofrimento, as suas alegrias e os seus dramas, enquadradas no cenário que lhes é natural.

Assinar

#### AS MULHERES DO MEU PAIS

é adquirir uma obra de grande valor literário e artístico, verdadeira e de flagrante oportunidade, intensa como o romance mais intenso, que não tem semelhante na literatura portuguesa!

Condição de assinatura - obra completa em 15 fascículos

Continente e ilhas, cobrança mensal de cada fascículo-15\$00

Pagamento adiantado de 15 fascículos-200\$00

Cada fascículo tem 32 páginas, formato 31x24, numerosas fotografias inéditas. Ilustrações de Fernando Carlos, reprodução, em «hors texte», de quadros notáveis.

<sup>567</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, Caixa 16, referência 2.2.

#### 4. 1. CRÍTICAS E OPINIÕES SOBRE AS MULHERES DO MEU PAÍS

Segundo Maria Antónia Fiadeiro<sup>568</sup>, “a divulgação da obra *As Mulheres do meu País* na imprensa portuguesa foi muito parca, reduzida e tímida, em muitos casos, limitando-se, apenas, a algumas linhas”,<sup>569</sup> assinalando apenas duas excepções. No entanto, nós encontrámos mais referências jornalísticas em torno da saída dos fascículos desta obra.

A ilha da Madeira soube desde o primeiro momento do futuro projecto de Maria Lamas, após a sua saída da revista *Modas & Bordados. O Diário de Notícias* do Funchal noticiava a 22 de Julho de 1947, que D. Maria Lamas se propunha “escrever um livro sobre o trabalho da mulher em Portugal”, intitulado «As Mulheres do Meu País». E prosseguia:

A Sra. D. Maria Lamas realiza agora uma digressão às ilhas, a fim de colher os elementos indispensáveis à consecução do seu estudo em relação aos arquipélagos da Madeira e Açores. Para esse fim, fará um estágio nesta cidade em meados de Agosto próximo, depois de regressar das ilhas açorianas, para onde segue ainda na presente semana, a bordo do vapor «Lima». Personalidade marcante no mundo literário português, a Sra. D. Maria Lamas foi, bem recentemente, alvo de significativa homenagem, a que se associaram numerosos intelectuais, admiradores do talento e do carácter desta escritora, que tanto honra a sua profissão. A Sra. D. Maria Lamas teve a gentileza de vir, ontem à noite, apresentar cumprimentos à redacção do «Diário de Notícias», fazendo-se acompanhar de outro ilustre escritor, o nosso velho e querido amigo Assis Esperança.

No dia 28 de Julho, do mesmo ano, o jornal *Correio dos Açores* publicava uma notícia com o título «D. Maria Lamas», ilustrada com uma fotografia da autora. A notícia referia que Maria Lamas se encontrava a bordo do «Lima» de passagem para a vizinha ilha Terceira. Lembrava, também, que já em 1938, a escritora lhes tinha dado um excelente romance, *A Ilha Verde*, e que vinha agora aos Açores:

<sup>568</sup> Maria Antónia Fiadeiro, «As mulheres do meu país (1948-1950) – uma monumental reportagem» in *Em Torno da História das Mulheres*, organização de Maria Helena Vilas-Boas, Anne Cova e Elvira Cunha de Azevedo Meã, Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI) /Universidade Aberta, Lisboa, 2002, p. 318.

<sup>569</sup> Maria Antónia Fiadeiro assinala apenas duas excepções: o jornal *O Primeiro de Janeiro* (28 de Abril de 1948, «Página das Artes»), que lhe dá o destaque de uma entrevista e de uma foto, e a revista de informação bibliográfica *Ler* (Informação Bibliográfica Nacional e Estrangeira de Publicações Europa-América, Novembro-Dezembro de 1948, p. 4), de distribuição gratuita, dirigida e redigida, sabe-se, por Fernando Piteira Santos, que lhe dá uma página de crítica, com ilustrações e com uma foto da autora.

Em peregrinação de arte e de estudo, colher, na observação da vida da mulher açoriana, os elementos para uma nova obra literária em que anda empenhado o seu fulgurante espírito e o seu peregrino talento e sensibilidade requintada. Depois da Terceira, Maria Lamas virá a S. Miguel e finalmente, uma a uma, irá percorrer as nove ilhas dos Açores de cujas belezas o seu brilhante espírito anda, desde há muito, enamorado.

Fácil é de prever-se de como esta sua obra será bela, de como contribuirá para patentear as qualidades e as virtudes que distinguem a mulher açoriana, em todas as actividades sociais do meio insular.

Maria Lamas foi notícia em, praticamente, todos os jornais das ilhas. O jornal *A Ilha de Ponta Delgada*, com o mesmo título simples «D. Maria Lamas», informava os leitores e, 2 de Agosto de 1947, de que:

A fim de coligir material para o seu monumental trabalho «A mulher do meu país»<sup>570</sup> encontra-se nos Açores a ilustre jornalista e escritora D. Maria Lamas. Já é conhecida do público açoriano. Esteve, há alguns anos, em S. Miguel e do que viu e viveu escreveu o romance *A Ilha Verde*. Confiantes no talento da ilustre escritora e jornalista, esperamos que a mulher dos Açores tenha nela uma fiel intérprete da sua vida.

Maria Mendonça assina também um artigo alusivo a Maria Lamas, que resulta de uma entrevista realizada à escritora, no Nordeste, a 9 de Agosto de 1947. No artigo, encimado por uma fotografia de Maria Lamas em cuja legenda figurava o seguinte: D. Maria Lamas extasiada perante o panorama da Tronqueira do Nordeste, e intitulado «Impressões da nossa terra», iniciava-se com a observação de Maria Lamas: “ A serra da Tronqueira é uma visão inesquecível, de beleza austera, perante a qual nos sentimos pequeninos”, eis o que tinha afirmado a ilustre escritora Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lamas, ao visitar o Nordeste.

Segundo Maria Mendonça, Maria Lamas:

Esteve no Nordeste dois dias. Maria Lamas visitou a ribeira do Guilherme, e a ribeira do Tosquiado, foi à Tronqueira, visitou a Câmara Municipal e o hospital, o asilo e a Casa de Trabalho, foi à pedreira do Nordeste expressamente para ouvir uma mulher do povo – Alexandrina Feijó – uma mulher rude mas decidida e descobriu, na dita Lomba da Pedreira, um Poeta. A mulher do Nordeste viu em D. Maria Lamas uma defensora dos seus ideais e como tal a apreciou. D. Maria Lamas teve ensejo de ver, em muitas casas do nosso povo, o seu livro *A Ilha Verde* o que lhe demonstrou como era admirada por tão poeticamente ter sabido descrever as paisagens da nossa ilha.<sup>571</sup>

<sup>570</sup> O título do livro estava no singular.

<sup>571</sup> *Açores*, n.º 753, 13 de Agosto 1947, pp. 1 e 4.

Na mesma visita, em que Maria Mendonça fez de cicerone, Maria Lamas ouviu atentamente um poeta analfabeto, Francisco Joaquim de Sousa.

No dia 1 de Outubro de 1947 o *Diário de Notícias*<sup>572</sup> do Funchal comentava na primeira página o regresso de Maria Lamas a Lisboa, depois de ter ido às ilhas documentar-se para o livro que publicará em breve, em fascículos mensais, numa edição de luxo, que será *As Mulheres do meu País*.

Eugénio Ferreira considera que Maria Lamas, ao escrever este livro, *As Mulheres do meu País*, seguiu “o trilho de Pearl Buck, Andrée Viollis, George Sand, Rose Maritain, Charlotte Malraux.”<sup>573</sup>

Em Agosto de 1948, havia já sido publicado o terceiro fascículo de *As Mulheres do meu País*, quando o *Diário de Notícias*<sup>574</sup> da Madeira recomenda o livro às pessoas de bom gosto, que desejem enriquecer espiritual e decorativamente a sua estante, acrescentando que:

É um livro que não interessa apenas ao sexo frágil – e parece não ser frágil porquanto tem mulheres da forte envergadura mental de Maria Lamas – mas também aos homens de qualquer cultura que queiram entender o labor feminino em Portugal, pois a prosa desta escritora, ágil, elegante e comunicativa, é extremamente acessível mesmo quando aborda problemas de certa complexidade psicológica.

No mesmo dia, também Mário Lystes Franco, no jornal *Correio do Sul*<sup>575</sup>, de Faro, na sua primeira página considerava *As Mulheres do meu País* “um livro notável”.

Esta obra grandiosa é também analisada e dissecada no jornal *Folha da Manhã*<sup>576</sup>, de São Paulo, em 4 de Novembro de 1948, por N.N. numa perspectiva política e social, onde elogia o papel de Maria Lamas, referindo a exposição de 1947, a qual:

---

<sup>572</sup> Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 58.

<sup>573</sup> *Província de Angola*, 20 de Junho de 1948, p. 1. Recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 58.

<sup>574</sup> *Diário de Notícias* da Madeira, 28 de Agosto de 1948, em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 58.

<sup>575</sup> *Correio do Sul* de Faro, 28 de Agosto de 1948, em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 58.

<sup>576</sup> *Folha da Manhã*, de São Paulo, 4 de Novembro de 1948, em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 58.

Foi muito bem porque lhe granjeou aplausos e demonstrações novas de respeito e gratidão, e foi um mal porque lhe atraiu o desagrado oficial. O estado português, na sua actual forma política, tradicionalista e arcaizante, raciona a cultura e não pode ver com bons olhos a afirmação livre das aspirações intelectuais e sociais das mulheres, naturalmente adversas a tradições que expressam menoridade mental e submissão legal. D. Maria Lamas perdeu, por isso, a posição que tinha numa grande empresa jornalística. Mas a sua ténpera não é acessível ao desânimo. E meteu ombros a tarefa maior. Foi inquirir à volta de si, com raio mais curto, mas profundidade maior de visão, como vivem, trabalham, lutam e sofrem as mulheres portuguesas – as integradas na paisagem vegetativamente e as do primeiro plano das camadas sociais, as ignorantes só conduzidas pelas intuições do coração e as sábias das Universidades, as ricas e as pobres, as mães de família e as funcionárias, as empregadas do comércio e as operárias da indústria. E o fruto desse inquérito é a grande obra que está publicando *AS MULHERES DO MEU PAÍS*, edição luxuosa, colaborada por artistas fiéis ao seu pensamento filantrópico e social. Este livro é um grande livro e uma grande acção de uma mulher de Portugal, porque é o brado mais vigoroso e mais eloquentemente documentado que até hoje se ergueu em defesa das mulheres de um dos mais velhos e nobres recantos do mundo. A obra de Maria Lamas tem interesse artístico pela variedade emotiva dos mundos que penetra e pelo talento literário com que no-los evoca; tem importância etnográfica pelos painéis de «tipismos» nos costumes que nos descreve; tem alcance político e social, porque, dizendo-nos como vivem e trabalham, como sentem e pensam as mulheres do seu país, logicamente conduz à conclusão da maneira por que devem viver, quando o egoísmo, os preconceitos e a educação mourisca dos homens as deixar abrir os olhos à verdade. Maria Lamas bem sabe que a liberdade não se aguarda como esmola: merece-se e conquista-se.

A insigne escritora mostra que metade das energias humanas do seu país está «inaproveitada» ou utilizada por métodos primitivos. Em vez de dissertar sobre as princesas, as duquesas e as abadessas que sabiam latim, liam Amadis de Gaula e traduziam Homero, foi estudar a mulher viva, curvada sobre a terra, a criar ninhadas de filhos de pai ausente ou a lutar nas cidades, nas fábricas e nas repartições públicas com a concupiscência do macho. É uma avó, com uma consciência enternecida do dever de solidariedade de gerações, que se esforça por deixar às netas um mundo um pouco melhor. Em vez de se entregar ao desespero trágico de muitas mulheres ilustres, mal-entendidas no ambiente de que aberravam corajosamente, como aquela desgraçada e gloriosa Florbela Espanca, entrou na acção construtiva, com todos os riscos dela, mas também com a decisão honrosa de uma alta devoção cívica. Sozinha ou acompanhada apenas da sua valorosa convicção e da sua caneta, esta nobre senhora dá uma grande lição aos homens de todo o mundo que ainda pensam em estilo século XVIII.

Anália Torres<sup>577</sup> manifesta a Maria Lamas o seu apreço pessoal pela obra de Maria Lamas, particularmente, *As Mulheres do meu País*, fazendo observações sobre as mulheres em geral e em Portugal, em particular. Consegue-lhe, inclusive, duas assinantes:

Lisboa, 20 de Maio de 1948

Minha Exm.<sup>a</sup> Amiga

Estou entusiasmada com a sua obra. É qualquer coisa que nunca se disse, qualquer coisa de todo ignorada, qualquer coisa que pela primeira vez vem à superfície e nos deixa assombrados.

Até aqui só era digno de forma literária tudo que era belo, fino, aliciante. Era a literatura das rendas e dos veludos, dos duques e dos marqueses. Só as intrigas de gente “bem” interessavam e, para muitos leitores, ainda assim é.

Mas a vida, a vida e o que ela tem de cru, de real, de amargo, era tema que não tentava ninguém, porque disso ninguém cuidava.

<sup>577</sup> Carta manuscrita de Anália Torres a Maria Lamas, em 20 de Maio de 1948. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.36.

E quando pensamos que a sua obra não é romance é o drama, a tragédia de muitas mulheres – ia a dizer de Portugal, mas sabe-se lá o que vai pelo mundo – a sua obra é qualquer coisa de definitivo, que marca uma etapa, porque conhecer este drama é já um sintoma, uma esperança de se modificar e porventura resolver um dia.

Escrava era a mulher de alguns países do Oriente que dormia no chão e era acordada de manhã, a pontapé, pelo marido e hoje será igual sem os mesmos direitos.

A camponesa de ontem é um cérebro ao serviço da nação e até da humanidade.

Bem, mas isto leva-a muito longe.

Venho trazer-lhe duas assinantes cujos nomes e endereços junto.

Aqui a estou esperando com muito prazer e creia-me sempre com sincera admiração

Amiga dedicada

Em carta<sup>578</sup> dactilografada de São Paulo, de 14 de Julho de 1948, Fidelino de Figueiredo (1889-1967), acusa a recepção do primeiro fascículo e faz uma ligeira apreciação comparando a mulher portuguesa com a mulher brasileira do interior do Brasil, tecendo uma crítica ao regime político português:

Minha senhora:

Recebi o primeiro fascículo da sua grande obra, «As mulheres do meu país», acompanhado de generosas e afectuosas palavras que muito e muito me penhoraram. Felicito-a pela fidalga represália que toma contra quem a feriu arbitrária e cruelmente... Esta obra é a conclusão lógica, estética e social daquela brilhante exposição do salão de Belas Artes, em 1947. Quisera muito chamar a atenção do público brasileiro para a sua obra. Se o seu inquérito não é aplicável à mulher do Brasil, que no interior vive em condições ainda piores que as da mulher portuguesa, o método, a intenção social e a beleza literária e artística da obra interessarão grandemente a gente culta e de espírito moderno. Mas o público brasileiro não compra obras por assinaturas de fascículos. Os livreiros são incapazes de coordenação metódica e administrativa que essa forma de venda requer. Temos de esperar a conclusão da obra, que não tardará muito, porque se compõe de 15 fascículos apenas. Assim que receba mais dois ou três, escreverei um comentário e, para já, pedirei na «Folha da Manhã», uma notícia no suplemento literário, cujo recorte lhe farei chegar por intermédio de minha mulher. [...] Faço os melhores votos pelo triunfo pleno da obra e que, ao concluir, se lhe deparem condições melhores no ambiente – se esse triste país ainda é capaz de alguma coisa mais do que a monarquia triste, a república triste e a ditadura triste que presenciei. De perto ou de longe, já não aturarei a pátria por muitos anos!

Creia-me, minha senhora, com a melhor amizade e a mais firme admiração, muito atento e servidor, que a cumprimenta respeitosamente.

Fidelino de Figueiredo, em carta manuscrita timbrada da Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, São Paulo, datada de 28 Março de 1949, queixava-se a Maria Lamas de ter recebido ainda poucos fascículos da grande obra «As mulheres do meu país», o que revela a dificuldade de comunicação da editora em enviar os fascículos.

---

<sup>578</sup> Carta dactilografada de Fidelino de Figueiredo a Maria Lamas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.93 (transposta para a caixa 70).

Também João Leitão da Silva<sup>579</sup>, juiz da comarca de Castelo Branco, em 1950, endereça uma carta a D. Maria Lamas ao obsequioso cuidado de Actuális Limitada, Rua Caetano Palha, nº 9, r/c, Lisboa, em papel do Tribunal e envelope do tribunal, sobre *As Mulheres do meu País*:

Exm.<sup>a</sup> Senhora D. Maria Lamas

Desde o 1º fascículo releio com muito interesse o magnífico livro de V. Ex.<sup>a</sup>. «As Mulheres do meu país». Tudo nele é superior – a observação, a análise, o comentário e o estilo.

Flagrante de verdade, devia servir de base à reforma social que se impõe aos Governantes e que urge em prol das mulheres de Portugal – por suas virtudes bem dignas de melhor sorte.

Porém, esta absorvente vida de juiz só hoje me permitiu vagar para prestar a V. Ex.<sup>a</sup> a homenagem do meu apreço e do meu respeito.

De V. Ex.<sup>a</sup> com toda a consideração.

#### 4.2. FEITURA DA OBRA

Vejamos algumas das sensações manifestadas por Maria Lamas ao longo da feitura da obra, como a que encontrámos num dos seus inúmeros diários. Num diário em folhas soltas da viagem à Madeira e aos Açores, Maria Lamas escreve:

A epopeia dos homens que abrem as estradas! Ganham 16 escudos e trabalham dez horas! Se morrem por desastre a família recebe 20 000\$00. Esta estrada é a mais perigosa da Madeira, tem causado muitas mortes. A mais cara de Portugal. 4 dias inteiros - excepcionais que marcaram na minha vida, resistência física e nervosa. Fiquei com mais confiança em mim.<sup>580</sup>

Nos apontamentos para *As Mulheres do meu País*<sup>581</sup>, Maria Lamas tem um bloco manuscrito preparado com as perguntas que há-de fazer quando chegar aos locais, previamente delineados. Temos como exemplo de perguntas, que mostram a preocupação da jornalista, a nível social, se “a operária manifesta desapego pelos usos tradicionais da região?”, se “há creches para os filhos pequeninos das operárias?”, se “o homem da região emigra muito?”, se “há neste concelho algum costume tradicional característico daqui?”, se “a mulher também emigra para as cidades”, o que acontecia de

<sup>579</sup> Carta dactilografada de João Leitão da Silva a Maria Lamas, datada de 12 de Fevereiro de 1950. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.120.

<sup>580</sup> Apontamentos de Maria Lamas a 17 de Setembro de 194, na Calheta. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 16, referência 2.2.

<sup>581</sup> Apontamentos manuscritos de Maria Lamas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 18, referência 2.9.

facto, indo exercer a profissão de criada. Seguem-se mais perguntas de cariz social: “as mulheres levam os filhos doentes ao médico em postos de assistência, ou descuidam o seu tratamento, preferindo fazer-lhe mezinhas? Há prostituição legal? Há muitos filhos ilegítimos?”

Em conversa com as mulheres que trabalhavam na área da metalurgia e montagem, Maria Lamas constata que “há muito analfabetismo”. Em Pitões cerca de um terço dos homens emigra para Lisboa, enquanto as mulheres trabalham nas minas. Em Vila Real ao falar com o médico este diz que “as juntas de inspecção para o serviço militar viram-se seriamente embaraçadas para poder apurar mancebos, porque a grande maioria, senão a totalidade, não tem resistência física.”

No norte, Maria Lamas nota a predilecção das mulheres pelo oiro: “sem brincos, só as mais miseráveis das miseráveis.” Em Braga, a indústria, a que se dedicam as mulheres, é caseira e restringe-se à construção de bonecos com trajes regionais.

Na Régua, fica instalada numa péssima pensão, onde só há homens de negócios, sendo Maria Lamas a única mulher, acontecendo o mesmo no restaurante da estação. Nesta zona a “miséria” é “confrangedora”.

Em Macedo<sup>582</sup> assiste-se à grande indústria da seda, com teares manuais, como no tempo do Marquês de Pombal em que “se mandavam fazer chapas com a indicação de «sedas inglesas», procurando assim valorizar a seda”. Em Afife, nota-se uma percentagem muito apreciável de crianças com deficiência mental sem dúvida em consequência da sífilis mal tratada, dos pais.

Braga foi a terra onde até agora encontrou “mais pedintes”, de todas as idades e apresentações: “crianças, velhos esfarrapados e senhoras de chapéu! Pedem com insistência. Aspecto confrangedor!”

Em Terras de Bouro o “ordenado da jornaleira mantida<sup>583</sup> era de 3\$50, a seco<sup>584</sup>, de 10\$00, o homem mantido ganhava 7\$00, e a seco entre 15\$00 e 18\$00.”

A jornalista nota a falta de meios de comunicação e o que isso provoca no atraso das populações. A pobreza e o desconforto das casas de pedra solta sem chaminé, a

---

<sup>582</sup> Nos apontamentos de Maria Lamas, há apenas a indicação de Macedo, daí não sabermos se será Macedo de Cavaleiros.

<sup>583</sup> Quando o patrão fornecia a alimentação.

<sup>584</sup> Quando o/a trabalhador(a) adquiria os seus próprios alimentos.



fogueira que se acende no chão e o fumo a sair pela telha vã. Trajos pobres e escuros. Só os brincos de ouro dão à mulher uma nota de frivolidade. Maria Lamas nota que “todas, mesmo as mais pobres têm brincos de ouro”. Os habitantes da região não sabem responder a perguntas como esta: “as casas são de granito?”

Maria Lamas sabe, mas quer “experimentá-los.” E verifica que “há uma ignorância completa!” Nas camionetas e nas conversas com os camponeses o tema quase exclusivo é: “a riqueza de fulano, estas terras são de beltrano, comi muito em casa de sicrano.” A alimentação destas populações é constituída por “caldo de couves, batatas (às vezes) e milho.” Só criam porcos os mais “abastados”, os quais trabalham como os outros. A diferença é que “trabalham nas suas terras, mas vivem no mesmo nível dos jornaleiros”. Só na alimentação se nota uma diferença por terem “conduto com mais frequência”. As raparigas da zona vão para grandes cidades como Braga, Lisboa e Porto servir, mas muitas não se adaptam e regressam. Maria Lamas anota que “depois de observar como vivem estas mulheres não admira que a maioria das criadas idas da província não saibam fazer nada e sejam extremamente rudes. O que admira é que cheguem alguma vez a ajeitar-se aos bons e ...maus aspectos da civilização.”

As notas da jornalista estão ordenadas por cidades e vilas. Agora segue-se Guimarães, onde uma das fábricas visitadas é a Fábrica de Fiação e Tecidos da Caldeiroa de J. Cerdeira Guimarães & C.<sup>a</sup> que recebe o “algodão em bruto” de Angola e Moçambique.

Segundo as pesquisas de Maria Lamas, há em Guimarães cerca de 120 fábricas de tecido de algodão, linho e seda, que devem ter cerca de 40 000 operárias. Para a jornalista “seria de desejar a criação de uma creche – maternidade comum. A fábrica, visitada pela jornalista, paga por cada operária 6\$00 mensais para o Socorro Social, sendo que a operária só paga 5% do que auferir para a Caixa Sindical (a Caixa Sindical dá-lhes médico, 75% de desconto nos remédios e 2 terços do salário, em caso de doença). Têm reforma a partir de 10 anos de sócia da caixa. Também pagam 2% para o desemprego. As operárias têm direito a 6 dias de férias anuais, 3 dias por luto, 6 dias por casamento e 15 dias por parto. Trabalham um período de 4 horas e descansam hora e meia, prosseguindo com outro turno de mais 4 horas. As horas extraordinárias são pagas com 50 % de aumento. Em Guimarães, Maria Lamas apura que os homens só emigram quando “a mulher engravida” e que “quando têm quatro ou cinco filhos não voltam mais”.

No Porto, Maria Lamas repara que “as mulheres da limpeza do Coliseu usam fato de macaco de ganga (calças com alças e peitilho sobre a blusa) o que lhes dá um ar limpo e arranjado e muito mais decente do que a perna nua e as saias enxovalhadas.”

Para compreendermos a forma minuciosa como Maria Lamas preparou este seu grandioso trabalho, atentemos na sua agenda de 1948<sup>585</sup>, em que escreve como profissão “escritora”, e acrescenta “exerço a minha actividade em Lisboa, mas actualmente estou percorrendo o país, colhendo elementos para uma obra sobre a vida das mulheres”, o que nos dá a dimensão do seu profissionalismo. As primeiras notas são de alguns nomes que importa contactar, nas localidades do seu destino, a fim de obter e comprovar as informações. Desta forma temos a indicação de João Miranda, de Coimbra, Natércia Freitas Guimarães de Medina e Augusto Henrique Maia de Medina, do Porto, Artur Lopes Proença e António Lopes Tadeu, correspondente do *Diário de Notícias*, de Melo, Folgozinho. Em seguida, Maria Lamas anota os nomes de artistas e os respectivos títulos das obras a incluir nas ilustrações dos textos: Eduardo Malta (1900- 1967), *Nazarenas*; Henrique Tavares (? -?), *Sol de Outono*, Portela Júnior, *Jornada*, Marques de Oliveira, *A Espera dos Barcos*, Manuel de Macedo (1839-1915), *Peixeira* (aguarela), Carlos Reis (1863-1940), *Engomadeiras*, Anunciação (1818-1879), *A Entrada do Aprisco*, Abel Manta (1888-1982), *Cabeça de Mulher* (Nazaré), Ernesto Condeixa (1858-1933), *A Caminho da Fonte*.

Por último, Maria Lamas indica em cada dia o que faz e onde vai, sempre em ritmo acelerado e à média de um dia em cada localidade. Exemplifiquemos o mês de Janeiro. No dia 8, partida de Lisboa para o Porto. De 9 a 12, está no Porto. Dia 13, parte para Braga e chega às 7 horas da tarde. Dia 14, permanece em Braga. Dia 15, vai a Terras de Bouro, (manhã cedo). Dia 16, regresso a Terras de Bouro. Dia 17, Guimarães (não almocei) fábricas: calçado, cerâmica, telha, colas e grudes, curtumes, cutelarias, fiação e tecidos, lacticínios, linhos. Dia 18, Braga. Dia 19, Famalicão: fábricas: tecidos, fiação, moagem, malhas, botões, pentes, lanifícios, relógios, serração de madeiras, guarda-sóis, máquinas agrícolas, metalúrgicas, volfrâmio, minas. Dia 20, Gerez, partida de manhã cedo, sem almoço e sem pequeno-almoço. Dia 21, partida para Chaves, sem pequeno-almoço. Dia 22, Montalegre. Dia 23, Vila Real. Dia 24, Pinhão. Dia 25, Vila

---

<sup>585</sup> Agenda manuscrita de Maria Lamas de 1948. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 18, referência 2.9.

Real. Dia 26 até 29, Amarante. Dia 30, Celorico. Dia 31, Mondim de Basto, Paradança, etc.

No mês de Fevereiro, dia 1, Amarante. Dia 2, regresso a Braga (não almocei). Dia 3, Braga. Dia 4, partida para o Porto depois de almoço. Dia 5, Porto. Dia 6, partida para a Régua. Dia 7, partida para Bragança. Dia 8, Bragança, Gimonde, Vinhais. Dia 9, partida para Vimioso. Dia 10, partida para Miranda, de madrugada. Dia 11, partida para Freixo de Espada à Cinta. As restantes indicações que constam desta agenda de 1948 são as moradas dos organismos onde se deve dirigir. Como se verifica, trata-se de um projecto elaborado ao pormenor para que a sua execução corresponda ao que era expectável.

Para se inteirar do número de operárias no sector da indústria de cerâmica, em Aveiro, Maria Lamas solicita a informação ao Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Cerâmica e Ofícios Correlativos do Distrito de Aveiro, a qual lhe é fornecida através de um cartão da Direcção do Sindicato, com a seguinte indicação: 564 é o número de operários do sexo feminino que empregam a sua actividade na indústria de cerâmica, na área do distrito de Aveiro, maiores de 18 anos e 178 menores de 18 anos, isto é dos 14 aos 18.<sup>586</sup>

Em relação a Aveiro<sup>587</sup> e à seca do bacalhau, Maria Lamas destaca Júlia Ramos da Rocha, da Gafanha da Nazaré que é encarregada há 20 anos e usa um microfone para dar ordens. Sobre as raparigas anota o facto de elas casarem com emigrantes que vinham com dinheiro mas que depois se iam embora outra vez, ficando elas sozinhas.

Para as fotografias de Aveiro, Maria Lamas recorreu a Américo Carlos Gomes Teixeira<sup>588</sup>, que se desculpa com o atraso do fotógrafo:

Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lamas

Confirmando a minha carta de 15 do corrente e só hoje me é possível remeter a V. Ex.<sup>a</sup> as fotografias de Fermentelos, sendo o motivo a demora do fotógrafo, demora esta motivada por um incêndio que teve no seu ateliê que ocasionou atraso nos trabalhos fotográficos. Quanto às fotografias tiradas na Costa Nova, lamento ter que dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que não se aproveitaram.

A 2 de Dezembro 1948<sup>589</sup>, finalmente, são remetidas as fotografias:

---

<sup>586</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 18, referência 2.9.

<sup>587</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 18, referência 2.9.

<sup>588</sup> Carta manuscrita de Américo Carlos Gomes Teixeira a Maria Lamas, datada de 28 de Novembro de 1948. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.227.

Exm.<sup>a</sup> Senhora D. Maria Lamas

De conformidade com o pedido de V. Ex.<sup>a</sup>, muito gostosamente remeto a película das fotografias do Fermentelos. Peço desculpa de não mandar tirar aqui as ampliações que deseja pelo motivo, não só da demora em as obter como ainda não ficariam bem as ditas ampliações para o fim desejado.

Em Portela de Vade, freguesia de Atães, concelho de Vila Verde, no distrito de Braga, Maria Lamas fica chocada por as pessoas não se preocuparem quando as crianças morrem, pois quando isso acontece dizem: “é um anjinho que vai para o céu.”

Ainda em relação a esta localidade, Maria Lamas anota o seguinte:

Escolas ao abandono (o edifício), duas professoras. Os sexos têm aulas separadas. O aspecto das crianças desolador. Só vendo assim em conjunto (cerca de 50 rapazes e cerca de 50 raparigas) as crianças desta região (povo) se avalia bem as suas condições de vida: sujas, desagasalhadas, caras de frio e de fome, cabelos baços, bastantes com feridas na cara e olhos doentes. As rapariguinhas vestidas como as mulheres, de cabelos crescidos, arrepiados e presos atrás, num carrapito parecem umas mulherezinhas, sem graça, nem frescura, nem o encanto natural da sua idade.

Verifiquei mais uma vez o desconforto verdadeiramente desumano das habitações rurais.

Jornais, só conhecem o que eu chamo “o jornal de Fátima”. O próprio abade lê e comenta os artigos deste jornal, que fala da guerra e diz que as coisas estão muito mal preparadas, que se fala noutra guerra, por causa dos russos. É tudo quanto aquela gente sabe. O abade de Portela do Vale perguntou-me se, depois, a publicação do meu livro cobriria as despesas que eu faço. Foi até agora a primeira pessoa que fez cálculos sobre o lucro que eu posso tirar deste trabalho. (pelo menos a 1.<sup>a</sup> pessoa que se referiu a isso. Deve ser uma pessoa muito prática.)<sup>590</sup>

Maria Lamas recebe uma ajuda preciosa através das indicações dadas por Julião Quintinha<sup>591</sup>, como podemos verificar por esta carta:

Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lamas

Minha Ilustre Camarada,

Acuso a recepção da sua carta de 11 do corrente e agradeço-lhe que se não tivesse esquecido de mim. Juntamente com a carta vinha o prospecto de propaganda, que me pareceu bem, com sobriedade, e também com o plano da obra suficientemente explanado.

Felicito-a pela magnífica iniciativa, algo arrojada, mas cheia de sentido humano e muito interessante, como a primeira e mais completa reportagem que se faz no nosso país, nesse género. Não sei se lá fora se fez obra tão interessante dedicada às mulheres, mas penso que não, pelo menos com essa amplitude.

A minha boa amiga deverá defender-se, ao máximo, da Censura; e, quanto a mim, penso que deverá diluir o sentido social no espírito pitoresco e literário da reportagem.

<sup>589</sup> Carta manuscrita de Américo Carlos Gomes Teixeira a Maria Lamas, datada de 2 de Dezembro de 1948. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.227.

<sup>590</sup> Documento manuscrito de Maria Lamas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 18, referência 2.9.

<sup>591</sup> Carta manuscrita de Julião Quintinha a Maria Lamas, datada de 21 de Abril de 1948. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.134.

No Baixo Alentejo (distrito de Beja) não deverá esquecer-se das trabalhadoras do campo (ceifeiras, mondadeiras, as que vão à apanha de legumes e azeitona) assim como das que trabalham na cidade. São mulheres que trabalham a cantar, e as suas canções, em coro, sobretudo as do tempo da apanha de legumes, que se ouvem de madrugada quando vão para o campo, são uma maravilha. É também muito curiosa, a psicologia amoruda da dona de casa, no Baixo Alentejo, que só vive para o marido e para os filhos. É a mulher que, quando se refere ao marido, ainda diz: «O MEU SENHOR!...»

Veja bem as mulheres do Algarve, inteiramente diferentes, mais alegres, com maior autonomia ante o marido, sem deixarem de ter ternura e de os acompanhar nos trabalhos do campo, das fábricas e do mar. No campo trabalham nas hortas, vêm à cidade e vão aos seus serviços, montadas em burros, com chapéu de homem na cabeça, por cima do lenço. E quando passam, nunca deixam de dar os «bons dias», seja a quem for, na sua voz arrastada e musical. São muito diferentes, nos seus tipos e caracteres, as mulheres do Algarve – do campo, da cidade, do litoral, e da serra; estas, sobretudo quando são velhas, fumam bastante, e algumas bebem o seu copinho de aguardente.

As mulheres do Algarve, além de trabalharem nos pomares, empregam a sua actividade nas fábricas de cortiça, fazendo rolhas à máquina; nas fábricas de conservas de peixe; e nos «fumeiros» – este trabalho é o de escolher figos e prepará-los, enchendo as ceiras de palma, onde são exportados para o Estrangeiro; também se dedicam muito às diversas obras de empreitada, fazendo alcofas, esteiras, etc. e vão muito aos mercados vender os diversos produtos de agricultura e indústria regionais.

Perdoe a insignificância dos informes, e pergunte sempre que precisar.

Estarei com o maior prazer às suas ordens e não me esquecerei de escrever, brevemente, algumas notícias e artigos.

Com muita estima e respeito sou camarada e amigo dedicado Julião Quintinha.

Maria Lamas viabiliza todos os esforços para a recolha fidedigna de informações em relação à vida das mulheres de Portugal. Não hesita, por isso, em recorrer a personalidades locais, para lhe fornecerem informações, indicarem fotografias ou bibliografia precisa e específica. Em relação a Gouveia, recorre a Armando Ribeiro Cardoso, ex-interno dos Hospitais Cívicos de Lisboa, Especialista em Cirurgia Geral, a exercer clínica em Gouveia. Em carta datada de 15 de Outubro de 1948, informa Maria Lamas sobre as dificuldades que teve em arranjar as fotografias que a autora desejava e apresenta-lhe uma ideia que consta no facto de Maria Lamas enviar a Gouveia, um artista fotógrafo bom que ele acolheria em sua casa sem dispêndio para a autora. E acrescenta:<sup>592</sup>

Creio assim corresponder à consideração que V. Ex.<sup>a</sup> a todos os títulos me merece e à colaboração que nenhuma pessoa culta deve recusar ao honesto e valioso trabalho sobre a mulher portuguesa. Sobre os usos e costumes da mulher, nesta região pouco há a dizer: a vida da mulher é simples, olhando sobretudo pela vida da casa, sendo a portadora das refeições (jantar) que é o do meio-dia, aos maridos que trabalham no campo. Na totalidade das povoações do concelho a mulher só toma parte na vida do campo, nos trabalhos mais leves: sacha do milho, sementeira da batata, apanha de azeitona e vindimas. Na apanha da azeitona e vindimas juntam-se em ranchos que entoam alegremente canções regionais, mas hoje mais canções estropiadas que lhes chegam das revistas e das marchas de Lisboa.

<sup>592</sup> Carta manuscrita de Armando Ribeiro Cardoso a Maria Lamas, datada de 15 de Outubro de 1948. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 14, referência 1.309.

Povoações há como Arcozelo onde a mulher mais se dedica ao trabalho do campo, em virtude dos homens exercerem em grande parte a profissão de sapateiros, porque é ali uma indústria que tem destaque. Na sede de concelho e só em algumas povoações muitas mulheres empregam-se na indústria. Andam bem trajadas e aos domingos mesmo com certo luxo. Vide fotografias duma operária fabril ao domingo que envio a V. Ex.<sup>a</sup>. Como não é de admirar as mulheres que trabalham no campo, envelhecem precocemente e são feias, ao contrário das que trabalham em fábricas e que não estão sujeitas às intempéries. Indústrias caseiras não há. Fazem meias para uso próprio, sobretudo dos homens. Hoje, já menos. Fazem rendas e há sobretudo uma indústria própria desta região: o fabrico do queijo [...]. Muito gostaria de lhe enviar fotos sobre o fabrico do queijo mas foi um dos assuntos [...] que não me tiraram, porque nesta época é difícil. Aconselho V. Ex.<sup>a</sup> a procurar o «Boletim Pecuário» nº 2 de 1943, ano XI do Ministério da Economia, onde vem um belo estudo sobre o queijo da serra e traz lá boas fotografias de mulheres fabricando o queijo e vendendo-o nos mercados.

Duma maneira geral nesta região a mulher vive bem e bem alimentada e bem vestida, pois é uma região rica. Suponho já ter abordado os assuntos mais importantes. Todas as fotografias levam legendas. Fotógrafos: João Saraiva de Carvalho e Dr. José Rebelo Cardoso. Vão fotografias repetidas d'algumas, para V Ex.<sup>a</sup> escolher a melhor.

Maria Lamas envidou todos os esforços para a realização da sua grandiosa obra. A 19 de Agosto de 1949, recebe uma carta<sup>593</sup> do Bureau de Turismo «Terra Nostra», de Ponta Delgada, onde lhe pedem desculpas pela “demora no envio das fotografias para a obra «As Mulheres do meu País» em que inclui aspectos do trabalho feminino nas indústrias do tabaco e da espadana as quais esperam serem ainda úteis.”

Para a obtenção de fotografias, Maria Lamas dirige-se também ao Sr. Manuel Veiga, do Instituto do Vinho do Porto.<sup>594</sup>

Ao mesmo tempo que vai visitando as aldeias, as vilas e as cidades de Portugal, Maria Lamas toma nota de imagens e esculturas que reproduzam as profissões exercidas pelas mulheres. Assim, do Museu Soares dos Reis, no Porto, a jornalista anota as seguintes obras de arte: *As Ceifeiras* de Silva Porto<sup>595</sup> (1850-1893), *Lavadeiras* (escultura) de Américo Gomes (? -?), *Cena do Interior* de Aurélia de Sousa (1866-1922), *Cenas do Interior* de Marques de Oliveira (1853-1927), *Varina* de Roquemont (1804-1852). Interessa-lhe também *A Leiteira de Rio Tinto* de Caetano Moreira da Costa Lima (1835-1898), não sabe em que museu se encontra.

Eduardo Cerqueira<sup>596</sup> em carta com o timbre da Empresa Nacional de Publicidade SARL, proprietária do Diário de Notícias, Av. da Liberdade, 266, 266-A,

<sup>593</sup> Carta assinada por Silva Júnior enviada a Maria Lamas, no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 7, referência 1.263.

<sup>594</sup> Apontamentos manuscritos de Maria Lamas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 18, referência 2.9.

<sup>595</sup> O seu nome é António Carvalho da Silva, tendo adoptado o pseudónimo de Silva Porto.

<sup>596</sup> Carta manuscrita de Eduardo Cerqueira a Maria Lamas, datada de 16 de Novembro de 1948. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.78.

Lisboa, mas enviada de Aveiro a 16 de Novembro de 1948 a Maria Lamas expressa bem os contactos estabelecidos pela autora, para a prossecução da sua obra e as dificuldades sentidas e ultrapassadas, na obtenção das fotografias e imagens:

Antes de mais peço perdão desta interminável demora. Várias circunstâncias a determinaram, desde o meu serviço, especialmente, o que me obrigou a sair, até ao facto de o Gervásio Aleluia ter estado ausente em França e haver tido a infelicidade de regressar no dia do funeral da mãe.

Só hoje me entregou as fotografias que fez. E por coincidência, hoje também me mandaram as da Vista Alegre. Vão, assim, conjuntamente com as minhas películas e com a da descarga do sal que consegui, por empréstimo, da Comissão de Turismo. Conto na próxima semana, talvez terça ou quarta-feira, que o fotógrafo Henrique Ramos me entregue algumas reproduções dos cartões do Alberto de Sousa sobre os trajos das tricanas. Há igualmente a do quadro dos «chapéus», se bem que espere ainda arrastar o Dr. David Cristo (?) ao museu para fazer uma fotografia colorida. Ainda não desisti...mas ainda não o consegui.

Uma pessoa amiga confiou-me uma fotografia do quadro de Lauro Corado (?) com a tricana. Ele deve ter, certamente, o cliché e talvez pudesse cedê-lo. É, pelo que me parece, muito interessante, já pela figura, já pelo enquadramento que é um belo trecho da paisagem da ria.

Creio que não me esqueço de nada. Estou a escrever à pressa na intenção de deixar esta carta para ser enviada amanhã, pois terei de sair e não quereria retardar ainda mais o envio das fotografias, que doutro modo só podiam seguir no sábado.

De novo peço me desculpe e me creia sempre e muito gratamente ao dispor, Admirador muito atento

A 6 de Janeiro de 1949, Eduardo Cerqueira<sup>597</sup> queixa-se a Maria Lamas, por ainda não ter conseguido obter a tal fotografia colorida, enviando-lhe apenas a reprodução das aguarelas de Alberto de Sousa.<sup>598</sup>

Octaviano Sá<sup>599</sup> escreve a Maria Lamas uma carta lacrada com o timbre de *O Primeiro de Janeiro*, delegação de Coimbra, no envelope. O timbre da página escrita indica que Octaviano Sá é advogado, na Rua da Sofia, 35, 1º Coimbra. Oferece a Maria Lamas o seu apoio na realização do trabalho *As Mulheres do meu País*:

---

<sup>597</sup> Carta manuscrita de Eduardo Cerqueira a Maria Lamas, datada de 6 de Janeiro de 1949. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.78.

<sup>598</sup> Alberto Augusto de Sousa (1880-1961), desenhador, aquarelista e ilustrador. Frequentou a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Em 1897 empregou-se no ateliê dirigido por Roque Gameiro. Participou numa exposição pela primeira vez em 1901. Servido por uma técnica segura e extremamente metódico na execução, deixou vasta obra, que, pelo seu carácter documental e iconográfico, assume interesse específico para o estudo da arquitectura militar, religiosa e civil em Portugal, bem como do traje e das tradições e costumes portugueses. Recebeu a Medalha de Honra da Sociedade Nacional de Belas-Artes, o Prémio Roque Gameiro e o Grand Prix de Paris. Encontra-se representado no Museu do Chiado. Cf. Leonel de Oliveira (coordenação), *Quem é Quem-Portugueses Célebres*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2008, p. 496.

<sup>599</sup> Carta dactilografada de Octaviano Sá a Maria Lamas, não datada. Pelo teor da carta presumimos que é de 1949, aquando da feitura da grandiosa obra de Maria Lamas *As Mulheres do meu País*. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.190.

Minha Exm.<sup>a</sup> Senhora e Distinta Camarada:

Recebo com a maior satisfação as notícias de V. Ex.<sup>a</sup>

Quando lhe enviei o meu insignificante trabalho, pensava acompanhá-lo duma carta com as informações acerca do pintor, e dizer-lhe ao mesmo tempo que fico incondicionalmente ao dispor de V. Ex.<sup>a</sup> para o que julgar lhe posso ser útil a bem do seu precioso trabalho sobre as mulheres do nosso país.

Ocupações várias do fim de férias, e preparação dum novo período de actividades, impediram o meu propósito.

Hoje venho dizer-lhe que aguardo a visita de V. Ex.<sup>a</sup> com o maior agrado, e, estou certo, lhe proporcionarei elementos para a sua tão simpática e meritória cruzada, quanto a esta região.

V. Ex.<sup>a</sup>, talvez, tenha ensejo de «ressuscitar» uma das mais interessantes curiosidades do trabalho da mulher desta região: as tecedeiras de Almalaguês.

Enfim, V. Ex.<sup>a</sup> dirá depois o seu programa para ser acompanhada, pelo menos com devoção, por minha parte, de modo a manifestar-lhe o muito apreço por tão valioso trabalho como é a sua obra.

O pintor Mário é professor de desenho nessa capital, na Escola do Ensino Técnico Marquês de Pombal. O ano passado ainda ali exerceu o professorado.

Vou mandar fazer a fotografia, 13x18, como V. Ex.<sup>a</sup> indica.

Creio ter na minha modesta galeria um trabalho muito interessante do Alberto Sousa sobre as actividades de lavadeiras próximo desta cidade.

Fica ao dispor de V. Ex.<sup>a</sup>, que é com muita consideração e com os seus cumprimentos colega muito delicadamente admirador

Numa entrevista dada na época de publicação dos fascículos, Maria Lamas<sup>600</sup> esclarece-nos sobre o propósito de escrever *As Mulheres do meu País*:

-Quando me decidi a conhecer de perto como vivem as mulheres portuguesas e a escrever um livro que fosse, por assim dizer, uma reportagem fiel da sua vida, tinha a certeza de ser necessário realizar esta ideia. Mas só agora, depois de ver e sentir a realidade, compreendi como é importante e vasta a tarefa a que me dediquei. Todas as minhas forças são poucas para a levar até ao fim.

À afirmação de Maria Lamas, de que se tratava de uma reportagem, a jornalista pretende saber se trata então de um vasto estudo do trabalho da mulher. Na resposta a esta questão, Maria Lamas enaltece o papel sagrado da maternidade.

-Não se trata de um estudo e ainda menos de um inquérito. O fim em vista é apenas contar alguma coisa das condições em que vivem as mulheres do meu País, sem esquecer que a sua missão de mães é a mais profunda e sagrada missão humana. Mais não cabe nas limitadas possibilidades de um trabalho individual. A análise e a solução dos problemas que possam ressaltar deste documentário, escrito com o meu próprio coração, é tarefa que incumbe a outros, que não a mim. Evidentemente que, na vida da mulher do povo, nem tudo são cores sombrias. Também há aspectos mais ou menos curiosos, ligados ao seu ambiente natural. Até nas vidas mais sacrificadas há uma hora de plenitude. Tudo isso, e também certos costumes tradicionais, característicos, eu procurei fixar.

---

<sup>600</sup> Entrevista dada por Maria Lamas, em jornal não identificado, nem datado, em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, Caixa 16, referência 2.2. Segundo Maria Antónia Fiadeiro, a entrevista foi dada ao jornal *O Primeiro de Janeiro*, em 28 de Abril de 1948. *Maria Lamas-Biografia*, Quetzal Editores, Lisboa, 2003, p. 146.



O trabalho de documentário abrange não apenas a mulher do campo, mas também a mulher citadina. Para a autora, a mulher do povo tem a primazia, ocupando a maior parte dos quinze capítulos:

-Todas as mulheres, desde a camponesa à mais civilizada habitante da cidade, estão presentes no meu trabalho, cada uma integrada no seu mundo. Mas a mulher do povo ocupa a maior parte dos 15 capítulos de que se compõe a obra, porque, além de oferecer aspectos variadíssimos, do mais fundo sentido humano, ela merece especial atenção, pela sua grandeza moral, feita de coragem, sacrifícios, resignação e constante labor.

Mas que conclusões são retiradas pela autora do seu vasto trabalho?

-Se *As Mulheres do meu País* fizerem pensar as pessoas de boa vontade na gravidade e significado dos problemas especialmente ligados à vida da Mulher, que é urgente resolver, eu dar-me-ia por compensada de todos os esforços, lutas e... porque não dizê-lo? ... Sacrifícios de vária ordem, que a sua publicação representa. Só quando a Mulher tiver consciência de si própria e entrar no pleno uso dos seus direitos, com plena consciência dos seus deveres, poderemos esperar que a humanidade encontre o equilíbrio indispensável para a paz e verdadeiro progresso do mundo. Infelizmente, a grande maioria das próprias mulheres não compreendeu isto. E aceita, como uma fatalidade, todas as injustiças e escravidões que sobre elas pesam.

Maria Lamas esclarece de seguida o que mais a impressionou durante a realização do seu trabalho:

-É muito grande a ignorância e o atraso da maioria das nossas mulheres, não só no que respeita aos mais rudimentares conhecimentos gerais, mas também em relação à higiene e puericultura. No entanto, a mulher portuguesa é espantosamente intuitiva e tem um enorme poder de adaptação que lhe permite assimilar, com grande facilidade, hábitos e ensinamentos de meios diferentes daquele em que foi criada.

Maria Lamas percorre o país de norte a sul, bem como as ilhas da Madeira e dos Açores, em todos os tipos de transporte, e nas condições mais adversas:

Principiei pelas maravilhosas ilhas da Madeira e Açores, que percorri demoradamente. Tanto lá como no continente, fiz longas caminhadas, a pé, através das mais ásperas serranias; atravessei o Marão sob o maior temporal deste Inverno; andei pelas terras de Barroso, em dias de nevão, e passei a famosa e ...perigosa ponte pênsil — «a ponte de arame» — do Soajo. Viajei de comboio, de camioneta, de camião e de «jeep». O percurso de Miranda do Douro a Duas Igrejas, numa fria madrugada de Fevereiro, através de nevoeiro densíssimo, quando me dirigia a Freixo de Espada à Cinta, daria intenso capítulo de um romance de aventuras...tenho procurado conhecer cada região na época em que a vida é, ali, mais característica, mesmo quando essa época coincide com maior rudeza de clima. Posso, assim avaliar melhor a índole, os costumes e as condições de vida dos seus habitantes. Tanto, quanto possível, vejo, observo e documento-me directamente. Só me baseio em informações quando me faltam outros elementos.

Houve dificuldades na realização da sua tarefa, tendo sido alvo de incompreensão geral, mas também com alguns aspectos positivos por parte de algumas pessoas:

-Tenho encontrado de tudo: pessoas gentilíssimas, compreensivas e hospitaleiras, dentro das quais cito os engenheiros e demais pessoal dos serviços florestais, a quem fiquei devendo indicações e facilidades valiosíssimas; também conheci pessoas retraídas, para não dizer desconfiadas... Não é para estranhar. Uma mulher sozinha, numa povoação onde raramente, ou mesmo nunca, aparece criatura estranha, é caso para fazer confusão àquela gente. Mas acabámos sempre bons amigos. Uma das manifestações de simpatia, que mais me enterneceu, foi a de uma velhinha, muito embrulhada no seu “aventil das cestas”, que, ao despedir-se de mim, na manhã em que regresssei do Soajo, me beijou, pedindo-me que voltasse, “para conversarmos mais um bocadinho...”

Em relação à principal dificuldade para a realização do seu plano, Maria Lamas, que afirmou ter posto neste trabalho “o maior escrúpulo profissional e um fraternal Amor”, esclarece:

-Uma das maiores dificuldades, que tenho tido, é o problema das fotografias, que devem ser verdadeiras, expressivas, com valor documental, e inéditas — porque se trata de uma obra profusamente ilustrada. Além de centenas de fotografias, inclui também a reprodução fora do texto, de quadros e desenhos das nossas artistas, inspiradas no trabalho e na vida da mulher portuguesa.

Manuel Luís Coelho Lopes<sup>601</sup>, Director Secretário da Casa do Alentejo, sita na rua Eugénio dos Santos, 58, em Lisboa, e que foi louvada pelo Ministério da Educação Nacional, na portaria de 29-7-1939, e também condecorada com o Grau de Oficial de Ordem de Benemerência, por decreto de 13-2-1941, agradece a Maria Lamas a oferta dos fascículos de «As Mulheres do meu País»:

A Casa do Alentejo recebeu há tempo, por amável oferta de V. Ex.<sup>a</sup>, os três primeiros fascículos da obra *As Mulheres do Meu País* da talentosa autoria de V. Excelência. Com os agradecimentos por tão apreciável gentileza, cumpre-me informar que em reunião desta Direcção, foi resolvido significar a V. Excelência o nosso melhor agrado pelas referências que sabemos terem sido feitas à Mulher Alentejana num dos últimos fascículos publicados, referências que, por merecidamente justas, calaram profundamente no nosso espírito. Este nosso agrado foi registado em acta e do facto a V. Excelência damos conhecimento, com a expressão da nossa admiração e respeito.

*As Mulheres do meu País* são uma obra que mereceria urgente análise e estudo comparativo com dados de hoje:

---

<sup>601</sup> Carta dactilografada de Manuel Luís Coelho Lopes a Maria Lamas, de 14 de Março de 1949. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.148.

A ela terão de se referir futuros inquéritos, nele se deverão inspirar novos estudos. Do quadro fixado em *As Mulheres do meu País* terá de partir qualquer investigação sociológica relativa à evolução da situação da mulher em Portugal e às determinantes socioeconómicas que explicam a participação feminina no êxodo migratório da década de 60 e o facto de, nas estatísticas, os «familiares» serem, em 1971, 41% e em 1972, 55% do total dos emigrantes.<sup>602</sup>

Em 1982, no programa televisivo<sup>603</sup>, Maria Lamas recorda como viviam as mulheres:

Fui ao encontro das minhas irmãs portuguesas. Procurei conhecer e sentir as suas vidas humildes ou desafogadas, as suas aspirações ou a sua falta de aspirações. Sintoma alarmante de ignorância, desinteresse e derrota. Eu não podia avaliar, então, como era vasto e profundo este problema, mas tinha a intuição da sua importância na harmonia da vida. Assim foi escrito este livro que é uma expressão de fraternal solidariedade com as mulheres do meu país.

Em relação ao sistema de trabalho utilizado afirmou:

Fui a um mapa de Portugal, dividi-o por regiões, comecei pelo Norte, partia, estava duas, três semanas, o que era preciso, andei de comboio, de camioneta, de carro de bois, de burro, a pé, e tive uns grandes auxiliares que foram os guardas florestais. Acompanhavam-me, ajudavam-me e eu recolhia, levava uma máquina fotográfica, recolhia eu mesma as fotografias ou tinha fotografias já feitas que me emprestavam. Mas fazia eu própria a maior parte das fotografias das mulheres do meu país. E eu recolhia os elementos e vinha a Lisboa. Descansava da viagem que era muito violenta, a escrever, deixava a prosa, entregava a prosa ao administrador e ele tratava da parte da tipografia. Passei assim, estava em Lisboa o tempo indispensável para poder escrever, coligar todos os apontamentos que eu trazia e partia imediatamente já com um itinerário marcado.

Percorreu o país de norte a sul, tendo ficado alojada nos locais mais diversos, por vezes ao relento, o que conta muito da sua resistência:

E assim foi de norte a sul. Visitei todos os distritos, todos os concelhos, não digo todas as aldeias, porque com certeza, algumas não fui lá, dormi muitas noites, ao pé da fogueira, embrulhada num cobertor, com os camponeses, tanto ficava num hotel como numa casa particular que sabia que eu estava lá e me oferecia hospitalidade, dormia e vivia com os próprios camponeses, com os próprios trabalhadores.

---

<sup>602</sup> Entrevista de Maria Lamas à revista *Vida Mundial*, em 10 de Julho de 1973, citada na revista *Mulher, Modas & Bordados*, n.º 3321, 8 de Outubro de 1975.

<sup>603</sup> Transcrição feita pela filha Bissú, a partir da cassete com o programa gravado. Textos do programa radiofónico emitido pela RTP 2, às 21 h do dia 10 de Janeiro de 1982. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 40, referência 2.92.

Os dois anos de trabalho constituíram uma fonte de conhecimento em relação ao modo de vida das mulheres, na sua maioria de baixas condições económicas e um enriquecimento para Maria Lamas:

Foram os dois anos mais ricos, interiormente, da minha vida. E as minhas forças pareciam que eram inesgotáveis, eu era muito nova, relativamente, tinha mais de 50 anos. Assisti a partos, a mortes, visitei casas que eram cabanas, dormi noites embrulhada num cobertor, na serra, ao pé da fogueira que fazia muito frio e não sei porquê elas confiavam em mim. Eu não lhes falava em nada senão da sua própria vida, mostrava-lhes alguma coisa, algumas fotografias que já tinha feito. Foram dois anos que me humanizaram profundamente, que me enriqueceram, fiquei sabendo o que era a vida da mulher sacrificada em Portugal.

#### 4.3. AS MULHERES DO MEU PAÍS VISTAS PELOS JORNALISTAS.

Refere Augusto Casimiro (1889-1967), a propósito da grandiosa obra *As Mulheres do meu País*:

Que belo e quanto generoso este Primeiro fascículo! Quero juntar, como num ramo de flores, para lh'os pôr no regaço, os elogios que ouvi a outros e nossos, ao aspecto, ao conteúdo, à altura da intenção, a esta coisa que se impõe logo quando lemos certas páginas, a comovida, clara sinceridade do escritor... E acrescentar ainda o gosto que nos deram as suas amigas e generosas palavras de dedicatória.<sup>604</sup>

Também Sousa Costa<sup>605</sup> observa a propósito da grandiosa obra:

Só lhe agradeço hoje a oferta da sua nova e grande obra – obra grande, no mais íntegro e no mais oportuno sentido da palavra. Só lhe agradeço hoje, quase nos fins de Junho, havendo-a recebido nos meados de Maio. No entanto, li-a, logo que a recebi – tal a ansiedade de me debruçar mais uma vez no seu espírito notável de observadora, da sua fulgurante dialéctica de comentadora e da sua prosa inconfundível, sempre cingida, flagrantemente, elegantemente, à limpa nítida da observação e ao traço ágil do comentário.

E tendo-a lido logo, só hoje lhe agradeço, imbuído da obrigação e da devoção pela vertigem cada vez maior da minha lufa-lufa.

Perdoa-me, não é verdade?

Na leitura do primeiro fascículo de «As mulheres do meu país» impressionou-me, acima de tudo, o que respeita à mulher de Castro Laboreiro – tão bem expresso, na sua trágica crueldade, naquele breve e eloquentíssimo episódio da mãe amorosa que deseja a morte da filha pequenina.

- Vai para o Céu...

Claro. Se não morrer, fica no Inferno, em que ela, mãe e todas as mães da sua legião e da sua igualha penam o dia-a-dia de toda a vida.

<sup>604</sup> Carta manuscrita de Augusto Casimiro a Maria Lamas, datada de 23 de Maio de 1948. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.55.

<sup>605</sup> Carta manuscrita de Sousa Costa a Maria Lamas, datada de Junho de 1948. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.84, transposta para a caixa 70.

Mas nem só é belo e edificante [como] os instantâneos magistrais da vida interior e exterior das mais pobres escravas, – como elas próprias se designam. A evocação da paisagem local, a moldura [que] as faz mirar o seu terrível drama, assume por vezes um poder de sugestão que as coloca na vanguarda dos nossos mestres de ar livre [...] assina o velho amigo Sousa Costa.

Também é importante e clara a opinião de Guedes de Amorim<sup>606</sup> (1901-1979), a propósito de *As Mulheres do meu País*:

Venho agradecer-lhe a amável oferta do primeiro fascículo de «As mulheres da minha terra», e venho felicitá-la, também, por essa obra que, tudo indica, será, quando concluída, monumental em muitos aspectos.

Confesso-lhe, minha senhora e minha inconfundível camarada, e sem a menor ponta de lisonja ou exagero, que, neste primeiro fascículo, tudo me surpreendeu agradavelmente. Logo o prefácio, esse pequeno grande pórtico em que a senhora D. Maria Lamas explica os motivos intelectuais e humanos que a levaram a dar realidade a tão grande e premente projecto, a par de uma firme e fraternal solidariedade, confirma, igualmente, muito brilho, muita coragem, muito amor à verdade. E, as primeiras páginas de “As mulheres do meu país” dedicadas às rústicas escravas do Alto Minho? Também confirmam que a alta e verdadeira escritora que é a senhora D. Maria Lamas, se encontra sempre ao lado de todos os esforçados e esquecidos caminheiros do mundo, e, desta feita, até com desassombro, repleto de sacrifícios, que deve tocar fundo na alma de todos quantos se têm ou se julgam conscientes e responsáveis... Aceite, por isso, os meus repetidos e calorosos parabéns.

A sua obra apresenta-se, na verdade, cheia de coragem intelectual, moral e compreensiva, no mais lato sentido deste último termo. Gostei muito, gostei sinceramente. Os árduos esforços e os legítimos direitos das mulheres portuguesas são, há muitos séculos, desconhecidos de quem os devia conhecer e desprezados de quem os devia apreciar... Poucos sabem, ao que parece, que a Pátria lhes deve, em grande parte, a raiz e o ardor de muitas das mais triunfantes canseiras, assim como lhes deve, além do mais, uma valiosa colaboração com todos os vencedores e vencidos, anónimos ou conhecidos, na trajectória dos tempos. Revelar, pois, a sua situação presente e infeliz, em todas as facetas humanas e reais? É, a um tempo, homenagear as mulheres de sempre e contribuir para que as de hoje e do futuro sejam consideradas como indivíduos com obrigações e direitos...

Queria dizer-lhe ainda mais alguma coisa nobre a sua obra, que vai ficar na literatura como trabalho de arte directa e reabilitadora, mas isso ficará para um artigo que tenciono publicar, se me for possível, num jornal onde se possa falar à vontade de “As Mulheres da Minha Terra!...”

Em Agosto, Guedes de Amorim<sup>607</sup> reforça de novo o seu apoio e fascínio a Maria Lamas, pelo trabalho grandioso que faz em relação às mulheres de Portugal:

Minha Excelentíssima Amiga e Colega:

Mando-lhe desta minha aldeia<sup>608</sup>, quase ignorada, nas faldas do Marão, para onde vim à procura de sossego e descanso, durante curtas férias, os meus respeitosos e amigos cumprimentos. E, ao mesmo tempo, quero agradecer-lhe, também, a oferta do 2º fascículo de «As Mulheres do Meu País». Recebi-o pouco antes de para aqui partir, e, por isso, apenas tive ocasião de folheá-lo. Mas notei, e com muita alegria, que a apresentação é, como a do primeiro, muito cuidada e artística; e que o conteúdo – leitura, arrancado directamente à vida, oferece grandes revelações sobre a

<sup>606</sup> Carta manuscrita de Guedes de Amorim a Maria Lamas, datada de 17 de Junho de 1948. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.98, transposta para a caixa 70.

<sup>607</sup> Carta manuscrita de Guedes de Amorim a Maria Lamas, datada de 9 de Agosto de 1948, na Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.98, transposta para a caixa 70.

<sup>608</sup> Guedes de Amorim escreve a carta em Sedielos.

ignorada tragédia económico-social da mulher rústica portuguesa. Conto fazer a sua respectiva, repousada e gostosa leitura quando regressar dentro de breves dias. Então, melhor documentado, terei o prazer de traçar sobre essa sua já notável obra o artigo de justíssimo louvor que ela francamente merece. E, creia, que a isso me levará, não somente a incondicional admiração que desde sempre tenho tributado à inconfundível personalidade literária da Senhora D. Maria Lamas, mas também à compreensão e à solidariedade com o desassombrado espírito humano desse seu grandioso trabalho. Que eu, sinto-me até devedor, em inteligência, sangue e alma, perante os objectivos de obra tão valiosa, como poderei justificar: - Os campos deste lugarejo são também trabalhados por sacrificadas e despersonalizadas mulheres, minhas próximas ou remotas parentas, vítimas do meio e de tudo, e irmãs, por conseguinte de «As Mulheres do Meu País», que, com lágrimas silenciosas, reclamaram compreensão, direitos e justiça! Espero apresentar-lhe os meus respeitos logo que chegue a Lisboa, e, entretanto, peço-lhe que aceite a alta e devotada estima do Ador. e Cda. M<sup>re</sup> Amigo Guedes Amorim

## 5. A MULHER NO MUNDO

Para Michelle Perrot, “escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que estavam mergulhadas.”<sup>609</sup>

*A Mulher – Bibliografia Portuguesa Anotada (1518-1998)*<sup>610</sup> considerada como obra de referência nos Estudos sobre as Mulheres, tem três verbetes alusivos a Maria Lamas. Um deles é referente ao livro *A Mulher no Mundo*, o qual considera ser um “trabalho importante para a investigação da História da Mulher, já que é um estudo cheio de referências e pistas sobre a situação da mulher em diferentes épocas, civilizações e países”.

Porque escreveu Maria Lamas o grandioso livro *A Mulher no Mundo*, em que percorre todas as épocas da história da humanidade até à primeira metade do século XX? Observemos o que ela própria nos diz sobre isso, na introdução que apresenta no primeiro volume:

A ideia de escrever *A Mulher no Mundo* viveu em mim, durante muitos anos, mais como uma intenção que como um projecto realizável. No entanto, ela ia-se definindo no meu cérebro e na minha consciência tão concretamente que, ao chegar o momento de estudar o seu plano, eu tinha a noção bem nítida da responsabilidade que assumia perante a importância e vastidão do assunto a tratar. Depois, à medida que avançava no meu trabalho, o próprio valor moral de tão grande e séria tarefa erguia-se no meu espírito de forma empolgante, esmagadora. Era como se todas as mulheres que existiram, desde o aparecimento da espécie humana, estivessem presentes, em austera expectativa... E pensava igualmente nas mulheres de hoje, sobre as quais pesam ainda tantas injustiças, ignomínias e amarguras.

<sup>609</sup> Michelle Perrot, *Uma História das Mulheres*, Porto, Edições Asa, 2007, p. 13.

<sup>610</sup> Maria Regina Tavares da Silva, *A Mulher-Bibliografia Portuguesa Anotada (1518-1998)*, Lisboa, Edições Cosmos, 1999, p. 185.

Não que se trate duma crítica. Como se não trata também de romancear o destino da mulher, nem de lhe reduzir a expressão a definições científicas, comentários filosóficos ou conclusões rapidamente ordenadas. O meu intuito foi traçar uma síntese da História Humana em que a mulher apareça no primeiro plano, ao contrário da norma geralmente seguida, que a apresenta apenas eventualmente, como se ela não fosse mais que um pormenor do grande conjunto, onde o homem avulta na categoria de chefe natural e construtor de civilizações. Quer dizer: considerei a mulher a par do homem e com ele partilhando todos os transe da jornada dramática e épica da humanidade; analisei, até onde me foi possível, a sua situação em relação ao trabalho, à família, à vida social e a todos os aspectos do progresso, no decorrer dos séculos e dos ciclos históricos.

À luz deste critério surgem, inevitavelmente, definindo-se cada vez mais nítidas, as desigualdades criadas entre os dois no decorrer dos tempos, pelos costumes, leis e preconceitos que estruturam as sociedades. Tais desigualdades desdobram, por assim dizer, em duas, a História da Mulher: uma, a do género humano, de que ela é parte integrante; outra, a do seu sexo, em comparação com a do homem, no desenrolar dos acontecimentos gerais, no ambiente de cada época e até na moldagem da consciência universal. Esta verdade não está condicionada a qualquer ideia preconcebida: ressalta da simples narrativa dos factos.

A vastíssima bibliografia que consultei para escrever *A Mulher no Mundo* colocou-me, por vezes, perante opiniões e interpretações contraditórias, de diversos autores, quanto ao papel da mulher na História e na Vida. Ponderando as razões de cada um e os argumentos em que elas se fundam, comparando-as entre si e confrontando-as com a evidência das situações reais, procurei manter-me nos limites da isenção e da serenidade, sem anular, contudo, a vibração humana.

Não dou à mulher, sistematicamente, categoria de vítima ou de heroína: limito-me a apresentá-la tal como ela tem vivido. Se me refiro em especial a algumas figuras femininas que se notabilizaram pela sua beleza, pelo seu talento, pelos seus amores, coragem, virtudes, crimes ou vida amorosa, é porque essas figuras concretizam o apogeu do prestígio da mulher, ou da sua decadência e miséria, em determinados períodos, sendo assim pontos de referência indispensáveis para se acompanhar a sua evolução. Só por isso as destaco da multidão anónima, que é onde se encontra o nível comum do desenvolvimento da mulher e as condições gerais da sua vida.

*A Mulher no Mundo* é a História da Mulher e não de algumas mulheres. Por isso, pensando em todas, nunca perdi de vista essas condições gerais nem a mulher obscura e heróica que tem sido, afinal, a grande sacrificada, no lento, complexo e penoso avanço humano, através de milénios e milénios.<sup>611</sup>

Num folheto publicitário ao livro *A Mulher no Mundo* encontramos a seguinte introdução:

Vários e valiosos são os estudos publicados sobre a vida da mulher nos grandes e pequenos países, mas um trabalho conjunto, uma verdadeira história da mulher através de todos os tempos e de todas as civilizações, estava por fazer. Maria Lamas, a consagrada autora de *As Mulheres do Meu País*, obra única no género na literatura portuguesa, depois de mais de vinte anos de aturado estudo na recolha de elementos, na sua minuciosa relação e na interpretação dos seus valores, acaba de escrever a sua melhor obra: *A Mulher no Mundo*.

Pela audácia e largueza de concepção, altos objectivos, profunda sinceridade e larga compreensão dos grandes e complexos problemas da mulher de ontem e de hoje, este novo livro de Maria Lamas, além de notável, é sensacional por ser a primeira história que se publica sobre a mulher no mundo. A escolha do assunto, de tão palpitante interesse, e a maneira como foi tratado, depois de exaustiva investigação, tornaram esta obra, escrita no estilo elegante e sóbrio que caracteriza a escritora e jornalista de renome, um documentário sem igual não só nas letras portuguesas como na literatura universal.

<sup>611</sup> Maria Lamas, *A Mulher no Mundo*, I volume, Rio de Janeiro-Lisboa, Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1952. s. p.

Mas, melhor do que quaisquer palavras de louvor à talentosa escritora e à sua nova obra, o esquema do plano de *A Mulher no Mundo*, que a seguir publicamos, revela a grandeza deste trabalho que vai ocupar na literatura de língua portuguesa um lugar de excepção.<sup>612</sup>

Maria Lamas propõe-se traçar uma síntese da história humana em que a mulher apareça no primeiro plano, ao contrário da norma geralmente seguida, que a apresenta, eventualmente, como se ela não fosse mais do que um pormenor do grande conjunto, onde o homem avulta na categoria de chefe e construtor de civilizações. A autora elucida-nos ainda que neste seu livro considera a mulher a par do homem e com ele partilhando de todos os transes da jornada dramática e épica da humanidade e que analisará a sua situação em relação ao trabalho, à família, à vida social e a todos os aspectos do progresso, no decorrer dos séculos e dos ciclos históricos.

Não resistimos à transcrição do plano que se encontra no folheto publicitário<sup>613</sup>, porque é a maneira melhor de se compreender a extensão do trabalho que Maria Lamas levou a cabo durante, pelo menos duas décadas:

#### **Primeira parte**

##### *A mulher nos tempos primitivos*

Capítulo I – Noções gerais sobre a vida humana na pré-história

Capítulo II – A divisão do trabalho entre os dois sexos

Capítulo III – Constituição de grupos familiares

Capítulo IV – Situação da mulher e dos filhos na família primitiva

Capítulo V – Influência da noção de propriedade no destino da mulher

Capítulo VI – Matriarcado

Capítulo VII – Patriarcado

##### *A mulher nos povos da antiguidade*

Capítulo I – A mulher no povo hebreu

Capítulo II – A mulher no Egipto

Capítulo III – A mulher nos povos da Ásia menor e do Mediterrâneo oriental

Capítulo IV – A mulher na Índia

Capítulo V – A mulher na China

Capítulo VI – A mulher na Grécia

Capítulo VII – A mulher em Roma

---

<sup>612</sup> Documento publicitário sobre *A Mulher no Mundo*. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 21, referência 2.21.

<sup>613</sup> O plano sofreria alterações aquando da publicação dos fascículos.



Capítulo VIII – A mulher nos povos que só foram conhecidos depois dos grandes descobrimentos

Capítulo IX – As religiões da Antiguidade e a mulher

### **Segunda parte**

#### *A mulher na Idade Média*

Capítulo I – A mulher nos povos bárbaros

Capítulo II – A mulher no cristianismo primitivo

Capítulo III – A mulher árabe

Capítulo IV – A mulher no feudalismo e na cavalaria

Capítulo V – Influência do catolicismo na evolução da mulher durante a Idade Média

Capítulo VI – A vida conventual

Capítulo VII – Corporações de trabalhadoras

Capítulo VIII – A mulher perante a transformação das condições políticas, sociais e económicas

Capítulos IX – Abrem-se novos horizontes para a mulher

#### *Da Renascença à Revolução Francesa*

Capítulo I – O esplendor do Renascimento em Itália

Capítulo II – A renascença noutros países da Europa

Capítulo III – A reforma e a situação moral da mulher

Capítulo IV – As geniais desequilibradas

Capítulo V – A mulher nos séculos XVII e XVIII

Capítulo VI – Fidalgas, burguesas e trabalhadoras

Capítulo VII – Influência da França na educação feminina noutros países

Capítulo VIII – A situação da mulher no fim do século XVIII

### **Terceira parte**

#### *A Revolução Francesa e a transformação da mulher*

Capítulo I – Madame Roland, figura feminina máxima da revolução francesa. Mulheres célebres desse período

Capítulo II – O despontar do feminismo

Capítulo III – Influência do Romantismo na mulher

#### *A mulher no século XX*

Capítulo I – Movimento feminista

Capítulo II – A instituição doméstica e a vida profissional da mulher

Capítulo III – A situação social da mulher e as grandes raças históricas

Capítulo IV – O problema da prostituição na actualidade

Capítulo V – A mulher na Grande Guerra e na Guerra Mundial

Capítulo VI – A mulher, índice no progresso dos povos

Capítulo VII – O novo tipo de mulher

Capítulo VIII – A mulher e as grandes aspirações da humanidade

Capítulo IX – A mulher na ciência, na arte e na vida pública

Capítulo X – A companheira do homem

Capítulo XI – Os direitos e a responsabilidade da mãe

Capítulo XII – Panorama geral da vida da mulher de hoje, nos povos progressivos e nos povos que permanecem atrasados

Capítulo XIII – Conquistas realizadas e erros que persistem

Capítulo XIV – A mulher no futuro e a nova civilização.<sup>614</sup>

Em 1951, o *Jornal Magazine da Mulher*<sup>615</sup> informava que Augusto Casimiro iria publicar o seu futuro livro *A Mulher e a Civilização* onde se encontraria “a defesa e a ilustração do papel da mulher na sociedade.” No livro, Augusto Casimiro poria em destaque a acção feminina na história humana, mesmo quando aparentemente a sua sombra parecia desfazer-se numa penumbra onde só o vulto do homem se eleva. No entanto, o escritor não chegou a publicar o livro.

Eis alguns dos livros<sup>616</sup> consultados por Maria Lamas para a elaboração do livro *A Mulher no Mundo*:

*La Femme et le Sport* de Marie Thérèse Eyquem (1913-1978), Collection «Tous les Sports, Paris ; *L'Homme – Histoire Naturelle – Races et Coutumes* de Docteur R. Verneau (1852-1938), Librairie Larousse, Paris; *Processo Histórico* (1938)<sup>617</sup> ; *La Vie des Esquimame* par Jan Welzl (1852-1938); *O Destino da Espécie Humana* de H. G. Wells (1866-1946), Biblioteca do Espírito Moderno, S. Paulo ; *História da Humanidade* de H. Van Loon (? -?), Livraria Globo, Porto Alegre, 5ª edição, Colecção Tapete Mágico, volume II; *A História da Raça Humana* de Henry Thomas (1912-1993), Livraria Globo, Rio de Janeiro; *Historia Universal*, 6 volumes, de Macedo Mendes (? -?), Editora Cosmos, Lisboa; *História Universal*, H. G. Wells, Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 3 volumes; *O Livro de todos os Tempos* de Domingos Monteiro (1903-1980); *Les Premières Civilisations – Peuples et Civilisations* de J. Vandier (? -?) Presses Universitaires de France, Paris; *La Prodigieuse Histoire de l'Humanité* de André Ribard (1897-1963), Librairie Max Ph Delette, Paris; *História do Mundo* de H. G. Wells; *La Mujer en el Siglo XVIII* por Edmundo de Gongourt (1822-1896) e Júlio de

<sup>614</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 21, referência 2.21.

<sup>615</sup> *Jornal Magazine da Mulher*, nº 11, Maio de 1951, p. 24.

<sup>616</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 15, referência 2.1.

<sup>617</sup> Sem indicação de autor, mas que presumimos ser de Juan Clemente Zamora (? -?), segundo dados da Porbase.

Gongourt (1830-1870), versão castelhana de Alberto Ínsua (1885-1965); *Week-end à Zuydcoote*, Robert Merle (1908-2004), Gallimard.

A procura de bibliografia por parte da autora é extensa, tal como a própria afirma na introdução. No espólio de Maria Lamas, encontrámos mais indicações bibliográficas que mostram que a pesquisa teve de ser feita maioritariamente em livros estrangeiros, dado que em Portugal pouco havia publicado sobre as épocas que lhe interessavam e que focassem o papel da mulher.

Para se documentar sobre o período medieval<sup>618</sup>, Maria Lamas consulta, de Mary Beard (1876-1958) o livro *Woman as Force in History*. Consulta, também, *Women in English Economic History* de Frederick Windham Tickner (? -?) sobre o papel da mulher na história da economia inglesa. Sobre as mulheres trabalhadoras do século XVII, o livro *Working Life of Women in the Seventeenth Century*, de Alice Clark (1874-1934), publicado, em 1919, e *Women Workers and the Industrial Revolution (1750-1850)*, de Ivy Pinchbeck (1898-1982), publicado em 1930.

Sobre os feminismos, os livros de Léon Abensour<sup>619</sup> (1889- ?), *La Femme et le Féminisme avant la Révolution*, de 1923 ; de Marguerite Tibert (1886-1982) *Le Féminisme dans le Socialisme Français de 1830 a 1850*, Paris, 1926 ; de Katherine Anthony (1877-1965), *Feminism in Germany and Scandinavia*, New York, 1915. Em relação às mulheres islâmicas, de Syed Ameer Ali (1849-1928), *The Legal Position of Women in Islam*, London, 1912. Para a documentação da luta das mulheres, o volume *Woman's Coming Age*, volume editado por S. T. Schmalhausen (? -?) e V. F. Calverton<sup>620</sup> (1900-1940), em Nova York, em 1931, que tem inserido um estudo de Rajani Palme Dutt (1896-1974) intitulado «Women in the class struggle».

Uma agenda<sup>621</sup> pessoal de Maria Lamas, com a morada de Paris, referente ao ano 1959, contém a indicação de um livro de Margaret Mead (1901-1978) intitulado *Male and Female, a Study of the Sexes in a Changing World*, o que nos faz supor que a autora foi sempre coligindo informações sobre as mulheres e talvez pensasse na elaboração de um terceiro volume, onde abordasse também a história do homem.

<sup>618</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 22, referência 2.22.

<sup>619</sup> Léon Abensour já tinha publicado em 1921 *Histoire Générale du Féminisme à nos Jours*.

<sup>620</sup> Pseudónimo de George Goetz.

<sup>621</sup> Agenda pessoal de Maria Lamas, 1959. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 16, referência 2.2.

No espólio<sup>622</sup> de Maria Lamas encontrámos também vários apontamentos manuscritos de *A Mulher no Mundo*, sobre a Reforma, traduções do livro *Les Femmes dans l'Histoire* de Olga Wormser (1912-2003), no que se refere à mulher na Idade Média. Acrescentam-se apontamentos sobre a conquista do trabalho e a produção em massa e as atitudes femininas. Maria Lamas pesquisou também fotografias, por exemplo de Miss Bagdad, com o nº 6072/D e com a indicação de título «Abajo los velos» e a seguinte legenda: «uno de los países mas conservadores del cercano oriente, Iraq, la tierra de los rios Tigris y Eufrates entre los cuales segun la leyenda, estaba situado el Éden. Aun alli, poco a poco las mujeres abandonam el velo, como lo demuestra este retrato de Miss Baghdad, 1947. Hace algunos años un concurso de belleza habria causado una revolucion sangrienta en ese pais.

Há também uma fotografia de Mrs Roosevelt, com o título «Mrs Roosevelt joins soldiers in group singing» e a legenda: “Mrs Franklin D. Roosevelt, wife of the President of the United States, sits in group singing on the lawn of the White House in Washington during a garden party in honour of the anti-aircraft unit which has been guarding the presidential mansion since Pearl Harbour”. A fotografia apresenta um carimbo que informa “not for use in British Isles, L-NP-X” com a data de 7 de Julho de 1942.

Há outra fotografia com a data de 5 de Fevereiro de 1944 e o título «US WACS<sup>623</sup> arrive in Australia» e a legenda: “Members of the US women’s army corps newly arrived in Australia, are met by buses for the journey to their operational base” com o nº 27609-FA.

Maria Lamas fez, também, vários pedidos de livros para se documentar. Uma dessas personalidades, foi, precisamente, Mário Soares (1924- ), que lhe emprestou quatorze livros, a saber: *Histoire Générale des Peuples*, direcção de Maxime Petit (1858-1939); *Chronologie des Civilisations*, de Jean Delorme (1914- ?); *Dictionnaire Universel d'Histoire et de Géographie* de M. N. Bouillet (1798-1865); *Histoire de l'Orient Ancien* que contém *L'Égypte des Pharaons* de Jean Capart (1877-1947) e *L'Asie Occidentale Ancienne* do dr. G Contenau (1877-1964); *Histoire Générale, Histoire Ancienne, Histoire de l'Orient*, de Alexandre Moret (1868-1938), dois volumes; *Au Temps de Ramsès et d'Assurbanipal, Égypte et Assyrie Ancienne* de

<sup>622</sup> Documentos vários. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 17, referência 2.3.

<sup>623</sup> Abreviatura de Women’s Army Corps.

Gaston Maspero (1846-1916) ; *A Génese da Humanidade* de C. Arambourg (1885-1969) ; *Les Hittites* , colecção «L'Évolution de l'Humanité», de Louis Delaporte (1874-1944) ; *Da Animalidade à Humanidade* de Huertas Lobo (1914-1987) ; *O Antigo Império Egípcio* de Magalhães Godinho (1918- ?) ; *La Prodigieuse Histoire de l'Humanité* de André Ribard (1897-1953) ; *História Universal* de H. G. Wells (1866-1946) (1º tomo) ; *História das Religiões* de Pierre Daniel Chantepie de la Saussaye (1848-1920).<sup>624</sup>

Uma das preocupações de Maria Lamas consistia na preparação das legendas a incluir, como por exemplo, a legenda XVII «Uma família Huron enterra os seus». Sobre este assunto, escreveu<sup>625</sup> Maria Lamas:

O respeito pelos mortos era uma das características salientes desta tribo, que habitava a região sudeste de Georgian Bay, Ontário, Canadá. Quando um parente morria, era-lhe dada temporariamente sepultura num cadafalso perto da aldeia. De 12 em 12 anos havia uma grande festa em honra dos mortos na qual toda a nação Huron participava. Os corpos de todos os que tinham morrido durante esse período eram transportados pelas famílias, muitas vezes por muitas milhas, para uma sepultura comum forrada de peles e outras valiosas oferendas.

Mais bibliografia consultada por Maria Lamas, o que nos dá a dimensão do trabalho grandioso de investigação por ela efectuado: *El Pueblo Haitiano* de James G. Leyburn (1830 (?) – 1966), *El Matriarcado* de Pablo Lafargue (1842-1911) e *Das Mutterrecht* de Bachofen (1815-1887).

Há muitos apontamentos retirados de um autor, referido como Barbosa, a propósito da mulher Naire: o marido era um hóspede. Só frequentava a casa em dias determinados, não se sentava nunca ao lado da mulher e dos filhos. A mulher Naire tinha vários maridos: dez, doze ou mais. Barbosa diz: os Naires têm um respeito extraordinário pela mãe. Recebem dela bens e honras. Respeitam igualmente a irmã mais velha, que é quem sucede à mãe na direcção da família.

Frederico Engels completou os trabalhos de Morgan com os estudos económicos e históricos de Karl Marx, e pelos seus próprios. Só apoiando-se na ciência histórica poderemos formar um conceito claro da evolução da espécie humana. Em relação à família Naire, é referido Vasco da Gama, que, ao abordar as costas de Malabar, nos fins

---

<sup>624</sup> Documento manuscrito por Maria Lamas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, Caixa 22, referência 2.22.

<sup>625</sup> Documentos manuscritos de Maria Lamas alusivos à feitura do livro *A Mulher no Mundo*. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 17, referência 2.3.

do século XV, encontrou o povo em estado muito desenvolvido de civilização, a nível da marinha, da força e da organização do exército, com formosas cidades, o luxo dos seus habitantes e cultura que se reflectia nos seus costumes.<sup>626</sup>

Na sua intensa pesquisa bibliográfica, Maria Lamas recorre também a revistas, como é o caso da revista semanal *La Formation Historique de la Jeune Fille* (1914), onde se documenta sobre Anne Comnène (1083-1153).

Na conclusão do livro, Maria Lamas refere a “variação de legislação relativa à situação jurídica da mulher casada, tanto no que respeita à sua pessoa e bens, como ao poder maternal.” Razão pela qual não se incluiu esse aspecto nas notas sobre a condição feminina nos principais países, porque “as numerosas particularidades dos vários códigos tornam impossível” a sua inclusão “num trabalho da índole deste. O mesmo sucede com o Código Penal.”

Este grandioso livro, editado em dois volumes, *A Mulher no Mundo*, em 1952, tendo o primeiro volume 627 páginas e o segundo 650, foi inicialmente vendido em fascículos no valor de 20\$00 cada.

No final do segundo volume Maria Lamas faz uma abordagem da mulher em Portugal onde nos dá muitas informações pertinentes:

Por educação e influência do ambiente, a mulher portuguesa interessava-se mais pelas modas que vinham de Paris do que pelo movimento feminino francês e doutros países. Houve, no entanto, mulheres inteligentes e corajosas que, afrontando a incompreensão e até a hostilidade do meio, manifestaram o seu interesse pela conquista dos direitos do sexo feminino e procuraram despertar a consciência das outras mulheres para a importância dessa conquista. Tratava-se, porém, de atitudes pessoais e não dum movimento propriamente dito.

Em 1914, por iniciativa da Dr.<sup>a</sup> Adelaide Cabete, cuja vida foi um exemplo de energia e persistência, fundou-se o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, com o fim de estudar os problemas da mulher e da criança e defender os seus direitos, tendo em vista a dignificação do sexo feminino na família e na sociedade. O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, que foi encerrado em 1947, estava filiado, como os dos outros países, no Conselho Internacional das Mulheres, fundado em Washington, em 1888.

Até 1931 a legislação portuguesa não reconhecia direitos políticos à mulher. Mas em 1911, alegando que a lei concedia o eleitorado aos cidadãos, sem especificar o sexo, a Dr.<sup>a</sup> Carolina Ângelo, advogada, conseguiu ser inscrita nos cadernos eleitorais e votar nas eleições para deputados. Depois disso todas as leis mencionaram sempre, em matéria eleitoral, o sexo masculino. Em 1931 foi publicada uma lei eleitoral que concede certos direitos políticos ao sexo feminino: «as mulheres chefes de família, viúvas, divorciadas ou separadas judicialmente, tendo família a seu cargo, e as mulheres casadas cujo marido está ausente nas Colónias ou no

---

<sup>626</sup> Apontamentos de Maria Lamas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 17, referência 2.3. A escritora acrescentou que Camões cantou esta civilização, que residia em Malabar, e que nenhum Naire sabia quem era o seu pai.

estrangeiro, e que não vivam com parentes até ao 3º grau em linha directa ou colateral por consanguinidade ou aliança», podem ser membros das corporações administrativas inferiores – juntas de freguesia. Trata-se, portanto, do agregado familiar e não do indivíduo. Nas eleições administrativas ou legislativas superiores, pelo contrário, é o indivíduo e não a família que conta. Nessas eleições podiam ser eleitoras e elegíveis as mulheres que tivessem um diploma de estudos superiores ou secundários. Assim, uma mulher licenciada ou apenas com o curso dos Liceus, podia votar nas eleições legislativas, mas, embora fosse casada e mãe de família, não poderia votar nas eleições das corporações administrativas do seu bairro.

Segundo o artigo 5 da Constituição de 22 de Fevereiro de 1933, a República Portuguesa é baseada na «igualdade dos cidadãos perante a lei». O parágrafo único desse mesmo artigo esclarece ainda: «A igualdade perante a lei compreende o direito de acesso aos cargos públicos, conforme as capacidades e serviços individuais, e a negação de todo o privilégio de nascimento, nobreza, título nobiliárquico, sexo ou condição social, salvo para a mulher, as diferenças inerentes à sua própria natureza e ao bem-estar da família».

Nenhuma disposição diz especialmente respeito aos direitos políticos da mulher. Pelo que se refere ao voto e à elegibilidade, a Constituição prevê uma futura lei eleitoral. Efectivamente, uma lei eleitoral posterior concede o voto para a Assembleia Nacional e Câmara Corporativa às mulheres portuguesas maiores de 21 anos, solteiras, que vivam do seu próprio rendimento ou trabalho, às que sejam chefes de família – viúvas, divorciadas ou separadas judicialmente – e às casadas que tenham um diploma de estudos secundários ou paguem ao Estado uma determinada contribuição predial. Continua, portanto, excluída do direito de sufrágio, uma percentagem elevadíssima senão a maioria das mulheres portuguesas.

Não há qualquer disposição legal que regule o acesso das mulheres às funções públicas, às quais ela é admitida a título individual, visto não haver nenhuma lei que o proíba. A admissão da mulher nos empregos públicos desenvolveu-se extraordinariamente a partir da proclamação da República, em 1910. Até essa data só se encontravam mulheres nos Correios e no ensino primário. Em todo o caso, mesmo presentemente, as funcionárias dos ministérios não têm acesso aos altos cargos. Quanto às carreiras liberais estão abertas na quase totalidade ao sexo feminino. Pelo que respeita ao trabalho profissional da mulher casada, a lei também não o prevê.

O Código Civil apenas faz referência ao comércio que a mulher casada não pode exercer sem «autorização geral» do marido. Por outro lado, nenhuma medida assegura os direitos da mulher casada sobre o produto do seu trabalho, seja nas classes operárias, seja nas profissões intelectuais. Em virtude de decretos relativamente recentes, as enfermeiras dos Hospitais Cívicos de Lisboa e as funcionárias do Ministério dos Negócios Estrangeiros são automaticamente demitidas quando casam.

Por uma lei de 1910 a mulher advogada pode receber um mandato judiciário sem precisar da autorização marital. Outro decreto do mesmo ano autoriza as mulheres a publicarem livremente as suas obras. Esta lei foi confirmada pelo Regulamento da propriedade artística e literária, que abrange também a mulher artista.

É proibido o trabalho das mulheres nas indústrias perigosas, insalubres, e excessivamente pesadas, assim como no interior das minas. As mulheres têm, por lei, o direito de abandonar o trabalho seis semanas antes do parto e as empresas só podem admiti-las de novo quatro semanas depois. Os salários das mulheres são inferiores ao do homem mesmo em trabalho igual.

Em princípio, existe a igualdade civil entre os dois sexos. Na realidade, porém, a capacidade normal da mulher é profundamente alterada pelo casamento. No que toca aos bens, a mulher permanece submetida aos preceitos do Código Civil de 1866. Assim, a vida patrimonial dos cônjuges é regulada por estes dois princípios:

«A administração de todos os bens, incluindo os bens pessoais da mulher, pertence sempre ao marido» (artigo 1.189). Mesmo o contrato de casamento não pode, sob pena de nulidade, transgredir este princípio. É curioso observar que as disposições do século XVI, que regulavam estes assuntos antes da promulgação do Código Civil, permitia à mulher reservar para si a administração dos seus bens. Os poderes do marido dependem do regime matrimonial adoptado, mas a mulher fica sempre numa situação de dependência.

«A mulher não tem capacidade para contratar sem autorização do marido».

A mulher também não pode viajar fora do país sem expressa autorização marital para cada viagem que fizer.

A prostituição está regulamentada, mas a sua regulamentação não é feita por lei e sim por via administrativa. Cada distrito tem o seu regulamento particular. O proxenetismo só é punido pelo Código Penal quando exercido sobre menores. O tráfico de mulheres é regulado pelas convenções internacionais.

As mulheres portuguesas começaram a frequentar as Universidades em 1880. Durante muito tempo prevaleceu o preconceito contra o acesso das mulheres aos estudos superiores. No entanto, já nos fins do século XV uma mulher – Púbia Hortênsia de Castro – conseguiu fazer estudos universitários (diz-se que usou, para esse fim, o disfarce de trajos masculinos) e notabilizar-se pela sua cultura.

No século XVI, Auta Coelho, uma jovem de elevada situação social, pois era filha dum professor da Universidade e afilhada da rainha, junto da qual exercia as funções de secretária particular, licenciou-se em Direito. Foi a própria rainha quem patrocinou os seus estudos e conseguiu que ela fosse admitida na Universidade. Auta Coelho ocupou-se, até ao fim da vida, de problemas jurídicos ligados com a intensa acção beneficente da soberana.

Não há diferença entre os dois sexos quanto ao acesso à instrução. O ensino primário é obrigatório e gratuito; os liceus (ensino secundário), as escolas técnicas e normais assim como as Universidades e todos os estabelecimentos de ensino superior estão abertos, sem distinção, ao homem e à mulher. Os estudos preferidos pelas raparigas são o de Letras, Medicina e Farmácia, mas há alunas em todas as Faculdades e escolas superiores. O homem e a mulher podem ser, igualmente, professores universitários ou de ensino superior.

A primeira professora catedrática foi a Doutora Carolina Michaëlis de Vasconcelos, na Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra. Faleceu em 1925. Durante muitos anos nenhuma outra mulher professou nas Universidades, mas actualmente há algumas professoras catedráticas e numerosas assistentes nas diversas Faculdades e estabelecimentos de ensino superior.

A primeira médica portuguesa foi a Dr.<sup>a</sup> Amélia Cardia, que obteve o seu diploma na Escola Médica de Lisboa, em 1891.

A primeira advogada foi a Dr.<sup>a</sup> Regina de Quintanilha, que terminou os seus estudos na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, em 1913. Embora seja bastante elevado o número de mulheres que fazem a sua licenciatura em Direito, poucas exercem a advocacia, sendo, porém, frequente ocuparem o cargo de notário. Não são admitidas mulheres na Magistratura.

A percentagem de alunas no ensino secundário, técnico, normal e superior, assim como em Belas-Artes e Música, é cada vez mais elevada, mas a maioria das mulheres portuguesas, sempre que as circunstâncias económicas lho permitem, prefere a vida doméstica à profissional. Muitas desistem dos estudos para casar e, mesmo tendo feito cursos superiores, abandonam facilmente a carreira para que se haviam preparado, quando fazem um casamento que lhes proporciona vida desafogada.<sup>627</sup>

Só muito mais tarde, na última década do século XX, Georges Duby e Michelle Perrot apresentam ao público uma *História das Mulheres* em cinco volumes. O trabalho é incomparável, porquanto Maria Lamas realizou sozinha o seu projecto, estes historiadores coordenaram um trabalho de conjunto em que cada volume é coordenado por um ou dois responsáveis, o que perfaz uma equipa de sessenta e oito pessoas.

Na breve introdução, que se repete ao longo dos últimos quatro volumes, os historiadores referem que “as mulheres foram, durante muito tempo, deixadas na sombra da história”<sup>628</sup>, algo que Maria Lamas já tinha enunciado quatro décadas antes.

Os historiadores consideram que “o desenvolvimento da antropologia e a ênfase dada à família, a afirmação da história das «mentalidades», mais atenta ao quotidiano,

---

<sup>627</sup> Maria Lamas, *A Mulher no Mundo*, II volume, Rio de Janeiro-Lisboa, Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1952, s. p.

<sup>628</sup> Georges Duby e Michelle Perrot, «Escrever a história das mulheres», *História das Mulheres*, volume V, Porto, Edições Afrontamento, 1995, s. p.



ao privado e ao individual,<sup>629</sup> contribuíram para fazer sair as mulheres da sombra. Mas fica ainda a faltar “a história das mulheres no mundo oriental ou no continente africano”<sup>630</sup> afirmam Georges Duby e Michelle Perrot. Para os historiadores “pertencerá às mulheres homens dessas regiões escrevê-la um dia.”<sup>631</sup> Mas Maria Lamas já tinha abordado a mulher na China Antiga, as guerreiras africanas, a mulher nos povos etíopes e berberes, a mulher no império do oriente.

Esta obra de Maria Lamas volta a ser objecto de referência em vários jornais nacionais e regionais. É certo, que era prática comum a oferta de um exemplar aos jornais a fim de lhe ser feita uma crítica, ou um apontamento, mas mesmo assim, não deixa de ser impressionante o número de notícias alusivas às suas obras, sabendo-se que já tinha sido alvo de prisão, por motivos políticos.

Entre os jornais<sup>632</sup> que referenciam a obra, contam-se o *Diário de Coimbra* (7-3-52), *O Desforço* de Fafe (20-3-52), *A Tribuna* de Luanda (10-5-52), quando a autora está a preparar a obra, *Diário do Alentejo* (6-5-52), na rubrica «Crónica literária - Impressões dos últimos livros», assinada por Julião Quintinha, em crítica ao primeiro fascículo<sup>633</sup>. Também o jornal *Eco do Funchal* (17-5-52) e a (17-2-52) considerava o livro uma “obra sensacional”. O jornal *República* referia na primeira página o aparecimento da última obra de Maria Lamas a 3 de Maio de 1952.

Já o jornal *O Primeiro de Janeiro* (28-5-52) apontava que:

Agora já não será a reportagem vivida, sentida, através de intempéries e de meios de comunicação ainda primitivos, como o foi a anterior<sup>634</sup>. A tarefa, porém, não será menos árdua. É a reportagem do passado, ao longo da história, na densa floresta duma bibliografia interminável, obrigada a ler milhares de páginas, para seleccionar aqui uma frase, além um conceito, num volume apenas uma data, noutro só um nome.

Seguem-se mais notícias no *Diário de Lisboa* (9-7-52), no *Diário de Notícias* da Madeira (14-7-52), por ocasião do terceiro fascículo, no jornal *O Sesimbrense* (20-7-52)

<sup>629</sup> Id., ibid.

<sup>630</sup> Id., ibid.

<sup>631</sup> Id. ibid.

<sup>632</sup> Em recorte no Espólio E-28. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 58.

<sup>633</sup> O primeiro fascículo era composto por 64 páginas.

<sup>634</sup> O articulista referia-se à feitura da obra *As Mulheres do meu País*.

no *Diário de Notícias* (5-8-52), na *Voz do Sul*<sup>635</sup> de Silves (25-10-52), que observava o seguinte:

Trata-se de uma obra meritória que é uma admirável «síntese da História Humana em que a mulher aparece no primeiro plano, ao contrário da norma geralmente seguida, que a apresenta apenas eventualmente, como se ela não fosse mais que um pormenor do grande conjunto, onde o homem avulta na categoria de chefe natural e construtor de civilização».

Num verdadeiro hino à história da mulher, Augusto Casimiro<sup>636</sup> faz uma crítica excepcional ao livro *A Mulher no Mundo* de Maria Lamas:

Sobre as páginas deste livro, que é, verdadeiramente, uma obra, um acto, evoco a epopeia amorável e magnífica, ignorada ou combatida, tantas vezes, pelo homem, pelos Estados ou pelas religiões.

Evoco o esforço, o amor, a actividade amorável e silenciosa da mulher, através dos milénios. Vejo-o na origem, no centro de todas as criações que aumentaram a segurança, a Liberdade, a Beleza sobre a terra.

Os Estados foram obra dos homens. As religiões e as leis serviram, principalmente, os interesses dos homens. A mulher permaneceu na sombra, dominada ou escravizada, sempre materna. O seu sacrifício mede o surto e o ritmo de cada civilização.

Ela foi a Vestal e o Fogo Eterno.

Através dos milénios, no silêncio e na sombra, sem impor violência, sem criminalar o egoísmo do homem, sofrendo-o, ela foi, verdadeiramente, a Fonte da Vida... Contando a história do «Génese», segundo as tradições bantas, um negro que lembro sempre com simpatia, disse-me que Zambi-Ampungo fizera a mulher primeiro e do seu flanco tirara o homem, seu filho...

Na humildade ultrajada da sua escravidão, a mulher foi o clarão que iluminou a sombra das velhas cavernas e amansou as fúrias de Caliban... O primeiro cântico e a invenção de tudo o que enriqueceu a vida e venceu a ferocidade e o egoísmo que, ainda hoje, atavicamente – espectros longínquos e presentes – endurecem os regimes políticos e desmentem as promessas das religiões.

A mulher viu germinar a primeira semente, florir o pequeno caule, formar-se o primeiro fruto... Velava um berço, guardava o fogo, fixava o lar, dava um alicerce definitivo e amorável à vida. Enquanto o homem guerreava, fazia razias, caçava ou pescava – era a obreira silenciosa do futuro e abriu aos homens, deu-lhes o poder que os levaria a alargar o Mundo e a aumentar o património da vida.

Foi no regaço das mães que os homens aprenderam as palavras, os gestos, a coragem dos apóstolos e dos heróis generosos que aumentaram o património da vida.

A mulher é a vida, a expressão mais fiel ao misterioso e profundo sentido que está, como força invencível e harmoniosa, na origem das coisas – e leva, de vitória em vitória, na marcha ascensional que não finda e nada detém, definitivamente, o Mundo para cada vez mais altos e harmoniosos destinos.

Os séculos tornaram a alma da mulher mais rica e mais profunda.

A humildade do seu sacrifício, o silêncio a que a obrigavam, prolongou sem fim as raízes da sua divindade no seio do Cosmos, sublimou nela, em intuição e instinto, quando não em inteligência a essência do Universo.

Enquanto o homem passa, furacão devastando, ou pára, opondo-se às forças libertadoras imanentes à vida, tratando mais dos seus apetites que da sua alma – a mulher espera, é o silêncio cortado de cânticos raros, que anunciam auroras.

<sup>635</sup> Os fascículos eram enviados para vários jornais, tal como na saída das obras, daí talvez as várias referências à obra.

<sup>636</sup> *República*, n.º 8288, 18 Dezembro de 1953, p. 2.

Na prisão que lhe criaram, a mulher percorreu, por todos os horizontes da sua vida profunda, infinitos caminhos, trajectórias de estrelas.

O que nela nega a sua alma sempre materna, vem da sombra que nela projecta o egoísmo do homem. A sua inferioridade é, sobretudo a que lhe impõe o egoísmo e a vaidade do seu rude senhor.

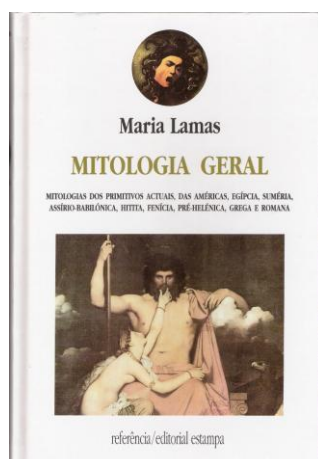
Podem cercar-lhe de estrelas a fronte e divinizá-la os poetas e os santos...mas ela continua prisioneira no velho cárcere. O seu resgate é obra dela, sua conquista...

Se a encontramos na primeira hora do progresso humano – avistámo-la sempre avivando as mesmas chamas nas lareiras, embalando um berço e – amante ou esposa – sobretudo, essencialmente, materna...

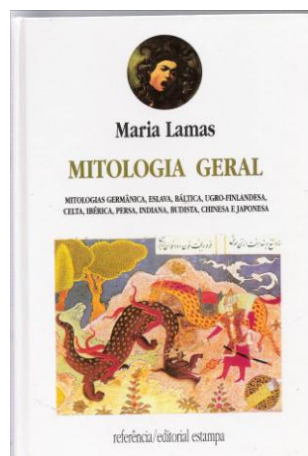
Esta obra que Maria Lamas vem publicando é a história da grande luta milenária e da grande ascensão. Pisando os pés à víbora, coroada de estrelas a sua figura excede os símbolos de qualquer religião. Nela o amor é fonte perene, a sua verdadeira pureza renova-se, e a sua virgindade, na medida que sofre e dá ao Mundo a vida.

Perante o Futuro, a transformação que suprimirá o mal e a injustiça na Terra, será, em parte, essencial obra da mulher e do seu amor. Pudessem compreendê-lo todas as mães. O homem seria melhor. E a vida mais bela.

## 6. INCURSÕES HISTÓRICO - MITOLÓGICAS



1.º volume, edição de 2000



2.º volume, edição de 2000

O primeiro volume de *Mitologia Geral*, *o Mundo dos Deuses e dos Heróis*, consultado, corresponde à quarta edição, editada pela Editorial Estampa, em 2000. Na introdução, Maria Lamas explica, detalhadamente, o que não pretende e o que pretende fazer com esta obra:

Ao realizar *O Mundo dos Deuses e dos Heróis* não pretendemos fazer obra de erudição, mas apenas um resumo das mitologias de todas as épocas, que poderá ser tomado como simples introdução ao conhecimento da Mitologia Geral.

Haverá talvez quem ache pueril ou supérfluo este empreendimento, por considerar a mitologia um assunto ultrapassado e sem interesse para o homem de hoje.

Enganam-se os que assim pensam. Por muito ingénuas que possam parecer as primitivas interpretações da vida, da morte e das forças da natureza, não devemos esquecer que o mito é uma das primeiras manifestações da inteligência e inquietação humanas. Pode dizer-se que os

mitos se apresentam, no seu conjunto, como uma espécie de campo experimental de todos os valores humanos. A sua influência no desenvolvimento da moral, da religião, da vida familiar e política das sociedades foi preponderante, assim como a mitologia está na origem da Poesia e da Arte.

Das cavernas paleolíticas aos tempos modernos, os mitos têm sido os inspiradores de maravilhas artísticas e dos mais belos poemas, tragédias e lendas. E todas as fases, desde os feitiços e tótemes pré-históricos, até à inextricável exuberância das mitologias orientais e à grandiosidade do panteão olímpico, com os seus deuses já fortemente humanos, a mitologia vai assinalando o caminho percorrido pelos homens, as suas lutas e conquistas no campo espiritual e social, as suas tradições, índole e costumes, desde os mais recuados tempos ao alvorecer da civilização cristã.

Todos os agrupamentos humanos viveram um momento inculto e bárbaro sob o predomínio do mito. Os antepassados dos Egípcios, Hindus, Gregos, Romanos, Persas, Chineses, Escandinavos, Gauleses, Germanos ou Eslavos, tal como os povos da África, da Ásia, da Oceânia ou das Américas que se conservam ainda hoje num estado considerado primitivo, tiveram ou têm a sua mitologia. Todos deram, inicialmente, aos fenómenos naturais, explicações idênticas, embora varie a sua expressão simbólica e tenha sido diversa a sua evolução.

Sem conhecer e compreender as ideias e imagens em que se inscreveu a consciência moderna ou a do passado, não se pode compreender o nosso próprio tempo. Ritos, cerimónias, tradições e usos, mesmo completamente laicizados no presente, são muitas vezes heranças de crenças e religiões persistentes ou há muito extintas, de que estão ainda hoje impregnadas as filosofias, as literaturas e as artes de todas as épocas e de todos os países, próximos ou longínquos do nosso.

Embora a mitologia marque o despertar da religiosidade humana e esteja essencialmente ligada à evolução do sentimento religioso, ocupando um lugar importantíssimo na história das religiões, não é nosso intuito estabelecer qualquer confronto entre religião e mitologia propriamente dita. Ocupar-nos-emos exclusivamente da segunda.

Julgamos ser esta a primeira vez que, em Portugal, se publica uma obra incluindo as mitologias dos diversos povos, desde os tempos pré-históricos. Parece-nos por isso indispensável dar previamente ao leitor elementos que lhe permitam entrar sem dificuldade no mundo dos mitos e abranger os seus principais aspectos: as origens da mitologia, seu sentido e evolução, a comparação dos diferentes mitos e o simbolismo universal dos seus heróis lendários.

Sabemos que este trabalho está longe de ser completo. Assunto tão vasto e profundo não cabe nos limites de uma obra de divulgação, no tom corrente de uma narrativa que nos esforçámos por tornar de leitura fácil e agradável. Procurámos, contudo, focar todos os pontos essenciais para que o panorama traçado possa dar uma ideia da sua amplitude, sugerindo o desejo de um maior conhecimento ou até de um estudo metódico e investigador. Para o conseguir contamos também com as numerosas reproduções de obras de arte célebres e fotografias documentais que ilustram o texto, valorizando-o e dando-lhe maior interesse.

Os dois volumes, da primeira edição estão incluídos na colecção, «Imprensa Universitária» e têm respectivamente os números 85 e 86.

Maria Lamas aparece assim numa colecção ao lado de nomes como: Pedro Ramos de Almeida, Georges Duby, Jacques Le Goff, A. H. Oliveira Marques, José Mattoso, Fernando Rosas.

Maria Lamas escreve o livro *Mitologia Geral, O Mundo dos Deuses e dos Heróis*, em dois volumes, cuja primeira edição é da Editorial Estampa, Lda., em 1959, surgindo uma segunda edição em 1972, a terceira em 1991 e a quarta em 2000. O segundo volume<sup>637</sup> além do índice normal tem um índice das ilustrações e um índice

<sup>637</sup> Neste segundo volume não há uma única indicação de obras consultadas.

alfabético. A ilustração da capa do segundo volume, na edição de 1991 é a reprodução de *O Nascimento de Vénus* de S. Botticelli, que está na Galeria dos Uffizi, em Florença.

No primeiro volume, Maria Lamas começa por apresentar uma definição de mitologia:

A mitologia é o conjunto dos mitos de todas as idades e de todas as origens. A mitologia primitiva tem uma obscuridade de forma que os grandes mitos clássicos não apresentam. O mito que envolve o mundo primitivo pode comparar-se a uma névoa que dá a tudo uma forma esbatida e confusa. Entre a ingenuidade, a expressão vaga, quase informe do primeiro mito e o simbolismo profundo, a perfeição de obra de arte do mito, de Prometeu, há uma distância incomensurável. Mas, fundamentalmente, a mitologia primitiva traduz, como a clássica, experiências humanas paralelas.<sup>638</sup>

A reflexão de Maria Lamas, relativamente à mitologia, permite-lhe obter a seguinte conclusão:

As generalidades mitológicas focadas, embora muito resumidamente, levam à conclusão de que mitos, magia e ritos estão de tal forma ligados entre si, sejam quais forem as particularidades e evoluções que apresentem, de época para época e de povo para povo, que formam um encadeamento sem descontinuidade, iniciado pelos homens dos mais longínquos tempos pré-históricos e continuado pelos primitivos actuais.<sup>639</sup>

O primeiro volume é composto por onze capítulos, onde são apresentados os primeiros mitos, a mitologia dos primitivos actuais, a mitologia das Américas, a mitologia egípcia, a mitologia suméria, a mitologia assírio-babilónia, a mitologia hitita, a mitologia fenícia, a mitologia pré-helénica, a mitologia grega e a mitologia romana.

O segundo volume, iniciado no capítulo XII finaliza no capítulo XXII. O Capítulo XII intitula-se «Mitologia Germânica» e aborda o período pré-histórico, e aí a Idade da Pedra, a Idade do Bronze e os primeiros séculos da Idade do Ferro. Depois observa a Germânia antiga, o princípio do mundo, dos deuses e dos heróis, passa para o panteão germânico, onde são abordados o roubo do hidromel, a suposta derrota de Thor, os deuses secundários, as deusas, gigantes, elfos e anões, o crepúsculo dos deuses, templos e culto, sacerdotes e sacerdotisas terminando com o fim do paganismo germânico.

O capítulo XIII dedica-se à mitologia eslava, abordando os seguintes subtítulos: naturalismo, montanhas, pedras, atmosfera e astros, árvores, animais, dualismo

---

<sup>638</sup> Maria Lamas, *Mitologia Geral*, Lisboa, Editorial Estampa, 2000, p. 15.

<sup>639</sup> Idem, p. 37.

primitivo, deuses russos (Perun, Volos e Mokos), divindades rústicas, espíritos domésticos, espíritos das florestas, dos campos e das águas, deuses da alegria, deuses da cidade e da guerra. Os capítulos seguintes abordam, respectivamente a mitologia Báltica, Ugro-finlandesa, Celta, Ibérica, Persa, Indiana, Budista, Chinesa e Japonesa.

Esta obra de Maria Lamas, apesar de a considerarmos de extrema importância no aspecto cultural, teve poucas referências nos jornais. Destaque para o jornal *O Século*<sup>640</sup> a 23 de Novembro de 1959, que dá a notícia do lançamento do livro de Maria Lamas *O Mundo dos Deuses e dos Heróis – Mitologia Geral*, com a saída do 1.º fascículo.

Maria Lamas teve uma preocupação e um labor imenso na preparação deste livro que versava a vida dos heróis. São imensas folhas dactilografadas<sup>641</sup> e com sublinhados com indicações para a gráfica. Com alterações e correcções de frases. Indicações de subtítulo, espaços para colocar imagens. As páginas estão numeradas com acréscimos de informação. Também estão as provas com as devidas indicações para correcção. Indicação dos deuses por países e os mitos de cada país. Por exemplo: Honduras – adoravam o sol e a lua. Muitos mitos com analogia com o México.<sup>642</sup> Diversas folhas manuscritas com informações sobre os deuses russos, que são referidos no capítulo XIII do segundo volume.

Para a realização desta obra, a autora consultou imensa bibliografia como sugerem os apontamentos retirados da *História das Religiões* com a lista dos deuses e os seus significados. Maria Lamas consultou ainda *Myths of Greece and Rome* de Ernest Benn (1875-1954), sobre a história dos deuses da Grécia, da Irlanda e da Finlândia, tendo consultado também bibliografia em castelhano, como por exemplo *Los Incas*<sup>643</sup> de Arturo Capdevila (1889-1967). Mas é em língua inglesa que existe mais bibliografia sobre a mitologia, *History of the Ancient World*, vol. I; *The Babylonian Story of the Deluge and the Epic Gilgamesh* e de Lewis Spence, *The Gods of Mexico*. Efectuou consultas sobre os esquimós da América, sobre a História das Religiões, sobre os celtas, sobre a Alemanha.

<sup>640</sup> *O Século*, 23 de Novembro 1959, em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 29, referência 2.52.

<sup>641</sup> Apontamentos dactilografados e manuscritos referentes à feitura do livro *Mitologia Geral*. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 33, referência 2.67.

<sup>642</sup> Com a indicação da página 398 que corresponde à primeira edição.

<sup>643</sup> Edição de 1937, da editorial Labor, de Barcelona.

A autora recorreu, também, aos amigos para a elaboração desta obra. Valdemar Abreu, da editora Estampa<sup>644</sup>, escreve-lhe<sup>645</sup> para lhe enviar os “nove extra-textos e o original”, informando que já fez algumas emendas a lápis e pede-lhe para ela fazer uma referência à cruz gamada de Thor, pois as pessoas desconhecem a sua origem.

Para as legendas alusivas aos nove extra-textos, Maria Lamas tem a indicação de várias imagens, com a indicação dos museus, onde elas se encontram: Museu Arqueológico (Madrid); Museu do Louvre (Paris); Museu Ermitage (Leninegrado); Museu Guimet (Paris), entre outros. Referências, também, aos museus de Orleães, de Copenhaga, de Guimarães.

O Padre Manuel Antunes é outro dos amigos a quem Maria Lamas recorre e a quem agradece a indicação de bibliografia para o livro *O Mundo dos Deuses e dos Heróis*, aproveitando por lhe confessar que “continuo a sentir-me prisioneira de mim mesma, desta engrenagem em que a própria sociedade nos vai forçando a atraídoar a vida.”<sup>646</sup>

Guedes de Amorim<sup>647</sup> é um dos primeiros amigos a manifestar a sua opinião perante a portentosa obra que é o *Mundo dos Deuses e dos Heróis*:

Acabo de ver, nos jornais, referências ao seu novo trabalho “O Mundo dos Deuses e dos Heróis”. Ora, há dias tive a grande alegria de encontrá-la, no Capitólio, bem longe estava eu de que esse seu incomparável talento, que, honestamente, dignamente, desassombradamente, lhe granjeou, e há muito, o primeiro lugar entre as mulheres de letras contemporâneas, portuguesas, mais uma notável obra estava para publicar. Felicito-a, pois, com inteira sinceridade. Bem sabe quanto a admiro, e, seja onde for, nunca me cansarei de exaltar a sua grande inteligência e o seu grande coração, de que tantos e tão profundos testemunhos públicos e particulares conheço, admiro e que, pessoalmente, lembro com reconhecimento.

*O Jornal do Comércio* em artigo não assinado, referia, no dia 4 de Novembro de 1959, em artigo não assinado, relativamente ao livro dos Deuses e dos heróis, que:

O mundo dos deuses preocupou sempre os homens que muitas vezes criaram aqueles à sua imagem e semelhança, com algumas das suas virtudes e muitos dos seus defeitos. As questões mitológicas foram sempre de leitura certa e interessada dos homens e mulheres de todas as

---

<sup>644</sup> A carta é escrita numa folha com o timbre da editora Estampa.

<sup>645</sup> Carta manuscrita de Valdemar Abreu a Maria Lamas, datada de 8 de Outubro de 1960. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 33, referência 2.67.

<sup>646</sup> Carta dactilografada de Maria Lamas ao Padre Manuel Antunes, não datada. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 54, referência 2.121.

<sup>647</sup> Carta manuscrita de Guedes de Amorim, com o timbre de *O Século Ilustrado* a Maria Lamas, datada de 30 de Outubro de 1959, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio 28, caixa 5, referência 1.98, transposta para a caixa 70.

idades. É que muitas vezes os homens se vêem, como em verdadeiro espelho, nos feitos dos heróis mitológicos de todos os povos.

Todos os originais e provas revistas encontram-se na caixa 34 do Espólio E-28.

## 7. TRADUÇÕES

Maria Lamas traduz um dos volumes de *As Grandes Correntes da História* de Jacques Pirenne (1891-?), não sem antes ter pedido a permissão a Adolfo Casais Monteiro (1908-1972)<sup>648</sup>, que lhe respondeu, muito satisfeito com a sua atitude:

Maria Lamas, minha ilustre camarada:

Fiquei profundamente sensibilizado com a sua atitude, recusando-se a tomar conta do último volume das «Grandes Correntes» sem a minha concordância. Agradeço-lhe do coração esse gesto, o qual, além do prazer que nos dá uma atitude nobre, me «vingou» de todas as velhacarias que suporrei do Oliveira, que sempre tratou a nossa classe da mesma forma que à sardinha em lata.

Pode pois aceitar tranquilamente a tradução, pois fui eu realmente que declarei impossível fazê-la dentro do prazo que ele «impunha». E, mesmo sem prazo, eu não tinha interesse nenhum em fazê-lo, porque (ao fim de 2 anos e meio de Brasil, acho que é merecido!), tenho trabalho melhor remunerado. Espero que o Oliveira tenha sido, e continue a ser, mais decente com a D. Maria Lamas do que foi comigo, e daí o prazer com que me vi livre de relações com esse... não ponhamos palavra nenhuma...

Deixe-me agradecer-lhe mais uma vez o seu nobre gesto, a sua camaradagem exemplar, bem de acordo com outros «gestos» seus que eu não esqueço, e que mostram o seu grande carácter. Assim todos os do «nosso lado» soubessem proceder e ...talvez aqueles «30 anos de cultura» já tivessem acabado!

Aproveito a oportunidade para lhe desejar saúde, trabalho (bem pago), e toda a felicidade que merece,

Seu camarada, e sempre admirador.

Na área da literatura infantil, Maria Lamas traduz, da Condessa de Ségur (1799-1874), o livro *João que Chora, João que Ri* (1939), no qual está presente a indicação “Versão portuguesa de Maria Lamas”. Integra-se na Colecção Azul, númer 4, da Editorial Progresso Lda., com a seguinte dedicatória da Condessa de Ségur:

À minha neta

Maria Tereza de Ségur

Minha querida, há muito que esperas o teu livro, porque em primeiro lugar estavam os teus irmãos, primos e primas, mais velhos do que tu.

---

<sup>648</sup> Carta manuscrita de Adolfo Casais Monteiro a Maria Lamas, datada de 17 de Abril Dezembro de 1957. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.26.



Finalmente, chegou a tua vez. Espero que João que ri te faça rir; não me parece que João que chora te faça chorar.  
Tua avó muito amiga  
Condessa de Ségur  
Rostopchine<sup>649</sup>

Este livro viria a ser reeditado em 1943 e teria uma terceira edição em 1951. Da mesma autora traduziu, em 1940, *A Pousada do Anjo da Guarda*, onde a Condessa de Ségur apresentava a seguinte dedicatória, aos netos Luiz e Gastão de Malabert:

Eu bem sei, meus amores, que sois dois irmãozinhos muito amigos e que, se qualquer de vós se encontrasse na situação de Tiago ou de Paulo, procederia exactamente como eles.  
Espero, porém, que Deus não permitirá que passem horas tão cruéis e que a leitura deste livro lhes não traga à memória tristes recordações.



Sem data de edição

De Frances Burnett (1849-1924), *A Pequena Princesa*, primeiro volume, também da colecção Azul, número cinco, com versão portuguesa de Maria Lamas, da Editorial Progresso, sem indicação de data. De L. Frank Baum<sup>650</sup> (1856-1919), *O Feiticeiro de Oz*, com desenhos de Hugo Manuel, segundo o filme da Metro Goldwyn Mayer, tradução de Maria Lamas, novamente da Editorial Progresso, de que foram editados 3100 exemplares, em 1940, com a seguinte introdução do próprio autor:

As crianças têm uma paixão, que pode dizer-se instintiva, pelas histórias maravilhosas e manifestamente irreais. As fadas de Grimm e Andersen sempre interessaram mais os cérebros e os corações infantis do que todas as criações humanas, por muito belas que sejam. Apesar disso, as histórias de fadas, que têm feito o encanto de todas as gerações, são actualmente classificadas de «fantasistas», por alguns organizadores de bibliotecas infantis.

Assim, apareceu ultimamente uma nova série de livros para crianças onde não há «génios», anões ou fadas, nem aquelas aventuras terríveis, por vezes sangrentas, de que eles eram heróis, para dar lugar, em cada história, a uma lição de moral. Mas a moral faz parte da educação infantil.

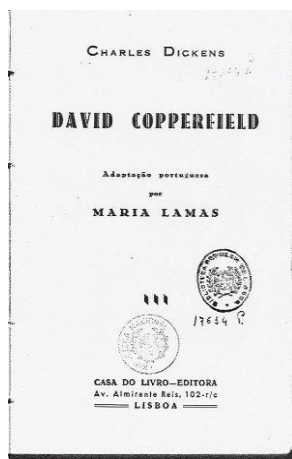
O que a criança moderna procura nas histórias que lê é uma distracção, dispensando de bom grado os incidentes desagradáveis que raramente faltavam na literatura infantil de outros tempos. *O Feiticeiro de Oz* foi escrito para agradar à criança de hoje. Pretende ser uma história moderna de fadas, na qual o encanto, a alegria e o imprevisto substituem os pesadelos e sustos de outras histórias maravilhosas.

<sup>649</sup> Sophie Feodorovna Rostopchine era o nome da Condessa de Ségur.

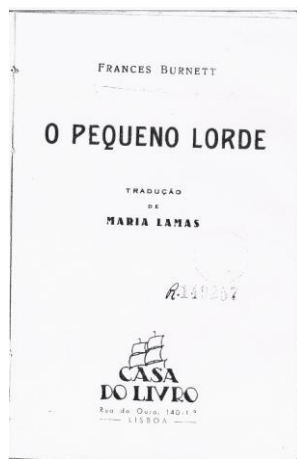
<sup>650</sup> Lyman Frank Baum usou os pseudónimos de Edith Van Dyne e Laura Bancroft.

Maria Lamas volta a traduzir da Condessa de Ségur, *O General Dourakine*, em 1941. Na edição de 1955, a única passível de ser consultada, a obra está integrada na colecção Azul, sendo a edição da Casa do Livro-Editora, com o número catorze, referindo que se trata de uma versão livre de Maria Lamas. Nesta edição há uma dedicatória da Condessa de Ségur à neta Jeanne de Pitray:

Minha querida Joaninha: ofereço-te a minha décima obra porque tu és a minha décima neta, o que não quer dizer que tenhas também o décimo lugar no meu coração. Quanto a isso, vocês estão todas em primeiro lugar, porque são todas umas meninas muito boas e amáveis. Os teus irmãos Tiago e Paulo serviram-me de modelo, na *Pousada do Anjo da Guarda*, para Tiago e Paulo Dérigny. As circunstâncias serviram-me das suas vidas tão diferentes, mas as qualidades morais que possuem são as mesmas. Quando fores mais crescida, servir-me-ás, talvez de modelo, por tua vez, para um novo livro, em que encontrarás uma encantadora Joaninha. Tua avó  
Condessa de Ségur



Edição de 1941



Edição de 1942



Edição de 1960

Em 1941, Maria Lamas procede à adaptação de *David Copperfield*, de Charles Dickens, na colecção Azul, número treze, da Casa do Livro Editora<sup>651</sup>. Em 1942, Maria Lamas traduz de Frances Burnett, *O Pequeno Lorde*, também da Colecção Azul, editado pela Casa do Livro Editora. Na colecção Azul eram editados à época os seguintes autores, além dos já citados: Andersen (1659-1731), Daniel Defoe (1659-1731), C. Collodi (1826-1890)<sup>652</sup>, Irmãos Grimm<sup>653</sup>, Charles Perrault (1628-1703), Ellery Parker (? -?), Francine Fontanet (? -?), J. W. Powell (1834-1902), Jules de Peyrrony (? -?) e Viscondessa de Pitray. Os autores portugueses eram apenas dois: Henrique Marques Júnior (1881-1953) e Ana de Castro Osório (1872-1935), que também fazia traduções e

<sup>651</sup> A edição consultada é a de 1955.

<sup>652</sup> Pseudónimo de Carlo Lorenzini.

<sup>653</sup> Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859).

adaptações nesta colecção. É de estranhar, que apesar de Maria Lamas já ter publicado alguns livros infantis, não integrar esta colecção.

Em 1959, com tradução de Maria Lamas, *Estas Vozes que nos vêm do Mar*, sem indicação de autor, tendo em vez disso a indicação «depoimentos de aviadores suicidas japoneses», facto que nos é explicado no prefácio de Jean Lartéguy (1920-).<sup>654</sup> O livro é publicado pela editora Ulisseia, sendo a data de original de 1959, na colecção «Documentos do Tempo Presente», número seis. A capa é de Sebastião Rodrigues e o título original *Kike Wadatsumi no Koe*. No paratexto ficamos a conhecer a constituição da obra:

Esta obra é constituída por uma colecção de cartas escritas por estudantes japoneses durante os combates travados na China e no Pacífico quando se preparavam para tripularem os seus aviões suicidas ou os torpedos humanos.

Todos os seus autores morreram, mas as «suas vozes que nos vêm do mar» transmitem-nos pela última vez, todo o horror das guerras de conquista, o desespero de uma juventude sacrificada que os ritos bárbaros do código de honra japonês atiraram para um inútil sacrifício.

Em todos estes testemunhos, brutais e pungentes, a morte encontra-se sempre presente e todos aqueles que os escreveram traziam já a sua marca, a flor de cerejeira de três folhas, insígnia dos «kamikazés», dos mortos adiados.

Na introdução, Jean Lartéguy acrescenta que:

*Estas Vozes que nos vêm do Mar* é um dos grandes documentos da segunda guerra mundial. É uma colecção de cartas escritas por estudantes japoneses quando combatiam em todas as frentes do Extremo Oriente, nas montanhas da China, nas ilhas do Pacífico, nas densas florestas da Birmânia. Pertenciam a todas as armas, eram pilotos de aviões-suicidas, «kamikazés», condutores de «kaitens», torpedos humanos; eram também marinheiros e soldados de infantaria. Enviaram estas cartas aos pais, aos amigos, às mulheres ou às noivas. Algumas delas eram verdadeiros testemunhos, porque os seus autores sabiam que iam morrer dentro de poucas horas; são as dos «kamikazés». A penúltima foi escrita por um rapaz de vinte anos queimado pela bomba atómica de Hiroshima. Conseguiu escrever ainda, com os seus cotos enegrecidos, algumas palavras antes de morrer. A última carta é de um criminoso de guerra enforcado na prisão de Singapura por atrocidades de que não tinha a responsabilidade.

Não é, pois, de admirar que Maria Lamas se tenha tornado ainda mais acérrima defensora da paz, ao efectuar a tradução deste livro e do que indicamos a seguir.

Em 1960, com o pseudónimo de Daniel Cardigos, Maria Lamas traduz de F. E. Rodriguez (? -?), *A Escada de Ferro*. Este livro, também com capa de Sebastião Rodrigues, está também inserido na colecção «Documentos do Tempo Presente», número sete. Não se compreende porque na mesma colecção Maria Lamas optou por

---

<sup>654</sup> Pseudónimo de Jean Pierre Lucien Osty.

usar o pseudônimo numa tradução e o próprio nome na outra. Na contra capa reproduz-se um excerto da crítica publicada no jornal *Le Monde*:

Pela sua ressonância humana esta obra só é comparável ao extraordinário livro de Michelet sobre os campos de concentração. *A Escada de Ferro* é, com efeito, a escada de Schawibische – Hal onde ressoam os passos dos condenados, enquanto, na sua cela, Rodriguez ouve abrirem-se, uma a uma, as portas das celas vizinhas donde partem, para a morte, os seus companheiros.

Publicado pela editora Ulisseia, com o título original *L'Escalier de Fer*, 1959, a partir da edição francesa Éditions France-Empire, contém uma citação em epígrafe de Saint-Exupéry “...*Mas tem a maior grandeza o êxito que consiste em dar ao homem o domínio de si próprio para o libertar.*”

Da colecção «Documentos do Tempo Presente» fazem parte os volumes: *Sputnik* de M. Vassiliev (1935-); *A Rússia, o Átomo e o Ocidente* de George F. Kennan (1904-2005); *Autópsia dos Estados Unidos* de L. L. Mathias (1893-?); *Europa e Europeus* de Max Bell (1912-1972); *Confissão do Silêncio* de Walter Schellenberg (1910-1952). A editora Ulisseia indica quais os livros a publicar seguidamente na colecção «Documentos do Tempo Presente»: *A Escada de Ferro* de F. E. Rodriguez; *A Civilização Posta à Prova* de Arnold Toynbee (1889-1975); *Voo 777* de Ian Colvin (1877-1938); *A Terceira Visão* de Lobsang Rampa (1910-1981); *Senso Comum e Guerra Nuclear* de Bertrand Russell (1872-1970).

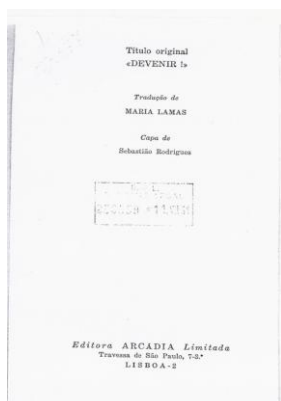
No entanto, A editora Ulisseia, indica no número sete da colecção, a seguir ao livro de Walter Schllenberg, como volume publicado, *Estas Vozes que nos vêm do Mar*, dando a informação sobre as publicações seguintes, obras diferentes do indicado no volume número seis, a saber: *Dossier: Resistência* de Richard Collier (1924-), sendo a última obra indicada de Bertrand Russell com uma alteração no título: *Bom Senso e Guerra Nuclear*.

Maria Lamas faz uma referência à tradução de um livro intitulado *A Vida Apaixonada de Dostoievski*, em 1958:

Cá vou trabalhando na VIDA APAIXONADA DE DOSTOIEVSKY, um livro impressionante, dum autor grego, de que te mandarei um exemplar logo que seja publicado, assim como a VIDA APAIXONADA DE GOYA, que ainda não saiu. [...] Esta, sendo muito interessante não é tão profunda como a de DOSTOIEVSKY. Faz muito bem ler estas biografias, embora romanceadas.

Aprende-se muito sobre o sofrimento daqueles que viveram lutando, contra o que consideram injusto ou contra si próprios – às vezes a mais dura de todas as lutas.<sup>655</sup>

No entanto, não encontrámos este livro, não podendo afirmar se de facto foi publicada a tradução em livro ou se teria saído em fascículos.



Edição de 1961

Em 1961, traduz, de Roger Martin du Gard (1881-1958), a obra *Vencer!* integrada na colecção «Encontro», com o número dezasseis, pela editora Arcádia. O autor dedica o livro a Jean de Tinan (1874-1898), da seguinte forma: “No momento de autorizar uma reedição deste livro, escrito em 1908, penso sem indulgência no que foram certas juventudes de «antes – da – guerra»; é a elas que dedico estas páginas - «in memoriam», R.M. G. 1930”.

A capa é de novo de Sebastião Rodrigues. Do paratexto, retemos a seguinte informação:

Roger Martin du Gard (1881-1959), um dos mais notáveis escritores franceses contemporâneos, foi um ser humano bastante complexo, uma personalidade forte nos seus contrastes, tendo vindo a ganhar o Prémio Nobel em 1937. A obra de Martin du Gard, além do seu valor literário, comunica ao leitor coragem e uma estranha fé na Vida e no Homem. *Vencer!* (...) É o primeiro romance do autor, escrito em 1908, com o título *Devenir!* constituindo um extraordinário documento da mentalidade e anseios da juventude burguesa da geração imediatamente anterior à Grande Guerra.

Oito rapazes, entre os quais se reconhece o autor, com a sua vincada personalidade, encontram-se durante o serviço militar, sentem-se unidos por afinidades difíceis de determinar e formam um grupo que se mantém, depois, unido durante algum tempo por sincera amizade, embora sejam diferentes as suas tendências e carácter.

A evolução desse convívio, que reflecte o espírito da época, o caminho seguido por cada um daqueles rapazes imbuídos de literatura e de aspirações mais ou menos práticas, mais ou menos fantasistas, num plano intelectual e «literariamente» artístico, mas desligadas dos problemas humanos de carácter geral, são dados em *Vencer!*

Com uma nitidez, um sentido implacável de análise que tem já a marca de autenticidade que distingue o autor, no seu estilo sóbrio, directo, vivo.

Através de uma carta<sup>656</sup> de Maria Lamas, dirigida a Vasco Granja, tomamos conhecimento de que o romance de Roger Martin du Gard não manteve o título

<sup>655</sup> Carta manuscrita de Maria Lamas à filha Maria Cândida, datada de Paris, 11 de Dezembro de 1958, pp. 2-3. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 68, desdobramento da caixa 1.

<sup>656</sup> Carta dactilografada de Maria Lamas a Vasco Granja, datada de 26 de Abril de 1961, na Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 16, referência 2.2.

sugerido pela tradutora e de que o paratexto sobre a obra e o autor são também da sua autoria:

Senhor Vasco Granja, meu prezado amigo:

Confirmo a minha carta anterior, que se cruzou com a vossa, hoje recebida.

Apresso-me a dizer-lhe que podem contar com as notas que me pede sobre o romance DEVENIR! de Roger Martin du Gard.

Poderei entregá-las juntamente com a tradução, a 10 de Maio próximo, o mais tardar, como lhes disse na minha carta? Ou terão necessidade delas mais cedo? Nesse caso peço-lhe o favor de me dizer, para eu tratar imediatamente disso. Que extensão deverão ter, mais ou menos? Calculo que serão para acompanhar, no volume, o próprio romance, não é?

Desejo também falar-lhes no título: a tradução literal de «devenir» é devir. Pergunto: acharão bem devir! Ou parecer-lhes-á melhor, por exemplo, vir a ser! – ou qualquer outra expressão que traduza o sentido daquela palavra? Por mim, gosto mais de devir! Se faço esta pergunta, é porque, tratando-se de uma palavra pouco corrente (alguns dicionários nem a mencionam), pode ser que achem preferível escolher outra ou outras que possam, talvez, ser mais sugestivas e talvez precisem de tratar da capa antecipadamente.

Se não me disser nada por estes dias, mantereí o título devir! E lá irei na data indicada, renovando as minhas desculpas pelo pequeno adiamento, motivado por uma acumulação de pequenas dificuldades relativas ao trabalho que estava a terminar.

Tinham sido publicadas, anteriormente, nesta colecção as seguintes obras: 1- *Amar não é Pecado* de Grace Metalious (1924-1964) – 2ª edição; 2- *Os Filhos do Pai Tomás* de Richard Wright (1908-1960), (este já fora do mercado); 3- *Não sou Stiller* de Max Frisch (1911-1991); 4- *Os Muros do Desespero* de Hervé Bazin (1911-1996); 5- *A Verdade em Primeira-mão* de Joyce Cary (1888-1957); 6- *A Família Artamonov* de Máximo Gorki (1868-1936)<sup>657</sup>; 7- *Um Herói do nosso Tempo* de Vasco Pratolini (1914-1991); 8- *Antes que o Galo cante* de Cesare Pavese (1908-1950); 9- *Pela Luz dos meus Olhos* de Joyce Cary; 10- *As Grandes Famílias* de Maurice Druon (1918-2009); 11- *Um Homem na América* de André Bay (1916-); 12- *Regresso a Peyton Place* de Grace Metalious (este já fora do mercado); 13- *A Matilha* de Alexei Tolstoi (1883-1945); 14- *O Outro Eu* de Graham Green (1904-1991) e 15- *A Queda dos Corpos* de Maurice Druon.

Maria Lamas traduz, também em alguns fascículos, *Os Miseráveis* de Victor Hugo, em 1962, não chegando a acabar a tradução da obra. De Marguerite Yourcenar, com quem mantém, aliás, correspondência, traduz *A Vida Apaixonante de Adriano*, em 1962.

Marguerite Yourcenar tinha em Maria Lamas a sua tradutora portuguesa favorita, com quem manteve correspondência, chegando mesmo a vir a Portugal para se encontrar com ela. Por esse facto, merece-nos um pouco mais de atenção. Marguerite

---

<sup>657</sup> Pseudónimo de Alexei Peshkov.

Yourcenar (1903-1987)<sup>658</sup> é um dos maiores nomes literários do nosso tempo, que foi revelado ao público português com a tradução de Maria Lamas. Marguerite Yourcenar deve a seu pai, Michel de Crayecour, grande viajante, dotado de uma energia insensata, mas que era também um latinista excelente – não só a sua independência de espírito e o seu gosto pelas viagens e pelos livros, como também a paixão pela língua francesa. Foi ele, igualmente, o crítico severo dos seus primeiros livros. A escritora denota uma predileção pelos clássicos, apreciando as literaturas anglo-saxónicas tendo traduzido Virgínia Woolf (1882-1941) e Henry James (1843-1916).

Marguerite Yourcenar tinha um interesse especial pelo grego, cujo estudo se tornou para ela, desde a juventude, uma das coisas mais agradáveis. O grego e o latim! Dir-se-ia um fenómeno, na nossa era de robots. Marguerite Yourcenar, a sábia humanista, a mulher inteligentíssima e excepcionalmente culta, que se alimentava do «mel do Himeto e da medula dos leões», muitas vezes, antes das refeições, lá na sua cozinha da América, lia Horácio em latim, durante meia hora, como faziam, em Aix e Dijon, os magistrados do século XVIII.

Viajou pela Itália, Suíça e Áustria, e o seu olhar investigador estudava a Europa e os seus museus. Começou, então, a escrever à sombra dos latinos e dos gregos, que a seus olhos não eram apenas estátuas de olhos brancos, mas os mais vivos dos seres, coroados de eterna juventude.

Desde a juventude, escreveu livros que duram toda a sua vida e ao contrário de Giraudoux (1882-1944), que modernizava a antiguidade, esforçou-se para se aproximar dos heróis antigos.

Marguerite Yourcenar escreveu também a obra *Feux*, série de poemas em prosa, que é talvez a mais pessoal de quantas tem escrito. Aos vinte anos, quis escrever um livro sobre Píndaro, o poeta dos atletas e dos heróis. Outra obra da autora é *La Mort conduit l'Attelage* que se passa no século XVI.

As diferentes técnicas utilizadas pela escritora consistem no seguinte:

-A técnica da meditação pura, da vida decantada que passa através da voz de uma personagem, dos acontecimentos vistos através do recuo dos tempos, como em *Mémoires d'Hadrien*;

---

<sup>658</sup> A apreciação breve, apresentada sobre a escritora Marguerite Yourcenar, encontra-se na Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 16, referência 2.2.

-A técnica do fresco, de contrastes violentos, conjuntamente com a técnica da crónica, em que as personagens são meio reais, meio míticas, como em *Denier du Rêve* -o primeiro romance francês que tomou posição contra a ditadura de Mussolini e que foi reeditado, depois ampliado e profundamente revisto.

-A técnica, não muito distante do encadeado de episódios que constituem o *Denier du Rêve*, de uma série de narrativas, muito condensadas, que evocam lendas e em que as personagens são elevadas à categoria de exemplos: *Clytemnestr ou le Crime*, *Phedon ou le Vertige*, *Marie-Madeleine ou le Salut*, *Phèdre ou le Désespoir*, *Achille ou le Mendiant*. Nesta terceira técnica, Marguerite Yourcenar tanto usa o tom clássico da antiguidade, em *Phédon*, como adopta, deliberadamente, um realismo quase popular, em *Marie- Madeleine*, que se passa nos arredores poeirentos de Atenas, ou atinge, nos seus resumos audaciosos, a poesia pura, em *Achille*.

Marguerite Yourcenar não se acomoda em nenhuma corrente literária. As suas influências são a literatura antiga, que forma a sua base de mármore, depois os clássicos franceses, Tolstoi e a observação directa da vida. Cita especialmente Gide (1869-1951) e Rilke (1875-1926). Para escrever *La Mort conduit l'Attelage*, inspirou-se em Dürer (1471-1528) - o mundo dos brasões da morte, a melancolia da renascença. El Greco (1541-1614) e Rembrandt (1606-1669) - o mundo da vida interior, o mundo miserável e iluminado da pobreza.

Viveu na Grécia, em Atenas, depois de 1930. Em 1937 passou 6 meses nos Estados Unidos. Logo após a declaração da II Guerra Mundial voltou para a América, com intenção de regressar à Grécia seis meses mais tarde, mas em 1940, com a entrada da Grécia na guerra, permaneceu na América. Embora não tivesse qualquer curso universitário, os americanos não tardaram a compreender o valor da sua cultura e ofereceram-lhe um lugar no corpo docente do Colégio Experimental de Sarah Lawrence, perto de Nova York. Para fazer compreender aos alunos o que significava a guerra, fazias-os ler uma passagem da *Ilíada* ou da *Chanson de Roland* ou determinado livro sobre a guerra de 1914. Para lhes mostrar o que significou sempre o amor, de que eles sentiam as primeiras setas, agrupava como se formassem um ramalhete de flores, alguns poetas gregos ou latinos, *Tristão e Isolda*, *La Princesse de Clèves*, *Berenice*, *Un Amour de Swan*.



Davam-lhe inteira liberdade, mas a sua vida era dura, os seus meios económicos eram então reduzidos, exilada da Europa tinha a impressão de que tudo quanto amava seria destruído e que talvez lhe não restasse qualquer razão para viver. Além disso, as distâncias, naquele país desmedido, dificultavam-lhe tudo: habitava um apartamento a três horas de viagem de Nova York, saía de casa às seis horas da manhã e chegava ao curso às nove.

Em 1947, depois da guerra, enviaram-lhe, de Paris, uma mala cheia de livros que deixara em depósito, na Suíça. Entre esses livros encontrou sete ou oito folhas dactilografadas que principiavam com a expressão «meu caro Marco». Marguerite Yourcenar pensou de si para si: «quem é este Marco?» e soltou uma exclamação: o princípio do seu manuscrito sobre Adriano, que datava de 1938. Julgava ter perdido aquele trabalho. Aos vinte anos redigira uma primeira versão. Acabava de descobrir a Itália, tinha estado na «vila Adriana», tinha sonhado naquelas ruínas e lido mesmo umas crónicas. Mas não tardou a compreender que se tratava de uma personagem considerável que lhe escapava. Destruiu as páginas escritas. Em 1934, recomeçou as investigações sobre Adriano e a sua época, escrevendo alguns trechos em forma de diálogo, mas abandonou novamente aquele trabalho, em 1937. Desencorajada pelas dificuldades do assunto, convencera-se de que nunca o realizaria, pois ao partir para a América, no princípio da guerra, deixara o manuscrito e a maior parte das notas na Europa. E eis que os velhos papéis ali estavam, diante dos seus olhos, e com eles recebera também a *História Romana* de Dion Cassius (155 dC-229 dC) e a *História de Augusto* de Espartiano (? -?).

Pouco depois partiu para o Novo México. No comboio, cheio de passageiros, refez o plano das *Mémoires d' Hadrien* e de um jacto escreveu as vinte e cinco primeiras páginas, sobre a doença, o amor e o sono. Ao desembarcar, sentia-se em «estado de inspiração». Ela que chegara a convencer-se de que os seus trabalhos mercenários a impediriam, para sempre, de criar! “Foi como se o céu se abrisse!” – assim comenta ainda hoje, Marguerite Yourcenar, esse momento decisivo da sua carreira de escritora.

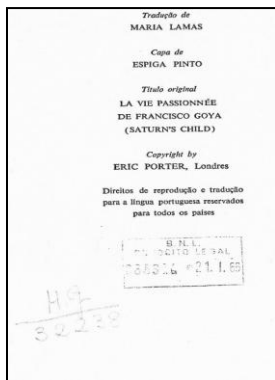
Voltou a mergulhar na «atmosfera sagrada» das bibliotecas, sobretudo na da Universidade de Yale, mas já anteriormente reunira documentação importante e estudara muito a personalidade de Adriano e o seu tempo. Renunciou ao cargo de professora e retirou-se para uma pequena ilha no Maine, a 200 quilómetros da fronteira

do Canadá. Durante três anos dedicou-se, exclusivamente, a escrever a versão definitiva das *Memórias de Adriano*, que terminou em 1950, publicadas pelas edições PLON em 1951. Esperava vender dez exemplares. O público francês comprou, rapidamente, cinquenta mil. Quando lhe perguntaram como explicava tão grande interesse pelas memórias de um imperador esquecido, respondeu: “talvez porque eu apresentava, sob o pretexto de Adriano, uma vida construída; a imagem de um homem que tem o sentimento de um desastre não completo, mitigado. Uma espécie de pragmática. A esperança de um êxito humano meio possível. Uma espécie de sabedoria.”

Realmente, num século em que tudo esta abalado e parece querer desmoronar-se, em que a maioria dos «mestres do pensamento» falam de desmoralização, de fealdade e de desespero, é reconfortante ouvir um imperador, do tempo em que se falava latim, declarar: “sentia-me responsável pela beleza do mundo.”

A mais recente edição desta obra, agora traduzida em português, que figura já entre os monumentos literários, é aumentada com importantes “notas sobre as *Memórias de Adriano*, verdadeiro jornal de bordo da escritora, em busca das suas personagens, essas notas reconstituem a lenta e paciente génese da obra.

Seguidamente Marguerite Yourcenar publicou um volume de poemas do poeta grego Constantino Kavafis (1863-1933), considerado o Mallarmé (1842-1898) da Grécia que ela traduziu para francês e a peça *Électre ou la Chute des Masques*.



Edição de 1965

Em 1965, também na editora Ulisseia, é publicado com tradução de Maria Lamas, o livro *Goya* de Eric Porter (1920-1995), na colecção «Romance e Vida», em 1965, com o título original de *La Vie Passionnée* de Francisco Goya, sendo esta a última tradução conhecida da tradutora Maria Lamas.

## Capítulo 5

### ESCRITA CONTEMPORÂNEA

No século XVII, a literatura portuguesa propõe-nos a obra de algumas religiosas como Soror Violante do céu ou Soror Madalena da Glória. O texto mais interessante desta época é publicado, em Paris, no ano de 1669, atribuído a Mariana Alcoforado (1640-1723), uma religiosa de Beja, e, apresentado como uma tradução de Guilleragues (1628-1686).<sup>659</sup>

No século XVIII<sup>660</sup>, as perspectivas mudam. A questão da desigualdade entre homens e mulheres ocupa uma parte das obras de Fénelon (1651-1715)<sup>661</sup>, Montesquieu (1689-1755), Voltaire (1694-1778)<sup>662</sup> ou Diderot (1713-1784), as quais encontram grande eco em Portugal. O nosso estrangeirado Luís António Verney (1713-1792) constata que a educação das mulheres portuguesas é medíocre<sup>663</sup>, o que, na sua opinião, é desastroso, visto que são as mulheres que assumem a responsabilidade da educação das crianças, isto é, dos homens futuros. Esta constatação leva-o a preconizar o acesso das mulheres à cultura. Graças a esta atmosfera de abertura, muitas mulheres começaram a exprimir-se. Entre outras encontramos:

Teresa Margarida da Silva e Orta (1711-1793) que publica, em 1752, uma novela alegórica inspirada pelas *Aventuras de Télémaque*, de Fénelon – *Aventuras de Diófanos*, com uma intenção política e social.

Gertrudes Margarida de Jesus (? -?) autora de um texto inovador, intitulado *Primeira Carta Apologética em Favor e em Defesa das Mulheres* (1761).

---

<sup>659</sup> Graciete Besse, *Percursos no Feminino*, Lisboa, Ulmeiro, 2001, p. 20.

<sup>660</sup> Idem, p. 22.

<sup>661</sup> Nome literário de François de Salignac de la Motte-Fénelon.

<sup>662</sup> Pseudónimo de François-Marie Arouet.

<sup>663</sup> Graciete Besse, op. cit., p. 23.

No século XVIII começa a preparar-se uma nova imagem da mulher que surge como sujeito da sua própria história, consciente do papel que desempenha no mundo, aberta à luta pela sua própria emancipação e dignidade.

Apesar de tudo, a escrita feminina continua a ser o lugar de um conflito entre o desejo de escrever e uma sociedade que manifesta em relação a este desejo, quer uma hostilidade sistemática, quer uma ironia depreciativa. O século XIX português oferece alguns exemplos interessantes de tal atitude. O mais conhecido é o caso de Maria da Felicidade Couto Browne (1800-1861), casada com um comerciante rico do Porto. Em 1861, após a morte da escritora, um dos seus filhos tentou destruir os exemplares que restavam de um texto poético publicado, em 1854, *Virações da Madrugada*, para salvar a honra da família.<sup>664</sup> Maria Browne escrevia às escondidas e podemos ver, através deste exemplo, como a escrita das mulheres corresponde a uma transgressão, uma vez que escrever supõe tempo roubado aos trabalhos unicamente femininos. A hostilidade da sociedade, em relação à mulher que escreve, toma todas as formas, desde a ridicularização até à destruição pura e simples dos textos.<sup>665</sup>

Sabe-se que a criação literária de autoria feminina foi escassa durante séculos, embora com inúmeras exceções, na Europa desde a Antiguidade Clássica. É só a partir do final do século XVII e, sobretudo, no XIX que essas exceções se tornam significativas, e apenas no século XX, aumentam em número por toda a Europa. Em Portugal, o volume de obras escritas por mulheres cresce exponencialmente a partir da segunda metade do século XX e a seguir a 1974 acontece mesmo um «boom» que torna a autoria feminina praticamente equivalente, em número de textos, à masculina.<sup>666</sup>

A personalidade mais prolífica e representativa das escritoras oitocentistas é Guiomar Torresão (1844-1898). Com uma carreira cedo iniciada, sucessivamente apadrinhada por Júlio César Machado, Tomás Ribeiro e Camilo, desdobrando-se durante decénios entre a ficção narrativa, a crónica e a crítica, fundando em 1871 o *Almanaque das Senhoras* e multiplicando-se na colaboração no *Diário de Notícias* e

---

<sup>664</sup> Idem, p. 24.

<sup>665</sup> Id., ibid.

<sup>666</sup> Isabel Allegro de Magalhães, «Escrita de Mulheres», *Actas do Colóquio Escrita de Mulheres*, coordenação de Maria Teresa Delgado Mingocho, Coimbra, Faculdades de letras da Universidade de Coimbra, CIEG, 2005, p. 9.

noutros jornais, Guiomar Torresão é a escritora por excelência na segunda metade do século XIX.<sup>667</sup>

Ana Paula Ferreira considera que entre finais dos anos trinta e finais dos anos quarenta se regista a primeira grande vaga de ficção feminina nas letras portuguesas, e afirma ser “caso para reflectir porquê essas obras foram sepultadas na memória de um tempo eivado tanto de silêncios e anonimatos quanto de vozes audíveis, resistentes e combativas.”<sup>668</sup> A resposta, encontrada por Ana Paula Ferreira, que justifica este acontecimento, centra-se no facto de os livros de contos e romances de autoria feminina que se publicaram durante este período não “cristalizarem em torno a directrizes estético-ideológicas mais ou menos coerentes ou definidas.”<sup>669</sup>

Ana Paula Ferreira<sup>670</sup> vai mais longe:

Ora estas carências de filiação, relacionadas com a falta de credibilidade cultural das mulheres enquanto classe, decerto condicionam o desprezo de tais obras «femininas». Se, por um lado, não obedeceriam às prerrogativas estéticas do Presencismo, por outro manter-se-iam abstraídas do novo realismo social de cunho materialista que se propunha intervir no curso do movimento histórico.

Para Ana Paula Ferreira, “o factor decisivo para inaugurar a marginalização de que são alvo as escritoras da década de quarenta radica na sua identificação como uma «literatura feminina».”<sup>671</sup> Esta categoria, «literatura feminina», “oferece uma espécie de livre passe para a exploração de preocupações sociais e éticas relacionadas com a política da diferença e, em termos mais gerais, a (falsa) ordem moral imposta pelo Estado Novo.”<sup>672</sup>

---

<sup>667</sup> Veja-se a este propósito José Carlos Seabra Pereira, «Perspectivas do feminino na literatura neo-romântica» in *A Mulher na Sociedade Portuguesa*, Actas do Colóquio, Coimbra 20 a 22 de Março de 1985, Coimbra Editora, p. 74.

<sup>668</sup> Ana Paula Ferreira (organização), *A Urgência de Contar, Contos de Mulheres dos Anos 40*, Lisboa, Editorial Caminho, 2002, p. 15. Para a organização deste livro, a autora contou com: *Mulheres Portuguesas. Catálogo da Exposição da Obra Feminina, Antiga e Moderna, de Carácter Literário, Artístico e Científico do Certame Mulheres Portuguesas*, org. Maria Lamas, Cristovam Aires (filho) e Gustavo Matos Sequeira, Lisboa, Maio-Junho, 1930 e *Catálogo da Exposição de Livros Escritos por Mulheres*, org. Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1947.

<sup>669</sup> Ana Paula Ferreira, op. cit., p. 19.

<sup>670</sup> Id., ibid.

<sup>671</sup> Id., ibid.

<sup>672</sup> Id., ibid.

Um ano após a edição do romance *Para Além do Amor*, Maria Lamas concede uma entrevista ao jornalista Guedes de Amorim<sup>673</sup>, precisamente sobre a literatura feminina. Eis o que afirmou Maria Lamas, “com grande sinceridade”, embora lhe doesse no seu orgulho de mulher:

A literatura feminina portuguesa não atingiu ainda o nível que seria para desejar, nem acompanha o avanço cultural do nosso século. Existem, é certo, na nossa literatura alguns nomes de mulheres que se impõem como autênticos valores, mas, duma forma geral, as suas obras não correspondem às suas próprias possibilidades. Influência do meio? Timidez intelectual? Falta de estímulo? Transigência com a opinião dos que pretendem limitar a literatura feminina a temas serenos, superficiais e ingénuos? Talvez um pouco de tudo isto.

Em relação aos assuntos abordados pelas escritoras, Maria Lamas considerou que:

Uma escritora pode abordar qualquer assunto desde que tenha preparação para isso. Há assuntos considerados impróprios de uma pena feminina, escabrosos até, e que, no entanto, revestiriam novos aspectos se fossem vistos através duma inteligência e duma sensibilidade de mulher! Repito, só o poderá fazer uma escritora que possua cultura e consciência para tanto. O factor importantíssimo da inferioridade da nossa literatura feminina é a falta de cultura.

Não me refiro apenas à cultura de sentido universal, sem a qual não há grandes escritores, mas ao sólido conhecimento da própria língua e dos assuntos que constituem, afinal, a base duma vulgar cultura geral. Improvisam-se escritoras com uma facilidade que chega a desmoralizar.

Maria Lamas interroga-se sobre a igualdade existente noutras profissões:

Pergunto eu: O curso de médica não é igual ao do médico? A advogada não defende as mesmas causas que o advogado? Não é idêntico para os dois sexos da mesma profissão? Não exigem aos dois a mesma responsabilidade? A mulher não luta, não sofre, não se sacrifica e não responde pelos seus actos como o homem? Porque não há-de uma escritora abordar qualquer assunto desde que o faça com competência, seriedade e beleza literária?

Guedes de Amorim afirma que se fala do grande número de poetisas que existem e da «loucura de fazer versos» que ataca, aos milhares, as mulheres portuguesas. Maria Lamas reconheceu a calamidade e respondeu que:

As portuguesas fazem versos demais – uma pseudo-poesia chorona, de interesse pessoal, quando muito, sem elevação nem beleza. Temos, em contraste, grandes poetisas. Deixe-me dizer-lhe: é exactamente na poesia que encontramos a maior parte dos valores reais da literatura feminina contemporânea.

---

<sup>673</sup> Cartaz, n.º 4, Lisboa, Junho-Julho, 1936, pp.12-13.

Sobre a literatura infantil, Maria Lamas pensa que:

A mulher pode suplantar o homem na literatura infantil. Conhece melhor a alma da criança, acompanha-a dia a dia, hora a hora, na sua maravilhosa evolução. Mas há exceções. Há uma tendência exagerada para a literatura infantil. Qualquer senhora se julga apta a escrever para os pequeninos, como se fosse uma literatura acessível a todas as incompetências. Vou talvez provocar alguns protestos, mas isso não impede que eu diga a minha opinião: devia haver uma censura rigorosa, intransigente para a literatura infantil, quer sob o ponto de vista educativo, quer sob o ponto de vista moral e estético. Tenho visto contos e livros infantis que são verdadeiros atentados contra o espírito, a sensibilidade e a inteligência da criança. Neste capítulo atravessamos uma crise de abundância que eu considero mais que lamentável, altamente prejudicial.

Maria Lamas evoca, seguidamente as suas temáticas:

Os meus temas favoritos para as crianças, tudo quanto pode revelar-lhes beleza e fazê-las confiantes, optimistas e conscientemente boas. Para os meus romances, os assuntos surgem-me da própria vida, do drama humano insolúvel e eterno. Interessa-me principalmente o enigma de cada alma, o mundo que existe em cada um de nós! Assim como me interessam, também, os temas sociais.

Como escreve a escritora?

Trabalho actualmente num romance e tenho outro inteiramente delineado. Mas, como, sabe, a minha vida profissional absorve-me todas as horas e só por um prodígio de vontade consigo escrever os meus livros, – meia hora agora, uma hora logo! Chega a ser um tormento, acredita? Porque eu escrevo com febre, com paixão. É mesmo a única coisa que me interessa verdadeiramente. Escrever não corresponde bem à verdade: imaginar, sentir e viver em espírito o que escrevo, debruçar-me sobre as almas, que vou criando.

As escritoras que Maria Lamas mais admira são Sigríð Undset (1882-1949)<sup>674</sup>, Selma Lagerlöf (1858-1940)<sup>675</sup> e Virgínia Woolf (1882-1941).

O relacionamento da escritora, com os escritores contemporâneos, é por demais evidente, no conjunto de documentos<sup>676</sup> que lhe foram oferecidos e sobre os quais foi solicitada a sua opinião. Não vamos mencionar todos, mas destacamos alguns. De José Cardoso Pires, nove páginas intituladas «Nem sim nem não ou o arquipélago duma só ilha», onde comenta o livro *Mudança* de Vergílio Ferreira. Poemas de Salette Tavares,

---

<sup>674</sup> Prémio Nobel da Literatura em 1928.

<sup>675</sup> Primeira mulher a ganhar o Prémio Nobel da Literatura em 1909.

<sup>676</sup> Encontrámos cerca de 652 documentos de autores portugueses. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 41, referência 2.94.

Jaime Brasil. O poema «Europa»<sup>677</sup> de Adolfo Casais Monteiro, poema «Nihil sibi»<sup>678</sup> de Miguel Torga, que define poeta:

O Poeta é uma fonte:  
Nada reserva para a sua sede;  
Canta também a dar-se,  
E não dorme, nem pára.

Mário Cesariny de Vasconcelos (1923-2006) com o poema «Discurso sobre a reabilitação do real quotidiano»<sup>679</sup>, de António Maria Lisboa (1928-1953), o poema «Ossóptico»<sup>680</sup>, de Carlos de Oliveira (1921-1981), o poema «Terra de harmonia»<sup>681</sup>, de Maria da Encarnação Baptista (1924-), «Hora Entendida»<sup>682</sup>, de António Sousa Freitas (1921-2004), «Poemas do anjo e da hora» e «Hora profunda»<sup>683</sup>. Destaque também para poemas<sup>684</sup> de David Mourão Ferreira (1927-1996), Vitorino Nemésio (1901-1978), Maria da Saudade Cortesão (1938-), António Norton, Sebastião da Gama (1924-1952), Herberto Helder (1930-). De Armando Cortes Rodrigues (1891-1971) várias páginas dactilografadas, intituladas «Coimbra, a melancolia e a graça».

A I Exposição do Livro Feminino de Portugal no Brasil, integrada nas festas comemorativas do 81º aniversário da Fundação do Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto, inaugurada em 28 de Setembro de 1949, no Rio de Janeiro, apresentou uma mostra de escritoras portuguesas, onde Maria Lamas estava representada com o livro *Maria Cotovia*. Iveta Ribeiro, a mentora do projecto, explica na introdução do catálogo as razões que a levaram à execução da exposição:

Quando em 1945, tive a honra de ser convidada pelo Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto, do Liceu Literário Português, para ocupar sua tribuna naquele ano lectivo, e tendo escolhido como tema para esse meu trabalho – Poetisas Portuguesas Contemporâneas – ao reunir elementos que pudessem mostrar ao Brasil todo o brilho que a Mulher está dando, em nossos dias à Poesia em Portugal, deparei-me com enormes dificuldades porque, em matéria de livros femininos portugueses, quase nada existe aqui, quer em livrarias, quer em bibliotecas públicas nacionais, quer nas que pertencem às associações culturais da Colónia Portuguesa. Dessa carência quase absoluta de livros de autoras lusas, a que me referi na aludida conferência, nasceu-me a ideia de promover aqui uma Exposição de Livros Femininos de Portugal que viesse

---

<sup>677</sup> Datado de 1946.

<sup>678</sup> Datado de 1948.

<sup>679</sup> Datado de 1947.

<sup>680</sup> Datado de 1952.

<sup>681</sup> Datado de 1950.

<sup>682</sup> Datado de 1951.

<sup>683</sup> Datado de 1952.

<sup>684</sup> Datados de 1952 e 1953.



preencher uma lacuna, inexplicavelmente aberta no terreno do intercâmbio cultural luso-brasileiro, já tão desenvolvido entre os dois países.

Apresentei minha ideia ao Liceu Literário Português, propondo-me a organizar essa exposição sob seu patrocínio, pois que a ele deviam pertencer todos os volumes que eu conseguisse reunir, para que fosse criada em sua biblioteca uma Estante Feminina Portuguesa. Aceita que foi minha iniciativa tal como eu a idealizara, comecei a trabalhar por ela. Difícil me foi de princípio encontrar uma mulher em Lisboa que comigo trabalhasse por essa realização. Depois durante mais de dois anos, vi-me impossibilitada de qualquer actividade por motivo de doença. Voltando à luta por meu ideal de unir cada vez mais, pelo espírito as mulheres de Portugal e Brasil, encontrei por fim, na ilustre poetisa portuguesa, Ilda Correia Leite a alma e a acção capazes de compreender e lutar pelo mesmo ideal. Ela, na lusa terra com seu prestígio, sua alta inteligência e seu justo orgulho de demonstrar o intenso brilho da moderna mentalidade e cultura das suas irmãs, e eu, aqui sempre firme no meu propósito de levar avante minha iniciativa, como mais uma prova de quanto me honro da raça a que pertenço, da minha admiração pelo moderno espírito feminino de Portugal, em cujo seio conto com tantas amizades preciosas; com o prazer infinito com que sempre tenho servido ao intercâmbio cultural luso-brasileiro e ao Liceu Literário Português, por graça de Deus, conseguimos realizar a presente Exposição, e deixar no Liceu a Estante Feminina Portuguesa. Como iniciadora e organizadora desta mostra de quanto vale a inteligência da Mulher Portuguesa, cumpre-me agradecer à ilustre poetisa Ilda Correia Leite o inestimável concurso que deu à minha ideia e à Directora do Liceu Literário Português a atenção que dispensou à minha iniciativa e a quantos me ajudaram neste desiderato.

Integraram a Exposição, as seguintes escritoras portuguesas, entre as quais, Maria Lamas: Arminda Gonçalves (? -?), *Folhas de Outono*, *Taça Vazia* e *Visionária*; Atly (1905 -?)<sup>685</sup>, *Segredos da Montanha*; Adelaide Félix (1896 -1971), *Roteiro de Viagens Feitas, no Mar Tormentoso das Letras, por Gentes de Leiria e seu Termo, Hora de Instinto, O Grito da Terra, Miragens Torvas e Personae*; Alice de Oliveira (1896-?), *Vida Amorosa de Soror Mariana, O Último Amor de Luís XV, História Maravilhosa da Rainha Astrid, História Maravilhosa de D. Afonso Henriques*, Ana de Castro Osório, uma das autoras mais representativas e conhecidas do Brasil, *Para as Crianças, Ambições, O Direito da Mãe, Quatro Novelas, A Capela de Rosas, A Grande Aliança*; Albertina Paraíso (1864-1954), *Derradeiros versos*; Alice Pestana (1860-1929)<sup>686</sup>, *A Filha do João do Outeiro*; Alice Ogando (1900-1981), *Eu sou um Homem Ilustre, Rumo, Passou uma Mulher; O meu Sonho de Papel, Há-se dizer Mamã, Marias, O Caminho da Alma, Farrapos e Lantejoulas, Galã, A Mulher Ausente, A Prima Tança, A Culpa foi do Luar*; Amália Proença Norte (1910-?), *Em Portugal e África, Heróis e Colonizadores*; Arminda Fortes (? -?), *Uma Alma de Mulher, Pecado que Redime, A Tentadora, O Ciúme, Vertigem, O Moinho do Vale Formoso, Micaela*; Aurora Jardim (1898-1988), *Desorientada, Uma Vida de Mulher, Frémido*; Branca de Gonta Colaço (1880-1945), *Últimas Canções, Abençoada a Hora em que nasci, Memórias da Linha*

<sup>685</sup> Pseudónimo de Maria Emília Scarlatti Quádrio Raposo do Amaral. Usou, também, o nome literário de Lita Scarlatti.

<sup>686</sup> Usou o pseudónimo Caiel.

de Cascais; Berta Leite (1896-?), *Santo António de Lisboa e D. Constança Sanches, A Volta da Rainha a Portugal, O Livro da Menina, A Mulher na História de Portugal*; Beatriz Machado (1890-?), *Sonetos, Quando no Céu brilham Estrelas*; Beatriz Arnut (1892-1958), *Saudades, O meu Sonho de agora, Sorrisos Cor-de-rosa, Chorando*; Branca Rumina (Dr.<sup>a</sup>) (1898-1988), *As Farinhas na Alimentação, Serviço Social na Clínica Geral, A Mulher e as Misericórdias, Cantinas Escolares, Um Aspecto da Assistência ao Lactente em Lisboa, Higiene Ocular na Infância e Adolescência*; Cecília Gonçalves (? -?), *Sim, eu Conto...*; Cláudia de Campos (1871-1916), *Ele, Mulheres*; Condessa de Nova Goa (? -?), *S. João de Deus*; Condessa de Proença (1864-1944), *Alguns Séculos de Música, Fadas e Encantos, Quem Quer Linhas, Agulhas e Alfinetes?*; Carlota Serpa Pinto (1876-1949), *5 Horas*; Emília de Sousa Costa (1877-1959), *Tagaté – um Ás de Futebol, A Mulher no Lar*; Ester Nobre de Sousa (? -?), *Rendeiros*; Ester Gil Nobre (? -?), *Seda Vermelha*; Elvira Maria da Cruz (? -?), *Destinos*; Estefânia Cabreira (1891-1977), *Virtudes e Heroísmos, Lusíadas, Cantares de Portugal, Quando se Desfaz a Bruma*; Estela Brandão (? -?), *Regras de Bem Viver na Sociedade, Arte e Economia, Carinhos, Para vós minhas Senhoras*; Emília Morgado (Dr.<sup>a</sup>) (? -?), *Cuidemos das Criancinhas*; Fernanda de Castro (1900-1994), *Jardim, Maria da Lua, Mariazinha em África, Sorte*; Florbela Espanca (1894-1930), *Cartas, Juvenilia, Sonetos Completos, As Máscaras do Destino*; Guiomar Torresão (1844-1898), *Paris*; Gabriela Castelo Branco (1904-?), *Lusitânicas, Ao Ritmo da Vida*; Helena Bianchini (? -?), *Intimidade, Despertar de Rosa Maria, Primavera*; Helena de Aragão (1880-1961), *Ruínas*; Heloísa Cid (? -?), *Sinfonia Incompleta, Vidas Cercadas*; Ilda Correia Leite (1907-?), *Feira de Cantigas, Corações de Filigrana, Cavaleiro e Deus Menino, O Lenço das Sete Cores, Fontes do meu Caminho*; Isaura Matias de Andrade (? -?), *Edifícios de Sonhos, Chão de Flores, Sinfonia da Terra*; Luísa Grande (? -?)<sup>687</sup>, *Lições da Vida, Cartas do Campo e da Cidade, Sobre a Vida e sobre a Morte, Os que se divertem*; Laura Chaves (1888-1966), *Vozes Perdidas, Cantares, Amores, Saudades e Dores, Esboços, Fábulas-1º tomo, Fábulas-2º tomo*; Lília da Fonseca (? -?), *A História do Gato Gatão, As Formigas Aventureiras, A Menina Tartaruga, Lagartinha da Couve, A Princesa Bela, O Coelho Garotelho*; Ludovina Frias de Matos (1895-1981), *Milagres de Nossa Senhora de Fátima, A Grande Paixão, Palavras de Amor, Sombras e Clarões*; Madalena Martel Patrício (1884-?), *Le Romantisme, L'Esprit des Siècles, Les Sept*

---

<sup>687</sup> Usou o pseudónimo de Luzia.

*Démons, O Espírito Medieval, Os Sete Demónios, Poemas da Cor e do Silêncio, Le Livre du Passé Mort, Impressões de Arte e de Tristeza, Sagradas Pedras*; De Madalena da Glória (? -?), Maria do Céu (? -?) e Violante do Céu (1601-1693), extractos das suas obras; Mafalda Castro (1906-1987), *Botões de Rosa*; Margarida Mayer (? -?), *A Ilha*; Margarida de Abreu (? -?), *Manifesto, Bailados*; Maria da Conceição Telles (? -?), *Sonhos e Esperanças, Castelos e Quimeras*; Maria Estela Lobo (? -?), *Emoções*; Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), *Ao Correr do Tempo, As nossas Filhas, Impressões da História, Cartas a uma Noiva, Bodas Literárias de Maria Amália Vaz de Carvalho*; Maria de Carvalho (1898-1973), *As Sete Palavras, Chama Inquieta, Sonetos, A Viagem da Vida, Antes da Batalha, Folhas*; Maria Carolina Ramos (1895-?), *Para a Mulher*; Maria Espiñal (? -?), *Tão Lindo e tão Simples, O Melhor Futuro*; Maria da Graça Varela Cid (1933-1975), *Ao Nascer do Sol, Manolete*; Maria da Graça Azambuja (? -?), *As Estrelas moram Longe, Quando as Vozes se calam*; Maria Helena Duarte de Almeida (? -?), *Via Láctea, Ascensionais*; Maria Diniz (? -?), *Voos...*; Maria Henrique Osswald (? -?), *História de uma Vida, Mil e um Dias..., Clara Berg, Margarida*; Maria Lúcia (1909-2000), *A Mulher Dona de Casa, Joanhinha Quer Casar*; Maria Luz Sobral (? -?), *Contos e Lendas da nossa Terra*; Maria O'Neill (1873-1932), *O Animatógrafo, Maurício e Beatriz, Os Bonecos de Joanhinha, Alegrias, A Marquesa de Vale Negro, A Víbora, A Fada Loura, Feitos Gloriosos, Os Contos da Mamã, O Paraíso das Crianças*; Mariac Dimbla (? -?), *A História daquela Torre*; Maria Natália de Carvalho (? -?), *Pétalas ao Vento*; Maria Pedra Palácio (? -?), *O Mistério do Paço de Giela*; Maria Paula de Azevedo (? -?), *História do Mundo, Portugueses de Outrora, Auto de Natal, Terra Pátria, Contos de Fadas, Alvoradas*; Maria Teresa de Andrade Santos (1918-1977), *Manta de Farrapos*; Maria Júlia Antunes (? -?), *Rendas e Bordados da Beira*; **Maria Lamas**, *Para além do Amor, A Ilha Verde, As Mulheres do meu País* (11 números); Maria de Santa Isabel (? -?), *Flor de Esteva*; Maria do Carmo Peixoto (? -?), *Bagos de Romã, Folhas ao Vento, Histórias Pequenas*; Maria d'Assunção da Silva (? -?), *Soluçando e rindo, Cartas de Amor*; Maria Marim Marques (? -?), *Canções da Bruma e do Sol*; Maria Isabel da Câmara Quental (1887-1970), *Os Sonetos e outros Poemas*; Maria Matos (1890-1952), *Dizeres de Amor e Saudade*; Manuela d'Azevedo (1911-), *Claridade*; Matilde Rosa Araújo (1921-), *Estrada sem Nome, Marquês de Alorna, Inéditos, Poesias*; Maria Geraldo (? -?), *Histórias da Tia Lily*; Mécia Mouzinho de Albuquerque (1870-1961), *A Guitarra, A Sonâmbula, La Sonambula, Aventuras de*

*Tomyris, Rainha e Mártir, Pela Vida Fora*; Olga Alves Guerra (? -?), *A Senhora Doutora*; Olga de Morais Sarmiento (1881-1948), *A Marquesa de Alorna, Problema Feminista, La Patrie Brésilienne, As minhas Memórias, Theophilo Braga, Sa Majesté la Reine Amélie de Portugal*; Oliva Guerra (1898-1982), *Serenidade, Encantamento, Poeira da Vida, Espirituais, Fonte Distante, Evocações, Roteiro Lírico de Sintra*; Natércia Freire (1920-2004), *A Alma da Velha Casa, Horizonte Fechado, Rio Infundável*; Nita Lupi (1900-1999), *Paisagem, Eloendros, Lago Azul*; Raquel Bastos (?-?), *Coisas do Céu e da Terra, Destino Humilde*; Raquel Castelo Branco (1890-?), *Trinta Anos em Seide*; Raquel Roque Gameiro (1889-1970), *A História do Bebê*; **Rosa Silvestre**, *Maria Cotovia*; Sara Serzedelo (?-?), *Poemas Póstumos*; Sara Benoliel (Dr.<sup>a</sup>) (1898-1970), *A Criança e os seus Cuidados*; Sara Beirão (1884-1974), *Prometida, A Luta, Amores no Campo, Serões da Beira, Solar da Boa Vista, Surpresa Bendita, Clara, Alvorada, Cenas Portuguesas*; Seomara Costa Primo (Dr.<sup>a</sup>) (1895-1986), *Compêndio de Botânica, Compêndio de Biologia, Compêndio de Zoologia*; Soror Mariana (?-?), *Cartas de Amor*; Tereza Maria (?-?), *Retalhos*; Teresa Leitão de Barros (1898-1983), *No Jardim do Passado... , Silêncio, Bonecos de Estampar, Varinha de Condão, Escritoras de Portugal* (2 volumes), *Heróis da Tomada de Lisboa, Benditas entre as Mulheres, Maria Amália Vaz de Carvalho, Vidas que Foram Versos*; Virgínia Lopes de Mendonça (1881-1969), *Ar Puro, Maria Migalha, O Anão Tito Liro*; Virgínia Mota (1909-?), *Quando Fala o Coração, Rosal em Flor, A Princesa e as Três Irmãs*; Virgínia Vitorino (1895-1968), *Vendaval, Camaradas, Namorados, Renúncia, Apaixonadamente*; Virgínia de Castro e Almeida (1874-1945), *Em Pleno Azul, Céu Aberto, No Mar Tenebroso*.

Castro Soromenho (1910-1968), escritor de origem moçambicana, perseguido politicamente pelo regime ditatorial, em Maio de 1962, exilado em Paris, revela a Maria Lamas que “adiantou (...) um estudo sobre o velho reino de N’gola, matriz da Angola fronteirada pelos portugueses ao longo de mais de quatro séculos.”<sup>688</sup> Mostra também a sua satisfação porque “na URSS publicaram uma edição do *Terra Morta*, com a tiragem de cem mil exemplares.”<sup>689</sup> No entanto “graficamente, o livro é mal feito, a capa horrorosa. Saiu na colecção «Os Romances do Século XX». Em Paris, apareceu em

<sup>688</sup> Carta manuscrita de Castro Soromenho a Maria Lamas, datada de 15 de Dezembro de 1968. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.68.

<sup>689</sup> Carta manuscrita de Castro Soromenho a Maria Lamas, datada de 15 de Dezembro de 1968. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.68.

edição da Gallimard a tradução de *Viragem*.<sup>690</sup> Com a tradução do romance *Terra Morta* “com contrato na Alemanha, Suécia e Estados Unidos,”<sup>691</sup> Castro Soromenho tinha ainda propostas de outros países. “Neste campo de expansão, corre bem”, considerava o autor, na mesma carta. Num tom crítico em relação ao meio literário português, considera que o existencialismo chegou, com vinte anos de atraso, a Portugal, em relação a França. Para Castro Soromenho são muito raras as consagrações justas, citando como exemplo o Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Autores atribuído a Gomes Ferreira (1900-1985) em 1961.

Na sua convivência com imensos escritores seus contemporâneos, Maria Lamas manteve correspondência com vários, na qual abordava aspectos da escrita, tanto a nível de problemas suscitados e sentidos, como a nível de elogios. Observe-se o que escreve Assis Esperança (1892-1975), em 1972, em relação à etapa que atravessa: “Estive apenas meia dúzia de dias em Macieira de Cambra, tão cansado me sentia com a revisão: cortes e emendas do meu livro. (Aqui para nós, já o deito “pelos olhos”, apenas a vontade a amarrar-me a essa tarefa, a minha vida familiar a pesar-me também.”<sup>692</sup> E continua, na constatação dos problemas sentidos com o editor: “Não concordei com a publicação de dois volumes por ano. Como aceitar essa periodicidade, se tenho de rever, conscienciosamente, volumes, como, por exemplo, a *Servidão*? Onde iria eu rebuscar, quando menos, a paciência? Atamancar, todos eles, sem respeito pelos meus leitores? Nem mesmo pela necessidade do dinheiro seria capaz de o fazer.”<sup>693</sup>

Cabe aqui referir que Assis Esperança se destacou na escrita com as seguintes obras: *Vertigem* (1919); *Mercúrio* (?); *Viver!...* (1921); *O Vencido* (1923); *Noite de Natal: tentativa em 1 acto de teatro original* (1923); *Ressurgir* (1928); *O Dilúvio* (1932, 2ª edição em 1947); *Gente de Bem* (1938); *Servidão* (1946, 2ª edição em 1948); *Trinta Dinheiros* (1958) e *Pão Incerto* (1964, 2ª edição em 1968).

O P.E.N. Club Internacional, que actualmente tem centros em todo o mundo, foi fundado em Inglaterra, em 1921, pela escritora, Catherine Amy Dawson Scott (1865-

<sup>690</sup> Carta manuscrita de Castro Soromenho a Maria Lamas, datada de 15 de Dezembro de 1968. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.68.

<sup>691</sup> Carta manuscrita de Castro Soromenho a Maria Lamas, datada de 15 de Dezembro de 1968. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.68.

<sup>692</sup> Carta dactilografada de Assis Esperança a Maria Lamas, datada de 18 de Junho de 1972. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.54.

<sup>693</sup> Carta dactilografada de Assis Esperança a Maria Lamas, datada de 18 de Junho de 1972. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.54.

1934), a partir de uma ideia lançada pelo romancista inglês John Galsworthy (1867-1933), Prémio Nobel em 1932, que foi também o seu primeiro Presidente. Entre outros membros que sucessivamente foram também Presidentes contam-se H. G. Wells (1866-1946), Alberto Moravia (1907-1990)<sup>694</sup>, Arthur Miller (1915-2005), Pierre Emmanuel<sup>695</sup> (1916-1984), Heinrich Boll (1917-1985), Prémio Nobel em 1972, V.S. Pritchett (1900-1997), Mário Vargas Llosa (1936-), Francis King (1915-) e Gyorgy Konrád (1933-).

Em 1947, em Portugal, o escritor Fidelino de Figueiredo (1888-1967) que tinha contactos com o P.E.N. Club Internacional, decidiu solicitar o seu auxílio para a instalação de um Centro Português, a ser integrado na Federação do P.E.N. Internacional. Fidelino de Figueiredo foi secundado, por Alves Redol (1911-1969) e Mário Dionísio (1916-1993), nesta decisão. Assim que a proposta portuguesa foi aceite pela direcção do P.E.N. Internacional, começaram os preparativos para a criação desse Centro. Em 1947, depois de elaborados os Estatutos, foi publicado o Regulamento do P.E.N. Club Português, que passava a estar filiado no P.E.N. Club Internacional.

Os Estatutos do P.E.N. Club Português determinavam que deveria ser constituído por «membros fundadores e membros ordinários», tendo sido escolhidos os seguintes quarenta escritores para preencher a categoria inicial, entre eles, Maria Lamas, Adolfo Casais Monteiro, Alberto Candeias, Álvaro Salema, Alves Redol, António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Armindo Rodrigues, Assis Esperança, Branquinho da Fonseca, Câmara Reis, Eduardo Scarlatti, Fernando Lopes Graça, Ferreira de Castro, Fidelino de Figueiredo, Flausino Torres, Hernâni Cidade, Irene Lisboa, João de Barros, João Campos Lima, João de Deus Ramos, João Gaspar Simões, Joaquim Manso, José Bacelar, José Gomes Ferreira, José Régio, José Ribeiro dos Santos, Julião Quintinha, Manuel Mendes, Manuela de Azevedo, Manuela Porto, Mário Dionísio, Mário Neves, Ramada Curto, Roberto Nobre, Rocha Martins, Rodrigues Lapa, Vieira de Almeida, Visconde da Lagoa e Vitorino Nemésio. Este centro Português viria a ser extinto dezasseis anos depois, sendo restabelecido em 1974.

Maria Lamas foi membro do Clube PEN francês, em 1958. Para isso, socorreu-se de algumas pessoas amigas a fim de proceder à sua inscrição e aceitação.

<sup>694</sup> Pseudónimo de Alberto Pincherle.

<sup>695</sup> Pseudónimo de Noël Mathieu.

Em 5 de Abril de 1958 escreve a Monsieur Jean de Beer<sup>696</sup> a agradecer ter sido aceite a sua inscrição como membro associado do centro francês PEN, afirmando que não irá faltar às reuniões e que será um grande prazer conviver num ambiente de amizade.

Marguerite Yourcenar (1903-1987)<sup>697</sup> fez parte dos escritores que privaram com Maria Lamas, chegando mesmo a visitar Portugal em duas ocasiões. A primeira deu-se em 1960, tendo visitado a ilha da Madeira, mas com algumas dificuldades por causa da entrada do cão da escritora no nosso país, como nos dá conta Aníbal Trindade, que ficou encarregado de receber a escritora na ilha. Aníbal Trindade<sup>698</sup> esclarece Maria Lamas acerca do acontecido, lamentando o embaraço sentido:

Muito querida amiga,

Logo que recebi o seu telegrama, anunciando-me a chegada da Marguerite Yourcenar, pus-me «imediatamente em campo», primeiro para ir esperá-la, depois, para alojá-la e lhe prestar toda a assistência de que ela viesse a precisar durante a sua estadia na Madeira.

O telegrama chegou-me no próprio dia em que o «Vera Cruz» por cá passou, ainda a tempo, felizmente, de eu poder cumprir as formalidades para a obtenção duma licença de visitante. No cais, encontrei um representante da «Alliance Française», que recebera igualmente um telegrama de Lisboa, encarregando-o da mesma incumbência. E ainda bem que o encontrei, pois foi necessária a conjugação dos nossos esforços, para resolver uma primeira dificuldade, que logo surgiu e que tão desagradavelmente impressionou a sua amiga.

Na manhã em que cá chegou o vapor, o mar estava bastante agitado, o vento soprava com violência, e não foi sem dificuldade que os passageiros conseguiram descer a escadaria do «Vera Cruz» para passarem para a lancha. As senhoras não tinham passado muito bem a viagem, o que agravava ainda mais a situação. Já quando nos encontrávamos na lancha, o guarda-fiscal, com quem eu tinha previamente falado, referindo-lhe a categoria das senhoras e dando a garantia de tomar toda a responsabilidade pelo que pudesse acontecer, exigiu muito «porreiramente», que o «cãozinho» voltasse a bordo e fosse mandado para terra como bagagem.

As senhoras imediatamente reagiram, sobretudo a Miss Frick, que não se dispôs a separar do «Monsieur», e lá teve de trepar novamente a íngreme escadaria sob as condições mais desfavoráveis. Entretanto, eu segui para terra à procura do veterinário para solucionar imediatamente o caso, enquanto o representante da «Alliance Française» acompanhava a Madame Yourcenar no «Golden Gate», durante o cumprimento dessas formalidades. O veterinário-Chefe, o Dr. Pereira da Câmara, tinha acabado de partir para a Camacha, só regressando de tarde. Felizmente para o adjunto, de quem sou amigo pessoal, depois de eu lhe ter feito sentir o interesse que punha na solução deste caso, e da vergonha que estas formalidades constituíam para a reputação da hospitalidade madeirense, pôs-se em comunicação com o director da Alfândega e, em menos de uma hora, encontravam a solução. Assim, Miss Frick, acompanhada do seu «Monsieur», podiam, finalmente, desembarcar.

«Tout est bien qui finit bien», era a única expressão que eu encontrava para insuflar-lhes um pouco de optimismo e, ao mesmo tempo, atenuar a má impressão que este primeiro contacto com a Madeira lhes causara. Esta má impressão era tanto mais justificada, que elas tinham seguido à risca as indicações do Consulado de Portugal em Boston, vacinando o «Monsieur» contra a raiva

<sup>696</sup> Rascunho de carta de Maria Lamas a Jean de Beer. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 16, referência 2.2.

<sup>697</sup> Pseudónimo de Marguerite Cleenewerck de Crayencour.

<sup>698</sup> Carta manuscrita de Aníbal Trindade a Maria Lamas, datada de 25 de Janeiro de 1960. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.227.

e pagando quantias avultadas por todos esses certificados e traduções, que, finalmente, de nada serviram.

Em 1983, Maria Lamas recebe uma carta do Ministério da Cultura e Coordenação Científica<sup>699</sup>, sendo o assunto tratado a elaboração do «Pequeno Roteiro da História da Literatura Portuguesa», para o qual solicitam “o envio das suas notas bibliográficas, necessárias à redacção do texto que se referirá a V. Ex.<sup>a</sup> no citado Roteiro.”

No entanto, o *Pequeno Roteiro da História da Literatura Portuguesa*, editado pelo Ministério da Cultura e Coordenação Científica, data de Abril de 1982, apresentando em relação a Maria Lamas a entrada 133, da qual consta a seguinte informação:

Maria Lamas

Além de romancista, directora de revistas, autora de literatura infantil e tradutora, distingue-se por amplos e reveladores inquéritos aos problemas da mulher.

Obras principais: Mulheres do meu País, 1948; A Mulher no Mundo, 1952.

Em 1983, a edição do roteiro continha o mesmo texto.

Maria Lamas tornou-se a sócia nº 50<sup>700</sup> da Associação Portuguesa de Escritores, em 1980, pelo que pagava de cota 50\$00 mensais.

---

<sup>699</sup> Carta com carimbo sobreposto da Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Instituto Português do Livro. É uma 2ª via dirigida a Maria Lamas para a rua Jorge Colaço, 24. É o processo nº 2.51.49 (1) de 21 de Março, ofício nº 1128/83, e é assinada por António Alçada Baptista. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 15, referência 2.1.

<sup>700</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 15, referência 2.



## *Capítulo 6*

### CARTAS E OUTROS MANUSCRITOS REVELADORES DA PERSONALIDADE DE MARIA LAMAS

A correspondência é um género muito feminino. Depois de Madame de Sévigné, ilustre precursora, a carta é um prazer, um lazer, mesmo um dever das mulheres. A carta constitui uma forma de sociabilidade e de expressão feminina autorizada, mesmo recomendada, ou tolerada. Torna-se um tema e um motivo da literatura (o romance em cartas) e da pintura de género, sobretudo holandesa, com Vermeer.<sup>701</sup>

“A carta é um meio de comunicar por escrito cm o semelhante. Compartilhado por todos os homens, quer sejam ou não escritores, corresponde a uma necessidade profunda do ser humano”, afirma Andréa Rocha<sup>702</sup>. «Communicare» não implica apenas uma intenção noticiosa: significa ainda «pôr em comum», «comungar», por isso “escreve-se ou para não estar só, ou para não deixar só.”<sup>703</sup>

Para Andréa Rocha:

A ausência não só motiva, pela nostalgia dos contactos humanos perdidos ou interrompidos, um desejo de reafirmação no campo dos afectos, como provoca também um considerável enriquecimento daquilo que se tem para dizer: outros mundos, geográficos ou espirituais, nutrem de revelações e experiências inéditas o recheio da carta.<sup>704</sup>

O que se revela importante no caso do povo português, que foi um povo de descobridores e mais tarde de emigrantes, a quem “a ausência prolongada determina nele um largo uso da forma epistolar, e dilata substancialmente a matéria sobre a qual pode especular por escrito.”<sup>705</sup>

---

<sup>701</sup> Ver Michelle Perrot, *Uma História de Mulheres*, Porto, Asa, 2007, p. 28.

<sup>702</sup> Andréa Rocha, *A Epistolografia em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, p. 13.

<sup>703</sup> Id., *ibid.*

<sup>704</sup> Idem, p. 14.

<sup>705</sup> Idem, pp. 14-15.

“À singularidade da experiência corresponde a singularidade do testemunho”<sup>706</sup>, o qual tem projecção universal. Normalmente, a carta é datada, o que tem a conveniência de situar no tempo a feitura e o conteúdo da mensagem.

Na opinião de Andréa Rocha, o autor da carta:

Refere os seus dizeres a um momento determinado, e essa referência (às vezes completada com a indicação do dia da semana, da hora, do dia santo, etc.), como que os soleniza numa conjuntura astrológica. Exactamente como o diário, que toma o dia como medida do ser. Com esta diferença, apenas: o diarista anota o que foi o seu dia; o autor da carta implica outrem num momento em que se lhe sentiu, de qualquer modo, ligado.<sup>707</sup>

Será que a carta, enquanto presença do dia-a-dia, alcançará, por ser datada, a intemporalidade das grandes criações? Talvez, pelo facto de a data nos permitir reduzir a um plano de relatividade histórica as afirmações, doutrinas ou vaticínios que porventura se venham apareçam escritos nas cartas.

No acto de escrita da carta, esta dirige-se, normalmente, “a um leitor vivo e único.”<sup>708</sup> Porque não se escreve aos mortos, a carta implica a presença viva de quem a recebe, como de quem a enviou.

Quem escreve a carta pratica uma “escolha, uma eleição, que condiciona incontestavelmente o texto que vai escrever, quer no plano da franqueza, quer no do estilo, ”<sup>709</sup> daí se tornar interessante saber com quem Maria Lamas trocou cartas ou manteve correspondência, sendo que as cartas constituem “autênticos monumentos”<sup>710</sup>.

A carta assume um “aspecto confidencial ou um segredo da mensagem”<sup>711</sup>, sendo também “uma revelação da personalidade íntima no que tem de mais superficial como de mais profundo.”<sup>712</sup>

As cartas constituem “legítimas parcelas de descrição, de doutrina, de diálogo e mesmo, ocasionalmente, de poesia intercalada – isto é, confundem-se, por momentos, com qualquer das formas literárias.”<sup>713</sup>

---

<sup>706</sup> Idem, p. 15

<sup>707</sup> Idem, p. 16.

<sup>708</sup> Idem, p. 17.

<sup>709</sup> Idem, p. 18.

<sup>710</sup> Id., ibid.

<sup>711</sup> Idem, p. 20.

<sup>712</sup> Idem, pp. 23-24.

<sup>713</sup> Idem, p. 25.

### A carta é porventura

O meio mais perfeito de comunicação entre os homens e o segundo em quantidade, logo a seguir à voz. Desde a simples carta de família, em que de certo modo se irmanam o semianalfabeto e o conspícuo letrado, à carta literária, pura exibição de originalidade estilística, passando por tantas diversidades quantas as inúmeras ocupações e preocupações humanas, ela é mais reflectida que a voz, mais espontânea que qualquer forma de comunicação social (imprensa, rádio, televisão) e mais explícita que as formas mecânicas de comunicação directa a distância (telefone, télégrafo, etc.).<sup>714</sup>

O vasto corpus da correspondência de Maria Lamas constituído por cópias, rascunhos, cartas inacabadas ou lacunares, versões corrigidas, revelam-se como um fecundíssimo terreno a explorar. É todo um universo de correspondentes de todas as áreas que se estabelecem numa rede social de relacionamentos diversos que, atrevemo-nos a constatar, urge reunir e trabalhar. Manuela Parreira da Silva<sup>715</sup> dividiu a correspondência de Fernando Pessoa em duas partes: a da correspondência situada numa esfera mais íntima, com três núcleos fundamentais: os afectos, as crenças e os negócios; e a outra do grande espaço de confluência – literário, político, social, histórico.

Maria Lamas, através da correspondência, dialoga com a instância política e a «sociedade civil», com a instância do cultural do seu tempo e a sociedade futura.

Para Manuela Parreira da Silva,

Toda a correspondência epistolar nos reenvia inevitavelmente para um passado. Ela é, por princípio, datada e, mesmo que o não seja, contém indeléveis marcas do seu tempo. Ela é, por outro lado, em muitas circunstâncias, a única prova do «crime», a arma», às vezes abandonada, desse (s) momento (s) privilegiado (s) do encontro entre duas pessoas.

Ler e estudar as correspondências significa, pois, em primeiro lugar, interrogar um passado que, na descontinuidade própria do objecto de análise, invariavelmente tende a fugir-nos, a driblar-nos. Perseguir, então, esse tempo perdido, tentar reconstituir esse passado fugidio, faz de nós uma espécie de arqueólogos.<sup>716</sup>

As cartas são “documentos vivos, falantes, que nos contam uma história, com tudo o que de fantasia ela comporta e o que de fantasia em nós quase obrigatoriamente induz, mas que é também História.”<sup>717</sup>

<sup>714</sup> Manuel Barbosa, *Júlio Cabral – Autobiografia Epistolar*, Ribeira Grande, s. l., 1984, p. 17.

<sup>715</sup> Manuela Parreira da Silva, *Realidade e Ficção para uma Biografia Epistolar de Fernando Pessoa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004, p. 8.

<sup>716</sup> Idem, p. 11.

<sup>717</sup> Id., ibid.

As correspondências epistolares trazem, deste modo, um acréscimo de informação sobre os seus sujeitos (em última instância, comprovam a sua existência real), mas também sobre o meio em que agiram e que os condicionou.<sup>718</sup>

Para Manuela Parreira da Silva:

A reconstituição do passado nunca é neutra. [...] Está sempre sujeita a ser posta em causa por novos achados, por novas interpretações. É sempre alterável, mesmo na sua pretensa objectividade e materialidade, pelo olhar forçosamente parcial, quando não ideologizado ou preconceituoso, do observador, do investigador. O terreno pantanoso do passado espelha-se na fluatibilidade do tecido epistolar (e vice-versa). Daí a extrema dificuldade e o extremo fascínio de um trabalho arqueológico das correspondências.<sup>719</sup>

Na opinião de Manuela Parreira da Silva:

A carta é um objecto singular. É algo que se troca e se envia, que se fecha e se abre, que se guarda e se perde, que se devolve ou se queima. O facto de não ser impressa (senão raramente e, quase sempre, quando é assinada por um artista, um escritor, um político) concede-lhe uma fragilidade ainda maior do que aquela que, à partida, e por sua própria natureza, apresenta.<sup>720</sup>

## 1. CORRESPONDÊNCIA COM ESCRITORES: CONFIDÊNCIAS

Marta Mesquita da Câmara (1895-1980)<sup>721</sup>, poetisa, escritora de literatura infantil e jornalista do jornal *O Primeiro de Janeiro*, onde assinava com o pseudónimo de Tia Madalena, escreve o seguinte a Maria Lamas:

Querida Maria:

Parodiando a outra que queria fazer mal ao pseudónimo, eu direi: quantas vezes não foste minha! De facto, como passaram depressa aqueles dias em que ficou tudo por dizer, em que rimos tão pouco e que mais saudades me deixaram de uma convivência que eu saboreei gulosamente e é para mim das raras sobremesas apetecíveis.

Quando voltará sem carácter oficial – só para conversar e passear e rir?

Olhe que a sua cura está muito no convívio de uma pessoa como eu – tão feliz no assunto que até as minhas descrenças a divertem.

Recorda-se? Vidro inquebrável, amor platónico...

Onde eu dizia: não acredito no talento, queira substituir por acredito no talento.

Tola que eu era! E como eu sou ignorante! Prefiro pertencer ao sexo – quanto mais tu me bates...

---

<sup>718</sup> Id., *ibid.*

<sup>719</sup> Idem, p. 12.

<sup>720</sup> Id. *ibid.*

<sup>721</sup> Carta manuscrita de Marta Mesquita da Câmara a Maria Lamas, datada de 26 de Junho, sem indicação de ano. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.182.

Se a minha voz se ouvisse, eu proporia em altos gritos a reabilitação do número 2 que, para bem da humanidade, não devia afastar-se da harmonia nem do programa que Deus lhe traçou no paraíso.

Eu bem sei que o diabo se mete muitas vezes de permeio, a estragar o programa, mas, mesmo assim, bendito seja o sexo barbado e mais as maldades com que ele concorre para o nosso bem! Cá estou eu a filosofar, mas não perdi o meu tempo pois tenho a certeza de que a fiz rir e talvez ainda não tivesse rido hoje...É verdade?

Posso-lhe dizer que o riso faz tanta falta como o ar que respiramos.

O riso é a janela por onde se escapam as melancolias que temos cá dentro!

Sabe? Está hoje um dia lindo. Um casal dos meus canários está a fazer ninho. A minha miosótis está toda em flor. Em cada florinha azul parece-me ver um coração a dizer: não me esqueças... não me esqueças...

Com um dia destes, ainda se acredita que há coisas boas na vida!

Quero ver se esta linda primavera que começa a humanizar a temperatura agreste que tem feito, me ajuda a terminar uma coisa que quero publicar lá para o Outono.

Sinto-me mais poeta do que nunca!...

Vou terminar, querida Maria seguindo o seu conselho, envio-lhe papelinhos respeitantes àquela colaboração atrasada.

Quer que lhe mande uns versos bonitos (!?)

Escreva! Tenha saúde e cultive a boa disposição.

Diga-me para onde posso escrever um cartão ao casal simpatiquíssimo de quem não pude despedir-me e do que estou envergonhadíssima.

Contava que se demorassem mais um dia e fiquei deveras desapontada.

Pode comunicar a Madame Arruda e a seu marido isto mesmo?

Adeus querida Maria.

Não releio esta missiva porque não lha mandaria.

Desconfio que escrevi verdadeiramente «à la diable».

Um abraço apertado e as melhores saudades da sua admiradora Marta

Emília Sousa Costa (1877-1959) tece as seguintes palavras<sup>722</sup> acerca da autora:

Inteligência superior, orientada pela graça alada duma alma amorosa que suavíssima bondade ilumina, Rosa Silvestre é a Mulher a quem as suas camaradas e todas as artistas mais devem. Numa campanha nobre e generosa, ela fez incidir, sobre o espírito ignorado ou mal amado do sexo feminino português, a forte luz revelada da sua virtualidade artística, do seu poder criador.

Já Oliva Guerra (1898-1982) dedica à escritora o seguinte poema<sup>723</sup>:

Deus deu a todas as flores  
Um papel na nossa vida:  
Transmitir-nos a beleza  
Que em si trazem recolhida.

Rosas, cravos, açucenas  
Seus encantos sem igual  
Revelam aos nossos olhos  
Nos jardins de Portugal.

<sup>722</sup> Documento datado de 11 de Maio de 1933. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 27, referência 2.34.

<sup>723</sup> Documento datado de 11 de Maio de 1933. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 27, referência 2.34.

Há, porém, uma entre todas  
Que, sem nascer em jardim,  
Tem mais graça que as violetas,  
Mais doçura que o jasmim.  
É essa a «Rosa Silvestre»  
Modesta flor dos montados...  
Há tão íntima harmonia,  
Tão fidalgos predicados  
Em seu espírito singelo,  
Que, por estranha magia,  
Tudo aquilo em que ela toca  
Prontamente torna belo  
E a quantas almas se acerquem  
Logo atrai e alicia.

José de Esaguy (1899-1944)<sup>724</sup> dedica, em 1938, um soneto a Maria Lamas, com o título curioso de um ponto de interrogação:

?

Uma tragédia enorme, incompreendida,  
Mais profunda que o abismo dalguns mares,  
Invadiu a minh'alma e toma os ares  
Duma vida desfeita noutra vida.

Lá na luz dos teus olhos singulares,  
De natureza triste e diluída,  
A beleza duma esperança já perdida  
Tem a magia branca dos luares.

Se este amor não morreu, não tem ventura,  
Terá de prosseguir na senda escura  
Do castelo, em ruínas, onde habito.

No sonho irreparável do inconsciente  
Eu hei-de procurar-te eternamente  
Oh visão misteriosa do Infinito!

Em 1941, Helena Sousa Costa Belo Correia (? -?), escritora que usou dois pseudónimos, a saber, Leonor de Campos e Maria Saavedra, publicou *Toca a Brincar!:* *Jogos Infantis* (1929), tradução e adaptação; *Caladinhos! Ora Escutem!* (1931); *Mestre Lobo e as três Cabrinhas: Contos e Lendas Populares de Vários Países* (1932); *Aventuras de João Espertalhão* (1933); *O Gato Relógio* (1941); *Vejam-se neste Espelho* (1942); *Bichos, Bichinhos e Bicharocos* (1944); *Os dois Compadres Marotos e outros*

---

<sup>724</sup> Poema de José de Esaguy dedicado a Maria Lamas, escrito em Tanger em 17 de Março de 1938. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, Caixa 27, referência 2.34.

*Contos* (1944) e *Bichos Aventureiros* (1945), fazia, também, parte das relações de amizade de Maria Lamas. Eis o que lhe confia<sup>725</sup>:

Minha querida Amiga

Um grande abraço de reconhecimento pela sua carta. Ela veio na melhor das ocasiões. Eu estava resolvida a deixar-me cair – ou antes – não estava resolvida a coisa alguma. Dentro de mim por várias vezes se têm travado grandes lutas entre a minha inteligência e a minha sensibilidade. A primeira manda-me trabalhar e tentar avançar. A outra pergunta apenas: Para quê?

Nunca fui vaidosa nem tinha de quê. Nunca ambicionei ser grande escritora, porque não sinto dentro de mim a chama sagrada, porque sei que nunca poderei ultrapassar o sofrimento. Falo-lhe com o coração nas mãos, como se conversasse comigo mesma. A minha única ambição, desde que me conheço, foi ser uma boa recitalista. Não pude realizá-la! Pois agora, tenho ocasiões, muitas ocasiões em que penso: talvez fosse um bem o terem-me impedido de continuar a recitar! Recitar... para quê?

É possível que este desalento seja provocado pelo meu prestante? Momento homo – sabe a quem me refiro –, que, por todos os meios, busca amachucar-me a vaidade. E assim, de há quinze anos para cá, todos os meus dias são de cinza. Se eu o não soubesse ainda, teria quem de bom grado me lembrasse de que, se fisicamente nada valho, intelectualmente sou uma autêntica desgraça – espírito infantil, um tanto imbecilizado, sem graça e sem arte... e etc. ... etc. ... Quanto ao moral ...sou igualzinha a todas as outras!

Desta forma, ainda que eu tivesse asas, não poderia voar.

Contudo, depois da sua carta muito amiga, senti-me invadir por uma nova onda de coragem... E aí vai uma novela original, que revela principalmente coragem. Vai hoje, vai já. Amanhã não sei se lha mandaria. Se soubesse a quantidade de coisas começadas e não terminadas que enchem as minhas gavetas!...

Perdoe, queridíssima amiga, este desabafo. Mas de vez em quando é uma necessidade abrir o coração a quem nos entende... e nos estima.

Desejo à sua netinha, assim como aos outros e às suas filhas, as melhores venturas.

Afectuosíssimos cumprimentos de meus Pais – muito abatidos e fatigados – e de meu marido.

Os meus filhos não a esquecem e muito se recomendam.

Abraça-a com muita saudade a amiga sincera e gratíssima, Helena.

Em Outubro, Helena Sousa Belo Costa Correia<sup>726</sup> volta a escrever a Maria Lamas, agradecendo-lhe pela sua interferência junto da escritora Lília da Fonseca (1916-?):

Minha querida amiga

Que bem me fez a sua carta!...

Afinal... sempre sou vaidosa.

Embora com a certeza de que as suas afirmações a meu respeito lhe são ditadas pela sua sólida e boa amizade, não pude deixar de me envaidecer com elas. E tanto assim que a mostrei aos meus Pais, aos meus filhos e até ao meu marido. No dia em que a recebi, rejuvenesci dez anos. É tão bom sentir-se a gente estimada e acarinhada!...

Muito, muito lha agradeço. E muito lhe agradeço também o ter-se lembrado de mim, indicando-me à Lília Fonseca. Foi ótimo!

<sup>725</sup> Carta manuscrita de Helena Sousa Costa Belo Correia a Maria Lamas, datada de 20 de Setembro de 1941. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.102, transposta para a caixa 70.

<sup>726</sup> Carta manuscrita de Helena Sousa Costa Belo Correia a Maria Lamas, datada de 14 de Outubro de 1941. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.102, transposta para a caixa 70.

O livro que ela me encomendou é sobre cozinha. E nesse mundo tenho muita coisa nova, pois há já seguramente quatro anos andava a rebuscar, por toda a parte, no intuito de fazer um livro desse género.

Raquel Bastos (1903-1984)<sup>727</sup>, escritora, escreve a Maria Lamas a agradecer o artigo elogioso, do seu livro *Destino Humilde* (1942):

Senhora D. Maria Lamas

Venho agradecer-lhe afectuosamente o seu artigo sobre o «Destino Humilde» saído no último número do «Modas & Bordados», e as suas palavras cheias de simpatia e bondade. A senhora D. Maria Lamas tem sido sempre tão gentil para mim que nem sei como lhe hei-de agradecer. As suas palavras elogiosas, que mais valores têm por virem duma mulher e duma escritora, chegam até mim repassadas duma simpatia e bondade que muito me comovem. Era isto que lhe queria dizer, e ainda que o seu rosto é o reflexo de todas essas coisas boas de que a sua alma está cheia. A minha Isabel Maria recebeu «O Vale dos Encantos», interessantíssima história dum grupo de pequenos, tão bem movimentado, que leu dum fôlego. Como ela gostou da Luzinha! É que de facto, há tantas afinidades entre ambas! Era outra vida da imaginação, mundo aparte, diferente para cada uma, descobriu-o também a Isabel Maria, e de tal maneira crê na autenticidade dum ser inocente, que muitas vezes, mistura a vida real com a outra, procedendo em ambas de igual maneira. Isto às vezes desequilibra um pouco os seus nervos. [...] Creia pois na maior simpatia e admiração da Raquel Bastos.

Fernanda Barreira (? -?)<sup>728</sup>, iniciou-se na tradução, com *Brigitte e a Alegria do Lar* de Berthe Bernage (1886-1972), em 1946, tendo participado com textos inclusos na revista *As 4 Estações*, apesar de a autoria não estar identificada. Em 1949, escreve a Maria Lamas<sup>729</sup> a desculpar-se sobre o atraso do envio dos textos e a lamentar-se da sua vida e das suas preocupações, o que revela a faceta de apoio de Maria Lamas e a confiança:

Excelentíssima Senhora

Dona Maria Lamas

Desculpe-me. Eu fui muito incorrecta para consigo prometendo-lhe um artigo que não pude escrever. Esteve à minha espera, eu sei, e eu consegui ser o mais deselegante e desonesto possível, não a prevenindo de que aí não ia. Não o fiz por vergonha, mas por falta de tempo. Ainda que o tenha, só me apetece dormir, coisa que aliás também não posso fazer. O que me acontece é a história de sempre: Tenho um filho pequeno, o marido numa casa de saúde e não tenho emprego. O tempo perco-o a caminhar de empresa para empresa onde deixo a esperança de me empregar além das habilitações, nome e morada. Trago sobre as costas o peso

<sup>727</sup> Carta manuscrita de Raquel Bastos a Maria Lamas, datada de 18 de Janeiro de 1943. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.98.

<sup>728</sup> Fernanda Barreira traduziu *A Fantástica Expedição Star* (1964) de Charles Louis Soulevier (? -?), pseudónimo de Charles Bracop, *Os Submarinos* (1964) de E. C. Stephens (? -?), *Um Amor* (1967) de Dino Buzzati (1906-1972) e *Moisés e o Senhor Levi* (s. d.) de Pitigrilli (1893-1975), pseudónimo de Dino Segre.

<sup>729</sup> Carta manuscrita de Fernanda Barreira a Maria Lamas, datada de 27 de Setembro de 1949. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.90, transposta para a caixa 70.



enorme do desânimo e nos ouvidos o zunir de promessas mentirosas. Eu prefiro o «não há» categórico. Mas é difícil dizê-lo, ninguém gosta de ficar mal visto...

Sr.<sup>a</sup> D. Maria, se ser heroína é conseguir passar fome para manter marido e filho, eu sou heroína. Mas de que servem heroísmos se a minha fome não alimenta ninguém? Se busco trabalho e é em vão? Se tudo aquilo que aprendo e aprendi se torna abstracto, e completamente nulo na vida de trabalho?

Se me permite, sábado irei procurá-la e levar-lhe-ei alguma coisa do que tenho escrito.

Mais uma vez lhe peço perdão. Se a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lamas precisar de qualquer trabalho antes dessa data peço-lhe que me avise para aqui.

Saudações respeitosas

Consideramos que a correspondência mostra bem o carácter de Maria Lamas. Através dela, conseguimos verificar o grau de relacionamento, a confiança e a admiração que os interlocutores demonstram pela escritora. Torna-se, por isso, por vezes necessário a transcrição da totalidade de algumas cartas.

Em 1954, quando estavam a ser publicados os folhetos de *A Mulher no Mundo*, e a autora pensava em reeditar os livros infanto-juvenis, António Alçada Baptista escrevia o seguinte:

Minha querida amiga:

A sua carta veio encontrar-me ainda não refeito dum Verão que me fez mal. Estive quatro meses no Estoril, em casa dos meus sogros, com muita gente, sem os meus livros e a minha neta e tudo isso deu cabo de mim. Não que eu seja uma pessoa de meditação diária mas se de oito em oito dias não estou a sós comigo ou se vivo fora da possibilidade de o fazer sinto que me desintegro completamente. Diz-me o P. Antunes que eu mais que pecados tenho «estados». Sinto que é assim. Mais que a ligação concreta entre a minha consciência e determinados actos sei que vivo climas de maldade ou indiferença e climas que podem estar referidos a uma certa virtude. Dentro desta perspectiva é que este Verão me correu muito mal e que não consegui manter um mínimo de vida interior, um mínimo de domínio de mim mesmo que pudesse determinar ou valorizar uma qualquer acção. Ficou-me ao menos o desejo e a intenção de me não demorar tanto tempo fora de minha casa. Até isso me fez pensar em si e no seu constante saltitar duma casa para outra. No que isso lhe deve custar embora em todas elas tenha braços bem abertos a estimá-la!

Estive em Paris uns dias com minha mulher e aquele casal amigo em casa de quem estivemos este Verão. Vimos bom teatro e soube-me bem conviver com aqueles meus amigos de Paris que tanto me estimulam sobretudo o Jean-Marie Domenach, o Paul-André Lessort e o Montaron. Ainda telefonei para o Robert Barrat (H. de Dampierre) mas não tive a sorte de o encontrar. Fora isso – e já não é pouco – muito me impressionou o estado de espírito daquela gente – uma disfarçada inquietação que os faz sós e de que o erotismo dos filmes da «nouvelle vague» é a meu ver uma fuga. Creio que era Mounier que dizia que a carne era a primeira forma de comunicação.

A sua carta veio fazer-me muito bem. Veio chamar-me a esta primeira responsabilidade de mim para comigo mesmo e veio dar uma esperança a este meu quase constante diálogo com os meus próprios fracassos – digo-o com sinceridade. A sua visita a Lisboa vai dar com certeza ocasião a que falemos também sobre este assunto.

Quanto ao problema que me põe da edição do livro infantil só a Ática tem estado a fazer edições para crianças, com um certo nível e com certa regularidade. A Directora literária é a Helena Cidade Moura – filha do Hernâni Cidade – com quem tenho as melhores relações. Se não tem outra pessoa para a Ática eu poderia tentar essa via e fá-lo-ia com o prazer que ponho em qualquer coisa que me venha da sua mão.

Já vi o primeiro fascículo da sua obra. Está muito bem apresentada e tenho vendido alguns na livraria. Creio que se vão sair bem deste empreendimento.

Nalgumas colecções que vão sair gostaria de contar com a sua colaboração. Nomeadamente numa colecção de espiritualidade – não especificamente católica – que tenho em mente fazer sair. Logo que estiver planificada e tenha em meu poder os direitos de dois livros da Simone Weil que conto lá meter eu escrever-lhe-ia uma palavrinha sobre a tradução. Está bem?  
Mais uma vez lhe agradeço a sua carta. Minha mulher manda também muitas saudades. De mim um abraço cheio de amizade e gratidão.<sup>730</sup>

Vergílio Ferreira (1916-1996)<sup>731</sup> escreve algumas vezes a Maria Lamas, sempre num tom respeitoso e confidencial:

Sr.<sup>a</sup> D. Maria:

Aniquilado de constipações e dos trabalhos do êxodo de Évora, – escrevo-lhe. Não é esta a carta que desejo para a sequência das nossas novas palestras, mas tão-só a que se resume num breve saudar. Bom dia! Como vai passando? Engrenou já num trabalho produtivo? – O trabalho com que sonhava? Eu, – uma desgraça. Lembra-se do desafio do Rastignac<sup>732</sup> (de Balzac) à cidade de Paris «agora nós»? Eu nem imagino tal bravura; e aspiro apenas a que Lisboa passe, em suma, se cumpra e me deixe em sossego no meu canto. Mas não é fácil: por intermédio dos seus constantes emissários da água, da luz, do telefone, do diabo, não me dá um momento de tréguas. (Sim,) já temos telefone. É o número 734045. Peço-lhe o transmita aos amigos para o que desejarem.

Dos meus livros, um está pronto e em breve lho enviarei; outro entrou em composição e aparecerá até ao fim do ano. Gostaria de que uma opinião sobre cada um assentasse na leitura de ambos. Mas há um intervalo grande na sua publicação.

E aqui me quedo hoje: de cérebro agitado pelas constipações, aguardo se consolide para uma conversa menos desinteressante.

Até lá, peço transmita os nossos cumprimentos à M<sup>a</sup> Cândida e Fr<sup>o</sup> José, e distribua beijos pela pequenada.

Cumprimentos da minha mulher para si e saudades muito amigas do Vergílio Ferreira

Vergílio Ferreira<sup>733</sup> torna a escrever a Maria Lamas em Outubro e aborda o seu novo romance *Aparição* (1959):

Sr.<sup>a</sup> D. Maria:

Não estamos de modo algum ofendidos por não ter aparecido: ficámos simplesmente contristados. Embora não fosse fácil restabelecermos a nossa agradável conversa de Évora pela falta de tempo e de intimidade, ser-me-ia ainda assim de muito gosto trocar duas ideias. A nossa vida aqui vai engrenando. Mas com dificuldade porque tudo são resistências desde a casa, às relações, aos hábitos de vida. Por mim, adoptei o programa de trazer comigo a Província e de me instalar nela. Assim pouco me publico. Tivemos aliás, excelente recepção da gente conhecida – até da conhecida por via epistolar. Mas procuramos instintivamente uma lenta assimilação, já que toda esta gente tem os seus círculos fechados com hábitos sedimentados em longos anos. Também os encontros não são tão fáceis até pelo tempo que absorvem. Em todo o caso, o círculo

<sup>730</sup> Carta manuscrita de António Alçada Baptista a Maria Lamas, datada de 8 de Novembro de 1954. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.39.

<sup>731</sup> Carta manuscrita de Vergílio Ferreira a Maria Lamas, datada de 1 de Outubro de 1959. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.215.

<sup>732</sup> Trata-se de uma personagem criada por Honoré de Balzac que não olhava aos meios para obter os fins.

<sup>733</sup> Carta manuscrita de Vergílio Ferreira a Maria Lamas, datada de 25 de Outubro de 1959. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.215.

do Mário Dionísio tem sido o mais abordado por várias afinidades, velho conhecimento e facilidades de vizinhança: ele mora aqui a dois passos e trabalha no meu liceu. Seduz-nos nele e na mulher uma certa saúde e honestidade. São, além disso, inteligentes. Mas chocou-me de início que todos estes amigos pratiquem nas relações uma aparente indiferença pelas questões que mais importam. A sociabilidade exerce-se nos limites do passatempo. Assim o santo – e – senha é o riso. Rimo-nos e é tudo. Mas eu desabitei-me de rir e tenho por isso de me violentar para não desafinar muito. As gentes do referido círculo têm os seus encontros (além de nos serões) num «café» algo distante e à porta da Bertrand pela hora do pavoneio que é às 5. Mas além de que a Baixa é longe, a hora é-me assassina, pois liquida-me a tarde. E assim não apareço com espanto amável e amável censura dos que aparecem.

Dos livros, «Aparição» está já a imprimir. Se alguns exemplares já tiver quando formos a Évora (que é pelos anos da Dorinha) levarei o da Sr.<sup>a</sup> D. Maria. Tenho esperanças no livro como as não tenho no outro: este oferece ao leitor o aperitivo de uma «história». O da “Ulisseia” está pronto há já tempo. Mas não sei por que sombrias manobras nem sofrer me deram ainda um exemplar. Comportaram-se muito insolentemente e eu desisti de me interessar pelo romance; e já agora ser-me-ia agradável que não aparecesse tão cedo para não se meter ao caminho do outro. Assim nestas ocupações e adaptações, quase nada tenho feito. Puxo actualmente a 2 romances à espera de que um se me adiante para largar o outro. Mas trabalho sem entusiasmo, quase mesmo sem convicção. De qualquer modo, este será um ano perdido para mim – que será decerto um modo de ser ganho para os outros.

O concurso dos Livros do Brasil foi um pequeno fiasco. Não me refiro apenas à qualidade dos que concorreram, mas à organização. Disse o que pensava ao Sousa Pinto. Pois nem sequer se compensaram as obras mais «notadas» com a possibilidade de edição – menos o prémio? Aliás as condições do Prémio são paradoxais. Porque se pretende uma obra de nível internacional. Ora eu desconfio que uma obra notável ou imita as que o são – e não é original; ou não imita e nesse caso quem é que a vê? O Jorge Sena declarou que nenhum livro se poderia apresentar no Brasil. No Brasil? Do Veríssimo e Jorge Amado? Que modéstia!

Mas falemos de si. Antes de mais, muito e muito obrigado pela oferta da Mitologia. Mas engana-se bem se pensa que a não leio. Lerei! E com proveito certo. Sobre o modo de enviar-ma – não sei. Gosto de ler sempre com lápis. E o resultado é que ao encadernar-me o livro, o encadernador corta-me a palavra metendo-me o cutelo às minhas observações. Sigo pois agora o método de só ler no fim – o volume inteiro. Como além disso mudaremos de casa pela Páscoa, haverá talvez perturbação na mudança de endereço (como tem havido com outras publicações). A Sr.<sup>a</sup> D. Maria, pois, decidirá, com a certeza prévia de que de qualquer modo lhe fico agradecido.

Esplêndido que se sinta bem nas suas instalações. Sinto-as daqui: o belo halo do Centauro, o silêncio dessa cidade extraordinária, o tempo longo dos dias inesgotáveis. (A propósito, não sei se lhe disse que Aparição se passa em Évora. É uma cidade ideal para que apareçam as verdades do Orfeu. Enlevo-me com a cidade, não com os cidadãos: aguardo quais as cacetadas da ordem. Mas eu já tenho o corpo negro e vou ficando malhadiço). Não deixe pois de aproveitar a sua rara experiência da vida e as ótimas condições que achar para trabalhar – e escreva o seu livro. Aguardo-o com enorme curiosidade e interesse. Trabalhe! E leve para o seu livro o espírito livre, em inteira dádiva.

Saudações aos amigos (Silvas, Infantes e Brancos).

Os nossos cumprimentos para Maria Cândida e Fr<sup>o</sup> José. Beijos à pequenada. Saudades para si da minha mulher e de mim. E até breve. Vergílio Ferreira.

Rogério Fernandes<sup>734</sup>, professor universitário, dedicado à área da educação, compilou a *Obra Filosófica de Vieira de Almeida* (1986), traduziu *Regresso ao Admirável Mundo Novo* (1978) de Aldous Huxley (1894-1963) e *O Sagrado e o Profano* (1980) de Mircea Eliade (1907-1986), faz, também, parte do núcleo de conhecimentos de Maria Lamas. Senão, vejamos:

<sup>734</sup> Carta manuscrita de Rogério Fernandes a Maria Lamas, datada de 23 de Janeiro de 1972. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.199.

Querida Senhora D. Maria Lamas:

Fazemos os melhores votos, a Graça e eu, pela sua boa saúde. Lembramo-nos muitas vezes da Senhora D. Maria, como acontecia aqui em Lisboa, apesar de esta vida absorvente em que andamos nem sempre nos permitir ver com frequência aqueles por quem temos afecto e admiração, – e a Senhora D. Maria é precisamente uma dessas pessoas da nossa “devoção” (passe o termo...)

O nosso amigo Mário Neves, a quem eu já não via há muito, e com quem estive ontem, tem tido algumas preocupações com o Hermano, mas parece que o mau tempo já passou. O «Diário de Lisboa» caiu precisamente naquilo que ele vaticinava – e que tão pouco compreendido foi por tantas pessoas. Parece que toda a gente está a abandonar o jornal: o Victor Direito vai para a «República», segundo me dizem, o Silva Costa e o Azevedo para o «Jornal do Comércio», a Antónia de Sousa para a «Flama» ... Enfim, toda a gente válida está a procurar outros jornais – e até o Casteira (?) se foi oferecer à «Capital».

Neste último, o ambiente, porém, não é nada salutar. Eu irei possivelmente para a «República», embora com grande prejuízo financeiro. Mas não tenciono demorar-me muito tempo no jornalismo. Voltarei para o ensino, se puder voltar de cabeça erguida. Julgo que o meu trabalho não será inútil nesse campo. Isso não significará, porém, que abandone a colaboração na Imprensa diária. Dentro das redacções, porém, é que não quero ficar senão temporariamente.

Disseram-me que a Senhora D. Maria está a escrever o «Itinerário Romântico da Madeira». Recordo-me de a ter ouvido falar em Paris acerca da sua ilha e estou certo de que lhe sairá das mãos um dos livros mais autênticos que poderíamos ter sobre o tema.

Já lhe tomei tempo demais com a minha tagarelice. Renovo os mais sinceros votos de boa estadia. Um abraço e um beijo muito amigos da Graça e do Rogério Fernandes.

Idalécia Cabrita Costa<sup>735</sup>, que assina as cartas como Maria Carlota, escreve a Maria Lamas, que se encontra em S. Mamede de Infesta, a expor-lhe os seus problemas e a agradecer o encontro entre ambas:

Senhora Dona Maria Lamas

Os meus agradecimentos pela entrevista em meu poder desde sábado e que li num fôlego, tão desejosa estava dela e tanto me interessou. Creio muito breve poder informar a Senhora Dona Maria Lamas da data da sua publicação e, se ainda se encontrar em S. Mamede, eu própria terei o cuidado de providenciar para que V. Ex.<sup>a</sup> a receba aí.

Não posso deixar de me sentir cada vez mais grata pela maneira como me vem tratando e pela possibilidade que me oferece de podermos conversar, se eu quiser. Pois como poderei não querer estar com a Senhora Dona Maria Lamas? Como poderei não desejar escutá-la sobre o jornalismo, a mulher, a criança...? Nunca ousaria, sim, pedi-lo. Porquê? Por tudo: a minha insignificância, a admiração e respeito que o nome «Maria Lamas» me infunde, o receio de não saber corresponder, o medo de pessoalmente desagradar...

É verdade, por tudo.

Pode agora a Senhora Dona Maria Lamas adivinhar o que terei sentido por me dizer “sinto desejo de conversar consigo e pressinto que vamos ter muitas coisas a dizer uma à outra, acerca...”. Sinceramente, Senhora Dona Maria Lamas, esperava muito da sua bondade, mas tanto não. Vou esperar – ansiosa mas sem pressa, será quando a Senhora Dona Maria Lamas puder – a sua chamada, mas quero já dizer que a mulher e a criança são temas que me interessam profundamente e que, no meu jornalismo modesto e amador, tenho referido muitas vezes, mais no «Jornal do Algarve» do que em «República». Igual acontece com o livro infantil, género

<sup>735</sup> Carta manuscrita de Idalécia Cabrita Costa a Maria Lamas, datada de 3 de Maio de 1972. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.237. Idalécia Costa publicou, com o pseudónimo de Marina Algarvia, os seguintes livros: *Treze Dias com Flor de Amendoeira* (1968); *O Gato da Quinta Azul* (1974); *O Sol* (1978); *O Gato de Caça e o Gato de Raça* (1980); *A Formiga Ladina* (1985); *Salutarico e o Copinho de Prata* (1985); *O Rato e o Rouxinol* (1986); *O Coelhoinho e o Pico* (1990) e *As Aventuras da Patinha Mimi* (1992).

literário em que dei grande colaboração (grande em presenças porque escrevi bastante, não em qualidade) à «República dos Miúdos», entre 1950 e 1960, com os pseudónimos de Flor de Amendoeira e Marina Algarvia. Também com este último pseudónimo publiquei um livro de contos para crianças, mas um livro sem “história”, ou antes com uma história muito triste: dois anos e meio após a sua publicação, o editor vendeu-o sem me dar conhecimento, ao quilo, a um livreiro de Lisboa.

Tomei-lhe já muito tempo, Senhora Dona Maria Lamas e peço me desculpe, mas senti que tinha de falar um bocadinho de mim para que, sabendo V. Excelência o meu pouco ou nenhum merecimento no campo das letras, não faça de mim uma ideia que a minha presença destrua.

Muito obrigada pela paciência com que me leu e os meus cumprimentos de profundo respeito e gratidão. Maria Carlota

Hermano Neves (? -?)<sup>736</sup>, conhecido de Maria Lamas, não hesita em recorrer à sua ajuda para a entrada no meio literário português, bem como a desabafar a sua intimidade:

Minha Querida Maria

Ando há muito tempo para falar consigo, ou para lhe escrever, mas a oportunidade ainda não surgiu. As minhas coisas têm andado complicadas pelos motivos habituais:

-falta de incentivo para qualquer criação pessoal;

-desequilíbrio afectivo;

-impossibilidade de viver completamente à margem – do dinheiro, das pessoas e da própria estrutura social.

Claro que tudo isto está intimamente ligado e sei muito bem que, no meu caso, tem produzido repetidas situações – limites com todas as consequências inerentes.

Enfim. Tudo isto é bem claro para mim e sinto que preciso de me libertar uns tempos de quaisquer peias e escrever, agora, o fruto de uma experiência tão rica como a que tenho vivido.

Simplesmente, preciso de estabelecer uma certa despreocupação dentro da minha situação tão preocupante e não sei ainda bem como o conseguirei.

Para já, necessito de curar as mazelas dos últimos traumatismos afectivos e distanciar-me um pouco (no espaço e no tempo) de tudo o que vivi ultimamente.

Felizmente, o pai parece agora compreender-me melhor, aceitar-me e até ajudar-me dentro do que pode.

Assim, conto partir dentro de 8-10 dias para a Madeira, só, desejoso de me reencontrar, de ter calma suficiente para olhar para trás e de poder programar o futuro mais imediato, que é a escrita de um livro que anda a amadurecer (cá dentro) há mais de três anos.

É muito possível que lhe escreva da Madeira uma outra carta, bem diferente, a tratá-la por tu, e a abrir-me mais concretamente sobre os meus assuntos.

Por agora, venho sobretudo pedir-lhe um conselho e um (possível) favor.

Ando há muito tempo a olhar para o «meio literário» português. Não me convence nem me interessa, depois de alguns primeiros contactos. Mas, por outro lado, custa-me que ande por aí tanta gente a intitular-se escritor e poeta quase-profissional, enquanto eu não passo (segundo eles) duma espécie de «boutade», de menino-mais-ou-menos-caprichoso, com relações influentes e que se pode ter dado ao luxo nem sei bem de quê...

---

<sup>736</sup> Carta manuscrita de Hermano Neves a Maria Lamas, datada de 17 de Junho de 1972. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.104, transposta para a caixa 70. Hermano Neves traduziu para francês *Poèmes Clandestins* com a colaboração de Josiane Bolzoni e Oriel Markham, em 1967. Publicou, também em língua francesa *Les Lapidés* (1968), *L'Impudique Poursuite* e *L'Important C'est Aimer...*, ambos em 1969.

Ora, para além de tudo, há algumas (poucas) pessoas que sabem que não é bem assim. Há até quem me respeite como poeta e escritor, fora de nossas fronteiras...

Mas, até agora, ainda não consegui descobrir maneira de publicar em Portugal qualquer dos meus escritos.

Para já, estava interessado em tentar a publicação da minha poesia, que começou por ser feita em português, para depois tomar expressão francesa, mais tarde inglesa e, posteriormente, com o regresso, novamente portuguesa.

Falei nisto ao pai e ele sugeriu-me que consultasse a Maria, que está agora em contacto com pessoas aí do Porto – creio que o pai se refere à «Inova» – a quem poderia falar no meu problema.

Se, realmente, lhe parece possível tentar esses contactos, eu mandava-lhe imediatamente o original ou, no caso de já ter partido, o pai o faria por mim.

Desculpe o abuso, mas, como sabe, nós cá andamos agarrados à esperança de uma ocasião...

Espero que tudo esteja a correr bem pelo seu lado. E, sinceramente, anseio por poder escrever-lhe, da Madeira, a carta de que falo atrás. Um abraço e um beijo muito amigo do seu Hermano

Hermano Neves<sup>737</sup> agradece a Maria Lamas a carta enviada e dá-lhe conta do seu apreço e da sua consideração, solicitando de novo o seu apoio:

Querida Maria: A sua carta foi como uma flor maravilhosa que atravessasse a tristeza cinzenta que me envolve e quase asfixia... Bem-haja, querida amiga!

Anseio por ler as suas palavras sobre o ITINERÁRIO e conhecer a decisão das pessoas da Estampa, de quem tive referências muito boas.

Isto vai muito mal, pelo meu lado. A família pôs-me completamente de lado, nem sequer tratam de me enviar a papelada e alguma roupa que me fazem imensa falta. Escrevi ao Aníbal Trindade, perguntando o que pensava de se fazerem tapeçarias sobre os meus desenhos, e nem sequer me respondeu... Os amigos esqueceram-me, ninguém me escreve, não recebo, daqui ou daí, uma única palavra de encorajamento – excepto as suas.

Com tudo isto, não tenho conseguido escrever. O dinheiro escoa-se, abuso de bebidas, arrasto-me como posso, tentando resistir à tentação do suicídio ou do novo regresso a esse exílio tão perigoso e desalentador...

Felizmente, há agora muita coisa importante para ver. Os cinemas estão cheios de filmes duma nova linha. Os teatros também. Há exposições, há gente, mesmo se cada um anda demasiadamente preocupado consigo mesmo para poder atender um pouco os outros. Sou, de resto, injusto. Já fiz muitos amigos e muitos deles nossos compatriotas, de variadas idades, origens, classes... e aproveitamos saudavelmente os momentos de que podemos dispor juntos.

A minha grande tristeza provém da falta de um verdadeiro equilíbrio afectivo. Foi sempre o mesmo problema... Apaixonei-me aqui por uma jovem colega da minha irmã, companheira de Caxias, bióloga... cheia de problemas e de arrogância desta nova mulher que se pretende emancipada – sem o ser. Doe-me muito na altura, mas já recuperei. Pedi depois à Lena para vir passar uma semana comigo. Fomos muito felizes, pedi-lhe mesmo que ficasse para sempre, mas a Lena habituou-se a ser emancipada demais, a fazer face aos seus próprios problemas, à custa da cupidez do homem. E habituou-se a gastar muito dinheiro, o que é inoportuno para mim, nesta altura. Além disso tem um carro em Lisboa e um apartamento, que poderia, respectivamente, vender e alugar, para vir viver comigo. Partiu há dias; não sei o que decidirá... Ando desorientado! Porque, no fundo, gosto muito dela e reconheço que, com todos os defeitos, as diferenças culturais e os maus hábitos, é uma mulher muito dedicada que me ama também. Mas exige tal esforço de «amansamento» (no sentido Shakespeariano, bem entendido), que me esgota os nervos. Não sei... depende muito do que ela resolver. Ajudaria, se a Maria tivesse com ela uma conversa? A Lena respeita-a muito e talvez lhe ouvisse os seus conselhos...

Se quiser telefonar-lhe, o melhor será pelo fim da manhã, até às três da tarde, para o 931194.

<sup>737</sup> Carta manuscrita de Hermano Neves a Maria Lamas, datada de 6 de Janeiro de 1973. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.104, transposta para a caixa 70.

Sem resolver a minha vida afectiva, não consigo andar em frente... Mas, é evidente, nada posso resolver também sem conquistar uma certa segurança material que o mundo organizado se obstina em me negar!

E é este o drama que nem sequer me permite continuar uma obra que há-de ficar pelo que vale, quer eles queiram, quer não!

Apesar de tudo, vou sentindo cada vez mais gente a respeitar-me. Mas é tudo tão difícil! E quem me poderia ajudar, está-se nas tintas!

Vamos a ver, Maria. A sua carta (e esta resposta minha) ajudou-me a levantar o moral. Oxalá possa auxiliar-me nas coisas que lhe peço.

Desculpe estes desabafos. Mas estou tão sozinho !!!...

Um beijo muito grande e apertado. Até muito breve, pelo correio, bem entendido. Boa coragem, como eles cá dizem, os franceses dum raio...

Muito dedicadamente seu Hermano

Sempre bastante solicitada, Maria Lamas recebe em 1973, mais duas cartas de Hermano Neves. Sempre encorajadora de vontades e apoiante de projectos literários eis o que lhe escreve Hermano Neves<sup>738</sup>:

Querida Maria:

Muitíssimo obrigado pela sua carta de há uma semana. Sempre que me escreve, sinto-me comovidíssimo e quase tenho remorsos de a vir incomodar e preocupar tão frequentemente – sobretudo por saber tão bem como está sobrecarregada pelos seus próprios problemas, trabalho e preocupações.

Mas a Maria é praticamente a única pessoa que me conhece e compreende, que me escuta e encoraja e que se dá ao trabalho de tentar ajudar-me na minha trágica carreira literária.

Bem-haja, pois, por toda a ajuda e interesse na eventual publicação da minha poesia e oxalá os seus esforços consigam obter algum resultado concreto – que certamente, a alegraria e me daria, a mim, um certo alento nesta fase difícil.

Na verdade, estas vindas e idas reflectem bem o estado de crise em que tenho andado – sobretudo, creio eu, como uma última tentativa desesperada para me ver realizado como escritor, embora agravado pelas preocupações de ordem financeira e afectiva que tão bem conhece...

Claro que, lucidamente, sei muito bem o que o mundo é (o que aqui ontem se passou nas eleições, é mais uma confirmação das tantas a que temos assistido...), mas tenho resistido, até aos limites quase impossíveis, à ideia de aceitar, pelo menos em parte (naquela parte que nos permita viver com os outros e connosco próprios...), de aceitar e de estabelecer um certo compromisso com essa realidade.

Foi isto que vim descobrir nesta visita-relâmpago e regresso dentro de dias, decidido a disciplinar-me o que possa, e a procurar, antes de tudo o mais, um trabalho compatível que me garanta segurança e independência – para poder, depois, ir vivendo e realizando «o resto». Claro que isto implica toda uma dose de «resignação» que é bem difícil de aceitar – mas acredito que poderei consegui-la, até porque já não será a primeira vez...

Beija-a, pois, até muito breve, com a amizade e a gratidão de sempre, o seu Hermano

Laura Lopes (? -?)<sup>739</sup> recorre a Maria Lamas a fim de lhe solicitar um prefácio, o que não se veio a verificar:

<sup>738</sup> Carta manuscrita de Hermano Neves a Maria Lamas, datada de 12 de Março de 1973. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.104, transposta para a caixa 70.

<sup>739</sup> Carta manuscrita de Laura Lopes a Maria Lamas, datada de 2 de Janeiro de 1974. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.241.

Entreguei as minhas histórias à *Seara Nova*, mas não sei se terão interesse em as publicar pois, parece, o assunto não se integrará em nenhuma das suas colecções. Disse-lhes que a Maria Lamas faria um prefácio, que falara já consigo sobre o assunto, e que eles poderiam dirigir-se à minha amiga nesse sentido. Conto pois consigo, caso realmente a *Seara Nova*<sup>740</sup> as publique. Gostaria também que, se tivesse alguém que viesse a Paris<sup>741</sup>, me enviasse as cópias, que tem em seu poder, das minhas histórias, porque eu não as tenho todas, visto ter entregue os originais à *Seara*. [...] Um grande abraço, querida amiga

Belmira da Piedade de Baptista Almeida (1925-?)<sup>742</sup> mantém com Maria Lamas alguma correspondência, em que dá a conhecer a sua vulnerabilidade e o seu reconhecimento.

José Lima de Freitas (1927-1998) escreve a Maria Lamas, quando esta se encontra em Paris, a pedir-lhe que guarde uma carta<sup>743</sup>, que não convém ser lida em Portugal e a pedir-lhe a opinião sobre a resposta a dar, o que mostra bem a consideração em que a tinha. No final da carta verificamos um tom mais íntimo, em que Lima de Freitas se abre a Maria Lamas:

Querida Amiga

Escrevo-lhe, antes de entrar em Espanha – onde conto chegar amanhã à tarde – porque ontem recebi uma carta da Dinamarca que junto lhe envio (e peço que m'a guarde), carta que não convém que eu tenha em meu poder para lá da “muralha do medo” e que, além disso, gostaria que conhecesse. Foi-me escrita por um grande cientista dinamarquês – Johannes Glavind – que lutou na Resistência e é conhecido pelos seus trabalhos químicos sobre vitaminas. Aqui tem a tradução do conteúdo: «Caro Amigo: Melhores votos de Novo Ano! Aproveito a oportunidade de V. estar em França para lhe falar um pouco da nossa actividade. Como V. talvez saiba existem agora no nosso país comités para a Grécia e para a Espanha, muito activos e ao mesmo tempo de larga representação, que de certo modo dominam a opinião pública. No que respeita a Portugal, este país foi incluído no esplêndido livro dos três autores, juntamente com os outros dois países, de maneira a que o público esteja preparado. A iniciativa que tomámos logo após a sua estadia foi igualmente um sucesso, que resultou numa esplêndida lista de assinaturas que foi enviada à embaixada portuguesa e a Salazar.

Contudo, até hoje nenhum comité se formou, apenas há um grupo presidido pelo Prof. Veibl. Temos aguardado um acontecimento que leve a situação portuguesa a assumir actualidade, antes de começar qualquer coisa – porque queremos fazer este comité igualmente importante e não-sectário, como os outros dois. Qual é a sua opinião? Pode V. ajudar-nos enviando um bom representante do movimento de libertação português, que fale com o povo da Dinamarca e peça ajuda? Ou descobrindo alguém em perigo em Portugal, que possa ser adoptado na Dinamarca com o nosso “caso especial”? Também nos faz falta que o trabalho pela amnistia seja coordenado com Angola – e se alguém do movimento angolano pudesse vir? Eu sei que V. tem tão grande experiência na organização deste tipo de trabalho que bem saberá que (necessitamos)

<sup>740</sup> Laura Lopes edita o livro *A Mulher, a Família e a Lei*, pela Seara Nova, na colecção «Temas Actuais», em 1977. Entre Março de 1972 e Dezembro de 1974, Laura Lopes manteve, semanalmente, na revista *Modas & Bordados*, uma rubrica intitulada «A Mulher e a lei», destinada a esclarecer as mulheres sobre a sua situação jurídica, quer na família, quer no trabalho.

<sup>741</sup> Laura Lopes encontrava-se em Paris, nesta ocasião.

<sup>742</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.5

<sup>743</sup> Carta manuscrita de Lima de Freitas a Maria Lamas, datada de 4 de Janeiro de 1964. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.240.



de um caso para principiar. Por favor escreva-me, e vamos discutir como começar! Boa sorte e melhores desejos – Joh. Glavind, Vaernedamsvej 17, Copenhagen V»

Aqui tem a tradução. O livro “dos três autores” de que Glavind fala na carta é um livro que acaba de ser publicado na Dinamarca, sob o título «Sol nas Costas», sobre Grécia, Espanha e Portugal, escrito por três poetas dinamarqueses muito conhecidos – Rassumussen, Madinovski e Stinus. O livro é muito bom – feito de comentários poéticos, políticos, humanos, pitorescos, sociais, de ótimas fotografias, poemas dos 3 autores e ainda uma breve antologia de poemas, de carácter mais ou menos político, de poetas dos 3 países (por ex. no respeitante a Portugal, Egito Gonçalves, entre outros). \*

O prof. Veibl de que Glavind fala é outro insigne cientista, Director de um Instituto de Investigações.

Gostaria de saber qual é a opinião da D. Maria a respeito desta carta e qual a resposta a dar. De momento, enviarei apenas uma palavra a Glavind agradecendo e prometendo uma verdadeira resposta dentro em breve. Acha bem? Dir-lhe-ei que comuniquei a alguém mais responsável e conhecedor do que eu, e que, por mim ou por outrem, receberá uma resposta. Logo que regresso a Paris irei procurá-la. Penso que este assunto tem uma certa importância. Não farei nada sem ouvi-la primeiro.

Gostei de estar consigo – quando fomos jantar os três ao restaurante chinês. Lamento profundamente não ter tido, até hoje, uma vida calma e suficientemente organizada para poder vê-la mais amiúde, ouvi-la, convidá-la a vir até minha casa.

A casa onde estive estes 3 meses não é minha – e não podia sentir-me lá à vontade.

Por outro lado, cada dia, cada hora destes 3 meses foi um misto de felicidade e dor – de amor, remorsos, ternura e saudade, entusiasmo e desespero – que mal me deixou tempo para pensar noutras coisas.

Vivi intensamente, um amor profundo e uma dor desesperante. Após todo este tempo ainda não sei o que será a minha vida amanhã – e esta dificuldade tortura-me. Em mim combatem dois homens, um todo virado para o futuro, cheio de projectos, de amor pela Helle, de entusiasmo, outro que não consegue romper com um longo e fecundo passado, a dedicação e a ternura que sente pela Nina, a infinita responsabilidade de uma vida rompida – a da boa e seriíssima Nina. Aguardo (há já séculos!) que a escolha se faça nas camadas mais secretas de mim mesmo e que a resposta surja, finalmente. Em vão. Ninguém me pode ajudar – e eu próprio não me ajudo...

Querida D. Maria, desculpe falar tanto de mim. Penso muitíssimo em si, quase cada dia – na sua vida, no seu trabalho, no seu exemplo. Como deve ser difícil – e, ao mesmo tempo, bom!

Um abraço de infinita amizade e de uma admiração sem limites, do seu Lima de Freitas

\* Conheci pessoalmente os 3 autores deste livro e estive com eles em Portugal, onde os ajudei a colectar elementos, documentos e impressões directas (por ex., uma noite no mar, a bordo de uma traineira de Portimão). Vou pedir para lhe enviarem um exemplar.

Maria Cecília Correia (1919-1993)<sup>744</sup>, escritora que se dedicou à literatura infantil, ganhou o Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho com a obra *Histórias da minha Rua*, publicada pela primeira vez em 1953. Além desta obra, a autora escreveu também *Histórias de Pretos e de Brancos* e *Histórias da Noite* (1960); *O Coelho Nicolau* (1974); *Histórias do Ribeiro* (1974); *Amor Perfeito* (1975); *Histórias da Minha Casa* (1976); *Pretérito Presente* (1976); *O Besouro Amarelo* (1977); *Bom dia* (1983) e *Presença Viva* (1987). Em 1974, escreve a Maria Lamas<sup>745</sup> a solicitar a sua opinião sobre um conto que envia em anexo cujo título é «A rosa e o menino»:

<sup>744</sup> O nome completo da escritora é Maria Cecília Correia Borges Cabral Castilho. Trabalhou na revista *Modas & Bordados*.

<sup>745</sup> Carta manuscrita de Maria Cecília Correia a Maria Lamas, datada de 3 de Abril de 1974. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.247.

Maria Lamas, querida Maria Lamas:

Falou-se ontem no «maravilhoso», nas fadas ultrapassadas. Gostei que dissesse que, sem esse maravilhoso, nós ficaríamos mutilados. Com fadas, ou sem fadas, ele é necessário, é urgente. Tenho um livro à espera de se tornar realidade, agora que espero também a 3ª edição de «Histórias da Minha Rua». Como sempre, é este estado de dúvida: presta? Não presta? Para mim, presta, pelo amor que senti por tudo o que escrevo. Precisamente porque foi verdade e eu o amei, tem valor, mas um valor pessoal, uma ligação que não pode existir entre o leitor e o livro. Desse livro, ainda só projecto, gostaria que lesse o conto que aqui lhe junto. Nele está o tema do maravilhoso, até com Fadas, este, mas Fadas sem estrelinhas na testa e mantos esvoaçantes... Vou escrever aqui umas linhas de um velho diário, talvez 1951, talvez 52. [...]

Um grande abraço por tudo o que tem sempre feito por todos nós, grandes e pequenos, mulheres e homens.

O amigo e companheiro de luta contra a ditadura, Ruy Luís Gomes (1905-1984)<sup>746</sup>, forçado a exilar-se, após várias detenções, não esquece Maria Lamas. Em carta com o timbre do Ministério da Educação e Cultura, Universidade Federal de Pernambuco Anotações, datada de Paris, 25 de Janeiro de 1971, dirige-se à amiga Maria Lamas:

Minha querida Amiga

Agradeço-lhe muito as palavras de amizade que me enviou por minha irmã e que tanto me fizeram recordar o belo e reconfortante convívio de há dois anos!

Fomos hoje almoçar em «La Source» com o casal V.V. para matar saudades de outros encontros em que a minha Amiga esteve presente. Eu continuo ligado aos companheiros de lutas passadas, certamente por isso que estou seguindo com verdadeiro entusiasmo as lutas de agora, nomeadamente dos estudantes de Lisboa e Coimbra!

Podemos confiar nesses jovens, ou melhor, no nosso Povo, minha querida Amiga, e eu confio cada vez mais!

Tenho também lido alguma coisa sobre a «voracidade» com que os chamados «doutores» acorrem a tão ridículas e pedantes proposições reformistas...

Guerra suja em África, censura em Portugal, pancada nos estudantes, nada de repúdio claro e passado e agora pruridos de «democratização» do ensino! Não!

Isso que aí está não pode construir uma Universidade autêntica!

Já viu mais cómica comemoração da geração de 70!?

Quando nos voltamos a encontrar?

Um grande abraço do companheiro que tanto a estima e admira Ruy Luís Gomes

Natércia Couto (1924-)<sup>747</sup>, amiga de longa data de Maria Lamas, compositora, maestrina e escritora, dirige-se à amiga, solicitando apoio para a edição dos romances que tem na gaveta:

Querida e Ilustre Amiga

---

<sup>746</sup> Carta manuscrita de Ruy Luís Gomes a Maria Lamas, datada de 25 de Janeiro de 1972. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.204.

<sup>747</sup> Carta manuscrita de Natércia Couto a Maria Lamas, datada de 7 de Março 1977. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.189.

Esta carta que lhe escrevi há um ano, não seguiu, mas ainda tenho de acrescentar mais alguma coisa; pois pressinto que me ajudará.  
Tenho livros para publicar; Não tenho meios para o fazer. Sabe de uma Editora, que me compre a 1ª edição dos 3 romances que tenho na gaveta, há 20 anos?  
São filosóficos! Até bons para o cinema nacional.  
Depois do 1º livro que publiquei e mereceu uma admirável carta de V. Ex.<sup>a</sup>, publiquei mais dois com sucesso!  
Há que ir para a frente.  
O povo gosta de ler com tranquilidade e beleza. O povo já está cansado de tanta intranquilidade até visual? Uma nova literatura tem de surgir: entre ela e o leitor tem de ficar a concordância entre ambos. Para mim, não há ignorantes. Há, almas, ao abandono! Sós!  
Para isso, precisam de professores como V. Ex.<sup>a</sup>...  
O meu telefone -666684 – das 10 às 12, e das 15 às 16h, porque ando em tratamento de Raios X para os cálculos do meu rim!  
Gostava tanto de vê-la!  
Lembra-se de mim?  
São passados 30 anos que a não vejo!  
Natércia Couto

Ao que parece, Natércia Couto não logrou a edição dos romances que tinha guardados. Encontram-se na Biblioteca Nacional de Portugal apenas quatro obras, mas nenhuma delas editadas depois de 1977, ocasião em que solicita o apoio de Maria Lamas. As obras editadas são as seguintes: *Prelúdios* (1945), *Uma grande Dama Dona Elisa de Sousa Pedroso: fonte inesgotável de riqueza artística, moral e social: glória de Portugal* (1957), *Sonho nos Lábios* (1958) e *Linda e o Amor: Da Solidão ao Céu: Um Conto de Serão* (1966).

Irene Guerreiro Gala<sup>748</sup>, sobrinha de Maria Lamas, que, só muito tarde, estabelece contacto com a tia, dirige-se-lhe em 1979, dando-lhe apoio e conhecimento dos seus escritos:

Minha querida tia, disse-me a Maria Emília que a tia se sente por vezes um pouco isolada. Nesta carta venho conversar um bocadinho consigo, fazer-lhe companhia, falando-lhe de mim e das minhas aspirações, que tão pequenas são!...  
[...] Agora vou falar-lhe dos meus livrinhos. Como não fazê-lo se são todo o meu pensamento?! Nunca tive alguém que me ajudasse, porque por timidez nunca pedi a quem estivesse mais indicado que eu para ver e me indicar as deficiências que eles possam ter. Tomei contacto com a tia já demasiado tarde para lhe pedir a ajuda que estou certa não me negaria. E como eu teria confiado!... E como os meus versos, com a sua ajuda, teriam ficado perfeitos! Mas quando aí fui e soube os trabalhos que minha tia estava fazendo: -as suas memórias, e outras coisas de que já não me recordo, atrever-me-ia lá a pedir-lhe para perder o seu precioso tempo vendo os meus versos e indicando-me o que estiver errado!

Irene Guerreiro Gala publicou *Esta Palavra Saudade...* em 1977, *Quero Dizer à Tristeza: Primavera. Outono* (1978), *Maria Raimunda* (1979) e *Noite de Núpcias*

---

<sup>748</sup> Carta manuscrita de Irene Guerreiro Gala a Maria Lamas, datada apenas com o ano, no carimbo apostado no envelope de 1979. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.108.

(1979). Na carta informa a tia de que a Bertrand vendeu muitos exemplares de *Esta Palavra Saudade...* e que tem outro livro, com o título *Alerta* para o qual pede a opinião de Maria Lamas.

De reconhecimento, é a carta assinada por Tina<sup>749</sup>, dirigida a Maria Lamas, em 1980:

Minha amiga Maria Lamas:

Fiquei tão contente, querida amiga Maria Lamas, com a sua cartinha!

Ando com ela na minha carteira e raro é o dia em que não a releio.

Agradeço-lhe as belas palavras que me dirige, e só tenho pena de não ser poeta, tal como o nosso amigo Sylvan, para dela poder fazer um poema.

A sua ternura por mim, envaidece-me e sensibiliza-me. Quisera ter a felicidade de ser sua descendente. Atrevo-me até a dizer-lhe, pedindo antecipadamente desculpa a minha mãe, que desejava ser sua filha.

Não calcula como vim de Évora subjugada por si, subjugada pela sua sensibilidade de mulher, porque como escritora já há muito a admirava. Tê-la conhecido foi tão bom e tão importante que só posso dizer-lhe duas palavras: Bem-haja.

Um grande beijinho da sua muito dedicada Tina

Também Ilse Losa (1913-2006)<sup>750</sup> escreve a Maria Lamas, como escritora e simultaneamente como amiga, a pedir-lhe a opinião sobre um conto e a lamentar-se da dificuldade na venda das suas obras, provocada pela má distribuição:

Boa amiga,

Junto-lhe a cópia do conto infantil que adaptei. Mande o original ao Redol. Não sei se o trabalho está bem assim. O que acha?

Como não me informaram das condições em pormenor, fiz o que me veio à cabeça.

-Outro assunto: Escrevi, há umas semanas, a D. Maria Lúcia. Pedi-lhe para me dizer francamente se a distribuição do «Faísca»<sup>751</sup> ... não representaria uma maçada para ela e se o melhor não seria desistir. Ela não me respondeu e receio que esteja zangada ou que continue doente. Tenho imensa pena. Mas o que sucede é o seguinte: para eu fazer a edição deste livrinho tive que pedir dinheiro emprestado. Prometi devolvê-lo até Junho deste ano, mas não vejo possibilidades. Em Lisboa não se tem vendido praticamente nada e o gerente da Portugal (de Lisboa) deu-me delicadamente a entender que a distribuição de «Os nossos filhos» não se fazia como devia ser, visto não terem pessoal nem experiência.

Eu escrevi a D. Maria Lúcia que já tinha conversado consigo sobre o assunto, naquela manhã, em que estive em sua casa.

Já tive de desligar-me da «Europa-América», e, de modo nenhum, queria desentendimentos com a D. Maria Lúcia, por quem tenho muita admiração e estima. O que eu achava era que alguma iniciativa se devia ter tomado. Por exemplo, na ocasião da Páscoa, poder-se-ia ter feito uma consagração nova, visto que as livrarias, por si, não fazem pedidos de «livrinhos tão

<sup>749</sup> Carta manuscrita de Dina a Maria Lamas, datada de 18 de Outubro de 1980. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.90, transposta para a caixa 70.

<sup>750</sup> Carta dactilografada de Ilse Losa a Maria Lamas, não datada. Espólio E-28, Biblioteca Nacional de Portugal, caixa 5, referência 1. 107, transposta para a caixa 70.

<sup>751</sup> Ilse Losa publicou o livro *Faísca conta a sua História*, em 1949, por isso presumimos que a carta tenha sido escrita perto dessa data.

insignificantes». Julgo que a amiga compreende. Poder-me-ia informar se sabe alguma coisa sobre o assunto.

Como vai a sua saúde? Não me despedi de si nas Belas-Artes porque não a vi quando tudo fechou. Desculpe. Cumprimentos da amiga Ilse Rosa

## 2.MARIA LAMAS POR ELA PRÓPRIA

É durante os anos de exílio que Maria Lamas se revela na sua essência e fá-lo na forma que melhor conhece e domina, através da escrita. Seja na forma de carta, na forma de diário ou simples apontamentos. De qualquer forma, mostra-nos, claramente o que pensa da vida, do amor, da amizade, da humanidade, enfim, de tudo um pouco.

Maria Lamas conversa com o seu neto José Gabriel, através de cartas, e evidencia os seus pensamentos, como podemos verificar na seguinte carta<sup>752</sup>

É hoje o dia dos teus anos. Não te interessam estas datas familiares e compreendo-te perfeitamente. (A minha reacção perante estas tradições e manifestações festivas mais ou menos convencionais foi exactamente a mesma, até certa altura da minha vida – não por eu ser nova, ou no fundo talvez fosse, mas essencialmente porque vivia tão absorvida pelo presente de então, quero dizer, pelo que em mim era anseio de realização total, interrogação, deslumbramento, expectativa, dor e esperança constantemente renovadas, e, já, sem que eu tivesse ainda consciência disso, uma necessidade angustiosa de verdade, de transcendência e daquela harmonia que, se assim posso exprimir-me, tem implícita a realidade das necessidades da alma e do corpo, a justiça da ordem social e liberdade, alimento indispensável ao ser humano que não me era ainda possível sentir verdadeiramente o apelo e o valor das raízes que nos prendem ao que foi antes de nós sermos: as pessoas de quem nascemos, para não falar agora nos lugares e em certas horas, caras, silhuetas, vozes e gestos que foram os nossos primeiros encontros com o mundo em que vivemos.

Nesse tempo a saudade só tinha, para mim, sentido literário – só experimentei o seu amargor quase doce já numa idade adulta bastante adiantada, e com tal intensidade que teve e tem, por vezes, a qualidade de dor física, embora se não possa localizar. [...]

Porém, reconheço e confesso que os encontros que tenho tido, em planos diferentes e em diferentes graus de compreensão e intensidade com alguns dos meus netos (uns momentâneos, outros com uma continuidade que se vai fortalecendo) são a maior riqueza da minha vida, o mais autêntico, o mais puro e maravilhoso dom que a Vida me deu. E entre esses encontros, o teu foi o choque mais profundo e mais total, para esta mulher por quem passaram já milhares de vidas em todas as idades, as mais diversas inquietações, os rumos que se julgavam opostos e procuram todos, afinal a resposta, o caminho, a luz... [...] A grande maravilha de existir é esta possibilidade de infinito que há na nossa pequenez, os tesouros jamais inteiramente descobertos nesse infinito e, maior maravilha ainda, no abismo do nosso eu ou no laboratório do nosso espírito. Todavia, tudo isto que somos capazes de pensar, de descobrir abstractamente, de sonhar e viver em nós mesmos sem que os outros se apercebam – viver em deslumbramento, exaltação, êxtase e dor – não suporta, na maioria dos casos, a limitação da palavra, assim como, mais raramente ainda, a pureza das ideias e das doutrinas, mesmo religiosas, não suporta a concretização em preceitos,

---

<sup>752</sup> Carta manuscrita de Maria Lamas ao neto José Gabriel, datada de 9 de Janeiro de 1964. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 14, referência 1.331.

leis e adaptação a conveniências de vária ordem. Daí o grande drama da vida do homem num mundo que não tem a sua medida para além do condicionamento social, preconceituoso e até moral – deixando agora de lado o aspecto puramente biológico, que é, contudo, terrivelmente esmagador.

Em Maio, na sexta<sup>753</sup> carta enviada ao neto<sup>754</sup>, Maria Lamas faz alusão à censura do correio, e confessa-se:

Prefiro escrever-te para os portos em que tocas no estrangeiro – sinto-me mais à vontade, sem aquela preocupação de que a carta possa ser lida por outras pessoas. É extraordinário que sejas tu, meu neto, com os teus 20 anos, a pessoa a quem, até hoje, eu me sinta mais ligada nessa insatisfação lúcida e humilde, ambiciosa e consciente dos seus limites, que nunca confessei com a confiança e serenidade com que a confesso à tua juventude desencantada, mas inevitavelmente inexperiente dos desencantamentos, decepções e derrotas que me têm ferido ao longo dos meus 70 anos. Há, bem o reconheço, um ponto em que somos diferentes (penso eu e talvez me engane): aquela capacidade de renascer dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, de todas as dores, de todas as adversidades e incompreensões sofridas, de todos os erros cometidos, como se alguma coisa de puro, confiante, claro sem mácula, se mantivesse intacto na minha humanidade ferida, humilhada, atormentada e triste. Muitas vezes me interroguei e interrogo ainda: que força me amparou sempre? Donde me veio? Porquê? Para quê? - E, no meu subconsciente, fui lentamente descobrindo ou pensando que descobria (nunca cheguei a saber, com a certeza das coisas evidentes) que essa força, essa capacidade de recomeçar, renascer de mim mesma, manter-me inocente dos próprios erros cometidos, encontrar sempre um caminho através dos labirintos, nunca deixar de avistar a luzinha orientadora ao fim do mais longo e escuro subterrâneo ou da noite mais negra e tormentosa – essa força, dizia eu me vinha do instinto de viver, do amor à vida como única maneira de eu existir e ser EU, de me realizar como ser humano (por quê e para quê, nunca o soube nem saberei), biologicamente, simplesmente, naturalmente; por outro lado, no potencial de ternura e de resistência psicológica ao sofrimento e aos sacrifícios e renúncias, que a mim mesma me espantava e onde às vezes nem sequer me reconhecia, tão acima da minha fragilidade e insegurança me via, eu descobri outra força, quase sobrenatural, que por assim dizer sublimava os meus actos mais vulgares, as minhas reacções mais instintivas: a minha maternidade. [...] A loucura é um dos assuntos que mais me tem feito meditar. Algumas vezes já desejei enlouquecer, daquela loucura delirante que torna possível imaginar, sentir, viver num mundo imaginado – não será mais verdadeiro que toda esta aparência engendrada pelas estruturas sociais e relações fictícias, em que cada um de nós se nega a si próprio e transige e representa melhor ou pior o papel que lhe é distribuído? (Quem escreve isto é aquela mulher inquieta e sôfrega de autenticidade que há permanentemente em mim, que pensa, raciocina, procura compreender que muitas coisas são incompreensíveis.)

Na sequência da abordagem da loucura, Maria Lamas refere o caso de Hermano Neves, médico, especialista em dermatologia, que, segundo ela depois de se ter separado da mulher, foi para Paris, onde enlouqueceu, vendo-se forçado a abandonar a carreira. De seguida, escreveu um livro autobiográfico, muito do agrado de Maria Lamas. Esta carta foi interrompida, tendo sido recomeçada a 18 de Maio, pelo facto de a autora se ter deslocado a Haia.

<sup>753</sup> Maria Lamas recorreu à numeração de cartas, para saber se eram todas recebidas.

<sup>754</sup> Carta manuscrita de Maria Lamas ao neto José Gabriel, datada de 15 de Maio de 1964. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 14, referência 1.331.

Ao recomençar a carta, Maria Lamas conta ao neto que leu os livros do padre Teilhard de Chardin (1881-1955) que a influenciaram imenso. O padre Teilhard de Chardin foi também filósofo, teólogo, professor e paleontólogo, tendo mesmo participado na descoberta do homem de Pequim. O seu livro mais importante é *O Fenómeno Humano*, que escreveu aquando do seu exílio em Pequim, em que aborda a condição humana. Disposto a desfazer o mal entendido entre a ciência e a religião, foi incompreendido por ambas as partes. Muitos cientistas negaram o valor científico de sua obra, acusando-a de vir carregada de um misticismo e de uma linguagem estranha à ciência. A igreja católica proibiu-o de leccionar, de publicar suas obras teológicas e forçou-o a um exílio na China. Como paleontólogo, Teilhard de Chardin estava familiarizado com as evidências geológicas e fósseis da evolução do planeta e da espécie humana. Como sacerdote cristão e católico, tinha consciência da necessidade de um cristianismo que contribuísse para a sobrevivência do planeta e da humanidade. No cerne da questão está a visão filosófica, teológica e mística de Teilhard de Chardin a respeito da evolução de todo o Universo, do caos primordial até ao despertar da consciência humana em relação à Terra. Teilhard de Chardin mantinha a crença de que Deus e o Universo mantêm uma criativa e dinâmica relação de progressiva evolução.

Numa clara identificação com o pensamento de Teilhard de Chardin, Maria Lamas declara ao neto<sup>755</sup> que:

Sendo profundamente metafísica, sou igualmente racionalista, e também profundamente. Sem a minha concepção metafísica da vida e dos seres humanos, das leis morais naturais e de tudo o que constitui valores espirituais, definidos, catalogados ou secretos (se cada um de nós tem os seus valores secretos, como tem as suas secretas fraquezas, os seus caminhos escondidos, os seus abismos e o seu jardim vedado a todos os olhares, a todos os intrusos), ficaria tão mutilada, tão outra, como se me privassem do raciocínio, da inteligência, da possibilidade e necessidade essencial de analisar, compreender e aceitar ou negar o que se me apresenta empiricamente afirmado, ou como dogma, ou como conclusão definitiva de opiniões autorizadas (ou como tal consideradas).

Numa agenda<sup>756</sup>, de capa azul, com o timbre da «Librairie-Papelerie Joseph Gilbert, 30, boulevard St. Michel, 26, Paris, 6, Maria Lamas usou algumas páginas para apontamentos pessoais, digamos que desabafos onde descortina alguns factos da sua vida amorosa. Recorre à utilização de maiúsculas, na identificação dos nomes das

<sup>755</sup> Carta manuscrita de Maria Lamas ao neto José Gabriel, datada de 5 de Junho de 1964. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 14, referência 1.331.

<sup>756</sup> Agenda com apontamentos manuscritos. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 15, referência 2.1.

peças envolvidas, mas alguns são identificáveis através de outras informações, como é o caso de Ferreira de Castro, que é referido por F. de C.

Com o título de «Notas íntimas 1972», Maria Lamas relata o seguinte:

Março 14 – [...] Telefonaram-me do CF (a Angélica) a comunicar-me que o F. de C. chega amanhã (15) à Madeira, e convidando-me a ir esperá-lo ao aeroporto.

Esta notícia surpreende-me e ao mesmo tempo deixa-me num estado de expectativa desgostosa. Não é o momento para evocar um passado que foi intenso, apaixonado, mas se desvaneceu em bruma, deixando-me apenas uma lembrança comovente, pela minha romântica sinceridade. Porque veio ele agora? Espero e desejo que haja um motivo, a que eu sou estranha, a justificar esta vinda. Nunca estivemos juntos na Madeira, mas a Madeira uniu-nos muito profundamente, através da «Eternidade», aqui concebida e escrita em grande parte, com a assistência longínqua, mas ardente, de uma correspondência que me permitia seguir, passo a passo, a vida, aqui, do autor, e o que ia escrevendo.

Mas hoje, repito, só perdura uma amizade serena, e eu sinto-me na situação de espectadora imaginária e muito distante, do que então se passou.

Posso mesmo dizer que hoje sou e estou diferente, embora me mantenha fiel à Amizade que nunca deixou de nos unir.

Um problema sério e complexo para mim, neste momento.

Apesar da relutância em receber Ferreira de Castro, causada pelas desconfianças que poderia provocar noutra pessoa, indicada como M., Maria Lamas dá-nos a saber o que se segue<sup>757</sup>:

Março 22 - O F. C. veio, convivemos, passeámos e conversámos sobre o projecto de um livro estudando aspectos da obra dele que não têm sido analisados. «FC na sua humanidade» seria o título. (Um assunto a ponderar profundamente). A maior correcção e gentileza da parte dele. Momentos agradáveis – mas um constante tormento para mim, pensando na reacção de M. que decerto sofre com a ideia deste encontro.

(Numa coincidência que talvez o possa impressionar mal: antes de saber que o FC viria, contei-lhe numa inesperada e forte reacção minha, provocada por uma fotografia da I758. publicada no D.L. Sofri intensamente ao pensar no que se passou entre eles – o que eu sabia há bastante tempo, sem me ter impressionado muito - sei que o M. é volúvel e se apaixona facilmente. A violência da minha reacção fez-me avaliar melhor quanto estou presa ao M. e a intensidade com que lhe quero – sonho de perfeito entendimento que se vem fortalecendo em mim.

O que me assusta e aflige a um ponto que me surpreende: o silêncio do M. a partir dessa carta, deixando sem resposta todas as que lhe tenho escrito, num apelo à sua compreensão e sinceridade. Não queria que ele sofresse.

Criou-se em mim uma expectativa angustiada. Tenho que encarar as hipóteses mais dolorosas: - ou ele não acredita em mim; - ou decidiu cortar esta nossa ligação sentimental – que nunca passou de um sentimento muito intenso e profundo, com uma influência benéfica na minha vida: um estímulo, um apoio e uma força.

Tenho que encarar a situação de frente, corajosamente, para não ser destruída: sinto-me num estado de tensão que está à beira da depressão, talvez do aniquilamento.

Pelo que conheço do M. é uma pessoa capaz de tomar as mais duras decisões, mesmo à custa de um grande sacrifício sentimental. É simultaneamente orgulhoso e sensível, bom.

<sup>757</sup> Agenda com apontamentos manuscritos. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 15, referência 2.1.

<sup>758</sup> Não conseguimos perceber se a letra é um I ou um J.



Que decisão tomará neste caso? Ou confia em mim e a nossa ternura e o nosso entendimento, persiste – era o que eu desejaria.

Ou tudo acaba, provando-me que cedeu a uma ideia injusta. Vou sofrer terrivelmente e ficar talvez definitivamente destruída.

Será isso possível? Penso nas grandes dificuldades que se nos opõem, à própria tranquilidade dele.

Tenho que pensar nisto a sério e tomar uma atitude digna, embora destruindo-me interiormente ou mesmo totalmente.

Este sentimento tornou-se a minha força, a possibilidade de superar o próprio efeito natural da idade, quer no interesse da vida, quer na actividade mental criadora. Estremeço ao pensar neste fim.

Tenho a consciência de não ter qualquer responsabilidade neste caso, que surgiu a perturbar o nosso sonho, a destruí-lo talvez irremediavelmente.

Maria Lamas escreve mais sobre o amor e a felicidade. Atentemos nas suas ideias sobre este assunto<sup>759</sup>, expostas numa carta cujo destinatário não está identificado:

Apesar do sol e da atmosfera primaveril, que estimula [m] a sensação de vida renovada e sugerem esperança, felicidade, estes últimos dias têm sido interiormente sombrios para mim. Uma forte constipação, que me deixou afónica, forçando-me a ficar na cama, criou-me um estado de espírito deprimido, sobretudo porque não consegui escrever-te, como tanto desejei. A cabeça pesava-me; em compensação o pensamento mantinha-se lícido, penetrante.

De olhos fechados, no silêncio do meu quarto, concentrei-me em ti – em nós – todas as forças evocadoras da minha lembrança e do meu coração. Vi-te ao longo de tantos anos, perto, longe, como uma presença benéfica, tão natural como se fizesse parte de mim mesma, embora nada mais que uma ternura profunda e constante nos ligasse, sem que fosse sequer, necessário dizê-lo. Devo-te tanto! De ti me veio sempre qualquer coisa diferente, uma confiança, sobretudo uma alegria muito íntima, um enlevo único, um desejo de te merecer e de te dar tudo quanto de mim pudesses esperar, como amiga de todos os instantes, em todas as circunstâncias, sem limites de dedicação e sinceridade. Corresponder ao que de mim pudesses esperar, foi a minha aspiração permanente por várias razões. Mas, nunca que viesses em mim mais do que essa amiga excepcional que eu desejava ser para ti, tal como tu eras para mim o amigo excepcional e insubstituível.

Se acontecia – e aconteceu algumas vezes sentir uma certa tristeza, uma espécie de ressentimento, porque as tuas ausências se tornavam mais prolongadas, por saber ou pressentir, que te interessavas especialmente por outra mulher, repelia imediatamente essa reacção e dizia a mim própria que era natural, tanto mais que tudo isso reforçava a nossa própria intimidade e mútua confiança, porque em muitos casos tu próprio me deixavas entender, sem qualquer disfarce que era verdade. Por outro lado, considerava um privilégio, a maior prova de confiança e do lugar à parte em que me colocavas, esses semi-desabafos, às vezes um simples sorriso e um olhar intencional sublinhado...

Já te expliquei que eu vivia há muito tempo, com firmeza à margem do amor, justamente por ter do AMOR um outro conceito. Mas reconheço agora, que apesar de tudo o que eu não podia aceitar, tu eras já nessa altura, a personificação do meu sonho de amor. Sonho de Amor! Assim considero o nosso caso. E que de um sonho não passará. Não por sentimentalismo exagerado, porque o meu amor por ti é total, mas pelas circunstâncias da tua e da minha vida.

Tudo poderá suceder – há sempre o imprevisível. Mas com aquela sinceridade com que te digo sempre o que penso e sinto, quero afirmar-te que, mesmo assim, não deixarás de ser o meu amor. Deixa-me repetir: devo-te tanto! Só porque existes, há uma chama no meu coração, encaro a vida sob aspectos novos, amo a vida mais e melhor. Todos os meus gestos que então se me afiguravam claros e hoje me parecem um enigma, [o que] julgava impossível.

---

<sup>759</sup> Documento dactilografado, numa folha, datado de segunda-feira, 17 de Abril de 1972, com emendas manuscritas por Maria Lamas e inacabado. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 45.

Numa das páginas pertencentes ao «Livro do Amor»<sup>760</sup>, Maria Lamas aborda também o amor, o qual define como a sua verdade, mesmo quando lhe chamava fé ou vocação religiosa. Só mais tarde, afirma que “muito tarde já! – conheci o prazer animal do amor, os sentidos não se separaram da alma”, o que a leva a distinguir dois tipos de amor: o romântico e o animalesco.

Em 1984, Maria Lamas redige, para publicação, algumas linhas<sup>761</sup>, onde reflecte sobre a sua vida, o seu gosto de viver e a importância da amizade nas relações humanas:

A minha constante fadiga e o meu Amor à Vida o meu gosto intenso de viver

A sensação de fadiga está ligada à lembrança mais antiga da minha infância. A ideia de qualquer esforço assustava-me, como se o meu organismo se defendesse instintivamente de um perigo.

Só quando sentia entusiasmo, me parecia poder realizar qualquer coisa, fosse trabalho intelectual ou estudo, fosse qualquer tarefa ou mesmo um passeio ou distração. Então entregava-me até com alegria ao que devia fazer. Mas a minha resistência física depressa fraquejava, e só por uma grande força de vontade, por uma noção muito forte do dever, de responsabilidade, consegui, na maior parte dos casos, cumprir até ao fim o que me decidira fazer – e mesmo assim com inevitáveis interrupções. Esta fadiga física e psicológica foi-se acentuando à medida que o tempo ia passando.

Hoje, com 73 anos, tudo me custa um esforço incalculável, e há momentos em que me parece impossível prosseguir.

Cheguei à conclusão de ter nascido cansada, como se muitas existências anteriores tivessem esgotado as minhas forças. E apetece-me adormecer para sempre. Mas a par deste cansaço profundíssimo, eu amo a vida, o Amor, a acção, a própria luta, e isso faz-me reagir, impelindo-me para novos entusiasmos, novos esforços, já incompatíveis com a minha idade. E esse esforço de todo o meu ser é, simultaneamente, motivo de um esgotamento doloroso (porque todo o meu organismo sofre), e de um sentido de viver exaltante, que reforça a minha extraordinária capacidade de recuperação e me vai permitindo aguentar um peso, uma tensão, que excedem muito a minha resistência.

Assim, tenho a certeza de que, embora morra exausta, não chegarei a esgotar este Amor à vida que me tem sido a minha grande riqueza interior e também uma das causas mais fundas das minhas amarguras.

Ao falar no meu Amor à vida incluo nestas palavras tudo quanto elas representam para mim: os valores, os sentimentos, as aspirações, a sinceridade e a acção que me permitam a sensação de existir e realizar-me até onde forem possíveis.

Na verdade bastaria a palavra Amor. Porque o Amor exprime para mim a vida, explica a minha existência assim como define a minha personalidade. (Falo num tom pessoal porque, neste caso é de mim que quero falar e não desejo cair em generalizações). Também não pretendo classificar de acertados ou errados os meus pontos de vista e as minhas afirmações: preocupa-me apenas que correspondam à verdade – à minha verdade subjectiva, entenda-se, sem querer ter razão, sem procurar justificar-me, nem estabelecer comparações.

Interessa-me apenas ver-me como sou, na sinceridade da minha consciência, tanto quanto possível liberta de influências e despida de roupagens...

<sup>760</sup> Encontrámos cerca de 109 páginas dactilografadas deste romance, no Espólio E-28, caixa 45.

<sup>761</sup> Páginas de diário manuscritas e dactilografadas e enviadas a Helena Neves, em Outubro de 1984 para publicação, segundo uma nota manuscrita com a letra da filha Maria Cândida. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 53.

### Eu e os Outros

Não posso viver sem Amor, sem Amizade, sem Amigos. Preciso de viver, amar e sofrer com o Mundo.

Nunca poderia dedicar-me exclusivamente a uma pessoa, no sentido de abstrair de todas as outras pessoas.

Mesmo no casamento não compreendi nunca, nem poderei aceitar, que uma M. ou um H. se dediquem exclusivamente um ao outro, renunciando a amizades e convívio. Nem julgo que isso possa ser propício à felicidade e verdadeiro entendimento de um casal.

Quando há filhos eles completam naturalmente o ambiente do lar, o amor dos pais um pelo outro e o próprio sentido do Amor conjugal. Mas não preenchem a necessidade de convívio, afecto, amizade e participação na VIDA, dos Pais, se eles sentirem essa necessidade, como é o caso geral.

Por mim, assim o senti sempre.

Não posso viver sem Amigos, sem participar na vida do meu País e na vida do Mundo.

Dou tudo a cada Amigo, como se fosse único, e não prejudico nenhum no meu afecto.

### 3.CARTAS DE PURA AMIZADE

Maria de Castro Henriques Osswald<sup>762</sup> (1893-1988), grande amiga de Maria Lamas, escritora e também tradutora, manifesta à amiga a sua amizade:

Minha querida Amiga

Eu não creio em acasos e, quando a encontrei, senti firmemente que Deus nos aproximava. Se soubesse como eu sinto o Bem de ter a sua amizade, o bem de a saber tão generosamente boa, tão grande, tão sensível! A vida, às vezes toma aspectos desolados: que magnífico tesoiro um pensamento que reconforta e ajuda a saber esperar!

Minha Irmã, que acabo de ver agora, veio enfeitada. Eu já o sabia. Possui aquele raro encanto de atracção centro das mais belas possibilidades femininas.

Agradeço-lhe, Amiga, agradeço-lhe com todo o coração. Deus lhe pague tudo o que tão formosamente faz por mim. Deus a abençoe e doire o seu trabalho. A folha branca do papel não me deixa continuar. Tinha tanto a dizer-lhe. E sinto aquele pudor de escrever o que perderia intensidade, se fosse diluído em tinta. Abraço-a ao coração e dou-lhe grande parte, grande parte do que há de mais veemente em mim. – Eu tenho uma declaração da Selma Lagerlöf escrita em francês, cedendo-me todos os direitos à tradução em língua portuguesa desse livro<sup>763</sup>: *História da Saudade de João, Imperador de Portugal*. Faça como quiser com o livro. Entrego-lho agradecidamente. Deus junta assim na minha gratidão as duas amigas, a Selma a quem tanto, tanto devo e a Maria, a única amiga portuguesa a quem vivo ligada. Com a sua protecção – o livro que eu amo será conhecido, será lido – e a Selma será amada por todos os que têm coração na nossa terra. Quando a verei? A minha Irmã deixa-me entrever uma possibilidade de a ter aqui. Que festa para mim! Deixarei tudo e serei feliz. Temos tanto que contar uma à outra...

Quanto mais vamos vivendo, mais se nos impõe como grande e maravilhosa fortuna ter alguém que nos compreenda. Alguém como fonte de verdade de nós para nós?

Eu tenho essa declaração da Selma, escrita em francês. Deseja vê-la? Quer que lha envie? Mas não escreva. Mande alguém por si escrever um postal, se for necessário. Está sobrecarregada de trabalho e eu sinto a preocupação de, também eu, lhe roubar tempo. Preocupa-me a sua saúde. Eu sei bem como trabalha e o heroísmo de Amor que a ampara, mas tenho medo. Não será possível dar tréguas a tão exaustivas fadigas?

<sup>762</sup> Carta manuscrita de Maria de Castro Henriques Osswald a Maria Lamas, datada de 13 de Dezembro de 1935. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.173.

<sup>763</sup> Maria Henriques Osswald traduziu este livro em 1948.

Beije muito as suas filhinhas por mim. E creia na saudade de não poder estar consigo.  
Creia em tudo o que não sei dizer.  
Enternecidamente, a sua Maria.

Ao longo da vida, Maria Lamas estabeleceu amizade com variadíssimas pessoas, de todas as áreas. Manuel de Carvalho (? -?)<sup>764</sup>, Governador Civil de Lisboa, em 1945, escreve a Maria Lamas a agradecer-lhe o que com ela aprendeu, em carta timbrada do Governo Civil de Lisboa, Gabinete do Governador:

Minha querida Amiga

Entre tantas cartas recebidas ultimamente, a sua (que eu esperava) foi das que li com maior carinho e, porque não dizê-lo; com saudade. Sim, com saudade dos dias que longamente conversámos, em que lhe ouvia os seus projectos: e a minha querida amiga ouvia os meus. Depois, as saudades das suas cartas maravilhosas, linhas transbordantes duma amizade que tanto influiu no meu futuro. Porque a Maria, deixe que lhe chame assim, com a sua amizade, com o calor da sua extraordinária inteligência, ditou as regras principais da minha conduta, que eu respeito; que eu nunca esqueci, e que trouxeram à minha carreira o brilho que hoje desfruto. Tudo lhe devo minha querida amiga, e, se bem que separados pela árdua tarefa da vida, eu não a esqueço nunca, e foi por isso, repito, que a sua carta me trouxe um prazer enorme que do coração lhe agradeço.

Bem-haja pelas suas palavras.

Deixe que a abrace com o respeito e a amizade que lhe tem o Manuel.

Manuel de Carvalho<sup>765</sup> voltaria a escrever a Maria Lamas pela ocasião do casamento da filha Bissú, onde lhe reafirma a sua amizade:

Minha querida amiga

Recebi a sua carta e, sinceramente lhe digo, que muito satisfeito fiquei por saber que a sua querida filha se consorcia no sábado.

Diga-lhe, por favor, que de todo o meu coração lhe desejo a maior felicidade.

Para si, querida amiga, é mais uma companhia que lhe foge, é a natural ordem da vida; por essa garota, deixe chamar-lhe ainda assim, eu sei, quanto a minha querida amiga se sacrificou, que belos conselhos deu, como soube, com a sua extraordinária inteligência, incutir num corpo que era frágil, um espírito forte, uma nova alma...

Que belo exemplo de mãe e companheira soube dar.

Perdoe-me, se, afinal, lhe digo estas coisas que são verdadeiramente sentidas.

A sua carta de hoje, a delicadeza da atitude, trouxe ao meu espírito, a recordação de horas boas em que a escutei enlevado, das horas boas em que li as cartas que me escreveu e que eu guardo religiosamente no meu cofre.

Quantas vezes as releio. E sempre encontro nelas, motivos de interesse e de bom conselho.

Agora reparo, que deixei a pena ir escrevendo e que me afastei do fim principal desta carta, felicita-la e à Bissú, pelo acto de amanhã.

Acredite na boa amizade e na maior consideração do Manuel.

---

<sup>764</sup> Carta manuscrita de Manuel de Carvalho a Maria Lamas, datada de 28 de Novembro de 1945. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.146.

<sup>765</sup> Carta manuscrita de Manuel de Carvalho a Maria Lamas, datada de 8 de Fevereiro de 1946. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.146.

Os amigos sabem que podem contar com a ajuda de Maria Lamas, por isso lhe escreve Lucinda Lourenço<sup>766</sup> a contar as doenças que a assolaram a ela e ao marido e da sua falta de dinheiro para se tratarem. Solicita a Maria Lamas um empréstimo de 8000\$00.

Em 1944, Leitão de Barros (1896-1967) apresenta ao público o filme *Inês de Castro*, que Maria Lamas elogia. Eis o que responde<sup>767</sup> o cineasta:

Minha Exm.<sup>a</sup> e boa amiga

Recebi a sua prezada carta que muito agradeço. É a minha amiga um alto e gentil espírito e as suas palavras, tão generosas e cativantes para mim – que não julgo merecê-las! Creia que guardo a sua carta entre as melhores palavras que a propósito de «Inês de Castro» recebi. E peço, me creia, sempre, seu devotadíssimo e muito admirador e camarada atento que lhe beija as mãos, J. Leitão de Barros

Amiga de Maria Lamas, ao longo de várias décadas, também Maria João Allen de Vasconcelos<sup>768</sup>, aquando da prisão de Maria Lamas e no seguimento de uma carta que lhe tinha enviado a declarar que não era adepta do Partido Comunista Português, mostra o seu apreço:

Querida Maria

Recebi as suas duas cartas com alegria no coração. Bem-haja. Eu sabia que a Maria era assim mesmo, amiga, compreensiva, de alma grande. Tem tanta razão quando diz que as nossas opiniões não podem constituir um obstáculo à nossa amizade! De resto, há muitas coisas em que estamos de acordo. A Maria não tem nada que me agradecer o meu interesse por si. Merece-mo inteiramente por três razões: porque é minha amiga e porque eu o sou de si; porque é sincera, corajosa e uma mulher cheia de valor; porque foi vítima duma violência. E é tão bom ser-se amiga! Poucas coisas há no mundo com o valor da amizade. Quando se pensa na força misteriosa dum olhar de compreensão e de amizade de um gesto! Muitas vezes tenho meditado nisso e sei o que é o poder de uma presença amiga, da mão que se pousa no nosso ombro com ternura e solidariedade humana. Eu sinto que a Maria entende o que eu digo e que é capaz de ser assim amiga. Estendeu-me as mãos com aquela sinceridade e compreensão que eu tanto valorizo. Eu sou uma garota, mas já sofri e vivi o bastante para entender e sentir a sinceridade e a grandeza de alma dos outros. Por tudo, pois, sou sua amiga. Sejamo-lo sempre, sim? Mesmo vendo-nos pouco, o podemos ser. A amizade não é como o amor, absorvente e exigente. É calma e segura, «modesta» e constante. E tem na vida uma força incalculável!

---

<sup>766</sup> Carta manuscrita de Lucinda Lourenço a Maria Lamas, datada de 17 de Maio de 1949. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.140.

<sup>767</sup> Carta manuscrita de Leitão de Barros a Maria Lamas, não datada. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.135.

<sup>768</sup> Carta manuscrita de Maria João Allen de Vasconcelos a Maria Lamas, datada de 12 de Fevereiro de 1950. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, Biblioteca Nacional de Portugal, caixa 5, referência 1.166.

As suas palavras de apreço por mim fizeram-me bem. Não se trata de vaidades, isso não interessa. É que vindas de si, animam e dão fé na vida. E eu preciso muito de esperar um pouco de mim e da minha vida.

Com respeito à minha filha: quero que ela seja sua amiga, a estime e aprecie como a Maria merece. Hoje mais do que nunca,

Adeus Maria. Mais uma vez lhe digo: conte sempre comigo. E dê notícias quando tiver conhecimento de alguma mais importante. Sua amiga Maria João.

Maria de Lurdes Belchior Pontes<sup>769</sup> (1923-1998), professora universitária, que leccionou, em Santa Bárbara, com Jorge de Sena, conheceu Maria Lamas em 1961, mas não a esqueceu. Escreve-lhe quando Maria Lamas ainda se encontra exilada, a propósito de uma viagem que fez à Madeira:

Minha Senhora,

Há sete anos conheci-a na Madeira, por ocasião do I Curso de Férias da Universidade de Lisboa, em que ambas participámos.

Depois, sobretudo através da sua neta Benedita, tive sempre notícias suas. Em Abril deste ano, quis procurá-la e só não o fiz, porque alguém, inadvertidamente, me deu uma informação errada: disseram-me que estava em Paris. Ora eu passei a Páscoa em St. Benoît sur Loire e na 2ª feira voltei para Paris, onde estive até 20 de Abril. E a Maria do Carmo Rodrigues informou-me de que esteve consigo nessa altura.

Porque lhe escrevo agora? Porque acabo de chegar da Madeira, onde no Funchal fiz uma palestra sobre «Poesia portuguesa contemporânea» integrada num ciclo promovido pela Maria Mendonça. E para mim a Madeira, não sei porquê, não se divorcia da sua presença.

A autora do «Arquipélago da Madeira» anda comigo, em espírito, nas minhas andanças pela Madeira e nos silêncios tranquilíssimos do Porto Santo, onde descansei em companhia da Matilde Rosa Araújo e de um casal amigo.

Victor Palla (1922-2006), arquitecto, fotógrafo e designer. Assinou em parceria com o arquitecto Bento de Almeida o projecto que deu origem aos primeiros snack-bares em Portugal, entre os quais «O Galetto», classificado pelo IPPAR. Na área da literatura, fundou, em 1949, com José Cardoso Pires, a colecção de bolso «Os Livros das Três Abelhas». Mantém correspondência vária com Maria Lamas, com particular incidência na década de 60 do século XX. Muitas das cartas apresentam um teor demasiado intimista, pelo que não as reproduzimos, apesar desse tom familiar mostrar quanta era a disponibilidade de Maria Lamas como amiga. Eis o que lhe confia Victor Palla<sup>770</sup>:

---

<sup>769</sup> Carta manuscrita de Maria de Lourdes Belchior Pontes a Maria Lamas, datada de 1 de Setembro de 1968. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.168.

<sup>770</sup> Carta manuscrita de Victor Palla a Maria Lamas, não datada. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.222.

Querida Amiga:

Já comecei e interrompi tantas cartas para si, já desisti tantas vezes... Quando estou consigo não sei conversar; e assim, longe, vejo que também não sou capaz de escrever e no entanto sinto que estou sempre em comunicação consigo, estranhamente; que não interpreta mal o meu silêncio e que com a sua profunda compreensão das pessoas (e a sua Amizade!) sabe que eu penso muito em si e que tenho consigo longas e confusas conversas que não logro reduzir a palavras.

Tenho atravessado dificuldades de vária ordem; as coisas acumulam-se por vezes de maneira insuportável; vou-me esgueirando conforme posso, torneando umas, fechando os olhos ao passar por outras, e até encarando algumas; mas ao pensar em desabafar consigo verifico quanto pode ser mesquinho o falar de dificuldades pessoais quando há tanta coisa importante a fazer, tanta gente que ajudar, tantos amigos a quem acudir... E quereria estar em toda a parte ao mesmo tempo, dando-me a todos aqueles a quem tanto quero, sofrendo com eles quando eles sofrem, e partilhando tudo o que julgo que a vida tem de maravilhoso e intenso. É que não perdi ainda esta ânsia enorme de viver, de experimentar, de fazer coisas, de amar verdadeiramente as pessoas com todas as responsabilidades que isso implica para com elas.

Mas a vida não se me arruma de maneira a eu ter sequer uma pausa para recapitular, me reorientar; vou vivendo sempre nesta suspensão esperançada de que o próximo passo é que é o decisivo, e entretanto tudo se vai somando e desdobrando, e há sempre mais passos para dar.

Tenho sentido, por tantos preciosos indícios, como a sua extraordinária intuição humana a levou sem necessidade de muitas palavras minhas a conhecer-me melhor do que a maior parte das pessoas mais íntimas (senão todas). E creia que isso me tem ajudado muito. Tantas vezes à beira de perder a fé em mim próprio, ou pelo menos a vontade de lutar, é ao lembrar-me da sua Amizade que me retempero, querendo merecê-la; e o seu admirável exemplo envergonha-me de ter fraquejado; e apetece-me pedir-lhe desculpa. Às vezes, no entanto, sinto-me tão fatigado, tão desorientado! E mais ainda por suspeitar que isto é simples fracasso meu no encarar dos factos, simples «pieguice» pois se há tantos, tantos, em condições tão graves, tão defeituosas!

Como sempre que tento escrever-lhe, ia rasgar agora isto tudo; mas desta vez resolvi que o não faria; e, certo ou não, deixo ficar tudo. As palavras são coisas toscas, por vezes; e é difícil apanhar com elas uma realidade que nos escapa. Cada vez sinto mais dificuldade na comunicação das coisas verdadeiramente importantes, e as minhas conversas do dia-a-dia receiam aprofundar muito. Isto é péssimo, e não sei encontrar exactamente a raiz do mal. Há um estranho pudor que me impede de me abrir inteiramente aos sentimentos, e sobretudo de exprimi-los. É vencendo uma barreira quase insuperável que lhe escrevo, e que tenho a coragem de, ao menos uma vez, não rasgar o que escrevo. Sei que estou a fazê-lo atabalhoadamente, sem reler, repetindo-me e até talvez contradizendo-me aqui e ali.

Mas quero obrigar-me a esta explicação dos meus indesculpáveis silêncios. Não tanto para que mos perdoe (sinto intimamente que os compreende, o que é muito melhor) como para tentar abrir uma fenda nesta barreira em que me sinto fechado.

Aníbal Trindade<sup>771</sup>, amigo de Maria Lamas, a viver na ilha da Madeira, recebeu Maria Lamas por várias vezes quando ela visitou a ilha e escreve várias cartas à amiga.

Nesta carta conta-lhe, entre outras coisas, os seus últimos projectos e pede-lhe também, o favor de interceder por um jovem cineasta, que teve de sair do país por razões políticas:

---

<sup>771</sup> Carta manuscrita de Aníbal Fernando da Trindade a Maria Lamas, datada de 13 de Dezembro de 1963. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.228.

Muito Querida Amiga,

As interrupções no nosso diálogo não significam de modo nenhum que não a traga sempre presente na mente e no coração. Ao longo período de convalescença física e moral seguiu-se um outro de excessiva actividade ao ponto de me tornar prisioneiro dos meus próprios planos. Sinto-me por vezes, apenas uma peça na engrenagem complexa das minhas realizações. Não sei ainda quanto tempo isto durará, até que ponto a minha resistência física e moral poderá aguentar esta febrilidade realizadora. Tenho presentemente já a funcionar duas pequenas unidades hoteleiras: a residência S. Paulo (12 «estúdios» arrendados a uma empresa sueca) e a Quinta Favilla (12 quartos, casa de chá e golfe miniatura). Em construção, a residência Parque, com 12 quartos, a residência Aerogole, minha residência, com 12 quartos) o Hotel St.<sup>a</sup> Maria (71 quartos, na Avenida João de Deus) e um barco (o velho «Tigre») para excursões turísticas ao longo da costa. Estou também a construir um grande restaurante no Amparo, vertente oeste do Pico da Cruz, para servir e fomentar a construção de residências nessa zona.

Os «bicos de obra» e complicações que a realização simultânea de todos estes planos me põem constantemente, têm, ao menos, o mérito de me absorverem, a ponto de não ter tempo de pensar noutros problemas....

Depois de toda esta enumeração de tarefas, a minha querida amiga poderá avaliar o meu estado de espírito e a razão da minha falta de assiduidade nos nossos diálogos.

Tenho hoje uma oportunidade de dar-lhe notícias directas minhas, através de dois rapazinhos, amigos do Tony, que partem para Paris: o Vicente e o Ara. São dois jovens artistas, cheios de sonho e de vontade de se realizarem. O Vicente é um cineasta «en herbe»; o Ara é pintor.

Julgo já lhe ter falado no Vicente. Trata-se dum rapaz verdadeiramente excepcional. Embora só com dezassete anos, tem uma maturidade extraordinária. Já realizou dois filmes de curta-metragem «O Limite e as horas» e «Notícia de última hora» que o afirmaram como uma verdadeira vocação neste campo. Há qualquer coisa de génio, neste rapaz. Com uma saúde relativamente débil e limitado por uma audição deficiente, não sei até que ponto ele poderá vencer os grandes obstáculos que se lhe vão deparar num meio como Paris. Expulso de todos os liceus do país, por razões puramente políticas, ele não tem, por isso, outra alternativa que não seja a de expatriar-se, para completar a sua educação.

Prometi-lhe apresentá-lo à minha querida amiga, embora o tivesse prevenido que as suas actividades literárias e sociais a mantinham quase sempre muito ocupada e que, por consequência, deveria respeitar muito o seu tempo. Prometi-lhe igualmente, por seu intermédio e se não achar nisso inconveniente, apresentá-lo ao Jorge Reis e ao Barradas de Carvalho, a quem envio as minhas melhores saudações. [...]

A Germaine continua sempre muito activa, colaborando em todas as minhas realizações. Ontem, muito modestamente, festejámos os nossos 24 anos de casamento. O nosso convívio íntimo, embora, aparentemente normal, não deixa de acusar a marca deixada pela minha “última aventura”. É uma cicatriz dolorosa, para ela e para mim. Nas duas últimas vezes que estive em Lisboa encontrei-me com a A. Da primeira, tive a sensação de que nada tinha mudado e que durante a nossa separação, ambos tínhamos hibernado. Da última, já a encontrei com outros interesses e solicitações, o que, felizmente, me ajudou a concluir este capítulo dramático, na minha vida. Como não podia deixar de ser, ela é bem a «Aspásia» do meu projecto de novela. Mais do que quem quer que seja, é o amor que ela ama. [...]

Estou a chegar ao fim da segunda folha, que, como sempre, muito gostaria de prolongar. Verifico quão pouco foi o muito que tinha para lhe dizer. Ficará para a próxima vez, que espero não tardará. Quando teremos o prazer de vê-la de novo, por aqui?

Um grande abraço do amigo de sempre, Aníbal

Júlio Pomar (1926-)<sup>772</sup>, amigo de Maria Lamas, escreve-lhe em 1970, quando residia no nº 39, Rue Moliton, Paris, XVI ème arrondissement:

<sup>772</sup> Carta manuscrita de Júlio Pomar a Maria Lamas, datada de 3 de Janeiro de 1970. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.133.



Querida Maria

Quantas vezes penso em si e quantas vezes sinto o remorso de não lhe escrever!... Sendo a Maria a pessoa com quem mais maravilhosamente aprendi o que se pode chamar comunicação, amor, só muito raramente, de mim para si, isso se traduziu em palavras.

Qualquer coisa a que as palavras ficam aquém, ou arriscam macular. Qualquer coisa que torna as palavras desnecessárias, uma coisa tão forte que delas prescinde.

Mas nada temo senão elas. O que elas dizem mal, o que elas não chegam a dizer. Projectamos as palavras sobre o que impossivelmente, possivelmente nos solda aos outros e irremediavelmente nos separa. No fundo das nossas palavras ouvimo-nos, é o nosso pobre retrato que oferecemos.

E perante o que de si recebia, eu sentia-me tão pobre! E estando consigo, ouvindo-a, eu sentia-me (brinquemos) no pecado da avareza: tudo recebia, nada dava.

Quantas cartas desde que saí de Paris, comecei! Rasgava-as, dizia-me: não é assim (danado perfeccionista!) mas há um momento em que se ousa o despudor do discurso gaguejado em que a palavra pudor não tem mais sentido. Aqui me tem, querida Amiga.

Não sei se irei a Lisboa proximamente. Estou trabalhando, julgo bem; quer dizer, posso concentrar-me no trabalho, sinto-o evoluir, tendo a impressão que faço alguns progressos. Trabalho sem nenhuma pressa, analisando o que o que faço e conseguindo, pelo que faço, uma realização que seria integral (e o é no momento em que produzo, o que é uma maravilha que me está a acontecer), se nós pudéssemos ser só palavras ou cores, ou formas.

A grande calma que sinto enquanto trabalho é uma coisa em mim nova. Uma lúcida, lenta alegria.

Se suspendo de repente o trabalho, por qualquer compromisso exterior, é como se a rua se abrisse maravilhosamente, todos os objectos se põem a viver relações intensas, tudo está vivo e eu sinto-me parte viva desse todo. É um sentimento poderoso que eu gostaria de ser capaz de descrever claramente, de o dar todo. Mas mesmo mal descrito sei que compreenderá, que isso lhe dará alegria. Partilhar a alegria, pequena ou grande, que se vive intensamente, não será a mais alta forma de amor?

...esta velha mania de estar a comparar coisas: a mais alta, a mais baixa. Comparar certas coisas é estar a dois passos de perder o gosto de cada uma. Comparar traz a valorização e no pólo oposto a destruição. A obsessão de armar as coisas num castelo de cartas: simulação do equilíbrio, equilíbrio fictício, a ideia a substituir-se à coisa. Tenho a sorte enorme de ter um ofício manual. Pensar com as mãos tem uma certa saúde. Mas não somos só mãos.

Eis porque o entregarmo-nos a uma acção (pintar, escrever) tem o seu contrário de remorso. Pergunto-me se estarei a cair num egoísmo feroz. Ocorre-me uma carta (que há quem tenha por monstruosa), uma carta, dizia, de Monet, quando lhe morre a mulher, que ele adorava: ele escreve a um amigo pedindo-lhe o dinheiro necessário para tirar da loja de penhores, as jóias que, morta, a adornarão; e por sobre toda a angústia evidente, ele fala em pintar: as rosas, os grãos, a transparência, etc. O drama cede lugar ao encantamento da acção quotidiana, mil vezes recomeçada.

Discernir exactamente o que se passa, conhecer, ia a dizer, os actos de amor. Quando nos encontrávamos, havíamos sempre de falar de amor.

Mais uma vez, querida Amiga, beijo-a (com a tal ternura que consigo aprendi) o Júlio

Também Mário Soares (1924-)<sup>773</sup>, quando estava em Rennes, escreve a Maria Lamas reafirmando-lhe a sua amizade:

Minha Querida Amiga

Recebi o seu telegrama, que muito lhe agradeço. Fiquei desvanecido com a sua tão amiga lembrança!

Deve ter recebido uma carta minha na Madeira (ao cuidado do nosso amigo Aníbal) e outra que lhe escrevi, logo do princípio para aí. Isto só para lhe dizer que eu também não me esqueço de si e da sua, para mim tão grata, amizade.

<sup>773</sup> Carta manuscrita de Mário Soares a Maria Lamas, datada de 17 de Dezembro de 1971. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.181.

A Maria de Jesus tê-la-á posto ao corrente das minhas actividades por aqui: preparo um doutoramento e estou como professor, na Sorbonne e aqui em Rennes. Tem sido uma experiência extremamente rica e interessante, este contacto geral e diário com a juventude. Por outro lado o seguir os acontecimentos de distância – e de um posto de observação tão interessante como Paris – dá-nos melhor que ninguém, uma serenidade e uma confirmação extraordinária. Creio, pois, que esta ausência tem sido fecunda (e no plano cultural e científico, para mim, muito útil). O essencial é que não se prolongue para além dos limites do razoável.

Como esta carta lhe chegará na quadra do Natal, quero endereçar-lhe os melhores votos para si e para todos os seus. Tenhamos confiança em que o 1972 trará à nossa querida Pátria, tão torturada, a paz e o bem-estar a que os seus filhos têm direito.

O mundo marcha – e é evidente para quem tem olhos que nós não poderemos ficar eternamente parados.

Aceite, querida Amiga, o melhor abraço do seu muito grato admirador, Mário

Em 1972, Fernando Piteira Santos (1918-1992)<sup>774</sup> escreve a Maria Lamas, quando se encontrava em Argel:

Querida Amiga,

Ontem, sábado, dia 18 de Novembro, no porto de Sidi Ferruch, morreu a tarde nos olhos, cheios de luz e de mar, de três portugueses que falavam de Maria Lamas, com respeito, com amizade, com saudade.

Evocou-se a sua vida em Paris. Evocou-se o seu quarto do «Hotel Saint-Michel», lareira onde se iam aquecer tantos portugueses da diáspora. Falou-se da sua vida. Dos seus escritos, da obra de criação e da obra de condenação. Lamentou-se que a Maria Lamas não tenha ainda publicado em livro, numa colecção de bolso, popular, corrente, aquelas páginas de análise fina e bom recorte que ficaram esquecidas num dos volumes de «As quatro estações» e que saíram a lume com o título «rousseauiano»: «As Confissões de Sílvia». Falou-se do papel que a Maria Lamas quis ter em Paris e de como soube, contra as inclemências do clima, as traições da saúde, a dureza dos sectários, ser compreensiva e ser jovem.

Quem lamentou em tom de censura, com gume crítico, o seu descuido – sejamos exactos – fui eu. Os meus interlocutores não se recordavam de «As Confissões de Sílvia». Na conversa prejudicava-os a imensa vantagem de serem mais novos.

E aqui me tem a dar-lhe conta de um fim de tarde na enseada de Sidi Ferruch, a confessar-lhe que a critiquei e a renovar a crítica, que é uma sugestão, que é um pedido, com tanta insistência quanta amizade. Muitas saudades do amigo Fernando

Fernanda Tasso de Figueiredo (? -?), companheira de Maria Lamas, desde os tempos do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, retoma o contacto depois de estar reformada, e mostra que não se esqueceu do papel que Maria Lamas desempenhou na sua vida:

Sem esquecer, também, que, no momento trágico da minha vida, em que andava à deriva sem conseguir encontrar-me, depois de ter visto naufragar a felicidade que julgava ter alcançado e, afinal, tão miseravelmente perdera, V., com o incentivo e entusiasmo que me soube incutir com a expansão do nosso Conselho, me proporcionou o grande auxílio de ter conseguido por fim, atingir o equilíbrio psíquico que tão difícil é de se voltar a encontrar quando, um dia, se tem a desgraça de no-lo fazerem perder...

---

<sup>774</sup> Carta manuscrita de Stella e Fernando Piteira Santos a Maria Lamas, datada de 19 de Novembro de 1972. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.196.

São coisas que não se esquecem. E, por elas, também eu, lhe sou devedora de muita gratidão.<sup>775</sup>

Em 1974, ano mítico da revolução de Abril, Maria João Allen de Vasconcelos<sup>776</sup> agradece a Maria Lamas “a confiança de há 28 anos”, e afirma que “procurou ter como modelo a sua coragem e o seu profundo amor à sua liberdade e independência.”

Helena Neves<sup>777</sup>, amiga mais recente de Maria Lamas, conheceu-a em 1970, quando regressou do exílio, manifesta também uma grande ternura e amizade por Maria Lamas:

Querida Maria Lamas

A sua carta fez-me um bem imenso. Ando cansada, o tempo foge-me, é difícil trabalhar, tentar estudar, ser dona de casa, ser mãe, ser mulher. Mas, por tudo isto, a sua carta veio-me dar maior ânimo, mais força.

Não tem que me agradecer nada, querida, muito querida amiga. Eu é que tenho de agradecer. Nunca saberá como foi importante e decisivo para mim conhecê-la, há 12 anos, no 8 de Março de 1970, naquela capela de Santa Marta, onde em semi-clandestinidade, nos encontramos para falarmos sobre o Dia Internacional da Mulher. Era a primeira vez que eu falava assim em público e estava cheia de medo, recordo-me bem.

O carinho com que me escreve, querida Maria Lamas, leva-me a ser absolutamente sincera e a falar-lhe de uma ambição secreta que sinto há muito. Quero ser a sua biógrafa melhor informada. Entre tantos e tantas que escrevem sobre si, eu não serei a de melhor qualidade literária, a mais capaz, a que talvez o mereça mais. Mas posso afirmar-lhe que para mim escrever a sua vida será uma obra de amor, porque a amo e sinto companheira. O texto que fiz para a exposição não me satisfaz nem um pouco. Não me bastam dados, quero sentimentos, quero a memória do amor e do desamor, da ilusão e da desilusão, a renúncia e a luta, a raiva e o combate, a indecisão, a certeza, a esperança. Quero o secreto, o não confessado e que ficará secreto até a Maria Lamas o desejar, até o mandar. Está zangada comigo por eu ser tão franca? Fico com um receio imenso de que se zangue, de que não compreenda porque eu quero assim, o que me motiva.

E o que me motiva é que nas biografias, os homens e as mulheres ou são perfeitos demais ou da sua vida sabemos datas, factos. Falta-lhes vida, sensibilidade, amor, falta-lhes estarem próximos de nós, das nossas inquietações e dúvidas, da nossa tão humana, tão vital “não perfeição”. E porque a amo muito, querida amiga, eu queria escrever de si, como se o eco dos seus pensamentos e sentimentos estivesse no que eu escrevia. A sua infância, a sua adolescência, o amor, os sonhos, as viragens.

Sei que é ambicionar muito. Não me surpreenderá nem ficarei magoada se não concordar com o meu pedido. Só lhe peço que me compreenda, que se não zangue comigo, que me continue a estimar.

Gostava de ir vê-la em Abril, num fim-de-semana, começando na sexta-feira. Quando está livre? Que pena não estar mais próxima de nós!

Quando a Nucha me devolver os textos que emprestei para a Exposição, eu envio-lhe fotocópia. Tenho mesmo uma prova censurada de um texto seu sobre a Paz que eu quis publicar e foi cortado. A Nucha leva-lhe propostas que, para nós – nós em sentido amplo, nós mulheres e nossa luta, nós povo e nosso combate – seria importantíssimo terem a sua aceitação. Sabe, ontem eu e a

<sup>775</sup> Carta manuscrita de Fernanda Tasso de Figueiredo a Maria Lamas, datada de 10 de Outubro de 1973. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.233.

<sup>776</sup> Carta manuscrita de Maria João Allen de Vasconcelos a Maria Lamas, datada de 30 de Junho de 1974. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.166.

<sup>777</sup> Carta manuscrita de Helena Neves a Maria Lamas, datada de 24 de Março de 1982. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.235.

Nucha fomos a um alfarrabista, na Rua da Trindade. Não tem nem um livro seu. Eu queria *Para Além do Amor* e outras obras. Nada está à venda. E ele, sem saber quem nós éramos, disse logo que “a Maria Lamas era muito procurada”. Fiquei tão contente!

Estou a ampliar o texto que fiz sobre a sua vida para a Exposição. Gostava depois de lho mostrar. Um grande abraço para si com todo o meu afecto, com uma imensa ternura. Helena Neves

#### 4. CARTAS DE ADMIRAÇÃO PESSOAL

Uma das pessoas a manifestar uma grande admiração por Maria Lamas é Maria das Dores Medeiros<sup>778</sup>, de quem transcrevemos apenas um pequeno trecho:

Antes tinha uma grande admiração por si e agora a ela juntei a minha ternura e um amor semelhante ao que se dispensa a uma mãe. Digo-lhe isto, porque é assim que sinto, simplesmente e sem qualquer complicação. É tão bom ser-se sincera! Como eu seria completamente feliz se todas as pessoas fossem como a senhora!

Clélia Vidal<sup>779</sup> mostra-se encantada por ter tomado contacto com Maria Lamas e por aquilo que a fez pensar, ou repensar:

Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Maria Lamas

A «pequena conversa» que V. Ex.<sup>a</sup> teve connosco na reunião de quinta-feira passada e subordinada ao tema «A vida associativa entre as mulheres portuguesas» deixou-me encantada, não só pelo assunto escolhido e que tem para mim um especial interesse, mas também pela forma como foi apresentado.

Não há muito tempo ainda que uma senhora, também sócia do Conselho e ilustre conferencista que à causa da mulher tem dado toda a sua inteligência, me falou entusiasticamente nos discursos de V. Ex.<sup>a</sup> prometendo-me até o que proferiu na sala da Voz do Operário. Por tudo isto e também porque o vosso nome não me era desconhecido há já muitos anos, senti um grande prazer em ouvir-vos e mesmo algum orgulho em ser mulher, o que não me acontece muitas vezes. Senti impulsos de me dirigir a V. Ex.<sup>a</sup> e dizer-lhe pessoalmente o quanto as vossas palavras me sensibilizaram mas uma timidez que sempre me acompanha, não me consentiu. Sou mais expansiva escrevendo do que falando e isso deve ter por causa a vida isolada que tenho feito até hoje.

Às vezes medito sobre o meu carácter bisonho e faço a mim própria esta pergunta: - mas porque não falo eu com as outras mulheres? Porque não me interesso pelos seus assuntos? E o raciocínio diz-me precisamente aquilo que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> focou em especial: as mulheres falam só de assuntos pessoais que, por igualarem os de todas as outras, perdem o interesse.

Estou decerto a tomar-lhe tempo, mas se soubesse como me sinto feliz em escrever a uma mulher que falou tão acertadamente dos nossos problemas!

E fê-lo com tanto carinho, com tanta delicadeza! Eu ficaria a ouvi-la sem olhar para o tempo!

<sup>778</sup> Carta manuscrita de Maria das Dores Medeiros a Maria Lamas, datada de 27 de Julho de 1949. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.158.

<sup>779</sup> Carta manuscrita de Clélia Vidal a Maria Lamas, datada de 15 de Março de 1947. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.71.

Só tenho privado de perto com mulheres sem personalidade definida ou que a têm, talvez, adormecida por tantos séculos de submissões.

V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> frisou, e muito bem, que «o nosso mundo» não basta! E é verdade! Para mim, pelo menos, não basta mas quando quero livrar-me desta submissão ancestral, sinto-me impotente! Na verdade, será preciso conviver com as outras mulheres, falar sobre todos os nossos problemas, pôr em relevo todas as nossas faculdades de trabalho, de inteligência, mas sem acinte, sem arrogância.

Quem dera poder fazê-lo! E pensando assim deixo-me arrastar por esse sonho de que desperto, quase sempre, brutalmente, por algum facto observado que me traz outra vez, desalento. As pessoas reservadas e pouco expansivas observam sempre o que se passa à sua volta e essas observações são quase sempre desanimadoras.

As mulheres, geralmente, são tão distantes...

Evidentemente que entre o joio há sempre bom trigo portanto, não desanimemos e embora a obra do ressurgimento da mulher seja uma causa quase fantástica, devemos prosseguir confiadas nas vozes altissonantes daquelas que pela sua inteligência merecem todo o nosso respeito e de que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> é bem o símbolo!

Peço que me perdoe esta longa dissertação sem elegância literária nem pretensão a tal, mas que serve apenas para vos agradecer essa conversa que caiu no meu coração como bálsamo benéfico, para a grande doença de que enfermei há muito tempo: - Cepticismo!

Enquanto sentir nos ouvidos a ressonância das vossas palavras ditas com tanta sinceridade, com tanto desejo de nos irmanar a todas, ricas e pobres, cultas e incultas, mas mulheres, não duvidarei de que a mulher compreenda um dia o grande papel que a natureza lhe confiou e conquiste o lugar que lhe compete na sociedade.

Com os maiores protestos da minha admiração, sou respeitosamente, Clélia Vidal

Maria Teresa Lamas<sup>780</sup>, primeira mulher do segundo marido de Maria Lamas, não resiste à demonstração de admiração pela autora:

Exm.<sup>a</sup> Senhora

Dona Maria Lamas

Embora pelo meu casamento com Alfredo Lamas já falecido tenhamos o mesmo apelido, não a conheço pessoalmente minha Senhora.

Mas quero testemunhar-lhe o meu respeito e admiração pelo seu espírito superior e combativo na incansável luta na defesa dos direitos da mulher portuguesa, testemunho que eu desejaria dar-lhe num abraço amigo, mas que aguardo para isso o momento oportuno.

Pena é que nem todos saibam compreender a sua tão clara e humana linguagem.

Por mim que também sou portuguesa, muito e muito obrigada.

Bem-haja Minha Senhora!

E se Deus a distinguiu dando-lhe essa alma de eleição que a acompanhe também até ao final da sua maravilhosa caminhada.

São os meus votos.

Maria Virgínia Vieira Pinto<sup>781</sup> manifesta a sua admiração e comoção por receber uma carta de Maria Lamas:

---

<sup>780</sup> Carta manuscrita de Maria Teresa Lamas a Maria Lamas, não datada. Maria Lamas respondeu a 27 de Novembro de 1974. Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca Nacional de Portugal, caixa 5, referência 1.175.

<sup>781</sup> Carta manuscrita de Maria Virgínia Vieira Pinto a Maria Lamas, datada de 4 de Março de 1983. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.178.

A primeira sensação foi de surpresa, depois de comoção. E tão comovida fiquei que as lágrimas me deslizaram cara abaixo. Nunca tinha pensado ter a felicidade de receber uma carta sua escrita mesmo para mim! Desde bem novinha aprendi a admirá-la; e hoje, com 58 anos, não só a admiro como a amo. Com a admiração e o Amor de que é credora pela sua vida dedicada à Humanidade em geral e à causa da mulher em particular.

Também Rosália Braamcamp<sup>782</sup> mostra a Maria Lamas o que sente por ela, na carta que se segue:

Exm.<sup>a</sup> Senhora D. Maria Lamas,

O Orlando, que ficara de me avisar do seu regresso, não sei porque motivo continua ainda a dizer-me que não voltou até hoje. Por outras vias, sei que regressou logo em Julho. Desgosta-me bastante não poder vê-la e usufruir um pouco do grato estímulo moral do seu espírito.

Há muito, há muitos anos, que eu ansiava chegar à sua presença, para testemunhar-lhe a minha admiração e o meu aplauso e a minha desvaliosa solidariedade. Infelizmente, o círculo vicioso dos meus espinhosos problemas pessoais (já nem os considero profissionais) tem-me amargurado e manietado a tal ponto que nem ganhava ânimo para buscar esse oásis. Ficava-me também detida pela timidez e perguntava-me se me ajudariam a chegar até si. Vejo hoje que a interrogação tinha fundamento.

Houve quem, recentemente, me avisasse – e esse gesto foi gratamente paternal – de uma campanha subterrânea que visava desmerecer-me junto das minhas relações de trabalho, de amizade ou simples conhecimentos.

O despeito dos homens pode muito nesta terra e os próprios misóginos encontram a aliança de muitos acreditados chefes de família, toda a vez que se pretenda, maquiavelicamente, impossibilitar uma rapariga de viver sossegada e dignamente do seu trabalho. Sempre senti essa perseguição na sombra e isso mesmo me desencorajava e quase me desautorizava a dar este ou aquele passo, inclusive o de me abeirar de si. Sobretudo desde que perdi o conforto da amizade – docemente casular – de Joaquim Manso e João de Barros, sinto-me francamente exilada num mundo estranho e impenetrável. Toda a vez que me abro, confiadamente à comunicação e à comunhão humana, sou dolorosamente ferida nesse transporte, que assim resulta ingénuo. Tal como hoje, com o Orlando. As cartas que tenho mandado para Itália, para a Fausta, dão bem o testemunho do apreço em que o tenho.

Firmado, talvez, em informações puramente emocionais, retribui-me com uma desconfiança e uma cautela inteiramente imerecidas – e também indignas do seu bom fundo moral. Foi um dos mais deprimentes baldes de gelo que recebi nestes últimos tempos. Sofri-o, no entanto, com filosofia e resignação.

Perdoe-me estes desabafos. Mas só uma mulher esclarecida sobre as condições em que este nosso “sexo inútil” é forçado a viver neste país, me poderia compreender e acreditar.

Continuarei a segui-la, de longe, com a mesma inalterável devoção. Rosália Braamcamp

P.S. Em qualquer altura que pretenda saber de mim, pode consegui-lo através da Europa-América, da Sociedade de Escritores ou da Casa da Imprensa. Actualmente moro na Rua da Arrábida, 30-2º Dtº.

---

<sup>782</sup> Carta manuscrita de Rosália Braamcamp a Maria Lamas, datada de 12 de Setembro, sem indicação de ano. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.200.

## 5. CARTAS DE TEOR INTIMISTA

Ester Costa<sup>783</sup> aborda Maria Lamas por causa de uma questão familiar, que observa uma situação de adultério:

Minha Boa Amiga

Deus permita que o tratamento a que esteve sujeita estes dias no Hospital a tenham melhorado bastante para que continue a trabalhar em prol da mulher portuguesa, conseguindo fazer-lhe compreender a dignidade na verdadeira acepção da palavra... E é tão necessário que a mulher se compeetre dos seus deveres mais ainda do que dos seus direitos!...

Minha Amiga...hoje recorro a si também, com o coração a sangrar...Esta Páscoa que eu desejaria de Ressurreição total para a minha alma, trouxe-me simplesmente luto e dor...

E não posso nem quero aceitar este luto e esta dor porque a inteligência a isso se recusa...

Andei num colégio durante 5 anos. Tive como companheira dilecta, e íntima amiga uma rapariga de ideias absolutamente livres, anti-religiosa, materialista mas...que sempre julguei boa.

Formávamos uma só...Tínhamos então ideias absolutamente iguais. Eu, como já lhe disse, só aos 17/18 anos comecei a crer e a aceitar com o coração e a inteligência, a Fé e Religião. Até essa altura era tão descrente como a Tonette (assim lhe chamava eu...)

Pois bem. Separámo-nos. Divergiram nossos pontos de vista, eu tornei-me para ela um “feijão-frade”...

No entanto continuei a interessar-me pela sua vida, pela sua maneira de ser, por tudo quanto lhe dizia respeito. Frequentou Medicina até ao 2º ano. Desistiu para casar com um primo de quem não gostava mas que lhe garantia (segundo ela) uma relativa liberdade...

Está casada há 4 ou 5 anos...

Desde então tem feito a infelicidade do marido (que a adora!...) e de alguns rapazes, um dos quais cunhado, casado com uma irmã do marido.

Pois bem. O acaso, se quiser, ou Deus, como eu digo, mostrou-me provas irrefutáveis de que a Tonette, a minha companheira de colégio, a amiga que eu considerei a 1ª...é hoje amante de meu irmão!...

Soube isto ontem. Desde então não calcula que sentimentos se têm debatido em meu coração!...

Meu irmão está noivo de uma excelente rapariga, formada em Farmácia, que espera ansiosamente o fim do ano para se casarem...

Ele está absolutamente loucamente mesmo seduzido pela Tonette, todo o dinheiro que possuía para o casamento tem desaparecido como por encanto com ela...

Essa rapariga é casada...o marido vive bem...Meu irmão está noivo.

Que fazer? Por Deus diga-me: como acabar com isto?

Note bem: dum lado a amiga a quem quero muito, apesar de tudo...do outro o meu irmão a quem amo como deve calcular!...

Já não falo em religião e no que representa para a minha alma angustiada ver estes dois seres a quem tanto quero caminharem vertiginosamente para o pecado. Não falo nisso...

Vejo a vida do meu irmão desfeita, a vida dela desgraçada... do marido, os perigos a qual ambos estão sujeitos...tudo, enfim!...

A minha mãe, que tanto quer ao filho...minha irmã para quem o Ruy era o mais admirável dos irmãos...

Que fazer, minha amiga? Por Deus!... Como encontrar uma saída para acabar com isto?...

Creio que avaliará bem o que tenho sofrido...

---

<sup>783</sup> Carta manuscrita de Ester F. Costa a Maria Lamas, datada de 4 de Abril de 1947. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.85, transposta para a caixa 70.

Se pudesse dar-me uma resposta urgente agradecia-lhe tanto!...

E perdoe...mas sei que a sua experiência e, vá lá, um pouquinho de amizade por mim, são suficientes para me ajudarem a resolver ou encarar de frente este caso. Creia sempre na estima e gratidão da Ester F. Costa

Depois da resposta de Maria Lamas, Ester F. Costa<sup>784</sup> responde, em forma de agradecimento, num claro tom intimista:

Muito e muito obrigada pela sua tão generosa carta, tão boa, tão amiga!... De facto ela não me trouxe maneira de resolver esta questão demasiado delicada para que eu possa sozinha resolvê-la!...

Mas, sabe? Creio que afinal o que eu precisava era de ser compreendida, era de desabafar, sei lá!... Foi isso que aconteceu...E depois, a sua experiência destes casos dolorosos deve ser muito grande, muito vasta!... A si recorrem tantas raparigas alanceadas por problemas desta natureza!... E é tão fácil, se quisermos, livrarmo-nos deles!... Basta é querer, minha amiga!... Também eu, não há muito tempo, sofri muito, muito, e julguei sucumbir...Mas depois, queimei tudo, reagi, levantei a cabeça e pude sair sem ser queimada...E se era perigoso e forte o meu adversário!... E se eram poderosas as armas que contra mim desencadeou!... Mas hoje posso dizer com orgulho e com satisfação – VENCI!... E venci à custa de muito sacrifício, de muita coragem, de muitas noites perdidas... da própria saúde enfim!... A nossa amiga D. Fernanda T. Figueiredo viu bem de perto a minha luta e apreciou como eu reagi sozinha!... Minha mãe e irmã estavam fora, as minhas companheiras também... e até aquilo que hoje me sustenta fraquejou – a Fé!...

Mas consegui sair vencedora!... Ilesa?... Ai não!... Na minha alma abriu-se um lugar muito especial para todas as raparigas que como eu sofreram e que, como eu, queiram sair das garras de ilusões malfazejas!...

O caso do meu irmão é diferente. Eles não querem... Eles atiram-se de cabeça, sem olharem as consequências... Só vivem animalmente o momento presente!... Só interessa para eles o prazer que avilta, que corrói, que leva à ruína moral e física!... Nem sequer existe o Amor, aquele amor que, mesmo quando é cinza e pó...tem força suficiente para dar calor... e aquecer!... E a oração que eu nunca deixo, consola e estimula... E, quer crer?... Eu nunca deixei de rezar pelo meu ELE... para que Deus o faça feliz com a outra que ele escolher... ou na vida que leva!... Não é bondade... É compreensão! Tive que suspender... o chefe chamou e larguei tudo para acorrer à voz do dever... tão duro por vezes...

Creio que não consigo achar o fio da conversa encetada... mas não importa!... Já falei muito de mim, o que por vezes, nos torna egoístas...

E hoje quero antes falar-lhe de uma rapariga que pertence ao Conselho e que bastante precisa de si...

Conheci-a na Escola Marquês de Pombal era ela uma das finalistas e, creio, a melhor aluna do Curso. Inteligentíssima e com uma cultura geral bastante razoável para a idade. Encontrei-a outro dia por acaso na rua. Falámos. Ela mostrou desejo de conversar comigo porque, parece, simpatizou com a Instrutora de Moral, que eu fora na sua Escola.

Evidentemente que aceitei o desejo dela e no dia seguinte lá fui visitá-la à Livraria onde está empregada. Fez-me pena... Está muito só e rodeada de bastantes perigos, embora ela tenha uma linha de conduta muito boa. Tem 18 ou 19 anos, não sei bem. Está empregada numa Livraria na R. das Gáveas (Edições Europa-América, se não me engano). Chamo-lhe Gina. Não sei mais. Creio que trabalha na Biblioteca do Conselho. Vive só, completamente só. Não tem pais nem irmãos. Sinto-a fria e muito “vazia” para a idade. Precisava de qualquer coisa que lhe norteara a vida. Se tivesse Fé convidá-la-ia a trabalhar comigo na Juventude Operária, na Salvação e Elevação da nossa Classe. Não a possuí, o que não quer dizer que não possa à mesma trabalhar por nós, raparigas que trabalham. Mas não o poderá fazer connosco. Talvez o Conselho lhe possa dar qualquer coisa que supra os afectos da família... qualquer coisa que a faça amar a Vida e

<sup>784</sup> Carta dactilografada de Ester F. Costa a Maria Lamas, datada de 9 de Abril de 1947. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.85, transposta para a caixa 70.



Viver plenamente para um certo e determinado fim... É tão nova! Ela conhece-a bem e estima-a bastante. Creio, contudo, que a vossa intimidade é pouca e ela precisa de amparo.

Sou amiga dela e, nas medidas dos possíveis estou disposta a ampará-la e já lhe ofereci um lugar no meu coração. Temos no entanto pontos de vista discordantes. Eu sou para ela uma idealista... E a minha egoísta amiga não compreende como eu, “sendo uma rapariga inteligente”, possa ter Fé!...

E depois faz-me uma série de perguntas muito engraçadas com o fito de me “enrolar”...

Eu aceito-a tal qual é. Se é feliz sem Fé... se esta nada de novo lhe poderá dar... que interessa o resto?...

Bem. Só queria pedir-lhe que me olhasse pela Gina, que enchesse com qualquer coisa daquilo que vos enche, aquele coração ansioso por se dar.

Clélia Vidal é uma das pessoas que, também, faz confidências de cariz pessoal a Maria Lamas. Sem dúvida que seria interessante sabermos a resposta, mas dada a impossibilidade, podemos avaliar pelo que lhe escrevem, que há uma total confiança.

A 10 de Janeiro de 1950, Clélia Vidal<sup>785</sup> dirige-se por carta a Maria Lamas:

Minha boa Amiga

Há tanto tempo sem ter notícias suas e sem saber porquê! No entanto não quero duvidar da sua simpatia e compreensão. Isso seria arrancar de dentro de mim a última centelha de esperança pela humanidade.

Desculpe, tenho sido tão tocada pelo infortúnio que chego a dizer e pensar coisas que em ocasião normal nunca me passariam pela ideia. Tenho querido telefonar-lhe mas receio incomodá-la pois a sua vida também é bastante espinhosa, não é assim, e precisa bem de coragem para a enfrentar! No entanto se soubesse como duas linhas apenas, escritas pela minha amiga, dessa maneira consoladora como costuma fazer, me fariam bem...

O meu marido diz-me a cada passo: «tu não tens ninguém que goste de ti, pois as pessoas, que te olham, ficam logo a saber quem tu és».

E até de noite, nas horríveis insónias que me atormentam, eu oiço a sua voz e penso: - Será verdade? Não saberei eu analisar-me? Ou antes: pensarei eu que os outros simpatizam comigo e sucederá o contrário? É horrível esta dúvida, creia, pois afinal, depois de tudo o que tenho passado não me restaria mais nada senão alguma amizade para me dar coragem.

Encontro-me em péssima situação, pois, como era inevitável depois de tanta loucura, a situação do meu marido não é muito boa e eu preciso bastante de ganhar a vida. Faço balanço aos próprios conhecimentos e penso «o que farei? Tenho o curso de piano, que, presentemente, para pouco serve, falo francês bem; alemão, pouco: escrevo à máquina mas com pouca prática e gostaria, talvez, de seguir a vida jornalística em vista de não ter muita dificuldade em me exprimir segundo a opinião da minha amiga e mais recentemente da Sr.<sup>a</sup> D. Virgínia Vitorino.

Até falámos muito sobre a minha boa amiga e ela mostrou-me a sua admiração e estima pela senhora!

De todos estes balanços o que resta, porém?

Muita fantasia e pouca realidade, claro!

A Sr.<sup>a</sup> D. Virgínia até me disse: -“Escreva qualquer coisa e mande para a redacção de qualquer jornal, mas eu, com franqueza, não gosto disso.”

Gostaria, sim, de ter alguém que me guiasse, que me apontasse erros ou qualidades e visse nessa minha tentativa, apenas o desejo de seguir uma carreira que me atrai e nunca o da vaidade satisfeita. Infelizmente entre nós não existe uma escola dessa natureza onde alguém possa matricular-se e verificar se tem ou não possibilidade de seguir esse caminho com êxito. Senti-me tão feliz quando a minha amiga mencionou aquele curso de preparação, lembra-se? Afinal pouco durou e o meu castelo de cartas ruuiu...

<sup>785</sup> Carta manuscrita de Clélia Vidal a Maria Lamas, datada de 10 de Janeiro de 1950. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.71.

Sem mais, abraça-a com amizade sincera a Clélia

De um teor, diríamos, mais romântico, Edgar<sup>786</sup> escreve a Maria Lamas, num estado de admiração plena:

Maria:

Neste mesmo papel em que escrevo, tal como tantos – porque nada acabou segundo me disse, lembra-se? – Apetece-me conversar consigo. Porque me apetece conversar consigo? Por a ter ouvido ontem na conferência? Não. Creio que não. Há muito que me apetecia escrever-lhe. Ontem, é possível ver-se a resolução do meu desejo. E aqui estou. Resolvi-me, pronto, mais nada. E aqui estou. Aqui estou sem saber por onde principiar. É muito mais fácil escrever uma carta mentalmente, os assuntos, então, ocorrem...Assim...Não sei. É possível que nesta carta não lhe diga nada. Depois, se quiser, escreverei outra que será a segunda água. A primeira ainda vem turva. Demais a mais não quero fazer literatura.

Nós podíamos ter sido amigos. O destino tudo nos deu para isso. Não seguimos, naturalmente, o caminho indicado. Ou seguimos, quem sabe? – Que poderemos nós saber do sido?

Mas podíamos ter sido amigos. Eu ontem vi o seu espírito em seu olhar. E vi que o meu espírito tinha compreendido o seu. Você não deu por nada. Você falava para o público e o público também não deu por nada. Eu só é que vi para além de si própria. Um dia, você também verá para além de mim próprio. Escreveu-me. Escreveu-me em condições muito extraordinárias, como se dormisse, como se sonhasse...Que fez dessa carta? Gostaria de a reler, tenho a impressão que me faria bem.

Passaram anos. Ambos passámos muito, provavelmente. Mas não falemos do passado, Maria, o passado são folhas secas que o vento de Outono faz bater nas vidraças da janela. Não as deixo entrar. Eu tenho uns versos que falam de folhas secas. António Patrício também fala, constantemente de folhas secas no D. João e a Máscara. Leu? É impressionante, a última paixão de D. João pela morte.

(atendo o telefone. Era você, Maria, eu estava neste momento precisamente a escrever-lhe...)

E continuo. Felicitei-a pela sua conferência. Aqui, nesta carta, não a felicito porque acima da sua conferência, acima, compreende, impressiona-me o seu olhar. Acima do seu olhar, o reflexo da sua alma. Para além da sua alma, o Infinito.

E você estava cheia de mocidade. Havia juventude no seu sorriso. Não a posso felicitar, Maria. Não se felicita ninguém, pelo olhar, pela alma, pelo sorriso.

Nesta carta – o mesmo papel em que lhe escrevia, o mesmo que tenho sobre a minha mesa para trabalhar, nesta carta, não lhe falo de mim, de si, e não sei de que lhe vou falar. Hesito mesmo em lha mandar. Mas eu prometi. Então...

Espere. Desculpe a futilidade. Termina a correr antes de rasgar a carta que (não se percebe) ...por tanta falta de ideias.

Vou dar-lhe um conselho de cabeleireiro:

Use sempre o penteado que ontem tinha, todo levantado para cima, ficava-lhe bem, muito bem.

Esta carta envergonha-me. Deixo-a fugir antes de a reler. Por isso a não a vou mandar pelo correio. Amanhã...

Amanhã seria tarde.

Saudades

Edgar

Uma grande amiga de Maria Lamas, que lhe envia várias cartas ao longo dos tempos, sente de súbito uma urgência em lhe contar e, acrescentamos, desabafar, porque sente a sua confiança plena, tendo em conta o assunto que é revelado. Por uma questão

---

<sup>786</sup> Carta manuscrita de Edgar a Maria Lamas, datada de 29 de Abril, sem indicação do ano. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.77.

de prudência não identificamos esta amiga, mas consideramos que a carta é valiosa, quer do ponto de vista humano, quer do ponto de vista da amizade, que é um dos valores cultivados por Maria Lamas, durante a sua vida inteira. Apesar de a carta<sup>787</sup> ser um pouco extensa, não abdicamos de a transcrever:

Grande Amiga,

Decididamente, de todos os meios de comunicação, prefiro a escrita... E especialmente no nosso caso, quando se trata de “preencher” uma dezena de anos em que não tivemos outro contacto, a não ser o escrito e, mesmo esse, esporádico, acho que será a única maneira de nos pormos “a par” – e sinto da sua parte uma sincera vontade de saber, não por curiosidade, mas pelo interesse gerado pela verdadeira amizade que procura conhecer, para compreender...

Quando nos conhecemos em Paris eu era (por dentro) ainda muito nova. Estava – e continuei a estar durante algum tempo – profundamente enamorada do homem com quem casara.

Eu tinha sido muito namorada e, consciente da volubilidade dos meus afectos, quando sentia que alguém estava um pouco preso a mim, procurava “escapar-me” antes que a minha fuga fosse mais dolorosa ainda para o parceiro. Não podiam falar-me em casamento, pois logo me “desprendia”, receosa de qualquer laço que limitasse a minha liberdade. No entanto, com o António tudo foi diferente, embora ele hoje diga que não o amei verdadeiramente. Mas eu sei que isso não é verdade. Ele tinha algo que o diferenciava dos outros, uma pureza especial, uma fome de carinho e um desejo sem fim de se dar e de receber em troca um abandono igual. Sei que a nossa ingenuidade gerou muitos mal-entendidos entre nós, alguns deles que talvez até nos passem despercebidos...

Neste intervalo tive o prazer de receber o seu telefonema. Ainda bem que os cravos lhe agradaram! Fiz os possíveis por que os recebesse no dia 1º do Ano.

Casei com alegria, pensando que toda a minha sede de ternura ia finalmente ser saciada. Não foi assim. O António – ele diz que não estava amadurecido ainda para o casamento – decepcionou-me desde o primeiro dia de vida em comum. Passei aquele período a que chamam “lua-de-mel” a ouvi-lo recomendar-me que estudasse...latim! Para ele, hoje sei-o porque mo disse anos depois, era fundamental que eu tivesse uma ocupação, um curso, vamos lá, um modo de vida definido, o qual, tornando-me economicamente independente mais valorizaria a seus olhos a minha permanência junto dele. Mas a minha adolescência fora demasiado triste e brutalizada pela vida, para que eu fosse capaz, naquela época, de fazer algo mais que não fosse AMAR o homem com o qual julguei poder identificar-me até à própria maneira de sentir e de viver a vida...

Fui filha única dum casal desigual pela sensibilidade e por outras coisas mais. A própria história da minha Mãe seria tema para um livro...

Ela morreu, após uma doença que se arrastou ao longo de 13 meses, quando eu tinha 14 anos. Ainda em vida de minha Mãe, mas estando Ela já inconsciente – morreu de cancro – o meu Pai, por quem eu não nutria particular ternura porque se manifestara pouco paciente durante a minha infância e um pouco brusco sempre para mim, tentou, sem o conseguir, iniciar-me em práticas de ordem sexual. Foi o choque mais terrível que sofri até hoje, pois um PAI é sempre para uma mulher, o elemento de valor masculino pelo qual mais tarde vai medir e avaliar os homens que se aproximam.

Depois foi uma luta constante, travada de dia e noite, entre um homem transtornado e a sua própria filha que lhe dedicava ao tempo o ódio mais profundo do que era capaz de sentir...desejei-lhe mil vezes a morte e durante muitos anos (talvez ainda até hoje) pensei que apenas a sua morte me libertaria completamente daquele pesadelo. Nunca cedi. Talvez se o tivesse feito hoje sentisse menos a culpa de que sempre carregou a sua lembrança.

Internou-me num colégio de freiras: nas Doroteias, da Quinta das Calvanas, ao Campo Grande. Foi bom para mim poder dormir descansada, sem acordar ao menor ruído, pois durante três anos foram assim sobressaltadas as minhas noites...

<sup>787</sup> Carta manuscrita a Maria Lamas, em 3 de Janeiro de 1973. Biblioteca Nacional de Lisboa, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.16.

Vivia no pavor de adormecer profundamente e de ser “apanhada” de surpresa. Não sabia, é certo, como as coisas se passavam exactamente entre mulher e homem e vivia aterrorizada com a ideia de que algo pudesse passar-se sem eu poder lutar.

Nunca contei a ninguém durante longo tempo: tinha vergonha de que se soubesse tal coisa acerca do meu pai e receio também de que não acreditassem em mim. Um dia, após uma cena particularmente violenta, durante a qual fui espancada, contei a uma tia – irmã de minha mãe – que vive actualmente no Brasil. Ela deu-me força para lutar e chegou a perguntar-me se eu queria que ela apresentasse queixa do caso. Mais uma vez a vergonha de que se soubesse me impediu de optar por essa solução. Além disso, a perspectiva de ser sujeita a um exame médico-legal apavorava-me. Entretanto – e com o pretexto de que eu era muito leviana e namorava a torto e a direito o meu pai internou-me no tal colégio que foi para mim uma espécie de paraíso. Aí escrevi centenas de versos (sonetos, na altura) contos, sei lá. Até um romance acabei, o qual foi queimado pela Mestra-Geral por lhe parecer indecente! Eu começara a escrevê-lo ainda no liceu – no Filipa, que frequentei do 1º ao 6º ano – e era lido dia-a-dia pelas minhas colegas que se entusiasmavam com as peripécias de que eu o recheava. Era como um folhetim que elas liam avidamente todas as manhãs...

No colégio fui seduzida pela calma do ambiente que, à primeira vista me pareceu de paz satisfatória. Dediquei-me a longas meditações e procurei no sentimento religioso o conforto que o mundo exterior me recusava. Passei por uma fase mística e pensei que a paz que eu desejava tanto me seria possível de alcançar num convento. Aos 19 anos quis ser freira.

Optei pela acção em vez da contemplação que me parecia demasiado egoísta e estéril. O meu director espiritual achava-me mais talhada para a vida contemplativa e encaminhou-me para os Carmelitas... Eu preferia ser Franciscana Missionária e pensava dedicar-me às leprosarias.

Entretanto descobri que o “santo homem” que me dirigia espiritualmente (jesuíta de voz terna que tinha grande audiência em todas as Doroteias) apalpava as meninas no...confessionário! Foi o princípio do fim da minha religiosidade. Qualquer coisa não batia certa...Mudei de confessor; embora novamente jesuíta, (só estes entravam no colégio) o novo director espiritual achava-me mais destinada à vida activa e concordava com o meu ingresso nas Franciscanas. Mas ele era muito terra-a-terra e logo o troquei por outro director.

Um homem inteligentíssimo, moderno de ideias, no qual nunca notei qualquer falha e que inclusivamente compreendeu que eu me aproximava lenta e dolorosamente do abismo que passou a ser para sempre a minha atitude mental em relação ao problema religioso. Eu lera muito entretanto: obras de crentes e de profanos. Teologia, St.º Agostinho, Santa Teresa d’Ávila, Renan, tudo à mistura e dentro de mim tomava vulto a descrença na Divindade. Esse padre último – sei que ainda vive e até gostaria de falar-lhe um dia – depois de ler os meus escritos e de conversar comigo algumas vezes disse-me: “o seu caminho não está no convento, nem na clausura nem na acção: está no mundo. Viva a sua vida! Isto que lhe acontece agora é apenas uma fase que em breve passará...”. Assim era de facto e em pouco tempo, de cada vez que me ajoelhava na capela do colégio, sentia cada vez mais o frio de tudo aquilo a que o meu fervor místico já não trazia qualquer sentido. O meu espírito pedia amor, é certo, mas a minha razão não aceitava a ideia de um deus criador e governador (mau) do mundo. Foi uma rápida mudança que me perturbou, mas que me iluminou para sempre (penso eu, pelo menos que será para sempre...).

Entretanto a Mestra-Geral do colégio, surpreendida pelo facto de eu não querer ir a casa nos fins-de-semana em que as internas saíam – uma vez por mês, se tivessem bom aproveitamento escolar – e notando uma grande frieza em relação ao meu pai, o qual por sua vez dera ordens para ninguém mais me visitar além dele, tentou saber o que havia. Um dia disse-lhe tudo. Ela foi extraordinariamente compreensiva e disse-me que não tivesse medo pois velaria pela minha segurança. Não sei o que ela disse ao meu pai mas fui passar as férias grandes a casa e a atitude dele modificara-se: estava cerimonioso, frio (e eu pouco manifestava, com receio do que me pudesse vir a custar...).

Decorreu outro ano lectivo – durante o qual se radicou a minha descrença na divindade – e a Mestra-Geral foi nomeada Superiora do Lar de Universitárias das Doroteias em Coimbra.

Foi um óptimo pretexto para eu ir para lá frequentar a Universidade.

Foi a Mestra-Geral quem tratou de tudo com o meu pai, que eu receava que não autorizasse a minha ida. Tudo correu bem e lá fui, feliz, sentindo-me pela primeira vez – uma rapariga com uma vida normal. Na Faculdade, a “cabulice”, a leitura, a convivência, a poesia que fervia cá dentro e era preciso escrever, tudo isso me impedia de estudar devidamente. Por lá andei e estive prestes a conseguir a licenciatura em Românicas, se não fossem as complicações sentimentais

em que me metia e depois a irremediável atracção que senti pelo António e que me levou a deixar para trás tudo o que não fosse Ele.

O meu pai continuou na mesma cerimónia e nunca entre nós se aludiu àqueles três anos que foram os piores da minha vida. Apenas há uns anos, num dia em que tivemos uma discussão qualquer (já eu estava casada) eu lhe disse: “Não pense que me esqueço de certas coisas só porque não falei nelas durante muito tempo, pois nunca me esquecerei!”

Durante anos dediquei ao meu pai um ódio surdo e secreto. Com o decorrer do tempo fui vendo as coisas de outra maneira e prefiro pensar que ele estava perturbado com a longa doença da minha mãe e que agiu sem saber o mal que fazia perante a filha. Mas conservarei durante toda a vida a mágoa de não ter tido um Pai a quem pudesse amar e que um dia lembrasse com muita ternura e saudade. O António, que conhece tudo isto, trata-o com delicadeza mas – eu sei – sem qualquer espécie de amizade.

Era necessário contar estas coisas todas para que a minha Amiga compreendesse qual era o meu “clima” e carências afectivas quando casei.

Não havia nada mais importante na vida do que o amor – tão negado e oferecido por sua vez por aqueles que não me interessavam... Hoje sei que idealizei o António, diferente do que ele era na verdade, também porque ele me ocultou certos pormenores que me teriam ajudado a aceitá-lo como ele é, e não como o criei para “meu uso”.

Após o nosso casamento senti-me sozinha: a vida profissional do António absorvia-lhe grande parte do tempo e o que restava passava-o com os amigos. Quando ia cedo para casa era porque levava trabalho para eu fazer... tentei prosseguir o curso, como “voluntária” mas eu não estudava, ou estudava pouco e não resultou. Depois compreendi que o António fizera o mesmo em relação a mim, que eu tinha feito a seu respeito: idealizara-me diferente e não me aceitava como ainda hoje não me aceita, tal como eu sou. Entretanto – e durante estes 14 anos de vida comum – modifiquei-me muito: sou mais dura, mais egoísta, menos compreensiva, em resumo – sou pior do que era e, o que é mais doloroso, tenho consciência disso!

Sete anos de vida na Sertã – sete pesadelos em que pouco a pouco me sentia relegada, inútil, sete anos durante os quais os meus gestos de ternura eram recebidos com frases como esta: “tenho que trabalhar, deixa-me agora...” ou então: “é tarde, tenho que dormir porque amanhã tenho um julgamento fora...”.

Deixámos de conversar, de trocar impressões sobre coisas, livros, sei lá. Até o nascimento da Catarina foi decidido por mim. Disse um dia: -“Queres ou não ter filhos? Acho que se queremos tê-los é a altura própria, pois não é aos 40 anos que vou ter o primeiro filho!”. Foi assim. Depois foi difícil engravidar e tornou-se necessário um tratamento caro e longo. Quando eu pensava que estávamos instalados na Sertã (tínhamos comprado um terreno para uma casa) surgiu a possibilidade de o António vir para Lisboa, para a tal companhia que tinha subsidiado a nossa estadia de 2 meses em Paris, quando a conhecemos. Eu esperava o nascimento da Catarina e embora detestasse vir para Lisboa, quando compreendi que a saída da Sertã era fundamental para o António, entusiasmei-o para vírmos. Continuei a sentir-me insegura: ter que mudar de ambiente, vir para uma cidade onde não me agradava viver, tudo me confundia. Sabia que o meu casamento falhara, mas agarrava-me à perspectiva de ter um filho a quem amar... Nasceu. Foi a época mais equilibrada da minha vida – sentia-me serena junto da minha Filha, queria ser calma para ela, dar-lhe um ambiente onde se sentisse feliz... O António com a vinda para Lisboa modificara-se totalmente: conversava comigo, só saía quando eu o acompanhava e sentia-o interessado em mim.

Mas eu... Ainda na Sertã, recordo-me de ter-lhe dito um dia de desespero: “Quem me dera estar liberta de ti, quem me dera o dia em que me sejas indiferente, em que não te tenha amor!”.

E finalmente acontecera...

Quando ele queria vir ao meu encontro, encontrou-me fria, indiferente, nessa época sem rancor, mas sem entusiasmo...

Quando a Catarina tinha 15 meses foi preciso eu empregar-me, pois o António, não se sentindo profissionalmente realizado na Companhia mineira, queria voltar à advocacia e fazê-lo aqui, na “selva” de Lisboa, era voltar ao princípio! Mudámos para uma casa mais barata e eu empreguei-me na Fundação Gulbenkian. Foi muito duro para mim deixar a Catarina entregue a uma empregada (muito competente e que estava connosco há 3 anos) pois até então fora eu quem me ocupara sempre dela. E essa separação provinha do homem que me decepcionara tanto, sentimentalmente, que me trouxera de novo para a cidade da minha odiada adolescência...

Em 1968 a minha hostilidade para com o António era de tal modo incómoda – e fazia-me sofrer, evidentemente – que lhe propus separarmo-nos. Foi uma época terrível: conversámos muito, dissemos coisas que há muito deveriam ter sido ditas mas eu confirmei que continuava fria em

relação a ele, embora no campo propriamente físico as coisas se passassem nessa altura normalmente.

No tempo da Sertã, até esse aspecto fora anormal pois passámos meses seguidos deitados o lado um do outro todas as noites sem que nos tocássemos, o que me desesperava.

E não era porque o António tivesse outra mulher, ou outras, mas porque essa era a sua maneira de (inconscientemente) reprovar a minha maneira de ser e de estar na sua vida...

Na Fundação entreguei-me apaixonadamente ao trabalho: com demasiado entusiasmo, até, mas talvez pretendesse preencher em mim um outro vazio... As mortes – muito próximas – do meu sogro e dum cunhado nosso, pessoas a quem me ligara profundamente, penso que numa substituição daquele Pai que não cheguei a ter... perturbaram-me muito, e esses acontecimentos, ligados ao excesso de trabalho, provocaram-me uma depressão nervosa de que fui tratada pelo Professor Ducla Soares, muito meu amigo, aliás.

Entretanto, para mim, que me julgava sentimentalmente – e definitivamente – morta, surgira uma atracção por um colega de trabalho (embora doutro serviço) que o António detestava e no qual eu notava muitos defeitos que me desagradavam (leviano, não procura uma relação de igualdade com a própria mulher, etc.). Para mim foi uma surpresa sentir que os meus sentidos “respondiam” a uma solicitação... Quis saber como reagia eu numa situação que não pensava ter que enfrentar. Fui para a frente e, consumado o adultério, sem poder conviver com o António sem lho dizer, contei-lhe e saí de casa nesse dia, para casa duns amigos que moravam próximo. Ainda consegui guardar o segredo durante 2 semanas ou 3, mas tive que lho dizer. O António reagiu pessimamente: primeiro, com violência, depois, choroso e suplicante e por fim, altivo e “mordendo” constantemente no mesmo assunto até diante da empregada e ...da Catarina!

Passsei um fim-de-semana no Algarve com os amigos em casa de quem estava e com a Catarina e no regresso, jantámos com o António, em nossa casa e eu fiquei lá de novo. Ficou tudo como dantes! A má-vontade do António era constante, eu correspondia e parecia uma guerra perpétua. A certa altura, sentia a cabeça de tal modo baralhada, tudo se confundia, não aguentei o ritmo do trabalho que precisava de manter porque aconteceu ser uma época de muito serviço no departamento em que eu trabalhava e decidi sair. Propuseram-me que pedisse “baixa” para tratamento, mas eu estava incompatibilizada com o emprego, com as pessoas, com a casa, com a família, comigo até! Andei a fazer psicoterapia com um psiquiatra muito competente mas ao fim de cerca de 2 anos, por ser economicamente pesado, deixei. Penso, no entanto, voltar a fazer umas sessões assim que possa, pois noto que me fez bem e me deu uma visão um pouco diferente de certos problemas, incluindo até o da relação actual com o meu pai.

Dediquei-me às tarefas (íngratas!) domésticas e pensava poder repousar um pouco a cabeça exausta. Não foi possível pois logo que me desempreguei tive um aborto (a gravidez fora accidental mas mesmo assim sofri o choque psicológico próprio de quem involuntariamente aborta) e comprámos a casa em Loures. Foi preciso dar assistência às obras que se prolongaram por 7 meses... Andei numa correria: a lida doméstica, obras, ir buscar a Catarina ao jardim-escola, vida social... Quando nos instalámos aqui vinha ainda mais estafada do que quando tinha uma profissão...

Entretanto o problema do meu emprego – ou antes: de eu não ter um modo de vida que me dê independência e permita auxiliar o António na manutenção da casa – põe-se de novo agudamente e andei em busca de um emprego em “part-time” que me permitisse fazer face a certas despesas e aliviasse um pouco o António. Mas o trabalho em regime de “meio-tempo” no nosso país é ainda uma coisa vaga e pouco vantajosa para quem o presta, visto as empresas não concederem, nessas condições, quaisquer regalias sociais, salvo excepções. Respondi a anúncios, vendi livros à comissão, etc. Na “D. Quixote” já por duas vezes me deram traduções para fazer que é um trabalho que me agrada imenso, mas não me asseguram uma tal regularidade que me dê garantias... Por outro lado, na Fund. quando saí, um Administrador (que foi m/ director de serviço durante 5 anos e não queria que eu sáísse) disse-me textualmente: “Se alguma vez quiser voltar a empregar-se, ficaremos ofendidos com a senhora se for bater a outras portas antes de vir ter connosco outra vez...”

Em Maio último fui lá e fiz, por escrito, saber à Fund. que, tendo resolvido os problemas de saúde que me levaram a pedir a demissão, etc. era m/ intenção voltar...

Foi-me dito, com toda a boa-vontade de que sim senhor... Um mês depois, foi resolvido que iria substituir imediatamente uma empregada que estava doente gravemente. Fiquei à espera de que me dissessem uma palavra e 7 meses depois – há dias – voltei lá. O mesmo senhor disse-me que enfrentam uma crise, que se encara até a hipótese de despedir pessoal, etc. e que portanto, não devo ter esperanças de voltar para lá. Só lamento que não mo tenham dito antes... Nem tudo o que sai pela boca fora quer dizer alguma coisa, é a conclusão lógica de tudo isto.

Há tempo lembrei-me de pedir à senhora Dona Maria que intercedesse para que me dessem traduções (de francês) para fazer, mas não gosto de recorrer às pessoas amigas e muito menos de pedir para mim seja o que for.

No entanto, aqui fica lembrado: se souber de alguém com quem eu possa ir ter para obter traduções, ou mesmo um trabalho regular – desde que não tenha um horário demasiado sobrecarregado – lembre-se de mim.

Estou ansiosa por trabalhar, mas vejo desanimada que às mulheres se exigem ainda mais horas de serviço (como as secretárias, por exemplo) paga-se-lhes menos do que aos homens e por outro lado não se lhes facilita a vida com a criação de infantários decentes e de custo acessível, ou mesmo gratuito que lhes permitam desempenhar a sua profissão livre dos problemas de assistência imediata aos filhos. Já não é meu, este problema, mas choca-me o que vejo, oiço e sei... Quanto a mim, o problema é o dos horários. Não se pode dirigir capazmente uma casa mesmo com pessoal, estando ausente dela 7 ou 8 horas seguidas por dia!

Onde isto veio parar! Só faltou dizer-lhe também se nasci ou não dum parto normal!

Mas não estou repesa de ter escrito tanto: só lamento fatigá-la e perturbá-la, talvez, com esta longa confidência, mas sei que não poderia compreender-me sem lhe contar – mesmo “por alto” – todas estas coisas de que são feitas os meus 39 anos...

Resta acrescentar que as relações Eu/António mais tensas se tornaram porque no último verão, tendo nós resolvido passarmos parte das férias separados, o António foi 15 dias para o Algarve com a Catarina e um grupo de pessoas amigas (mulheres e crianças). Eu fiquei, agarrada às minhas traduções e tentando, sozinha, ver um pouco mais claro dentro de mim. Uma amiga (ou suposta) depois de ter estado uns dias aqui em casa, com 2 filhos, comendo dos meus cozinhados e namoriscando o meu marido (o que aliás já durava desde Maio último) teve o seu devaneio com ele no Algarve, tendo chegado a uma repetida experiência sexual. Eu sempre soube que ela gostava dele – fui eu até quem disse ao António há anos que o notara – mas nunca esperei que o António “colaborasse” sem me dizer qualquer coisa. Depois, telefonando-me do Algarve insistiu para que eu fosse lá estar uns dias (creio que se sentia confuso, não sei, ou precisou de mim). Fui. Estive lá 2 dias e 2 noites. No 2º dia, ao jantar (só ela, ele e eu) o António embriagou-se deliberadamente e houve uma cena violenta ao chegarmos ao hotel, durante a qual me agrediu em presença da Catarina que, aterrada, assistia a chorar. A agressão foi motivada por ele pensar que eu com “a outra” o “gozámos” e porque ela lhe contara uma confidência que eu lhe fizera de manhã. Essa “confidência” foi uma triste experiência que eu quis fazer, para me certificar se de facto a tal “amiga” jogava em 2 campos opostos, com jogo semelhante. Ela fazia-me confidências (guardando o melhor, já se vê...) para provocar as minhas, que transmitiria, coloridas a seu modo, ao António. Já o fizera no verão passado, mas eu não tivera a certeza. Desta vez decidi fazer a prova real. Conte-lhe uma história recheada de pormenores e esperei. Não durou muito, nessa tarde ela transmitiu-a ao António, o qual à noite, teve a tal reacção violenta.

Eu sou por natureza avessa à violência, de toda a espécie e disse-lhe na altura que não sabia se poderia esquecer o que se passou naquela noite. Além de me ter chocado muito profundamente o facto de o António (por quem um dia me apaixonei e que para mim era um homem diferente de todos os que conhecera) ter “entretido” um romance durante todo aquele tempo sem me dizer uma palavra... E foi acidentalmente, durante a embriaguez dele, que eu soube que não se resumira numa história platónica e desinteressada. Depois foi outro pequeno inferno... Presentemente, é um clima instável, de desconfiança, de receios, de vontade de “morder”... A mim, apetece-me fugir daqui para fora (PARA ONDE?)

Mas a Catarina está muito apegada a nós dois e gosta muito desta casa. Já tentámos fazer vida à parte, ambos aqui dentro, com todos os ressentimentos e tentando preencher, com uma espécie de tardia cerimónia, o fosso que as palavras duramente e raivosamente ditas abriram entre os dois, mas é difícil... Assim se arrastam os dias e as noites, numa situação que não se define, que nem é de indiferença nem de interesse verdadeiro. Como é doloroso ter que chegar a este ponto! Quanto às minhas aspirações... valerá a pena falar nelas? Gostaria de poder trabalhar e ao mesmo tempo dar à Catarina a companhia de que ela por enquanto ainda carece, enquanto não criar o seu mundo próprio, de amigos e de relações fora dos pais. Gostaria de valorizar-me aos meus próprios olhos, pois tanto tenho desanimado perante os meus defeitos e erros, que às vezes resta-me pouco respeito por mim! Neste ano lectivo resolvi matricular-me na Fac. de Direito. É um ramo de estudos de que sempre gostei e que não segui na altura devida por ignorância. Mas até à data ainda não consegui concentração para pegar em livros... O trabalho de casa, a Catarina, as compras, etc. ocupam-me quase totalmente e no fim de cada dia de cansaço sinto-me vazia e sei que ninguém dá valor ao trabalho que fiz nem ao esforço que despendi... O António

não dá qualquer valor ao trabalho doméstico e é isso que mais ainda me fatiga: fazê-lo para ninguém...

Perto dos 40 anos – que cumprirei em breve – encontro-me mais desorientada do que aos 20, que é a idade mais própria das indecisões e das escolhas... Estou vazia de tudo, sem problemas cruciantes, é certo, mas repleta dos pequenos problemas que desgastam e desencorajam, que roubam até o prazer de viver e de acordar viva em cada dia. Procuro não pensar muito. Nem sei se faço bem: a minha psiquiatra diz que não, que se devem enfrentar as coisas de vez, com coragem.

Tenho medo de tudo e especialmente de tomar decisões que possam traumatizar a Catarina, para quem sonhei tudo tão bom e tão belo...

Sei que estou a fatigá-la muito. Perdoe-me. Não vou reler a carta pois se o fizesse, rasgá-la-ia e não quero fazê-lo.

Estimo-a muito, por isso hoje, tão corajosamente me abri consigo e deponho tudo isto – mais este peso – sobre o seu coração amigo.

Tanto fica por dizer do que me dói, mas por aqui poderá fazer uma ideia de tudo o resto.

Sei que tenho errado também em relação ao António, mas o que é certo é que me sinto ferida e, o que é pior, fria, por dentro.

A Catarina é o problema máximo. Mas gostamos tanto dela...

Abraço-a com muita ternura.

Sua amiga grata

Como referimos, na impossibilidade de analisar o conteúdo de toda a correspondência do Espólio que vimos abordando, esta apresentação do conteúdo das cartas enviadas a Maria Lamas pode ser vista como prova evidente de que estes conjuntos documentais são deveras importantes para a abordagem qualitativa e mais próxima a um passado que se quer reconstruir e analisar sob a perspectiva da relação humana. Torna-se evidente, que o manancial de cartas guardadas, no espólio de Maria Lamas, deveria ser trabalhado de modo intensivo, o que não nos pareceu adequado neste trabalho, onde quisemos apresentar uma amostra pelo tipo de pessoas, de confidências, de confiança plena, ao longo do período de vida de Maria Lamas.



## Capítulo 7

### PARTICIPAÇÃO CULTURAL DE MARIA LAMAS

A primeira participação cultural de Maria Lamas, de que há notícia, aparece-nos num folheto do Teatro Virgínia<sup>788</sup>, de sábado, 13 de Março de 1915, com a indicação de um sarau em benefício dos soldados portugueses em campanha, a realizar em Torres Novas, em que se assiste à récita de um poema dedicado à enfermeira da Cruz Vermelha por Maria da Conceição Ribeiro da Fonseca.

Começa cedo a ligação de Maria Lamas com os acontecimentos literários em Portugal. O folheto informativo do Teatro Virgínia publicitava o Sarau Literário e Musical em benefício dos soldados portugueses feridos em campanha, em Torres Novas a 19 de Agosto de 1915. Do programa, constava uma secção literária com a participação das senhoras Maria Ribeiro da Fonseca, Maria Salomé Mesquita, Natália de Faria Rodrigues e Armando da Cruz Mesquita. Na 1ª parte, depois do hino nacional, pode-se assistir ao monólogo em verso, *A Noiva do Mutilado*, original da Maria Ribeiro da Fonseca, representado pela autora. Na 3ª parte, Maria Ribeiro da Fonseca e Natália de Faria Rodrigues recitarão *Rosas de Todo o Ano*. O folheto transcreve o monólogo *A Noiva do Mutilado*, cuja temática é a I Grande Guerra, com a indicação do nome completo da autora, Maria da Conceição Ribeiro da Fonseca. Não resistimos a reproduzir a 1ª estrofe:

Ai! Já lá vão cinco meses  
Que ele se foi. Quem tal diria!  
Já devíamos agora  
Estar casados. Afinal  
Veio a guerra, ele foi-se embora,  
Desfez-se a nossa alegria.

---

<sup>788</sup> Folheto publicitário do Teatro Virgínia. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 65, sem referência.

A 18 de Dezembro de 1926, no Instituto Luso-Belga<sup>789</sup>, em Carnide, houve lugar a uma récita promovida por este Instituto a favor dos Pobres de Benfica na sede do Sport Lisboa e Benfica, sábado, pelas 22 horas. Na 1ª parte, algumas palavras pela Exm.ª Sr.ª D. Maria Lamas, (distinta professora do Instituto), na 2ª parte, *Uma Carta do Brasil*, opereta em 1 acto de Rosa Silvestre. Na 3ª parte, *Manhã de Sol*, comédia em 1 acto dos Irmãos Quintero e a 4ª parte *Envelhecendo- lever de rideau* de Eduardo Brazão, sendo a 5ª parte constituída por um baile.

A 23 de Outubro de 1930, numa quinta-feira, pelas 22 horas, Maria Lamas toma parte num espectáculo extraordinário, no Casino Internacional<sup>790</sup>. A primeira parte do espectáculo compreendia recitações de José Bruges d'Oliveira, João Rico, Barão Ergonte<sup>791</sup> (1857-1926), Lutegarda de Caires (1873-1935), Cândida Aires Magalhães, Virgínia Vitorino (1895-1967), Cândido de Figueiredo (1846-1925) e Oliva Guerra (1898-1982). A segunda parte, dedicada somente à música. Na terceira e última parte, Rosa Silvestre declama o poema de sua autoria, «No arraial»<sup>792</sup>, em conjunto com poemas de Fernandes Costa, Jaime Câmara, João Rico, Barão Ergonte, Júlio Dantas (1876-1962) e Soares dos Passos (1826-1860).

No domingo, 3 de Maio de 1931, às cinco horas da tarde, podia-se assistir, no Salão da Liga Naval<sup>793</sup>, a 4 sonatinas de Pierre de Breville sobre poemas de Jean Moreas (trigésimo segundo concerto), organizado por Emma Romero Santos Fonseca da Câmara Reis, que será iniciado com uma conferência por D. Maria Lamas (Rosa Silvestre). A entrada é por convites.

Enquanto directora da revista *Modas & Bordados*, Maria Lamas tudo fez para a divulgação da mesma. Entre 1932 e 1933, promove uma série de conferências através da revista e sempre bastante noticiadas no jornal *O Século*. Apesar da irregularidade na periodicidade com que aconteciam, as conferências obtiveram bastante êxito no público lisboeta, com destaque para o feminino. Foram catorze as conferencistas, que indicaremos a seguir, com a temática abordada e a data da ocorrência. Os temas, todos de carácter cultural, apresentavam laivos de educação. A primeira conferencista, Branca de Gonta Colaço discursou sobre «A missão da mulher» (16-2-32), Graciete Branco

<sup>789</sup> Folheto publicitário do Instituto Luso-Belga. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 65, sem referência.

<sup>790</sup> Folheto publicitário. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 37, referência 2.81.

<sup>791</sup> Pseudónimo do poeta brasileiro Múcio Scevola Lopes Teixeira.

<sup>792</sup> Poema publicado na revista *Modas & Bordados*, 933, 25 de Dezembro 1929, p. 11.

<sup>793</sup> Folheto publicitário. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 36, referência 2.72.

abordou «O culto da alegria na educação da criança» (30-12-32), Adelaide Félix: apresentou «As festas tradicionais da nossa terra» (6-1-33), Adelaide Bramão: discursou sobre «Boa Educação» (20-1-33), Emília de Sousa Costa tratou o tema «A formação intelectual da mulher» (3-2-33). Já Branca Rumina referiu-se à «Criação e educação das crianças» (10-2-33), Julieta Ferrão discursou a propósito de «A educação do gosto», quando já exercia o cargo de directora do museu Rafael Bordalo Pinheiro (17-2-33), Maria Rio de Carvalho<sup>794</sup> tratou «A influência da moda no espírito das épocas» (10-3-33). A literatura não podia deixar de ser abordada, o que aconteceu com a conferencista Maria José Mendonça, que discursou sobre «A vida e a literatura contemporânea» (17-3-33), Branca da Silveira e Silva<sup>795</sup> referiu-se à «Mulher e à dor» (31-3-33), Laura Wake Marques palestrou em torno de «As diferentes épocas e estilos de música» (7-4-33), Isaura Passos Jardim realçou «As muitas belezas presentes na ilha da Madeira» (21-4-33), Sara Beirão debruçou-se sobre «O papel da mulher perante o problema material da vida moderna» (28-4-33) e a terminar este círculo de conferências, no número de catorze, Cândida Florinda Ferreira tratou a temática «Castros e castelos - a mulher nesses centros guerreiros» (5-5-33).

No seguimento do sucesso obtido com a realização das conferências, em Lisboa, Maria Lamas promove no Ateneu Comercial do Porto dois serões, com a “cooperação de vultos femininos dos mais ilustres na cidade invicta”<sup>796</sup>. No primeiro serão, o público teve oportunidade de ouvir Marta Mesquita da Câmara discursar sobre Camões, «poeta de ironia e graça». No segundo, Branca de Gonta Colaço apresentou uma conferência intitulada «Sejamos optimistas». “Os soberbos serões”<sup>797</sup> foram encerrados com um porto de honra, “afirmando o êxito da iniciativa de *Modas & Bordados* e das senhoras que lhe prestaram a sua colaboração.”<sup>798</sup>

Sempre com preocupações na área da cultura, Maria Lamas prossegue com uma intervenção na sociedade bastante visível e aplaudida. Em 1934, inauguram-se as «Tardes Literárias e Artísticas», organizadas por Maria Lamas e a revista *Modas & Bordados*. A primeira «Tarde Literária e Artística» realizou-se no Salão do jornal *O*

<sup>794</sup> Usou o pseudónimo de Miriam.

<sup>795</sup> Usou o pseudónimo de Giesta.

<sup>796</sup> *O Século*, 29 Maio 1933.

<sup>797</sup> *O Século*, 5 Junho 1933.

<sup>798</sup> *O Século*, 5 Junho 1933.

*Século* com “brilhanismo”<sup>799</sup> com a conferência «A vida do espírito», às 17,30 horas de 22 de Março de 1934, pronunciada por Maria Lamas. A participação artística ficou a cargo de Inês Viana da Mota ao piano, e Arminda Correia no canto, acompanhada por Francine Benoît. No dia seguinte, o jornal *O Século* transcrevia a conferência, com a indicação de que o público afluiu em massa ao Salão, que se encontrava cheio.

Maria Lamas continua com a organização de conferências, promovidas pela revista *Modas & Bordados*. Com início a 20 de Abril de 1934 e prolongando-se até 27 de Maio, realizam-se quatro conferências. A primeira conferencista é Maria de Cabedo Cardoso que aborda «O período áureo da Renascença em que a infanta D. Maria floresceu suas virtudes e graças». O ciclo de conferências continua com a participação de Emília de Sousa Costa<sup>800</sup> que discursa sobre a obra e o espírito da eminente escritora, Maria Amália Vaz de Carvalho. Seguiu-se-lhe Maria de Carvalho, a 20 de Maio de 1934 com uma conferência sobre a Rainha D. Leonor. Cândida Florinda Ferreira evocou a personalidade de marquesa de Alorna e encerrou este ciclo de conferências.

A jornalista Nelly<sup>801</sup> elogia Maria Lamas, realçando o seu papel como organizadora das conferências, afirmando que ouviu a conferência da «rainha D. Leonor» por Maria de Carvalho, colaboradora do jornal *Novidades* e também a de Emília de Sousa Costa.

Em 1937, Maria Lamas<sup>802</sup> organizou a Exposição de Tapetes de Arraiolos, que foi inaugurada nos salões do jornal *O Século* pelo representante do Sr. Presidente da República e Srs. Ministros da Educação Nacional e da Justiça.

Em 1938, iniciou-se a «Festa das Costureiras», organizada pela revista *Modas & Bordados*. A festa incluía o «Concurso do Bom Gosto», em que as concorrentes desfilavam com os seus vestidos de chita. No final havia a distribuição dos prémios às “gentis vencedoras [...], acto que constituiu uma enternecida homenagem ao trabalho feminino e em que colaborou o ilustre actor Nascimento Fernandes no Parque Mayer, onde se realizou um vistoso arraial. Dançou-se animadamente e com a maior alegria até de madrugada.”<sup>803</sup>

<sup>799</sup> *O Século*, n.º 18686, 23 Março 1934, p. 1.

<sup>800</sup> *O Século*, 13 Maio 1934.

<sup>801</sup> *Novidades*, 20 de Maio 1934.

<sup>802</sup> *O Século*, 17 de Dezembro 1937.

<sup>803</sup> *O Século*, 6 de Junho 1938.

No ano seguinte, 1939, a “grandiosa «Festa das Costureiras» promovida pelo jornal *O Século* e pela revista *Modas & Bordados* foi um espectáculo imponente de beleza e de alegria que atraiu ao Parque Eduardo VII muitos milhares de pessoas.”<sup>804</sup>

No Asilo Escola António Feliciano de Castilho<sup>805</sup>, situado na rua Francisco Metrasas, nº 95, em Lisboa, numa quarta-feira, dia 24 de Maio de 1939, entre as 6 horas e meia e as 7 horas e meia da tarde, aconteceu a sessão<sup>806</sup> n.º328, denominada «Uma hora de arte», dedicada aos operários de Lisboa, na qual as pessoas estranhas à Arte teriam de pagar 5\$00 por sessão. A sessão era constituída por cinco pontos, tendo Maria Lamas participado no Ponto 1:

Ponto 1- Palestra: «Camões, poeta do povo», por D. Maria Lamas.

Ponto 2- Canto e piano;

Ponto 3- Violoncelo e piano;

Ponto 4- Recitação: versos, pela autora Graciette Branco;

Ponto 5- Piano.

Mas Maria Lamas já tinha participado numa sessão anterior, mais propriamente no dia 4 de Maio de 1935<sup>807</sup>, quando a instituição funcionava na Rua Correia Teles, 45-47, em Lisboa com a palestra «A vida do espírito», sendo o resto da sessão preenchida com canto, piano e violino.

Em 1876, menos de um ano depois da morte de António Feliciano de Castilho perante a descrença em que caíra o Método Português de Castilho, João de Deus envolveu-se nas campanhas de alfabetização, escrevendo a *Cartilha Maternal*, um novo método de ensino da leitura, que o distinguiria como pedagogo. A *Cartilha* incorpora os trabalhos de Johan Heinrich Pestazzoli e Friedrich Wilhelm August Fröbel (1782-1852)<sup>808</sup>, dando-lhe um carácter menos infantil. A obra foi muito bem recebida, tendo sido considerada como utilíssima e genial pelos principais intelectuais da época, entre os quais Alexandre Herculano e Adolfo Coelho.

Este método, relativamente inovador na época, foi dois anos depois, e por proposta do deputado Augusto Lemos Álvares Portugal Ribeiro, aprovado como o

---

<sup>804</sup> *O Século*, 14 de Maio 1939.

<sup>805</sup> A APEC (Associação Promotora do Ensino dos Cegos) inaugurou em 1888 a sua primeira escola dedicada ao ensino dos cegos. Criada por madame Sigaud, primeiramente em Pedrouços, viria a transformar-se no Instituto Feliciano de Castilho.

<sup>806</sup> No ano de 1939, as sessões eram semanais. A próxima, a sessão n.º 329, seria a 31 de Maio de 1939.

<sup>807</sup> A próxima sessão, n.º 277 teria lugar no dia 31 de Maio de 1936.

<sup>808</sup> Fundador do primeiro «Kindergarten».

método nacional de aprendizagem da escrita da língua portuguesa. Graças a esta decisão, João de Deus teria a nomeação vitalícia de Comissário Geral da Leitura para essa forma de ensinar, com uma pensão anual de 900\$000 réis.

Para complementar o seu método, João de Deus publicou uma tradução adaptada da obra *Des Devoirs des Enfants envers leurs Parents*, de Theodore-Henri Barraus, a que se seguiram múltiplos artigos de natureza pedagógica contendo exortações e instruções dirigidas aos mestres que deveriam aplicar o método. Além de político, João de Deus Nogueira Ramos (1830-1896), obteve, também reconhecimento na área da poesia com a publicação de *Flores do Campo* (1868), *Folhas Soltas* (1876) e *Campos de Flores* (1893). Reconhecido no país, onde era mais conhecido por João de Deus, foi-lhe erigida uma estátua, no Jardim da Estrela, em 1930, aquando do centenário do seu nascimento.

Em 1941, pelo 111º aniversário do seu nascimento, numa homenagem à memória do insigne poeta e pedagogo, realizou-se uma visita ao Museu João de Deus, promovida pelos «Novos de Portugal» e pela Liga Regionalista Portuguesa. Na sessão falou o Sr. Dr. Gomes dos Santos, o estudante universitário António Cruz e a escritora Maria Lamas. Foi no jardim-escola João de Deus, para crianças dos quatro aos oito anos que Maria Lamas exaltou a figura e a obra do grande pedagogo e poeta.

Na sua conferência, no dia 9 de Março de 1941, pelas catorze horas e trinta minutos, Maria Lamas “frisou que João de Deus e a sua obra andam na alma de todas as mulheres portuguesas. A oradora fez votos pelo desenvolvimento dos jardins-escola e acrescentou que considerava a «Cartilha Maternal» o melhor método entre os melhores até hoje conhecidos”<sup>809</sup>. Como era de esperar, foram muitos os jornais a darem notícia deste acontecimento cultural, com destaque para a conferência de Maria Lamas, a saber: *Jornal de Lagos*, *O Comércio do Porto*, *Diário da Manhã*, *A Voz*, *Novidades*, *Diário de Notícias*, *O Século*, *Jornal de Notícias*, *Diário de Lisboa*, *O Cezimbrense*, *República*, *Jornal de Notícias* (Porto) e *Correio do Minho* (Braga).

No dia três de Maio de 1941, pelas dez horas, Maria Lamas “fez uma breve palestra sobre o «amor e o casamento», focando motivos amorosos do Japão, país onde ainda se mantém toda a sua pureza e culto de tradição”<sup>810</sup>, antes do recital de piano e

---

<sup>809</sup> *O Século*, 10 de Março de 1941.

<sup>810</sup> *O Século*, 4 de Maio de 1941.

violino com a professora Maria Antónia Palhares e os seus alunos. Seguiu-se um baile abrilhantado pela orquestra «Broadway». Este acontecimento cultural ocorreu na estação emissora «Accordeon», tendo sido também noticiado pelos jornais *Diário da Manhã* e *República*.

Maria Lamas, em conjunto com o Dr. Vasco Mendonça Alves e Artur Portela, fez parte do júri do torneio dos «Jogos Florais Acelistas» de 1941, organizado pelo Ateneu Comercial de Lisboa<sup>811</sup>. Num total de 782 trabalhos<sup>812</sup>, entre os quais se distinguiu António Fernando Gomes no segundo lugar no género narrativa. Este acontecimento cultural foi bastante noticiado na imprensa, em pelo menos doze jornais, em alguns mais de uma vez. Na rubrica «Acontecimentos da Semana», a *Vida Mundial Ilustrada*<sup>813</sup>, publicava uma imagem de Maria Lamas, com largo destaque para a sua participação enquanto elemento do júri. Outros jornais, como por exemplo, *Diário de Notícias*, *Diário da Manhã*, *O Século*, *Diário de Lisboa*, *Correio do Minho*, de Braga, *Novidades*, *República*, *Jornal do Comércio e das Colónias*, de Lisboa, *O Comércio do Porto* e *A Voz* deram bastante visibilidade a este acontecimento cultural durante o mês de Junho de 1941, quer sobre os prémios a atribuir, sobre as classificações, sobre a entrega dos prémios e do baile que se lhe seguiu, o que nos mostra a importância do acontecimento a nível do país.

Sempre presente em iniciativas de carácter cultural, em 10 de Agosto de 1942<sup>814</sup>, Maria Lamas preside a um chá no Casino do Parque do Hospital da Rainha D. Leonor.

Maria Lamas é convidada<sup>815</sup> por Maria Emília Correia para participar num debate alusivo à temática feminina, através de carta, sendo também enviado o questionário a ser respondido:

Maria Lamas

Peço desculpa de ter falhado ao jantar prometido, mas o tempo tem corrido e só a sobrecarga de trabalho me levou a protelar o convite, que continua de pé, e espero seja cumprido brevemente. Aqui envio as perguntas para o tal debate, melhor, para acrescentar ao debate internacional sobre o tema: a emancipação da mulher.

<sup>811</sup> Instituição fundada em Lisboa em 10 de Junho de 1880, por um conjunto de empregados do comércio.

<sup>812</sup> *A Voz da Serra*, de Seia, de 15 de Agosto de 1941. Recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 37, referência 2.82.

<sup>813</sup> *Vida Mundial Ilustrada*, 3 de Julho de 1947.

<sup>814</sup> *Gazeta das Caldas*, Caldas da Rainha, 1 de Agosto 1942.

<sup>815</sup> Carta manuscrita de Maria Emília Correia a Maria Lamas, datada de 17 de Janeiro, sem indicação do ano. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.160.

Responderá logo que possa, se possível dentro de um prazo de 15 dias, fim do mês de Janeiro, mais coisa, menos coisa. Se entretanto precisar de mais alguma indicação pode pedi-la ao Zé Ribeiro que ma fará chegar às mãos.

Lamento não poder almoçar hoje convosco, mas afazeres urgentes levaram-me a outro compromisso à mesma hora.

De qualquer modo estarei consigo, ouvindo as suas narrativas, com todo o interesse e a maior ternura. Maria Emília.

PS Escritoras ao debate: Rosana Rossandra (Itália), Susan Sontag (EUA), Marta Lynch (Argentina), Françoise Giroud (França), Blanca Varela (Peru) e Jean Franco (Inglaterra).

Do questionário constavam nove questões, a saber:

- 1- Que conteúdo atribui ao conceito de emancipação feminina?
- 2- No processo da emancipação da mulher, atribui igual valor à emancipação económica e à emancipação sexual?
- 3- Na sua opinião qual a relação existente entre a luta da emancipação da mulher e a luta de classes? Acha que a primeira deve subordinar-se à segunda?
- 4- Tomando em conta que o trabalho doméstico é gratuito e sem valor de troca, podemos classificar a mulher como uma classe à parte, fora das existentes.  
Isto pressupõe que a opressão patriarcal se deve entender como uma contradição principal e não secundária. Está de acordo com esta análise?
- 5- Considera-se que o trabalho remunerado é alienante, dadas as condições em que ele se processa nas nossas sociedades.  
Apesar disso aconselhá-lo-ia às mulheres como um meio de libertação?
- 6- De que modo considera a luta pela emancipação da mulher?
  - a) No quadro duma organização política e revolucionária?
  - b) Exclusivamente num movimento feminista?Neste último caso quais seriam os objectivos a curto e a longo prazo?
- 7- Considera a família um entrave à libertação da mulher?
- 8- Que importância atribui ao aborto livre nos objectivos da luta feminina?
- 9- Se se considera uma mulher libertada, criou por certo um novo tipo de relações com os homens. Como vê a atitude deles frente a si?

Parece-nos que este debate deve ter tido lugar após o regresso de Maria Lamas do exílio em Paris. Chegámos a esta conclusão pelo ano das primeiras publicações de algumas autoras. Se não, reparemos: Rosana Rossandra (1924-) publica pela primeira vez em 1971, Jean Franco (1924-) em 1967, Marta Lynch (1925-1985), em 1965, Susan Sontag (1933-2004), em 1963, Blanca Varela (1926-2009), em 1959. Apenas Françoise Giroud<sup>816</sup> (1916-2003) publicou muito mais cedo, em 1932.

Consideramos de extrema importância a dimensão cultural que Maria Lamas demonstra perante os seus pares. Cheng Yung-Yi recorre, precisamente, a Maria Lamas, para o ajudar na tradução de *Os Lusíadas*. Atentemos nos conselhos<sup>817</sup> que são pedidos,

---

<sup>816</sup> Pseudónimo de Léa France Gourdj.

<sup>817</sup> Carta manuscrita de Cheng Yung-Yi a Maria Lamas, datada de 14 de Outubro de 1957. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 14.



nomeadamente a nível linguístico, o que de facto mostra a imensa consideração em que o tradutor tinha a escritora:

Estimada amiga:

Foi uma grande alegria para mim receber a sua carta do 27 de Setembro e saber que a minha lhe chegou com tanta rapidez, pois isto significa que podemos manter uma correspondência regular. Ainda não recebi o dicionário e as «Líricas» de Camões, mas creio que tudo isto me chegará cedo. Já comecei o meu trabalho de tradução e estou agora traduzindo, como ensaio, o Canto I. Não encontro muitas dificuldades. As únicas são as seguintes: I-5: Gente vossa, que a Marte tanto ajuda.

I-7: Na qual vos deu por armas e deixou as que ele para si na cruz tomou.

I-41: E néctar sobre todos espargiu.

I-48: Mas já as proas... (Os portugueses detêm os seus navios na costa das ilhas, isto é precisamente o que os mauros lhes pediram. Então, por que “mas”?)

I-53: Somos... estrangeiros na terra... (se trata de uma raça maura chegada de outras terras?)

I-63: (O regente mauro já suspeita que os que chegaram são turcos. Por que “Ou se são dos de Cristo, como crê”?)

I-70: (Foi um costume que os navegantes pediam pilotos? Como foi o sistema de contratação?)

I-77: (Baco se converteu duas vezes: uma vez em um homem qualquer, outra vez em um mouro conhecido?)

I-85: (Os primeiros quatro versos referem-se ao que vem de acontecer na esta ilha mesma, ou ao que aconteceu antes, em outra ocasião?)

I-90: Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa, Que bem cuidou comprá-la barata;

I-91: Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaço.

I-93: (Os portugueses voltam primeiro à armada e depois saem outra vez a tomar a água desejada?)

I-96: O capitão, que não caía em nada do engano...

I-98: O Capitão, que a tudo estava atento (Isto quer dizer que ele estava sempre vigilante e somente esta vez caiu no engano?)

I-102: Como por regimento enfim, levava, (não compreendo nada).

I-105: Oh! Caminho da vida nunca certo, Que, aonde a gente põe esperança,

Tenha a vida tão pouca segurança!

Se tem ali em Paris um exemplar dos «Lusíadas», faça-me o favor de me ajudar. Além disso, gostaria muito de obter um livro dos «Lusíadas» em forma de novela (como os dramas de Shakespeare adaptados por Charles Lamb e Mary Lamb). Também interessar-me-ia conseguir a versão inglesa dos «Lusíadas» (sei que há uma, por Sir Richard Fanshawe, que apareceu em 1655).

Estou procurando uma colecção mais ou menos completa de selos chineses (da Nova China) e, uma vez conseguida, enviar-lhe-ei em breve.

Saudações respeitosas de Cheng Yung-Yi

## 1. CONFERENCISTA

É intensa a participação de Maria Lamas em várias actividades, nomeadamente como conferencista, onde aborda várias temáticas. O que apresentamos nesta parte do trabalho é um apontamento sobre algumas das conferências efectuadas pela escritora.

O jornal *O Almonda*, de 13 de Abril de 1929, dá-nos conta da participação de Maria Lamas, num serão de arte, onde a escritora deu uma conferência, tendo

sublinhado o papel da mulher, no que se refere a ser mãe, bem como a importância de lutar e da justiça. Afirmando que “o lar é um porto de abrigo”<sup>818</sup>, questionou: “Não teremos nós mulheres, saudades do tempo, em que éramos só os anjos do lar?”

Integrada na Semana do Cinema, levada a efeito pelo jornal *O Século*, Rosa Silvestre faz uma palestra, a 2 de Maio de 1932, intitulada «O cinema e a mulher», onde afirma que “a mulher moderna não é sinónimo de frivolidade e falta de pudor, como muitos, maldosamente, pretendem. A Maternidade é missão suprema da mulher.”<sup>819</sup> Para a palestradora “ao cinema cabe a missão de dignificar a mulher e ao mesmo tempo ensiná-la a erguer-se pela sua bondade e inteligência, muito acima das intrigas banais, de paixões deprimentes e da comédia mundana.”

Em 17 de Fevereiro de 1934, uma homenagem a Margarida Lopes de Almeida (1897-?), intérprete brasileira de poetas portugueses e brasileiros, constituída por um «Sarau de Arte» e organizada pela revista *Modas & Bordados*, constituída por duas partes, em que na primeira falou João Pereira da Rosa, seguindo-se uma conferência por Júlio Dantas. A segunda parte, «Uma hora de poesia» com a participação de Alberto Bramão, Augusto Santa-Rita, Tomás Ribeiro Colaço e Teixeira de Pascoais recitando versos deles próprios e ainda: Branca de Gonta Colaço, Cândida Aires de Magalhães, Graciete Branco, Laura Chaves, Maria de Carvalho e Virgínia Victorino, a qual teve a apresentação de Maria Lamas, com a particularidade de ser em forma poética, algo incomum, neste tipo de sessões. O discurso de Maria Lamas, pela sua característica, foi reproduzido na totalidade no jornal *O Século*, no dia a seguir, pois interessava ao jornal publicitar as actividades da revista.

Minhas senhoras  
Senhores  
Outrora, em paços reais,  
Folgavam reis e rainhas  
Em belos jogos florais.

E, ou fosse em salões doirados,  
Onde o sol, pelas tardinhas,  
Esbatia seus fulgores  
Em doce claridade  
E em manchas multicolores,  
Coadas pelos vitrais;

<sup>818</sup> *O Almonda* de Torres Novas, 13 de Abril de 1929. Supomos que a conferência tenha acontecido em Torres Novas.

<sup>819</sup> Documento manuscrito. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 40, referência 2.86.

Ou fosse em pastos eirados  
De castelos sobranceiros,  
Quando tudo era em bonança.  
E sobre os ecos guerreiros,  
Adormecidos, enfim,  
Descia a luz do luar,  
Muito branca, muito pura,  
Muito calma, a embalar  
Nesta alma uma saudade,  
Naquela uma linda esperança  
E a transformar as ameias  
De pedra rugosa e dura,  
Em românticas varandas de marfim;

Toda a corte reunida  
-donas, pajens e donzelas,  
Destemidos cavaleiros  
Da mais alta fidalguia –  
Escutava, embevecida,  
A voz dos trovadores  
Cantando seus amores  
Em torneios de sonho e de poesia.

Ser poeta era, então,  
Ser herói e ser amado!

Nesse tempo brilhante,  
Ainda mesmo na galanteria  
Havia heroicidade:  
- Não é verdade que se combatia  
P'ra conquistar uma rosa  
Ou um sorriso da mulher querida?

Como isso vai distante!...  
Hoje, triunfa a prosa,  
Nas almas e na vida...

Mas a chama sagrada  
Não se apagou ainda  
Nas almas sonhadoras.

E como a luz bendita farol  
Rasgando a bruma da noite mais cerrada  
Ilumina visões de puro ideal,  
Que ficam para além da realidade!...

E na voz do poeta  
Canta a Vida e a Morte,  
A Alegria e a Dor,  
A Humildade e a Grandeza,  
A Ilusão e o Amor!

E na voz do Poeta  
Canta a maior beleza  
Que há na Serra e no mar.  
Que há na Terra e nos Céus!

Nessa voz doce e forte,  
Que é murmúrio e clamor,  
Dir-se-ia palpitar

A própria ansiedade universal, como se através dela  
A humanidade inquieta  
Quisesse encontrar Deus!

Agora, como ontem, como sempre,  
Enquanto houver beleza e emoção,  
A luz maravilhosa dum poente,  
Todo melancolia,  
No céu escuro uma estrela,  
E houver na terra o brilho dum olhar,  
Há-de a poesia fazer vibrar as almas  
Ao ritmo alegre ou triste  
Da sua inspiração.

Enquanto o mundo for mundo  
E houver num peito humano um coração  
Capaz dum grande amor,  
Sempre a voz do poeta  
Há-de saber cantar  
O que na vida existe  
De mais subtil e mais profundo,  
De mais belo e melhor!

Jogos florais dourora,  
Vamos nós revivê-los nesta hora  
De enlevo e de magia.

A minha voz pobrezinha  
É apenas o arauto  
Desta festa encantadora:

Em vossa honra, Senhora,  
Que sois, com vossa arte divinal,  
Intérprete sublime da Poesia,  
Poetisas e Poetas consagrados  
Vão dizer os seus versos inspirados,  
Num conjunto admirável de harmonia!

Escutai, Senhora minha!  
E julgareis estar, por um momento,  
Numa corte de puro encantamento:  
- Uma corte singular,  
De que vós sois rainha!

Este foi o discurso de Maria Lamas aplaudido com “calorosa e demorada salva de palmas”.<sup>820</sup>

O jornal *A Voz das Colónias*, de 10 de Abril de 1934, refere que, na Primavera de 1933, a revista *Modas & Bordados* promoverá as «Tardes de Arte», acrescentando que este ano “a mesma categorizada revista, tem uma série de conferências.” A primeira conferência, com o título «A Vida do Espírito», foi pronunciada por Maria Lamas, onde a jornalista abordou a vida espiritual dalgumas mulheres célebres, todas ligadas ao

---

<sup>820</sup> *O Século*, 18 de Fevereiro de 1934.

mundo da literatura e dos salões literários, como por exemplo, marquesa de Rambouillet (1588-1665), madame de Staël (1766-1817)<sup>821</sup>, madame de Sévigné (1626-1696), madame Récamier (1777-1848), mademoiselle de Lespinasse (1732-1776), George Sand (1804-1876).

A conferência «A Vida do Espírito» voltaria a ser pronunciada por Maria Lamas, no Casino das Furnas em Setembro de 1935<sup>822</sup>, acrescentando a escritora a abordagem a outras duas mulheres: infanta D. Maria de Portugal e Marceline Desbordes-Valmore (1876-1859).

O jornal *Diário dos Açores*, de 22 de Fevereiro de 1936, refere a brilhante conferência que Maria Lamas deu sobre os Açores, com o título «A ilha de S. Miguel - maravilha do Atlântico» a que assistiram o Presidente da República e esposa, Ministro do Interior e Ministro da França e outras entidades.

Na sala de Portugal, da Sociedade de Geografia, houve, em 1937, um sarau promovido pelo Ateneu Ferroviário para comemorar o 2º aniversário<sup>823</sup> da sua fundação, em colaboração com o Ginásio Club Português, presidido pelo Chefe de Estado. Maria Lamas deu uma conferência subordinada ao tema «Mulheres de hoje».

A escritora afirmou estar de acordo com os pontos de vista que:

A educação moderna impõe, desde que nunca, se roube à mulher a sua feminilidade. É preciso que à graça e à beleza da mulher [...] correspondam sempre todas as demais qualidades conscientes, no seu lar e na sua vida profissional. E neste, deve ser a boa fada não só do seu próprio destino, como do destino dos que a rodeiam. A rapariga que hoje faz desporto pode e deve conservar intacto o seu natural encanto feminino a par da sua bondade. Tudo hoje lhe é permitido no campo profissional e do desporto desde que mantenha a sua linha feminil e de firmeza moral.

Enfim, a mulher de hoje, mesmo escolhendo uma carreira de curso superior, nunca deve abdicar das suas qualidades femininas; sendo sempre a companheira dedicada e carinhosa do lar.<sup>824</sup>

A década de 40, do século XX, foi talvez a mais profícua, para Maria Lamas, enquanto conferencista. A 28 de Julho de 1940, no encerramento da «Semana da Ourivesaria», a conferencista foi a convidada principal, com destaque no jornal *O*

---

<sup>821</sup> Madame de Staël escreveu o livro *Doze Anos de Exílio*, tendo também publicado *Reflexões sobre a Paz*. Aos 46 anos apaixonou-se por um rapaz de 23 anos, um garboso oficial. Maria Lamas apresentou uma abordagem alusiva à vida amorosa das escritoras.

<sup>822</sup> *Diário dos Açores*, 17 de Setembro de 1935.

<sup>823</sup> O Ateneu Ferroviário foi fundado em Dezembro de 1934.

<sup>824</sup> Recorte do jornal *Voz de Portugal* do Rio de Janeiro, 23 de Maio de 1937. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 38.

*Século*<sup>825</sup>, e com direito a fotografia no acto da conferência. No seu vestido comprido, Maria Lamas parece imperturbável e segura. A sessão solene e o espectáculo ocorreram no Teatro D. Maria II, integrados na «Semana da Ourivesaria», com a promoção do Grémio Distrital dos Ourives e Relojoeiros de Lisboa. Presidiu à sessão o Sr. Professor Artur Trindade, tendo a seu lado Maria Lamas e o Sr. Aníbal Tavares, presidente do Grémio dos Ourives e Relojoeiros de Lisboa, Manuel Mergulhão Júnior, Abílio Maurício Pereira, Alberto Baeta, Francisco Sales da Costa e John Halbritter da Comissão organizadora da «Semana da Ourivesaria» e o pintor Alfredo Cândido. Maria Lamas falou sobre a ourivesaria, exaltou o que ela representa de arte, para se referir, mais adiante, ao labor dos lavrantes de ouro e prata e ao valor que todos os trabalhos da ourivesaria têm para o espírito feminino. Condenou, de certa maneira, a ideia do uso de imitações de jóias e, ao concluir, felicitou a Comissão organizadora da «Semana da Ourivesaria» pelo êxito merecido que alcançou.

Um dos temas predilectos abordados por Maria Lamas, nas conferências, tinha ligações, claramente, ao aspecto feminino. Em Dezembro de 1940, a conferencista apresentou no Clube dos Fenianos, fundado em 1904, uma comunicação sobre «Os vultos femininos da história de Portugal», “evocando curiosos episódios em que a mulher portuguesa ocupou lugares de relevo.”<sup>826</sup>

Em homenagem às Comemorações Centenárias e Patrióticas do 1º de Dezembro, a direcção do Clube dos Fenianos portuenses procedeu a várias festividades com o encerramento a 3 de Dezembro, tendo levado “às suas salas um público escolhido”.<sup>827</sup> Na sessão de encerramento, participaram no serão literário musical Anita Patrício, que “recitou primorosamente poesias de diversas épocas, desde a arcaica ao futurismo”<sup>828</sup>, de Cesarina Lira, Isabel Bazan e Alda Monteiro. Maria Lamas, na sua conferência referiu-se a D. Teresa, D. Mariana de Lencastre, D. Felipa de Vilhena, D. Sancha, D. Mafalda, D. Constança Sanches, a Rainha Santa, D. Felipa de Lencastre, D. Leonor, D. Maria, filha de D. Manuel, D. Hortênsia de Castro, D. Luísa de Gusmão, infanta Santa Joana, marquesa de Alorna, D. Maria II, D. Estefânia e tantas, tantas

<sup>825</sup> *O Século*, 29 de Julho de 1940.

<sup>826</sup> *Jornal de Notícias* (Porto), 4 de Dezembro de 1940.

<sup>827</sup> *O Século*, 3 de Dezembro 1940.

<sup>828</sup> *Modas & Bordados*, n.º 1507, 25 de Dezembro de 1940.

outras altas figuras de mulher. Mas desejou ainda tocar num ponto: o encanto especial. Eis as suas palavras<sup>829</sup>:

Não se trata, como talvez julguem, de frivolidade e institutos de beleza. Este encanto a que me refiro tem um sentido mais elevado e profundo. Falo daquele encanto inerente à nossa condição de filha, esposa e mãe; à graça imaterial, mas infinitamente benéfica, de um espírito compreensivo e terno, indulgente e doce, que sabe animar, consolar e ...perdoar, sempre que o homem – por mais forte e altivo que seja – precisar de ser animado, consolado e ...perdoado. Não confundamos energia, valor moral, grandeza de ânimos, com atitudes másculas. Grande confusão se tem feito com esta designação: mulher moderna – a que uns dão significado inteligente e sério e que para outros representa apenas excentricidade, impudor e decadência. Erram os últimos, tornando-se o erro ainda mais grave, quando é cometido pelas próprias mulheres. Há, infelizmente, uma legião de cabecinhas tontas, onde de tal forma se baralham influências do cinema e de má literatura, noções de perigosa independência. Preocupações de vestir como tal estrela, pentear-se como outra e até andar com os meneios de qualquer «vamp» em moda. Que de todo perderam a noção do que deve ser, acima de tudo a grande preocupação da mulher: ter personalidade, o que significa saber pensar, saber conduzir-se, saber valorizar o que em nós houver de bom e defendermo-nos contra o nosso maior inimigo – as más tendências e defeitos que todos trazemos em nós próprios.

Ainda num rasgo de patriotismo, numa exaltação ao papel de mãe, a escritora defende o engrandecimento de Portugal e reforça o encanto feminino, acrescentando:

Ser gentil, alegre e elegante no trajar são predicados que fazem parte desta personalidade que eu desejaria ver bem compreendida pela mulher portuguesa. O desporto, a higiene física e moral, figuram também na lista das qualidades que devem caracterizar a mulher de hoje, sem menosprezo, antes pelo contrário, de todos os conhecimentos exigidos à perfeita dona de casa.<sup>830</sup>

Na partida do Porto para Lisboa, a 3 de Dezembro de 1940, Maria Lamas teve, na estação de S. Bento, uma afectuosa despedida.<sup>831</sup>

Uma conferência sobre a temática de «A Vida do Espírito» voltaria a ser apresentada, em 1941, por Maria Lamas, aquando do recital poético de Anita Patrício, segundo notícia de *O Diário de Notícias*, a 8 de Fevereiro de 1941, acrescentando também as literatas portuguesas. Antes do recital, Maria Lamas leu uma conferência sobre «O espírito através dos séculos» e isso serviu-lhe de pretexto para divagar acerca da poesia nos seus aspectos vários e do progresso humano, considerado na sua função social e artística. Ainda D. Maria Lamas se ocupou com grande elevação de frase e

---

<sup>829</sup> *O Século*, 3 Dezembro 1940.

<sup>830</sup> Excerto manuscrito por Maria Lamas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 40, referência 2.86.

<sup>831</sup> *O Século*, 5 Dezembro de 1940.

sentido crítico das mulheres portuguesas e francesas notáveis na literatura. Na conferência, Maria Lamas<sup>832</sup> recordou que:

Filósofos, profetas, sábios, pensadores e artistas, que criaram civilizações, revelaram verdades eternas e proclamaram a supremacia do pensamento sobre a forma, da ideia sobre a força e da alma sobre o corpo. Traçou também os perfis de algumas mulheres que souberam servir o espírito.

O jornal *O Século*<sup>833</sup> dava relevância à comemoração do 111º aniversário do poeta João de Deus, a qual tinha tido a participação de Maria Lamas:

João de Deus, poeta e pedagogo, foi ontem evocado no 111º aniversário do seu nascimento. Realizou-se uma visita do “Núcleo de propaganda educativa «Novos de Portugal» e da Liga Regionalista Portuguesa ao museu e ao jardim – escola que tem o nome do lírico inimitável. A escritora e directora do nosso suplemento «Modas & Bordados», D. Maria Lamas frisou que João de Deus e a sua obra andam na alma de todas as mulheres portuguesas, e, depois de analisar a obra do grande vate, referiu-se a outro poema, mais belo, se é possível, mais profundo e humano, um poema de amor, de inteligência e de bondade, que o coração das mães e dos próprios pequeninos sente, mesmo quando não pode atingir toda a extensão do seu valor didáctico: a «Cartilha Maternal», esse monumento erguido à língua portuguesa por um artista genial, que soube transformar o estudo da leitura, sempre árido e complicado para os cérebros infantis, ou para aqueles que se mantêm ainda fechados às luzes da instrução, em doce aprendizagem, a mais intuitiva, inteligente e prática. A escritora acrescentou que considerava a «Cartilha Maternal» o melhor método entre os melhores até hoje conhecidos, para o ensino da leitura, e fez votos por que todos os portugueses contribuam para a multiplicação «desses verdadeiros paraísos infantis, que são os jardins-escola, onde a criança recebe, com a luz da instrução, os mais nobres ensinamentos que hão-de ser a base da sua formação moral e cívica.

A alocução proferida por Maria Lamas é publicada na íntegra no jornal *Diário de Notícias* da Madeira, através do original da palestra cedido pela autora a um amigo que a concedeu ao jornal. Consideramos importante a sua transcrição:

João de Deus é um nome que anda na alma de todas as mulheres portuguesas. Os seus versos, límpidos, cantantes e, por vezes, ingénuos, lembram manhãs fresquinhas, sorrisos de raparigas, paisagens de suave encanto. Mas João de Deus não foi, apenas, o poeta admirável desse, maravilhoso «Campo de Flores», onde a nossa sensibilidade encontra, apesar de todas as realidades más, a luz bendita da ternura e do sonho. João de Deus deixou-nos, ainda, outro Poema, mais belo, se é possível, mais profundo e humano – um Poema de amor, de inteligência e de bondade, que o coração das mães, e dos próprios pequeninos, sente, mesmo quando não pode atingir toda a extensão do seu valor didáctico nem avaliar até que ponto a sua influência foi benéfica contra o analfabetismo, de que o grande Poeta foi incansável apóstolo. Quero referir-me à **Cartilha Maternal**, esse monumento erguido à língua Portuguesa, por um Artista genial, que soube transformar o estudo da leitura, sempre árido e complicado para os cérebros infantis, ou para aqueles que se mantêm fechados às luzes da instrução, em doce aprendizagem – a mais intuitiva, inteligente e prática, e que não só revela as maravilhas do abecedário, como desperta um interesse novo e uma curiosidade utilíssima, à

<sup>832</sup> *O Século*, 7 de Fevereiro de 1941.

<sup>833</sup> *O Século*, 10 de Março de 1941.



medida que as letras, agrupadas, vão representando novos sons, revelando novas variações, até construir vocábulos.

Foi na **Cartilha Maternal** que os meus olhos aprenderam a conhecer a forma de cada letra, e a minha inteligência desvendou o mistério desses pequeninos sinais, conjugados na mais sublime expressão do pensamento humano: - a palavra.

Foi na **Cartilha Maternal** que as minhas filhas aprenderam, também, a decifrar esse enigma, sempre renovado em cada vida que surge, da linguagem escrita. Tenho, portanto, razões que justificam de sobejo a minha preferência, direi mesmo, a minha ternura por esse livrinho, quase insignificante no aspecto, mas tão grande no seu valor e nas suas consequências!

Não é, porém, meu intento, fazer agora, propriamente, a apologia deste método, que considero o melhor entre os melhores, que até hoje tenho conhecimento.

A figura do seu Autor, misto de Poeta e de Santo – o seu perfil moral e intelectual desse Homem bom, que amou a beleza singela, os sentimentos calmos, a alma das crianças e dos simples – eis o que eu desejaria enaltecer devidamente, erguendo as minhas palavras e o meu culto sinceríssimo, à altura do seu nome glorioso e do seu Espírito aureolado da graça dos eleitos.

Sinto, porém, que as minhas asas são demasiado frágeis para tão alto voo. A figura imortal de João de Deus, que não foi, ainda, estudada e exaltada como merece, não pode ser focada, em toda a sua Verdade e beleza, em simples palavras de evocação, ditadas embora por um coração fervoroso. Que, ao menos, a sinceridade do meu preito, supra a pobreza da expressão! E já agora, não poderei calar a enternecida admiração com que acompanho a obra admirável dos «Jardins Escolares», que é, por assim dizer, a continuação da própria **Cartilha Maternal** – um sonho maravilhoso tornado realidade, para bem das crianças, e o mesmo é dizer: para dignificação da humanidade.

Falar de João de Deus e não falar do «Jardim-Escola», é mutilar um todo perfeito e magnífico, tão unidas se encontram, na sua essência e na sua finalidade, a **Cartilha Maternal** e a linda iniciativa do Filho do Poeta do Amor! Essa iniciativa, a que o Sr. Dr. João de Deus Ramos conseguiu dar realização, e procura desenvolver constantemente, mau grado os obstáculos de toda a ordem que tem sido necessário vencer, e a indiferença daqueles que ainda não viram, ou não quiseram ver, os benefícios prestados por esta obra tão bela, tão útil, e o seu vastíssimo alcance social, representa sem dúvida a melhor homenagem prestada ao grande Lírico português! A essa homenagem deveriam associar-se todos os portugueses, contribuindo para a multiplicação destes verdadeiros paraísos infantis, onde a criança recebe, com a luz da instrução, os mais nobres ensinamentos, que hão-de ser a base da sua formação moral e cívica.

Foi, portanto, absolutamente justa e oportuna esta sessão, promovida pelo «Núcleo de Propaganda Educativa», que sem desânimos, que muitas contrariedades justificariam, pelo engrandecimento da Pátria, através da educação da mocidade, e da renovação da Fé e do Ideal na alma portuguesa.

Ao Sr. Dr. João de Deus Ramos, herdeiro do nome consagrado e da alma nobilíssima do autor do «Campo de Flores» e da «Cartilha Maternal», afirmo, convictamente, o meu culto pela figura imortal de seu Pai, e a minha admiração e simpatia pelos «Jardins-escola» que têm sido o grande sonho da sua vida, - e que representam um título de glória, não só para quem lhe votou toda a sua energia, inteligência e dedicação, como, afinal, para todos os portugueses, porque esta obra encantadora pertence ao número daquelas que contribuem para tornar melhor a humanidade, ajudando a abrir, na sua frente, o caminho da perfeição!<sup>834</sup>

Na tarde de 14 de Dezembro de 1941, Maria Lamas deu uma conferência, na sede do grupo dramático e escolar «Os Combatentes», promovida pelo grupo 99 dos Escoteiros de Portugal. Presidiu o Sr. Capitão Gonçalves Louro, e antes da conferência falaram os Srs. Eugénio Ribeiro Nunes, dos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique e Nunes Ferreira pelo *Século*. Nesta conferência, integrada nas comemorações da «Semana da Mãe», a conferencista foi apresentada por Pires Guerreiro que a

<sup>834</sup> *Diário de Notícias da Madeira*, n.º 20138, 31 de Março de 1941, p. 1.

convidou a ingressar no núcleo das dirigentes das «Águias» do escutismo. Maria Lamas “focou o alto significado moral e social da semana da mãe. Pediu aos rapazes e raparigas para manterem sempre vivo o amor pelas mães e aceitou o convite para acompanhar a acção dos escuteiros.”<sup>835</sup>

Em Setembro de 1942, Maria Lamas pronunciou uma conferência aos microfones de «Voz de Lisboa», de que nos dá conta Lucena Coutinho, no jornal *Acção*<sup>836</sup>, num artigo intitulado «A seda e a chita».

Maria Lamas participou numa conferência em 28 de Outubro de 1948, a convite da Liga de Profilaxia Social, no Porto, numa altura em que era já sobejamente conhecida da sociedade portuguesa, pelo seu trabalho como jornalista e como escritora. Vejamos as personalidades que a acompanharam e os moldes em que foi publicado o anúncio<sup>837</sup> da conferência:

Conferência da Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lamas

Muito ilustre Jornalista e consagrada Escritora, realizada a convite da LIGA DE PROLIFAXIA SOCIAL, no Salão Nobre do Club Fenianos Portuenses, na noite de 28 de Outubro de 1948.

Individualidades que fizeram parte da Mesa de Honra:

À direita do DR. ANTÓNIO EMÍLIO DE MAGALHÃES, Director da Liga de Profilaxia, que presidiu à Conferência:

D. EMÍLIA DE SOUSA COSTA, Escritora;

DRA. D. MARIA CELESTE COELHO RIBEIRO DA COSTA

DR. EDUARDO RALHA, Presidente do Club Fenianos Portuenses

À esquerda:

D. MARIA DE CASTRO HENRIQUES OSSWALD, Escritora

D. SOFIA AGREBON

CORONEL HELDER RIBEIRO, antigo Ministro de Guerra

J. ALBUQUERQUE E CASTRO, Professor do Instituto de Cegos do Porto.

Maria Lamas proferiu uma conferência, no «Círculo de Estudos Históricos de Olivença», onde podemos, claramente, notar, que foi a única mulher, o que nos revela a

---

<sup>835</sup> *O Século*, n.º 21453, 15 de Dezembro de 1941, p. 6.

<sup>836</sup> *Acção*, 3 de Setembro 1942.

<sup>837</sup> Documento em recorte no espólio, sem qualquer identificação. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 37, referência 2.82.

sua importância na sociedade portuguesa. O jornal *O Riomaio*rense<sup>838</sup> dá-nos conta disso mesmo:

O «Círculo de Estudos Históricos de Olivença», presidido pelo general Sr. Ferreira Martins, vai retomar a sua acção em fins de Outubro. Durante o primeiro semestre do ano corrente, a sua actividade cultural realizou-se através de conferências mensais destinadas exclusivamente aos seus membros e contou com a colaboração de diversas personalidades das quais destacamos, por ordem cronológica, as seguintes: romancista D. Maria Lamas, comandante M. Sarmento Rodrigues, professor da Escola Superior Colonial, jornalista M. Santos Guerra, Professor Dr. Moses Amzalak, capitão Rodrigo Pereira Botelho, escritor Octávio Rodrigues de Campos, jornalista Belo Redondo, escritor Dr. Dutra Faria, director da «ANI», conde dos Arcos, Oliventino Ventura Abrantes, professor Eleutério Cerdeira, escritor D. Francisco de Noronha, escritor Dr. Flório de Oliveira, dramaturgo Luna de Oliveira.

Maria Lamas<sup>839</sup> pronunciou a conferência intitulada «O Dilema da Paz e da Guerra», aquando da comemoração do 15º aniversário da AFPP<sup>840</sup>, na sede do Clube Fenianos Portuenses.

Encontrámos no espólio<sup>841</sup> de Maria Lamas, várias páginas manuscritas com a indicação de conferências, com a indicação do título, mas que não conseguimos apurar onde e quando se realizaram, no entanto, consideramos importante, a identificação temática, por nos dar uma ideia mais precisa dos interesses culturais da conferencista:

«Luiz de Camões, poeta do povo» (sem data, 8 páginas); «Millet» (13 páginas); «Lucrécia Bórgia»; «Amor – tema universal de permanente oportunidade»; «Comentários de Verão»<sup>842</sup>; «Verlaine».

---

<sup>838</sup> *O Riomaio*rense, 10 de Outubro de 1949.

<sup>839</sup> Documento em recorte no espólio. *Jornal de Notícias*, 26 de Maio de 1950, p. 3. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28. Caixa 58.

<sup>840</sup> A presidente da Associação Feminina Portuguesa para a Paz era, à época, Irene de Castro.

<sup>841</sup> Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 40, referência 2.86.

<sup>842</sup> Esta conferência está incompleta, mas tem a informação de ter sido convidada por Leal da Câmara e esposa.

## *Capítulo 8*

### EXPOSIÇÕES DE 1930 A 1947 – CONTRIBUTO PARA A CULTURA

O certame das «Mulheres Portuguesas» realizado em 1930, iniciado em 18 de Março e finalizado em 18 de Junho, com a organização de Maria Lamas obteve largo aplauso nas elites do país. Uma das componentes do acontecimento foi a realização de várias conferências por mulheres com destaque na sociedade portuguesa. Assim, apresentaram as suas conferências, as seguintes personalidades: Branca de Gonta Colaço, «A nossa Lisboa», Fernanda de Castro, «Feminismo», Teresa Leitão de Barros, «Vidas que foram versos», Emília de Sousa Costa, «A maldade e a malícia das mulheres», Branca Rumina, «Os lactários de Lisboa», Matilde Bensaúde, «A mulher na América do Norte», Seomara da Costa Primo, «A educação e a Cruz Vermelha da mocidade», Oliva Guerra, «Emotividade portuguesa» e Maria Cândida Parreira, «A mulher e o direito».

O jornal *O Século* apresenta notícias alusivas ao certame, quase diariamente. Chegou mesmo a solicitar a opinião sobre a exposição a várias individualidades, curiosamente, a nenhuma mulher. No dia 28 de Abril de 1930, publicava a opinião de Júlio Dantas (1876-1962):

A exposição é um facto de superior interesse social e intelectual. Decorreram 4 séculos desde o neo-platonismo feminista da Renascença que entre nós produziu algumas figuras interessantes, até ao momento actual, em que a mulher, dignificada pelos dolorosos sacrifícios da 2ª Guerra Mundial, afirmou o seu direito à livre concorrência em todos os campos de acção do homem e conquistou uma nova situação jurídica na família, na sociedade e no estado. Nesses 4 séculos, a nossa companheira – hoje nossa competidora – demonstrou, em Portugal e em toda a parte, nas ciências e nas artes, no professorado e nas letras, no gineceu e na vida pública, qualidades e virtudes que a impuseram ao respeito e à admiração geral. Deixou de ser apenas a inspiradora das grandes obras do homem, para se converter, por sua própria conta, num valor de realização e de progresso humano.<sup>843</sup>

---

<sup>843</sup> *O Século*, n.º 17 289, 28 de Abril de 1930, p. 1.

Para Adriano Sousa Lopes (1879-1944)<sup>844</sup>:

Exaltar o valor da mulher portuguesa, glorificando as nobres figuras do passado e honrando os autênticos valores das nossas ilustres contemporâneas é obra oportuna, nobre e justa, que, certamente, intensificará a vida e a cultura feminina no nosso meio, preparando, assim, para as gerações futuras, um amparo espiritual não menos carinhoso e mais consciente.

José de Figueiredo (1872-1937)<sup>845</sup>, em 30 de Abril, deixava o seguinte apontamento:

Não deixará de concorrer para a educação visual dos que visitarem as salas da exposição e não estranhe que eu ponha em relevo esta parte da iniciativa do jornal que V. dirige, pois ela é da maior importância, por isso, que a faculdade visual, se não é rara entre nós, sofre, contudo em Portugal, mais do que em qualquer outro país, da falta de cultura indispensável, quando não está, o que é pior, estagnada, ou, pelo menos desorientada pelos maus educadores.

A 1 de Maio, Raul Brandão (1867-1930)<sup>846</sup>, o escritor de *Os Pobres* considera que “a mulher é um anjo que Deus mandou a este mundo para podermos suportar a vida. Somos nós que a corrompemos e até que a envelhecemos. Se não fosse o homem, a mulher seria eternamente moça.” Sempre num elogio continuado à mulher, destaca a mulher do povo porque é a que ele conhece melhor, por ter corrido o país de norte a sul. Apresenta a sugestão ao director do jornal, João da Rosa, que para a exposição ficar completa, devia-se “mandar buscar a ti Ana Arneira à Gafanha da Nazaré para contar a vida dela, de sacrifício, a educar os filhos com o marido emigrado” porque, certamente ela ficaria muito bem ao pé daquelas senhoras e das artistas.

O notável poeta Afonso Lopes Vieira (1878-1946)<sup>847</sup> considera realmente interessante “o fazer-se um grande balanço espiritual da actividade e do valor femininos, e daqui poderem resultar muitos e variados perfis de superior cultura e graça” dado que estamos “num país em que a mulher assumiu tão preponderante papel na sociedade e na arte.”

Augusto da Costa Veiga (? -?)<sup>848</sup>, director da Biblioteca Nacional, também aplaude, calorosamente, a iniciativa.

---

<sup>844</sup> *O Século*, n.º 17 290, 29 de Abril de 1930, p. 1

<sup>845</sup> Director do Museu Nacional de Arte Antiga. *O Século*, n.º 17 291, 30 Abril 1930, p. 1.

<sup>846</sup> *O Século*, n.º 17 292, 1 de Maio de 1930, p. 1.

<sup>847</sup> *O Século*, n.º 17 293, 3 de Maio de 1930, p. 1.

<sup>848</sup> *O Século*, n.º 17 293, 3 de Maio de 1930, p. 1.

A 4 de Maio de 1930, Viana da Mota (1868-1948), director do Conservatório de Música afirma que “a ideia é do mais alto interesse e de um grande alcance cultural.”<sup>849</sup>

Torna-se curioso, que nenhuma destas individualidades referiu o papel de Maria Lamas, enquanto organizadora do evento. Esse reconhecimento viria a ser dado pelo Ministro da Instrução Pública, Gustavo Cordeiro Ramos (1888-1974), com um louvor no *Diário do Governo*:

Considerando que o certame «Mulheres Portuguesas» com todo o brilhantismo realizado pelo jornal *O Século*, tem um intuito altamente cultural e educativo, servindo pelo exemplo de estímulo a que a mulher portuguesa cada mais se dignifique, seja qual for o ramo da sua actividade, e atendendo ainda a que obras destas devem pelo estado ser olhadas com franca simpatia e entusiasmo:

Manda o Governo da República Portuguesa que, pelo Ministro da Instrução, seja louvado o jornal *O Século* e, especialmente, os seus directores e redactores, João Pereira da Rosa, Cristóvão Aires de Magalhães, Gustavo de Matos Sequeira e Manuel Guimarães, e a directora do jornal *Modas & Bordados*, D. Maria Lamas.<sup>850</sup>

O *Jornal do Comércio e das Colónias*<sup>851</sup> felicita Maria Lamas pela organização das «Tardes de Arte», salientando a conferência de Teresa Leitão de Barros, «Vidas que foram versos» no dia 14 de Junho de 1930. Em 19 de Junho de 1930, o jornal *O Século* considerava que “foi entusiástica e deslumbrante a sessão solene de encerramento do nosso certame e a «Matinée» de homenagem à Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lamas onde estiveram presentes o Sr. Ministro da Educação e o Sr. Moses Amzalak (1892-1978), administrador de *O Século*.”

A Exposição realizada em 1930 foi uma iniciativa do semanário *Modas & Bordados* e contou com o apoio de *O Século*. Esta exposição estava dividida em várias salas, cada uma dedicada a um item diferente. A Sala A dedicada a escritoras presentes, a Sala B destacava as actrizes Delfina Rosa de Espírito Santo, Emília Letroublon, Hermínia, Emília das Neves, Emília dos Anjos, Emília Adelaide, Manuela Rey, Josefa Soller, Luísa Todi, Pepa Ruiz, Lucinda, Amélia Vieira, Gabriele de Vecchi, Luísa Fialho, Emília Cândido, Ana Pereira, Virgínia, Amélia Barros, Rosa Damasceno e Ângela Pinto. A sala C era dedicada à bibliografia das seguintes autoras: Adelaide de Almeida, Adelaide Cabete, Albertina Gambôa, Adelaide Félix, Adelaide Moniz de Sousa, Adelaide de Sousa, Adelina Lopes Vieira, Albertina Paraíso, Alice Moderno,

<sup>849</sup> *O Século*, n.º 17 294, 4 de Maio de 1930, p. 1.

<sup>850</sup> *O Século*, 25 de Maio de 1930.

<sup>851</sup> *Jornal do Comércio e das Colónias*, 14 de Junho 1930.

Alice Ogando, Alice Pestana, Alice da Silveira, Alzira Vieira, Amália Luazes, Amélia de Azevedo Ferreira, Amélia Bacelar, Amélia Brás, Amélia Cardia, Amélia Guimarães Vilar, Amélia Janny, D. Amélia de Orleans e Bragança, Ana Adelina Bettencourt da Costa Nunes, Ana Moreira de Sá, Ana Augusta Plácido, Ana d'Ayala, Ana de Castro Osório, Ana Cirilo Machado, Ana Henriqueta Froment da Mota e Silva, Angélica Porto, Angelina Vidal, Antónia Gertrudes Pusich, D. Antónia Luísa Cabral e Teive, Arminda Gonçalves, Aurora de Castro e Gouveia, Aurora Jardim Aranha, Aura Abranches, Aurora Moraes, Aurora Teixeira de Castro, Beatriz Arnut, Beatriz Beirão, Beatriz Delgado, Berta Leite, Beatriz Machado, Berta Maia, Beatriz Nazaré, Berta de Ataíde, Berta Valente de Almeida, Branca de Carvalho, Branca de Gonta Colaço, Branca Lopes, Dr.<sup>a</sup> Branca Rumina, Branca da Silveira e Silva, Branca Virel, Conceição d'Eça de Melo, Cacilda de Castro, Cândida Aires de Magalhães, Cármen Marques, Carlota Talassi, Carolina Beatriz Ângelo, Carlota Silva, Celeste Jordão. Carolina *Michaëlis* tinha direito a um recanto dedicado à grande escritora, romancista, filóloga e filósofa que tinha sido. Entre as centenas de livros expostos de poetisas, romancistas, contistas, pedagogas, advogadas, médicas, agrónomas, jornalistas, salientem-se as obras de Carlota Serpa Pinto, Cláudia de Campos, Clotilde Carreira, Clotilde Mateus, Condessa do Casal, Condessa de Proença-a-Velha, Condessa de Vinhó e Almedina, Daniela, Deolinda Lopes Vieira, Domingas Lazary Amaral, Domitília de Carvalho, Elina Guimarães, Elisa Baptista de Sousa Pedroso, Ema Romero Santos Fonseca, Emília Eduarda, Emília das Neves, Emília Ramos da Cruz, Emília de Sousa Costa, Ermelinda da Veiga e Sousa Santos, Rainha D. Estefânia, Estefânia Cabreira, Ester Leão, Eugénia Rego Pereira, Felipa de Vilhena, Fernanda de Castro, Fernanda Tavares de Melo, Florbela Espanca, Francisca Martins Wood, Gabriela Castelo Branco, Gertrudes Angélica da Cunha, Graciette Branco, Guiomar Torresão, Helena de Aragão, Helena Bianchini, Helena Sofia Correia, Henriqueta Elisa Pereira de Sousa, Hermínia Teles da Gama, Hortênsia Fleury, Ilda Pinto de Lima, Inácia Anes Baganha, Inês Drago, Irene, Ilda, Joana de Castelbranco, Joana Branco, Josefina de Neuville, Judite Ramos Teixeira, Júlia Escorcio, Júlia de Gusmão, Julieta Ferrão, Laura Chaves, Laura Wake Marques, Laurentina de Jesus, Leonor de Campos, Lina Marville, Lucinda do Carmo, Lucinda Simões, Luísa Grande, Luísa de Vilhena, Luzia Salgueiro, Lutgarda de Caires, M. Belmira Andrade, Madalena de Carvalho, Madeleine Frondoni Lacombe, Mafalda de Castro, Margarida de Sequeira, Maria Adelaide Prata, Maria Amália Vaz de Carvalho,

Maria Amélia Miranda Rodrigues, Maria Amélia Teixeira, Maria Angelina, Maria Ana Acciaioli Tamagnini, Maria Antonieta da Lima Cruz, Maria Assunção da Silva, Maria Avelina de Sousa, Maria Benedita M. de Albuquerque, Maria Benedita de Sousa Soares de Andréa, Maria C. Vasconcelos, Maria de Cabedo, Maria Cândida de Assis, Maria Cândida Parreira, Maria Cândida de Vasconcelos, Maria Carolina Ramos, Maria do Carmo Peixoto, Maria de Carvalho, Maria Constança Lopes de Oliveira, Maria Cristina de Arriaga, Maria da Cunha, Maria Denis, Maria das Dores Pais Sousa e Castro, Maria Emília B. Ferreira, Maria Emília de Faria, Maria Emília Teles da Silva, Maria Evangelina Pinto, Maria Feio, Maria Felicidade do Couto Browne, Maria Fernandes Costa, Maria da Glória Teixeira de Vasconcelos, Maria Guilhermina Sequeira do Rio Carvalho, Maria Helena, Maria Helena Duarte de Almeida, Maria Isabel Correia Manso, Maria Isabel Gamito, Maria Isabel de Sousa Martins, Maria João Coelho e Campos, Maria José Furtado de Mendonça, Maria José da Silva Canuto, Maria Júlia Antunes, Maria Leonor Reis, Maria Luís Sobral, Maria Madalena, Maria Madalena Patrício, Maria Miquelina Pereira Pinto, Maria Nóbrega, Maria O'Neill, Maria Paula de Azevedo, Maria Peregrina de Sousa, Maria Pia Seabra de Almeida, Maria Pinto Figueirinhas, Maria Portugal Dias, Maria Rita Chiappe Cadet, Maria da Silva Vieira, Maria Sofia Santo Tirso, Maria de Soto Maior e Abreu, Maria Valverde, Maria Velluti, Mariana Angélica de Andrade, Marta de Mesquita da Câmara, Matilde Bensaúde, Maurícia de Figueiredo, Maximina de Figueiredo, Mécia Mouzinho de Albuquerque, Mercedes Blasco, Natividade Ximenes, Olga Morais Sarmento da Silveira, Olímpia Dória, Olinda de Oliveira Gonçalves, Oliva Guerra, Dr.<sup>a</sup> Palmira Almeida Lindo, Palmira Ferrás Gonçalves, Plácida Osório, Raquel Jardim de Castro, Regina Cardoso Bensabat, Regina do Carmo, Dr.<sup>a</sup> Regina Quintanilha, Rosa Silvestre, Sara Beirão, Sara Benoliel, Sofia da Conceição Quintino, Sofia Júlia Dias, Sofia da Silva, Teresa Leitão de Barros, Veva de Lima, Virgínia, Virgínia Águas, Virgínia de Castro e Almeida, Virgínia Lopes de Mendonça, Virgínia Madeira, Virgínia Vitorino e Vitória Pais Freire de Andrade.

Na secção destinada à mostra de exemplares de músicas de autoria feminina, podiam ver-se as obras das seguintes compositoras portuguesas: D. Adelaide de Lima Cruz, D. Honorina de Morais Graça, D. Maria José Spencer, condessa de Proença-a-Velha, D. Berta Rosa Limpo, D. Laura Wake Marques, D. Simy Esaguy, D. Ad. Brinita, D. Ema V. P. Bruto da Costa, D. Maria Amélia Félix e Silva, D. Hedwiges de S. Luís



Cardoso Bensabat, D. Júlia Oceana Pereira e D. Maria Cornélia de Melo e Castro Pacheco.

Na escultura destacavam-se D. Aninhas de Gonta Colaço, com *O Ciúme*, D. Branca Alarcão com *Cabeça de Mulher*, D. Abigail de Paiva Cruz com *Embalando a Boneca*, Santa Teresa do Menino Jesus e Bebé.

As paredes eram decoradas com óleos, aguarelas e desenhos de Abigail de Paiva Cruz, *A Boina Verde*, *Bom Exemplo*, *Cabeça de Velhinha* e *Mater*, quatro óleos, de Aldara Urze von Yess, *Melancias*, *Natureza Morta*, tela, de Alice de Azevedo, *Cestos*, ilustrações, de D. Berta Borges, *Contra-luz*, *Luz da Manhã* e *Malmequeres*, pastéis e aguarela, de D. Brites de Castro e Melo, *Mesa de Cozinha*, *Peras* e *Maçãs e Maria*, três óleos e um desenho, de D. Elena de Bourbon e Meneses, *Alentejano*, *Rosa e Malmequeres*, *Prelúdio*, *Tema de Sempre*, *Situação Difícil* e *Sós*, óleos e desenhos a lápis de cor, de D. Filomena de Freitas, *Retrato de mademoiselle Ema Pinheiro*, óleo, de D. Hebe Gomes, *Uma Parreira* e duas *Paisagens*, três aguarelas, de D. Maria Alexandrina Chaves Berger, *Alpendre*, *Casal* e *Moinho da Tia Ana*, óleos, de D. Maria Helena Barbosa Bacelar, *Rosas*, *Livros* e *Natureza Morta*, óleos, de D. Margarida Costa, *Flores*, óleos, de D. Maria Amélia Carneiro, *Bisbilhoteira* e *Só*, óleos e de D. Sara Alarcão, *Frutas*, óleo.

Maria Lamas foi uma mulher notável para o seu tempo. Diríamos até que estava além do seu tempo. As suas palavras<sup>852</sup> sobre a exposição realçam bem o orgulho que sentiu:

Por ali passaram milhares de pessoas. Estudantes universitárias e dos liceus iam, em delegações, receber a lição daquela exposição única. Vieram mesmo doutras cidades, com os seus professores. As tardes literárias, ao tempo coisa rara, passaram a ter frequentadores habituais. Sem darmos por isso, estabeleceu-se uma solidariedade espiritual entre todas nós que participámos na exposição e lhe compreendemos o alcance.

Corria o ano de 1934 e as sessões culturais patrocinadas pelo jornal *O Século* e pela revista *Modas & Bordados*, designadas por «Tardes de Arte e Cultura», pensadas, coordenadas e dirigidas, por Maria Lamas, que se esmerou e empenhou nos contactos de personalidades da época para garantir o sucesso das actividades culturais. Prova

---

<sup>852</sup> Agenda pessoal de Maria Lamas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 53, sem referência.

disso é uma carta de Maria Lamas<sup>853</sup> com o timbre de *O Século e Modas & Bordados*, datada de Lisboa, 30 de Abril de 1934:

Exm.<sup>a</sup> Senhora D. Francine Benoît

Minha Senhora:

Foi preciosíssima a colaboração de V. Ex.<sup>a</sup> na festa que “Modas & Bordados” realizou ultimamente.

Sinto-me dupla e intimamente radiante, satisfeita: radiante, pela gentileza com que V. Ex.<sup>a</sup> aceitou o meu convite; satisfeita por até mim chegarem verdadeiras expressões de entusiasmo e admiração, desvanecendo-me por isso, a escolha que do nome de V. Ex.<sup>a</sup> para figurar no programa. “Modas & Bordados” honra-se sobremaneira com essas manifestações, filhas das suas «Tardes de Arte e de Cultura».

O ambiente criado nestas festas é obra dos seus contemporâneos: e o nome de V. Ex.<sup>a</sup> em lugar de honra, figura entre os que mais se impõem pela vasta cultura musical e sensibilidade maravilhosa que sabe transmitir ao público fazendo-o vibrar e até compreender.

A pequena palestra descritiva que precedeu a execução dos trechos musicais (princípios do século XVII), palestra clara, explícita, concludente, foi ouvida também com agrado e interesse pela assistência. Não precisava chegarem até mim as mais expressivas manifestações de aplauso, pois facilmente se apreende no público a impressão sentida.

Por todos os motivos, pois, minha senhora, queria aceitar, com os protestos do meu reconhecimento, os sentimentos de elevada consideração da que se subscreve

De V. Ex.<sup>a</sup>

Mt<sup>o</sup> At.<sup>a</sup> e Obg<sup>a</sup> Maria Lamas

## 1. EXPOSIÇÃO DE S. MIGUEL

Os Srs. Presidentes da República e do Conselho e Ministros do Interior, Comércio e Instrução inauguraram no dia 30 de Janeiro de 1936, com “os melhores elogios, a notável Exposição Regional Micaelense”<sup>854</sup>, no Salão do jornal *O Século*. O Sr. Presidente do Conselho visitou, depois, as instalações do jornal, tendo manifestado ao director do jornal “o seu agrado pelo que viu”<sup>855</sup>. A exposição seria visitada pela esposa<sup>856</sup> do Sr. Presidente da República no dia 6 de Fevereiro de 1936.

No encerramento da exposição, a 14 de Fevereiro de 1936, Maria Lamas pronunciou a conferência «A ilha de S. Miguel – Maravilha do Atlântico», “brilhante

---

<sup>853</sup> Carta de Maria Lamas a Francine Benoît, datada de 30 de Abril de 1934. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio N-33/899-900.

<sup>854</sup> *O Século*, 31 de Janeiro de 1936.

<sup>855</sup> *O Século*, 31 de Janeiro de 1936.

<sup>856</sup> *O Século*, 7 de Fevereiro de 1936.

complemento da exposição micaelense”<sup>857</sup> a que assistiram, entre várias personalidades do país, o Sr. Presidente da República e o Sr. Ministro da Instrução.<sup>858</sup>

A propósito da exposição sobre os Açores, realizada pelo jornal *O Século*, com a supervisão de Maria Lamas, reparemos como a jornalista e sua amiga Maria Evelina<sup>859</sup>, a recorda em 1973<sup>860</sup>:

Há cerca de quarenta anos arribou à minha longínqua terra natal, como andorinha desgarrada de um bando, Alguém de alto quilate nas letras pátrias femininas. A andorinha recém-chegada à pequena mas maravilhosamente bela ilha de S. Miguel, percorreu-a de lés a lés, mirando e remirando a fantasmagoria dos seus montes e lagoas, as espumas rendilhadas das vagas, desfazendo-se de encontro aos rochedos na orla do mar e, debruçou-se sobretudo sobre a obra que as mãos de fada da mulher açoriana bordavam em fino linho, ou tecia da lã dos seus carneiros mantas de caprichosos desenhos, ainda com fios de linho e algodão, desdobrava as suas horas de ócio das lides caseiras em finos trabalhos de rendas de «crochet», *filets* ou malhas arrendadas, flores de penas e conchas, que sei eu? Mil coisas desconhecidas do velho continente, cujos navegantes haviam descoberto os Açores. Logo lhe surgiu uma ideia, para Maria Lamas não havia hesitações, interessou no plano a direcção do bem conhecido jornal «O Século», escreveu laudas de oiro sobre a ilha e as suas gentes na revista «Modas & Bordados» que então chefiava e em poucos meses, a capital metropolitana patenteava nos salões de «O Século» a vida artesanal dessa verde ilha que em pleno mar dava lições de trabalho e cultura com uma paciente e inaudita, pois até então, nem todos os que ali apontavam tinham sabido ver, com olhos de ver, o que de valia se realizava dia a dia quer no campo, quer em indústrias caseiras.

«Uma exposição em Lisboa de produtos regionais micaelenses organizada pela ilustre jornalista D. Maria Lamas». É com este título, que o jornal *Correio dos Açores*<sup>861</sup> noticia uma das mais representativas exposições sobre os Açores, com particular destaque para a ilha de S. Miguel:

Numa carta muito amável que, pelo último vapor recebemos, comunica-nos a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lamas, a ilustre jornalista que o Verão passado passou algumas semanas nesta ilha, que «O Século» tomou a iniciativa de realizar no seu Salão de Festas, durante a 2.<sup>a</sup> quinzena de Janeiro, uma exposição de trabalhos regionais micaelenses na intenção não só de fazer propaganda desta ilha e dos seus produtos – bordados, rendas, flores, mantas, etc., como também de concorrer assim para atenuar, por meio de possíveis encomendas, a grande crise que S. Miguel, como aliás todo o mundo, está atravessando. A exposição estará aberta 15 dias, haverá chás elegantes em que serão servidos exclusivamente doces de S. Miguel e nessa ocasião Maria Lamas fará uma conferência sobre a ilha. Todos os que desejarem enviar trabalhos para a exposição, devem dirigir-se à Casa Regional da Sociedade Terra Nostra, que tem a seu cargo a selecção dos trabalhos e o seu envio para Lisboa.

<sup>857</sup> *O Século*, 14 de Fevereiro de 1936.

<sup>858</sup> *O Século*, 15 de Fevereiro de 1936.

<sup>859</sup> Maria Evelina Faria e Maia d’Aguiar Bustorff (? -2006).

<sup>860</sup> *Correio dos Açores*, n.º 15647, 5 de Outubro de 1973, p. 1.

<sup>861</sup> *Correio dos Açores*, 29 de Dezembro de 1935.

O jornal salienta o “alto serviço que a jornalista presta aos micaelenses”, facto que agradece, assegurando à jornalista todo o seu apoio.

Para a realização de uma exposição sobre S. Miguel, o jornal *O Século* cede a Maria Lamas uma sala de conferências durante 15 dias. Com início marcado para o dia 15 de Janeiro de 1936, começam cedo os preparativos. A jornalista dirige-se a Albano P. da Ponte<sup>862</sup>, por carta, a dar-lhe conta de que vai organizar uma exposição com conferência em relação a S. Miguel. Pede-lhe, por isso, que lhe envie para Lisboa: 12 ou 18 fotos de S. Miguel, ananás, chá, doces regionais, queijos de Arrifes, chá verde e outros produtos regionais de S. Miguel. A jornalista afirma que “esta manifestação deve ser brilhante” por isso quer que lhe envie os melhores produtos.

A exposição de S. Miguel esteve, também, patente ao público, no Porto, em Fevereiro de 1937.<sup>863</sup>

## 2. EXPOSIÇÃO DE LIVROS ESCRITOS POR MULHERES-1947

Os longos preparativos para a Exposição de Livros Escritos por Mulheres incluíam também a escolha de um espaço adequado. Em Março de 1946, Maria Lamas, enquanto presidente do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP), troca correspondência com a Sociedade Nacional de Belas Artes. Uma dessas cartas<sup>864</sup> é dirigida à Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA), na pessoa de F. Romano Esteves, Digníssimo Secretário da direcção da SNBA. Nessa carta, Maria Lamas informa que a exposição “deverá ser entre 1 e 10 de Julho, sendo portanto de dez dias o período de cedência do salão.” Mais informa que “a iniciativa do CNMP tem um fim puramente cultural, com entrada livre, representando um esforço incalculável, quer do ponto de vista material, quer sob o ponto de vista das dificuldades a vencer.” Indica também que “durante o período da exposição realizar-se-ão algumas conferências focando a personalidade de escritoras notáveis.” Logo que tiverem a lista das

---

<sup>862</sup> Cópia de carta dactilografada de Maria Lamas a Albano P. da Ponte, datada de 22 de Novembro de 1935. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 37, sem referência.

<sup>863</sup> *Diário dos Açores*, 23 de Fevereiro de 1937.

<sup>864</sup> Carta dactilografada de Maria Lamas a F. Romano Esteves, datada de 21 de Março de 1946. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 26, referência 2.28.

conferentes, será enviada também por carta para disso dar conhecimento à SNBA, indicando que a entrada nas conferências será por convites.

A esta carta de Maria Lamas, F. Romano Esteves responde em 25 de Março o seguinte: “tenho a informar que um grupo de nossos associados já tinha pedido o salão para a 1.<sup>a</sup> quinzena de Julho, para uma exposição de artes plásticas”<sup>865</sup>, informando que a seguir estará livre e poderá ser escolhida outra data.

Maria Lamas responde a 2 de Abril, a agradecer, afirmando que lhe interessa a cedência do salão para a segunda quinzena de Julho, e que passará pela SNBA, para tratar do assunto em definitivo.

Mas no dia 3 de Abril, Maria Lamas escreve de novo “a reafirmar que não ficou esclarecido o pormenor do aluguer da sala, e como se trata duma exposição sem intuito lucrativo, tendo apenas como finalidade a divulgação do valor intelectual da mulher, espera as condições mais favoráveis que for possível.”<sup>866</sup>

A resposta a esta questão, muito pertinente, visto que o CNMP não dispunha de muito dinheiro, vem através de uma carta do Prof. Domingos Rebelo (1891-1975), presidente da direcção da SNBA<sup>867</sup>, a 4 de Abril, informando que cede o salão a partir do dia 12 de Julho e que todas as demais despesas serão por conta do CNMP. Maria Lamas apressa-se a agradecer a cedência do salão a 6 de Abril.

Mas, como houve vários atrasos, Maria Lamas tem de pedir uma alteração de data. Francisco Castro Rodrigues (1920-?) escreve a Maria Lamas em 1 de Agosto, indicando, que “como ela pediu o adiamento da exposição, lhe disponibilizam o salão nos primeiros 15 dias de Janeiro de 1947.”<sup>868</sup> À disposição de Maria Lamas ficará a sala do Conselho da Sociedade, devendo combinar com o chefe de secretaria, o Sr. Álvares da Cunha as horas e os dias em que pode utilizar a sala.

Surgem dificuldades de última hora, com as exposições dos associados, e no dia a seguir, de 2 de Agosto de 1946, Francisco Castro Rodrigues pergunta se seria possível

---

<sup>865</sup> Carta dactilografada de F. Romano Esteves a Maria Lamas, datada de 25 de Março de 1946. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 26, referência 2.28.

<sup>866</sup> Carta dactilografada de Maria Lamas a F. Romano Esteves, datada de 3 de Abril de 1946. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 26, referência 2.28.

<sup>867</sup> Carta dactilografada de Domingos Rebelo a Maria Lamas, datada de 4 de Abril de 1946. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 26, referência 2.28.

<sup>868</sup> Carta dactilografada de Francisco Castro Rodrigues a Maria Lamas, datada de 1 de Agosto de 1946. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 26, referência 2.28.

aceitar passar a exposição para “a data de 23 de Dezembro a 5 de Janeiro estando incluindo o prazo de armar e desarmar.”<sup>869</sup>

A 14 de Agosto de 1946 Maria Lamas envia um ofício a Francisco Castro Rodrigues, o qual é respondido a 5 de Setembro, onde se informa que o salão do rés-do-chão estará ao dispor desde 1 a 12 de Janeiro 1947 e que “o contrato pode ser assinado a partir do dia 9 do corrente.”<sup>870</sup> Como podemos verificar, foi intensa a persistência de Maria Lamas para conseguir concretizar a exposição. Enquanto se preocupava em arranjar os livros, as conferencistas, os convites, preocupava-se em simultâneo com o espaço em que decorreria a exposição. O que levou meses a conseguir.

A Revista *A Mulher*<sup>871</sup> tendo como directora Maria Amália Neves e editora Leonarda Paiva Martins, dedica um número inteiro à «Exposição de Livros Escritos por Mulheres», reproduzindo na capa o cartaz da exposição elaborado por Maria Keil.

Em artigo não assinado, intitulado «Intenções e resultados da nossa exposição» a articulista afirma que:

A ideia que norteou e sempre acompanhou o grupo de sócias encarregado da exposição foi a de reunir toda a documentação possível que mostrasse a actividade feminina nos campos da literatura e da ciência. E logo imediatamente a seguir se assentou em que não seria feita qualquer selecção nas obras expostas. [...] Seria impossível seleccionar, adoptando um critério valorativo, obras de tantos países – e alguns deles para nós tão alheios! - com o conhecimento perfeito do que se estava a fazer. Assentou-se pois em que, na exposição que se pretendia realizar, as obras figurassem umas ao lado das outras, sem outra preocupação que não fosse agrupá-las por autoras dentro dos respectivos PAÍSES. [...] Não se conseguiu agrupar por géneros por mera impossibilidade material, grande parte dos livros, que figuraram na exposição, não foram entregues no prazo.<sup>872</sup>

Era intenção do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas realizar, além da composição do catálogo, que é uma mostra de enumeração das autoras e das suas obras, uma segunda parte, que constaria na publicação de uma obra que fosse um “elemento completo, seriamente informativo, da bibliografia feminina mundial”, só que o CNMP não possuía as disponibilidades económicas que uma “obra desse fôlego exigia”. Para a articulista “tal publicação, seria de alto valor nacional e internacional, talvez um dia,

---

<sup>869</sup> Carta dactilografada de Francisco Castro Rodrigues a Maria Lamas, datada de 2 de Agosto de 1946. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 26, referência 2.28.

<sup>870</sup> Carta dactilografada de Francisco Castro Rodrigues a Maria Lamas, datada de 5 de Setembro de 1946. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 26, referência 2.28.

<sup>871</sup> *Mulher*, n.º 2, Maio 1947, p. 3.

<sup>872</sup> *Mulher*, n.º 2, Maio 1947, pp. 4-5.

visto que grande parte dos elementos está coligida e ordenada. Por ela avaliar-se-á a contribuição da mulher nos vários ramos do conhecimento humano.”<sup>873</sup>

De um modo agradado, é salientada “a oportunidade que as mulheres portuguesas tiveram de trabalhar em grupo, para a montagem da exposição [...], nas sócias com martelos a pregarem os retratos das escritoras com a colocação de um letreiro, às vezes dois, quando era laureada com o Nobel.”<sup>874</sup>

Um outro artigo, «O que foi a exposição» refere, em relação à apresentação da exposição, que na parede se encontravam “os quadros com as imagens das escritoras, com o nome por baixo e à mesma direcção uma mesa com os livros expostos em relação a cada escritora.”<sup>875</sup>

Os retratos das escritoras, que figuravam na exposição, eram desenhos dos lápis das artistas Maria Clementina Carneiro de Moura (1898-1992), Regina Santos, Maria Gago da Silva e Maria de Lourdes Santos Pinto, tendo sido visitada por vários milhares de pessoas<sup>876</sup>.

No dia 4 de Janeiro à tarde, na inauguração do certame compareceram os representantes dos Srs. Presidente da República, Governador Civil e Ministro dos Estados Unidos e os Srs. Encarregado dos Negócios da Argentina e Ministro da Suíça. À noite, a presidente do CNMP, Maria Lamas, proferiu “algumas palavras sobre o CNMP”, palavras que “a assistência sublinha com palmas entusiásticas.”<sup>877</sup> Maria Lamas explicou as intenções do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, as ideias altruístas que o norteiam, salientando “a necessidade de todas as mulheres, irmãmente, colaborarem na obra de dignificação feminina que o CNMP se propõe levar a cabo.”<sup>878</sup> No final do discurso da presidente do CNMP foram passados dois filmes: «Anjo de misericórdia» e «Salvemos as Mães».

No dia 5, Fernanda Tasso de Figueiredo apresentou uma palestra sobre D. Adelaide Cabete (1867-1935), a fundadora do Conselho e a primeira médica portuguesa. Seguiu-se-lhe a Dra. Amália Neves que abordou a vida de Danielle

---

<sup>873</sup> *Mulher*, n.º 2, Maio 1947, p. 5.

<sup>874</sup> *Mulher*, n.º 2, Maio 1947, pp. 6-7.

<sup>875</sup> *Mulher*, n.º 2, Maio 1947, pp. 8-9.

<sup>876</sup> *Mulher*, n.º 2, Maio 1947, pp. 8-9.

<sup>877</sup> *Mulher*, n.º 2, Maio 1947, pp. 8-9.

<sup>878</sup> *Mulher*, n.º 2, Maio 1947, pp. 8-9.

Casanova (1909-1943)<sup>879</sup>, da Resistência Francesa, por fim, Maria Palmira Tito de Morais (1912-?) apresentou a figura de Florence Nightingale (1820-1910). O serão cultural fechou com o filme «Sétima cruz».

No dia 7, a Dra. Alda Nogueira (1923-1998) e a Dra. Alice Maia Magalhães dissertaram sobre «A mulher e a ciência», a primeira sobre a ciência em geral e a segunda sobre algumas figuras de mulher que se têm evidenciado no campo científico. A fechar a noite, o filme «Madame Curie».

No dia 8, a locutora da Emissora Nacional, Joana Campina Miguel, esboçou os perfis das autoras dos trechos que são lidos pela escritora e locutora Etelvina Lopes de Almeida (1916-2004) e pela atriz Cármen Dolores (1924-). Etelvina Lopes de Almeida leu prosa e Cármen Dolores recitou dois sonetos de Florbela Espanca (1894-1930):

«As minhas mãos»

As minhas mãos magritas, afiladas,  
Tão brancas como a água da nascente,  
Lembram pálidas rosas entornadas  
Dum regaço de Infanta do Oriente.

Mãos de ninfa, de fada, de vidente,  
Pobrezinhas em sedas enroladas,  
Virgens mortas em luz amortalhadas  
Pelas próprias mãos de oiro do sol-poente.

Magras e brancas... Foram assim feitas...  
Mãos de enjeitada porque tu me enjeitas...  
Tão doces que elas são! Tão a meu gosto!

Pra que as quero eu – Deus! - Pra que as quero eu?!  
Ó minhas mãos, aonde está o céu?  
...Aonde estão as linhas do teu rosto?<sup>880</sup>

E «Árvores do Alentejo»:

Horas mortas... Curvada aos pés do Monte  
A planície é um brasido e, torturadas,  
As árvores sangrentas, revoltadas,  
Gritam a Deus a bênção duma fonte!

E quando, manhã alta, o sol pesponte  
A oiro a giesta, a arder, pelas estradas,

---

<sup>879</sup> Pseudónimo de Vincentella Perini, que foi responsável da Juventude Comunista Francesa antes de fundar a «Union de Jeunes Filles de France», em 1936. Morreu de tifo no campo de concentração de Auschwitz, para onde foi deportada em Janeiro de 1943.

<sup>880</sup> Publicado em *Charneca em Flor*, após a sua morte, em 1931.



Esfíngicas, recortam desgrenhadas  
Os trágicos perfis no horizonte!

Árvores! Corações, almas que choram,  
Almas iguais à minha, almas que imploram  
Em vão remédio para tanta mágoa!

Árvores! Não choreis! Olhai e vede:  
--- Também ando a gritar, morta de sede,  
Pedindo a Deus a minha gota de água!

Ao serão, passou o filme «A vida das irmãs Brontë». Na noite do dia 9, com a sala literalmente cheia, com gente em pé pelas coxias, a escritora Manuela Porto (1908-1950) apresentou um estudo sobre a escritora Virgínia Woolf (1882-1941). “Senhora absoluta da arte de dizer, Manuela Porto, encanta durante cerca de uma hora a assistência que a ouve com justificadíssimo agrado.”<sup>881</sup> Depois da conferência de Manuela Porto, assistiu-se ao filme «O Filho do Dragão».

Na tarde do dia 11, ou seja, nas vésperas do encerramento da exposição, houve uma «matinée» destinada às crianças onde Etelvina Lopes de Almeida leu contos especialmente escritos para a infância, sendo depois distribuídos livros e bonecos de estampar às crianças presentes. À noite, Maria Valentina Trigo de Sousa fez uma abordagem a Clara Barton (1821-1912)<sup>882</sup>, a mulher que tem o seu nome profundamente ligado à Cruz Vermelha dos Estados Unidos. Seguiu-se Maria da Luz Espírito Santo que dissertou sobre Sally Salminen (1906-1976), a autora do romance *Katrina*, publicado em 1936, traduzido em Portugal, por Tomás Ribeiro Colaço (1899-1965) três anos depois, em 1939.

«Helen Keller (1880-1968) e a sua professora Anne Sullivan Macy (1866-1936)» foi o trabalho biográfico apresentado pela Dra. Maria Teresa Amado Neves, onde perpassaram “as duas figuras verdadeiramente excepcionais de Helen Keller (a cega, surda e muda que consegue vir a ser uma sumidade no campo pedagógico e nas letras) e da sua professora Anne, a mulher que conseguiu o prodigioso milagre de educar uma criança com três anormalidades de tal ordem.”<sup>883</sup> À noite foram projectados os filmes «A Bandeira do bem», «Caridade» e «Como se educa uma criança».

---

<sup>881</sup> *Mulher*, n.º 2, Maio 1947, p. 9.

<sup>882</sup> Clarissa Harlowe Clara Barton foi a primeira Presidente da Cruz Vermelha Americana. Clara era o pseudónimo utilizado.

<sup>883</sup> *Mulher*, n.º 2, Maio 1947, p. 9.

No último dia da exposição, que se pretendia o mais glorioso, dia 12 de Janeiro de 1947, a Dra. Maria Helena Lucas dissertou sobre a vida de Amélia Earhart (1897-1937), “a aviadora que fez duas vezes a travessia do Atlântico, uma delas viajando sozinha e que em 1937 perdeu a vida no Pacífico.”<sup>884</sup>

Seguidamente a Dra. Benvinda de Caíres referiu-se à autora de *A Cabana do Pai Tomás*, “a célebre Harriet Stowe (1811-1896) que tanto combateu pela abolição da escravatura e que não morreu sem ver que de algo servira a sua vida inteira dedicada à grande e justa causa.”<sup>885</sup> E para fechar com chave de ouro levantou-se Maria Lamas para explicar e comentar o programa do «Conselho». A última oradora, esperada com grande ansiedade e emoção pela assistência foi “ouvida com religiosa admiração”.<sup>886</sup>

Atentemos nas palavras da articulista:

A nossa presidente vai-se detendo em cada um dos parágrafos do programa do CNMP e a cada passo é interrompida com quentes e prolongadas ovações. E, é grato registar, que da parte dos homens partiam, se não maiores pelo menos os mesmos entusiásticos aplausos. Até quando Maria Lamas, em certa parte do seu admirável discurso pedia que todas as mulheres colaborassem com o Conselho, uma voz masculina sublinha: «E todos os homens, também». Da situação económica da mulher, ao problema da prostituição, à questão educacional, ao nível intelectual feminino, tudo Maria Lamas se detém para analisar, com a segurança que lhe dá o profundo estudo destes problemas, a que muito se tem dedicado. Por fim, a assistência aplaude-a de pé numa vibrante e prolongada ovação.<sup>887</sup>

A exposição encerra com a passagem de um filme com Bette Davis (1908-1989), «Horas de Tormenta», num “ambiente de simpatia digno de nota.”<sup>888</sup>

Maria João Allen de Vasconcelos<sup>889</sup> é uma das primeiras a escrever a Maria Lamas, na sequência do êxito da Exposição, particularmente, aquando da conferência da organizadora. Maria João Allen de Vasconcelos dá, ainda, a conhecer as suas ideias políticas em relação ao que se vivia em Portugal, no ano de 1947:

---

<sup>884</sup> *Mulher*, n.º 2, Maio 1947, p. 10.

<sup>885</sup> *Mulher*, n.º 2, Maio 1947, p. 10.

<sup>886</sup> *Mulher*, n.º 2, Maio 1947, p. 10.

<sup>887</sup> *Mulher*, n.º 2, Maio 1947, pp. 10 e 11.

<sup>888</sup> *Mulher*, n.º 2, Maio 1947, p. 11.

<sup>889</sup> Carta manuscrita de Maria João Allen de Vasconcelos a Maria Lamas, datada de 15 de Janeiro de 1947. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.166.

Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lamas

Apesar de estar em falta consigo, ainda encontro coragem para lhe escrever!

Soube que na noite de encerramento da exposição dos livros escritos por mulheres, a Sr.<sup>a</sup> D. Maria fez uma palestra em que focou a posição do homem e da mulher perante a moral e a sociedade. Tive muita pena de não assistir, creia.

O objectivo desta carta é o de lhe dar o meu incondicional e sincero aplauso pela sua coragem, pela sua atitude e pela sua inteligência. Compreenderá facilmente que, algumas das suas afirmações me tivessem especialmente «tocado». Se todas as mulheres tivessem a coragem moral e a compreensão das coisas, que a Sr.<sup>a</sup> D. Maria mostrou, a sociedade não seria tão má e inconsciente. As minhas palavras, depois dos aplausos que recebeu, nenhuma valia têm, mas a minha posição perante a sociedade e a revolta que sinto pela inconsciência e hipocrisia gerais, levam-me a dirigir-me a si.

O que tenho sofrido e vivido nos últimos cinco anos, fez-me ver melhor o que está por fazer no sentido duma reconstrução da sociedade portuguesa, o que há a destruir e a modificar.

A crise é profunda, o mal vem de longe e as pessoas cruzam os braços indolentemente, convencidas de que não vale a pena lutar, de que tudo será sempre assim. Não o creio, não o quero crer, pela minha filha, pelas mulheres que hão-de vir depois de mim.

Por isso lhe agradeço com todo o coração o que está fazendo, e por isso lhe peço que conte comigo, naquilo que lhe posso dar: a minha vontade, o meu esforço, e a coragem do meu coração magoado pelas injustiças que a Sr.<sup>a</sup> D. Maria combate.

Com toda a simpatia e admiração.

Maria Lamas elaborou um catálogo alusivo à exposição, o qual contém a indicação de todas as escritoras, com nótulas biográficas<sup>890</sup> e todos os títulos expostos. Através do prefácio<sup>891</sup> ficamos a saber que “é a primeira vez em que em Portugal e talvez no mundo se realiza uma exposição destinada a reunir livros escritos por mulheres de todos os países, na demonstração total da colaboração da mulher no domínio intelectual da vida humana.” Maria Lamas explica o acontecimento cultural:

Não permitiram as circunstâncias do momento e dificuldades de toda a ordem que a ideia desta exposição atingisse o seu completo desenvolvimento. São muitas as falhas, quer em relação a países, autoras e obras, quer na preparação do catálogo, onde não foi possível fazer a separação por géneros, devido ao atraso com que recebemos a maioria dos elementos indispensáveis a essa separação.

No entanto, incompleta esta «Exposição de Livros Escritos por Mulheres» tem um alto significado e representa mais alguma coisa do que um vulgar acontecimento literário e artístico. [...] Não houve intuito de selecção das obras apresentadas, como não houve exclusão deliberada de qualquer autora.

Das portuguesas, todas responderam ao apelo que lhes foi feito. As estrangeiras figuram com os livros enviados dos seus países ou que se obtiveram particularmente, preenchendo algumas

---

<sup>890</sup> Na indicação das escritoras seguimos as notas biográficas elaboradas por Maria Lamas, sendo algumas complementadas com consultas a Américo Oliveira e Mário Gonçalves Viana, *Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis* Porto, Lello & Irmão, 1967; Américo Lopes de Oliveira, *Dicionário de Mulheres Célebres*, Porto, Lello & Irmão, 1981, Leonel de Oliveira (org.), *Quem é quem, Portugueses Célebres*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003; *O Grande Livro dos Portugueses: 4000 personalidades em texto e Imagem*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1990; *Dicionário no Feminino (Séculos XIX-XX)*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005; *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Ilídio Rocha (coord.), 7 volumes, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2001; *Anuário Artístico e Literário de Portugal*, Lisboa, Agência Upi, União portuguesa de Imprensa, 1948.

<sup>891</sup> *Catálogo da Exposição de Livros Escritos por Mulheres*, Lisboa, Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1947.

lacunas. Há um agradecimento a Embaixadas, Legações, Institutos Culturais e aos Conselhos Nacionais de Mulheres de vários países, bem como ao Grémio Nacional de Editores e Livreiros, Livrarias e Bibliotecas, que cedendo os seus livros ou dando indicações, prestaram um valioso auxílio a esta iniciativa.<sup>892</sup>

A quantidade de livros expostos mostra de modo significativo a actividade literária feminina, pelo menos, até 1947. Dada a relevância cultural e o impacto que a exposição obteve junto do público, com cerca de 1000 visitantes por dia, consideramos de extrema importância, indicar as escritoras portuguesas presentes, bem como as obras expostas.

Escritoras de Portugal:

**Aura Abranches**<sup>893</sup> (1896-1962), *Madalena Arrependida* (teatro); **Margarida de Abreu** (1915-2006)<sup>894</sup>, *Manifesto*; **Maria Adelaide** (1900-?)<sup>895</sup>, *Quadras*; **Sara Alarcão** (? -?)<sup>896</sup>, *Método de Corte para Vestuário Feminino*; **Mécia Mouzinho Albuquerque** (1870-1961)<sup>897</sup>, *A Tecedeira*; *A Bandeira*; *Os Mortos de Chaves* – Fragmento histórico; *Rainha e Mártir*; *A Sonâmbula*; **Condessa de Vinhó e Almedina** (1874-?)<sup>898</sup>, *Conferências e Viagens*; **Berta Valente de Almeida** (? -2003)<sup>899</sup>,

<sup>892</sup> Id., *ibid.*

<sup>893</sup> Aura Abranches Ruas Grijó, actriz notável e dramaturga, filha da gloriosa actriz Adelina Abranches. Outras obras: *Os Dois Pescadores*; *Aquele Olhar*, *Três Cães a um Osso*; *Comédia da Vida* (em colaboração com Branca de Gonta Colaço).

<sup>894</sup> Margarida Hoffmann de Barros Abreu Salomão de Oliveira estudou dança rítmica em Portugal, com Cecil Kitkat e Sosso Dukas-Schau e na Suíça, no Institut Jacques Dalcroze, onde se graduou em 1937. Prosseguiu os seus estudos na Alemanha, na Deutsche Tanz Schule, Berlim e na Áustria, na Hellerau Laxemburg Schule, Viena. Foi professora do Curso de Bailarinas e do Curso de Teatro do Conservatório Nacional (1939-1986) e do Centro de Estudos de Bailado do Instituto de Alta Cultura, vulgo Escola do Teatro de S. Carlos, (1964-1972) e directora artística do Círculo de Iniciação Coreográfica entre 1944 e 1960 do qual saíram os Bailados Margarida de Abreu, o Bailado em Acção e, mais recentemente, o Grupo Studium. Entre 1960 e 1975, de parceria com o seu discípulo Fernando Lima, exerceu as funções de directora artística do Grupo de Bailados Portugueses Verde-gaio. Para os seus grupos de dança, peças de teatro e óperas, no Teatro de S. Carlos, criou cerca de meia centena de coreografias

<sup>895</sup> Maria Adelaide Eugénia Teixeira de Bastos Leal está ligada à poesia e conferência. Colaborou nos periódicos: *República*, *Diário de Lisboa*, *Diário de Coimbra*, *Beira-Dão*, *Folha de Tondela*, *Modas & Bordados*; *Portugal Feminino*, *Almanach Bertrand* e *Magazine Bertrand*. É associada da Tábua Rasa.

<sup>896</sup> Pintora e professora de Artes na Escola Faria Guimarães, no Porto.

<sup>897</sup> Nasceu em Lisboa, é autodidacta e escreve poesia e romance. Colaborou nos periódicos: *Novidades*, *Dia*, *Época*, *A Voz*, *Fradique*, *Nação*, *Diário de Lisboa*, *Diário da manhã*, *Correio da Manhã*, *Quinzena de Portugal*, *Modas & Bordados* (em Portugal); *El Debate* e *El Fígaro*, em Espanha; *L'Action Française* (Paris); *Revista Portuguesa* (Rio de Janeiro); etc. Foi a fundadora da «Iniciativa Particular da Luta contra o Cancro», hoje designada «Liga Anticancerosa». Assinou alguns dos seus artigos com o pseudónimo Zoleica. Esta informação é importante porque é a resposta das autoras ao questionário proposto para a realização do Anuário, do qual o autor muito se queixa.

<sup>898</sup> D. Luísa de Guimarães Guedes Pinto Machado, 2ª Condessa de Vinhó e Almedina, era filha primogénita do Conde de Almedina, Delfim Deodato Guedes, de quem herdaria o título, posteriormente revestido com a forma de Vinhó e Almedina, através de decreto régio de 1906. Pintou vários quadros, a óleo e a pastel, tendo alguns figurado nas Exposições do Grémio Artístico, realizadas entre 1898 e 1899.

*Gramática Prática da Língua Portuguesa; Primeiras Noções de Gramática Histórica da Língua Portuguesa; Gramática Prática da Língua Latina; Deolinda Ferreira de Almeida* (? -?), *Fragmentos*; **Etelvina Lopes de Almeida** (1916-2004)<sup>900</sup>, *O Tontinho da Esquina*; **Maria Helena Duarte de Almeida** (1913-?)<sup>901</sup>, *Ascensionais; Amanhecer; Palhaço Francês*; **Salomé Gouveia Nunes de Almeida** (1893-?)<sup>902</sup>, *A Vingança do Capuchinho Vermelho* (2 volumes); *O Lago Mágico; Os Óculos da Ilusão; Aventuras do Anão Gigante; Falam os Animais; El-rei D. João; A Tamareira Maravilhosa; O Saco dos Pesadelos*; **Virgínia de Castro e Almeida** (1874-1945)<sup>903</sup>, *Asas de Coragem; Aventuras de D. Redonda; Capital Bendito; Céu Aberto; O Coelho Verde; Coisas que eu Penso; Como devemos criar e educar os nossos Filhos; Como devo governar a minha Casa; Em Pleno Azul; A Fada Tentadora; Fé; Geografia; História de Alarico sem Fel; História de Dona Redonda e da sua Gente; História do Palonço Brutamontes; Inocente; Lawrence e os Árabes; No Mar Tenebroso; A Mulher; A Praga; O Solar do Picotorcido; Terra Bendita*<sup>904</sup>; *Les Grands Navigateurs et Colons Portugais du XV et XVI Siècles – Crónica de Damião de Góis, João de Barros; Gaspar Correa; Trágica História do Fidalgo D. Francisco e do seu Filho Único* (1942); *A História do Marquês de Pombal* (1943); *A História do Vice-Rei que empenhou as Barbas* (1942); *A Linda e Gloriosa História das Correntes Quebradas* (1943); *História do Rei Encoberto* (1943); *A História mais Triste de todas* (1943); *História do Grande D. João, Capitão e Sábio* (1942); *Cartas a Fabrício; Trabalho Bendito; Vie de Camões; As Lições de André; Pela Terra e pelo Ar*; **Leonor de Almeida Lorena e Lencastre, Marquesa de Alorna**

---

Participou, também, na I Exposição promovida pela Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa, em 1901.

<sup>899</sup> Licenciada em letras. Professora de Liceu.

<sup>900</sup> Escritora, poetisa e jornalista. Depois do 25 de Abril, deputada pelo PS na Assembleia da República. Etelvina Lopes de Almeida esteve ligada à oposição, tendo colaborado com Maria Lamas, e as organizações de mulheres que esta animava. Estas actividades deram origem ao seu despedimento da Emissora Nacional. Presidiu à Fundação Sara Beirão/António Costa Carvalho, que fundou juntamente com o locutor, ex-deputado pelo PS à Assembleia da República e antigo vereador na Câmara de Cascais, Igrejas Caeiro.

<sup>901</sup> Maria Helena Vaquinhos de Carvalho e Duarte de Almeida escreveu poesia, colaborou em diversas revistas e jornais portugueses; *Pátria Portuguesa de Portugal* e *Rio Ilustrado* do Rio de Janeiro.

<sup>902</sup> Ermelinda Salomé Gouveia Neves de Almeida tirou o curso do Magistério Primário, tendo exercido o professorado. Dedicou-se à literatura infantil e poesia. Usava o nome literário de Salomé de Almeida.

<sup>903</sup> Notável talento de escritora. Consagrou-se especialmente à educação infantil e deu entrada nas letras com o livro *Fada Tentadora*. Em França, onde residiu muito tempo, a sua obra é conhecida e o cinema aproveitou duas das suas obras, nas quais se inspirou. Foi delegada à Comissão de Cooperação Intelectual em Paris. Foi a primeira mulher a ter um papel relevante na nossa história de cinema. Virgínia de Castro e Almeida, escritora de renome, fundou em 1922 a Fortuna Filmes. A primeira produção da Fortuna Filmes tem por título **Sereia de Pedra** e foi extraída do romance de sua autoria intitulado *Obra do Demónio*.

<sup>904</sup> Publicado em 1907. O livro de Pearl Buck com o mesmo título foi traduzido, em Portugal, em 1939.

(1750-1839)<sup>905</sup>, *Inéditos; Poesias; Obras Poéticas*; **Maria Clara Correia Alves** (1869-1948)<sup>906</sup>, *Féminisme (Toujours et Encore)*; **Maria Luísa Martins Gomes Alves** (? - ?)<sup>907</sup>, *Estudo sobre as Espécies da Família «Cicindelidae» de Portugal* (1943); *Contribuição para o Estudo dos Onthophagus de Angola e Moçambique* (1944); **Ana Maria** (1896-1956)<sup>908</sup>, *Plano Inclinado; Almas Inquietas*; **Isaura Dinis de Abreu Matias de Andrade** (1908-?)<sup>909</sup>, *Chão de Flores – poesia* (1936); *Edifícios de Sonho* (dois volumes); *Sinfonia da Terra* (dois volumes); *Malvas do Meu Jardim*; **Maria Benedita de Sousa Soares de Andrea** (1788 -?), *Poesias* (1878); **Helena de Aragão** (1880-1961)<sup>910</sup>, *Sombras e Claridades; Caminhos da Vida; Quem não Quer Ser Lobo...; Travessuras; Ruínas; Filha de Mendigo*; **Maria Archer** (1899-1982)<sup>911</sup>, *África Selvagem; Eu e Elas; Há Dois Ladrões sem Cadastro; Nunca o Direi; Aristocratas; Ida e Volta duma Caixa de Cigarros; Sertanejos; Singularidades de um País Distante; Ninho de Bárbaros; Angola Filme; Colónias Piscatórias de Angola; Caleidoscópio Africano; Viagem à Roda de África – Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho* (1938); **Beatriz Arnut** (1892-1958)<sup>912</sup>, *Orações; Cantando Sempre; Sorrisos Cor-de-rosa; Mágoas da Mocidade; O meu Sonho de Agora; Saudades; Chorando; Altar de Luz*; **Maria José de Figueiredo Assalino** (1896-1972)<sup>913</sup>, *Cantares do Coração*; **Maria da Graça Azambuja** (1916-1993)<sup>914</sup>; *Quando as Vozes se calam; As Estrelas moram*

<sup>905</sup> Notável poetisa portuguesa, celebrada pelos poetas da Arcádia sob o nome de Alcipe. Deixou seis volumes de composições poéticas originais e traduções. Entre estas últimas figuram a dos seis primeiros contos do «Oberon» de Wieland e a das «Estações» de Thomson.

<sup>906</sup> Escritora, conferencista, professora e jornalista. Foi uma das fundadoras do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas e do seu órgão *Alma Feminina*. Erudita e muito devotada à causa da instrução popular. Escreveu também para *O Comércio do Porto*, em 1921, uma série de artigos de carácter educativo e social, na rubrica «Mulheres e Crianças».

<sup>907</sup> Licenciada em Ciências Biológicas. Trabalhou nas Missões Coloniais.

<sup>908</sup> Romancista. Pseudónimo de Maria José de Oliveira.

<sup>909</sup> Assinava as obras como Isaura Matias de Andrade. Poetisa, colaboradora em vários jornais e revistas, entre os quais *Diário de Coimbra*, *Portugal Feminino*, *Alma Feminina* e o *Ilustrado*, suplemento semanal do *Notícias de Lourenço Marques*.

<sup>910</sup> Pseudónimo de Helena Augusta Teixeira de Aragão Breia que usou também o pseudónimo de Agarena de Leão. Dirigiu a partir de 1925 a revista *Modas & Bordados*, até à entrada de Maria Lamas para a direcção. Fundou as revistas *Eva* e *Fémima*. Foi redactora do jornal *O Mundo* e colaborou nas revistas: *Ilustração Portuguesa*, *Civilização*, e nos jornais *Século da Noite* e *O Primeiro de Janeiro*.

<sup>911</sup> Maria Emília Archer Eyroles Baltasar Moreira, autodidacta, escreveu ensaio, romance e crónica. Colaborou no *Anglo-Portuguese News*, *Diário de Lisboa* e *República*, todos de Lisboa.

<sup>912</sup> Beatriz de Jesus Arnut Baptista. Escritora e poetisa. Funcionária superior da Biblioteca Nacional de Lisboa. Era sócia de Associação di Cultura Letter e Scientif. di Génova – Itália. Foi secretária da grande Comissão de Homenagem a Fialho de Almeida, presidente da Comissão de Senhoras da Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira e directora dos Anais da Casa de Trás-os-Montes.

<sup>913</sup> Maria José de Figueiredo Cardoso Assalino colaborou em “*O Figueirense*”.

<sup>914</sup> Pseudónimo de Maria da Graça Freire Cochofel de Miranda Mendes. Escritora e poetisa, com colaboração em vários jornais e revistas. As suas últimas obras foram publicadas sob o nome de Maria da

longe; **Manuela de Azevedo** (1912-....)<sup>915</sup>, *Um Anjo Quase Demónio*; *Claridade*; **Maria Paula de Azevedo** (1881-1951)<sup>916</sup>, *Histórias do Mundo Contadas às Crianças*; *Ana Vem a Portugal*; *Contos de Fadas*; *Quatro Raparigas* – adaptação; *A História de Jesus Contada às Crianças*; *O Colégio da Ameixoeira*; *Portugal para os Pequenininos*; **Amélia Bacelar** (1890-1976)<sup>917</sup>, *Aracnídeos Portugueses* (1927); *Notas Aracnológicas* (1927); *Aracnídeos Portugueses, II* (1929); *Aracnídeos Portugueses, III* (1930), *Notas Aracnológicas, II* (1930); *Sur quelques Aragnées Théraphoses de la Faune Ibérique* (1932); *Inventário das Aranhas Megalomorfas da Península Ibérica* (1932); *Araignées Théraphoses Nouvelles ou Peu Connues de la Faune Ibérique* (1933); *Sur les Mœurs des Nemesis et des Pachylomerus* (1933); *Aracnídeos Portugueses IV* (1933); *Aracnídeos Portugueses V* (1934); *Notas Aracnológicas III, Aranhas Ibéricas da família Eresidae* (1936); *Contribuição para o Estudo da Fauna Aracnológica dos Açores e Madeira* (1937); *Trap-door Spiders from Algarve (South of Portugal)*, com a colaboração de F. Frade, (1937); *Remarques sur Trois Araignées Théraphoses de Sicile et du Nord d'Afrique* (1931); *Révisions des Nemesis de la Faune Ibérique et Description des Espèces Nouvelles de ce Genre*; *Révision des Pachylomerus de la Région Méditerranéenne*; *Sur la Longevité chez les Araignées* (1932); **Teresa Leitão de Barros** (1898-1983)<sup>918</sup>, *Caderno de Gramática Portuguesa*; *Maria Amália Vaz de Carvalho* – conferência; *Escritoras de Portugal*, 2 volumes, (1924); *Silêncio* (contos e casos), (1930); *Vidas que Foram Versos* (1930); *No Jardim do Passado* (evocações históricas - 1932); *Vidas de Santos* (1937); *Varinha de Condão* (contos infantis de colaboração com Fernanda de Castro); *Bonecos de Estampar* (contos infantis); *A*

---

Graça Freire. Era irmã de Natércia freire, com quem escreveu algumas obras em colaboração. Em 1972, obteve o Prémio Nacional de Novelística, do SNI, com a obra *O Inferno está Perto*.

<sup>915</sup> Manuela Saraiva de Azevedo tirou o curso do Liceu e Escola Primária Superior. Dedicou-se ao Jornalismo. Colaborou em *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, *Ver e Crer* e *Vida Mundial Ilustrada*. Foi redactora do jornal *República* e chefe de redacção das revistas *Vida Mundial* e *Vida Mundial Ilustrada* (1942-1945). Ingressou no *Diário de Lisboa* (1945-1958) e por último, no *Diário de Notícias* (1960), onde assinou colunas de crítica teatral, de bailado e artes plásticas e textos de investigação sobre, por exemplo, Camilo, Eça, Junqueiro, João de Deus, Herculano, de quem adaptou, para os jovens, textos de *Lendas e Narrativas*. Fundou e presidiu à Associação para a Reconstrução e Instalação da Casa-Memória de Camões em Constância.

<sup>916</sup> Pseudónimo de Joana de Távora Folque do Souto. Esta escritora dedicou-se especialmente à literatura para crianças, tendo também feito traduções.

<sup>917</sup> Amélia Vaz Duarte Bacelar. Licenciada em Ciências Naturais em 1920. Naturalista do Museu Bocage. Fez viagens de estudo com permanência nos museus de Paris, Londres e Bélgica. Foi adjunta da Missão Zoológica da Guiné.

<sup>918</sup> Licenciada em Filologia Românica, professora efectiva do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, esta erudita escritora tem dividido a sua actividade pelo ensino, pelas letras e pelo jornalismo. É condecorada com a Ordem de Santiago de Espada.

*Primeira Aventura de Zé Nêspêra*; **Raquel Bastos** (1903-1984)<sup>919</sup>; *Ana de Castro Osório, Mulher*; *Um Fio de Música* (premiado); *Destino Humilde* (Menção honrosa do Prémio Ricardo Malheiros, em 1942); *Coisas do Céu e da Terra* (Menção Honrosa do Prémio Fialho de Almeida); **Sara Beirão** (1884-1974)<sup>920</sup>, *Prometida*; *A Alvorada*; *Surpresa Bendita*; *Arte e Economia* (2 volumes); *Solar da Boavida*; *Amores no Campo*; *O Raul*; *Clara*; *Sozinha*; *Serões da Beira*; *Fidalgo da Torre*; *Influência da Protecção aos Animais na Moral e na Educação dos Povos* (conferência); *Cenas Portuguesas*; **Judite Belo** (? -?)<sup>921</sup> e Prof. Ettisch (? -?); *Reacções Elementares Singulares em Biologia* (Separata do Arquivo de Patologia); *A Medicina Contemporânea* (revista com um artigo da Sr.<sup>a</sup> D. Judite Belo); *Teoria e Significado das Medições do pH*; Dr.<sup>a</sup> **Sara Benoliel** (1898-1970)<sup>922</sup>, *Tese de Doutoramento: Modificações do Líquido Céfalo-Raquidiano na Meningite Tuberculosa* (1926); *Algumas Notas sobre Assistência Materno-infantil no Estrangeiro* – Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa; *Leites Acidificados em Dietética dos Lactantes* – Medicina Contemporânea, nº 22 de 3/7/934; *Alimentação Infantil* – Associação de Estudantes de Medicina, 1929; *Um Caso de Elefantíase Congénita numa Criança de 4 Anos* – Lisb. Médica, 1928; *Organisation de la Lutte Contre la Tuberculose et la Syphilis dans les Œuvres de Protection de l'Enfance* - 4<sup>ème</sup> Session de l' Association pour la Protection de l'Enfance, 25/10/31; *Le Jardin d' Enfants* – Revue Intent. de l'Enfance, Genève – volume XI, nº 63 de Março 1931; *Do Emprego da Bananina na Alimentação dos Lactantes* – Lisb. Méd. 1933; *Relatório do Movimento do Auxílio Maternal do Pessoal Feminino Dos Hospitais Civis 1931-1933*; *Aperçu Général sur l'Organisation de la Protection de l'Enfance au Portugal* – Révue Medico-Sociale de l'Enfant, nº 4, 1939 ; *Do Emprego da Vacina Preventiva Contra a Difteria* – Imprensa Médica, ano 7º, nº 1, 1941; *Alma Sundfuist* – Revista Portuguesa de Pediatria e Puericultura, nº 3, 1930; *Subsídio para a História da Pediatria em Portugal* - Revista Portuguesa de Pediatria e Puericultura, volume II, 1938; *A Propósito da Profilaxia Dentária nas Crianças em Idade Escolar* – Revista

<sup>919</sup> Raquel Bastos Osório de Castro Oliveira Nascimento. Escritora e cantora. Prémio Fialho de Almeida, 1938.

<sup>920</sup> Escritora e jornalista com colaboração em jornais onde usou o pseudónimo de Álvaro de Vasconcelos.

<sup>921</sup> Licenciada em Ciências Físico-Químicas, trabalhou no Instituto de Oncologia como investigadora.

<sup>922</sup> Médica e publicista, nascida no Brasil e naturalizada portuguesa em 1928. Dedicou-se largamente aos estudos de assistência e à Puericultura, iniciando cursos gratuitos para raparigas e criando um «Jardim-escola», no Hospital D. Estefânia, que foi elevado à categoria de Escola oficial. Em 1931, apresentou um projecto para a criação do «Auxílio Maternal» do Pessoal Feminino dos Hospitais Civis, aprovado por decreto ministerial. Participou em muitos congressos, com trabalhos originais.



Portuguesa de Pediatria e Puericultura, volume II, nº 4, 1939; *O Bebê, a Arte de Cuidar do Lactante* – tradução; *Contribuição à Reacção de Dick na Escarlatina* – Portugal Médico, 1928; *Quarenta e Sete Artigos de Divulgação sobre Puericultura* publicados em *Modas & Bordados* de 1941-1943, nos respectivos números 1523 e 1633; *Os Preconceitos em Puericultura e a Maneira de Combatê-los* – Conferência publicada pela Liga de Profilaxia – Porto, 1935, 2ª série; **Jane Bensaúde** (1862-1938), *O que Canta o Pintassilgo*; *As Bonecas*; **Matilde Bensaúde** (1890-1969)<sup>923</sup>, *Rapport entre la Distribution des Bactères et la Flétrissure dans les Plantes Parasitées par le Corynebacterium Sepetonian* – Bibl. Serviços Fitopatológicos; *Tese de Doutoramento* – Paris, 1918; *Inventário das Moléstias das Plantas Agrícolas da Ilha de S. Miguel* – Biblioteca Serviços Fitopatológicos; *Flagellates in Plantes; a Review of Foreign Literature* – Biblioteca Serviços Fitopatológicos, 1925; *Desinfecção da Semente do Trigo pelo Carbonato de Cobre. Tratamento Preventivo Contra a Caria ou Fungo* – Biblioteca Serviços Fitopatológicos, 1928; *Wheat Diseases in Portugal* – Biblioteca Serviços Fitopatológicos, 1929; *Cartilha do Lavrador* – Biblioteca Serviços Fitopatológicos, 1929; *Comparative Studies of Certain Cladosporium Diseases of Stone Fruits* – Biblioteca Serviços Fitopatológicos, 1928; *O Escaravelho Americano e a Verruga Negra da Batata* – Biblioteca Serviços Fitopatológicos, 1931; *A Formiga Argentina* – Biblioteca Serviços Fitopatológicos, 1932; *L'Helminthosporium Tetramera Mc K. sur Blé à Angola* – Biblioteca Serviços Fitopatológicos, 1930; *Note sur le Phytophthora Parasite des Citrus au Portugal* – Biblioteca Serviços Fitopatológicos, 1929; **Maria Francisca de Bettencourt** (1905-1980)<sup>924</sup>; *Sonetos do Meu Viver*; **Helena Bianchini** (? -?)<sup>925</sup>, *O Despertar da Rosa Maria*; **Mercedes Blasco** (1870-1961)<sup>926</sup>, *Memórias de uma Actriz*; *Musa Histórica* (versos); *Vagabunda* (memórias); *Qualidades Magnas do Artista Dramático* (conferência); *Caras Pintadas* (gente de teatro); *Desventurada*; *Versos de Mulher*; *Hipócritas* (gente de teatro); *Tagarelices* (crónicas); *Diário de uma Escritora*; *Batalha de Sexos* (novela); *Como eles são* (estudos); *Mel e Fel* (versos); *O meu Príncipe* (romance); *Querem Saber?*; *Uma Mulher que Acreditou no Amor* (romance); *Uma Hora de Amor* (conferência); *Qualquer Coisa* (crónicas);

<sup>923</sup> Doutorada em Ciências Biológicas desde 1918, em Paris. Foi directora do Laboratório de Patologia Vegetal. Trabalhou como investigadora no Instituto de Investigação Científica «Bento Rocha Cabral»

<sup>924</sup> Usou os pseudónimos de Maria do Céu e Micas.

<sup>925</sup> Pseudónimo de Helena Niza da Silva.

<sup>926</sup> Conceição Vitória Marques, além do pseudónimo Mercedes Blasco, utilizou também, Dinorab Noémia, Mam'zelle Caprice. Actriz, escritora, poetisa e jornalista.

*Como eu fui amada* (cartas); *Nas Trincheiras da Vida*; *Quando a Alma Fala*; *Como se Conquista um Homem* (conselhos e novelas); *Arco de Cupido*; *Namorados e Amantes*; *Os meus Homens*; *Adão e a sua Costela* (novelas); *Enjeitada*; *Caras e Corações* (novelas); *O Homem que Deu o seu Cérebro* (romance); *Esta Vida*; *Os Bastidores do Amor*; **Aurélia Borges** (1905-?)<sup>927</sup>; *Era uma Vez*; *Ígneos*; *Sol Doente*; *Labareda*; *Florbelas Espanca e a sua Obra*; *Escola Florbeliana*; *Sonetos do Sol e do Mar*; **Maria de Lourdes Borges** (? -?)<sup>928</sup>; *Uma Doença do Linho Nova para Portugal*-1946; *Um Parasita da «Orobanche crenata» Forsk* – Com a colaboração de **Maria de Lourdes Oliveira**, 1946; *Estudo do Vírus das Crucíferas* – Com a colaboração de **Maria de Lourdes Oliveira**, 1944; **Adelaide Bramão** (1872-1963)<sup>929</sup>, *Saber Viver*; **Graciette Branco** (1905-1980)<sup>930</sup>, *Adelina*; *Preceitos de Cortesia e Etiqueta*; **Estela Brandão** (1889-?)<sup>931</sup>, *Arte e Economia*; **Maria Angelina Brandão** (? -?)<sup>932</sup>, *Portugal Pequeno*; **Maria da Bruma** (? -?)<sup>933</sup>, *Amor e Graça do Lar*; **Dr.<sup>a</sup> Adelaide Cabete** (1867-1935)<sup>934</sup>, *O Ensino da Puericultura na Escola Infantil*; *Diversas Teses do CNMP ao 1.º Congresso Abolicionista*; *A Mulher e a Criança* - Revista, 24 volumes; *O Ensino Doméstico em Portugal*; *A Luta Anti-alcoólica nas Escolas*; **Estefânia Loureiro de Vasconcelos Leão Cabreira** (? -?)<sup>935</sup>, *Cançonetas Infantis*; *Corografia de Portugal*; *História Pátria Portuguesa*; *Virtudes e Heroísmos Lusíadas*; *Caminho Florido*; *Canteiro de Rosas*; *Cantares de Portugal*; *A Arte e a Máquina*; *O Cancioneiro do Bebê* (versos); *Canções à Terra* (versos); *As Profissões Humildes das Crianças*; *O Herdeiro de Miraval*; *Quando o Sol desfaz a Bruma*; *O Bom Amigo*; *Bem-me-quer*; **Maria de Cabedo** (1899-1968)<sup>936</sup>, *Fantasia e Realidades*; Rita Chiappa Cadet (? -1885),

<sup>927</sup> Professora, poetisa e contista, natural de S. Tiago de Torres Novas. Discípula de Florbela Espanca, começou a publicar poesias e contos na imprensa nortenha, aos 15 anos. Colaborou em vários jornais e revistas. Usou os pseudónimos de Maria do Loreto, Leillah Glanowitch, Dr. Young e Ana Maria Rey.

<sup>928</sup> Licenciada em Ciências Biológicas. Trabalhou no laboratório da Estação Agronómica Nacional.

<sup>929</sup> Escritora, que usou o pseudónimo de «Baronesa X».

<sup>930</sup> Graciette Alves da Silva Branco de Santa Rita dedicou-se especialmente à literatura infantil, tanto em verso como em prosa, tendo publicado, entre outros, os livros: *Bebés de Bibe e Babete*; *Arca de Noé*; *Bazar de Brinquedos*; *Presente de Natal*, etc. Tem muita colaboração dispersa em revistas femininas e infantis e também em jornais. Realizou diversas conferências. Integrou durante dois anos as Missões Culturais do Secretariado de Propaganda Nacional.

<sup>931</sup> Estela Ramalho Nunes de Sá Brandão usou o pseudónimo de Simone. Colaborou nos jornais *Correio do Minho* (Braga) e *Estrela do Minho* (Vila Nova de Famalicão).

<sup>932</sup> Casada com o grande escritor Raul Brandão escreveu, de colaboração com ele, o livro *Portugal Pequeno*.

<sup>933</sup> Pseudónimo de Maria Quaresma de Almeida. Poetisa.

<sup>934</sup> Adelaide de Jesus Damas Brasília Cabete, fundadora do CNMP.

<sup>935</sup> Professora, escritora e musicista. Tem usado o pseudónimo de Leonor de Alvelos. Dirigiu com o seu marido, durante cerca de 30 anos, o suplemento «O Comércio Infantil» do jornal *O Comércio do Porto*.

<sup>936</sup> Nome literário de Maria Dulcelinda da Costa de Cabedo Cardoso. Usou o pseudónimo de Ivette.

*Sorrisos e Lágrimas; Versos; Alice Pestana* (1860-1929)<sup>937</sup>, *Comentários à Vida; De Longe* (contos) 1904; *Retalhos da Verdade* (contos, 1904); *Às Mães e às Filhas* (contos, 3 edições; *La Educacion en Portugal* -1915; *Tendencias Actuales en la Tutela Correccional de los Menores* – 1918; *Desgarrada* (romance); *Genoveva Montanha* (romance traduzido para espanhol; *Revista Branca; Primeiras Leituras; Lutegarda Caires* (1871-1935)<sup>938</sup>, *Violetas* (poesia); *O Dr. Vampiro* (romance); *Glicínias* (poesia); *A Bandeira Portuguesa; Dança do Destino; As Papoilas* (poesia); *Sombras e Cinzas* (poesia), *Cavalinho Branco* (contos infantis); *Palácio das Três Estrelas* (contos infantis); *Anoitecendo* (poesia); *Árvores Benditas* (prosa); *Águas Passadas* (novelas); **Marta Mesquita da Câmara** (1894-1980)<sup>939</sup>, *Arco-Íris* 1924; *Triste* 1924; *Pó do teu Caminho*, 1928; *Conte uma História* (poesias, fábulas e contos para crianças), 1940; **Ema Romero Fonseca da Câmara Reis** (? -?)<sup>940</sup>, *Seis Anos de Divulgação Musical* (4 volumes); **Cláudia de Campos** (1859 -1916)<sup>941</sup>, *Rindo; Mulheres*, Lisboa, 1895; *A Baronesa de Staël e o Duque de Palmela*, Lisboa, 1901; *O Último Amor* (romance); *A Esfinge* (romance); *Ele* (romance); **Maria das Mercês do Canto Cardoso** (1881-?)<sup>942</sup>, *Inverno; Maria do Carmo* (? -?), *Voo Curto; Lucinda do Carmo* (1861 -1922)<sup>943</sup>, *Fora de Cena; Soledade Carmo* (? -?)<sup>944</sup>, *Cancro do Colo Uterino* In «Medicina Contemporânea», 1943; **Maria Isabel Carreira** (? -?), *Recordando; Maria Amália Vaz de Carvalho* (1848-1921)<sup>945</sup>, *Cartas a uma Noiva; Contos e Fantasias; Mulheres e*

<sup>937</sup> Com o pseudónimo de Caiel com que sempre escreveu versos, questões de ordem educativa, social e política, revelou um belo espírito crítico. Foi muito considerada em Espanha onde viveu e ocupou o lugar de secretária do «Protectorado del Niño Delicuyente», tratando problemas de ensino e criminalidade infantil.

<sup>938</sup> Poetisa, escritora e jornalista com vasta colaboração em jornais portugueses e brasileiros onde defendeu os direitos das mulheres. Dedicou-se especialmente à protecção das crianças dos hospitais. Possuía a comenda de Santiago da Espada e de Benemerência.

<sup>939</sup> Poetisa, conferencista e jornalista. Colaborou em vários jornais e revistas. Usou o pseudónimo de Tia Madalena.

<sup>940</sup> Usou o pseudónimo de Vera Gharb. Musicóloga.

<sup>941</sup> Poetisa e prosadora, educada em Inglaterra, o que influenciou muito nos seus escritos. Publicou versos e artigos em vários jornais. Usou o pseudónimo de Colette.

<sup>942</sup> Poetisa. Natural da Vila da Ribeira Grande, S. Miguel, Açores. Tem exames singulares de Francês, Inglês e Alemão. Leccionista em Ponta Delgada. Escreveu poesia. É sócia de ICPD – Instituto Cultural de Ponta Delgada. Colaborou no *Jornal Feminino* da Horta.

<sup>943</sup> Actriz portuguesa. Iniciou a vida de palco, em 1882, no teatro do Ginásio, na comédia *A Estação Calmosa*, de Chivot, tendo trabalhado em várias companhias ao longo da sua carreira. Colaborou, com a publicação de poesias, no *Almanaque dos Palcos e Salas*, no *Almanaque Ilustrado* e no *Almanaque das Senhoras*.

<sup>944</sup> Médica. Trabalhou na Secção de Radiologia do I.P.O.

<sup>945</sup> Uma das nossas melhores escritoras e a primeira mulher que teve a honra de pertencer à Academia das Ciências de Lisboa. Distinguiu-se na poesia, crítica literária, história e educação. Casou com o poeta Gonçalves Crespo. Por vezes usou o pseudónimo de Valentina de Lucena. Escreveu em muitos jornais de Portugal e do Brasil, artigos de crítica, quase todos reunidos, depois, em volumes.

*Crianças; Serões no Campo; A Arte de Viver em Sociedade; Cartas a Luísa; Valentina; Contos para os nossos Filhos* (de colaboração com Gonçalves Crespo); *Impressões de História* (1910); *No meu Cantinho* (1909); *Em Portugal e no Estrangeiro* (ensaios críticos, 1897); *Arabescos; Pelo Mundo Fora* (1896); *Ao Correr do Tempo; Figuras de Hoje e de Ontem* (1902); *Alguns Homens do meu Tempo* (1889); *Vozes do Ermo* (poesia); *Uma Primavera de Mulher* (poema, 1867); *O Pescador da Islândia* (tradução do romance de Pierre Loti); *Coisas de Agora; Cérebros e Corações – Cenas do Século XVIII em Portugal; Vida do Duque de Palmela, D. Pedro de Sousa Holstein* (considerada a sua melhor obra); *Duquesa de Palmela* (In memoriam); *As nossas Filhas; Maria de Carvalho* (1889-1973)<sup>946</sup>, *Folhas* (versos, 1921); *As Sete Palavras* (versos, 1915); *Antes da Batalha* (versos, 1937); A.B.C. Outras obras: *Pensamentos* (1919); *Através da Bruma* (1937); *Viagem da Vida* (prosa); *As Quatro Estações* (prosa); **Maria Guilhermina de Sequeira do Rio Carvalho** (? -?)<sup>947</sup>; *Dor que Redime; Impressões; Mulheres e Almas*. Outras obras: *Herói de Palmo e Meio* (para crianças, esgotado); *De Criança a Mulher; Um Diabrete de Saias; Aquela Garota; Caminho de Surpresas; Não Grites, Coração; Justa Matilde de Carvalho e Costa* (1815-1884), *Tratados de Partos; Joana de Castelo Branco* (1856-1920)<sup>948</sup>, *As minhas Flores; Gabriela Castelo Branco* (1904-?)<sup>949</sup>, *Substâncias* (poesia); **Alda de Castro** (1888-?)<sup>950</sup>, *Para o Mundo Pequenininho; E depois?; Acabou-se a História; Cacilda Castro* (? -?)<sup>951</sup>, *Manhã de Neve; Aurora Teixeira Castro* (? -?), *Monografia da Cidade do Porto; Teatro; Lembrança do Passado; Semeando; Fernanda de Castro* (1900-1994)<sup>952</sup>, *Trinta e Nove Poemas* (verso); *Mariazinha em África* (novela infantil); *A Pedra no Lago* (teatro); *Maria da Lua* (romance, prémio Ricardo Malheiro em 1946); *Anteponho*

<sup>946</sup> Maria de Carvalho Ferreira, poetisa e jornalista, colaborou em vários jornais, como *Novidades*, onde dirigiu uma página feminina, *O Diário de Lisboa*, *O Comércio do Porto*, onde manteve a secção «Mulheres e Crianças», a revista *Stella* de Fátima. Manteve durante várias décadas uma página feminina no *Ocidente*. Colaborou ainda, no *Diário de Notícias*, *Ilustração*, *Modas & Bordados*, *Civilização*, *Correio da Manhã*, *ABC* e *A Voz*.

<sup>947</sup> Escritora, poetisa e conferencista, que colaborou em muitos jornais e revistas portuguesas com o pseudónimo de «Miriam».

<sup>948</sup> Também assinou poesias com o nome de Joana A. da Piedade Veloso Castelbranco.

<sup>949</sup> Colaborou ena imprensa, com destaque para: *Eva*, *Notícias Ilustrado*, *Lusitânia*, *Ilustração*, *Diário de Notícias*, entre outros.

<sup>950</sup> Escreveu contos infantis.

<sup>951</sup> Cacilda Pinto Coelho de Castro, poetisa, distinguiu-se como autora teatral. Colaborou nos jornais: *Jornal da Mulher*, *Portugal* e *Novidades*.

<sup>952</sup> Nome por que ficou conhecida nas letras a poetisa, romancista, dramaturga e conferencista Maria Fernanda Teles de Castro e Quadros Ferro a quem se deve a criação da Associação dos Parques Infantis, de que foi Presidente. Traduziu livros de vários autores, nomeadamente *Cartas a um Poeta* de Rainer Maria Rilke, *O Diário* de Katherine Mansfield, *Uma Verdade para Cada um*, de Pirandello e *O Novo Inquilino* de Ionesco. Recebeu o prémio Ricardo Malheiro em 1946.

(versos); *Danças de Roda* (versos); *Jardim* (verso); *Cidade em Flor* (verso); *D'Aquém e d'Além alma* (verso); *O Veneno do Sol* (romance); *Aventuras da Mariazinha* (novela infantil); *O Segredo da Casa Amarela*; *Varinha de Condão* (de colaboração com **Teresa Leitão de Barros**); *Náufragos* (teatro); *Escola de Maridos* (teatro); **Josefina Amarante Freitas do Canto Castro** (1907-?)<sup>953</sup>, *Naquele Tempo*; **Raquel Jardim de Castro**, condessa de Nova Goa (? -?), *S. João de Deus*; **Laura da Fonseca Chaves** (1888-1966), *Esboços*; *Trovas Simples*; *Do Amor*; *Vozes Perdidas*; *Fábulas*; *O Anão Tiro-líro*; *História da Raposa Raposeca e do Favo de Mel*; *Maria Migalha*; *Memórias duma Galinha-da-Índia*. **Maria da Graça Varela Cid** (1934-1995), *Ao Nascer do Sol*; **Maria Heloísa Fragoso de Matos Cid**<sup>954</sup> (1908-1968), *Vidas Cercadas*; *Sinfonia Incompleta*; **Clarinha** (1876-1949)<sup>955</sup>, *Cinco Horas*; *A Vida Breve e Ardente de Serpa Pinto*; **Judite Furtado Coelho** (1890-1951)<sup>956</sup>, *Jogos Educativos*; **Branca de Gonta Colaço**<sup>957</sup> (1880-1945), *Últimas Canções*; *Abençoada a Hora em que Nasci*; *Hora da Sesta*; *Auto dos Faroleiros*; *Memórias da Marquesa de Rio Maior*; *Memórias da Linha de Cascais*; *Cartas de Camilo Castelo Branco a Tomaz Ribeiro*; **Helena de Sousa Costa Belo Correia** (? -?)<sup>958</sup>, *Vejam-se neste Espelho*; *O Gato Relógio*; *Bichos Aventureiros*; *Caladinhos! Ora Escutem!* *Aventuras de João Espertalhão*; *Os dois Compadres Marotos*; *Bichos, Bichinhos e Bicharocos*; **Celeste Costa** (? -?), *Lume Novo*

<sup>953</sup> Poetisa, prosadora e musicista, escreveu também peças teatrais algumas das quais musicou. São notáveis as suas fábulas em verso. Outras obras: *Mola Real*; *Até à Morte*; *Mentira*; *Culpada*; *Destinos*; *O meu Avô*. Tem colaboração dispersa em vários periódicos: *União*, *A Ilha* e *Diário Insular*, dos Açores, *Revista da Califórnia* e *Jornal Português* dos Estados Unidos da América. Usou o pseudónimo de Lira.

<sup>954</sup> Começou a escrever aos 12 anos e colaborou em jornais e revistas Traduziu *A Religião dos Gigantes e a Civilização dos Insectos*, de Denis Saurat (1890-1958), em 1972, na editora Estúdios Cor. Publicou *O Pequeno Sol* em 1967.

<sup>955</sup> Nome literário de Carlota Santos Moreira Serpa Pinto traduziu *Os dois Rumos*, de Pio Baroja (1872-1956), em 1944, na editora Sociedade Nacional de Tipografia. O seu livro *Cinco Horas* foi prefaciado por Afonso Lopes Vieira. Publicou também *Cartas à Prima: Crónicas de Lisboa*.

<sup>956</sup> Publicou ainda *Estudo Baseado nas Medições Antropométricas dos Alunos do Liceu Nacional de Salvador Correia em Luanda*; *A Ginástica do Bebê*.

<sup>957</sup> Branca de Gonta Colaço prefaciou os seguintes livros: *A Tragédia do Calvário*, de Ívaro Alfredo da Silva Zuzarte de Mendonça, em 1919; *Alguns Homens de Letras*, de Marciano Nicanor da Silva, em 1919; *Educativas: Poesias Didácticas, Infantis e Patrióticas*, de Manuel Subtil, em 1923; *Musa Errante*, de José Barreto Miranda, em 1924; *Alvorecendo*, de Eurico da Cruz, em 1935; *Palestra Rimada*, de Miguel de Trigueiros, em 1935; *Apelo à Mulher*, de José Maria Rosa, em 1942. Filha do poeta Tomás Ribeiro, desde menina mostrou decidida vocação poética. Dotada de fino espírito e nobre coração, foi grande amiga de todos os escritores. Uma das suas obras, *Auto dos Faroleiros* foi representada no Teatro Nacional. Publicou também *Canções do Meio-dia*; *Matinas*; *À Margem das Crónicas*; *Poemas de Ontem*; *O Amor da Pátria na Obra de Tomás Ribeiro*; *Cantigas de amor*; *Flirt*; *Últimas Canções*.

<sup>958</sup> Usou os pseudónimos de Leonor de Campos e Maria Saavedra e dedicou-se especialmente à literatura infantil. Colaborou em vários jornais e revistas.

(1936); **Emília de Sousa Costa** (1877-1959)<sup>959</sup>, *Aventuras da Carochinha Japonesa*; *Lendas de Portugal*; *Aventuras de Polichinelo*; *Primeiras Lições*; *Memórias da Lili*; *Moral Prática Elementar*; *A Mulher no Lar*; *Estes Sim...Venceram*; *Polichinelo em Lisboa*; *Castelos no Ar*; *Trinta Mil por uma Linha*; *Polichinelo no Minho*; *Polichinelo em Trás-os-Montes*; *Mosquitos por Corda*; *Memórias de El-rei Papão*; *Ideias Antigas da Mulher Moderna*; *Males de Amor*; *O Último Enforcado*; *No Tempo em que Tudo Falava*; *O Rouxinol e o Grilo*; *Cartas a uma Brasileira*; *Na Sociedade e na Família*; *Como Eu Vi o Brasil*<sup>960</sup>; *A Mulher*<sup>961</sup>; *O Peru Aviador*; *A Caixinha dos Segredos*; *História da Feialinda*; *Contos dos meus Netinhos*; *Joanito Africanista*; *Quem Tiver Filhas no Mundo...*; *Tagatés, «Ás» do Futebol*; *Triste Vida a da Raposa*; *No Reino do Sol*; *Mestre Burro em Calças Pardas*; *Rique-trique Derrabado*; *Histórias Espantosas*; *A Paixão da Ti Joaninha*; *O Poeta do Amor*<sup>962</sup>; *Guerra Junqueiro e a Mulher*<sup>963</sup>; *Maria Amália Vaz de Carvalho*<sup>964</sup>; *António Correia d'Oliveira – Príncipe de Poetas – Almas de Portugal*<sup>965</sup>; **Francisca do Carmo Costa** (1895-?)<sup>966</sup>, *História de uma Gota de Água*<sup>967</sup>; **Natércia Couto** (1924-?)<sup>968</sup>, *Prelúdios*; **Beatriz Delgado** (1900-?), *Ritual do Amor*; *Amorosa*; *Meus Vícios*; **Maria da Luz de Deus** (1918-?)<sup>969</sup>, *Os Quatros Vestidos da Terra*; **Maria Portugal Dias** (1893-?)<sup>970</sup>, *A Casa Alheia*; *Terra Silenciosa*; *1º Vida Alegre*, *2º Bailarina*, *3º Sombra*, *4º Pela Boca Morre o Peixe*; **Maria Rosália de Sousa Dias** (? -?)<sup>971</sup>, «*Ceratophorum setosum*» Kirchi (*Contribuição para o seu*

<sup>959</sup> Emília da Piedade Teixeira Lopes de Sousa Costa. Escritora, educadora e conferencista dedicou-se à literatura infantil. Colaborado em numerosas revistas e jornais nacionais e estrangeiros. É condecorada com a Ordem de Sant'Iago.

<sup>960</sup> Impressões de viagem.

<sup>961</sup> Conferências.

<sup>962</sup> Conferência.

<sup>963</sup> Conferência.

<sup>964</sup> Conferência.

<sup>965</sup> Conferência.

<sup>966</sup> Tem colaboração diversa nos jornais: *O Século*, suplemento «Pim-Pam-Pum» e nas revistas *Modas & Bordados*, *Renascença*, *Avezinha* de Paderne, entre outras. Usou os pseudónimos Gardénia e Isabel Fernandes.

<sup>967</sup> Escrito de colaboração com Eduardo Frias, em 1924. Eduardo Frias escreveu também: *A Boca da Esfinge*, de colaboração com Ferreira de Castro, em 1924. Eduardo Frias (1895-1975) escreveu também: *Aliança Inglesa* (1943); *O Nacionalismo Místico de Fernando Pessoa* (1971); *O Simbolismo da Oliveira Exaltada por dois Poetas Provençais* (1971); *O Triunfo da Arte*; *1000 Pensamentos de Adolf Hitler* (1941).

<sup>968</sup> Escritora, poetisa, musicista, declamadora.

<sup>969</sup> Neta do poeta João de Deus. Dedicou-se especialmente à literatura infantil e problemas de pedagogia.

<sup>970</sup> Dedicou-se ao jornalismo e à escrita de contos e novelas. Usou o pseudónimo de Margarida Maria.

<sup>971</sup> Concluiu o Curso Superior de Agronomia e trabalhou no Laboratório da Estação Agronómica Nacional.

*estudo*); **Florbela Espanca** (1894-1930)<sup>972</sup>, *As Máscaras do Destino*; *Sonetos Completos*; *Charneca em Flor*; *Livro de Soror Saudade*; *Juvenília*; *Cartas de Florbela Espanca*; **Áurea Pais Falcão** (1897-?)<sup>973</sup>, *Pela Mulher*; **Maria Feio** (1870 -1939)<sup>974</sup>, *Argumentos*; *Às Mulheres Portuguesas e aos Pacifistas do Mundo*; *Corações Infantis*; *Calvário de Mulher*; **Adelaide da Piedade Carvalho Félix** (1896-1971)<sup>975</sup>, *Cada qual com seu Milagre*; *Personae*; *Miragens Torvas*; *Horas de Instinto*; *Shakespeare e o Othelo*<sup>976</sup>; *O Grito da Terra*; *Nunca o Direi*; *Roteiro de Viagens Feitas no Mar Tormentoso das Letras por Gentes de Leiria e seu Termo*<sup>977</sup>; **Maria L. Infante Silva Fernandes** (? -?), *Alma de Eleição*; **Julieta Bárbara Ferrão** (1899-1974)<sup>978</sup>, *Monografia do Museu de Rafael Bordalo Pinheiro – 1924*; *Rafael Bordalo Pinheiro e a Crítica – 1924*; *Rafael Bordalo e a Faiança das Caldas – 1933*; *O Humorismo e a Mulher -1939*; *Lisboa...1870*<sup>979</sup>; *Rafael Bordalo Pinheiro – 1946*; **Cândida Florinda Ferreira** (1893-?), *Sete Pecados Mortais*; *Carrazeda de Anciães*; **Maria de Figueiredo**

<sup>972</sup> Florbela de Alma Conceição Espanca, poetisa portuguesa de vivo temperamento lírico. Os seus livros valorizam-se ainda pela originalidade e pela inspiração. Desses livros, os mais notáveis são *Charneca em Flor* e o *Livro das Mágoas e Saudades*.

<sup>973</sup> Cultivou vários géneros literários: poesia, novela, conto e crónica. Com colaboração dispersa por numerosos jornais e revistas: *A Voz*, *Modas & Bordados*, *Eva*, *Jornal da Mulher*, *Portugal Feminino*, *Diário do Alentejo*, *Notícias de Évora*, *Correio dos Açores*, *Correio da Horta*, *A Humanidade*, *Boletim da Casa do Alentejo*, *A Luta*, *Álbum Alentejano*, *Jornal do Meio-Dia*, *Diário do Alentejo*, *Brados do Alentejo*, *O Bejense*, *A Aurora do Lima*, *Notícias de Évora*, *O Idealista* (Odemira), *O Castelovidense*, *A Rabeca*, *O Sr. Doutor*, *Gazeta do Sul*, *Vida Ribatejana*, *Vida Alentejana* (Lisboa), *A Nossa Terra* (S. Tiago do Cacém), *Correio dos Açores* (Ponta Delgada), *Diário dos Açores* (Ponta Delgada), *A Ilha* (Ponta Delgada), *O Telégrafo* (Horta), *Correio da Horta* entre outros. Sob o pseudónimo literário de Andorinha publicou *A Minha Infância* (memórias em 1928) e *Papoilas* (contos alentejanos em 1934).

<sup>974</sup> A autora escreveu o livro *Doida Não - Antes Vítima* sobre Maria Adelaide Coelho da Cunha que vendeu 2000 exemplares, e foi um escândalo continuado com a publicação de cartas à Sr.<sup>a</sup> Maria Adelaide Coelho da Cunha, na *Opinião*, jornal da tarde. O Sr. Alfredo da Cunha não ficou muito desagradado porque Maria Feio não disse mal dele. As 31 cartas foram publicadas em livro em 1921. Até Egas Moniz a defendeu, antes louca que desonrada. O advogado de defesa, Dr. Bernardo Lucas também publicou um livro *A minha Defesa*. Adelaide Pereira da Cunha tinha 46 anos em 1915, mais precisamente a 13 de Outubro, quando o marido lhe ofereceu uma luxuosa edição duma conferência que para ela escrevera. Abandonou o palacete São Vicente e o marido e o filho. As cartas estão publicadas com o título *Paixões Fatais*. No livro *Argumentos* apresentou argumentos para todos os políticos utilizarem, seja qual for o seu quadrante político.

<sup>975</sup> Licenciada em Filologia Germânica, professora efectiva do Liceu de Filipa de Lencastre. Prosadora que se evidenciou no conto, obtendo dois primeiros prémios nos Jogos Florais da E.N., em 1937-1939 e menção honrosa em 1938. Colaboradora de várias revistas e jornais, fez parte do Sindicato Nacional da Crítica. Da imprensa em que colaborou, destacam-se: *Diário de Notícias*, *Novidades*, *Portugal Ilustrado*, *Acção*, *Renascença*, *Viagem*, *Ilustração de Angola*, *Diário de Luanda*, *Ler*, *Atlântico*, *Festa*, *Stella*, *Vida Ribatejana*, *Jornal de Turismo*, *Boletim da Junta de Província da Estremadura* e *Correio da Noite* do Brasil. Traduziu do alemão, além de outros trabalhos: *O Essencial da Economia*, de Fr. V. Gottl-Ottlienfeld e *Nada de Novo na Rússia*, de Paul Thomas.

<sup>976</sup> Esboço crítico.

<sup>977</sup> Conferência.

<sup>978</sup> Escritora, conferencista e crítica de arte. Foi a primeira conservadora dos Museus Municipais e colaborou em várias revistas e jornais nacionais e estrangeiros.

<sup>979</sup> Conferência.

(1910-1971)<sup>980</sup>, *Aventuras do Traga Balas*; **Lília Fonseca** (1916-1991)<sup>981</sup>, *A Mulher que Amou uma Sombra* (1941); *Panguila*; *A Borboleta Azul*; *As Três Bolas de Sabão*; *A Menina Tartaruga*; *Botas Saltaricas*; *Lagartinha da Couve*; *As Formigas Aventureiras*; *Chico Pipa*; **Maria Amália Tamagnini da Fonseca** (? -?), *Quando a Vida é Primavera*; **Arminda Fortes** (? -?)<sup>982</sup>, *Micaela*; *O Ciúme*; *Uma Alma de Mulher*; *A Tentadora*; **Natércia Freire** (1920-2004)<sup>983</sup>, *Horizonte Fechado* (1942); *Castelos de Sonho* (1938); *Estátua* (1941); *Meu Caminho de Luz* (1939); *A Alma da Velha Casa* (1945); **Maria Brak Lamy Barjona de Freitas** (1883-1952)<sup>984</sup>, *Martírio*; *Manual do Encadernador*; *Manual do Dourador e Decorador de Livros*; **Maria Teresa Furtado Dias** (? -?)<sup>985</sup>, *Zuchtungen «in vitro» von durch methylcholantren erzeugten sarkomen* (1937); *Hepatitis et Proliferação Adenocystique des Voies Biliaires Chez un Lapin Badigeonné au Goudron* (1939); *Tumores da Mama com Formações Quercíticas nos Músculos* (1940); *Tumeurs du Coeur* (1941); *Cultura dos Órgãos «in vitro»* (1941); *Ação Dometilcolantreno sobre os Tecidos em Cultura* (1941); *O Baço nas suas Relações com o Cancro* (1941); *Os Tumores Espontâneos dos Ratos Brancos*; *Étude Cytologique des Tumeurs Provoquées par le Benzopyrène et le Methylcholanthrène*; **Fernanda Garção** (? -?), *Um Beijo Diferente*; *Brincos de Princesa*; **Virgínia Gersão** (1896-1974?)<sup>986</sup>, *A Pastorinha*; *A Gata Borralheira*; *Uma Aurora no Poente*; *Rosas*; *O Serão da Infanta*; *Miosótis*; *Ao Tear*; *Gramática das Criancinhas*; *Branca de Neve*; **Arminda Beatriz Antunes Gonçalves** (1903-?), *Folhas de Outono*; *Visionária*; *Taça Vazia*; **Cecília Gonçalves** (? -?), *Sim, eu conto ...*; **Alice Guerra** (? -?), *Método de Corte*; **Antónia Guerra** (1898-?)<sup>987</sup>, *Coisas Infantis* (1932); *Tomar Lendário* (1934);

<sup>980</sup> Usou o pseudónimo de Maria do Mar.

<sup>981</sup> Pseudónimo de Maria Lígia Valente da Fonseca Severino, jornalista, romancista e poetisa.

<sup>982</sup> Romancista.

<sup>983</sup> Poetisa, prosadora, tradutora e também compositora musical. Publicou também: *Poetas nossos e do Brasil*; *Ana de Castro Osório e Raul Brandão*; *Viagens na minha Infância*.

<sup>984</sup> Escritora, jornalista e conferencista, colaborou na imprensa de Portugal e do estrangeiro. Usou vários pseudónimos entre os quais o de Maria Arade, Pimentel do Varbo e o de Maria Luísa Aguiar sob o qual dirigiu e remodelou o *Jornal da Mulher*. Tomou parte no Congresso Internacional de Magdeburgo, onde apresentou uma tese. Reformou-se com enfermeira militar com a categoria de tenente. Foi também encadernadora artística de valor.

<sup>985</sup> Médica. Chefe dos Serviços de Laboratório de Patologia Experimental do IPO. Publicou também: *L'Atypic Cellulaire dans les Sarcomes Provoqués par le Methylcholanthrène Chez les Muridés*; *Contribuição para o Estudo da Inervação dos Tumores*; *Lesões Testiculares em Murganhos com Adenocarcinoma Espontâneo da Glândula Mamária*; *O Problema do Cancro e a Prática Cirúrgica*; *Sarcome Transplantável au Rein Provoqué par le Methylcholanthrène Chez le Rat*; *O Mecanismo da Cancerização Ganglionar* (1943); *Sobre Cultura de Tecidos*.

<sup>986</sup> Virgínia Faria Gersão. Licenciada em letras, professora do liceu, dedicou-se ao teatro infantil.

<sup>987</sup> Natural de Granja (Mourão), colaborou em jornais, entre eles o *Diabo*, e em revistas.



**Madalena Guerra** (? -?)<sup>988</sup>, *Colposcopia. Diagnóstico do Carcinoma do colo*; **Maria Sofia Guerra** (-), *Dois Anos em África*; **Oliva Guerra** (1898)<sup>989</sup>, *Evocações* (1930); *Serenidade* (1933); *Poeira da Vida* (1936); *Roteiro Lírico de Sintra* (1940); *Os Grandes Mestres do Piano* (1922); *Espirituais* (1922); *Encantamento* (1926); *Breviário do Pianista* (1927); *Ritmos* (1928); *O Tapete Encantado* (1928); **Elina Júlia Pereira Guimarães** (1904-1991)<sup>990</sup>, *O Poder Maternal*; *A Lei em que vivemos*; *Guilherme de Azevedo em Família*; *Dos Crimes Culposos*; **Celeste Harrisson** (1907-?)<sup>991</sup>, *Nas Trevas*; *Temporal*; *Estátuas Tombadas*; *De Mãos Postas*; **Inez Hogan** (1895-1973), *Os dois Veadinhos*; *Os dois Ursinhos*; **Irene Lisboa** (1892-1958), *13 Contarelos*; **Aurora Jardim** (1898-1988)<sup>992</sup>, *Desnorteada*; *Frémido*; *Uma Vida de mulher*; **Celeste Jordão** (? -?), *As minhas Lágrimas*; **Maria Lamas** (1893-1983)<sup>993</sup>, *Humildes*; *Maria Cotovia*; *Aventuras de cinco Irmãozinhos*; *Montanha Maravilhosa*; *Estrela do Norte*; *Os Brincos de Cereja*; *O Vale dos Encantos*; *Para além do Amor*; *A Ilha Verde*; **Berta Leite** (1896-?)<sup>994</sup>, *O Maior Preto*; *Santo António de Lisboa*; *A Volta da Rainha a Portugal*; *A Mulher na História de Portugal*; *Mês de Maria de Nossa Senhora do Rosário de*

<sup>988</sup> Médica. Trabalhou no IPO.

<sup>989</sup> Prosadora, poetisa e pianista. Recebeu o oficialato da Ordem de Sant'Iago da Espada.

<sup>990</sup> Jurista, escritora e feminista portuguesa, nasceu em Lisboa, filha única de Alice Pereira Guimarães e de Vitorino Máximo de Carvalho Guimarães, militar e republicano, que foi primeiro-ministro na 1ª República portuguesa. Elina estudou em casa com mestres e frequentou os Liceus Almeida Garrett e Passos Manuel. Em 1926 acabou a licenciatura em Direito. Nunca exerceu a advocacia. Trabalhou algum tempo no Tribunal de Menores. Casou em 1928 com o advogado Adelino da Palma Carlos. Defensora acérrima da participação das mulheres na vida política, foi uma continuadora dos ideais de Ana de Castro Osório e de todas as que na 1ª República lutaram por uma democracia que tardava a chegar, onde a educação das raparigas era primordial. Elina Guimarães colaborou em imensos jornais e revistas. Desde *O Rebate* até ao *Diário de Lisboa*, passando pela *Alma Feminina*, *Portugal Feminino*, *Seara Nova*, *Diário de Notícias*, *Primeiro de Janeiro*, *Máxima*, *Gazeta da Ordem dos Advogados*. A sua vida foi uma permanente intervenção a favor da liberdade de expressão, na educação das mulheres para os seus inalienáveis direitos como cidadãs. Fez conferências em Portugal e estrangeiro e pode dizer-se que Elina Guimarães é uma das representantes do feminismo do século XX. Os seus conhecimentos dos direitos das mulheres do ponto de vista da jurista foram essenciais para despertar e informar muitas gerações de mulheres sobre os seus direitos. Esteve ligada a muitos movimentos e instituições feministas e de direitos das mulheres, desde o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, onde foi secretária geral até à International Council of Women, International Alliance for Women's Suffrage, Fédération Internationale des Femmes Diplômées em Droit. Foi condecorada em 1985 com a Ordem da Liberdade. Na passagem do seu centenário, foi organizada, pela Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, uma sessão de palestras seguida de exposição retrospectiva da sua vida e obra, que teve lugar no Palácio Foz, com uma assistência assinalável, onde se destacavam muitos juristas.

<sup>991</sup> Jornalista, escritora e poetisa.

<sup>992</sup> Jornalista, romancista, conferencista e poetisa, com vária colaboração em jornais e revistas de Portugal, Brasil e Estados Unidos. Também traduziu livros de vários autores. Publicou também *Farrapos da Vida*; *Romance Branco*; *Perversão*; *Cristal Embaciado*.

<sup>993</sup> Também tem obras assinadas com o pseudónimo de Rosa Silvestre.

<sup>994</sup> Colaborou em jornais e revistas, como *Século Ilustrado*, *Modas & Bordados*, *Novidades* e na *Enciclopédia Colonial*.

*Fátima* (Tradução); **Ilda Correia Leite** (1907-1972)<sup>995</sup>, *O Lenço das Sete Cores; Tema de Cantigas; Corações de Filigrana*; **Maria Irene Leite da Costa** (1911 -1996), *Contribuição para a Avaliação do Nível Mental dos Indígenas de Angola; Contribuição para o Estudo da Inteligência Prática na Criança (Construção de instrumentos)*; **Leo** (? -?)<sup>996</sup>, *Eva Dolorosa*; **Berta Rosa Limpo** (? -1981)<sup>997</sup>, *Livro de Pantagrue*; **Irene Lisboa** (1892-1958)<sup>998</sup>, *13 Contarelos; Apontamentos; Um Dia e outro Dia* (1936); *Outono Havias de Vir* (1937); *Solidão* (1939); *Começa uma Vida* (1940); *Folhas Volantes* (1940); *Lisboa de quem cá vive* (1940); *O Primeiro Ensino; Fröebel e Montessori; A Iniciação do Cálculo*; **Branca Lopes** (? -?), *Contos para Crianças*; **Sara Maria Loureiro** (? -?)<sup>999</sup>, *Azoto Bacter nos Solos da «Quinta da Aldeia» em Sacavém* (1942); *Observação sobre alguns Isolamentos de Rhizobium e sua Associação com Espécies de Leguminosas* (de colaboração com **Maria de Lourdes Oliveira**, em 1941.); **Maria Lúcia** (1909-2000)<sup>1000</sup>, *Negro e Cor-de-rosa; A Mulher Dona de Casa; Joaquina Quer Casar*; **Nita Lupi** (1902-1999)<sup>1001</sup>, *Lago Azul* (1934); *Eloendros* (1940); **Luzia** (1875-1945)<sup>1002</sup>, *Rindo e Chorando* (1922); *Lições de Vida; Última Rosa de Verão; Almas e Terras por onde eu Passei; Cartas do Campo e da Cidade*; **Lygia** (? -?)<sup>1003</sup>, *Rosas Vermelhas*; **Diana de Lys** (? -1930)<sup>1004</sup>, *Memórias duma Mulher da Época; Pedras Falsas*; **Beatriz Machado** (1890-?)<sup>1005</sup>, *Quando no Céu Brilham as Estrelas*; **Dinah Fontes Machado** (? -?)<sup>1006</sup>, *Esperança e Descrença*; **Zita Maga** (1881-?)<sup>1007</sup>, *A Mãe; A Aninhas; A Rosinha; A Capucha Serrana; O Último Modelo*; **Beatriz Teixeira Magalhães** (? -?), *Liga Portuguesa Abolicionista*; **Cândida Aires de**

<sup>995</sup> Ilda de Arriaga Correia Diniz de Riba Douro Leite, poetisa. Usou o pseudónimo de Dinis de Riba-Douro.

<sup>996</sup> Escreveu apenas este livro, editado em 1927.

<sup>997</sup> Cantora e compositora.

<sup>998</sup> Escritora, conhecida pelo pseudónimo de João Falco. Professora, escreveu obras de pedagogia e crítica sob o nome de Manuel Soares.

<sup>999</sup> Tirou o curso Superior de Agronomia. Trabalhou no laboratório da Estação Agronómica Nacional.

<sup>1000</sup> Nome literário de Maria Lúcia Vassalo Namorado e Silva Rosa. Fundadora e directora da revista *Os Nossos Filhos*.

<sup>1001</sup> Nome literário e artístico de Mariana Duarte de Almeida Lupi. Cantora e poetisa, muito cedo, começou a colaborar em revistas e jornais. Publicou também *Paisagem* (1943).

<sup>1002</sup> Pseudónimo de Luísa Grande. Notável temperamento de escritora, usando a ironia em forma de diálogo ou género epistolar, fluente e cheio de ternura. Com o pseudónimo de Luzia, venceu no mundo das letras. Publicou também *Os que se Divertem: Cartas duma Vagabunda*.

<sup>1003</sup> Pseudónimo de Judite Gomes da Silva.

<sup>1004</sup> Pseudónimo usado pela escritora Maria Eugénia Haas da Costa Ramos, cuja obra, dispersa por jornais e revistas, só postumamente foi publicada.

<sup>1005</sup> Poetisa.

<sup>1006</sup> Usou o pseudónimo de Hanid Estela.

<sup>1007</sup> Pseudónimo de Beatriz de Almeida. Desenvolveu grande actividade literária, embora não tenha publicado todos os seus trabalhos.

**Magalhães** (1876-1964)<sup>1008</sup>, *Trevas Luminosas; Asas Feridas*; **Elvira Magro** (? -?) e **Ester Nogueira** (? -?)<sup>1009</sup>, *Primeiro Congresso Nacional de Farmácia* (Artigo em Revista-1927); **Nídia Malheiros** (? -?)<sup>1010</sup>, *Elementos para o Estudo Citológico do Género Lupinus* (1942); **Emília Maria** (? -?), *Pouco*; **Mariac Dimbla** (? -?)<sup>1011</sup>, *Isto é para si minha Senhora; O Segredo daquela Torre*; **Maria José** (? -?), *Desvarios*; **Soror Mariana** (1640-1723)<sup>1012</sup>, *Vida e Morte de Mariana Alcoforado: Lettres Portugaises* (Tentativa de reconstituição do texto em português por Afonso Lopes Vieira); *As Cartas de Amor de Soror Mariana*; *As Cartas de Soror Mariana* (reconstituição por Leonardo Pereira); *Cartas de Amor*; **Branca Edmée Marques** (1899 -1986)<sup>1013</sup>, *Sur la Répartition du Radium dans la Précipitation Fractionnée du Chlorure de Baryum Radifère ; Sur la Cristallisation Fractionnée du Chlorure de Baryum Radifère ; A Água Termal do Estoril* (Artigo em Revista, 1932) ; *Subsídios para o Conhecimento de Novos Compostos de Polónio* (1946); *Nouvelles Recherches sur le Fractionnement des Sels de Baryum Radifère ; Sur une Propriété des Radio Colloïdes* (em colaboração com **Mademoiselle Chamié** em 1939) ; *Sur la Distribution du Radium dans les Cristaux de Bromure de Baryum Radifère ;* **Carmen Marques** ( ? - ?), *A Morte da Vida ;* **Maria Fernanda Marques** (? -?)<sup>1014</sup>, *Cancro do Colo Uterino* (1937); *Lesões Malignas da Mama; Revisões Estatísticas e Resultados Terapêuticos*, (1939 e 1941); *As Classificações dos Carcinomas do Colo Uterino* (1941); *As Perturbações Menstruais e Mastites* (1944); *De l'Utilité de la Cystopie dans les Indications de la Radiotherapie des Cancers Utérins*; **Rosalina Marques** (? -?) e **J. Bacelar** (? -?), *A Defesa contra as Radiações e o que se Faz no Instituto Português de Oncologia* (1943); **Ludovina Frias de Matos** (1895-1981)<sup>1015</sup>, *Para além da Morte; Arte de Dizer Mal; Palavras de Amor; Milagres de Nossa Senhora de Fátima*;

<sup>1008</sup> Poetisa de raras qualidades, sobretudo no género descritivo.

<sup>1009</sup> Licenciadas em Farmácia e Assistentes da Faculdade de Lisboa.

<sup>1010</sup> Licenciada em Ciências Biológicas. Trabalhou no Laboratório da Estação Agronómica Nacional.

<sup>1011</sup> Pseudónimo de Maria do Carmo Dias Monteiro de Barros.

<sup>1012</sup> Nome por que ficou conhecida a Religiosa do Convento da Conceição de Beja, Mariana Alcoforado, a quem são atribuídas as famosas cinco cartas cuja primeira edição foi feita em Paris e em francês em 1669.

<sup>1013</sup> Licenciada em Ciências Físico-Químicas. Assistente da Faculdade de Ciências de Lisboa desde 1924. Bolseira do Instituto para a Alta Cultura em Paris onde trabalhou no Instituto do Rádio sob a direcção de Madame Curie entre 1931 e 1935. Obteve o grau de Doutor de Ciências de Paris em 1935, tendo sido depois professora extraordinária, contratada na Faculdade de Ciências de Lisboa.

<sup>1014</sup> Médica. Trabalhou nos serviços de Cirurgia e Ginecologia. *La Curietherapie Sous-claviculaire dans l'Amputation du Sein; Lesões Ginecológicas e Hormonas* (1943); *A que Atribuir a maior Frequência de Invasão Neoplástica do Paramétrico Esquerdo no Carcinoma do Colo Uterino* (1943); *O Valor da Cistocopia no Cancro do Colo do Útero* (1936).

<sup>1015</sup> Poetisa, romancista e romancista, natural de Lisboa. Escreveu, também, algumas peças de teatro.

*Esparsos; Sombras e Clarões; A Grande Paixão; Maria Almira Medina* (1920-?), *Distância; Alda Xavier da Silva Ferreira Mendes* (1891-?)<sup>1016</sup>, *O Guerreiro Cristão; A Lira do Parnaso; Rosário de Cantigas; Ao Alto; Portugal Maior; Ao Príncipe Azul; Paz e Amor; Maria Mendonça* (1916-?), *Santas de Portugal; Virgínia Lopes de Mendonça* (1881-1969)<sup>1017</sup>, *Aventuras do Mosquito Zigue-Zague; A Nena de Trapos* (em colaboração com **Laura Chaves**); *Maria Migalha* (em colaboração com **Laura Chaves**); *História do Coelhozinho Tic-Tac; O Anão Tiro-Liro* (em colaboração com **Laura Chaves**); *No Charco da Rã; Ar Puro; M. G.* (1864-1944)<sup>1018</sup>, *Histórias da Tia Lily; Carolina Michaëlis de Vasconcelos* (1851-1952)<sup>1019</sup>, *Em Volta da Palavra Gonzo; Notas sobre a Canção Perdida «Este Escalbi Crabi»; Revista Lusitânia* (Direcção de); *Trovas Etimológicas a Respeito de Piegas, Caturra, Cábula, Caloiro; Estatinga Estantinga?; João Lourenço da Cunha, «Flor de Altura»; «Ay donas por quê en Tristura?»* (cantiga); *Lucius Andreas Resendius, Inventor da Palavra «Lusíadas»; O Marramaque; Mestre Giraldo e os seus Trabalhos de Alveitaria e Cetraria* (Estudo literário e contribuição para o futuro Dicionário Etimológico das Línguas Românicas Peninsulares); *Pedro de Andrade Caminha; Recuerde el Alma Dormida; Notas do Cancioneiro Inédito; Romances Velhos em Portugal; Nótulas relativas à «Menina e Moça» na Edição de Colónia; Autos Portugueses de Gil Vicente e da Escola Vicentina; Literatura Antiga Portuguesa; Algumas Palavras a Respeito de Púcaros de Portugal; História de uma Canção Peninsular «Vem Muerte tan Escondida»; Das Origens da Poesia Peninsular; Uriel da Costa. Notas Relativas à sua Vida e às suas Obras; D. Francisco Manuel de Melo. Notas Relativas a Manuscritos da Biblioteca da Universidade de Coimbra; Contribuições para o Futuro Dicionário Etimológico das*

<sup>1016</sup> Usou o pseudónimo de Vitória Régia. Poetisa e prosadora. Colaborou em vários periódicos e revistas e as suas obras mereceram vários elogios. Recebeu o segundo prémio de Prosa Religiosa, nos Jogos Florais Hispano-Lusitanos de 1937, e o segundo prémio de Poesia Histórica nos Jogos Florais da Figueira da Foz, de 1941.

<sup>1017</sup> Filha do dramaturgo Lopes de Mendonça e sobrinha dos gloriosos artistas Rafael e Columbano Bordalo Pinheiro, esta escritora dedicou-se à literatura infantil e ao teatro. Os seus livros estão ilustrados pelo irmão, o notável artista Vasco Lopes de Mendonça.

<sup>1018</sup> Condessa de Proença-a-Velha.

<sup>1019</sup> Nascida na Alemanha, esta eminentíssima e erudita escritora, veio para Portugal em 1876, onde se tornou portuguesa pelo seu casamento. Foi considerada pelos literatos alemães como a mulher mais erudita do seu tempo. Dedicou-se ao estudo de línguas, literaturas românticas e trabalhos de investigação em que se tornou imérita. Eleita sócia da Academia das Ciências, honrou as letras portuguesas, pois é das primeiras escritoras, se não a primeira, no seu género. Dedicou-se também aos problemas da educação infantil e, aos 16 anos, já publicava artigos duma grande erudição. A sua obra é vastíssima para ser enumerada aqui, citando-se estudos sobre literatura portuguesa e castelhana, subsídios para o *Dicionário Etimológico das Línguas Hispânicas*. Publicou também: *Studien zur romanischen Wortschöpfung; Cancioneiro da Ajuda* (Crítica e comentários); *Vida e Obras de Luís de Camões* (Tradução de Guilherme Storck).

*Línguas Hispânicas; Investigações sobre Sonetos e Sonetistas Portugueses e Castelhanos; Notas Vicentinas; As Capelas Imperfeitas e a Lenda das Devisas Gregas; Estudos sobre o Romanceiro Peninsular; Estudos Camonianos; II Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro; Condestável D. Pedro de Portugal; Tragédia de la Insigne Reina Doña Isabel; Sete Anos de Pastor Jacob Servia. Soneto de Camões; Observações sobre alguns Textos Líricos da Antiga Poesia Peninsular; A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as suas Damas; Novos Estudos sobre Sá de Miranda; Randglossen zum Altportugiesischen; Der Portugiesische Infinitiv. Sonderabdruck aus den Romanischen Forschungen; Alice Moderno (1867-1946), A Voz do Dever; Dulce de Montalvo (1914-1937)<sup>1020</sup>, Resignada (novela escrita em parceria com Carlos Sombrio); Vibrações da Vida; Ana Rosa Monteiro (? -?), Onomatopeias da Cova da Beira; Cacilda Monteiro (? -?), Manhã de Neve; Maria Teresa Montenegro (? -?), O Génio da Montanha; História de Ching-Ching; D. Emília Morgado (? -?)<sup>1021</sup>, Cuidemos das Crianças; Virgínia Motta (1909-?), Rosal em Flor; Quando Fala o Coração; Branca das Neves (? -?), Da Felicidade Conjugal; Maria Isabel de Guerreiro Fogaça Xavier Neves (1914-?)<sup>1022</sup>, A Plebeia com Alma de Rainha; Manuela; Toupeiras Humanas; Amendoeiras em Flor; A Lei de Deus; História Maravilhosa do Príncipe Pastor; História Maravilhosa do Pastor Mineiro; Psiu...Jesus Vai Contar; Maria Teresa Amado Neves (? -?), D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho (Aspecto Moral da sua Acção em África (conferência); Maria da Nóbrega (? -1940)<sup>1023</sup>, Fumo dos Casais; Amália Proença Norte (1910-?), Em Portugal e África; Aida Noya (? -?), Os Nove Primos; Ana Adelina Bettencourt da Costa Nunes (1892 -1977), Singelos; Alice Ogando (1900-1981)<sup>1024</sup>, Intimidade; Era uma Vez um Amor; Chama Eterna; Bonecos e Pinguins; Canções da Vida e da Morte; Marias da minha Terra; Este Pecado de Amar (Onze Histórias à Maneira de Teatro); Pena Maior; As Meninas dos meus Olhos; Rumo; A Prima Tança; Mulheres: Dois Caminhos; Há-de Dizer Mamã; Onze Histórias e um Sonho; Feitiços e Feiticeiras; A Mulher de Amanhã; Teatro de Brincar; Uma História Pequenina (a Vida de Bebê) — Obras de Mary Love: A Idade de Amar; Annie a Preceptora, O Segredo de Carla; Minha Mulher é um Homem; Serás Rainha; Quem Mora naquele Moinho; O meu Noivo tem um Tio; Olhos de Porcelana; Uma Mulher*

<sup>1020</sup> Pseudónimo de Maria do Carmo Bandeira Ferreira. Prosadora e poetisa.

<sup>1021</sup> Médica, muito devotada à criança.

<sup>1022</sup> Usou na literatura o nome de Marisabel Fogaça Xavier.

<sup>1023</sup> Escritora, poetisa e dramaturga.

<sup>1024</sup> Actriz, poetisa e escritora que também usa o pseudónimo de Mary Love.

*nasceu!; O Senhor Doutor acusa; A Mulher Comprada; O teu Marido Sou eu; Quando o Passado Voltou; Eu Sou a Mãe; Casei com uma Actriz; Entrou-me um Coração pela Janela; Sou uma Mulher Vulgar; O Mundo somos nós Dois; Achei o meu Coração; Troquei minha Mulher; Venho dos Braços da Vida; Se eu fosse a Luz dos teus Olhos; A Mulher de meu Pai; Sou um seu Criado; Divórcio; Rapsódia; Eternamente; Canto da Primavera; Já era assim há Cem Anos; Saias de Tarlatana; Ela e eu; Eram Quatro Irmãs; Quem roubou, fui eu!; Eva e o Palhaço; Uma Luz rasgou as Trevas; Rajada; Foi a Mocidade que voltou; Quando o Sol raiar...; Prisão Perpétua; **Alice de Oliveira** (?-?)<sup>1025</sup>, *História Maravilhosa da Rainha Astrid; A Vida Amorosa de Soror Mariana; O Último Amor de Luís XIV; Terra do Sul, Terra de Amor; Irene Alice de Oliveira* (?-?), *Campanhas de Moçambique: Mousinho de Albuquerque; Maria de Lourdes Oliveira* (?-?)<sup>1026</sup>, *Dois Vírus no Pimenteiro* (1940); *Um Vírus das Liláceas em Portugal* (1941); *Sobre a Forma de Preparar os Manuscritos de Publicações Científicas* (1941); *Observações sobre Alguns Isolamentos do «Rhizobium» e sua Associação com Espécies de Leguminosas* (1941); *As Vitaminas na Alimentação* (1942); *Doenças Bacterianas das Plantas em Portugal* (1943); *Estudo dos Vírus das Crucíferas* (de colaboração com **Maria de Lourdes Vieira Borges**); *O Método de Schopfer para a Determinação da Vitamina B1* (1944); *O «Mosaico» da Faveira e a sua Relação com as outras Leguminosas* (1946); *Um Parasita da «Orobanche Cranata» Forsk* (de colaboração com **Maria de Lurdes Vieira Borges**); **Maria Manuela Teixeira de Oliveira** (1885-1961), *A New Pratical English Course for Students, Say it as the English; Maria da Conceição Infante de Lacerda Pereira d' Eça Custance O' Neill* (1874-1932)<sup>1027</sup>, *Nimbos, O Colar de Vera, Vila Real, Escravidão Branca, Cartas da Guerra, S. João nas Ruas, Um Drama de Ciúme; Isabel d' Orey* (? -?), *Moral Profissional da Enfermeira; Carolina Garcia e Ornelas* (? -?), *Ajuste de Contas; Ana de Castro Osório* (1872-1935)<sup>1028</sup>, *Uma Lição de História, Quatro Novelas, A Mulher (na Agricultura, nas Indústrias Regionais e na Administração**

<sup>1025</sup> Nasceu na Bélgica, tornando-se portuguesa pelo casamento. Desde muito nova, revelou aptidão para as letras. O seu primeiro livro em língua portuguesa, *História Maravilhosa da Rainha Astrid*, foi premiado pelo Sindicato Nacional de Crítica.

<sup>1026</sup> Licenciada em Ciências Médicas. Trabalhou no laboratório da Estação Agronómica Nacional.

<sup>1027</sup> Poetisa e escritora que, na colaboração de vários jornais e revistas, tratava geralmente de questões humanitárias.

<sup>1028</sup> Dedicou-se especialmente a escrever livros didácticos e contos para crianças. Obras que não estavam na exposição; *Os Animais, A Mulher no Casamento e no Divórcio, Os Operários das Fábricas de Setúbal, A Influência da Mãe na Raça Portuguesa, DE como Portugal Foi Chamado à Guerra, Crianças e Mulheres, Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda, As Boas Crianças.*

*Municipal), O Direito da Mãe, Dias de Festa, Ambições, Alma Infantil, As Mulheres Portuguesas, A Boa Mãe, Surpresas do Natal; Maria de Castro Henriques Ossvald (1896-1988)<sup>1029</sup>, Enquanto a Avó Conta, A Ronda dos Meses, Milagre do Natal, O Fio de Ouro, Portugal Eterno, Margarida, Clara Berg, Mil e um Dias, Fridericus (tradução), Milagres da nossa Terra, Vida e Morte do Beato João de Brito, História de uma Vida, Raquel Roque Gameiro Ottolini (1889-1970), O Livro do Bebê; Maria Adelaide da Silva Paiva (? -?), D. Antónia Adelaide Ferreira; Albertina Paraíso (1864-1954), Musgos e Rosas, Derradeiros Versos; Maria Cândida Parreira (1877-1942)<sup>1030</sup>, Cantigas leva-as o Vento; Anita Patrício (? -?)<sup>1031</sup>, A Lei da Vida; Maria Madalena Martel Patrício (1884-?)<sup>1032</sup>, O Espírito Medieval; Impressões de Arte e Tristeza; Evoluções de Rendas; Sombras na Estrada; Os Sete Demónios; Quando eu Era Pequena; 14; Le Livre du Passé Mort; Princesses du Portugal; Les Sept Démons; Essais de Critique; Le Romantisme, L' Esprit des Siècles; Le Rosaire de la Vie; Maria do Carmo Peixoto (1877-?), Folhas ao Vento, Bagos de Romã, Histórias que o Vento Levou, Histórias Pequenas, Pucarinhos de Barro, Bailam as Horas; Alice de Lemos Pereira (? -?)<sup>1033</sup>, Sobre o Citoplasma e a Membrana da Célula Vegetal; Dr.<sup>a</sup> Judite dos Santos Pereira (? -?)<sup>1034</sup>, Contribuição para o Estudo Petrográfico de Moçambique; Notas sobre a Geologia da Guiné Portuguesa; Sobre algumas Rochas da Guiné Portuguesa; Contribuição para o Estudo das Rochas do Afloramento Eruptivo de Monchique; Subsídios Geológicos e Petrográficos para o Conhecimento da Ilha de S. Tomé; Estudo Petrográfico das Rochas Porfíricas de S. Pedro da Cova; Formações Portuguesas com Halosite, Caulinite ou Mont-Morillonite<sup>1035</sup>; Lúcia Correia Serras Pereira (1903-1964)<sup>1036</sup>, Bicharada Endiabrada; A Burrinha Toleirona; Pinto Pintalegrete; Como Nasce um Romance; A Bravata de D. Barata; Pilar Peres (? -?)<sup>1037</sup>, Gazeta de Matemática, 24<sup>1038</sup>; Ana Augusta Plácido (1831-1895)<sup>1039</sup>, Luz Coada por*

<sup>1029</sup> Escritora, conferencista e tradutora.

<sup>1030</sup> Poetisa e advogada.

<sup>1031</sup> Escritora e dramaturga.

<sup>1032</sup> Publicou em português e francês. Pertenceu ao Instituto de Coimbra.

<sup>1033</sup> Licenciada em Ciências Biológicas, foi bolsista do Instituto para a Alta Cultura. Trabalhou no Instituto de Botânica Dr. Gonçalo Sampaio, no Porto.

<sup>1034</sup> Licenciada em Ciências Geológicas, foi Assistente de Mineralogia da Faculdade de Ciências do Porto. Obteve o grau de Doutor em 1944.

<sup>1035</sup> Tese de Doutoramento.

<sup>1036</sup> Poetisa, prosadora e humorista, publicou os seus primeiros versos em jornais e revistas. Em 1941 publicou o primeiro livro para crianças.

<sup>1037</sup> Licenciada em Ciências Matemáticas, exerceu o professorado.

<sup>1038</sup> Pilar Peres publicou um artigo nesta revista.

**Ferros; Manuela Porto** (1908-1950)<sup>1040</sup>, *Um Filho mais e outras Histórias*; **Maria de Portugal** (? -?)<sup>1041</sup>, *Terra da nossa Terra, As Letras Portuguesas nas Faianças*, **Seomara da Costa Primo** (1895-1986)<sup>1042</sup>, *Do Êxito das Ciências Biológicas no Ensino Secundário; O XI Congresso Internacional do Ensino Secundário. Labor; Algumas Considerações sobre a Tese: «Localização do Ensino Secundário num Plano Geral de Ensino»*; *Cruz Vermelha Infantil; Compêndio de Botânica*, IV, V e VI anos do Liceu; *Compêndio de Biologia*, III Ciclo do Liceu; *Action du Progynon sur la Croissance des Végétaux*<sup>1043</sup>; *Algumas Observações sobre a Folha de Cistus em Habitats Diferentes; Quelques Observations sur la Végétation de Sagres et du Cap S. Vicente; Sur le Comportement de la Germination et des Incurvations Geotropiques en Présence de l' Alcool Ethylique; Da Influência dos Vapores do Timol e da Cânfora na Célula Vegetal*<sup>1044</sup>; *Da Acção do Nafatleno na Mitose da Célula Vegetal*<sup>1045</sup>; *Do Comportamento da Cariocinese na Presença de alguns Álcoois*<sup>1046</sup>; *Contribuição para o Estudo da Acção da Calquicina na Célula Vegetal*<sup>1047</sup>; *Contribuição para o Estudo do Citoplasma*; **Maria Isabel da Câmara Quental** (1887-1970), *Os Sonetos e outros Poemas*; **Dr.ª Maria Carolina Ramos** (1895-?), *Para a Mulher*; **Branca dos Reis** (? -?), *Mulheres e Corações*; **Maria Reis** (? -?), *Livro Mágico Infantil*; **Maria da Ascensão Pereira Ribeiro** (? -?), *Princípios de Leitura; Colecção de 12 Pautas Caligráficas*; **Adriana Rodrigues** (? -?)<sup>1048</sup>, *Horas Alegres; Estrela do Oriente*; **Maria da Graça Taveira Cid de Bettencourt** (1921-?)<sup>1049</sup>, *Vou-lhes Contar; Os Melhores Livros de Pearl Buck*<sup>1050</sup>, **Maria de Jesus dos Santos Rodrigues** (1885-?)<sup>1051</sup>, *Adolescência; Serões do Colégio Andaluz; Vocações e Carreiras Femininas*; **Branca Fernandes**

<sup>1039</sup> Escritora, tradutora e poetisa. Escreveu *Luz Coada por Ferros*, quando estava na prisão. Utilizou o pseudónimo de Lopo de Sousa. Outras obras: *Herança de Lágrimas, Cartas Inéditas*. Traduções: *Como as Mulheres se perdem* e *A Vergonha que mata* de Amédée Achard (1814-1875), *Aprender na Desgraça Alheia* de Benjamim Constant (? -?), *Feitiços de Mulher Feia* de Victor Cherbuliez (1829-1899). Adaptação teatral de *Les Damnés de l' Inde* de Méry.

<sup>1040</sup> Escritora e declamadora.

<sup>1041</sup> Directora da Fábrica de Cerâmica Batistinni.

<sup>1042</sup> Formada em Ciências Físico-Naturais pela Universidade de Lisboa e aprovada em exame de Estado do Curso de Habilitação ao Magistério Liceal. Foi professora efectiva do liceu Maria Amália Vaz de Carvalho. Doutorou-se em Ciências Biológicas em 29 de Outubro de 1942 e foi aprovada em concurso de provas públicas para Professora Catedrática de Botânica na Faculdade de Ciências de Lisboa.

<sup>1043</sup> Artigo no *Boletim da Sociedade Portuguesa das Ciências Naturais*, n.º 12, 1935.

<sup>1044</sup> Comunicação proferida no I Congresso de Ciências Naturais em Lisboa, 1941.

<sup>1045</sup> Comunicação proferida no I Congresso de Ciências Naturais em Lisboa, 1941.

<sup>1046</sup> Comunicação proferida no I Congresso de Ciências Naturais em Lisboa, 1941.

<sup>1047</sup> Tese de Doutoramento.

<sup>1048</sup> Educadora familiar. Colaborou em revistas católicas e outras.

<sup>1049</sup> Dedicou-se à literatura infantil. Tradutora, com colaboração também em revistas.

<sup>1050</sup> Com selecção, tradução e notas sobre a autora.

<sup>1051</sup> Professora.



**Rumina** (1897-1988)<sup>1052</sup>, *Contribuição para o Estudo do Megalon-In; Serviço Social no Hospital*<sup>1053</sup>; *A Colaboração da Mulher na Obra das Misericórdias*<sup>1054</sup>; *A Mulher e as Misericórdias; Higiene Ocular na Infância e na Adolescência; Cantinas Escolares; Um Aspecto da Assistência ao Lactante*<sup>1055</sup>; *A Cantina Escolar; Factor de revigoração da Raça; Conselhos às Mães*<sup>1056</sup>; *Missões de Propaganda de Assistência; As Crianças e a Nação; Factores Nocivos ao Desenvolvimento da Criança; O Leite é o Único Alimento Apropriado a Crianças de Poucos Meses; O Guia das Mães; As Farinhas na Alimentação*; **Odete Passos de Saint-Maurice** (1918-1993), *O Canto da Mocidade*; **Lídia Salgueiro** (1917-?)<sup>1057</sup>, *Tese de Doutoramento*<sup>1058</sup>; **Maria Sofia de Santo Tirso** (? -?), *A Boneca Cor-de-rosa*; **Aniceta Clotilde dos Santos** (? -?)<sup>1059</sup>, *Algumas Vantagens de Cromossomas dos Géneros Genital L. Cytisos L.; Novas Contribuições para a Cariologia do Género Trigonella L.* (de colaboração com Azevedo Coutinho); **Elvira Pais dos Santos** (1880-?)<sup>1060</sup>, *Uma Pintora Portuguesa, Por Portugal*<sup>1061</sup>; **Georgina Cardoso dos Santos** (? -?), *Dois Corações que a Vida Separou*; **Isaura Correia dos Santos** (1914-1989)<sup>1062</sup>, *O Sarapico; História da minha Vida; O Senhor Sabe Tudo Contou; Os dois Irmãos; Contos para Crianças; A Helena e a Joanhinha*; **Maria Alice Andrade Santos** (? -?), *Bonecos e Flores; Nas Grutas Maravilhosas*; **Maria Teresa Andrade Santos** (? -?), *Romagem*; **Mariana Santos** (? -?), *Subsídios para a História da Filosofia do Algarve, A Estética de Francisco da Holanda*; **Natalina Ferreira Santos** (? -?), *Elementos para o Estudo das Micorrizas Ectendotróficas do «Pinus Pinaster Sol»*; **Olga de Moraes Sarmento** (1885-1948)<sup>1063</sup>, *Sa Majesté la Reine Amélie de Portugal; Marquesa de Alorna; Teófilo Braga; Arte, Literatura e Viagens*; **Haydée Sepúlveda** (? -?)<sup>1064</sup>, *Palavras ao Vento; Bendita Seja a*

<sup>1052</sup> Formada em medicina, especializada em Oftalmologia, dedicou-se especialmente à puericultura, tema de grande parte da sua obra. Também traduziu várias obras e colaborou em diferentes revistas.

<sup>1053</sup> Conferência.

<sup>1054</sup> Conferência, 1929.

<sup>1055</sup> Conferência, 1930.

<sup>1056</sup> Conferência, 1933.

<sup>1057</sup> Licenciada em Ciências Físico-Químicas, em 1941. Foi assistente de Física da Faculdade de Ciências de Lisboa. Obteve o grau de Doutor em 1945. Foi bolseira do Instituto para a Alta Cultura.

<sup>1058</sup> O Catálogo não apresenta o título da tese. Através de consulta na Biblioteca Nacional de Portugal, obtivemos o título: *Espectro Gama dos Derivados da Vida larga do Radão*.

<sup>1059</sup> Licenciada em Ciências Biológicas. Trabalhou na Estação Agronómica Nacional.

<sup>1060</sup> Jornalista e conferencista.

<sup>1061</sup> Conferência.

<sup>1062</sup> Colaborou em vários jornais e revistas e dedicou-se à literatura infantil.

<sup>1063</sup> Escritora e conferencista foi, ainda, Presidente do CNMP.

<sup>1064</sup> Dedicou-se ao jornalismo.

**Vida; Sara Serzadelo** (? -?)<sup>1065</sup>, *Canto do Cisne*; **Maria Margarida da Silva** (? -?)<sup>1066</sup>, *1940-Comemorações Centenárias; Sessão de Homenagem à Mulher Portuguesa*; **Fernanda de Matos e Silva** (? -?), *O Secretário Particular; Não Há Amor como o Primeiro*; **Marieta da Silveira** (1917 -?)<sup>1067</sup>, *Tese de Doutoramento*<sup>1068</sup>; **Lucinda Simões** (1850-1928), *Memórias*; **Estela Brandão Simone** (? -?), *Regras de Bem Viver na Sociedade; Carinhos; Para vós minhas Senhoras*; **Maria da Luz Sobral** (? -?)<sup>1069</sup>, *Contos e Lendas da nossa Terra; Florinhas de S. Francisco; As Abelhas de Oiro; Amor da Terra*; **Judite Teixeira** (1873-1959), *Castelo de Sombras; Decadência*; **Guiomar Delfina de Noronha Torresão** (1844-1898)<sup>1070</sup>, *Educação Moderna; No Teatro e na Sala; Batalha da Vida; Flávia; A Comédia do Amor; Paris, Meteoros; Família Albergaria; Rosas Pálidas; Uma Alma de Mulher, Dionísia*<sup>1071</sup>; *Mártir*<sup>1072</sup>; *Os dois Garotos*<sup>1073</sup>; **Maria Valadares** (1904-1984)<sup>1074</sup>, *Declenchement d' une Haute Mutabilité Chez une Ligne Puré de «Drosophila Melanogaster»*; *Sur l'Existence de Régions Favorables à la Rupture Chromosomique* (de colaboração com António Câmara); *Réarrangements Somatiques Spontanés dans les Chromosomes des Glandes Salivaires de «Drosophila Melanogaster»*; *Richerche sulla Poliedra di un Baco da Seta: «Attacu Ricini»*; *On the Structure of the Salivary Chromosomes; Olistherochromatin in «Drosophila»* (de colaboração com Irene Regalheiro); *Difference in Phase in the Enchromatic Ciche of the Same kariokinetic Phase* (de colaboração com Irene Regalheiro); **Maria Luísa Van Zeller** (1906 -1983)<sup>1075</sup>, *Estudo sobre Cancros do Colo Isolado*; **Maria Velea** (1871-1955), *A Conquista*; **Alzira Vieira** (1879-1970), *Rosas e Espinhos; Contos e Prantos*, **Deolinda Lopes Vieira** (? -?), *Monografia do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*; **Márcia Gomes**

<sup>1065</sup> Poetisa. Usou o pseudónimo de Zelda.

<sup>1066</sup> Directora do Liceu D. Filipa de Lencastre.

<sup>1067</sup> Licenciada em Ciências Físico-Químicas em 1941. Foi Assistente da Faculdade de Ciências de Lisboa. Obteve o grau de Doutor em 1945. Foi bolsista do Instituto para a Alta Cultura.

<sup>1068</sup> Tese não identificada o Catálogo. Na Biblioteca Nacional de Portugal, consta o título: *Contribuição para o Estudo das Radiações do Urânio X Complexo*.

<sup>1069</sup> Dedicou-se à literatura infantil.

<sup>1070</sup> Usou os pseudónimos de Delfim de Noronha, Gabriel Cláudio, Rosebell, Scentelha, Sith e Tom Pouce. Colaborou em vários jornais e revistas e dirigiu a publicação do *Almanaque das Senhoras*.

<sup>1071</sup> Obra traduzida pela autora.

<sup>1072</sup> Obra traduzida pela autora.

<sup>1073</sup> Tradução de obra de Pierre Décourcelle (1856-1926).

<sup>1074</sup> Licenciada em Ciências Biológicas. Bolsista do Instituto para a Alta Cultura, em Roma e nos Estados Unidos. Foi Assistente de Zoologia na Faculdade de Ciências de Lisboa. À época da exposição tinha também os seguintes estudos: *Bytological Evidence of Spontaneous Somatic Chromosomes-rearrangements in «Drosophila Melanogaster»* e *A Instabilidade do Padrão Cromossómico num Mutante de «Drosophila Melanogaster»*.

<sup>1075</sup> Licenciada em Ciências Médicas. Subdirectora do Instituto Maternal.

**Vieira** (? -?)<sup>1076</sup>, *O Cancro no Seio e Transiluminação; O Que É e o Que Vale a Transiluminação no Diagnóstico das Mastopatias; Maladie de Lipschutz; Angelina Vidal* (1853-1917)<sup>1077</sup>, *Aleluia da Alma* (premiado em Espanha, em 1885), *Liquidando Espirais de Dor; Lisboa Antiga e Lisboa Moderna; Semana da Paixão; Virgínia Nuno Vilar* (? -?), *Chamas e Cinzas; Chão de Areia; Urzes; Luísa de Vilhena* (1907 -1927), *Poesias; Virgínia Vitorino* (1895-1968)<sup>1078</sup>, *Namorados; Apaixonadamente; Renúncia; Degredados; A Volta; Fascinação; Manuela; Camaradas* (Prémio Gil Vicente, 1938).

Contabilizou-se a participação de escritoras de trinta países, vinte e nove dos quais, estrangeiros. A Alemanha mostrou-se com vinte e quatro escritoras, com destaque para Lou Andreas-Salomé (1861- 1937)<sup>1079</sup>, com a obra *Nietzsche*, Vicki Baum (1888-1960), com várias obras, entre as quais, *Sangue e Volúpia em Bali; A Carreira de Doris Hart; Ele, Ela e o Marido e Sentença de Morte*. A presença da Prémio Nobel da Paz, em 1905, baronesa Bertha von Suttner (1843-1914)<sup>1080</sup>, com *Abaixo as Armas*. A Argentina esteve representada com trinta e nove escritoras, com realce para Margarida Cocio, argentina de origem, que se tornou portuguesa pelo casamento com o conde de Casal e tinha na exposição duas obras: *Poema Épico Dedicado à Nação Portuguesa e Branca*. A Bélgica mostrou-se com dezanove escritoras, das quais destacamos France Adine (1890-1977)<sup>1081</sup>, Prémio da Academia Feminina de Letras de Paris, com a obra *Ponchiko*.

O Brasil, país irmão, com sessenta e sete escritoras, com relevo para três com estudos na área da medicina: Beatriz do Amaral (? -?), *Das Nevrites Ópticas*; Hermínia de Sousa Assis (? -?), *Sobre uma Variedade de Esplenite Sifilitica Caracterizada pela Lesão do Symmers-Gamna* e Guilherma de Castro (? -?), *A Oportunidade da Intervenção Cirúrgica na Prenhez Ectópica*. Na área da literatura, Clarice Lispector (1920-1977), com *O Lustre*; Cecília Meireles (1901-?), premiada pela Academia

<sup>1076</sup> Médica. Trabalhou no Instituto Português de Oncologia.

<sup>1077</sup> Professora, poetisa e jornalista. Notabilizou-se com o poemeto *Ícaro* e o poema *Nas Florestas da Vida* e nas poesias de carácter revolucionário: *Morte de Satan, Semana da Paixão, Jesus no Templo*, etc. O seu poema *A Morte do Espírito* foi premiado num concurso internacional.

<sup>1078</sup> Poetisa, dramaturga e professora. Agraciada com a Ordem de Sant'Iago de Espada.

<sup>1079</sup> Lou Andreas-Salomé, também conhecida como Louise von Salomé, foi uma intelectual alemã, nascida na Rússia. Lou Andreas-Salomé foi uma bela mulher que escandalizou a sociedade e quebrou regras morais. Conheceu Henri Bergson, Sartre, Paul Rée, Nietzsche, Jung, Freud entre outros grandes homens. Era uma mulher sensível considerada como sedutora. A produção literária de Lou esteve sempre muito ligada aos seus envolvimento amorosos e da sua relação com Rilke, aos 36 anos, resultaram obras fundamentais da escritora como *A Humanidade da Mulher* e *Reflexões sobre o Problema do Amor*.

<sup>1080</sup> Apesar de figurar no *Catálogo* como escritora alemã, nasceu em Praga.

<sup>1081</sup> Pseudónimo de Cécile Coucke van Dromme.

Brasileira de Letras, com três obras: *Viagem* (1939), *Vaga Música* (1942) e *Mar Absoluto* (1945). Lígia Fagundes (1923)<sup>1082</sup> com *Portão e Sobrado* e *Praia Viva*; Iveta Ribeiro com *Meus Versos*; *Coisas da Vida* e *Portugal visto por mim*; Maria Amélia Teixeira (1910-1937)<sup>1083</sup>, com *Despertando*; *Os meus Sonetos* e *Inquietação*.

Dos cerca de trinta países participantes, havia seis com apenas uma escritora, a saber, Chile, China, Cuba, Finlândia, Hungria, Índia e Turquia. O Chile estava representado apenas por Gabriela Mistral (1889-1957)<sup>1084</sup>. A representante da China, Mayling Soong Chiang-Kay-Shek<sup>1085</sup> (1897-2003), apresentava duas obras, em francês, *Sian: a Coup d'État* e outra em inglês, *Messages in War and Peace*. De Cuba, a escritora Marion de Menendez (? -?) com a *Memoria del Primer Congreso Nacional de Mujeres*. Sally Salminen (1906-1968), única representante da Finlândia, já conhecida em Portugal pelas obras, ambas expostas: *A Vida Inteira* (1939), e *Mariana* (1942). A Hungria apresentava de Yolanda Foldes (1902-1963)<sup>1086</sup>, *The Street of the Fishing Cat*, em que a autora relata as condições de vida, por vezes duras, dos emigrantes húngaros em Paris.

Annie Wood Besant<sup>1087</sup> (1847-1933) era a única autora da Índia, com a obra *Sabedoria Antiga*. A Turquia também apresentava apenas uma escritora, Halidé Edib<sup>1088</sup> (1884-?), com catorze obras escritas em turco.

<sup>1082</sup> Prémio Camões em 2005.

<sup>1083</sup> Poetisa e prosadora. Fundou em 1931, com sua mãe, a revista *O Portugal Feminino*.

<sup>1084</sup> Pseudónimo de Lucila de Maria del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga, Prémio Nobel da Literatura em 1945. *Fala*, a sua obra mais famosa, publicou-se em 1938, em Buenos Aires. Gabriela Mistral esteve em Lisboa, em 1935, em missão de propaganda.

<sup>1085</sup> Esta escritora, nascida em Xangai, estudou Literatura nos Estados Unidos da América, casou em 1927 com o Generalíssimo Chiang Kai Shek, líder das forças nacionalistas contrárias ao comunismo de Mao Tsé Tung. Madame Chiang Kai Shek, como ficou conhecida, convenceu os Estados Unidos da América a ajudarem a China a enfrentar os japoneses na II Guerra Mundial. Acompanhou sempre o seu marido, fazendo de tradutora, pois dominava a língua inglesa. Quando os comunistas chegaram ao poder, madame Chiang Kai Shek e o marido exilaram-se em Taiwan, onde ficaram até à morte deste, em 1975. Após este acontecimento, madame Chiang Kai Shek foi viver para Nova York, onde faleceu em 2003.

<sup>1086</sup> Também conhecida por Jolan Foldes.

<sup>1087</sup> Esta autora foi uma militante socialista, activista e defensora dos direitos das mulheres, uma das mais notáveis oradoras da sua época, influente teosofista. Em 1888, liderou uma greve para melhorar a saúde e segurança das trabalhadoras de uma fábrica de fósforos. Durante aquele período, a indústria do fósforo era extremamente poderosa, uma vez que a energia eléctrica não estava ao alcance de todos e os fósforos eram essenciais para acender velas e lâmpões. Esta greve ficou na história, pois foi a primeira vez que alguém desafiou com sucesso os fabricantes de fósforos. Também foi considerada uma marca de vitória dos primeiros anos do movimento socialista em Inglaterra.

<sup>1088</sup> Halidé Edib Adnan-Adívar, escritora e política turca, natural de Constantinopla. Pertenceu ao partido político dos Jovens Turcos, ingressando, depois, no Partido Nacionalista (1919). Durante a guerra greco-turca (1922), serviu, na respectiva campanha militar, como militar do exército. Teve, em seguida, de se exilar, por haver chefiado um movimento contra Mustafá Kemal. Exerceu o ensino universitário na Índia

Com um número reduzido de escritoras estavam, também, a Dinamarca e o Uruguai com apenas duas escritoras, o México com quatro, a Rússia e o Canadá com cinco, a República Dominicana e a Polónia com seis. Os países mais representativos eram, respectivamente, a Itália com oitenta e sete escritoras, a Suíça com cento e cinquenta, os Estados Unidos da América com cento e noventa e seis, a Inglaterra com duzentas e quarenta e nove e um destaque especial para a França, com quase três centenas de escritoras. Os restantes países tinham entre uma dezena e duas dezenas de escritoras, caso da Roménia, com dez, a Grécia com treze, a Espanha e a Suécia com dezassete e a Holanda com vinte e duas.

O título da exposição «Livros Escritos por Mulheres» foi correctamente atribuído pelo facto de não estarem expostos apenas livros na área da literatura, mas também de teses de doutoramento, folhetos, artigos publicados em revistas, ensaios literários, livros de culinária, provérbios, cartas, conferências, estudos que versavam a educação, a medicina, a sociologia, a medicina, a história, a política, as artes, a música, a economia, entre outros. É curioso o número de livros de memórias, de biografias e de autobiografias.

A França mostrou um número razoável de biografias. Como mera curiosidade refira-se as personalidades biografadas, algumas por mais de uma autora: Sainte Chantal; Rodin; Madame Roland; Madame Curie; Loulou; Jeanne d'Arc; Victor Hugo; São José; George Sand e Alfred de Musset; a Imperatriz da Áustria e a Rainha da Hungria; Madame Lafayette; Ninon de Lenclos; Madame Staël; Condessa de Ségur; a Imperatriz da Alemanha; Marguerite Andoux e as Irmãs Brontë.

De entre as autoras francesas destaque para Matilde do Canto (? -?), casada com um português, George Sand (1804-1876)<sup>1089</sup> com trinta e cinco obras, Colette (1873-1954), que era membro da Academia de Bruxelas, com trinta e seis livros, Marie Curie (1867-1934), Prémio Nobel da Física em 1903 e Prémio Nobel da Química em 1911, a Federação Democrática Internacional das Mulheres, através do seu boletim de

---

e nos Estados Unidos. Quando voltou à Turquia, foi nomeada professora de Literatura Inglesa na Universidade de Istambul. Escreveu *História da Literatura Inglesa* (1940-1948), considerada notável.

<sup>1089</sup> George Sand, pseudónimo de Amandina Aurora Lucília Dupin, também conhecida como senhora Dudevant. Contraiu matrimónio, em 1822, com o Barão Dudevant, de quem se divorciou após nove anos. Foi viver para Paris, onde trabalhou no jornal *Figaro*. A sua obra literária distingue-se em três grupos: romance passional (1831-1835), romance social (1837-1845) e romance campesino ou rústico, a partir de 1839. Em 1854, escreveu *História da minha Vida*, onde alude às relações amorosas com Sandeau, Musset e Chopin. Como escritora sofreu influências de Byron, Chateaubriand e Rousseau.

informação e a União das Mulheres Francesas, com vários boletins e comunicações apresentadas em congressos, Jeanne Sylvie Lefèvre (1880-1972)<sup>1090</sup> com um livro dedicado a Portugal, intitulado *Contos de Portugal*, Simone de Beauvoir (1908-1986), com a obra *Le Sang des Autres*, Madame Avril Saint-Croix (1855-1939), com duas obras: *Oeuvres et Institutions Féminines* e *États Généraux du Féminisme*, a Condessa de Ségur (1799-1874)<sup>1091</sup>, uma escritora já conhecida dos leitores portugueses.

De Inglaterra, salientam-se Jane Austen (1775-1817), Anne Brontë (1821-1848), Charlotte Brontë (1816-1855) e Emily Brontë (1818-1848), todas com obras em língua inglesa, Josephine Butler (1828-1906), a primeira mulher que levantou a campanha contra a prostituição<sup>1092</sup>, Agatha Christie (1891-1976), escritora com grande êxito na literatura policial, Daphne du Maurier (1907-1989), George Eliot (1819-1880)<sup>1093</sup>, Catarina Carlota, Lady Jackson (? -?)<sup>1094</sup>, com o livro *A Formosa Lusitânia*, numa tradução de Camilo Castelo Branco, em 1877, e Elaine Sanceau (1896-1978)<sup>1095</sup>, escritora inglesa, mas a residir em Portugal, desde 1930, que mostrava os seguintes exemplares: *D. Henrique; Afonso de Albuquerque* e *Em demanda de Prestes João*,

<sup>1090</sup> Jeanne Sylvie Lefèvre. Apesar de no catálogo figurar como escritora francesa, de facto, esta escritora e professora, é de ascendência belga, natural de Chatelineau. Veio para Portugal em 1901. Diplomada pelas escolas da especialidade, durante muitos anos deu lições de Francês em diversas instituições públicas e privadas. Publicou: *Conte du Portugal; Le Livre du Souvenir; Eléments de Grammaire Française*. Foi colaboradora do Dr. Joaquim Manso, jornalista, escritor, director e fundador do *Diário de Lisboa*. Era membro da Sociedade Teosófica de Portugal, a cuja direcção pertenceu.

<sup>1091</sup> Nome literário pelo qual é conhecida a escritora francesa Sofia Rostopchine, natural de Sampeterburgo. Filha do conde e marechal Rostopchine, que era governador de Moscovo, aquando da campanha de Napoleão contra a Rússia. Casou com o conde Eugénio de Ségur. Escreveu grande número de obras, especialmente destinadas à infância e à juventude, obras essas que foram traduzidas para numerosas línguas, incluindo a língua portuguesa: *Que Amor de Criança! Memórias de um Burro; As Férias; Os Desastres de Sofia; As Meninas Exemplares; Os dois Patetas; O Mau Conselheiro; Pousada do Anjo da Guarda; Um Bom Diabrete; O Evangelho Contado aos Netos; Francisco, O Corcundinha; Depois da Tempestade, a Bonança; João que Chora e João que Ri; Frederico e o seu Génio Mau; A Irmã de Zuca; O General Dourakine; Novos Contos de Fadas; As Férias; Comédias e Provérbios, etc.*

<sup>1092</sup> Cf. *Catálogo da Exposição de Livros Escritos por Mulheres*, Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (org.), Lisboa, 1947, p. 90.

<sup>1093</sup> Pseudónimo de Mary Ann Evans. Pseudónimo da escritora inglesa Maria Ana Evans. Começou a vida literária com traduções: *Vida de Jesus* de Strauss (1846); *A Ética*, de Espinoza (1855). Foi jornalista, sendo subdirectora na *Westminster Review*, onde publicou numerosos ensaios críticos sobre as filosofias e as literaturas francesa e alemã, o que mostrou que estava a sofrer influências das teorias e doutrinas morais dos filósofos Comte e Spencer.

<sup>1094</sup> Maria Wollstonecraft, senhora de Shelley. Casou em 1816, depois de ter sido raptada pelo marido, Percy Shelley. Foi na Suíça que criou, por aposta, a personagem Frankenstein. Ali conheceu Byron que a apreciava. Também escreveu ensaios biográficos sobre Petrarca, Bocaccio, Maquiavel

<sup>1095</sup> Catarina Carlota, senhora Jackson, século XIX, escritora inglesa que publicou o livro de viagens *Fair Lusitânia* (1874), com impressões e ilustrações de uma visita que fez a Portugal.

<sup>1096</sup> Elaine Sanceau, historiadora inglesa de ascendência francesa, estudou na Suíça e viveu no Brasil de 1916 a 1918. Fixou-se em Portugal, desde 1930, tendo estudado a expansão portuguesa no mundo. Teve várias condecorações. Os seus livros eram sobretudo escritos em inglês. Foi membro do Instituto de Coimbra e do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos. Depois de 1965 foi sócia da Academia Internacional da Cultura Portuguesa. Colaboradora da Enciclopédia Verbo.

Marie V. Lebour (1876-?) com vários estudos científicos na área da zoologia, Katherine Mansfield (1888-1923), de Mary Plum<sup>1096</sup> (1797-1851) apenas uma obra, *Murder in the Hunting Club*, uma edição de 1932. Mary Wollstonecraft Shelley (1797-1851) com a sua mais conhecida obra de 1933, *Frankenstein*, Virgínia Woolf (1822-1941), apresentada como uma das maiores ensaístas e romancistas modernas, que muito trabalhou em prol dos direitos da mulher, tinha onze obras na exposição. Conhecida em Portugal graças ao interesse demonstrado por Manuela Porto, que efectuou um estudo sobre a escritora, sobre quem também deu conferências. Ann Radcliffe (1764-1823), considerada a introdutora do Romantismo em Inglaterra.<sup>1097</sup>

Os Estados Unidos da América marcaram bem a sua presença com 196 escritoras. O destaque na escrita americana foi para a presença de três autoras com o Prémio Nobel: Jane Addams (1860-1935), que ganhou o Prémio Nobel da Paz em 1931, Margaret Mitchell (1900-1949) e Pearl Buck (1892-1973), que obtiveram o Prémio Nobel da Literatura, respectivamente em 1937 e 1938. Pearl Buck vendeu um milhão e oitocentas mil cópias do livro *Terra Bendita*, em 1931 e tinha expostas duas obras: *Vento do Oriente*, *Vento do Ocidente* e *Terra Bendita*. As escritoras norte-americanas destacaram-se também com vinte e duas obras na área da biografia e da autobiografia. Salientam-se as seguintes autoras: Jane Addams (1860-1935)<sup>1098</sup> com a sua autobiografia; Isadora Duncan (1878-1927), *My Life*; Esther Forbes (1891-1967), *Paul Revere and the World He lived in*; Hellen Keller (1880-1968), com a sua autobiografia; Mary Gray Peck (1867-1957) com *Carry Chapman Catt*<sup>1099</sup>; Anna Eleanor Roosevelt (1884-1962), *This is my Story*; Esther Shaperd (1800-?), com a biografia de Paul Bunyan; Madeleine Stern (1912-2007), *The Life of Margaret Fuller*, Era Bell Thompson (1907-1986)<sup>1100</sup>, *American Daughter* e Blanche Colton William (1879-1944) com a biografia de Clara Barton, fundadora da Cruz Vermelha. Uma referência também para Margaret Bourke (1904-1971), com uma reportagem da Segunda Guerra Mundial.

A Suíça estava representada com livros cujas temáticas se enquadravam nas áreas da História, da Educação e da Medicina, havendo também destaque para muitas

<sup>1096</sup> Maria Wollstonecraft, senhora de Shelley. Casou em 1816, depois de ter sido raptada pelo marido, Percy Shelley. Foi na Suíça que criou por aposta a personagem Frankenstein. Ali conheceu Byron que a apreciava. Também escreveu ensaios biográficos sobre Petrarca, Bocaccio, Maquiavel.

<sup>1097</sup> Cf. *Catálogo da Exposição de Livros Escritos por Mulheres*, Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (org.), Lisboa, 1947, p. 104.

<sup>1098</sup> Prémio Nobel da Paz em 1931.

<sup>1099</sup> Biografia de uma feminista americana.

<sup>1100</sup> No catálogo da exposição consta o nome Eva.

biografias e folhetos de Movimentos Feministas. Uma das escritoras suíças mais conhecidas dos leitores portugueses era Johanna Spyri (1829-1901) pela famosa série Heidi.

As dezassete escritoras espanholas marcaram maior presença com ensaios de Filosofia, investigações na área da História e da Física, destacando-se três nomes, na área da literatura: Santa Teresa de Ávila (1515-1582), Cármén de Burgos (1867-1932) e Rosalia de Castro (1837-1885).

Das oitenta e sete escritoras italianas, encontravam-se Alba Céspedes (1911-1997), com a obra *Não se volta ao Passado*, numa edição de 1943, incluída na colecção «As maiores obras do nosso tempo», Anita Garibaldi (1821-1849)<sup>1101</sup>, autora do século XIX, com a sua única obra *Garibaldi na América*. De Maria Montessori (1870-1952) *A Criança*, numa tradução de Branca Rumina. Não podia, também, faltar o Prémio Nobel da Literatura em 1926, Grazia Delledda (1871-1936).

A Dinamarca apresentava duas participações interessantes: um estudo sobre as mulheres de Kirsten Glaerfelt-Tarp (? -?) e a Prémio Nobel da Literatura, em 1928, Sigrid Undset (1882-1949).

Da Suécia destacava-se a detentora do Prémio Nobel da Literatura, em 1909, Selma Lagerlöf (1858-1940), com algumas traduções em português, outras em francês e em esperanto, além da língua sueca.

Meses depois da grandiosa «Exposição de Livros Escritos por Mulheres», Salazar manda encerrar o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. A quantidade de obras literárias, além de obras representativas de diversos campos do saber, publicadas por mulheres em Portugal e noutros países do mundo, seria qualquer coisa de perigoso, como forma de testemunho inabalável da extensa capacidade de expressão das mulheres como um grupo social autónomo, como força cultural e com interesses políticos próprios. A defesa da causa social, através da passagem de filmes, a produção cultural das mulheres, congregou-se numa ameaça à política determinada pelo Estado Novo à mulher e à família. Todo o conhecimento que estava em exposição era um caminho completamente aberto aos visitantes, para a rebeldia. Era isso que era urgente evitar.

---

<sup>1101</sup> Nome literário de Ana Maria de Jesus Ribeiro, descendente de portugueses oriundos dos Açores que emigraram para o Brasil.



Apesar do êxito da exposição, Maria Lamas viria a ter problemas com a devolução dos livros expostos, nomeadamente em 1950, como é visível, pela carta de Lyon de Castro (? -?)<sup>1102</sup>:

Exm.<sup>a</sup> Senhora  
D. Maria Lamas  
Rua Palmeira, 26, 2º  
Lisboa  
Exm.<sup>a</sup> Senhora:

Juntamos à presente uma relação dos livros que emprestámos ao extinto Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas para a exposição que este Conselho organizou. Como é do conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup> estes livros ainda não nos foram devolvidos por razões a que V. Ex.<sup>a</sup> e nós próprios fomos estranhos. Agradecendo a boa vontade manifestada para a solução deste assunto, confiamos em que ele possa ser arrumado em breve prazo em virtude do compromisso que temos com a firma LIVROS DO BRASIL, Ld.<sup>a</sup> Ficamos aguardando o favor das vossas ordens e subscrevemo-nos Muito Atenciosamente

Junto à carta seguia a Nota de Liquidação n.º 710, datada de Lisboa 5 de Janeiro de 1950 e dirigida à firma Conselho das Mulheres Portuguesas<sup>1103</sup>, Lisboa, com a indicação dos títulos dos livros em falta, mas sem referência às autoras, e o respectivo preço: *E Tudo o Vento Levou*, 80\$00; *Alma Forte*, 60\$00; *Boas Maneiras*, 55\$00; *Espera por Mim*, 60\$00; *Memórias de um Cirurgião*, 70\$00; *Antes que a Noite Chegue*, 30\$00; *Vida sem Destinos*, 50\$00; *Casei-me com a Aventura*, 70\$00; *O Vento da Noite*, 40\$00; *Vitória, Rainha*, 70\$00; *Minha Vida*, 60\$00; *Em Busca do Amor*, 45\$00; *Fuga*, 40\$00; *Até um Dia, meu Capitão*, 50\$00; *Agarre seu Homem*, 80\$00; *Miséria e Grandeza da Doença*, 40\$00; *Encontro com o Perigo*, 40\$00; *O Sol é a minha Ruína* (2 Volumes), 70\$00; *A História da minha Vida*, 70\$00; *Cortesias*, 50\$00; *Brumas do Passado*, 70\$00; *Cláudia e Dois* (?)<sup>1104</sup>, 40\$00; *Eu viajei com Vasco da Gama*, 55\$00; *Tolstoi*, 30\$00; *Maïakovski*, 37\$00; *Cette Sacré Gouveia*, 40\$00; *L'Arche de Fade*, 30\$00; *Par Amour*, 27\$00; *Le Grand Gouffre*, 40\$00; *Le Chirurgien*, 30\$00; *Bonnie Étrange*, 18\$00; *Vingança*, 50\$00; *Problema do Lar*, 100\$00. Todos os livros perfaziam a quantia de 1697\$00.

<sup>1102</sup> Carta dactilografada de Lyon de Castro a Maria Lamas, datada de 6 de Janeiro de 1950, com o timbre da Europa – América. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.242.

<sup>1103</sup> Com a anotação manuscrita de «extinto». Toda a nota era manuscrita.

<sup>1104</sup> Não se compreende a última palavra do título.

À falta de resposta, Lyon de Castro<sup>1105</sup> insiste, novamente, a 20 de Janeiro do mesmo ano:

Amigos e senhores:

Confirmamos o nosso memorando de 21 de Outubro findo, ao qual V. Exas. responderam telefonicamente assegurando-nos que o assunto em questão «devolução das edições brasileiras confiadas a V. Exas. há cerca de dois anos» - seria resolvido a nosso contento e no prazo por nós fixado.

Tal não aconteceu, infelizmente. Não nos custa fazer-lhes a justiça de acreditar que não terá sido por vossa culpa. Mas o certo é que nós é que estamos a ser prejudicados e a situação não se pode eternizar.

Assim, queremos informá-los que tais livros não podem ficar em existência de V. Exas. por mais tempo. Se puderem devolvê-los com o duplicado do mapa-consignação que vai junto a este, muito bem. Os livros serão creditados e o assunto arrumado. Caso contrário devem V. Exas. dá-los como vendidos.

Lamentando o sucedido, subscrevemo-nos com muita consideração e estima, De V. Exas.

Atenciosamente

Mas, o assunto não se resolveu, pois a 8 de Fevereiro, a editora mostra-se impaciente e prontifica-se, no caso de ser necessário, dispõe-se a enviar um empregado que auxilie na separação dos livros, reafirmando que desejaria que o “assunto pudesse ser arrumado dentro de dias.”<sup>1106</sup>

No jornal de São Paulo<sup>1107</sup>, *Folha do Maranhão*, Fidelino de Figueiredo escreve em 2 de Março de 1947, um artigo intitulado «Mulheres», onde elogia claramente a «Exposição de Livros Escritos por Mulheres» coordenada por Maria Lamas. O jornalista refere que encontrou “como era de esperar e em predomínio, os livros de ficção e emoção, romances, contos, versos líricos, livros de viagens e a vasta literatura infantil, de que a mulher tem sido principal obreira, com seu instinto maternal.” E prossegue realçando que há, pelo menos, duas coisas novas. Trata-se de “notas femininas sobre o amor que tem sido sempre pintado e interpretado pelos homens a outra coisa nova é a literatura infantil feita por mulheres.”

E o jornalista vai ainda mais longe ao afirmar que: “a inteligência não é privilégio dos homens. Eles farão as leis, as péssimas leis por que nos regemos, e que levam às guerras, mas não têm o monopólio da inteligência.” Se Fidelino de Figueiredo fosse governo “teria adquirido para o estado todo aquele documentário iconográfico,

---

<sup>1105</sup> Carta dactilografada de Lyon de Castro a Maria Lamas, datada de 20 de Janeiro de 1950, com o timbre da Europa – América. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.242.

<sup>1106</sup> Carta dactilografada de Lyon de Castro a Maria Lamas, datada de 8 de Fevereiro de 1950, com o timbre da Europa – América. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.242

<sup>1107</sup> Recorte de jornal no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 57.

porque expressava com a flagrância da arte a luta da mulher portuguesa por passar além do amor.”

O jornalista relata o que encontrou na exposição, mostrando a sua admiração:

Havia também livros didáticos, indústria dos manuais de ensino. Mas havia ainda outra coisa que não seria de esperar: livros científicos, não manuais escolares, livros de investigação original, trabalhos de laboratório, com problemas novos e métodos seguros de cooperação na grande obra da ciência. Esta é que foi para mim a novidade da exposição. Sê-lo-ia para toda a gente que procurasse ali razões para crer na sua terra. Não aludo à obra filosófica de D. Carolina *Michaëlis* de Vasconcelos, que era alemã e formada na Alemanha, só portuguesa pelo casamento com o crítico de arte Joaquim de Vasconcelos. Penso nas ciências de laboratório e nas exactas, penso em contribuições novas, dadas por jovens universitárias, formadas no ambiente português de hoje com seu nacionalismo passadista. Ali folheei trabalhos de uma dúzia de médicas, talvez mais investigadoras do que clínicas, de sete biólogistas, de quatro químicas, de duas naturalistas e várias matemáticas, agrónomas, farmacêuticas, advogadas, psicólogas e ate uma historiadora de filosofia. Esta variedade encheu-me de júbilo. Penso agora que a mulher que luta por alguma coisa “para além do amor” pode ser também uma força renovadora nos países onde os homens são velhos, demasiado velhos no seu centrípeto conformismo.

## Capítulo 9

### PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Abrimos este capítulo com um poema de Miguel Torga (1907-1995), do seu livro *Cântico do Homem*, publicado em 1950. Um jornal<sup>1108</sup> transcreve na sua crítica o poema «Inventário», o poema de abertura:

E, apesar de tudo sou ainda o Homem,  
Um bípede com fala e sentimentos!  
Ao cabo de misérias e tormentos,  
Continua  
A ser a minha imagem que flutua  
Na podridão dos charcos luarentos!

Sou eu ainda a grande maravilha  
Que se mostra no Mundo!  
O negro abismo que tem lá no fundo  
Um regato a correr:  
Uma risca de céu e de frescura  
Que murmura  
A ver se alguma boca a quer beber.

Quanto o grave silêncio da paisagem  
Me renega e protesta,  
Pouco importa na festa  
Deste encontro feliz;  
Obra de Arcanjo ou de Satanás,  
Eu é que fui capaz  
De fazer o que fiz!

Podia ser melhor o meu destino,  
Ter o Sol mais aberto em cada mão...  
Mas, Adão,  
Dei o que a argila deu.  
E, corpo e alma da degradação,  
O milagre é que o homem não morreu!

Não! Não me queiram na cova que não tenho,  
Porque eu vivo e respiro, e acredito!  
Sou eu que canto ainda e que palpito

---

<sup>1108</sup> Recorte de jornal não identificado nem datado, com a anotação manuscrita do nome de Maria Lamas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 17, referência 2.5.

No meu canto!  
Sou eu que na pureza do meu grito  
Me levanto!

Algumas mulheres, durante a ditadura, assumiram a luta pela defesa da cidadania, correndo o risco de perder a liberdade e serem condenadas à prisão pela polícia política do regime. É o caso de Maria Lamas.

Nem todas as amigas estavam do mesmo lado político de Maria Lamas. Exemplo disso, é a carta de Maria João Allen de Vasconcelos<sup>1109</sup>, que tem necessidade de clarificar a sua posição política:

Minha boa amiga

Esta carta, já a devia ter escrito. Mas a minha vida é tão cheia de trabalho, que nem sempre tenho talento para fazer o que mais desejo.

Vai talvez estranhar a minha carta...mas ela é filha de um imperativo de lealdade e espero que me entenda.

Trata-se do seguinte: pela minha atitude consigo, a Maria talvez tenha depreendido ou suposto que estou «do seu lado da barricada» ...e é da mais elementar lealdade para consigo e para comigo mesma, dizer-lhe em duas palavras aquilo que penso.

Detesto a violência e, todos os actos que a empreguem me repugnam. Sinto-me pois solidária com os que a sofrem.

Mas, estou actualmente partidária da actual situação política portuguesa. Dizer-lhe porquê, seria longo. Talvez nalguma futura conversa possamos trocar impressões sobre o assunto.

Uma coisa desde já lhe posso dizer: sou uma adepta fervorosa da luta contra o Partido Comunista Português. Melhor, contra o Partido Comunista Internacional porque não aceito como Partido Português, o Partido Comunista.

Portanto, toda a liberdade que se lhe dê, a reproveo.

Qualquer governo que em nome da liberdade deixasse ou melhor, desse liberdade de acção a comunistas, não me teria a seu lado.

Falo-lhe nisto porque esta minha atitude intelectual e...sentimental tem bastante influência no meu «situacionismo».

A Maria sabe seguramente no entanto que, não sou intolerante e que, graças a Deus não me considero satisfeita com o que vejo à minha volta.

Entende porque lhe quis escrever, não é verdade? Sou sua amiga, admiro-a e aprecio-a tal como a Maria é. Para que seja minha amiga, é preciso que me conheça e não a um «fantasma» com o meu nome.

Conte sempre comigo e conte sempre com a minha lealdade absoluta.

Sua amiga

Maria João.

A dez de Agosto de 1950, o jornal *A Voz*<sup>1110</sup> publica na primeira página um artigo intitulado «Amigos da paz...O partido comunista e o movimento nacional democrático vistos de perto nos seus trabalhos conspiratórios» que, no entender de

<sup>1109</sup> Carta manuscrita de Maria João Allen de Vasconcelos a Maria Lamas, datada de 6 de Janeiro de 1950. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.166.

<sup>1110</sup> *A Voz*, n.º 8399, 10 de Agosto de 1950, pp. 1 e 2.

Maria Lamas não corresponde à verdade. Desse facto nos dá conta o mesmo jornal, na sua edição de 20 de Agosto<sup>1111</sup>:

A Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lamas, que foi colaboradora deste jornal, onde escreveu os artigos mais conservadores e ortodoxos, que se pode imaginar, recorreu ao seu advogado para nos fazer chegar um desmentido, sabendo que bastava mandá-lo directamente e sem nenhuma combinação da lei. Mas deu-se desta forma ar de pessoa irada e não facunda ou aproveitou a ocasião para declarar aos seus novos amigos que não se arrependeu, nem se arrepende. Tomámos nota de que a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lamas não tenciona arrepender-se segunda vez...

O comunicado é como se segue:

“A Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lamas nega terminantemente haver proferido as palavras que lhe são atribuídas no citado artigo. Se alguma afirmação ela fez, fosse onde fosse, acerca da sua posição política, foi sempre para marcar a firmeza dessa posição, e nunca, de forma alguma, para exprimir qualquer arrependimento, que nunca sentiu nem sente. Aliás, o referido artigo é, em si mesmo, contraditório, visto que, após se afirmar que a Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lamas «já deve estar farta de aturar os colegas do Movimento, *posto o não confesse*», se acrescenta que ela «*teria dito*» determinadas palavras que, repete-se, nunca disse nem poderia ter dito”.

#### 1. CONSELHO NACIONAL DAS MULHERES PORTUGUESAS: A ORGANIZAÇÃO COM MAIS LONGEVIDADE DURANTE O ESTADO NOVO

Deve-se a Choderlos de Laclos (1741-1803) a declaração visionária de que a libertação feminina só poderia ser conquistada através de uma revolução empreendida pelas próprias mulheres. E a história deu-lhe razão. Nos últimos séculos, os movimentos revolucionários, apesar de incorporarem algumas reivindicações feministas, conseguiram abafá-las de uma forma eficaz. Senão, atente-se em Olympe de Gouges (1748-1793)<sup>1112</sup>, que acabou executada pelos próprios revolucionários.

A 1 de Março de 1783, Laclos<sup>1113</sup> escrevia o seguinte, a propósito da educação das mulheres:

Não há nenhum meio de aperfeiçoar a educação das mulheres. Esta asserção parecerá temerária e já ouço à minha volta as acusações de paradoxo. Mas muitas vezes o paradoxo é o começo de uma verdade, na qual se transformará se eu conseguir provar que a pretensa educação dada às mulheres até hoje não merece de facto tal designação, que as nossas leis e os nossos costumes se opõem igualmente a que possamos dar-lhes uma melhor e que se, apesar desses obstáculos, algumas mulheres conseguissem alcançá-la, isso seria mais uma infelicidade para elas e para nós.

<sup>1111</sup> A Voz, n.º 8409, 20 de Agosto de 1950, p. 3.

<sup>1112</sup> Pseudónimo de Marie Gouze.

<sup>1113</sup> Choderlos de Laclos, *Da Educação das Mulheres*, Lisboa, Antígona, 2002, p. 34.

Para a historiadora Anne Cova “os feminismos precisam de uma memória. Construir essa memória, transmitir uma história de feminismos é um desafio político e historiográfico.”<sup>1114</sup>

Segundo João Esteves “a década de vinte<sup>1115</sup> é a época de ouro dos feminismos em Portugal.”<sup>1116</sup> Para esta constatação, indica como motivos a consolidação do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas<sup>1117</sup> e a sua projecção internacional e a adesão de uma geração de feministas. Deste modo, nos anos vinte houve uma ruptura com a década anterior do feminismo republicano, pelo facto de terem surgido nomes novos, como por exemplo o caso de Elina Guimarães e de Maria Lamas. Segundo Maria Antónia Fiadeiro, Maria Lamas destaca-se como uma mulher

Que proclama, como as mulheres republicanas, a cidade pertence-nos, e consequentemente, exige todos os direitos cívicos decorrentes do estatuto de mulheres livres e independentes, que reivindica politicamente o pleno uso dos direitos e uma cidadania consciente e inteligente, exigindo a educação e profissão como condições fundadoras da sua dignidade.<sup>1118</sup>

O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, na opinião de Maria José Maurício<sup>1119</sup>, foi “uma verdadeira «escola» de formação para a cidadania, onde várias gerações de mulheres se dedicaram à causa feminina, dando corpo e «alma» à expressão de uma vontade colectiva de lutar pelos seus direitos cívicos.”

Alain Touraine considera os movimentos de mulheres como uns dos mais importantes na história:

Os movimentos culturais mais importantes na história foram os movimentos religiosos; no nosso mundo, que saiu da sociedade industrial, os mais importantes são o das mulheres e a ecologia política, mas o que chamamos a defesa das minorias (étnicas, nacionais, morais, religiosas) ergue-se muitas vezes ao nível dos movimentos culturais.<sup>1120</sup>

No entanto, aponta uma fraqueza aos movimentos feministas:

---

<sup>1114</sup> Ver Manuela Tavares, «Os 80 anos do I Congresso Feminista e da Educação» in revista *História*, 70, Outubro 2004, p. 42.

<sup>1115</sup> Do século XX.

<sup>1116</sup> Manuela Tavares, op. cit., p. 42.

<sup>1117</sup> Doravante referido como CNMP.

<sup>1118</sup> Manuela Tavares, op. cit., p. 44.

<sup>1119</sup> Maria José Maurício, *Mulheres e Cidadania: Alguns Perfis e Acção Política*, Caminho, Lisboa, 2005, p. 20.

<sup>1120</sup> Alain Touraine, *Iguais e Diferentes – Poderemos Viver Juntos?*, Lisboa, Instituto Piaget, 1998, p. 144.

As feministas que definem toda a sua acção em termos políticos, pela luta que convém travar contra um sistema de dominação, enfraquecem-se a si próprias quando recusam reflectir nas diferentes formas de personalidade, de expressão, de vida afectiva e de acção das mulheres.<sup>1121</sup>

Apesar de vir a ser directora do CNMP, em 1931, a preocupação de Maria Lamas não era propriamente a possibilidade de as mulheres votarem, senão atente-se no depoimento que presta à revista *ABC*<sup>1122</sup>, na rubrica «A mulher e o voto»:

Conheço o inquérito da revista *ABC* e conheço as três perguntas que o comandam. Eu vou declarar-lhe que não me interessa o direito de votar. A actividade da mulher tem já um campo vastíssimo de acção e, não me parece, em princípio, que a mulher tenha alguma coisa a lucrar com o direito do voto. Quer isto significar que a mulher não possa votar? Não. Se o homem vota, porque motivo não há-de ter a mulher o mesmo direito? Eu penso, porém, que essa faculdade deve ser só usada pelas mulheres e homens, quando suficientemente cultos, para que o uso dessa concessão seja mantido sempre conscientemente. E, então, obras inúmeras e importantes poderão, evidentemente, ser realizadas pelas mulheres.

Mas já em 1910, o ano da implantação da república, Maria Veleda (1871-1855) declarava a uma revista<sup>1123</sup>, a propósito do voto das mulheres:

Como já tenho afirmado muitas vezes em público, sou anti-sufragista. Não creio que o sufrágio melhore muito as condições económicas da mulher. E a questão económica é, sem dúvida, a primeira razão para que exista o feminismo.

O sufrágio é concedido aos trabalhadores e os trabalhadores ainda não deixaram de ser vítimas do capital. Com as mulheres sucederá o mesmo.

Se hão-de dar o voto às mulheres portuguesas, façam-no então com um grande espírito de coerência e de justiça. De contrário, teremos sempre o privilégio, o odioso espírito da divisão de classes.

O voto concedido a certas e determinadas mulheres não poderá ser favorável ao progresso da República. Muitas dessas mulheres que pretendem distinguir, são exactamente as que, ainda possuídas do espírito reaccionário, se converterão nas mãos dos inimigos da República em armas poderosas para a sua obra de retrocesso.

Maria Lamas estava bem documentada para ser a Presidente do Conselho Nacional de Mulheres Portuguesas. Prova disso é um documento de 1938, enquanto presidia ainda Sara Beirão. O documento em causa é da Aliança Internacional para o Sufrágio e a Acção Cívica e Política das Mulheres com os estatutos, congressos realizados, publicações, local, sociedades filiadas, entre as quais Portugal. A ideia da criação desta aliança nasceu em 1902, tendo havido um congresso em cada três anos. O primeiro ocorreu no ano de formação da Aliança em Washington. Seguiram-se mais, em

---

<sup>1121</sup> Idem, p. 145.

<sup>1122</sup> *ABC*, n.º 544, 15 Janeiro 1931, p. 18.

<sup>1123</sup> *A Mulher e a Criança*, n.º 19, Dezembro de 1910, p. 6.



Berlim (1904), Copenhaga (1906), Amesterdão (1908), Londres (1909), Estocolmo (1911), Budapeste (1913), Genebra (1920), Roma (1923), Paris (1926), Berlim (1929), Istambul (1935). O décimo terceiro seria em Copenhaga em 1939.

A Aliança era composta por várias comissões, um pouco idênticas às que seriam criadas pelo CNMP, a saber: Comissão do Sufrágio e da Acção Política das Mulheres; Comissão para a Igualdade da Moral e contra o Tráfico das Mulheres; Comissão para a Igualdade das Condições de Trabalho entre Homens e Mulheres; Comissão da Paz e da Sociedade das Nações e Comissão do Estatuto Legal das Mulheres.

Maria Lamas tinha também conhecimento dos Estatutos e Regulamentos do Conselho Internacional das Mulheres, redigidos em Washington em 1888 e revistos em Dubrovenique em 1936.

É em 1936, que o nome de Maria Lamas aparece ligado aos corpos do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas<sup>1124</sup>, após segunda convocação para a assembleia-geral, por número insuficiente de presenças na primeira. Ficaram assim distribuídos os seguintes cargos:

#### **Assembleia-geral**

Presidente – Dr.<sup>a</sup> Teresa Leitão de Barros

Secretária – Palmira Helena do Carmo

#### **Direcção**

Presidente – Sara Beirão

Vice-presidente – Isabel Bonhorst

Presidente honorária – Angélica Porto

Secretária geral – Cândida de Sousa Madeira Pinto

Secretárias adjuntas – Zoe Grabit Pereira e Sara S. Correia

Tesoureira geral – Mariana A. da Silva

Tesoureira da província – Rosa C. Pereira

Vogais – Fernanda Pimentel, Margarida de Oliveira (bibliotecária) e Rosa Franqueira

#### **Conselho Fiscal**

---

<sup>1124</sup> *Alma Feminina*, n.º 11 e n.º 12, Novembro/Dezembro 1936, p. 2.

Presidente – Noémia Neto Ferreira

Secretárias – Alexandrina M. Vermelho e Maria E. Gonçalves

### **Secções**

#### **EDUCAÇÃO**

Presidente – **D. Maria Lamas**

Secretária – Acácia Gonçalves

#### **PAZ**

Presidente – Beatriz Arnut

Secretária – Maria Alice Lamy

#### **MORAL**

Presidente – Maria L. Ramos Lopes da Silva

Secretária – Rosa Coelho Rita

#### **TRABALHO**

Presidente – Maria Gertrudes Amarante

Secretária – Laurinda de Magalhães

#### **HIGIENE**

Presidente – Cristina Cunha

Secretária – Argentina da Silva

#### **ARTE**

Presidente – Branca de Gonta Colaço

Secretária – Abigail de Paiva Cruz

#### **PROPAGANDA**

Presidente – Eugénia da Gama Ochoa

Secretária – Argentina da Silva.

Nos anos três anos subsequentes, Maria Lamas não participa nem nos corpos gerentes nem nas secções, o que só voltará a acontecer em 1940<sup>1125</sup>, ano em que se procedeu à extinção das secções de MORAL e do TRABALHO, que foram substituídas pelas secções de ASSISTÊNCIA, JURÍDICA e de LITERATURA, mantendo-se as restantes, mas já sem a distinção entre presidente e secretária, como podemos verificar:

#### ARTE

Alda Maia Henriques e Flávia Marinho Alves

#### PROPAGANDA

Maria da Luz Albuquerque, Maria do Carmo Vieira e Octávia Mayer

#### ASSISTÊNCIA

Viscondessa de Oliva e Modesta Gambôa Abranches

#### HIGIENE

Cristina Cunha e Carlota Múrias

#### EDUCAÇÃO

Gertrudes Amarante, Rita Silva, Fernanda Pimentel e Adelina de Almeida

#### JURÍDICA

Elina Guimarães e Cândida Madeira Pinto

#### LITERATURA

**Maria Lamas**, Leontina Hogan e Olímpia Bastos

#### PAZ

Filomena Vieira da Rocha, Zulmira Homem de Melo e Maria Filipa Rodrigues.

Uma das actividades, em que Maria Lamas participou, como membro do CNMP, foi num apelo, que consistiu numa ida à Assembleia Nacional, em 10 de Fevereiro de 1940, acompanhada por Alda Maia Henriques, Isabel von Bonhorst, Maria de Lourdes

---

<sup>1125</sup> *Alma Feminina*, n.º 5, Outubro 1940, p. 1.

Roboredo, Margarida de Oliveira, Rosa Pereira e Sara Beirão afim de entregarem o requerimento<sup>1126</sup> que se segue, sobre a problemática das toleradas:

*Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Nacional, Exmas. Sras. Deputadas e Exm.ºs Senhores Deputados*

O «CNMP» interessando-se, como lhe cumpre, pela dignidade feminina, vem muito respeitosamente protestar junto de V.ªs Exas., contra o facto de estarem sendo registadas como toleradas, raparigas que tenham completado dezasseis anos; idade até à qual estão sujeitas à competência da «Tutoria da Infância», nos termos gerais do Decreto de 27 de Maio de 1911, que criou essa Instituição e a «Federação Nacional dos Amigos e Defensores das Crianças», e ainda nos termos especiais do mesmo Decreto, mantido em vigor pela legislação posterior.

Para evitar a continuação de facto tão lamentável e imoral, solicita o «CNMP», que no «Código da Infância», a promulgar brevemente, ao que consta, à competência dos respectivos tribunais, seja elevada até aos vinte e um anos completos, a fim de coincidir com a idade fixada pelo Art.º 311.º do Código Civil<sup>1127</sup>, em que o maior «fica habilitado para dispor, livremente da sua pessoa e bens», visto que, antes dessa idade natural, só pela emancipação, como facto extraordinário e para fins honestos, pode ao menor ser atribuída a responsabilidade completa e efectiva dos seus actos.

E como, para o referido registo da prostituição, ninguém pode requerer a maioridade extraordinária da menor, nem «Conselho de Família» será possível existir, a rapariga é, naturalmente e de facto, menor até aos vinte e cinco anos completos, e nos termos da Secção 4.ª «Lenocínio», do Código Penal, e especificadamente do seu Art.º 406.º. «Toda a pessoa que habitualmente excitar, favorecer ou facilitar a devassidão ou corrupção de qualquer menor de vinte e um anos para satisfazer os desejos desonestos de outrem, será punido com prisão de três meses a um ano e multa correspondente, e suspensão dos direitos políticos por cinco anos».

É pois pelo cumprimento de tão sábia e moralizadora legislação que o «CNMP» pugna, e solicita seja dada a realização prática aos nobres princípios orientadores da Constituição Política da República Portuguesa, pela qual (Art.º 14.º n.º 5) pertence ao Estado tomar todas as providências no sentido de evitar a corrupção dos costumes, que está tornando vítimas de verdadeiros crimes conta a honestidade, crianças irresponsáveis.

Como podemos verificar, era preocupação do Conselho a penalização das raparigas ligadas à prostituição.

Maria Joana Mendes Leal (1896-1976) recorre a Maria Lamas para correcção de um discurso<sup>1128</sup> que proferiu perante o Presidente do Conselho, o Presidente da República, ministros, bispos e outras individualidades da igreja. Num texto de vinte páginas, Maria Lamas emendou e cortou o que considerou excessivo. Maria Joana Mendes Leal refere a Associação Católica Internacional para Obras de Protecção às

<sup>1126</sup> *Alma Feminina*, n.º 5, Outubro 1940, p. 2.

<sup>1127</sup> O artigo n.º 311 dispunha o seguinte: «A época de maioridade é assinada, sem distinção de sexo, aos vinte e um anos completos. O maior fica habilitado para dispor livremente da sua pessoa e bens.» O Código Civil Português de 1867 foi elaborado pelo Visconde de Seabra, tendo sido revogado pelo Código Português de João de Matos Antunes Varela, em 1966, quase um século depois. Cf. *Código Civil Português*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1868, 2ª edição oficial, Título IX – Da incapacidade por menoridade e do seu suprimento, Capítulo III – Da tutela dos filhos legítimos e ilegítimos, Secção XXIV – Da maioridade, p. 37.

<sup>1128</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 41, referência 2.94.

Raparigas<sup>1129</sup> e o que pretende é apoios para uma Protecção às Raparigas, fundada em Portugal por Maria Emília Brandão Palha, que há vinte anos se encontrava à frente da Junta Nacional<sup>1130</sup>. A Associação Católica Internacional para Obras de Protecção às Raparigas, conhecida pelo nome Protecção, foi fundada no final do século XIX por Madame Reynold, em Fribourg, na Suíça. A Obra, já existente em trinta e cinco países, tinha como finalidade proteger todas as raparigas solteiras dos catorze aos trinta e cinco anos, fosse qual fosse a sua situação social, a sua nacionalidade ou a sua religião. Era para as pobres, ricas, católicas, protestantes ou judias, portuguesas ou estrangeiras. A Protecção era uma Obra de Preservação. Na opinião de Maria Joana Mendes Leal:

Se podemos ajudar a levantar uma rapariga que caiu, fazemo-lo – quantas vezes já o temos feito! Mas é uma extensão da nossa caridade, não é de modo algum, uma especialização da nossa Obra. E a essas raparigas que assim protegemos, não lhes podemos dar entrada na nossa casa; o auxílio que lhe prestamos tem de conservar a parte da intimidade da nossa associação, exclusivamente reservada a raparigas sérias. E compreende-se que assim seja: se recebêssemos toda a qualidade de raparigas, que confiança poderia merecer a nossa casa aquelas que a procuram para se resguardarem das más companhias? Quais os meios de que a nossa obra se serve para realizar o seu ideal de protecção? O primeiro e acautelar as raparigas. São tantos os perigos que as cercam e que elas ignoram.<sup>1131</sup>

A Obra afixava avisos nos comboios, estações, eléctricos, igrejas, e dava-se a conhecer através do boletim mensal.<sup>1132</sup> O programa da Obra apresentava três grandes linhas: 1-Protecção às raparigas no campo, 2-Protecção às viajantes e 3-Protecção às raparigas das cidades, principalmente às isoladas. As dirigentes da Obra preferiam que as raparigas não saíssem das suas terras, para não ficarem expostas aos perigos. Desse modo forneciam instruções às viajantes, que crédulas e inexperientes eram presas fáceis para quem se aproveitasse delas para as perder. A nível mundial, o perigo era de tal ordem, que a própria Sociedade das Nações teve de intervir. O tráfico das mulheres brancas tinha o seu principal campo de acção nos comboios e gares. Era por isso que a obra tinha de actuar, preferencialmente, nas gares<sup>1133</sup>, fenómeno que se via em toda a Europa. Quando em presença de uma situação perigosa, alguém, dos caminhos-de-ferro

<sup>1129</sup> Sobre este assunto, ver António Ferreira de Sousa, «A Obra de Protecção às Raparigas: um Exemplo de Associativismo Católico de Mulheres, 1914-1945», Dissertação de Mestrado, Lisboa, Universidade Aberta, 2004.

<sup>1130</sup> A Junta Nacional de Educação foi criada pela Lei 1.941, de 11/4/36, sendo um órgão técnico e consultivo superior, que funcionava junto do Ministro da Educação Nacional.

<sup>1131</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 41, referência 2.94.

<sup>1132</sup> O boletim da Obra de Protecção às Raparigas denominava-se *Protecção* e editou o primeiro número em 1932.

<sup>1133</sup> Era à gare do Rossio, que as donas de casa do Bairro Alto iam procurar as criadas de servir, que chegavam da província.

ou da companhia dos eléctricos, chamava um elemento da Protecção, apesar de haver, em permanência uma agente com a braçadeira branca e amarela, as cores da Protecção, pelo facto do fluxo de transeuntes ser já considerável.

Do discurso de Maria Joana Mendes Leal constava bastante informação alusiva às actividades da Protecção:

Em 3 anos passaram pela casa da Protecção da Costa do Castelo, cerca de 3000 raparigas, a quem foram dadas 18 244 dormidas, 54 000 refeições, tudo gratuitamente. Por vezes são tantas, que têm de passar a noite sentadas em cadeiras. Quantas dessas raparigas se não tivessem sido recolhidas por nós, se teriam perdido... vêm para Lisboa à aventura sem dinheiro e sem conhecimentos. Às vezes, apenas com a vaga indicação do nome e da morada duma mulher lá da terra...que nunca encontram. A nossa casa do Castelo tem duas secções: num andar, as pobres, no outro andar, a casa de família para estudantes, professoras, empregadas, etc.<sup>1134</sup>

Prossegue o discurso com um exemplo de uma rapariga que veio do Porto. Quando ia no eléctrico, pediu ao condutor que lhe indicasse determinada rua para descer, mas ia lá uma senhora que pertencia à Protecção que desconfiou. Por isso, pediu a um polícia para ir verificar, o polícia voltou com as piores indicações, pois era uma dessas casas de que o nome se não diz, mas foi salva. Foi este exemplo que Maria Lamas cortou na totalidade.

O discurso persiste com a enumeração de factos praticados pela Protecção:

A Protecção também tenta arranjar trabalho. Nos últimos três anos pediram colocação 2529 raparigas e colocámos 1115. Vêm muitas que não têm um prato de caldo nem uma cama. As estudantes que não têm dinheiro para acabar os estudos. Raparigas sem mãe que vêm pedir conselhos sobre tal passo, outras que querem voltar para casa e não têm dinheiro. Só este ano foram 27. Também procuram ajuda nas consultas de médicos e tratamentos pois não tem dinheiro. Até já metemos raparigas em hospitais de doidos. Houve uma rapariga que ao reprovar num exame de admissão se tentou suicidar e ao ver o anúncio da Protecção dirigiu-se lá. Salvaram-na. E a família veio buscá-la. Até lá casou uma rapariga de quem foram padrinhos Maria Luísa Vilhena Magalhães Coutinho da câmara, presidente da Junta Diocesana de Lisboa e Sr. Machado Pinto, Director Geral da Assistência.

Depois de explicar em que consiste a Protecção, indica, claramente, o que pretende:

Vim aqui tornar conhecida uma obra que merece a vossa simpatia e necessita da vossa colaboração. Como é que podem ajudar? Fazendo propaganda da nossa obra. Encaminhando para nós as raparigas. Quando precisarem de uma empregada, dama de companhia, costureira, venham à nossa obra. Sr. Presidente, o nosso ideal é exclusivamente grande para poder ser

---

<sup>1134</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal. Espólio E-28, caixa 41, referência 2.94.

realizado só com os nossos pobres recursos particulares: é-nos indispensável o auxílio do estado e das entidades oficiais. Desejaríamos abrir uma Escola Doméstica.<sup>1135</sup> Queríamos também organizar e poder ter a obra dos «réchauds», casa onde elas pudessem, do meio-dia às duas, aquecer o seu almoço, desejaríamos uma agente para os portos, onde é tão necessária. Pedimos também à imprensa a sua valiosa colaboração. A Protecção, se for ignorada, é inútil. E se não a conhecerem, como hão-de procurá-la? E se não procurarem, como havemos de lhes fazer bem? Sr. Presidente, bem-haja por aqui ter vindo.<sup>1136</sup>

Maria Lúcia Namorado explica-nos como se processou a entrada de Maria Lamas na presidência do CNMP, indicando primeiro de que forma funcionava o CNMP antes da presidência de Maria Lamas, a sua última presidente:

Eu ainda conheci uma senhora que se chamava Mariana Silva, já bastante idosa, que pertencia ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, foi uma das mulheres que aguentou o Conselho, porque o Conselho naquela altura era um quarto interior alugado nos Restauradores nº 13 ou nº 15, no 2º andar. Havia ali um quarto com duas ou três estantes, uma mesinha e umas cadeiras e as pessoas reuniam-se ali. Mas não faziam nada. Mas já havia umas mulheres que achavam que as coisas não estavam bem e que era preciso dar uma volta. Havia uma senhora que era muito activa, muito esperta que se chamava Fernanda Tasso de Figueiredo (muito simpática, muito bonita) e nós costumávamo-nos encontrar. Um dia ela disse «ah, o Conselho é uma coisa morta, não faz nada, o que é que o Conselho faz? (e era verdade!), olhe a manifestação do Conselho era uma faixa, muito comprida, de pano escrito Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, depois agarravam naquela faixa e iam para o Rossio e davam milho aos pombos. Isto é verdade. Era a maior actividade delas. Um dia a Fernanda disse «oh, Maria Lúcia mas que coisa, o CNMP não faz nada, podia fazer tantas coisas, ensinar a ler, esclarecer as pessoas» e eu disse «eu bem sei quem era capaz de mudar o Conselho, a Maria Lamas». Eu é que pus a Maria Lamas no Conselho, desta maneira. Não foi preciso mais nada, a Fernanda tratou do resto. Não me lembro quem era a presidente, mas havia uma senhora muito importante, que morava na Av. da Liberdade. A Fernanda também morava na Av. da Liberdade. Essa senhora começou a aceitar muito bem as propostas que lhe faziam e a Maria foi eleita presidente e começou a trabalhar.<sup>1137</sup>

No dia 11 de Julho de 1945<sup>1138</sup>, foram eleitos, em Assembleia-geral, os novos corpos gerentes do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, onde é eleita pela primeira vez, como Presidente, Maria Lamas, ficando assim constituídos:

#### **Direcção:**

Presidente – **Maria Lamas**

Vice-presidente – Sara Beirão

1ª Vogal – Dr.<sup>a</sup> Cristina Cunha

<sup>1135</sup> Calculamos que este discurso tenha sido anterior à inauguração da Escola Profissional Doméstica da OPR, em Sintra, na Casa da Gandarinha, num edifício doado à OPR, em 1919, dado que Maria Joana Mendes Leal refere esse desejo.

<sup>1136</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 41, referência 2.94.

<sup>1137</sup> Ana Maria Rodrigues Borges, *Os Nossos Filhos, uma Revista dos Anos 40*, Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, Universidade Aberta, Lisboa, 1993, pp. 198-215.

<sup>1138</sup> *Alma Feminina*, n.º 14, Novembro 1945, p. 11.

2ª Vogal – Fernanda Tasso de Figueiredo

3ª Vogal – Gabriela de Castelo Branco

4ª Vogal – Maria Tereza Arriaga

Secretária-geral – Alice Martins Carneiro

2ª Secretária – Cecília Simões

Secretaria do Estrangeiro – Zoé Grabit Pereira

Tesoureira Geral – Mariana da Silva

Tesoureira da Província – Rosa Pereira

#### COMISSÃO DE EDUCAÇÃO

Maria da Luz Albuquerque

Maria Lúcia Vassalo Namorado e Silva Rosa

Dr.<sup>a</sup> Virgínia Lima

Maria Tereza Arriaga

#### COMISSAO DE ARTE

Gabriela de Castelo Branco

Fernanda Calderon Marques

Beatriz Pimentel de Faro

Marieta Roque da Fonseca

#### COMISSÃO DE ASSISTÊNCIA

Maria Cristina de Barros Queiroz

Acácia Gonçalves de Resende

Modesta Gambôa Abranches

Viscondessa de Oliva

Maria do Carmo Vieira

Maria Octávia Teixeira Bastos Andrea

#### COMISSÃO DE PAZ



Cândida Madeira Pinto

Fernanda Pimentel

Flávia Marinho Alves

Margarida de Oliveira

Fernanda Tasso de Figueiredo

#### ASSEMBLEIA GERAL

Presidente – Dr.<sup>a</sup> Tereza Leitão de Barros

Vice-presidente - Isabel Cohen von Bonhorst

1<sup>a</sup> Secretária – Maria Lívia Ramos

2<sup>a</sup> Secretária – Gertrudes Amarante

#### CONSELHO FISCAL

Presidente - Isabel Cohen von Bonhorst

Vice-presidente – Maria Lívia Ramos

1<sup>a</sup> Vogal – Gertrudes Amarante

2<sup>a</sup> Vogal – Alexandrina Mourato Vermelho

3<sup>a</sup> Vogal – Sara Shultz Correia

4<sup>a</sup> Vogal – Alda Maia Henriques

#### COMISSÃO DE PROPAGANDA

Maria Lúcia Vassalo Namorado e Silva Rosa

Maria da Luz Albuquerque

Gabriela de Castelo Branco

Maria Cristina de Barros Queiroz

Cecília Simões

Alice de Pina Lopes Boullosa

Maria Tereza Arriaga

Alda Forjaz

Hortênsia Neves

Maria Antónia Ornelas de Oliveira

Dr.<sup>a</sup> Virgínia Lima

Fernanda Tasso de Figueiredo

COMISSÃO DE HIGIENE

Dr.<sup>a</sup> Cristina Cunha

Dr.<sup>a</sup> Eufrezinda Teixeira

Dr.<sup>a</sup> Isaura Seixas

CONSULTORA JURÍDICA

Dr.<sup>a</sup> Elina Guimarães.

Os corpos gerentes, eleitos em 1945, apresentaram o seguinte programa às sócias:

## **PROGRAMA GERAL:**

### **O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas propõe-se:**

#### **I**

**Coordenar, dirigir e estimular todos os esforços tendentes à dignificação da mulher.**

#### **II**

**Estudar todos os problemas que envolvem interesses da mulher e, designadamente:**

1 – *Situação jurídica da mulher*: no direito privado e no direito público. Seu exame crítico.

2 – *Situação social da mulher*:

a) – Empregos, cargos e carreiras que lhe estão vedados;

b) – Retribuição do seu trabalho;

- c) – Necessidade da mulher sentir interesse pela vida social e política;
- d) – Necessidade de que todas as mulheres estejam em condições de poder ganhar a vida pelo seu trabalho.

3 – *A família:*

- a) – O papel da família na sociedade actual;
- b) – O problema do divórcio;
- c) – O problema dos trabalhos domésticos;
- d) – A educação dos filhos;
- e) – O problema dos filhos ilegítimos.

4 – *Protecção social à mulher:*

- a) – Luta contra a prostituição;
- b) – Estudo da criminalidade feminina;
- c) – A educação moral da mulher;
- d) – Condições do trabalho feminino;
- e) – Serviço social obrigatório.

5 – *Protecção da mulher e dos filhos sob o ponto de vista sanitário:*

- a) – Certificado médico pré-nupcial;
- b) – O problema das habitações;
- c) – Assistência moral e material às mães;
- d) – Vulgarização de conhecimentos de higiene e puericultura;
- e) – Aplicação do serviço social obrigatório.

6- *Nível intelectual da mulher:*

- a) – O desenvolvimento intelectual que traz a vida profissional e o interesse pelos problemas sociais e políticos;
- b) – O nível intelectual da mulher em função da sua missão educadora;
- c) – O dever e o direito que a mulher tem de contribuir para o património cultural da sociedade.

### III

**Tomar as medidas que lhe pareçam necessárias para a resolução destes problemas, como:**

- 1 - Representações ao Governo;
- 2 – Criação de associações que especialmente se dediquem a determinados grupos homogéneos de interesse, em vista à realização prática dos objectivos do Conselho;
- 3 - Organização de brigadas de instrução em todo o país;
- 4 – Organização de *conferências*, publicações e programas *radiofónicos*.<sup>1139</sup>

Publica-se na *Alma Feminina* de Novembro de 1945, no seu n.º 14, ano XXVIII, tendo como directora e editora Sara Beirão (1884-1974), um artigo de Maria Lamas, agora a Presidente do CNMP, intitulado «Algumas palavras às mulheres portuguesas», onde esclarece as mulheres sobre os objectivos do CNMP:

Dirigimo-nos a todas como de irmã para irmã. E nesta simplicidade fraterna queremos apenas fazer sentir a cada uma a necessidade de nos unirmos para tornar a vida mais bela e melhor. Sim, nós podemos vencer o sofrimento que tortura e amesquinha a humanidade; nós podemos erguer-nos acima das injustiças e crueldades que trespassam o mundo. Podemos e devemos. Os nossos filhos irão connosco, nesta ascensão de amor – os nossos filhos que serão os obreiros da sociedade de amanhã, na tarefa infindável de construir um futuro sempre melhor que o presente. Nesta hora de intensa expectativa, entre o rescaldo da maior guerra da história e uma história e uma paz ainda confusa, nós mulheres, não podemos conservar-nos limitadas aos problemas caseiros, e às tradições familiares, às novidades da moda, aos chás e às festas de caridade.

Felizmente ainda não sentimos de forma directa os horrores da guerra. As nossas energias estão intactas – uma razão a tornar ainda mais forte o nosso dever de nos colocarmos a lado de milhões de mulheres que sofreram todos os tormentos, trabalharam e lutaram, tal qual como os homens, onde quer que a sua actividade e coragem foram precisas.

Eis o que o CNMP pretende: Despertar o interesse de todas para o grande problema da renovação do mundo e levar cada uma a olhar de frente, com serenidade e firmeza, a importantíssima missão que lhe compete. Para isso é indispensável ter consciência de direitos e deveres. Conhecer tudo o que diz respeito à mulher, à criança e à família, integradas na vida da Nação sob múltiplos aspectos. De uma forma geral, a mulher portuguesa não tem pleno conhecimento desses direitos e deveres.

O nosso programa será, portanto:

Esclarecer, orientar e amparar moralmente todas as mulheres, no sentido de as tornar aptas a dar à Pátria e ao Mundo a colaboração indispensável para o seu verdadeiro progresso.

O conselho é de todas e para todas sem distinção de classes.

Aceitaremos todas as ideias e sugestões, que serão devidamente estudadas; ouviremos todas as opiniões, para sinceramente as analisarmos; não nos pouparemos a esforços para dar à mulher portuguesa a possibilidade de valorizar o seu trabalho e melhorar as suas condições de vida, quer no plano económico, quer no plano social e moral.

Que nenhuma tenha acanhamento de se nos dirigir. Só conhecendo com inteira verdade casos e situações por mais dolorosas que sejam – será possível avaliar conscientemente o nível geral das mulheres portuguesas nas diversas classes, e coordenar o trabalho, boa vontade e dedicação que

<sup>1139</sup> *Alma Feminina*, n.º 15, Maio 1946, p. 12.

este conselho deseja pôr ao serviço da sua causa: a dignificação da mulher e a defesa dos seus direitos.

Partindo daquela confiança mútua que deveria ser sempre natural entre os seres humanos sujeitos aos mesmos males e às mesmas lutas, e mais justificada ainda entre nós mulheres, que através de séculos e civilizações vimos suportando injustiças de toda a ordem, demo-nos as mãos, e seremos fortes!

Da nossa força, consciente, generosa e nobre, muito bem poderá vir ao mundo.

A mulher é a Mãe e a mãe influirá sempre na formação do carácter dos filhos. Por eles, tanto como por nós próprias, devemos elevar-nos, moral e intelectualmente, unidas no mesmo desejo firme de conquistar, enfim, o lugar que nos compete ao lado do homem, nosso companheiro nos combates da vida sem exclusão dos mais rudes trabalhos nem das mais graves provações.

O CNMP deseja, pois, ser um lar espiritual aberto a todas as mulheres.

Repetimos: Que assim o compreendam todas, desde a mais culta e lúcida, até à mais ignorante e oprimida, desde a operária à que tem um curso superior ou à simples dona de casa, e teremos dado um grande passo em frente, aproximando-nos, daquela realidade justa, equilibrada e verdadeiramente moral a que tão sinceramente aspiramos.<sup>1140</sup>

O CNMP editava também o *Boletim da Biblioteca do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, tendo o número 1, saído ao público, em Abril de 1946, destacando entre as novidades literárias, o segundo volume de *Inquérito ao Livro em Portugal* por Irene Lisboa (1892-1958), sempre numa preocupação de instruir as mulheres portuguesas.

O CNMP mantinha também a revista *A Mulher*, que iniciou em Dezembro de 1946 e editou o último número em Maio de 1947. No seu primeiro número, apresentava na capa Mrs Ambrose N. Diel, presidente do Conselho Nacional das Mulheres dos Estados Unidos da América. A directora da nova revista do CNMP, Maria Amália Neves (? -?), justifica a mudança do nome da revista, que substitui a anterior, *Alma Feminina*<sup>1141</sup>, “porque a presente denominação corresponderá melhor à índole da publicação e aos fins a que nos propomos”<sup>1142</sup> Lamentando a saída de Sara Beirão (1884-1974), que “manifestou o desejo de abandonar o cargo que durante tantos anos ocupou.”<sup>1143</sup>

A aspiração da revista *A Mulher* “é ser na realidade o órgão de comunicação entre todas as sócias.”<sup>1144</sup>

---

<sup>1140</sup> *Alma Feminina*, n.º 14, Novembro 1945, pp. 1-2.

<sup>1141</sup> A revista *Alma Feminina* iniciou a sua publicação em Janeiro de 1917 e terminou em Maio de 1946, tendo chegado aos 155 números, muitos dos quais se encontram degradados. As suas directoras foram, respectivamente, Maria Clara Correia Alves (1917-1919), Adelaide Cabete (1920-1929), Noémia Neto Ferreira (1931) e Sara Beirão (1934-1946).

<sup>1142</sup> *A Mulher*, n.º 1, Dezembro 1946, p. 3.

<sup>1143</sup> *A Mulher*, n.º 1, Dezembro 1946, p. 3.

<sup>1144</sup> *A Mulher*, n.º 1, Dezembro 1946, p. 3.

O projecto do CNMP foi apresentado pela direcção do Conselho, numa das reuniões das sócias, onde se pedia o alargamento eleitoral, tendo sido levado à Assembleia Nacional, onde foi exarado no Diário das Sessões. Durante o ano de 1945 o CNMP obteve também a aprovação pela repartição respectiva do Ministério do Interior, do modelo do Cartão de Identidade, comprovativo da qualidade de sócia. Esta é uma medida muito necessária para que as sócias do CNMP, em qualquer ocasião que lhes seja preciso, possam justificar a sua filiação no respectivo Conselho.

O número de sócias aumentou durante o ano de 1945, não somente em Lisboa, mas em vários pontos do país. Com a nova direcção há lugar à formação de Comissões de Organização e Propaganda para angariar sócias. Ainda em 1945 houve uma grande adesão ao curso de Imprensa para preparação e adaptação de mulheres para a vida jornalística<sup>1145</sup>. A nova direcção pretende realizar cursos para analfabetos, cursos de puericultura e de línguas.

A revista *A Mulher* destaca que no próximo dia 4 de Janeiro<sup>1146</sup>, se inaugura, na Sociedade Nacional de Belas Artes, durante nove dias a «Exposição de livros escritos por mulheres».

Ao longo da revista, assistimos a uma abordagem de várias mulheres, como Mary Wollstonecraft (1759-1797) a propósito da “educação das nossas filhas” e do livro *A Reivindicação dos Direitos da Mulher*<sup>1147</sup>, que é considerado o livro básico, o alicerce do movimento de emancipação feminina. Referem também Cécile Brunschwig (? -?) de França, que participou na criação da União Francesa para o Sufrágio e ocupou um lugar no governo, tendo sido uma das primeiras mulheres em França a alcançar este cargo<sup>1148</sup>. Foi ainda directora do jornal *La Française*. Outra das mulheres abordadas é Emmelyne Pankhurst (1858-1938), pioneira dos direitos da mulher. O CNMP recebeu da secretária-geral da secção francesa da Federação Abolicionista Internacional uma carta de madame V. Pesson-Depret (? -?) sobre o problema da prostituição. A carta, além de informar que Madame Leroy-Boy viria Lisboa onde seria recebida pelo CNMP<sup>1149</sup>, serve também para dar conta das preocupações da condessa de Pange acerca da situação

<sup>1145</sup> *A Mulher*, n.º 1, Dezembro 1946, p. 5.

<sup>1146</sup> *A Mulher*, n.º 1, Dezembro 1946, p. 7.

<sup>1147</sup> Publicado em 1792.

<sup>1148</sup> Cécile Brunschwig ocupou o lugar de sub-secretária de Estado da Educação Nacional em 1936 conjuntamente com Suzanne Lacore, sub-secretária de Estado da Investigação Científica e Irene Joliot-Curie, sub-secretária de Estado da Protecção da Infância.

<sup>1149</sup> *A Mulher*, n.º 1, Dezembro 1946, p. 10.

da situação de prostituição em Portugal. Em 13 de Outubro de 1945, todas as casas de tolerância foram fechadas em França. Em Paris, mais de setenta e cinco das mulheres detidas nessas casas, encontraram trabalho honesto e mudaram de vida, não tendo havido escândalo pelo fechar das casas. Nesta luta, destacou-se Marthe Richard (1889-1982), que sem ser abolicionista, de longa data, começou esta campanha para conhecer a fundo a questão da prostituição e a sua regulamentação. Uma referência ainda a Josephine Butler, inglesa, morta em 1906 e que obteve a supressão da regulamentação no seu país em 1885, depois de uma luta de 20 anos. Em França foi Ghénia Avril de Saint-Croix (1855-1939) durante a II Grande Guerra, quem a prosseguiu, sendo continuada por Marcelle Legrand-Falco (1889-?). É neste sentido que Madame Leroy-Boy vinha a Lisboa a fim de interessar as mulheres portuguesas por esta campanha.

Em 1945, a Direcção de Serviços de Censura envia às revistas a Circular n.º 238<sup>1150</sup>, com o fim de reduzir ao mínimo os prejuízos que a intervenção da censura possa causar às empresas jornalísticas, levando ao seu conhecimento os assuntos que ficam dispensados de censura prévia, que são os seguintes:

- 1) - Notícias de carácter militar, excepto aquelas que, por se relacionarem com a Defesa Nacional, convém conservar secretas, como sejam as que revelam existências de material ou de efectivos, e as que sirvam a propagandas pessoais, que redundam em desprestígio do Exército;
- 2) - Simples notícias cronológicas;
- 3) - As notícias da vida mundana, religiosa, associativa, comercial, industrial, intelectual e artística, incluindo críticas de teatro, cinema e outras representações;
- 4) - As notícias e relatos de conferências e outras manifestações culturais, não se entendendo como tais, aquelas que revelem propósitos de propaganda subversiva;
- 5) - As informações que podem ser englobadas pela designação de “Boletim do dia”, como:
  - a) Programas de rádio;
  - b) Secção de câmbios e cotações da bolsa;
  - c) Marés;
  - d) Movimento marítimo;
  - e) Farmácias de serviço;
  - f) Boletim meteorológico, dia religioso, etc.
- 6) - Notícias de concessão de dotações para melhoramentos públicos e de inauguração destes;
- 7) - Notícias da Mocidade Portuguesa, da Legião Portuguesa e da organização corporativa;
- 8) - Diplomas legislativos, quando extraídos do Diário do Governo ou enviados pelo Secretariado Nacional da Informação;

---

<sup>1150</sup> Circular n.º 238, enviada pela Direcção dos Serviços de Censura, em 11 de Outubro de 1945 à revista *Alma Feminina*, assinada pelo director, Tenente-coronel Armando Larcher. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 26, referência 2.28.

9) - Notícias e relatos desportivos;

10) - Simples notícias correntes de desastres, roubos, agressões e crimes, devendo, porém, evitar-se as grandes e pormenorizadas reportagens de crimes sensacionais, cuja publicação deverá ser relegada para as páginas interiores. Estas últimas notícias devem ser apresentadas por forma que não acusem os instintos bárbaros que, por vezes, as acompanham;

11) - Escrituras de constituição de sociedades comerciais e industriais, bem como os relatórios e contas das mesmas;

12) - Anúncios, com excepção dos seguintes:

- Oferecendo dinheiro a quem obtenha emprego para um pretendente, mesmo quando tenham a indicação de emprego particular, pois em geral encobrem uma indústria que nada tem de moral;
- De medicamentos ou especialidades farmacêuticas, proibidas nos termos do artigo 11º do Decreto-17 636;
- De astrólogos, bruxas, videntes e outros do mesmo género;
- De correspondência amorosa, de redacção imoral ou ofensiva dos bons costumes;
- De negócios suspeitos, permutas de empregos públicos, de indústrias ilegais, colocação suspeita de capitais;
- De publicações que tenham sido proibidas de circular no país;
- De aposentos “em casa de senhora só”, “garçonnières”, “porta para a escada”, “pouca permanência” e expressões equivalentes;
- Empréstimos a senhoras a troco de alojamento ou para pagar como se combinar, etc.;
- Ofertas de crianças, sob pretexto de dificuldades de vida;
- Dando indicação para encontro ou correspondência com pessoa não nomeada;
- Reclamos de médicos, em termos proibidos pelo Estatuto da respectiva Ordem;
- De rifas, sorteios, etc., sem indicação da residência dos responsáveis;
- Oferecendo títulos do Estado, pois tendo estes o seu mercado e cotação na Bolsa, tais anúncios traduzem descrédito para aqueles valores.

Durante o período eleitoral, encontravam-se também dispensados de censura prévia:

- 1- Os avisos e convocações relativos ao acto eleitoral;
- 2- As notícias e reportagens das sessões e outros actos realizados;
- 3- A matéria respeitante à propaganda dos candidatos, apresentação e defesa das suas ideias políticas;
- 4- A apreciação dos actos de administração pública e do Governo.<sup>1151</sup>

Em 24 de Novembro do mesmo na, 1945, uma circular da Direcção dos Serviços da Censura, assinada por Armando Larcher, Tenente-coronel, vem informar que se espera mais “da auto-censura dos jornais do que da própria Censura oficial, que

---

<sup>1151</sup> Circular n.º 238, enviada pela Direcção dos Serviços de Censura, em 11 de Outubro de 1945 à revista *Alma Feminina*, assinada pelo director, Tenente-coronel Armando Larcher. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 26, referência 2.28.



naturalmente irá diminuindo na medida em que se for sentindo desnecessária”, facto que só se veio a verificar em 1974.

Em 1945, o Conselho Nacional das Mulheres Francesas pretende saber o que se passa em Portugal, a partir da introdução do direito de voto às mulheres. Maria Lamas, deve, assim, na resposta, contemplar os seguintes aspectos primeiramente em relação à infância: criação de hospitais, criação de «gouttes de lait», criação de creches, fundação de bolsas escolares, colónia de férias, trabalho de menores, vigilância da rua no que respeita à prostituição e outros maus hábitos.

No respeitante à protecção da mulher, deveriam ser abordados os seguintes itens: leis a favor das mulheres grávidas, salário feminino, trabalho de noite, trabalho da mulher casada, carreiras abertas as mulheres, luta contra a tuberculose, luta contra as doenças venéreas, vacinação gratuita, criação de policlínicas, desenvolvimento de maternidades, desenvolvimento de serviços médicos diversos, leis sociais. Em relação à velhice pretendia-se saber sobre a existência de lares e seguros. Havia ainda que abordar a luta contra o alcoolismo, cooperativas, controle de preços e a procura da paternidade e responsabilidade paternal para filiação ilegítima.

Em 21 de Novembro de 1945, Maria Lamas<sup>1152</sup>, enquanto presidente do CNMP, escreve a madame la Baronne P. Boël (1877-1956), que era então Presidente do Conseil International des Femmes<sup>1153</sup> a solicitar-lhe aí a filiação do CNMP.

Enquanto presidente do CNMP, Maria Lamas tem várias intervenções, nomeadamente a sua interferência junto do presidente do Conselho de Administração da Companhia de Caminhos de Ferro Portugueses (CCFP), em resposta a um apelo recebido através de uma carta das empregadas de escritório dos serviços centrais da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, que reclamavam “para trabalho igual, salário igual”.

Na sequência da visita da Condessa de Pange (1888-1972)<sup>1154</sup> a Portugal, mais particularmente à sede do CNMP, Maria Lamas recebe o agradecimento de Marthe Boël a 11 de Janeiro de 1946:<sup>1155</sup>

---

<sup>1152</sup> Duplicado dactilografado de Maria Lamas a madame P. Boel. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 26, referência 2.28.

<sup>1153</sup> Fundado em 1888, em Washington.

<sup>1154</sup> Laure Marie Pauline de Broglie, neta da madame de Staël, manteve amizade com várias individualidades, entre as quais o general de Gaulle. Escreveu alguns livros, sendo um deles *Comment j'*

J'ai été très heureuse d' apprendre par la comtesse de Pange que le Conseil National des Femmes Portugaises lui avait fait une chaleureuse réception. Elle m'a communiqué le texte de l'allocation prononcée par votre vice-présidente, dont elle a été touchée, et qui m'apprend que toute une foule enthousiaste de jeunes filles et jeunes femmes vous ont apporté leur adhésion et leur collaboration.

Mademoiselle van Veen m'a communiqué le programme de travail que votre Conseil National se propose de mener à bien. Je suis persuadée que les contacts internationaux vous aideront beaucoup dans votre tâche et je suis heureuse de pouvoir compter sur votre collaboration active au sein du CIF.

A direcção do CNMP, através da revista *A Mulher*, pede às suas associadas que dêem os seguintes dados:

- 1.º Percentagem de analfabetos na região;
  - 2.º Número de mulheres que trabalham;
  - 3.º Profissões predominantes e salários médios;
  - 4.º Creches e escolas infantis e seu funcionamento;
  - 5.º Condições de assistência a mulher grávida que trabalha e à doméstica;
  - 6.º Condições de trabalho da mulher quando grávida e em período de amamentação.
- Estes dados servirão para elaborar exposições e representações a fazer junto das entidades competentes.<sup>1156</sup>

Há lugar na revista para destacar o que se passa no estrangeiro a nível da luta pela igualdade: “em Julho, em França, as mulheres receberão de hora avante por um trabalho igual, salário igual. Acabou o desconto de dez por cento sobre os salários femininos” e na “Índia há duas ministras de gabinete”<sup>1157</sup>.

Em 1946, são eleitos os novos corpos gerentes, de que Maria Lamas continua a fazer parte como presidente, compostos da seguinte forma:

#### **Assembleia-geral:**

Presidente – Isabel Cohen von Bonhorst

Vice-presidente – Dr.ª Elina Guimarães

---

*ai vu 1900*, publicado em 1962, considerado uma fonte de apontamentos sobre a sociedade aristocrática da «Belle Époque».

<sup>1155</sup> Carta dactilografada de Marthe Boël a Maria Lamas, datada de 11 de Janeiro de 1946. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 44, referência 2.101.

<sup>1156</sup> *A Mulher*, n.º 1, Dezembro 1946, p. 11.

<sup>1157</sup> *A Mulher*, n.º 1, Dezembro 1946, p. 13.

1ª Secretária – Maria Lúcia Silva Rosa

2ª Secretária – Alice Martins Carneiro

1ª Vogal – Mariana da Silva

2ª Vogal – Rosa Pereira

**Direcção:**

Presidente – **Maria Lamas**

Vice-presidente – Manuela Porto

Secretária-geral – Maria M. Campos

Tesoureira -Maria Cesarina G. de Castro

1ª Vogal – Dr.ª Cristina Cunha

2ª Vogal -Fernanda Tasso de Figueiredo

3ª Vogal – Maria Tereza Arriaga

**Conselho fiscal**

Presidente – Dr.ª Eufrosinda Teixeira

Secretária – Maria Berta Paneiro Duarte

Relatora – Dr.ª Gabriela Salgueiro

**Comissão do boletim:**

Directora – Dr.ª Maria Amália Neves

Editora – Lucinda relvas

Secretária de redacção – Maria das Dores Cabrita

Redactora – Hortense de Almeida

Gerente e tesoureira – Lucinda Relvas<sup>1158</sup>

**Comissão de assistência:**

Emiliana Cabrita

Marieta Roque da Fonseca

---

<sup>1158</sup> Lucinda Relvas declinou o cargo, tendo sido provisoriamente substituída por Leonarda Paiva Martins.

Lucinda Relvas

**Comissão de propaganda:**

Cecília Simões

Maria da Luz Albuquerque

Lucinda de Andrade

**Comissão jurídica:**

Dr.<sup>a</sup> Elina Guimarães.<sup>1159</sup>

No entanto, Maria Lamas não foi sempre feminista. A 8 de Dezembro de 1935, em resposta a um inquérito realizado às mulheres portuguesas, pelo jornal *O Diabo*<sup>1160</sup> a jornalista afirmava que:

A maior aspiração da mulher é viver a vida de modo a ser feliz, uma aspiração muito humana. Quanto às aspirações do feminismo...de um modo geral, estou fora do problema do feminismo, porque não o compreendo nem o sinto como a maioria das mulheres. Não me interessa, por exemplo, a luta pela conquista de direitos políticos, pois só a «política humana» merece a minha atenção de mulher. Fala-se também muito em erros e deficiências de ordem jurídica...é certo. Mas reconheço, contudo, que a maioria das mulheres portuguesas não possui uma personalidade para merecer a igualdade com o homem perante a lei. [...] O sentido da mulher inteligente deve voltar-se para o lar, tornando-o belo e doce, e para a criação dos filhos – fazendo deles seres moral e espiritualmente superiores, que dignifiquem a sociedade a que pertençam e a mãe que os criou. Quanto mais inteligente for a mulher mais possibilidades tem de ser uma boa mãe e de ser feliz. [...] A mulher é acima de tudo, a mãe. Só sendo mãe ela é verdadeiramente mulher. [...] A maternidade enriquece o espírito da mulher e é uma fonte de continuidade.

Em 24 de Setembro de 1946, o CNMP recebe uma carta<sup>1161</sup> do presidente do Instituto para a Alta Cultura, Gustavo Cordeiro Ramos (1888-1974), em Lisboa, a pedir os mais recentes exemplares da revista *Alma Feminina* para figurar na Biblioteca Geral do Conselho Superior de Investigações Científicas de Espanha. Isto passa-se aquando da abertura da biblioteca, cuja inauguração seria a 12 de Outubro de 1946. O Instituto da Alta Cultura foi

Honrosamente convidado a criar a Secção Bibliográfica Portuguesa, que vai permitir objectivar nesse magnífico centro de trabalho a contribuição da cultura nacional nas diversas expressões literárias, científicas e artísticas. Para completar o elenco de obras oferecidas pelo Instituto para aquele fim, afigura-se de elevado interesse exhibir as mais representativas e importantes publicações periódicas portuguesas. Por tal motivo venho solicitar a V. Ex.<sup>a</sup> que do periódico

<sup>1159</sup> *A Mulher*, n.º 1, Dezembro 1946, p. 14.

<sup>1160</sup> *O Diabo*, n.º 76, 8 de Dezembro 1935, p.7.

<sup>1161</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, Caixa 26, referência 2.28.

que tão proficientemente dirige se digne ceder os mais recentes exemplares editados, pelo que previamente manifesto o meu agradecimento.

A carta de Gustavo Cordeiro Ramos informava ainda que “entre as vantagens advindas, seguramente, desta modalidade de intercâmbio cultural espera este Instituto conseguir, ulteriormente, o estabelecimento de permutas, que na devida oportunidade terei o prazer de levar à apresentação de V. Ex.<sup>a</sup>”, do que podemos inferir, em 1946, a existência do CNMP era bem vista pelo poder político.

Anália Torres lamenta a saída de Maria Lamas da revista *Modas & Bordados* “onde a amiga e compassiva Tia Filomena dava tanto conforto espiritual e guiava tão nobremente aquele mundo de sobrinhas que muito a admiravam”<sup>1162</sup>, referindo as consequências negativas em relação ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, o qual só praticaria “a política da boa cooperação, a política da fragilidade humana: a mulher e a criança” e que se norteava por “trabalhar pelo bem da mulher e da criança.”<sup>1163</sup>

Eram enviados a vários jornais e revistas dois exemplares do Boletim informativo do CNMP, *Alma Feminina*, a saber: *O Comércio do Porto*, *Diário de Lisboa*, *Diário da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Jornal de Notícias*, *O Século*, *A Voz*, *Primeiro de Janeiro*, *Diário Popular*, *Jornal de Comércio*, *Diário do Alentejo*, *Diário de Coimbra*, *Notícias de Évora*, *Novidades*, *República*, *Victória*, *Jornal de Elvas*, *A Comarca da Sertã*, *A Gazeta do Sul*, *Eva* (revista feminina), *Revista Ver e Crer*, *A Vida Mundial*, *O Mundo Português*, *O Sol*, *Seara Nova* e *Brotéria*. Como se pode verificar o boletim era enviado para todo o continente, não se percebendo porque não seguia também para as ilhas e para o território ultramarino.

Em Maio de 1947, Maria Lamas<sup>1164</sup> agradece a madame Marthe Boël, o convite para estarem presentes delegadas do CNMP no congresso a realizar em Filadélfia, mas vai dizendo que será difícil, por causas diversas, sem especificar quais.

M. L. Puech, presidente da Comissão da Educação, do Conselho Nacional das Mulheres Francesas, envia a Maria Lamas, através de carta<sup>1165</sup>, um longo questionário

---

<sup>1162</sup> Carta manuscrita de Anália Torres a Maria Lamas, datada de 8 de Novembro de 1947, na Biblioteca Nacional de Portugal, E - 28, caixa 4, referência 1.36.

<sup>1163</sup> Carta manuscrita de Anália Torres a Maria Lamas, datada de 8 de Novembro de 1947, na Biblioteca Nacional de Portugal, E - 28, caixa 4, referência 1.36.

<sup>1164</sup> Duplicado de carta dactilografada de Maria Lamas a Marthe Boel, datada de 29 de Maio de 1947. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, Caixa 26, referência 2.28.

com cinco questões, cujas respostas devem ser dadas até 15 de Junho, a fim de preparar o discurso para o congresso de 1947:

1. Quais as modificações recentes para o ensino primário e secundário, do estado e do sector privado, e no ensino para os adultos, no campo e na cidade? Como e em que se diferencia o ensino do campo do da cidade?
2. Se há igualdade de salário nos professores e se a mulher casada pode manter o seu posto?
3. Qual a percentagem de estudantes universitários homens/mulheres na universidade? Qual a percentagem de professoras mulheres comparada com os homens, e o que acha de na América haver universidades masculinas ou só femininas?
4. Se há uma democratização do ensino com livre acesso para todos? Que pensa Maria Lamas sobre isso, e se acha que as bolsas de estudo não resolveriam o assunto?

Maria Lamas deve contactar a Comissão Nacional de UNESCO no seu país e fazer representar o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Finalmente, pede a Maria Lamas para ler os boletins enviados a fim de se manter sempre informada. Pelo teor das questões apresentadas, podemos ter uma ideia do trabalho desenvolvido pelos Conselhos de Mulheres, tanto Nacionais como Internacionais e de como se preparavam para o Congresso.

No contexto português, em que as mulheres têm acesso restrito enquanto eleitoras e são «utilizadas» enquanto elegíveis, e em que se regista um elevado analfabetismo, sobretudo entre as mulheres, Maria Lamas, enquanto presidente do CNMP, ousou ter uma posição claramente política de contactos e intervenções que visam a mobilização das mulheres, quer a nível da oposição ao regime, assinando as listas do MUD, e nomeando Maria Alda, que era responsável pelo «sector de Mobilização e Organização das Mulheres Comunistas», que funcionava à escala nacional, como delegada de província do CNMP, tendo como principal incumbência a angariação de sócias a nível nacional e a criação das respectivas delegações do CNMP; quer a nível de contactos com a elite de mulheres do Estado Novo, nomeadamente

---

<sup>1165</sup> Carta dactilografada de M. L. Puech a Maria Lamas, datada de 1 de Junho de 1947. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E- 28, Caixa 44, referência 2.101.

integrando a Comissão Organizativa do Movimento Abolicionista Português (COMAP).<sup>1166</sup>

Em 1947, oito dias depois da Exposição nas Belas Artes, o CNMP é encerrado. A explicação é-nos dada por Karen Offen: “os movimentos fascistas do século XX eram fundamentalmente e enfaticamente antifeministas. Contudo, isso quase não é referido nos relatos históricos convencionais.”<sup>1167</sup>

A 27 de Novembro de 1947, o jornal *O Século* noticia o desfecho do encerramento da sede do CNMP de uma forma completamente lacónica, sem a mínima referência a Maria Lamas:

O Sr. Governador Civil de Lisboa, por despacho de 4 de Junho último, mandou encerrar a sede do CNMP, por não lhe reconhecer existência legal. O Conselho recorreu para a Auditoria Administrativa de Lisboa, que deferiu a suspensão daquela decisão, o que levou o chefe do distrito a recorrer para o Supremo Tribunal Administrativo, fundado em que do encerramento se não verifica dano irreparável ou de difícil reparação. Segundo o acórdão ontem publicado no «Diário do Governo» o Supremo deu provimento ao recurso do Sr. Governador Civil, revogando o despacho recorrido, bem como aquele que recebeu o recurso contencioso por julgar a Auditoria Administrativa incompetente para dele conhecer.

Mesmo com a inexistência em Portugal do CNMP, Maria Lamas continua a receber correspondência de organizações internacionais com fim à filiação do Conselho.

É o caso da União Internacional dos Organismos Familiares, na pessoa do seu presidente<sup>1168</sup>, Robert Boudet, que teve conhecimento do organismo português através da presidente do Conselho Nacional das Mulheres Francesas, a senhora Pichon-Landry.

Mas não foi um trabalho em vão. Muito pelo contrário. Os movimentos reivindicativos femininos, reflexo de uma tomada de consciência, surgidos por altura da Revolução de Abril, são a prova de que o fermento deixado pelo CNMP tinha actuado.

---

<sup>1166</sup> Célia Rosa Batista Costa, *O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947) – uma Organização Feminista*, Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, Universidade Aberta, Lisboa, 2007, p. 86.

<sup>1167</sup> Karen Offen, «Erupções e fluxos: reflexões sobre a escrita de uma história comparada dos feminismos europeus, 1700-1950», in Anne Cova ( direcção), *História Comparada das Mulheres*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008, p. 39.

<sup>1168</sup> Carta dactilografada assinada por Robert Boudet a Maria Lamas, datada de 24 de Março de 1948. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, Caixa 44, referência 2.101.

## 2. ORGANIZAÇÕES POSTERIORES AO CNMP

Em 8 de Março<sup>1169</sup> de 1910, durante a Conferência Internacional das Mulheres realizada em Copenhaga, a grande militante revolucionária Clara Zetkin propôs que esse dia passasse a ser celebrado como uma grande jornada internacional da Mulher.<sup>1170</sup> Após a Segunda Guerra Mundial o Movimento das mulheres cresceu, alargou e deu lugar à criação da Federação Democrática Internacional das Mulheres (FDIM) que nasceu em Paris no dia 1 de Dezembro de 1945.

A Federação Democrática Internacional das Mulheres editou, em 1964, uma brochura intitulada «Protecção dos Direitos da Mulher e da Criança», na posse de Maria Lamas<sup>1171</sup>, composta por três capítulos informativos sobre a condição da mulher.

O I capítulo é sobre a importância da protecção dos direitos da mulher e da criança. No que se refere ao papel dos movimentos femininos é sugerido que se deve seguir atentamente a actividade da assembleia-geral da ONU e da comissão da Condição da Mulher.

O capítulo II é alusivo aos instrumentos internacionais concernentes à protecção dos direitos particulares da mulher e da criança; os direitos políticos das mulheres; a nacionalidade da mulher casada; o direito familiar; o pagamento de alimentação no estrangeiro; o consentimento do casamento; a idade mínima do casamento e o registo dos casamentos; a proibição da escravatura; a protecção da mulher e criança em matéria penal; convenções sobre a mulher e a criança trabalhadora; a igualdade dos direitos da mulher; convenção número 100 sobre a igualdade de remuneração da mão-de-obra masculina e feminina para um trabalho de valor igual; medidas discriminatórias em matéria de emprego e de profissão; protecção da maternidade; convenção da idade

---

<sup>1169</sup> Porquê no 8 de Março? Foi em 8 de Março de 1857 em Nova York. As operárias da indústria têxtil, que trabalhavam então 16 horas por dia, resolveram lançar o seu grito de revolta, não mais aceitando verem-se reduzidas a simples objectos, a máquinas de produzir sem os mínimos direitos, sem as mínimas condições que tornam digna a vida dos seres humanos. Unidas numa só vontade recusaram-se a trabalhar. Reivindicavam a diminuição da jornada de trabalho. Exigiam aumento de salários. Vestidas de farrapos, pés descalços, desfilaram pelas ruas de Nova York. Apesar da repressão policial aquelas operárias têxteis provocaram a admiração de todo o mundo e acabaram por vencer. Cf. *Nós as Mulheres*, n.º 2, 24 de Janeiro de 1977, p. 8.

<sup>1170</sup> Cf. *Nós as Mulheres*, n.º 2, 24 de Janeiro de 1977, p. 8.

<sup>1171</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 21, referência 2.19.



mínima de admissão dos menores em alguns trabalhos; idade mínima de admissão ao trabalho a bordo dos barcos de pesca; idade mínima de admissão ao trabalho subterrâneo nas minas de carvão; convenção sobre o exame médico de aptidão ao trabalho das crianças e adolescentes; exame médico de adolescentes para o trabalho na indústria; convenção sobre o limite de trabalho nocturno das crianças e adolescentes empregados em trabalhos não industriais; apreciação das convenções e das recomendações adoptadas pela Organização Internacional do Trabalho; protecção à mulher e à criança na instrução.

No capítulo III são apresentadas as conclusões, assinadas pelo secretariado da Federação Democrática Internacional das Mulheres de Berlim, um questionário alusivo às temáticas indicadas nos dois primeiros capítulos a fim de se saber se eram ou não seguidas as orientações previstas, em relação às quais Portugal era dado como um país participante na convenção relativa à abolição da escravatura e na convenção sobre as medidas discriminatórias em matéria de emprego e de profissão.

Em relação à convenção sobre a protecção da maternidade apenas os seguintes países tinham participado: Cuba, Equador, Hungria, República Socialista da Bielorrússia, República Socialista da Ucrânia, URSS, Uruguai e Jugoslávia.

O boletim oficial do MDM<sup>1172</sup> traça uma resenha breve sobre Maria Lamas, na rubrica «Nós em Portugal», destacando a sua importância na sociedade portuguesa:

Maria Lamas, uma mulher que pelo seu exemplo de vida ficará na história do nosso povo, é presidente Honorária do nosso Movimento.

Presa quatro vezes pela polícia fascista, presidente do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas que foi encerrado pela PIDE/DGS, Maria Lamas é um exemplo e um estímulo para nós mulheres.

Natural de Torres Novas, como mulher resistente, foi alvo de uma semana de homenagem na qual o MDM participou.

Sendo Presidente Honorária do MDP, Maria Lamas é solicitada a participar em vários acontecimentos, como seja abaixo-assinados ou outras iniciativas. Em 1981, responde<sup>1173</sup> o seguinte:

---

<sup>1172</sup> *Nós as mulheres*, n.º 1, 1976, p. 5.

<sup>1173</sup> Rascunho de carta manuscrita enviada ao MDM por Maria Lamas, datado de 3 de Novembro de 1981. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 14, referência 1.330.

Queridas Amigas:

Recebi a vossa carta comunicando-me a formação da Comissão de Mulheres em Defesa da Constituição da República Portuguesa e enviando-me o apelo do nosso Movimento para lançamento de um abaixo-assinado subscrito por essa Comissão.

Estou convosco de todo o coração e com o maior interesse, mas infelizmente pouco poderei fazer, porque os meus 88 anos, muito cansados, pouca resistência têm já, além de sentir as minhas forças físicas muito diminuídas.

Fiz durante toda a vida, o mais que me foi possível pela dignificação da Mulher e na defesa dos seus direitos, mas agora pouco mais poderei fazer do que dar o meu nome para apoiar todos os documentos e todas as iniciativas do MDM, e a minha presença sempre que possa.

Em outra ocasião, dada a impossibilidade de estar presente na homenagem a Maria Isabel Aboim Inglez (1902-1967), prestada por uma delegação do norte, na cidade do Porto, Maria Lamas dirige a seguinte missiva<sup>1174</sup> à Doutora Margarida Carmona:

Impossibilitada motivo de saúde estar convosco pessoalmente nesta celebração do trabalho da mulher, o que muito me desgosta, convosco está o meu coração e profunda solidariedade assim como vos acompanho com fervorosa admiração na homenagem prestada à memória da grande defensora da Mulher e de todas as liberdades democráticas Maria Isabel Aboim Inglês.

Espero e desejo poder em breve manifestar mais uma vez publicamente nessa cidade o meu interesse por todos os problemas referentes à Mulher e ao progresso material político e moral do Povo Português.

Saúdo essa Assembleia e dou minha adesão calorosa a todas as moções aprovadas envolvendo num fraternal abraço as corajosas e abnegadas mulheres do Norte.

Maria Lamas

### 3. NORTON DE MATOS

A oposição democrática de Maria Lamas ao regime salazarista durante as eleições presidenciais e legislativas, no período compreendido entre 1949 e 1951, prende-se com as seguintes questões fundamentais: a relevância da intervenção das mulheres no espaço público; a importância política e constitucional dos actos eleitorais, que marcaram momentos altos da luta contra a ditadura; o facto de oferecerem condições de possibilidade para os movimentos de oposição se manifestar, alimentando a esperança de que, por via eleitoral, o sistema político poderia ser alterado.

---

<sup>1174</sup> Rascunho de carta manuscrita enviada a Margarida Carmona por Maria Lamas, não datado, mas por se tratar de uma homenagem a Maria Isabel Aboim Inglez, e haver um convite para estar presente no Porto, pensamos que deve ter sido na década de setenta do século XX. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 14, referência 1.330.

As eleições presidenciais eram aquelas que mais mobilizavam a opinião pública, os interesses dos movimentos de oposição e das organizações culturais. Possibilitavam, apesar da vigilância cerrada exercida pela polícia política, momentos de abertura para fazer propaganda eleitoral em torno dos candidatos democratas, debater questões políticas, expressar opiniões divergentes e movimentar as camadas da população trabalhadora e mais desfavorecida em torno das suas reivindicações.

Fernando Rosas explica desta forma a constituição do MUNAF:

Portugal apressou-se a declarar, logo a 3 de Setembro de 1939 a sua neutralidade face à eclosão da Segunda Guerra Mundial a 1 do mesmo mês. A neutralidade portuguesa foi invocada sob os princípios da Aliança Luso – Britânica, instrumento tutelar da política externa portuguesa, reafirmado pelo próprio Oliveira Salazar em 1935, mesmo durante a crise espanhola, e com a anuência da Grã-Bretanha.

Até Dezembro de 1943, data da constituição do Movimento de Unidade Nacional Anti-fascista (MUNAF) – que viria a contribuir para o recrudescimento da oposição organizada ao Estado Novo no seguimento do processo de reorganização do Partido Comunista a partir de 1940.<sup>1175</sup>

Em finais de 1943 fora possível constituir uma frente oposicionista, primeiro chamada União Antifascista (ou Conselho nacional de Unidade Antifascista) e mais tarde Movimento de Unidade Nacional Antifascista – MUNAF, sustentado por um leque de organizações políticas que ia desde o Partido Republicano ao PCP passando pelo grupo da Seara Nova e a Maçonaria. Tinha nesse movimento, uma posição de destaque, o Professor Bento de Jesus Caraça. Não se sabe ao certo quando passou Norton de Matos a presidir esta organização. É provável que apenas tal se tenha verificado apenas depois dos primeiros meses de vida do movimento, em que o respectivo programa foi elaborado.<sup>1176</sup>

António Ventura considera que:

O acontecimento de maior relevo, em 1945, para os democratas ou oposicionistas ao regime, foi a fundação do Movimento de Unidade Democrática. As adesões aos princípios enunciados pelo MUD sucederam-se em intermináveis listas publicadas na imprensa oposicionista<sup>1177</sup>, dando-se um relevo especial aos profissionais liberais e aos intelectuais (*República* de 21-10-1945). Entre os escritores que prontamente manifestaram concordância com o Movimento de Unidade Democrática encontravam-se José Régio, João Gaspar Simões, Branquinho da Fonseca, Adolfo Casais Monteiro, Miguel Torga, Joaquim Namorado, João José Cochofel, Mário Dionísio, Fernando Lopes Graça, António Navarro, Edmundo de Bettencourt, Manuel Mendes, Irene

<sup>1175</sup> Joel Serrão e A. H. Oliveira Marques ( direcção), Fernando Rosas ( coordenação), *Nova História de Portugal - Portugal e o Estado Novo (1930 – 1960)*, volume XII, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p.42.

<sup>1176</sup> José Norton, *Norton de Matos, Biografia*, Lisboa, Bertrand Editora, 2002, p. 374.

<sup>1177</sup> As listas foram publicadas no jornal *República* no ano de 1945.

Lisboa, José Gomes Ferreira, José Bacelar, Afonso Duarte, Olavo d'Eça Leal e Vitorino Nemésio, entre muitos outros.<sup>1178</sup>

De notar que não é referido pelo historiador o nome de Maria Lamas em relação ao MUD, sendo nomeado aquando da criação da Comissão Nacional para a Defesa da Paz, sobre a qual afirma que foi animada por “Maria Lamas, Manuel Valadares e Ruy Luís Gomes.”<sup>1179</sup>

O MUNAF constituiu, assim, a escassos meses do desembarque aliado na Normandia, o coroar da reactivação da oposição ao regime e das lutas sociais contra o custo de vida, os salários baixos, as condições de trabalho e de vida, no quadro das práticas especulativas e do mercado negro implicados pelos efeitos da guerra.<sup>1180</sup>

Do MUNAF em declínio acaba por formar-se, em Outubro de 1945, por iniciativa de um conjunto de individualidades que tentavam também sacudir o domínio daquela organização por parte dos comunistas, o Movimento de Unidade Democrática com vista a disputar as eleições marcadas para Novembro. Este movimento, que dispôs de um regime de semilegalidade e mitigada liberdade, conseguiu em pouco tempo uma importante adesão popular. Parecia assim recompensada a opção de lutar pelo poder através da via legal, que se contrapunha às linhas que se continham no MUNAF: a conspirativa e a revolucionária. O êxito foi tão grande que o governo fez marcha atrás, e usando diversos expedientes, começou a prejudicar seriamente as possibilidades eleitorais do movimento. Discutiu-se, em consequência, a oportunidade de desistir de concorrer às eleições, facto pelo qual se bateu a ala esquerda do movimento o que veio a acontecer. Mas o movimento continuou passando a acolher representantes do Partido Comunista, o qual aspirava a obter ascendente na comissão central. Durante o ano de 1946, o MUD aproveitou todas as oportunidades para intervir na vida pública, quer por manifestações em datas comemorativas quer através da emissão de propaganda. Entretanto no meio académico tinha-se constituído o MUD Juvenil, organismo muito activo, praticamente dominado pelos comunistas e onde se encontravam, entre muitos

---

<sup>1178</sup> António Ventura, «A oposição ao Estado Novo», *História de Portugal-O Estado Novo (III)*, dir. João Medina, vol. XVII, Amadora, Ediclube, 2004, p. 195.

<sup>1179</sup> António Ventura, «A oposição ao Estado Novo», *História de Portugal-O Estado Novo (III)*, dir. João Medina, vol. XVII, Amadora, Ediclube, 2004, p. 211.

<sup>1180</sup> Cf. Joel Serrão e A. H. Oliveira Marques (dir.), *Nova História de Portugal - Portugal e o Estado Novo (1930 – 1960)*, vol. XII, Lisboa, Editorial Presença, 1990, p.47.

jovens de vinte anos, Francisco Salgado Zenha e Mário Soares que liderava o movimento.

Nos finais de Outubro de 1946, Norton de Matos é convidado para integrar a Junta Consultiva do MUD por Azevedo Gomes e Bento de Jesus Caraça, numa altura em que o governo se empenhava em perseguir e rebaixar o movimento. Norton de Matos acede à inclusão do seu nome na lista, em que constavam alguns dos nomes dos mais notáveis intelectuais portugueses. Além de Maria Lamas<sup>1181</sup>, estavam presentes na lista João de Barros, António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Rocha Martins, tenente-coronel Lelo Portela, professor Ferreira de Macedo, professor Fernando da Fonseca, professor Ferreira de Mira, almirante Afonso de Cerqueira, José de Magalhães, Adelino da Palma Carlos, Carlos Olavo e Emílio Costa. Foi este grupo de personalidades que elegeu Norton de Matos para presidente da Junta Consultiva e António Sérgio para vice-presidente. A ilegalização do MUD viria a ocorrer em Janeiro de 1948.

#### 4. CONGRESSOS

##### 4.1. A PAZ

Cristine de Pisan, considerada historicamente a primeira feminista, foi a primeira mulher a levantar o seu protesto individualista, mas de “um valor condenatório e profético”<sup>1182</sup> contra a guerra “tal como o levantou contra as injustiças que feriam o sexo feminino e as normas sociais da sua época”.<sup>1183</sup>

No forte movimento pacifista, dos meados do século XIX, diversas são as associações femininas.<sup>1184</sup> Entre elas destacam-se: Sociedade Feminina da Paz e Negociação de Liverpool e Birkenhead, fundada em 1886; Liga Internacional Feminina da Paz, em 1895, em Connecticut; Associação Alemã para a Propaganda da Paz

<sup>1181</sup> José Norton, *Norton de Matos, Biografia*, Lisboa, Bertrand Editora, 2002, p. 385.

<sup>1182</sup> *Mulheres*, n.º 66, Outubro de 1983, p. 42.

<sup>1183</sup> *Mulheres*, n.º 66, Outubro de 1983, p. 42.

<sup>1184</sup> A Associação dos Amigos da Paz, cujo objectivo visava defender a paz, foi fundada nos Estados Unidos da América, em Nova York, em 1815, tendo-se estendido, posteriormente a outros países.

Internacional, que não sendo exclusivamente feminina, organiza uma forte comissão de mulheres; União Internacional de Mulheres, em 1895; Liga de Mulheres para o Desarmamento Internacional, Paris, em 1897 e a Paz e o Desarmamento pelas Mulheres, em 1899, entre outras. No nosso país, a vice-presidente da Liga das Mulheres para o Desarmamento Internacional é Alice Pestana (1860-1929), sendo acompanhada de um grupo auxiliar de que constam diversas feministas: Adelaide Cabete, Carolina Beatriz Ângelo, Albertina Paraíso, Cláudia de Campos, Virgínia Quaresma.<sup>1185</sup> A este propósito, João Esteves refere a existência de mais duas organizações: a «Secção feminista» da Liga Portuguesa da Paz, fundada em 1906 e tendo como dirigentes Cláudia de Campos, Domitila de Carvalho, Emília Patacho, Maria do Carmo Lopes, Olga Sarmiento da Silveira e Virgínia Quaresma e a organização *La Paix et le Désarmement par les Femmes*, que tinha como objectivo resolver os conflitos internacionais mediante o recurso à arbitragem, implantando comités em diversos países, ficando as responsáveis nacionais subordinadas à dirigente francesa Sylvie Flammarion. As dirigentes desta organização eram Adelaide Cabete, Albertina Paraíso, Aureliana Teixeira Bastos, Carolina Beatriz Ângelo, Madalena Frondoni Lacombe, juntamente com todas as dirigentes da «Secção feminista» da Liga Portuguesa da Paz à excepção de Olga Sarmiento da Silveira.

A Associação Feminina Portuguesa para a Paz<sup>1186</sup> foi constituída, nos termos do artigo 1º da lei de 14 de Fevereiro de 1907, a 8 de Fevereiro de 1936. Os fins são promover conferências, organização de uma biblioteca, de exposições, de projecções cinematográficas, etc. conforme atesta o secretário do Governo Civil de Lisboa, C. Olavo.

Os estatutos da recém criada Associação são os que a seguir se apresentam:

## CAPÍTULO I

### **Da Associação e seus fins**

<sup>1185</sup> *Mulheres*, n.º 66, Outubro de 1983, p. 43.

<sup>1186</sup> Doravante designada por AFPP.

Artigo 1.º - a Associação Feminina Portuguesa para a Paz, originada pelas constantes ameaças que pairam sobre o mundo e põem em sobressalto o coração de todas as mulheres – esposas, mães, filhas, irmãs e noivas – que teriam a lastimar, mais uma vez, a sorte dos entes queridos, é um organismo destinado a auxiliar a defesa da Paz mundial e fica regido pelos presentes Estatutos.

Parágrafo § - Não tem cor política nem religiosa e entende manter uma colaboração de boas vontades destinadas ao mesmo tempo, à Pátria e ao conjunto da comunidade humana.

Artigo 2.º - Para atingir os seus fins, a Associação propõe-se:

- a ) Promover a realização de conferências, organização de uma biblioteca, de exposições, de projecções cinematográficas, etc., tudo tendendo ao desenvolvimento da Paz Universal;
- b ) Promover e fomentar um intercâmbio intelectual com todas as Associações congéneres;
- c ) Publicar um boletim orientador da sua conduta e elucidativo da sua situação;
- d ) Prestar a assistência possível aos órfãos e outras vítimas da Guerra, em colaboração com as organizações portuguesas de idênticos fins.

Artigo 3.º - A Associação terá a sua sede em Lisboa. Poderá criar delegações em quaisquer localidades do País – Portugal continental, insular e colonial.

## CAPÍTULO II

### Dos Sócios

Artigo 4.º - Haverá três categorias de sócios: efectivos, auxiliares e honorários.

- a) São sócios efectivos apenas os indivíduos, do sexo feminino, propostos por dois sócios, e que satisfaçam a respectiva cota mensal, de 1\$50;
- b) São sócios auxiliares todos os indivíduos do sexo masculino que o desejem e ainda as colectividades legalmente constituídas, obrigando-se os primeiros ao pagamento de uma cota mensal de 3\$00 e as segundas a uma cota mensal cuja importância será estipulada por acordo entre essas colectividades e o Conselho Fiscal da Associação Feminina Portuguesa para a Paz;
- c) São considerados sócios honorários todos os indivíduos de ambos os sexos, que, por terem prestado grandes serviços à causa da Associação, sejam eleitos, por maioria, em reunião de Assembleia-geral.

Parágrafo § - Serão isentas de pagamento de cotas as sócias cuja situação económica o justifique e por determinação da direcção.

Artigo 5.º - Só é permitida a entrada na sede da Associação aos sócios efectivos e honorários.

Parágrafo § - Será permitida a frequência da sede e colaboração nos trabalhos da associação aos sócios auxiliares ou quaisquer indivíduos que para isso tenham a devida autorização da direcção e logo que venham acompanhados de duas sócias efectivas ou honorárias.

Artigo 6.º - Só têm direito a tomar parte nos trabalhos da Assembleia-geral os sócios que tenham seis meses de inscrição e de pagamento de cotas.

Artigo 7.º - São deveres do sócio efectivo:

- a) Frequentar com regularidade a sede;
- b) Aceitar e exercer gratuitamente os cargos para que foram nomeados ou eleitos;
- c) Tomar parte nos trabalhos da Assembleia-geral.

Artigo 8.º - São deveres de todos os sócios:

- a) Empregar o máximo de esforço em prol dos objectivos que visa a Associação, apresentando novos sócios e mantendo um estreito contacto espiritual com os outros associados;
- b) Colaborar no boletim enviando notícias ou desenvolvendo temas que visem os objectivos da Associação.

### CAPÍTULO III

#### **Da organização colectiva**

##### *a) Assembleia-geral*

Artigo 9.º - A Assembleia-geral é constituída por todos os sócios efectivos.

Artigo 10.º - Todos os poderes da associação residem na Assembleia-geral. Esta delega a administração numa direcção composta por uma presidente, uma vice-presidente, duas secretárias, uma tesoureira e duas vogais.

Artigo 11.º - A presidente da Direcção, os membros da Mesa da Assembleia-geral e os membros do Conselho Fiscal serão eleitos, anualmente, em Assembleia-geral ordinária que reunirá uma vez por ano durante o segundo trimestre.

Parágrafo § - A presidente da Direcção escolherá os restantes membros desta.

Artigo 12.º - A Mesa da Assembleia-geral é constituída por quatro membros: uma presidente, uma vice-presidente e duas secretárias.

Artigo 13.º - As votações serão feitas por escrutínio secreto e as decisões tomadas por maioria de votos.

Parágrafo § - Em caso de empate proceder-se-á a nova eleição.

Artigo 14.º - É da atribuição da Assembleia-geral, além da eleição dos corpos gerentes, a discussão e aprovação dos relatórios referentes à actividade do ano transacto.

Artigo 15.º - Extraordinariamente reunirá:

- a) A pedido da presidente da Direcção;
- b) Quando o solicite por requerimento ou com motivo fundado, pelo menos um quarto dos sócios efectivos.

Artigo 16.º - A Assembleia-geral só poderá deliberar quando estejam presentes, em primeira convocação, mais de metade dos sócios efectivos. Em segunda convocação, serão consideradas válidas todas as resoluções tomadas pela maioria absoluta dos sócios presentes, e, esta só poderá ter lugar num intervalo não inferior a uma hora depois da primeira convocação.

Parágrafo § - A Assembleia-geral deverá ser convocada por intermédio da imprensa e por avisos afixados na sede, com oito dias de antecedência.

##### *b) Direcção*

Artigo 17.º - A presidente da Direcção de colaboração com os demais membros, redigirá, na primeira reunião, um plano que orientará os trabalhos da Direcção durante o tempo do seu exercício.



Artigo 18.º - A Direcção reunirá, ordinariamente, uma vez, por semana, e, extraordinariamente, todas as vezes que o julgue necessário.

Artigo 19.º - As deliberações da Direcção serão tomadas em reunião por maioria dos seus membros.

Artigo 20.º - A secretária da direcção fará uma minuta, que lançará no livro das actas, de todos os assuntos tratados na reunião.

Artigo 21.º - A direcção publicará sempre no seu boletim, um relatório da sua actividade, bem como os resultados financeiros da gerência.

Artigo 22.º - Estes Estatutos só podem ser modificados em Assembleia Geral, convocada expressamente para esse fim, modificação que só terá valor depois de sancionada pelas entidades oficiais.

#### *c ) Conselho Fiscal*

Artigo 23.º - O conselho Fiscal é constituído por uma presidente, duas vogais e duas suplentes competindo-lhe:

- a) Examinar todos os documentos de receita e despesa, bem como as respectivas contas;
- b) Elaborar anualmente o seu parecer sobre a gerência da Associação;
- c) Verificar o exacto cumprimento de toda a legislação da Associação, na parte administrativa.

### CAPÍTULO IV

#### **Actividade da Associação**

Artigo 24.º - A actividade da Associação desenvolve-se dentro dos limites fixados pelo Artigo 2 e dentro das formas que lhe impõe o objectivo elevado a que se propõe.

### CAPÍTULO V

#### **A Dissolução da Associação**

Artigo 25.º - A dissolução da Associação só pode ser declarada em Assembleia Geral, convocada especialmente para esse fim, e pela maioria de três quartos dos membros presentes. No caso de dissolução, os arquivos bem como os haveres devem ter o destino que a lei determinar.

Lisboa, 10 de Novembro de 1935.<sup>1187</sup>

---

<sup>1187</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 16, referência 2.19. Maria Lúcia Marques Serralheiro apresenta como anexo I, os Estatutos da Associação feminina

Maria Lamas participa no Conselho da Paz em Bruxelas em 1946. Dessa viagem a pacifista regista num diário<sup>1188</sup> o que se passou entre o dia 1 e o dia 7 de Junho de 1946. Inicialmente apenas breves apontamentos e de seguida de modo mais pormenorizado:

Dia1- jantar com baronesa Boël

Dia 2- almoçar Madame Boël, 12.30, chá no pavilhão de caça, jantar no Chenoy

Dia 3- almoço no Grand-duche du Luxembourg, jantar com madame Smits

Dia4 - almoço com madame Lippens, madame Smits e mademoiselle Bartens, 7 a 9 horas

Dia 5- mademoiselle de Busschere-12 ¼ a 14 h

Dia 6- jantar madame Boël 19,45h

Dia 7-madame M. Hinsman, 12 ½ a 21/2.

De um modo mais pormenorizado, e com apontamentos mais pessoais, Maria Lamas dá-nos a conhecer<sup>1189</sup> como se processaram esses dias:

Partida de Lisboa, 1 de Junho, sábado, avião da Sabena<sup>1190</sup> às 9,30h

Chegada a Bruxelas às 16,30.

Viagem directa quase sempre em bruma ou sobre nuvens que não permitiam distinguir nada. Passageiras simpáticas desde os 3 meses de idade, uma freira terrivelmente enjoada, um português. Tempo chuvoso em Bruxelas. Mademoiselle Van Veen, secretária administrativa do CIM foi buscar-me ao Bureau de Sabena, no carro da baronesa Boël, levando-me logo a casa desta senhora presidente do CIM, onde tomei chá. Acolhimento afectuoso, casa antiga. Magnífica, verdadeira aristocracia. Fiquei instalada em casa de Mr e Mrs Smits, optimamente. Local admirável, o mais agradável de Bruxelas. Recebida como amiga, vários comités. Jantei em casa da baronesa Boël

---

Portuguesa para a Paz, na sua tese de mestrado *Associação Feminina Portuguesa para a Paz – Delegação do Porto (1942-1952)*, Lisboa, Universidade Aberta, 2002, 2º volume, mas de forma incompleta.

<sup>1188</sup> Documento manuscrito no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 16, referência 2.2.

<sup>1189</sup> Documento manuscrito de Maria Lamas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 16, referência 2.2.

<sup>1190</sup> Companhia aérea da Bélgica. (1923-2001)

com Dr.<sup>a</sup> Girod, da Suíça, mademoiselle Brusschere; mademoiselle Barten, belga; Mademoiselle Van Veen, holandesa, funcionária do Conselho; madame Paul Lippens, belga; Fru Betzy Kjelsberg, norueguesa, 80 anos; Fru Aeta Nesdell, norueguesa. Deitei-me às 11 horas.

Dia 2- domingo, levantei-me cedo, saí ao meio-dia, fui de eléctrico até casa de madame Boël onde almocei com mademoiselle Van Veen, depois de almoço fomos dar esplêndido passeio de automóvel. Fui com a baronesa Boël no seu carro mais a Dr.<sup>a</sup> Girod, Fru Betzy Kjelsberg;

Atravessámos o «Bois», lindo! Passámos em Waterloo. Fomos ao Pavilhão de Caça dos barões Boël, agradabilíssimo e ainda tomámos chá. Primeiro, no caminho visitámos a Abadia de Villers. Continuamos o passeio ate ao castelo de Chenoy onde jantámos. Chenoy é uma vivenda senhorial maravilhosa e confortável ao máximo rodeada de jardins, prados, terrenos de cultura vária, estufas de uvas, morangos, tomates, batatas, etc. Tudo perfeito. Pertence também aos barões Boël. Regresso agradabilíssimo por um fim de tarde de sonho, com um poente irreal, vou deitar-me muito cedo, são 10,30h.

Dia 3-segunda-feira, levantei-me às 8 e meia. Saí. Correio e comprar postais. Fui à legação. O ministro não estava. Fui à chancelaria, também não. O secretário ficou de saber se devo ir a Anvers visar o passaporte. Recomendou-me que fosse à polícia. Fui. Era escusado. Entrei numa pequena livraria. Comprei 2 livros e fruta. Almocei no Grand- duche du Luxembourg. Voltei a casa. Tempo chuvoso. Madame Suits convidou-me para jantar. Repousei um pouco de tarde. Jantar muito agradável em família. Conversámos depois do jantar: mademoiselle Bartens, Mr Suits e eu. São 11 horas. Vou-me deitar.

Dia 4-terça-feira fui de manhã ver o Museu de Arte Moderna (vi outra exposição de escultura). Almoço em casa da madame Lippone. Às 2 e meia, primeira reunião. Jantar, buffet «froid» em casa de Madame Suits. Recebi telegrama da Bissú e F. José. Sinto-me cansada.

Dia 5-quarta-feira passei a manhã na «Cook» e fui ao Banco do Comércio receber o cheque. Cheguei tarde ao conselho. Tinha convite para almoçar em casa de madame Paul Pippens, mas como passava da hora almocei num restaurante perto do «Bois». Na reunião da tarde disse algumas palavras de saudação em nome do CNMP. Jantámos em

casa de mademoiselle Maskens (uma casa lindíssima). Continuo cansada. (sinto a angústia do isolamento)

Dia 6 -quinta-feira

De manhã reunião. Almoço no «Bom marché».

Cartas avião (muitas saudades), Anvers (muito simpática mademoiselle Carvalho Lima, fez-me bem falar-lhe. Anvers foi terrivelmente bombardeada! (parei em Maline), recepção em casa de baronesa Boël, acordei sob impressão dum pesadelo de angústia. Não voltarei a viajar sozinha. Tenho profundas saudades das minhas filhas, dos meninos, dos meus genros, das pessoas amigas.

Dia 7-sexta-feira, última reunião, almoço em casa de madame Hushman (oitavo andar, vista linda) contraste no edifício com as outras casas que visitei. Fui à legação. O Mário Reimão, secretário, foi muito gentil.

Jantei na Grande Place (é muito bela!) Jantar caríssimo! (120 francos) voltei à Cook. Consulado espanhol fechado. Continuo cansada.

Como podemos verificar, Maria Lamas foi sempre bem recebida, pelas senhoras da comissão do congresso. Participou nas reuniões, mas não deixou de sentir a falta da família. Relata-nos, também, as dificuldades na obtenção da documentação necessária.

Em 1947, Maria Lamas toma conhecimento da realização do Congresso Internacional das Mulheres, a ter lugar em Paris, nos dias 28, 29 e 30 de Setembro e 1 de Outubro de 1947. Este congresso é organizado pelo movimento feminino internacional «L'entente mondiale pour la paix», fundado em 1945 por francesas oriundas dos meios operários e camponeses unidas no pensamento de que se milhões de mulheres de todos os países ajudaram os homens a ganhar a guerra, também poderão trabalhar para a manutenção da paz.

Delegadas de onze nações, chamadas em consulta, reconheceram a necessidade da criação de um movimento para a paz, não político e não confessional, saído das massas. As mulheres deste movimento elegeram como pontos importantes a defender, os seguintes:

- As mães do mundo inteiro devem-se unir para salvar os seus filhos dos horrores de uma outra guerra;

- As mulheres, protectoras naturais da raça humana, devem prolongar a sua influência além do lar e alargá-la ao mundo exterior, o mundo onde os filhos viverão quando as mães não estiverem lá para os proteger;
- É preciso que a sabedoria e o amor maternal sejam construtivos num mundo infeliz, abandonado aos poderes da destruição: medo, egoísmo, ódio, opressão, espírito de vingança, espírito de conquista, incúria criminal, ausência de consciência;
- As mulheres devem defender os valores espirituais negligenciados hoje em todo o lado;
- As mulheres representam mais de metade da humanidade; a sua acção concertada, baseada no amor universal, pode ser decisiva.

As mulheres deste movimento defendem três princípios: I – O indivíduo é sagrado; II – É dever de toda a mulher trabalhar para a paz, não só no seu lar, mas no mundo em que o seu lar é apenas uma parcela e o III – O nível espiritual e material da vida deve ser elevado em todo o lado.

O Congresso Internacional das mulheres tinha como Presidente de Honra madame Vincent Auriol, como Presidente madame Georges Bidault, sendo a Vice-presidente mademoiselle Jeanne Sivadon (1901-1995). Foram convidadas para o comité de honra internacional, o qual representaria todas as tendências sociais, todas as embaixadoras de todas as nações representadas em Paris.

Na preparação do congresso trabalharam várias organizações, a saber: Alliance Française des Unions Chrésiennes de Jeunes Filles; Conseil National des Femmes; Fédération Française des Éclaireuses; Groupements Féminins Ruraux ; Mouvements Familiales (MPF, MFR, ACI, JDAC) ; Mouvements de Jeunesse Juive Traditionaliste ; Mouvements Spécialisés de Jeunesse (JOC, JAC, JEC, JIC) ; Union Civique et Sociale ; Union des Femmes Professionnelles ; Union Nationale des Femmes.

É impressionante o número de organizações femininas em França, em 1947, comparativamente com as existentes em Portugal.

As grandes linhas do congresso eram despertar nas mulheres o sentido das suas responsabilidades nos acontecimentos públicos e mundiais. Era importante informar as mulheres sobre o que já foi feito e o que faltava fazer em prol da paz.

Considerando como elementos fundamentais da paz, a educação e o progresso social, o congresso propunha uma nova visão da história à luz do progresso humano, a condenação da crueldade organizada (tortura, campos de concentração, prisão, exílio forçado, deportação), um feminismo construtivo, a melhoria do nível de vida, entre outros.

O congresso abordaria ainda três problemas urgentes que careciam de uma atenção especial: a alimentação das crianças do mundo inteiro, a informação de massas e o despertar do sentido de responsabilidade feminina nas decisões públicas mundiais. O congresso, que tinha como lema «A guerra destrói tudo o que a mulher cria: lar, família, civilização. Toda a mulher, portanto, deve trabalhar para a paz», esperava imenso das ideias das congressistas para a construção e manutenção da paz.

Em assembleia-geral, realizada no dia 8 de Julho de 1948, foram eleitos os corpos gerentes da AFPP, transcritos no boletim da Associação<sup>1191</sup> de 1949:

**Assembleia-geral:**

Presidente – Maria Clementina Carneiro de Moura

Vice-presidente – Josefina Simões

1ª Secretária – Maria Letícia Clemente da Silva

2ª Secretária – Maria Amália Neves

**Conselho fiscal:**

Presidente – Maria Valentina Trigo de Sousa

1ª Vogal – Maria Ângela Montenegro Miguel

2ª Vogal – Maria Arminda Barroso Antunes

1ª Vogal suplente – Denise Silva Araújo

2ª Vogal suplente – Arminda Pais

**Direcção:**

Presidente – Maria do Carmo Rosendo Dias

Vice-presidente – Maria Amália Medeiros

1ª Secretária – Maria Isabel Soares

2ª Secretária – Cecília Moura Gil

Tesoureira – Maria Helena Furtado Correia

---

<sup>1191</sup> *Boletim da Associação Feminina Portuguesa para a Paz*, n.º 6, 1949. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E- 28, caixa 21, referência 2.16.

1ª Vogal – Ivone de Carvalho Peres

2ª Vogal – Irene Pinto Abrantes

A direcção reunia ordinariamente às quartas-feiras<sup>1192</sup> pelas 21,30. Em 1948 a Associação Feminina Portuguesa para a Paz enfrenta graves dificuldades financeiras, que são explanadas no Boletim nº 6, onde é apresentado o relatório do exercício de 1947-1948.<sup>1193</sup> Houve necessidade de mudança de instalações, mas com apenas 174\$75, tiveram de pedir um empréstimo de 1300\$00, com o acordo do Conselho Fiscal. Foram oferecidos à Associação vários elementos, para a sede, a saber: uma ardósia, uma estante, um espelho, um tapete, um bengaleiro e uma moldura, conjuntamente com o transporte. A cotização, em situação de atraso, aliada ao número diminuto de sócias,<sup>1194</sup> dificulta o aspecto financeiro da Associação. Para minimizar este facto, faz parte do plano de actividade da gerência de 1948-1949, a campanha de angariação de sócias, na qual direcção estabelece que será oferecido um livro a todas as associadas que proponham cinco novas sócias.

A sócia Francine Benoît dava lições de Canto Coral ao custo unitário de 30\$00. Não conseguiram alvará do Ministério da Educação Nacional, para facultarem outros cursos. Além da delegação de Lisboa, só abriu outra na cidade do Porto.

A Associação lutou, também, com dificuldades para a publicação do boletim número cinco, que foi além do preço previsto e orçamentado. Apesar de a publicidade ter coberto grande parte da despesa, com 2700\$00, é difícil de obter por causa da tiragem ser reduzida.<sup>1195</sup> Uma das ideias para aumentar a venda do boletim foi a criação de um suplemento infantil, com a colaboração dos filhos das sócias. Ao que parece, as sócias não frequentavam a sede, apesar de se encontrar aberta todas as terças-feiras, quintas-feiras e sextas-feiras.

As actividades da AFPP são elogiadas na imprensa nacional, nomeadamente em *Diário de Lisboa*, *Diário Popular*, *República*, *O Primeiro de Janeiro*, *A Voz do Operário*, *Os Nossos Filhos* e *Mãos de Fada*.

---

<sup>1192</sup> A direcção reuniu cinquenta e três vezes.

<sup>1193</sup> *Boletim da Associação Feminina Portuguesa para a Paz*, n.º 6, 1949, pp. 2-3. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E- 28, caixa 21, referência 2.16.

<sup>1194</sup> Neste ano entraram trinta e nove sócias e saíram dez.

<sup>1195</sup> Não conseguimos informação acerca do número de exemplares.

No boletim colaboram Ilse Losa, com um conto para as mães *Fazer uma Visita*, Fernanda Flores, com um conto para os mais pequeninos *Os Anos do Pai Gato*, Manuela Porto com a rubrica «Crítica» e Maria Joana Rosendo Dias com a rubrica «Educação», dirigida aos pais.

Através do número seis do *Boletim da Associação Feminina Portuguesa para a Paz*, ficamos a par das actividades da Associação. Em 1949, a Associação prestava lições de Primeiros Socorros, dadas pela D. Hermínia Correia Ribeiro, de Puericultura, pela D. Rosélia Ramos e de Corte, o que foi bem aceite pelas sócias, se bem que a frequência fosse mais reduzida do que a que a esperada. Não houve inscrições em Educação Física e As Horas de Estudo também não mereceram grande interesse. A secção de Festas já fez algumas realizações. Houve um grande aumento no número de sócias neste ano o que deu mais desafogo económico, mas não sabemos quantas.

Em 1950, o décimo quinto aniversário da Associação Feminina Portuguesa para a Paz foi comemorado em Lisboa e no Porto, com várias conferências e recitais. Disso nos dá notícia a revista *Os nossos Filhos*.<sup>1196</sup>

Em Lisboa, Maria Lamas falou sobre «A paz e a Vida» e o professor Vitorino Nemésio sobre a poesia. Os recitais estiveram a cargo da declamadora Manuela Porto e da actriz Maria Barroso. Na habitual festa infantil exibiram-se filmes apropriados e apresentou-se o grupo coral infantil da Associação. No Porto, a escritora Maria Lamas dissertou sobre «O dilema da paz e da guerra» e o poeta Teixeira de Pascoais também sobre a paz. Manuela Porto deu um recital poético e o compositor Eurico Tomás de Lima um recital de piano. Felicitamos a Associação pela sua actuação a favor da paz e pelo brilho que revestiu todos os seus serões, quer em Lisboa, quer no Porto.

O boletim número sete, de Julho de 1950, apresenta, em rodapé, um logótipo em final das páginas ao longo de toda a revista, do qual consta a frase «A paz deveria ser o único fim dos esforços de todas as mulheres; a batalha da paz é a batalha da vida; lutando contra a guerra ganharemos a paz». Com artigos vários, entre os quais salientamos «As mulheres votam pela paz», não assinado, «A mulher na Suécia», por Maria Joana Rosendo Dias, a homenagem prestada ao professor Egas Moniz pela AFPP, o poema «Da hora presente» de Beatriz Bandeira<sup>1197</sup>, um excerto da conferência de Lília da Fonseca «A paz pela transformação do homem», dada na «Casa do Algarve», onde a conferencista criticou os autores de literatura infantil por serem muito

---

<sup>1196</sup> *Os nossos Filhos*, n.º 98, Julho de 1950, p. 21.

<sup>1197</sup> Poetisa de nacionalidade brasileira.



violentos, exemplificando com os irmãos Grimm<sup>1198</sup> e Perrault (1628-1703). Existem também artigos onde se trata «O cinema e a paz», «Os brinquedos e a guerra», por Sidónio Muralha, que critica ferozmente a firma americana «Porter Corporation», pelo fabrico de brinquedos que levam as crianças a tornarem-se violentas. Uma crítica ao livro de Ilse Losa *O Mundo em que vivi*.

Na rubrica «Livros para os nossos filhos» é referenciada a escassez do mercado livreiro em livros desta natureza e bem como a sua pobre qualidade.

O XV aniversário da AFPP merece duas páginas inteiras, salientando que “as comemorações tiveram início em 5 de Junho [...]. Nessa noite a ilustre escritora e nossa querida consócia, senhora D. Maria Lamas pronunciou no Museu João de Deus uma notável palestra.” Nas comemorações “participaram também o grupo coral, de Francine Benoît, no dia 7, para os mais pequeninos. Assistiu-se à exibição de alguns filmes, cedidos pelo Comissariado do Turismo Francês, entre os quais o filme «Rêve de Noël». Também o senhor Professor Doutor Vitorino Nemésio proferiu uma palestra na Casa do Alentejo sobre «Poesia e seus conceitos».” Em seguida, “Manuela Porto e D. Maria Barroso deliciaram-nos com as suas primorosas interpretações dalguns poetas contemporâneos.”<sup>1199</sup>

Em relação à conferência pronunciada por Maria Lamas «A paz e a vida», no dia 5 de Junho no Museu João de Deus por iniciativa da AFPP, o Boletim relembra que a AFPP foi fundada há quinze anos, na dificuldade e incompreensão geral, é preciso, por isso, que todos os esforços se unam em defesa da paz. Na sua conferência, Maria Lamas citou vários números colhidos em relatórios da Cruz Vermelha Internacional, da UNESCO, e da «Revue de Droit International», relativos às crianças e adultos vítimas da guerra, habitações e escolas destruídas pelos bombardeamentos aéreos. Maria Lamas condenou a psicose de guerra que domina o mundo e a exaltação da guerra. Falou do papel da mulher perante a ameaça de uma nova guerra e que a AFPP tem uma tarefa importantíssima a realizar na luta pela paz servindo assim a defesa da criança que é afinal a grande causa das mães.

<sup>1198</sup> Jacob Ludwig Karl Grimm (1785-1863) e Wilhelm Karl Grimm (1786-1859).

<sup>1199</sup> *Boletim da Associação Feminina Portuguesa para a Paz*, n.º 7, Julho, 1950, p. 14.

Para Maria Lamas “se à mulher cabe, especialmente, velar pela infância, ninguém com mais autoridade do que ela para combater a guerra, em nome dos filhos que gerou nas suas entranhas e a quem lhe compete defender contra todo o mal”.<sup>1200</sup>

No seguimento da conferência apresentada por Maria Lamas, foi enviada para a mesa uma moção subscrita por alguns dos assistentes, tendo sido lida e aprovada por aclamação.

A moção apresentava o seguinte teor:

Considerando que a preservação da Paz constitui a preocupação mais viva de todos os homens e mulheres de bem no mundo de hoje;

Considerando que uma nova guerra representaria uma catástrofe sem precedentes na História da Humanidade;

Considerando que a manutenção da Paz é do interesse de todos os homens e condição indispensável do progresso de todos os Povos no caminho de felicidade e da liberdade;

Considerando que a indiferença perante o problema da Paz não tem justificação em nenhuma consciência bem formada, e é dever de todos lutar por esse bem sem preço que é a Paz;

Considerando que os esforços de todos no sentido da preservação da Paz devem ser congregados e orientados para a sua máxima frutificação:

A presente Assembleia convida os seguintes portugueses, homens de bem a constituírem-se em Comissão Nacional para a defesa da Paz, a fim de representarem e exprimirem o anseio irredutível do Povo Português de uma Paz ininterrompida:

Teixeira de Pascoais, Prof. Dr. Egas Moniz, Prof. Dr. Barbosa de Magalhães, Prof. Dr. Ruy Luís Gomes, Dr. João de Deus Ramos, Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lamas, Sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Rosendo Dias, Dr. Fernando Mayer Garção, Manuel Mendes, Dr.<sup>a</sup> Cezina Bermudes, escritora Irene Lisboa, António Areosa Feio, Prof. Dr. Rodrigues Lapa, Prof. Dr. Vieira de Almeida, Dr. José Morgado, Eng.<sup>a</sup> Virgínia Moura, Albertino Macedo, Dr. Pinto Gonçalves, Carvalhão Duarte, Fernando Lopes Graça, Assis Esperança, Dr. António Machado, José Silva, Dr. Guedes Pinheiro, Almirante Tito Morais, Dr. João Campos Lima, Dr. Gustavo Soromenho, Prof. Dr. Ferreira de Macedo, Prof. Dr. Pulido valente, Prof. Dr. Fernando da Fonseca, Dr. José Alberto Rodrigues, Dr. João Saias, Eng.<sup>o</sup> Tito Morais, Dr. José Domingos dos Santos, Dr. António Aniceto Monteiro, Dr. Manuel Valadares, Dr. Manuel Zaluar Nunes, Dr. António Ferreira da Costa, Aquilino Ribeiro, Rocha Martins, Ferreira de Castro, Alves Redol, Dr. João de Barros. (...) <sup>1201</sup>

Deste abaixo-assinado veio a surtir em Lisboa o aparecimento do Conselho Nacional da Paz. A AFPP viria a ser dissolvida em 1952.

A moção convidava directamente alguns portugueses, entre os quais se encontrava Maria Lamas, como podemos verificar, entre um número diminuto de mulheres.

O tema da paz é também abordado por Manuela Delgado, da delegação do Porto, no artigo «A AFPP e a paz».

---

<sup>1200</sup> *Boletim da Associação Feminina Portuguesa para a Paz*, n.º 7, Julho, 1950, p. 15.

<sup>1201</sup> Carta dactilografada datada de 15 de Junho de 1950, dirigida a António Areosa Feio e assinada por Maria do Carmo Rosendo Dias, Maria Isabel Soares e Maria Clementina Carneiro de Moura a convocá-lo para a Comissão Nacional de Defesa da Paz. Anexo XXIII, in Maria Lúcia Marques Serralheiro, op. cit.

No período de 1948-1949<sup>1202</sup> realizaram-se três palestras: «A escola e o lar» por Manuela Palma Carlos Laranjo; «Criadas de servir e o problema do trabalho doméstico» por Maria Amália Medeiros e «Vantagens do médico escolar» pelo Dr. Mário Monteiro Pereira. Foi criado um curso de Corte com D. Afra Bragança. Constituiu-se, também, uma comissão responsável pela publicação do boletim<sup>1203</sup>, formada pelas sócias Matilde Rosa Araújo, Maria Letícia Clemente da Silva e Maria do Carmo Rosendo Dias. Foi apenas publicado um número no período de 1948-1949, que importou em 1200\$00. Das actividades da AFPP, mais propriamente na secção de «Festas e propaganda», constaram, também, duas «matineés» infantis no cinema Paris e outro na Sociedade de Belas-Artes, com distribuição de brinquedos as crianças e colaboraram numa «matinée» infantil da Sociedade de Educação Social de S. João do Estoril que se iniciou com uma visita das crianças ao aquário Vasco da Gama. Organizou-se, também, um passeio ao Jardim Zoológico em que tomaram parte cerca de vinte crianças e suas famílias. Houve um serão no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses no qual deram graciosamente a sua colaboração o actor João Villaret, o cantor Guilherme Kjolner, a bailarina Elsa Pimenta e as pianistas Regina Cascais e Conceição Gaudêncio Soares. Houve também uma excursão de confraternização ao portinho da Arrábida.

A campanha de angariação de sócias correu bem: registaram a inclusão de 149 sócias na gerência de 48-49. Desistiram vinte e três, tendo havido um acréscimo real de 126. Houve um problema de cobrança no que respeita à dificuldade de encontrar um cobrador que a fizesse com regularidade e mensalmente. Esta irregularidade aborreceu muitas sócias e prejudicou também a parte económica dos nossos trabalhos. Deixaram um saldo de 403\$80 para o ano seguinte e tinham recebido 1130\$45.

No Congresso Mundial de Mulheres em Copenhaga, em 1953, onde estavam representados cerca de setenta países, entre os quais Portugal, na pessoa de Maria Lamas, foi apresentada ao congresso uma declaração em que se exigiam os seguintes direitos da mulher: direito garantido ao trabalho; direito à livre escolha de ofício e profissão; possibilidades iguais de acesso a todos os sectores de trabalho; igualdade de salário por trabalho igual; igualdade de direito ao seguro social; direito à protecção da mãe e da criança pelo estado; licença paga de maternidade pré-natal e pós-natal; criação de maternidades, consultórios para a mãe e a criança; creches e casas maternais em

<sup>1202</sup> *Boletim da Associação Feminina Portuguesa para a Paz*, n.º 7, Julho 1950, pp. 19-20.

<sup>1203</sup> *Idem*, p. 20.

número suficiente, tanto nas localidades rurais, como nas cidades e centros industriais; concessão às operárias agrícolas dos mesmos direitos concedidos às operárias industriais quanto ao salário, à protecção ao trabalho e à protecção da mãe e da criança; direito das camponesas à propriedade e desfruto da terra; direito à instrução nos seus diferentes graus e à formação profissional; direito a eleger e a ser eleita para todos os organismos do poder sem restrições nem recriminações; direitos civis iguais aos do homem no que se refere à propriedade, ao matrimónio e aos filhos; direito de associação e livre actividade nas organizações democráticas femininas; participação das mulheres em outras organizações. As mulheres afirmam na moção que se os governos reduzirem os orçamentos de guerra conseguem realizar o que lhes é pedido.

Sobre o Congresso Mundial de Mulheres em Copenhaga, realizado em 1953, dava conta o *Boletim da Comissão Nacional da Paz*<sup>1204</sup> do ano seguinte, ou seja 1954. Com o slogan «Uni-vos pela paz – a paz não se espera, conquista-se», reproduzia uma entrevista a Maria Lamas. A pacifista declarou que assistiu, em Viena, à reunião do Conselho Mundial da Paz, e que saíra de Portugal, em Maio de 53, com o fim de se documentar sobre a vida da mulher, para o livro que estava publicando.<sup>1205</sup>

Em relação à sua eleição como membro do Conselho Mundial da Paz, Maria Lamas esclareceu:

Viajei bastante e assisti, em Copenhaga, ao Congresso Internacional de Mulheres em que tomaram parte 2000 delegadas de 70 países. [...] Entretanto, na reunião de Budapeste, realizada em Junho de 53, o Prof. Ruy Luís Gomes e eu fomos eleitos membros do Conselho Mundial da Paz, com mais cerca de 100 pessoas de diversas nacionalidades.<sup>1206</sup>

Maria Lamas salientou a importância e o significado que teve para ela a sua eleição e as dificuldades que passou para a obtenção dos vistos:

A eleição de dois novos membros portugueses do Conselho Mundial da Paz constituiu uma grande honra para Portugal e teve significado importantíssimo de estímulo e responsabilidade para o nosso Movimento Nacional da Paz. Ao ser-me comunicado que, em Novembro, se realizaria, em Viena, uma nova reunião do Conselho Mundial, eu, que me encontrava ainda no

<sup>1204</sup> *Boletim da Comissão Nacional da Paz*, Maio de 1954, exemplar fotocopiado, pp. 1, 5-6 e 8. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 65, sem referência.

<sup>1205</sup> *Boletim da Comissão Nacional da Paz*, Maio de 1954, exemplar fotocopiado, pp. 1, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 65, sem referência.

<sup>1206</sup> *Boletim da Comissão Nacional da Paz*, Maio de 1954, exemplar fotocopiado, p. 1, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 65, sem referência.

estrangeiro, decidi assistir a essa reunião, como me competia e era meu ardente desejo. E fui, apesar das grandes dificuldades que tive de vencer por causa dos vistos.<sup>1207</sup>

Em relação à presença do Prof. Manuel Valadares e à ausência do Prof. Ruy Luís Gomes, Maria Lamas declarou o seguinte:

Em Viena estive igualmente o Prof. Manuel Valadares, ilustre homem de ciência, respeitadíssimo, que honra Portugal, não só em Paris onde vive e trabalha, saudoso do seu país, que tanto ama, mas em toda a parte e que é também membro do Conselho Mundial da Paz. Foi vivamente comentada e lamentada a ausência do Prof. Ruy Luís Gomes - outro cientista português de renome internacional - a quem recusaram, em Lisboa, o passaporte para essa viagem.<sup>1208</sup>

Sobre o teor da reunião, salientou dois dos seus aspectos mais importantes:

Sobre a última reunião...basta focar dois dos seus aspectos para compreender o que essa reunião significou para o mundo alarmado perante a ameaça pavorosa de uma nova guerra.

Primeiro: o facto de as personalidades que compõem o Conselho Mundial da Paz - quase todas pessoas notáveis no seu país e internacionalmente - e que ali trocaram impressões, confrontando as suas ideias sobre a Paz, terem encontrado uma linguagem comum, que todos os homens de boa vontade podem entender e aceitar, uma linguagem internacional de grande elevação, que corresponde ao desenvolvimento constante e à maturidade daquele organismo.<sup>1209</sup>

Maria Lamas destacou também a profundidade e o empenho dos trabalhos, para a tomada de resoluções e o que se pretende dos partidários da paz:

Em Viena - encontravam-se cerca de 600 pessoas – foram sete dias de trabalho intenso de 22 a 28 de Novembro, com um horário das 9 às 20 horas. Das resoluções tomadas, todas da maior importância, destacarei o novo impulso dada à Campanha pela Negociação e à proposição de um Encontro Internacional, em que tomarão parte pessoas das mais categorizadas nos seus países, para sem qualquer intenção política, analisarem os focos e ameaças de guerra, dando, ao mesmo tempo, o seu parecer acerca das possíveis soluções pacíficas dos problemas e conflitos que lhes dão origem. Há um ponto importante sobre o qual nunca será demais insistir: fazem parte do Conselho Mundial da Paz pessoas de todas as opiniões políticas e crenças religiosas. A única credencial exigida a um partidário da Paz é a sua seriedade e dedicação na luta contra a guerra.<sup>1210</sup>

---

<sup>1207</sup> *Boletim da Comissão Nacional da Paz*, Maio de 1954, exemplar fotocopiado, p. 1, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 65, sem referência.

<sup>1208</sup> *Boletim da Comissão Nacional da Paz*, Maio de 1954, exemplar fotocopiado, p. 5, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 65, sem referência.

<sup>1209</sup> *Boletim da Comissão Nacional da Paz*, Maio de 1954, exemplar fotocopiado, p. 5, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 65, sem referência.

<sup>1210</sup> *Boletim da Comissão Nacional da Paz*, Maio de 1954, exemplar fotocopiado, p. 6, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 65, sem referência.

À pergunta sobre se conheceu pessoalmente muitos partidários da paz de renome mundial, Maria Lamas confirma que foi apresentada ao Prof. Joliot-Curie (1900-1958)<sup>1211</sup>, com quem conversou algumas vezes. Nesse encontro, não só conheceu muitos outros partidários da paz de todo o mundo como ficou ligada a alguns por sólida amizade. A pacifista deu um lugar especial aos brasileiros, com quem conviveu fraternalmente e que a rodearam de “atenções e carinho, mostrando o maior interesse por Portugal e pelo nosso Movimento da Paz.”<sup>1212</sup> Maria Lamas destacou, então, os amigos conhecidos no encontro. Em relação aos amigos brasileiros indicou: o senador Abel Chermont (1887-1962), Jorge Amado (1912-2001)<sup>1213</sup>, General Buxbaum (? -?), Dr. Saad (? -?) e Ivan Ribeiro (? -?), todos membros do Conselho Mundial da Paz. Além dos amigos brasileiros indicou, entre outra Isabel Blume (1892-?)<sup>1214</sup> de origem belga, Ilya Ehrenbourg (1891-1967)<sup>1215</sup>, Zinaida Gagarina (? -?), Alexis Surkov (1899-1983), Nina Popova (1922-?)<sup>1216</sup>, Nikolai Kroutsiny (? -?) de origem soviética. Maria Lamas travou também conhecimento com Ana Seghers (1900-1983)<sup>1217</sup>, alemã, Ceza Nabaraoui (1897-1985), egípcia, Madame Cotton (1881-1967)<sup>1218</sup>, Marie Claude Vaillant-Couturier (1912-1996), Madame Inês Farges (? -?) de origem francesa, a inglesa Monica Felton (? -?)<sup>1219</sup>, a polaca Vanda Vasilevska (? -?), o poeta cubano Nicolas Guillen (1902-1989)<sup>1220</sup>. Maria Lamas salientou ainda os nomes de Emmanuel d’Astier (1900-1969)<sup>1221</sup>, Howard Fast (1914-2003)<sup>1222</sup>, Pierre Cot (1895-1977)<sup>1223</sup>,

<sup>1211</sup> *Boletim da Comissão Nacional da Paz*, Maio de 1954, exemplar fotocopiado, p. 8, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 65, sem referência.

<sup>1212</sup> *Boletim da Comissão Nacional da Paz*, Maio de 1954, exemplar fotocopiado, p. 8, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 65, sem referência.

<sup>1213</sup> Prémio Estaline da Paz, em 1951.

<sup>1214</sup> Isabel Blume foi secretária do Conselho Nacional da Paz em 1954 a 1957. Em 1957 foi eleita Vice-presidente do Conselho Nacional da Paz e em 1958 tornou-se membro da Presidência. Cf. *Modas & Bordados*, n.º 3179, 10 de Janeiro 1973, p. 11. Recebeu o Prémio Estaline da paz, em 1953. O Prémio Estaline da paz foi criado em 1949, por ocasião do 70º aniversário de nascimento de José Estaline, tendo começado a ser atribuído a partir de 1950. No seguimento do XX Congresso do Partido Comunista em 1956, procedeu-se à alteração do nome do Prémio, para Prémio Lenine da Paz. Foi atribuído até 1991, data em que findou, por causa do colapso político da URSS.

<sup>1215</sup> Prémio Estaline da Paz, em 1953.

<sup>1216</sup> Prémio Estaline da Paz, em 1953.

<sup>1217</sup> Pseudónimo de Netty Reiling. Prémio Estaline da Paz, em 1951.

<sup>1218</sup> Prémio Estaline da Paz, em 1950.

<sup>1219</sup> Prémio Estaline da Paz, em 1951.

<sup>1220</sup> Prémio Estaline da Paz, em 1954.

<sup>1221</sup> Jornalista, político e membro da Resistência Francesa, obteve o Prémio Lenine da Paz, em 1957.

<sup>1222</sup> Escritor e jornalista norte-americano. Escreveu sob os pseudónimos EV Cunningham e Walter Ericson. Obteve o Prémio Estaline da Paz, em 1953.

<sup>1223</sup> Político francês. Exerceu o cargo de Presidente da Conferência Internacional da paz entre 1936 e 1940. Recebeu o Prémio Estaline da Paz, em 1953. Durante os anos da II Guerra Mundial exerceu o ensino na Universidade de Yale.

Sahib Singh Sokhey (? -?)<sup>1224</sup>, Gordon Schaffer (1905-?), o pastor alemão Niemöller (1892-1984)<sup>1225</sup>, Pietro Nenni (1891-1980)<sup>1226</sup> e tantos outros que poderia nomear.

Em Fevereiro de 1955<sup>1227</sup>, Maria Lamas recebe documentação do Secretariado do Conselho Mundial da Paz sobre vinte das organizações internacionais e nacionais que se manifestavam contra a ameaça de uma guerra atômica. A saber: 1- Federação Sindical Mundial ; 2- Federação Democrática Internacional das Mulheres ; 3- Federação Mundial da Juventude Democrática ; 4- Federação Internacional da Resistência; 5- Organização Internacional dos Jornalistas ; 6- Associações Budistas do Mundo Inteiro; 7- Juristas dos Países da Ásia; 8- Conselho Ecuménico das Igrejas ; 9- Federação Mundial das Associações para as Nações Unidas ; 10- Cruz Vermelha Internacional ; 11- Aliança Cooperativa Internacional; 12- Liga Internacional das Mulheres para a Paz e para a Liberdade ; 13- Comité Internacional de Ligação entre as Organizações para a Paz ; 14- União Interparlamentar ; 15- Organizações Femininas do Japão ; 16- Organizações Sindicais Japonesas ; 17- Organizações Sindicais Britânicas ; 18- Sociedade Alemã para a Paz- União dos Resistentes à Guerra ; 19- Congresso dos Camponeses Argentinos e 20- Igrejas Congreganistas Americanas. Todas estas organizações integraram um movimento que adquiriu uma força ainda maior, a seguir às decisões tomadas a 18 de Dezembro de 1954, pelo conselho da NATO, que fixou medidas concretas de desencadeamento de uma guerra atômica. Esta nova situação, criada pelas decisões, levou o «Bureau du Conseil Mondial de la Paix» a lançar aos povos o seu Apelo de 19 de Janeiro 1955 para uma campanha mundial de assinaturas, com a finalidade de eliminar o grave perigo de uma guerra atômica.

Esta oposição manifesta-se em todos os países sob as formas mais diversas, ganhando rapidamente todas as camadas sociais e as diferentes correntes de opinião. Depois das experiências termonucleares de Bikini, uma vaga de indignação e de protestos levantou-se em todo o lado, nomeadamente no Japão, na Itália entre as massas católicas, na França, nos homens de ciência, na Grã-Bretanha, por ocasião dos grandes congressos sindicais e até nos Estados Unidos da América.

<sup>1224</sup> Prémio Estaline da Paz, em 1953.

<sup>1225</sup> Prémio Lenine da Paz, em 1966.

<sup>1226</sup> Prémio Estaline da Paz, em 1951.

<sup>1227</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 21, referência 2.19. Envelope datado, pelo carimbo, de 22 de Fevereiro de 1955.

Maria Lamas chega a Pequim no dia 19 de Junho de 1957, para participar no Conselho Mundial da Paz, o que não a impede de ficar a conhecer minimamente a China. No dia 22 Junho 1957, parte de Hong-Kong para Cantão, por caminho-de-ferro, numa viagem de seis horas. Maria Lamas regressa de novo, a Pequim, onde chega pelas dezasseis horas do dia 25 de Junho de 1957, num avião chinês, ficando instalada no Hotel Pequim, quarto n.º 427.

No dia seguinte, 26 de Junho, visita o Templo das Preces, o Grande Parque e outros templos. À noite, pelas 20 horas e 30 minutos, assiste no cinema ao filme «Sofrimento de uma viúva», proposto pelo Comité da Paz, com um “excelente desempenho, e que representa história dramática duma mulher acusada de ser «portemalheur», com grande interesse documental.”<sup>1228</sup> No dia 27, dá um passeio de carro pela cidade ate ao Palácio de Verão, verificando que não se vê polícia nas ruas, além dos reguladores de trânsito. Visita a exposição de quadros e documentos antigos nos Pavilhões do Palácio Imperial, que acha “maravilhoso”.<sup>1229</sup> Às 15 horas, reúne-se com um membro da Comissão de Paz, Mao Dun (1896-1981)<sup>1230</sup>, ministro da Cultura, que fala perfeitamente o francês, o que permitiu manter uma conversa cheia de interesse. À noite, pelas 19,30h, comparece ao jantar oferecido pela comissão do Conselho. No dia 28, visita o Palácio de Verão, à noite para assistir a um espectáculo de acrobacias. No dia 29, visita uma cooperativa de artesanato de bronze esmaltado, “trabalho admirável e duro”.<sup>1231</sup> De tarde, encontra-se com Chou En Lai (1898-1976) no Congresso Nacional do Povo. No dia 30, de manhã, passa por uma livraria e durante a tarde conhece uma fábrica de têxtil, que trabalha sobretudo, com algodão. Em 1954, trabalhavam na fábrica cerca de 550 000 operários, com predomínio para as mulheres. Maria Lamas retém uma impressão esplêndida das casas dos operários, “uma vantagem incalculável que desconhecia”, considerando que os operários eram afáveis, comunicativos, alegres e cativantes. À noite, vê um filme tipicamente chinês, espécie de Romeu e Julieta, cantado, em estilo próprio, apenas com vozes femininas e um guarda-roupa riquíssimo.

No dia 1 de Julho, de manhã, visita uma cooperativa agrícola e à tarde uma biblioteca e um convento de lamas. À noite, conhece a Ópera de Pequim. A manhã, do dia 2 de Julho, é dedicada ao conhecimento da Federação de Mulheres e Defesa da

---

<sup>1228</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 16, referência 2.2.

<sup>1229</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 16, referência 2.2.

<sup>1230</sup> Pseudónimo de Shen Dehong, escritor, jornalista e Ministro da Cultura entre 1949 e 1965.

<sup>1231</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 16, referência 2.2.



Criança e a tarde às escritoras chinesas. À noite, participa no encontro da Paz, que compreende um espectáculo de música e danças populares. No dia 3, assiste a uma palestra do Dr. Socarras e parte, às 16 horas, para Xangai, onde chega no dia 4 às 21,30h, ficando instalada no Cathay Hotel<sup>1232</sup>, quarto n.º 806. No dia 5, de manhã, encontra-se com o Comité da Paz e visita o Palácio da Amizade. À tarde, visita a Casa da Cultura dos Operários em Xangai, assiste a uma campanha anticoncepcional, visita exposições, e participa em aulas de música e de desenho. À noite, é a vez do teatro, onde assiste à peça *Sob os Telhados de Xangai*. Já no hotel toma chá com Léon e Molina no quarto da Inda. No dia 6, conhece a parte mais antiga da cidade, à tarde assiste a uma conferência sobre prostituição e à noite vai à ópera. No dia 7, visita o bairro antigo, o templo e o mercado. De tarde repousa e à noite janta com a Comissão da Paz de Xangai. No dia 8, parte para Hangchow, que fica perto de lagos e de templos. Passeia no lago, com um calor tropical e uma fábrica de seda. Entre os dias 9 e 12 visita de novo Xangai, conhece, ainda, Tientsin, Shengyang e Changchun.

Maria Lamas toma notas sobre o que visita, o que presenciar, o que aprende. Espanta-se com o facto de em Xangai haver 200 teatros e quarenta cinemas. Observa uma fábrica de automóveis, que produz camiões, com a ajuda da URSS. Só até 1957, produziu mais de 4000 camiões, e a produção foi sempre aumentando. Na fábrica trabalham, sobretudo, jovens, numa superfície total de 15 milhões de metros quadrados. A superfície de produção absorve um milhão e meio de metros quadrados, e as vivendas ocupam cerca de 400 000 metros quadrados, todas com água corrente. Os operários têm assistência médica gratuita, cada oficina tem as suas instalações próprias, técnicas e sociais. As crianças ficam guardadas durante o trabalho das mães. Muitas das dificuldades foram vencidas com a ajuda de URSS.

Seguem-se as visitas às fábricas, no que se pode considerar o cerne da indústria chinesa. Dia 14, fábrica de caucho, borracha, que estava posicionada anteriormente na fronteira da China com a Coreia. No dia 15, visita a região industrial e minérios no nordeste da China, que Maria Lamas considera cristais, idênticos aos da Marinha Grande e Oliveira de Azeméis. De tarde repousa. No dia 16, visita a fábrica número um de construção de máquinas. Mas a manhã está nebulosa e Maria Lamas começa a sentir-

---

<sup>1232</sup> Agora Peace Hotel.

se incomodada tanto a nível psicológico como físico. Eis o que anota neste dia, na sua agenda:<sup>1233</sup>

Sinto que o clima da China me faz mal. Noite muito má. Grandes perturbações psicológicas. Sinto-me angustiada. O fígado mal. Qual a verdadeira situação dos operários? Preciso de dominar o meu abatimento último – procurar abreviar o meu regresso – este período de angústia psicológica terá sido decisivo na minha vida? Sofro horrivelmente porque me sinto vacilar. Queria acreditar. Queria uma resposta dentro dos limites e incertezas humanas. Procurarei reencontrar um equilíbrio: o meu sincero desejo de paz. A minha necessidade moral de conhecer; o meu próprio tempo de que não sou responsável - o meu desejo de chegar a um estado de autêntica sinceridade.

Para a pacifista, esta visita constituiu uma experiência decisiva, apesar de lhe proporcionar uma angústia psicológica e um descontentamento íntimo, que ela própria não consegue explicar. As suas anotações confirmam isto mesmo e ainda as decisões a tomar:

Necessidade de proceder sem desvios de qualquer espécie; não posso sentir-me distante; não posso sentir isolada dos meus; saudades angustiantes; falta de confiança na minha resistência física; ânsia de tranquilidade íntima; ânsia de sinceridade total; necessidade de abranger o panorama actual da humanidade; (inesquecível crise de angústia de viver); tendência doente para o sentimento de culpa; necessidade de acção; tirar o máximo proveito desta experiência excepcional; calma; procurar ser lúcida.<sup>1234</sup>

Maria Lamas anota ainda o que deve pensar, numa atitude de auto-convencimento:

Direito e dever de conhecer; ter confiança; ser coerente; manter serenidade até ao fim; não esquecer influência das condições anormais; a paz merece todos os sacrifícios; não esquecer reportagem publicada; todos falhamos; todos temos vozes íntimas que acusam; devo estar atenta; reconhecer o erro; procurar melhorar-me; mas não cair no sentimento exagerado de culpabilidade.<sup>1235</sup>

A viagem prossegue, no dia 17, numa ida a Fou-Hsiun, a fábricas de carvão, petróleo artificial e a de electricidade. No dia 18, o levantar era às 4 horas e 30 minutos, para partir às 6 horas numa viagem de duas horas, para An-chan para visitar os altos-fornos<sup>1236</sup>, onde trabalhavam 100 000 operários. An-chan era um grande centro de

<sup>1233</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 16, referência 2.2.

<sup>1234</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 16, referência 2.2.

<sup>1235</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 16, referência 2.2.

<sup>1236</sup> Os altos-fornos situavam-se no centro siderúrgico de An-chan, na Manchúria. Tinha sido desmantelado em 1945 pelos russos, mas reconstruído a partir de 1949. Cf. Pierre Thibault, *História Universal, O Tempo da Contestação 1948-1969*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1992, p. 175.

siderurgia, uma cidade industrial importantíssima. Esta visita suscitou, também, a Maria Lamas algumas observações:

Insensibilidade? Até que ponto a técnica e o homem são encarados como valores interligados? Qual o valor primordial? Analisar sempre a impressão geral. Nos altos-fornos pareceu-me que o ambiente era descurado, quero dizer que se nota uma desordem, onde há muito de desorganização, desleixo, trabalho duríssimo. Onde estão os técnicos? Que papel desempenham na organização geral das fábricas? Estão subordinados à direcção política? Porque é sempre um operário a explicar? Quem mostrou os altos-fornos? Nível de vida dos operários?<sup>1237</sup>

Os altos-fornos são constituídos por várias secções, que atingem um elevado número de operários. Há 8000 técnicos, 5000 empregados, 67 000 operários na produção, 23 secções de produção, 29 secções auxiliares. Em 1917, juntaram-se à indústria capitais japoneses, formando a companhia combinada de metalurgia e siderurgia de Anshan. Só para se ter uma ideia, em 1943, produziu 1300 000 toneladas de ferro, 840 000 toneladas de aço e 450 000 toneladas de produção combinada. A visita aos altos-fornos provoca, também, reacções a Maria Lamas, que mais uma vez anota na sua agenda:

Anshan, impressão intensa, esmagadora, ambiente de uma realidade forte industrialmente e de aspecto que chega a pesar (humanamente). Não se faz ideia do que se descobre na expressão de homens intimamente unidos à fundição gigantesca com bocas-de-fogo e ferro esbraseado - um calor infernal - em plena actividade. Salário médio mensal: 17-70 Ienes; 56-20 Ienes; 80-60 Ienes - quanto é preciso para viver? Grande esforço, espantoso de adaptação do trabalhador. Equilíbrio entre nível de vida e os ganhos? Desempregados? Quando não tem habitação recebem algum subsídio por casa? Falta de preparação técnica. Importação e exportação. Ganhos do professorado? Técnicos? Funcionários?

Maria Lamas partiu serena para esta viagem, tendo em vista a defesa da paz, que visava a interdição de experiências atómicas, o acordo entre os países que possuem armas termonucleares e a proibição do seu emprego. Para a pacifista a paz “é um ideal universal.”<sup>1238</sup> Pensa que “defender a paz é dar um sentido nobre à minha vida (VIDA!) e uma herança espiritual para os meus netos.”<sup>1239</sup>

Maria Lamas visita também Cantão que fica na província de Guangdong, sendo a mais meridional, com a população de 35 milhões. Esta província era a primeira região oprimida pelo imperialismo exterior. Houve muitas lutas em Cantão contra o

<sup>1237</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 16, referência 2.2.

<sup>1238</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 16, referência 2.2.

<sup>1239</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 16, referência 2.2.

imperialismo estrangeiro, onde há uma tradição de luta anti-imperialista. Os recursos minerais ainda não estão explorados, por isso a indústria pesada não está muito desenvolvida. No entanto, as indústrias ligeiras é que se desenvolveram, o que compreende: açúcar, fábricas de têxtil, fábricas de embalagens. A produção de açúcar, em 1956, foi de 400 toneladas. Estavam a ser construídas sete grandes fábricas de açúcar o que atingiria 700 mil toneladas por ano. O artesanato está reunido desde 1955 em várias cooperativas e distingue-se a escultura em marfim porcelana.

A Província de Guangdong é um porto de comércio e troca de cultura, desde o século II da Era Cristã, cuja fundação ocorreu 300 anos antes da Era Cristã. Em 1841 deu-se a luta dos camponeses contra os ingleses invasores. Em 1911, membros do partido revolucionário, dirigido por Dr. Sun Yie Sun, sublevaram-se contra o governo das Tsings de que resultaram 73 mártires, enterrados hoje na colina das flores douradas. Durante a 1ª guerra civil da revolução, Cantão foi o centro da revolução que alastrava através do país. Em 1923, foram criadas duas escolas revolucionárias dirigidas pelos membros do partido para formar os seus quadros revolucionários: a escola militar Wang-Pau, escola de formação de quadros de camponeses. A segunda estabeleceu-se em 1924, o seu director presidente era Mao Tsé-Tung. O primeiro-ministro Chou En Lai também era ali professor.<sup>1240</sup>

A República Popular da China foi proclamada nos dias 21 de Setembro e 1 de Outubro de 1949 por Mao Tsé-Tung<sup>1241</sup>, mas a China Popular já tinha atrás de si uma longa e dolorosa história, a do partido comunista chinês com o qual a China Popular se identificou a partir de 1921. Esta história, assinalada pelo fracasso da sublevação de Cantão em 1927 e pela penosa e sangrenta retirada da Longa Marcha de Outubro de 1934 a Outubro de 1935 levou Mao Tsé-Tung a conceber uma doutrina nova que fundamenta o comunismo, já não numa base operária, mas numa base camponesa, em 1940.

No entanto, a década de 1956-1966 saldou-se por um duplo fracasso em matéria económica, o Grande Salto em Frente e em matéria política, com a ruptura com o terceiro Mundo. Quando Maria Lamas visitou a China, estava em curso o primeiro plano quinquenal, realizado com a ajuda de técnicos soviéticos ao abrigo do tratado de

---

<sup>1240</sup> Pierre Thibault, *História Universal, O Tempo da Contestação 1948-1969*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1992, p. 165.

<sup>1241</sup> Id. *ibid.*

amizade de 1954, cujos resultados oficialmente proclamados mostraram ter havido uma clara melhoria da produção agrícola e industrial. Este êxito foi ilustrado e sustentado por realizações espectaculares bastante diversas: obras de irrigação (barragem de San-men, no Hoang-ho); arroteamento de 30 milhões de hectares de terras incultas; repovoamento florestal das regiões sujeitas a uma erosão eólica excessivamente destruidora; desenvolvimento prioritário, como na URSS, das fontes energéticas e dos centros siderúrgicos da Manchúria; criação de núcleos industriais novos no Norte e no Nordeste da China; instalação de novos meios de comunicação principalmente ferroviários. De tudo isto resultou uma melhoria do nível de vida, melhoria essa que se manifestou menos por um aumento dos rendimentos individuais do que pela sua igualização, por uma diminuição das horas de trabalho (8 a 10 em vez de 14 a 16) e, sobretudo, pela eliminação completa de dois dos flagelos tradicionais da China: a usura e a fome, e pelo recuo progressivo de um terceiro: o analfabetismo.<sup>1242</sup>

A China deu-se conta de outro problema: o aumento do número populacional, que não correspondia à produção agrícola. Assim, foram tomadas medidas antinatalistas no período de 1956-58, vindo a tornar-se mais sistemáticas, a partir de 1964, sob o nome de «planificação familiar». Estas medidas tinham o objectivo de limitar a três o número de nascimentos em cada lar, utilizando, para isso, meios diversos: aborto, esterilização, uso de contraceptivos, adiamento, imperativamente, aconselhado da idade do casamento de 18 para 25 anos, no caso das mulheres e de 25 para 30 anos, no caso dos homens; finalmente, separação ou penalização económica dos casais demasiado prolíficos após o nascimento de um quarto filho.

Mao Tsé-Tung aceitava, sem dificuldade, as desastrosas consequências de um conflito armado para a humanidade, que viria a reduzir a população, um dos problemas na China. Em 1963, declarou a um jornal: “Poder-se-á prever qual o número de vítimas provocado por uma futura guerra? É possível que seja um terço dos 2700 milhões de todo o mundo, quer dizer, apenas 900 milhões.”<sup>1243</sup> De facto, a China concretizou a criação de bombas atómicas e de bombas de hidrogénio, as primeiras das quais explodiram, respectivamente em 16 de Outubro de 1964 e 17 de Junho de 1967.

---

<sup>1242</sup> Pierre Thibault, *História Universal, O Tempo da Contestação 1948-1969*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1992, pp. 176-177.

<sup>1243</sup> Declarações de Mao Tsé-Tung ao jornal *Pravda* de 21 de Setembro de 1963, citado por Pierre Thibault, *História Universal, O Tempo da Contestação 1948-1969*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1992, p. 183.

Nesta viagem, Maria Lamas estabeleceu contactos com algumas personalidades, o que se verificava, sempre que viajava ao estrangeiro, como representante de Portugal. Na China, criou amigos como madame Chou Nan, (vice-directora do Departamento da Europa do norte e do Oeste da Associação do Povo Chinês para as Relações Culturais com o Estrangeiro, de Pequim); David Hotham, (correspondente na Indochina, do jornal *The Times* de Londres); Emi-Siao (União dos Escritores Chineses de Pequim; Lion-Tchung, (Hotel Amour des Masses, de Cantão, China; senador Humberto Martones Q. Senado, (Santiago, Chile).<sup>1244</sup>

Maria Lamas participa na Sessão de Estocolmo<sup>1245</sup>, do Conselho Mundial da Paz de 8 a 13 de Maio de 1959, tendo sido oradora na sexta sessão de terça-feira, à noite, no dia 12 de Maio de 1959, como delegada de Portugal. Os presidentes da sessão em que Maria Lamas participou eram justamente James Endicott<sup>1246</sup>, vice-presidente do Conselho Mundial da Paz, do Canadá e o pastor Ragnar Forem (1894-1975), membro do Conselho Mundial da Paz, da Noruega.

Os oradores que participaram na mesma sessão com Maria Lamas foram os seguintes: M. Michel Kyrkos - vice-président du Comité Hellénique pour la Détente Internationale – Grèce; M. Mário Schenberg - membre de la direction du Mouvement Brésilien de la Paix et de la Croisade Humanitaire contre les Bombes Atomiques – Brésil; Mme Nguyen Thi Luu - vice-présidente du Comité de la Paix de Saigon – Cholon, Sud Vietnam; M. Ernesto More Barrionuevo - député, Président du Mouvement Péruvien contre la Guerre – Pérou; M. André Souquiere - membre du Conseil Mondial de la Paix – France; M. Moustapha Amine - membre du Conseil Mondial de la Paix - R.A.U. –Syrie ; M. A. R. Bucley - secrétaire du Syndicat des Chaudronniers – Australie; M. Abu Gidary - représentant de l'Union Internationale des Étudiants - République du Soudan; M. Eliezer Halevi - membre du Conseil Mondial de la Paix – Israël; M. Helgi Halldorsson - membre du Comité National de la Paix – Islande ; M. Tawfiq Toubi -membre du Conseil Mondial de la Paix – Israël ; M. José Ennamorado Cuesta - membre du Conseil Mondial de la Paix – Porto-Rico sendo o último orador a delegada de Portugal, Maria Lamas.

<sup>1244</sup> Documento no espólio, com nota manuscrita da filha de Maria Lamas, Maria Cândida, que indicava que estes documentos lhe foram entregues pelo Jorge Reis em Cascais em 1986. A mãe dera-lhos a guardar em Paris quando do seu regresso a Portugal em 3 do 12 de 1969. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 16, referência 2.2.

<sup>1245</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 27, referência 2.31.

<sup>1246</sup> Doutor em Teologia. Recebeu o prémio Lenine da Paz em 1952.

A 4 de Fevereiro de 1960, Maria Lamas, reconhecida pacifista internacionalmente, recebe uma carta<sup>1247</sup> do Instituto Internacional da Paz, com a finalidade de lhe fornecer informações em relação às participações dos Movimentos da Paz de outros países, e que poderiam ser aproveitadas para a actividade dos membros portugueses:

Madame Maria Lamas  
Lisbonne  
Chers Amis,

Nous voudrions vous faire part de quelques informations qui peuvent vous être utiles pour votre propre activité:

I-

a) Le Mouvement de la Paix de Grande-Bretagne organise avec la participation d'autres forces pacifiques, une grande conférence nationale sur le désarmement, les 13 et 14 février 1960 à Londres. L'adresse du Comité Britannique de la Paix est la suivante: British Peace Committee, 81 City Road, London E.C. 1.

b) Le Comité Soviétique de Défense de la Paix organise une conférence nationale pour le désarmement les 15 et 16 février prochains à Moscou; son adresse est: 10, rue Kropotkine, Moscou.

c) La 3<sup>ème</sup> Conférence des Partisans de la Paix de la République Irakienne se tiendra à Bagdad le 6 avril prochain. Son adresse est la suivante: M. Aziz Chérif, Rachid Street, Bagdad.

D'importantes personnalités étrangères ont été invitées à ces trois manifestations qui revêtent une grande importance.

Nous sommes certains que nos mouvements nationaux exprimeront leur solidarité et leur sympathie par l'envoi soit de délégués, soit de messages ou sous d'autres formes.

II – Contrairement à notre lettre du 13 décembre dernier, la deuxième conférence de solidarité des peuples d'Asie et d'Afrique ne se tiendra pas au mois de février mais du 11 au 15 avril 1960 à Conakry. Nous sommes certains que vous prendrez note de cette date et que votre Mouvement envisagera de s'associer à cette importante manifestation, dans l'esprit de notre lettre du 13 décembre.

III – Nous vous avons fait parvenir, par une lettre précédente, l'appel du Comité des Parlementaires indiens pour la paix. Nous pensons que cette initiative des amis indiens revêt une grande importance, et qu'il serait opportun de lui apporter tout le soutien possible et la populariser largement. Le Comité des Parlementaires indiens propose que dans chaque pays cet appel soit porté à la connaissance des parlementaires, et souhaite que des initiatives similaires soient également prises, qui viendraient se joindre à la leur. Il serait sans doute souhaitable qu'une action plus large, à l'échelle mondiale, soit engagée après les initiatives locales qui seconderont celles de nos amis Indiens.

Le comité des parlementaires indiens a décidé la publication d'une revue mensuelle dont chaque numéro sera consacré à une des questions suivantes: 1) désarmement; 2) coexistence pacifique; 3) coopération économique; 4) coopération culturelle; 5) indépendance nationale; 6) discrimination raciale.

Ce Comité recevrait avec grande satisfaction des articles rédigés par des parlementaires et personnalités de différents pays qui devraient être adressés à l'adresse suivante: Mr. Diwan

---

<sup>1247</sup> Carta dactilografada do Instituto Internacional da Paz de Viena, assinada por dois membros do «Comité Directeur», V. Tchkhikvadze e Fernand Vigne a Maria Lamas, datada de 4 de Fevereiro de 1960. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 14, referência 1.306.

Chaman Lall M.P. – Chairman of Comittee of Indien Parliametairians for Peace, 8 Windsor Place, New Delhi.

Assurer des abonnements à cette revue dans votre pays serait un grand soutien à cette intéressante initiative et nous sommes certains que vous n'y manquerez pas.

IV – En 1961 des manifestations nationales seront organisées dans toute l'Inde, pour célébrer le centenaire de la naissance du grand poète indien Rabindranath Tagore.

Nous vous prions d'assurer au Conseil Panindien de la Paix des articles sur ce poète, écrits par de grandes personnalités également heureux de recevoir de tels articles.

L'adresse du Conseil Panindien de la Paix est la suivante: All India Peace Council

14 Munshi Niketan –Kamla Market

New Delhi (India)

Nous vous prions de nous tenir informés des suites que vous donnerez aux différentes informations contenues dans la présente lettre.

Veuillez recevoir, chers amis, l'expression de nos sentiments cordiaux.

Pour le Comité Directeur:

Professeur V. TCHKHIKVADZE e Fernand VIGNE.

Como podemos constatar, Maria Lamas encontrava-se sempre informada sobre os assuntos relacionados com a paz, recebendo, mesmo, informações sobre a forma de actuar em Portugal, e solicitações para participar nas actividades de outros países e também com artigos a serem publicados nos órgãos próprios dos Comités da Paz

Em 1970, Maria Lamas recebe<sup>1248</sup> um boletim informativo do Movimento da Paz da República Democrática Alemã, de 9 de Outubro de 1970, com informações sobre o Colóquio Internacional sobre os acordos de Postdam e a segurança europeia, que ocorreu nos dias 1 e 2 de Setembro. Neste colóquio participaram delegações de vinte e cinco países a fim de discutir o vigésimo quinto aniversário da libertação do fascismo hitleriano e da assinatura dos acordos de Postdam bem como a importância actual dos princípios democráticos para a segurança europeia.

Maria Lamas continua a aderir aos movimentos pacifistas até aos seus últimos dias. Nos anos 80, do século XX, circula em Portugal um abaixo-assinado<sup>1249</sup> num boletim – folheto, com o slogan «Não às armas nucleares em Portugal!». O boletim refere que uma missão estrangeira visitou o país para estudar os locais para esses fins.<sup>1250</sup> O objectivo é prevenir e impedir, enquanto é tempo, a eventualidade e o perigo

<sup>1248</sup> Carta do Movimento da Paz da República Democrática Alemã enviada a Maria Lamas em 16 de Novembro de 1970, para a morada da rua Joaquim António Aguiar. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 27, referência 2.31.

<sup>1249</sup> Boletim de um organismo da Paz, não datado. Biblioteca Nacional de Portugal. Espólio E-28, caixa 48, sem referência.

<sup>1250</sup> Os fins são a instalação de centrais nucleares em Portugal.



do estacionamento, instalação e trânsito de armas nucleares - qualquer que seja a sua natureza, origem ou destino - em território e águas territoriais portuguesas.

Entre as adesões a este movimento por Portugal e pela paz contam-se entre as primeiras adesões recebidas, as seguintes individualidades:

Ex-presidentes da Assembleia Constituinte e da Assembleia da República: Henrique de Barros, Vasco da Gama Fernandes, Teófilo Carvalho dos Santos, José Magalhães Godinho (ex-Provedor da Justiça).

Escritores: Fernando Namora, Maria Lamas, Sofia de Mello Breyner, Augusto Abelaira, José Cardoso Pires, José Augusto França, José Gomes Ferreira, Luís Francisco Rebelo, Mário Dionísio, Manuel Ferreira, Urbano Tavares Rodrigues.

Professores universitários: Barahona Fernandes, Jacinto do Prado Coelho, Pinto Correia, Orlando Carvalho, Maria Lúcia Lepecki, Fernando Piteira Santos, Laginha Serafim.

Juristas: Aníbal Aquilino Ribeiro, Adelino Pereira André, Gonçalves da Costa, Abranches Ferrão, Alcina Bastos, Vasco de Castro, Araújo Sequeira.

Deputados: Carlos Candal, Gomes Carneiro, Anselmo Aníbal, Sousa Marques.

Jornalistas: Norberto Lopes, Eurico da Fonseca, José Vacondeus, Manuel da Silva Costa, Dieter Dellinger, Abel Pereira, José Manuel Nunes, António Valdemar.

Pintores e arquitectos: Carlos Botelho, João Abel Manta, Clementina Carneiro de Moura, Maria Keil, Inácio Peres Fernandes, Nuno Teotónio Pereira.

Engenheiros: João Cunha Serra, Pedro Arsénio Nunes e Luís Marques do Carmo.

Sindicalistas: Kalidás Barreto, Manuel Lopes e Álvaro Rana.

Economistas, investigadores, publicistas: Manuela Silva, Costa Leal, Carlos Carvalhas, Rui Grácio, Silas Cerqueira, Gaspar Teixeira, Eurico da Costa, Luís Moita.

Musicólogos: Fernando Lopes Graça, João de Freitas Branco e Vitorino de Almeida.

Associações cívicas e religiosas: padre Teles Sampaio, pastor Dimas de Almeida, general Costa Gomes, Igrejas Caeiro, Luzia Maria Martins e embaixador Mário Neves.

Este abaixo-assinado é também assinado por várias Instituições, Associações de Estudantes, Colectividades, Comissões de Trabalhadores e de Moradores e Sindicatos.

As acções propostas são: sessões públicas e de esclarecimento, debates, colóquios e aprovação de moções nas colectividades, empresas e outras assembleias. Intervenção nos órgãos de comunicação social incluindo a imprensa regional. Textos de apoio e publicações próprias. Espectáculos, exposições ao ar livre., cartazes e autocolantes. Diligências junto dos órgãos de soberania e das forças políticas e sociais.

O movimento caracterizar-se-á como movimento de opinião, por uma grande descentralização no plano geográfico. Pretende-se um abaixo-assinado nacional e uma campanha de recolha de assinaturas. O abaixo-assinado reflecte o consenso, constitui a plataforma mínima do Movimento e é o veículo da primeira acção comum à escala nacional. A primeira meta é a de um Encontro Nacional no fim do mês de Junho. Assim, será dado balanço às assinaturas recolhidas e deliberado sobre a continuidade e formas de movimento, cuja sede fica situada na Av. Barbosa du Bocage, 86-1º, em Lisboa.

Maria Lamas, sempre recordada como membro da sociedade em defesa da paz, recebe um convite para sábado, dia 30 de Outubro de 1982, pelas 21 horas no cinema Europa, na abertura da sessão pública de encerramento da semana das Nações Unidas consagrada ao desarmamento, da Presidência do Conselho Mundial da Paz, que terá como oradores: Romesh Chandra, presidente do Conselho Mundial da Paz, Marechal Francisco da Costa Gomes e Pal Csillag, director do Centro das Nações Unidas para o Desarmamento, de Nova Iorque.

## 5.PRISÃO

Deolinda Quartim, que travou conhecimento com Maria Lamas, há 25 anos, em Coimbra, e tinha sido sua companheira no Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, em 1950, aquando de uma das suas prisões, diz ter sabido através de telefonema com a filha, que Maria Lamas não tem recebido o jornal *O Primeiro de Janeiro*, tendo já comunicado esse facto ao marido para que ele providenciasse no

sentido de o jornal chegar à prisão. Informa Maria Lamas, que se houver a possibilidade de obter autorização, ela e o marido, teriam muito gosto em a visitar.<sup>1251</sup>

Também o marido de Deolinda Quartim, António Rodrigues Duarte, escreve a Maria Lamas, na sequência da sua prisão, respectivamente em 13 de Agosto de 1950 e em 25 de Agosto do mesmo ano, relvando a sua amizade, mas demarcando-se, no entanto dos seus ideais políticos:

Soube pelo postal da D. Eliza da sua lamentável situação actual. Sinto-a do fundo do coração, como seu amigo; embora entre os dois não haja afinidade política, há-a, todavia, pelo coração e pelo sentimento, pela muita admiração e simpatia que sinto e senti sempre pelos que trabalham pelo bem da humanidade, pela sua instrução, como alavanca da sua exaltação, e pelo auxílio moral prestado aos que sofrem.

Minha querida amiga não sei os motivos da sua prisão pois ignorava, até ontem, que estivesse reclusa. Seja como for, confio que a sua situação há-de ser esclarecida, porque julgo que a Polícia não deve ter por si a menor antipatia, pois que todos conhecem a Maria Lamas e que todos lhe farão a justiça de não a julgarem uma amotinadora, mas uma idealista que desejaria ver a humanidade feliz, e esse idealismo não fere, nem pode ferir a sensibilidade de quem quer que seja, senão no sentido de uma funda simpatia.<sup>1252</sup>

Fernanda Tasso de Figueiredo, conhecimento das suas relações no Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, não deixa de lhe mostrar o seu apoio, através de cartas, pela dificuldade na obtenção de autorização para as visitas:

Tinha gosto, como sabe em ir vê-la; mas aqui, não tenho na verdade facilidade de conseguir a tal autorização especial para a poder visitar, Maria, e assim, vejo-me forçada a desistir de a ver, substituindo a minha ida pelas notícias que farei por lhe ir dando de vez em quando. Se não fora essa história da obtenção de licença, iria, com certeza, estar um bocadinho consigo. Perdoa-me, não é verdade? Mas compreende certamente.<sup>1253</sup>

A família não esqueceu Maria Lamas, prova disso é o número de cartas que recebe de sua prima Maria Lúcia Vassalo Namorado e Silva Rosa<sup>1254</sup> e do seu marido

---

<sup>1251</sup> Carta manuscrita de Deolinda Quartim a Maria Lamas, datada de 2 de Agosto de 1950. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 8, referência 1.266.19 (7), com extensão na caixa 71. Em 1950, Deolinda Quartim voltaria a escrever a Maria Lamas em 16 de Setembro e em 11 de Outubro, apresentando a sua solidariedade.

<sup>1252</sup> Carta manuscrita de António Rodrigues Duarte a Maria Lamas, datada de 13 de Agosto de 1950, na Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 8, referência 1.266.19 (7), com extensão na caixa 71.

<sup>1253</sup> Carta manuscrita de Fernanda Tasso de Figueiredo a Maria Lamas, datada de 25 de Setembro de 1950, na Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E -28, caixa 8, referência 1.266.20 (8), com extensão na caixa 71. Fernanda Tasso de Figueiredo escreveu mais duas cartas a Maria Lamas, em 1950. Uma em 8 de Agosto e a outra em 14 de Agosto.

<sup>1254</sup> Maria Lamas recebe de Maria Lúcia Vassalo Namorado e Silva Rosa, sua prima em primeiro grau, 13 cartas e postais, datados de 25 de Julho, 4, 18 e 27 de Agosto, 7, 10, 20, 21, 26 e 27 de Setembro e de 8 e 11 de Outubro. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 9, referência 1.266.21.

Joaquim Silva Rosa.<sup>1255</sup> Em carta de 27 de Agosto de 1950, a sua prima Maria Lúcia informa-a de que escreve nesta mesma data ao senhor Director do Reduto Norte do Forte, “pedindo autorização para a visitar, pois custa-me imenso sair de Lisboa sem a ver.” Vai alegar que são primas em primeiro grau, tendo assim esperança de que a deixem vê-la.

Também Elisa Sousa, amiga de Maria Lamas, manifesta o seu desalento em não a poder visitar, perguntando se “já pode ter visitas”.<sup>1256</sup>

Mesmo encontrando-se em situação de prisão, Maria Lamas é interpelada pela sua prima, no sentido de proporcionar indicações que possam ajudar uma criança de dois anos e meio, cujos pais morreram com um intervalo de dias, tendo deixado cinco filhos órfãos. Será que “a Maria se lembra de alguma família que pudesse adoptar esta menina?”<sup>1257</sup> Mesmo privada de liberdade, Maria Lamas apresenta-se sempre disponível para os que precisam, e isso mostra o seu carácter humano. A prima informa-a de que vai escrever para a Casa-Mãe, mas receia que não possam receber a criança.

No seu afã de escrever, Maria Lamas prepara a elaboração de dois livros, mesmo estando presa, como se comprova pela carta de Ferreira de Castro<sup>1258</sup>, de 29 de Agosto de 1950:

A minha amiga tem o projecto de escrever dois livros. Oxalá o faça, dando-nos mais uma criação do seu altíssimo talento, que tanto honra a literatura portuguesa. Não é certamente um cárcere o lugar propício à realização das grandes obras literárias que necessitam de outro ambiente, mas se vencer a psicologia espacial que, quase sempre, a prisão dá e conseguir escrever os seus livros, terá obtido uma grande vitória sobre a própria condição humana.

Em carta datada de 8 de Setembro de 1950, Ferreira de Castro diz a Maria Lamas que ela “deve aproveitar a sua estadia aí para concluir o novo romance, pois será uma maneira de preencher o tempo, embora eu calcule o quanto é difícil encontrar numa prisão ambiente para escrever.”

---

<sup>1255</sup> De Joaquim Silva Rosa há, no período correspondente à prisão, 14 cartas e postais, um dos quais sem data e outro assinado por ele pela mulher. A correspondência, de 1950 tem as datas de 29 de Julho, 19 e 29 de Agosto, 8, 13, 18 e 23 de Setembro, 4, 5, 7, 10, 11 e 13 de Outubro. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 9, referência 1.266.21.

<sup>1256</sup> Carta manuscrita de Elisa Sousa datada de 10 de Outubro de 1950. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 9, referência 1.266.25.

<sup>1257</sup> Postal manuscrito de Maria Lúcia Vassalo Namorado e Silva Rosa a Maria Lamas, datado de 10 de Setembro de 1950. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 9, referência 1.266.21.

<sup>1258</sup> Carta manuscrita de Ferreira de Castro a Maria Lamas, datada de 29 de Agosto de 1950. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 9, referência 1.266.23.

Mas não é só o ambiente da escrita que é tratado nas cartas trocadas entre Maria Lamas e Ferreira de Castro. Com o prolongamento do período prisional, as cartas mostram maior intimidade:

Está a anoitecer e penso muito em si. Todos os dias, a esta hora, penso em si. Sei que a poesia romântica do crepúsculo tem influência na nossa sensibilidade, pois ambos somos uns românticos incorrigíveis. Vejo-a, sozinha, por detrás das suas grades e julgo adivinhar o que a sua alma sente. Compreendo muito bem esse longo e fatigante monólogo interior, que lhe traz o isolamento. Também tenho pensado muitas vezes nele. O tempo, para quem está na sua situação, é o grande inimigo.<sup>1259</sup>

A mesma ideia confirma-se através de um postal de Maria Lúcia Namorado, datado de 26 de Setembro de 1950.

Maria Lamas teve o apoio de algumas pessoas amigas aquando da sua prisão em 1951, bem como o seu reconhecimento. Caso disso é Anália Torres (1888-?)<sup>1260</sup> que lhe manifesta, em carta datada de 20 de Maio de 1951, a admiração pela “sua coragem, a sua integridade moral, o seu apurmo varonil que nem mesmo uma saúde precária conseguiu abater”<sup>1261</sup>. Confrange-lhe o coração “ao ver as suas intenções tão nobres, tão

<sup>1259</sup> Carta manuscrita de Ferreira de Castro a Maria Lamas, datada de 19 de Setembro de 1950. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 9, referência 1.266.23.

<sup>1260</sup> De seu nome completo: Anália Niny Pereira Cardoso Torres. Cf. *Dicionário no Feminino (Séculos XIX-XX)*, dir. Zília Osório de Castro e João Esteves, coord. António Ferreira de Sousa, Ilda Soares de Abreu e Maria Emília Stone, Lisboa, Livros Horizonte, 2005, Lisboa.pp108-109.

Anália Niny P. C. T. nasceu em Estremoz, Alentejo, em 29 de Julho de 1888. O seu pai, João Pereira Cardoso, era dono de uma Fábrica de Licores, Vinhos e Aguardentes e proprietário de vinhas e terrenos agrícolas. A sua mãe, Maria Guilhermina Niny Pereira Cardoso, era dona de casa e tinha notáveis qualidades de inteligência, de carácter e de educadora. Deste casamento houve 6 filhos, dos quais 2 filhas faleceram ainda de meses. Quando Anália tinha 2 anos e a sua irmã mais nova um ano, o pai morreu de tuberculose que então grassava em Portugal. A sua mãe enviuvou aos 30 anos com 4 filhos entre os 5 e um ano. O Conselho de Família reuniu e decidiu que uma mãe viúva, naquelas circunstâncias, precisava de um marido que dirigisse a fábrica, as propriedades e a família. Mas a mãe tomou tudo a seu cargo. Anália foi educada e também a sua irmã, como era hábito naquela época, na Escola das Irmãs Religiosas, até aos doze anos. Depois a mãe contratou o professor Gomes de Lisboa, que leccionou os irmãos com uma grande competência. Note-se que o professor Gomes foi depois nomeado Director Geral da Instrução Pública. A mãe era assinante de revistas francesas, como a *Ouvrage des Dames*, que proporcionavam a uma alentejana de 3 anos o alargamento à cultura europeia. Inscreveu-se num Curso por Correspondência de Desenho. Casou aos 24 anos com Bernardo Sérgio Evangelista Torres, principal representante de uma firma de Lisboa. Com a crise da Bolsa de 1929 em Nova Iorque, a família quebrou. Os filhos interromperam os estudos e Anália começou a dar lições de Inglês e Francês. Começou também a escrever para jornais e revistas e é daí que vem o conhecimento com Maria Lamas, que passou a visitar a casa de Anália. Em 1945, Maria Lúcia convidou-a para colaboradora da revista *Os Nossos Filhos*. Teve as seguintes rubricas “Falamos os rapazes”, “Uma vida de mulher”, “Cartas de Inglaterra”, “Mulheres que trabalham”. Na revista *Modas & Bordados*, tinha a coluna “Eles e Elas” a partir de 1945. Em 1963 assinou a coluna “Eduquemos o nosso filho” no *Diário de Lisboa*. Foi eleita Vice-Presidente do CNMP.

<sup>1261</sup> Carta manuscrita de Anália Torres a Maria Lamas, datada de 20 de Maio de 1951. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.36.

puras, tão respeitáveis e tão necessárias à vida e à mulher portuguesa, perseguidas, quando deveria ser acatadas, acarinhadas e ...seguidas.”<sup>1262</sup>

Maria Lamas é presa no regresso a Lisboa, quando vinha de um congresso realizado em Copenhaga, juntamente com mais pessoas. É em vinte páginas manuscritas<sup>1263</sup>, que a escritora elabora um «Diário de prisão», assim mesmo denominado por ela própria, com início a 20 de Dezembro de 1953 e final a 8 de Janeiro. Pela intensidade do registo pessoal e pela crueza do acontecimento, não resistimos a transcrever o que Maria Lamas escreveu sobre o seu próprio sofrimento e a injustiça de que foi vítima:

Diário de prisão

20 de Dezembro -1953 (domingo)

Fui presa no avião da «Air France», quando acabava de aterrar no aeroporto da Portela. O mandado de captura diz: “para averiguações, por se lhe atribuir o crime do artigo cento e setenta e três do Código Penal Português<sup>1264</sup> – sem admissão de fiança”. O agente que me prendeu mandou sair todos os outros passageiros, o que chamou a atenção, ficando, decerto, quase todos convencidos de que se tratava de alguém que cometera um crime grave. Digo quase todos, porque os portugueses que vinham devem ter compreendido que se tratava de uma prisão política.

Só muito tempo depois, quando o pessoal já procedia à limpeza do avião, depois de ter protestado pela demora que lhes atrasava o trabalho, eu saí, finalmente, acompanhada pelo agente, que foi correctíssimo comigo, e de outro que se lhe juntou na ocasião.

Creio que esperavam mais outra pessoa, porque o agente tinha dois mandados de captura e perguntou-me “se não tinha vindo mais ninguém comigo”.

Fui conduzida ao gabinete da PIDE no aeroporto, onde me foi permitido ver as minhas filhas, genros, netos, a minha afilhada, a minha irmã Joaninha e a minha prima Maria

<sup>1262</sup> Carta manuscrita de Anália Torres a Maria Lamas, datada de 20 de Maio de 1951. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.36.

<sup>1263</sup> Páginas manuscritas por Maria Lamas na prisão. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 53.

<sup>1264</sup> O artigo n.º 173, inserido no Título II- Dos crimes contra a segurança no Estado, Capítulo III- Dos crimes contra a segurança interior do Estado, Secção II - Rebelião, dizia o seguinte: Aquele que exercer algum comando ou direcção em motim, ou levantamento, ou corpos, ou partida organizada, que tenha por objecto qualquer dos crimes declarados nos artigos antecedentes desta secção, será condenado na pena de prisão maior celular por seis anos, seguida de dez de degredo, ou, em alternativa na pena fixa de degredo por vinte anos. Cf. *Código Penal Português*, Coimbra, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1919, sétima edição, p. 51, aprovado por decreto em 16 de Setembro de 1886.

Lúcia, com quem conversei alguns momentos. Toda a bagagem foi vista pela alfândega e eu segui dali para Caxias, com dois agentes, num carro da polícia.

Em Caxias foi-me revistada minuciosamente toda a bagagem – incluindo a carteira. Apreenderam-me algumas cartas, fotografias e moradas de pessoas minhas amigas, dois ou três pequenos emblemas que me ofereceram em Viena, um lenço de seda, para o pescoço, que me foi oferecido em Copenhaga, por ocasião do Congresso Mundial de Mulheres. Apreenderam-me ainda alguns apontamentos para o meu livro *A Mulher no Mundo* e um plano da cidade de Copenhaga. Apreenderam-me também o passaporte. Foi-me dito que me seria restituído o que não interessasse à polícia.

Trataram-me com delicadeza. O Director dispensou-me as mesmas atenções com que sempre me tratou, quando aqui estive anteriormente.

Fiquei na sala 5. Como tenho dieta rigorosa, não sei bem como vou organizar a minha alimentação. – Além da cama, uma velha mesa, a desconjuntar-se, o lavatório e bidé, tenho uma pequena mesa, colocada ao centro da casa, sob a lâmpada, o que me permitirá ler e escrever mesmo à noite. Deram-me cobertores novos. O colchão e a roupa são mais limpos e em melhor estado que quando aqui estive há três anos (De Julho a fins de Dezembro – tendo ido daqui para o hospital.) – Pelas 5 horas da tarde a Maria do Carmo veio trazer-me um cestinho com carnes, fruta, ovos, leite em pó, feijão verde cozido e nozes. Deitei-me às 8 horas – estava cansadíssima e, ao mesmo tempo, excitada, por tanta coisa intensa sucedida durante o dia. (Tinha saído de Paris ao meio-dia, depois de termos subido e regressado pouco depois a Orly, por haver denso nevoeiro e, segundo disseram, estar em greve pessoal do Radar, não havendo, portanto, quem desse ao avião as indicações indispensáveis para ele se orientar no nevoeiro.) tomei um comprimido de Sedo-Carena, ao jantar.

21 de Dezembro (2ª Feira)

Dormi bem. Levantei-me tarde. Arrumei as minhas coisas. Inesperadamente, recebi a visita das minhas filhas Manuela e Mimi, que me trouxeram também comida: carne assada, ovos, laranjas, loiça, um talher e álcool. Permitiram-me que recebesse a sua visita. Gostei muito de estar um bocadinho com elas. Trouxeram-me também os sapatos de quarto. Mande para casa algumas coisas que me não são precisas e pequenos «souvenirs» para as filhas e netos. – Enquanto estava com as minhas filhas vi passar o Dr. António José Saraiva, o arquitecto Keil do Amaral, o que muito me surpreendeu;

também me pareceu ver, ao passar, raparigas conhecidas, na galeria, mas a falta de claridade não me permitiu certificar-me de quem era. (tomei Sedo-Carena)

22 de Dezembro (3ª Feira)

Dormi bem. Mande entregar ao Director uma carta que lhe escrevi ontem à noite, acerca da alimentação. Ele veio hoje ao meu quarto, depois do almoço, saber como eu estava e dizer-me que faria o possível para me mandar servir vegetais e alface, para completar as refeições de carne e peixe que me são enviadas de casa. Mandou-me depois o balde pequeno – o mesmo que foi arranjado para mim em 1950. Fui a Lisboa. 1º interrogatório, que não ficou concluído. Neguei-me a responder sem estar assistida pelo meu advogado, porque a acusação que me fazem – Artigo 173 do Código Penal, corresponde a conspiração contra o Estado, com pena maior – acusação que repudiei imediatamente. Prontifiquei-me a responder quanto aos objectos que me foram apreendidos; três emblemas da Paz, que me foram oferecidos em Viena; um broche e um lenço do Congresso Mundial de Mulheres, em Copenhaga; uma planta de Copenhaga; duas cartas do F. de C.<sup>1265</sup>; duas fotografias de pessoas amigas, uma delas comigo; apontamentos para *A Mulher no Mundo*; moradas sem importância; dois fascículos de *A Mulher no Mundo*; um bocadito de papel com uma palavra estrangeira, que me não lembro que seja. (Trago sempre papéis nesse género na carteira, pois costumo pedir que me escrevam as palavras que não percebo bem.) Terei que voltar para continuar o inventário dos objectos apreendidos. Foi comigo uma rapariga cuja fisionomia me não é desconhecida, mas que não sei quem é. Calculo que fosse também para ser interrogada. – Saí de Caxias perto das três horas da tarde; regressei pelas sete e meia. – Encontrei alface e azeite, para o jantar, sendo-me servido peixe cozido com batatas e couves, muito saboroso tudo. – Dói-me imenso a cabeça desde ontem. Calculo que seja fígado.

\*Correio – Recebi hoje o 1º correio – um postal do Quim – uma rosa muito bonita. Comoveu-me a intenção, que compreendi. É um pobre doente, bem infeliz e que faz a família infeliz também, mas tem um coração bondosíssimo e uma grande delicadeza de sentimentos. Pus o postal na parede, pois, na realidade, é agradável à vista e quebra a monotonia das paredes nuas. Tenho que nomear rapidamente um advogado. É um problema difícil de resolver, pois não tenho em mente quem deverá ser.

---

<sup>1265</sup> Presumimos que seja Ferreira de Castro.



23 de Dezembro (4ª Feira)

Dormi bem. Recebi bolos de alguém que não indicou o nome. Tive a visita da Bissú, da Maria do Carmo e da Vera, que me trouxeram comida variada, flores e outras coisas que eu havia pedido, como livros, uns bordados, etc. Mande para casa mais roupa de que não precisava e os bolos.

Durante a visita observei que muitas pessoas da família de alguns conhecidos meus vinham trazer pacotes, e compreendi que não lhes era permitido falar com os presos que procuravam. Soube, casualmente, que a Maria dos Anjos foi trazida para aqui no Domingo, com a filhinha, quando estava no Aeroporto, creio que esperando-me. Perguntei se havia sucedido alguma coisa anormal, por ocasião da minha chegada, mas a minha Filha e a Maria do Carmo não souberam ou não quiseram explicar-me. O facto de ter visto passar o Dr. António José Saraiva e o arquitecto Keil do Amaral, que se encontram aqui detidos, certamente, e o que observei hoje, causa-me apreensões. Que se teria passado? Tratar-se-á de alguma coisa relacionada comigo? A minha consciência está alarmada... Tenho que pensar profundamente sobre isto. Continuo calma, no entanto sinto-me inquieta também, pensando que talvez aqui estejam pessoas por me terem ido esperar. Que atitude deverei tomar?

24 de Dezembro (5ª Feira)

\* Correio – Dormi pouco. Os pensamentos que ontem surgiram no meu cérebro, acerca do que se terá passado e estará ainda passando, relacionado com a minha chegada, preocupam-me cada vez mais. Resolvi escrever ao Director, pedindo-lhe que me desse uns minutos de atenção. É meu desejo expor-lhe o problema que se levantou na minha consciência, se na realidade estão aqui presas, incomunicáveis, pessoas cujo crime foi apenas irem esperar-me, por me estimarem e por desejarem, como eu, uma Paz justa e estável.

São 17 horas; ainda não recebi resposta alguma. Hoje não tive visitas. Bordei, escrevi algumas cartas, pensei muito – e o dia passou depressa.

Resolvi dirigir-me ao Dr. Luís Francisco Rebelo, perguntando-lhe se ele está disposto a ser meu advogado.

Quero principiar a trabalhar, mas, enquanto se não definir a minha situação, como prisioneira, e eu não souber, ao certo, as razões que deram lugar à minha prisão e à

acusação do crime a que se refere o Artigo 173 do Código Penal Português (Conspiração contra a Segurança do Estado) não me sinto com disposição para trabalhar.

\* Correio: uma carta do Guilherme

Escrevi: M<sup>a</sup> Júlia (c); M<sup>a</sup> do Carmo (c); Luís Francisco Rebelo (c) Maria Lúcia (p).

O Director chamou-me, perto das 18 horas. Fui ao gabinete dele e conversámos uns breves minutos, porque ele teve de atender o telefone e depois tratar de qualquer assunto urgente. Recebeu-me, como sempre, com a maior delicadeza. Disse-me, apenas, que os presos que vieram do Aeroporto para aqui não estavam incomunicáveis. Isto, porém, foi dito de fugida, porque ele estava ocupadíssimo – o que eu compreendi ser verdade. Ficámos de continuar a conversa na primeira ocasião em que ele possa dispor de uns momentos. Comecei a ler a Vida de Tolstoi, por Roman Roland. Soa 21 horas – vou-me deitar. A luz é ma e cansa-me a vista ler assim. Este serão faltou a luz durante 1 hora. O Dias (o empregado que está de serviço no 1º andar) veio trazer-me um candeeiro de petróleo, mas não cheguei a utilizá-lo, porque a luz reapareceu nesse momento. Quero registar o modo afável e atencioso com que o Dias se me dirige sempre. Que diferença da primeira vez que aqui entrei! Então – 1949, fui recebida como uma criminosa, com modos desabridos e tive que esperar, sentada numa caixa de madeira, sem jantar, que me trouxessem o leito. Pedi água, para tomar um remédio e nem isso me foi dado. Mesmo nas roupas da cama e colchão noto que houve melhoramento, decerto para todos os presos.

25 de Dezembro (6ª Feira)

6ª Feira-Natal

Dormi bem. Só recebi visitas depois das quatro horas, quando já estava em cuidado, receando que tivesse sucedido alguma coisa desagradável. Afinal, a demora foi porque pediram (aqui, os funcionários do forte) para esperarem que saíssem as outras visitas, que eram numerosíssimas e ficar a minha visita para o fim. Vieram: a Fernanda, a Mimi, a Manuela, a Maria Leonor, a Sãozinha e o Joaquim. Trouxeram-me comida e mimos. Também me trouxeram flores. Mostraram-se muito afectuosos para mim, o que me reconfortou profundamente, como sempre sucede quando me sinto acarinhada pelas minhas filhas e por aqueles que amo.

Vou escrever ao Dr. Heliodoro Caldeira, porque o Luís F. Rebelo está em Paris.

\* Correio: 1 telegrama da Clarisse.

Recebi também laranjas e uma caixa de leite condensado, que não sei quem trouxe, pois o nome estava rasgado. A Manuela também trouxe chocolates da Lúdia e uma pequena pasta - bloco do Zé. Não são os presentes, em si, que me interessam, mas a lembrança e amizade de quem mos envia. Mandeï para casa os sapatos de Inverno e a pasta de escritório, que não tinha, aqui, onde pôr.

O jantar foi melhorado: canja, carneiro com batatas e uma laranja. Serviram vinho ao almoço e ao jantar.

26 de Dezembro (Sábado)

Dormi menos bem que de costume: agitada, acordando repetidas vezes. Costumo deitar-me pelas 21 horas e dormir até às 4 da madrugada. Depois fico muito tempo desperta e só pelas 6 horas volto a passar pelo sono. Esta noite, tendo-me deitado às 22 horas, acordei cerca das 2 da madrugada e não voltei a dormir, verdadeiramente. Sinto a pontada nas costas, mas deve ser de bordar, de varrer, despejar o balde, etc.

Entretanto o estado geral é razoável e como com apetite.

Tive, inesperadamente, a visita da M<sup>a</sup> do Carmo e da Vera, que muito apreciei.

Trouxeram-me comida, algodão em rama, álcool e outras pequenas coisas de que eu necessitava.

\* Correio: Joaninha (c); Quim (p) Bissú e M<sup>a</sup> Luísa Bastos.

Escrevi: Heliodoro Caldeira (c) Bissú e filhinhos (c).

Sinto necessidade de realizar qualquer coisa com interesse. Vou tentar escrever.

27-Domingo

Dormi novamente melhor. Tive a visita da Bissú e do Francisco José, que me deu grande satisfação. Noto, porém, que as visitas me excitam. – Continuo a ler a Vida de Tolstoi, com verdadeiro interesse.

Hoje não bordei, para ver se me passava a dor nas costas. Efectivamente sinto-me melhor. Verifico que qualquer trabalho mais insistente me provoca dores nas costas – sempre a mesma dor, na pleura, do lado direito.

Não comecei ainda hoje a escrever, mas sinto que está amadurecendo em mim uma grande ânsia de escrever. Não sei ainda se concluirei as Confissões de Sílvia ou escreverei outro romance. Vou mandar vir os meus livros infantis, para fazer uma revisão cuidada.

\* Não tive correio. (Veio uma cartinha da Zézinha pela Bissú)

A Maria do Carmo mandou-me alguns números de Match. É uma revista de processos desonestos, mas dá uma ideia do panorama do Mundo civilizado em que vivemos – das suas falsidades, das suas misérias e escândalos.

Servirão para me entreter depois de jantar e dar-me-ão motivo de meditação... Na realidade, perante uma imprensa tão falsa, tão deformadora da realidade dos factos e tão baseada no escândalo e na sensação não é de espantar que o público, em geral, tenha uma ideia igualmente falsa e deformada da vida actual.

#### 28-2ª Feira

Não sucedeu nada...não tive visitas nem recebi correio. Mas o dia não me custou a passar. Pelo contrário: foi um dos que mais rapidamente passou...

Estranho a falta de correio...Também esperava hoje qualquer notícia do advogado.

Não trabalhei tanto como de costume e, na realidade, sinto-me melhor. A dor nas costas foi muito menos intensa. – O dia esteve lindo. Ao entardecer havia uma luz de sonho, que punha em relevo a brancura das casas e a pequena cúpula vermelha do farolim que se avista daqui, para os lados da Cruz Quebrada.

Continuo a dormir bem. Se acordo de madrugada é porque me deito cedíssimo, cerca das nove horas. É natural que desperte, depois de seis ou sete horas de sono. Aproveito essas horas de quietação absoluta para analisar muita coisa – a vida! – Fazer a revisão das minhas atitudes e projectos, tomar decisões, etc. Depois, quase sempre, passo ainda pelo sono entre as seis e as sete horas, levantando-me bem-disposta.

29 de Dezembro (3ª Feira) – fui a Lisboa, depois do almoço, para ser identificada e novamente interrogada. Foram comigo 10 homens presos no aeroporto, no dia em que cheguei, creio eu.

No interrogatório mantive a mesma atitude: não responder sem ser assistida por um advogado. Regressámos – os mesmos 11 – depois das sete horas. Tive que esperar

bastante que me trouxessem o jantar: um bocadinho de peixe cozido com batatas e couves.

\* Não tive correio – ninguém veio hoje. Esperava que viesse alguém trazer-me comida. Esperava também o advogado. Estou ansiosa por dar andamento ao interrogatório. Sinto-me hoje um tanto deprimida. Começo a compreender que me agrada a solidão e sossego dos dias passados aqui, com as minhas leituras, o meu trabalho e os pequenos acontecimentos quotidianos.

Que transformação se estará dando nos meus nervos? Cansaço? Necessidades de reflexão? Incompatibilidade com o meio? Tive hoje a impressão nítida de que gosto de estar sozinha.

30 -4ª Feira

Correio - Bissú; Laura; Elisa e Armando Bacelar; Gina; nome ilegível;

Escrevi: Marimília (c); Manuela (p).

Fiz a procuração para os advogados: Dr. Heliodoro Caldeira e Dr. Domingos da Costa Gomes. Recebi a visita da Manuela e da Maria do Carmo. Sinto-me abatida. A dor nas costas persiste. Também me dói a cabeça. Não consegui escrever nem bordar. Principiei a receber o Primeiro de Janeiro.

Sinto desejo de desabafar coisas que me ferem e analisar atitudes de pessoas que me mereciam confiança, mas o meu estado de espírito não é propício a esse indispensável desabafo. Escrevendo tudo o que tenho no pensamento e no coração decerto me excitaria, agravando o estado meio febril, meio enervado e deprimido, ao mesmo tempo, em que me encontro.

E não dormiria... O que é sempre, para mim, o mais grave. Mas cada vez me sinto mais enojada desta sociedade hipócrita e decadente em que vivemos!

31 -5ª Feira – Correio – Maria Júlia; Alpedrinha e mulher (cartão): Escrevi: Mª do Carmo; Jaime; telegrama a Delmira Caeiro e Nuno Rodrigues dos Santos.

Fui a Lisboa, inesperadamente. Interrogatório inútil, pois mantive a minha atitude de não responder sem falar com o advogado. Mostraram-me (mas sem me deixarem ler) um exemplar do Avante que diz, segundo me informaram, que eu estive no Congresso Mundial de Mulheres. Isso mesmo declarei eu logo no 1º interrogatório. – Disseram-me

também que era necessário escrever uma carta ao Director da PIDE pedindo autorização para falar com o advogado. (Não sabia que era necessário)

Foram comigo uma rapariga e um rapaz, também presos aqui. Ela é minha vizinha de sala. – Apanhei frio e vim bastante fatigada, apesar de ter passado quase todo o tempo à espera. Em todo o caso sinto-me menos deprimida que ontem.

Janeiro 1954

1-6ª Feira – Correio telegrama agradecimento Delmira Cardoso; Dr. Morais Sacramento (cartão); Lucinda (cartão b.f.<sup>1266</sup>); Vitalina e Georgina (cartão b.f.);

Escrevi ao director da PIDE pedindo autorização para o meu advogado aqui vir falar-me.

Tive a visita da Manuela, Joaquim, M<sup>a</sup> Leonor e João Manuel. – Dia sem interesse. Tenho procurado não me fatigar, para ver se me passa a pontada; estou melhor, mas, pela tarde, a pontada volta sempre, embora ontem e hoje com menos violência. Sinto nitidamente que é o transporte do balde e do regador, cheios, que me cansa extraordinariamente. Logo que regresse o Director, que, desde o dia de Natal, está sendo substituído por outro, que não conheço, vou pedir a visita do médico. Também me sinto constipada desde ontem. Foi o frio da água-furtada, onde permaneci mais de uma hora, que me fez mal, pois me arrefeceram muito os pés. – Sinto a vista cansada. Devo precisar de mudar as lentes. Mais um assunto a tratar quando voltar o Director.

2-Sábado – correio C. Pires; Bissú. Escrevi M<sup>a</sup> Júlia.

Tive a visita da M<sup>a</sup> do Carmo e da Vera. Veio ver-me o Dr. Martins Ruas. Não chegou a observar-me. Voltará amanhã. Principiei a pôr o saco de água quente nas costas. Não trabalhei senão o indispensável.

3-Domingo – Correio: F. de Castro; Quim.

Escrevi ao Fernando.

Tive a visita inesperada da Bissú e do Francisco José, que me deu muito prazer. Recebi uma almofada, que vem dar um mínimo indispensável de conforto à minha permanência aqui. Dormi melhor que as noites anteriores.

---

<sup>1266</sup> Presumimos que seja a abreviatura para boas festas.

O médico voltou, mas não chegou a observar-me porque estavam a Bissú e o Francisco José à espera. Disse-me que virá amanhã. Continuei a não bordar. A dor afligiu-me menos.

4-2ª Feira – Veio o Jaime. Em compensação o advogado não apareceu. Principia a enervar-me esta série de desencontros e dificuldades que me tem impedido de comunicar com o advogado. – Voltou o médico. Auscultou-me muito superficialmente e não me encontrou nada grave. Atribuiu a dor, de preferência, a reumatismo. Não me viu a tensão arterial. – Como tenho já a almofada e aplico o saco de água quente nas costas, ao mesmo tempo que me tenho limitado a despejar o balde, porque o Dias me transporta o regador cheio de água, sinto-me melhor. A noite passada dormi bem – é sempre o que melhor me permite refazer as forças e os nervos.

5-3ª Feira – Correio – Mª Júlia «República». Escrevi: Mª Júlia e Ferreira de Castro. Fui a Lisboa. Novo interrogatório; desta vez interveio o Inspector Falcão. Foi-me comunicado que não me será permitido falar com o advogado enquanto o processo não der entrada na Boa Hora. Creio que os interrogatórios terminaram. Veio a Manuela mas não nos vimos. Sinto-me cansada. Pressinto que se passa à minha volta qualquer coisa que eu desconheço mas que virá a contrariar-me. Vou deitar-me mais tarde que habitualmente: 22 horas. Cheguei aqui perto das 20h e 30.

6-4ª Feira – Correio: 1 livro do Redol; Jaime Casimiro; Mª Júlia; Zézinha; Bissú; Quim, Dr. Costa Gomes.

Escrevi: Dr. C. Gomes – Director da PIDE pedindo a devolução de coisas apreendidas, que não interessam à polícia.

Fiz análise de urina: vestígios de glucose. Sinto-me cansada. A dor nas costas persiste. Tenho também uma forte dor na perna esquerda. A Manuela voltou, coitadinha, muito constipada. Falou-me, na possibilidade de me afiançarem. É uma perspectiva em que eu não tinha pensado. Vamos a ver como o problema se me apresenta.

7- 5ª Feira Correio Mimi (p). – Escrevi: Zézinha; Quim; Manuel. Tive a visita da Bissú, Manuela e Maria do Carmo. Disseram-me que eu talvez fosse posta em liberdade por estes dias. Não julgo isso provável. Aguardo com a maior calma. – A análise deu positivo. Voltou o médico; continuo a sentir a dor nas costas e fraqueza e cansaço. Esperava ir a Lisboa à tarde, mas afinal não fui.

8 de Janeiro (6ª Feira)

Fui à Polícia às 9 da manhã e permaneci na Rua António Maria Cardoso até às 19h. Interrogatório – Fiança. – Fui para casa com o Joaquim.

Perante a injustiça da prisão, Francisco Caetano Keil Coelho do Amaral escreve uma carta dirigida ao Presidente da República em 3 de Fevereiro de 1954, muito esclarecedora dos métodos utilizados pela PIDE. Francisco Keil do Amaral, depois de sair do Depósito dos Presos Políticos de Caxias, tomou conhecimento de uma representação dirigida ao Presidente da República à qual se quis associar e dar o seu contributo pessoal:

O que aconteceu foi o seguinte: no domingo, 20 de Dezembro de 1953 fui com a minha mulher esperar a Sr.<sup>a</sup> Maria Lamas ao aeroporto, de quem somos amigos pessoais e por cuja nobreza de carácter e altas virtudes cívicas nutrimos profunda admiração. Estivemos vinte minutos à espera na plataforma pública fronteira ao parque de estacionamento, e como demorava o avião que vinha de Paris, deixei a minha mulher no carro a fazer tricot e fui à aerogare saber da hora prevista, sendo que o empregado da «Air France» disse faltar uma hora e meia. Assim, decidimos regressar à cidade, no automóvel e quando o fazíamos, umas pessoas conhecidas pediram-nos para as transportar. Quando elas estavam instaladas no automóvel, foi este rodeado por agentes da PIDE que obrigaram todos os ocupantes a sair, sem qualquer explicação e conduziram-nos a um gabinete da cave da aerogare, onde volvidos alguns minutos nos passaram para um carro celular que nos levou ao forte de Caxias com muitas outras pessoas também detidas, entre elas duas crianças.

O signatário garante a rigorosa exactidão destas afirmações, com a sua palavra de honra. Não se passou mais nada, o que eu e a minha mulher queríamos era apenas cumprimentar aquela ilustre senhora.

Fiquei detido, depois de revistado com mais treze pessoas durante trinta e quatro dias. A minha mulher ficou noutra sala com mais onze senhoras durante 23 dias. [...]

A primeira verificação importante que no forte de Caxias tive de fazer foi a da falta nos meus estudos e nos dos outros detidos da sala em que me encontrava, de um capítulo sobre os hábitos das prisões do estado, porque tanto guardas como funcionários tinham como ponto assente que os devíamos conhecer.

E quando, na nossa ignorância, não seguíamos ao longo dos corredores encostados a uma certa parede, ou não sabíamos que a um certo toque devíamos perfilar-nos aos pés da cama ou ainda que, para irmos a retrete, era preciso colocar uma seta de cartão de uma determinada maneira, choviam ameaças (de nos meterem vinte dias no segredo; de pegarem em quatro ou cinco e obrigá-los a desentupir retretes, etc.), entremeadas com palavrões que a decência impede de reproduzir.

O art. 231 determina que os presos nas cadeias comarcas e os presos políticos serão tratados pelos seus nomes, pois só passados alguns dias é que alguns de nós mereceram tal distinção. De onde se depreende que a lei estava como deve ser, mas não o seu cumprimento. A minha mulher foi posta em liberdade sem qualquer explicação.

Excelência:

Já decorreram alguns dias sobre a minha libertação, e ainda não consegui desfazer-me da sensação de espanto, de incredulidade, que tudo isto me causou. Pois será possível que em Portugal, no meu país, sob este sol radioso e na quadra festiva do Natal, se passem coisas destas? Se prendam pessoas sem lhes dizer porquê, se vexem, se humilhem, se mantenham presas sem respeitar leis, nem regulamentos e um belo dia se mandem embora sem qualquer explicação, ou invocando um pretexto absurdo? Será possível? Parece-me um sonho mau. Um pesadelo. E sinto-me envergonhado, não por ter estado preso, mas por ter tido ocasião de verificar que tais coisas se passam, de facto, na minha terra.



Rogo a V. E<sup>a</sup> que use da sua Alta autoridade para que seja recomendado instantaneamente aos funcionários da PIDE e das prisões políticas um pouco mais de calma, de compostura, de humanidade e menos zelo na preocupação de apresentar serviço de qualquer maneira.<sup>1267</sup>

Mas já antes, ainda em 1953, António José Saraiva (1917-1993)<sup>1268</sup> se tinha dirigido a um deputado, que não conseguimos identificar, e ao Presidente da Assembleia Nacional, a pedir justificações para tal atitude, apenas por se encontrar no aeroporto à espera de Maria Lamas. A carta é bem elucidativa das prisões arbitrárias que eram efectuadas em Portugal:

No dia 20 do corrente mês de Dezembro, pouco depois do meio-dia encontrava-me no Aeroporto desta cidade. Havia ali umas centenas de pessoas dispersas, umas ao longo dos bancos alinhados em frente ao gradeamento da pista, outras encostadas a este gradeamento, outras no bar, outras no terraço respectivo, outras em diversos lugares do terreno ou do edifício. Eu estava a uma mesa do bar na companhia do escritor Alexandre O' Neill, do jornalista Jaime Cortesão Casimiro e da esposa deste, D. Leonor Furtado Casimiro.

Inesperadamente aproximaram-se da minha mesa dois desconhecidos que se identificaram como agentes da PIDE e, sem nos pedir a identificação, sem qualquer explicação prévia, nos convidaram a acompanhá-los junto de um inspector da mesma polícia, que, segundo disseram, se encontrava noutra dependência do edifício.

Convencidos de que íamos prestar esclarecimentos de identificação, acompanhámos os dois agentes que nos conduziram para uma sala onde já se encontravam numerosas pessoas. Entre elas, com sua esposa, o próprio autor do projecto do Aeroporto, o Arquitecto Francisco Keil do Amaral.<sup>1269</sup> Mas nenhum inspector veio falar com os presentes. Nenhuma autoridade veio comunicar a sua prisão. Sob escolta de funcionários da PIDE, sem esboçarmos qualquer resistência, fomos encaminhados para uma camioneta desta polícia, que nos aguardava e nos conduziu directamente ao forte de Caxias.

Aqui fomos revistados, identificados, obrigados a depositar ou entregar os papéis e parte da importância de que éramos portadores, e seguidamente encerrados em uma sala do mesmo Forte. As senhoras foram separadas de seus maridos ou pais, e os homens divididos entre duas salas.

Assim se acharam aprisionadas algumas dezenas de pessoas, de que tenho presentes os seguintes nomes:

Engenheiro Caldeira Rodrigues; Arquitecto Keil Amaral e sua esposa, a escritora e pintora Maria Keil; Alexandre O' Neill, escritor, Jaime Cortesão Casimiro, jornalista e sua esposa D. Leonor Furtado Casimiro, David de Carvalho, jornalista e sua filha D. Albertina de Carvalho, Vasco Valdez, médico veterinário, Duarte Nuno de Oliveira, estudante liceal, Silas Coutinho Cerqueira, estudante, Francisco Ferreira Bento, construtor civil, António Correia Carvalho, operário, Carlos de Brito, estudante, Gualter Soares, estudante, Mário Sena Lopes, empregado bancário, Salomão Lemos Figueiredo, empregado de comércio, Carlos Gomes, guarda-livros, Manuel Gomes, empregado de comércio, Carlos Vasco Miranda, estudante liceal, Óscar Sequeira, estudante, Manuel Sacavém, empregado de comércio, Albano Arezes, estudante, Miguel Gonçalves Horta, operário, Horácio Melo de Oliveira, empregado de comércio, Henrique Ribeiro, cobrador, Manuel Moita Valente, trabalhador rural, Joaquim Ventura Coelho, empregado bancário, Boavida Portugal, empregado de comércio, António Gervásio, operário, Laranjeira, construtor civil, D. Maria Machado, professora, D. Antónia Lapa, estudante, D. Maria Sofia Dias Coelho, empregada comercial, Dr.<sup>a</sup> Maria Helena Novais, licenciada em Matemática, Dr.<sup>a</sup> Maria cândida

<sup>1267</sup> Cópia da carta enviada por Francisco Keil do Amaral, datada de 20 de Fevereiro de 1954, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 27, referência 2.38.

<sup>1268</sup> Cópia da carta enviada por António José Saraiva, doutor em Letras pela Universidade de Lisboa, datada de 30 de Dezembro de 1953, na Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 27, referência 2.38.

<sup>1269</sup> De notar que o Keil do Amaral tinha pedido papel, lápis e borracha para orientar as obras que dirigia quando foi preso e que isso lhe foi negado.

Novais, licenciada em Ciências Biológicas, D. Maria Helena Massena, estudante, D. Maria Estela Silva. Esta lista não é, segundo julgo, completa, e ressalvo qualquer possível lapso de memória ou informação.

[...] No dia seguinte fomos chamados a prestar declarações sobre três quesitos, cujos termos textuais não tenho presentes e cujo conteúdo era o seguinte: que estávamos fazendo no Aeroporto; se pertencíamos ao Movimento Nacional Democrático, ao MUD juvenil ou ao Movimento da Paz; se fomos ao Aeroporto espontaneamente ou por convite, e neste último caso, de quem.

Excelência:

O avião que eu aguardava trazia de França a escritora D. Maria Lamas. E não era sem um profundo sentimento que eu pretendia cumprimentar esta Senhora à sua chegada.

Estou, com efeito, persuadido de que se impõe um esforço para preservar a Paz entre os Povos, única forma de evitar o aniquilamento de uma civilização que tantos esforços custaram a milhares de gerações. [...]

A única força bastante poderosa para deter a corrida aos armamentos é a opinião pública, a consciência dos Povos. Só ela pode apontar o caminho aos governos e dar a autoridade indispensável àqueles que estão empenhados numa política de concórdia internacional. (...)

No nosso país, Excelência, o problema não se põe de maneira menos instantânea: a política de coligações armadas só pode dar lugar ao atraso da nossa economia, ao cerceamento da soberania nacional, e em caso de guerra, a uma catástrofe que nenhum português patriota pode encarar sem estremecer de horror.

Por isso dou o meu apoio a quaisquer movimentos ou quaisquer iniciativas venham donde vierem, que visem a fazer prevalecer nas relações entre os governos e entre os povos o espírito de entendimento, de harmonia, de negociação, sobre a ameaça do recurso ao morticínio.

A escritora D. Maria Lamas é conhecida dentro e fora do nosso País, há longos anos, pela sua dedicação à causa da Paz. As suas atitudes não se escondem da luz do sol, e pela sua posição pública tem dado um exemplo admirável de coerência, de coragem, de espírito de sacrifício, de patriotismo e de sentimento de humanidade.

Como poderia eu, Excelência, sem espanto e sem protesto, ser detido e interrogado por me encontrar esperando esta portuguesa a tantos títulos ilustre, que conquistou já um lugar na nossa história? Era pois este o «crime» que levava ao meu encerramento no Depósito Prisional de Caxias?

Aqui permaneci até à noite de Natal. Fui levado para fora do forte sem mandado de soltura, só me tendo sido dado conhecimento de que podia dispor da minha pessoa quando me achava a muitos metros do edifício de depósito. Mas no momento em que escrevo encontram-se ainda ali quase todas as pessoas presas nas mesmas circunstâncias em que eu o fui.

Excelência:

Duas conclusões: primeira, uma flagrante violação das garantias constitucionais, mais de quarenta pessoas, perto de meia centena cuja estadia no aeroporto coincidia com a chegada de um avião que se sabia transportar uma conhecida personalidade portuguesa, foram atraídas na sua boa fé para uma prisão, sem mandado judicial, sem voz de captura, sem flagrante delito, sem qualquer incidente que desse pretexto a intervenção da autoridade, sem, ao menos, identificação prévia.

Segunda: um entrave posto pelas autoridades à manifestação da consciência pacífica do nosso povo: bastou que constasse a chegada de uma eminente partidária da paz para que se fizesse uma mobilização de forças policiais e se exercesse uma violenta repressão sobre as pessoas que, presumia-se, queriam mostrar-lhe a sua admiração e o seu carinho.

Já me dirigi ao senhor Ministro do Interior requerendo a libertação das pessoas presas e um inquérito às condições das prisões efectuadas.

Dirijo-me agora aos ilustres deputados à Assembleia Nacional, como cidadão e como amigo da Paz, pedindo providências para que sejam eficazmente defendidas as garantias constitucionais. E para que não seja prejudicada a manifestação da vontade pacífica da nossa gente, base indispensável para qualquer política governamental no sentido de ajudar a pôr fim à actual tensão internacional.

Em 24 de Fevereiro de 1954, grande parte dos presos, aquando da chegada de Maria Lamas a Lisboa, assina uma carta enviada ao Senhor Presidente do Conselho de

Ministros. Depois de aclararem os factos ocorridos, focam os aspectos legais, nomeadamente o não cumprimento das leis, e a importância da defesa do ideal da paz:

Existe no nosso país uma legalidade formalmente definida: uma Constituição, e leis que devem ser interpretadas e aplicadas de acordo com ela.

[...] Os signatários dirigem-se ao Conselho de ministros para relatar e analisar os factos, reclamar reparações e apresentar-lhe um apelo, em termos adiante expressos.

[...] O inspector ou inspectores que dirigiram a singular e planeada operação que nos levou ao Forte de Caxias; os agentes que nos atraíram a uma verdadeira cilada; o Director do Depósito de Caxias que nos aceitou sem a ordem escrita legalmente exigida; o Director da PIDE, que não podia ignorar tais factos e que os não reparou, ignoram porventura a lei? Ou dar-se-á o caso de se considerarem superiores a ela?

Estamos certos de que o Conselho de Ministros, a quem incumbe a execução das leis, ponderará a gravidade desta questão.

Oferece também matéria para graves reflexões o que se passou com os signatários durante a sua permanência no Depósito Prisional de Caxias.

A lei estabelece que, não havendo mandado de captura, deve ser dada nota de culpa aos reclusos no prazo de vinte e quatro horas após a detenção. Mas tal não se verificou, nem mesmo após a maioria dos signatários ter requerido nesse sentido.

A lei estabelece que antes da distribuição dos presos pelas salas seja feita inspecção médica para verificar se há entre eles portadores de doenças infecciosas e contagiosas. Mas a inspecção médica não foi feita, e contava-se um tuberculoso entre os presos de uma sala onde foram metidos dezasseis homens.

A lei preceitua o respeito pelas regras da higiene dentro da prisão. Mas nem sequer foram fornecidos aos presos sabão e toalha para se lavarem; e a lavagem do edifício, a que, não obstante a situação ilegal a que estavam submetidos, foram obrigados, era feita com a água de baldes que serviam também dentro das salas para escarrar e urinar.

A lei estabelece ainda que o regulamento da prisão seja facultado aos presos na ocasião da sua entrada, devendo ser lido oralmente aos que sejam analfabetos. Aconteceu que não havendo analfabetos no nosso grupo (onde pelo contrário se encontravam numerosos diplomados e estudantes universitários) apenas foram lidos por um funcionário alguns artigos do regulamento.<sup>1270</sup>

[...] O último a sair permaneceu quarenta dias no Depósito. Os primeiros foram libertados logo no dia da detenção. [...] O critério a que obedeceu o tempo de reclusão, nada tem que ver com as alegadas investigações, é mais uma arbitrariedade, mais uma manifestação de força. Desta arbitrariedade resultaram graves prejuízos materiais para a maior parte dos signatários. Dois deles perderam por excesso de faltas os seus empregos. Um estudante perdeu o ano lectivo por não ter sido atendido o seu requerimento ao Director do Depósito para ser autorizado a prestar provas de exame, mesmo acompanhado por agentes, tendo sido posto em liberdade poucos dias depois do exame realizado.

[...] A viagem de que regressava a senhora dona Maria Lamas teve importante significado nacional e internacional. A participação desta senhora na última reunião do Conselho Mundial da Paz mostra que o nosso povo não está alheio ao problema máximo da hora presente: a defesa da Paz, ameaçada por uma grave tensão internacional.

Os signatários incluem-se entre aqueles portugueses, que têm clara consciência da catástrofe que seria uma terceira guerra Mundial a que fatalmente conduzirá uma paz armada num mundo dividido em blocos antagonistas.

[...] Pelo facto de se encontrarem esperando uma grande partidária da Paz, uma senhora cuja comunicativa bondade, cujo coração indomável, cujo claro e confiante sorriso são portadores de esperança e de fé nos destinos da Humanidade – os signatários foram ardilosamente atirados para uma masmorra. [...]

Ofendidos por uma violência, chocados por uma violação da legalidade e dos direitos básicos do homem, atingidos na sua vida material e moral, os signatários sentem-se no dever de apresentar um enérgico protesto, reclamar o seu desagravo e pedir sanções para os transgressores da lei.

---

<sup>1270</sup> Keil do Amaral também referiu ter sido tratado como analfabeto e não ter tido acesso ao regulamento escrito, apenas oral.

[...] Mas acima de tudo está no seu coração um apelo irreprimível que, para além do presente, se ergue à visão prometedora do futuro: o apelo para que o governo português, na esfera da sua influência, se associe à opinião pública pacífica que no nosso País alastra engrossando a enchente humana que reclama no mundo inteiro negociações que ponham fim à guerra-fria.<sup>1271</sup>

Mas o que sentia e pensava Maria Lamas enquanto estava presa? Sozinha na sua cela, escrevia as suas reflexões, em quatro páginas a que deu o título de «Extractos de cartas».<sup>1272</sup> Vejamos os seus pensamentos:

“A hora do correio representa sempre para mim um alvoroço que não consigo dominar. E às vezes tenho decepções. Há em mim um recrudescimento de sensibilidade, em cada dia que passa. Isto assusta-me, porque preciso e desejo ser cada vez mais calma, perante tudo o que se relaciona com o sentimento.

Estou ficando marcada pelo regime prisional. Não digo isto às minhas filhas, que me visitam frequentemente, sempre com o maior carinho. Mas preciso de o dizer a alguém. Por isso desabafo consigo. Faz-me bem.

Tenho chegado a conclusões muito importantes, relativamente à nossa actividade de escritores. Por exemplo: é indispensável preparar mentalmente uma obra, com o maior escrúpulo, com a maior lucidez, antes de a passar ao papel. Depois, é preciso ter a coragem de inutilizar muita coisa – tudo até se for preciso – e recomeçar, se não tivermos atingido o que planeámos.

Uma espécie de inibição de falar de mim, mesmo as pessoas a quem mais profundamente estimo. Não encontro que dizer, não me apetece, não sei contar-me. Este estado de espírito acentua-se dia a dia. Poderá conduzir-me a uma depressão psicológica? Ou à libertação de tudo quanto tem sido o traço mais dominante da minha maneira de ser: o calor da emoção e da vida partilhada em ternura? Interrogo-me, às vezes, e tenho medo, não sei de quê.

Embora pareça exagero, organizei a minha vida de tal forma que me falta tempo para tudo quanto desejaria fazer: levanto-me das 6 e meia para as 7 horas da manhã. Vejo nascer o sol e, até às 8 e meia – hora a que servem o café – trato das minhas coisas, faço a cama, varro e arrumo o quarto, onde estou sozinha. (Eu disse quarto, mas é realmente uma grande sala, com treze passos de comprido e dez de largo, muitas vezes contados e

---

<sup>1271</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 27.

<sup>1272</sup> Documento no espólio, quatro páginas dactilografadas, não datadas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 53.

recontados...) Pelas 9 horas, pouco mais ou menos, estou despachada, um tanto cansadita, porque qualquer esforço físico me fatiga, embora eu teime em querer fazer dos nervos músculos...Faço então a minha correspondência, pois todos os dias recebo cartas ou postais das minhas filhas ou de pessoas amigas. Das 10 às 11 e meia é a hora das visitas. (Nem sempre tenho visitas.) Depois, pronto, não digo mais uma palavra durante o resto do dia, como não dissera antes. Confesso que me faz muita falta não ter visitas, para manter o meu equilíbrio nervoso e, até, a minha capacidade de trabalho intelectual.

As 11 e meia trazem o almoço. Ao meio-dia e meia hora estendo-me sobre a cama com o gelo (tratamento a qualquer coisa nos ovários) e, até às 3 horas e meia leio ou dormito. Em seguida trabalho no meu romance até às 6 e 1 quarto, mais ou menos, hora a que trazem o jantar. – E de manhã, quando não tenho visitas, trabalho também no livro, mas lentamente, porque sou cada vez mais exigente.

Depois do jantar faço tudo quanto posso – olho a paisagem, arrumo outra vez tudo, passeio para trás e para diante, torno a ler, qualquer coisa ligeira, vejo chegar a noite, aparecerem as estrelas (muito poucas) e acenderem-se as luzes, no forte e dispersas da paisagem – até serem 9 e meia. É então que me deito, quando não sucede deitar-me antes. É o período melancólico, mas suporto bem este crepúsculo que parece destruir em nós a energia, a esperança e até o sonho...a noite...é a noite. E no outro dia tudo recomeça no mesmo ritmo. Apesar de tudo agrada-me este isolamento – relativamente, é claro, aceitando os factos como eles se apresentam – porque me permite trabalhar, o que não seria possível com outra pessoa junto de mim. Estou sempre atenta aos meus nervos, porque os nervos, quando menos esperamos, atraíam-nos. Tenho, porém um grande apoio moral: a força que me vem da minha razão e a assistência que me vem das pessoas que me estimam. Isto é o meu programa diário. Mas há coisas que vejo através das minhas grades – e também os meus pensamentos.

[Estou] mais convencida de que só vale a pena ser honesto, sincero e simples. Tenho a estima e o carinho de muita gente, mas falta-me o convívio intelectual, que é o principal alimento para mim – sem exagero!

Estou cada vez mais segura de mim própria, dentro, e claro, da fragilidade e impotência humanas.”<sup>1273</sup>

Qual a justificação apresentada para este tipo de escrita? A resposta é dada pela própria autora, como uma das maneiras de sobreviver na prisão:

A princípio reagi bem. Mas depressa me convenci de que seria rude a batalha a travar com o meu temperamento comunicativo. Foi então que me lembrei de estabelecer diálogos imaginários com pessoas que ao longo da vida conheci, em circunstâncias diversas. Algumas surgiam-me na memória como aparições inesperadas. Sim, lembrava-me delas, como se estivessem ali vivas ao pé de mim.<sup>1274</sup>

## 6. O EXÍLIO

Na década de 60 do século XX, intensifica-se o terceiro momento emigratório dos últimos quatro séculos. Em 1963, mais de 1 040 000 trabalhadores abandonaram os países do Sul da Europa e do Norte de África para irem trabalhar nos países desenvolvidos do Norte Europeu. Em 1964 foram mais de 1 200 000. Em 1965, mais de 1 235 000. Em 1966, o número de emigrantes atinge 1 112 000<sup>1275</sup>, segundo dados da Comissão Internacional Católica para as Migrações.<sup>1276</sup>

Maria Lamas possuía a «Carte de séjour LE49087, délivrée à Paris le 22-III-1963<sup>1277</sup> e o passaporte<sup>1278</sup> 1685/63, que indicava como pessoa a prevenir em caso de acidente, Madame Sauvage, 19, rue Cujas.

Maria Lamas, mesmo estando exilada, é convidada para escrever no *Diário de Lisboa*, como se pode ver nas palavras de Álvaro Salema<sup>1279</sup> (1914-1991), que foi responsável pelo «Suplemento Literário» do jornal supracitado:

---

<sup>1273</sup> Parece ser uma carta a um escritor, mas não tivemos acesso a nenhuma indicação que o comprovasse.

<sup>1274</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 53.

<sup>1275</sup> In Helena Neves, *Mulheres de um Tempo ainda Presente*, Amadora, Orion, 1975, pp.61-64.

<sup>1276</sup> Id, ibid. (Dados da Comissão Internacional Católica para as Migrações). O estudo que a Helena Neves segue é de A. Teixeira de Sousa, «Os trabalhadores Portugueses na região de Paris: Condições de Trabalho e de Habitação» foi publicado na revista *Análise Social*, n.º 33, volume IX, 1972 – 1º.

<sup>1277</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 15, referência 2.1.

<sup>1278</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 15, referência 2.1.

<sup>1279</sup> Carta manuscrita de Álvaro Salema a Maria Lamas, datada de 18 de Julho de 1963. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.38.

Muito gostaríamos de ter no *Diário de Lisboa* a sua colaboração, assim como a do Jorge Reis, quando o tempo, a disposição e os assuntos a justificarem; e que a vossa ausência, só por si, é já um testemunho de tudo o que nos falta e nos limita a vida. Isto resume as notícias que valeria a pena dar-vos. Não deixe a querida amiga de nos mandar as suas e as dos amigos sempre lembrados. O Suplemento Literário do *Diário de Lisboa* está ao seu dispor, como meio de contacto com esta velha terra triste que eu sei estar sempre presente no seu largo coração. [...] Esperaremos sempre as suas notícias – e a sua colaboração literária, quando quiser e quando puder – com alvoraçado interesse.

Para Maria Lamas as cartas que escreve assumem a melhor forma de repor a verdade, a sua verdade. É isso mesmo que escreve ao seu neto José Gabriel<sup>1280</sup>:

Gostaria que guardasses as minhas cartas para poderes relê-las mais tarde, e conservar um pouco da minha verdade – ou antes o meu anseio de verdade – quando eu já não puder dizer-te o que penso e um pouco do que tem sido o meu atribulado caminho. [...] Nunca poderás saber quanto te fico devendo, por me dares a possibilidade de me abrir assim, com alguém que se me apresenta igualmente ansioso de se dar com inteira isenção (falo sempre dentro dos limites da nossa condição humana) num clima interior de sinceridade, que quer ser puro, sem deixar de ser lúcido, que procura a transcendência sem deixar de ser humano.

É na quadra natalícia que mais se sentem as saudades do país, apenas colmatada com as notícias chegadas por carta. Em 1964, Arquimedes da Silva Santos (1921-?) relembra:

Agora mais do que nunca nos recordamos dos amigos e muito mais ainda daqueles que não sabemos quando voltaremos a abraçar. É a quadra em que mil lembranças, longínquas ou mais recentes, acodem ao espírito, e em que quereríamos que todos aqueles que amamos estivessem junto dos seus. Por isso, aqui me tem, ou antes, aqui nos tem aos três a apertá-la muito ao coração e a desejar-lhe que este natal seja o último assim passado. Tão forçosamente, longe daqueles que lhe querem bem.<sup>1281</sup>

Maria Lamas, sozinha, no seu “quartinho, tão cheio, [...], de recordações das suas conversas, dos seus ensinamentos,”<sup>1282</sup> no exílio em Paris, permanece na memória dos amigos que continuam em Portugal, como é o caso de Arquimedes da Silva Santos que reafirma:

Defenda-se bem do frio, proteja-se, que ainda queremos um dia, aqui ou mesmo aí, tê-la como companhia duns passeios [...].

<sup>1280</sup> Carta manuscrita de Maria Lamas ao neto José Gabriel, datada de 29 de Dezembro de 1963. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 14, referência 1.331.

<sup>1281</sup> Carta manuscrita de Arquimedes da Silva Santos a Maria Lamas, datada de 21 de Dezembro de 1964, na Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.53.

<sup>1282</sup> Carta manuscrita de Arquimedes da Silva Santos a Maria Lamas, datada de 21 de Dezembro de 1964, na Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.53.

Temos muitas saudades, Amiga! E se, espera, como diz, ver-nos surgir repentinamente, numa das âleas do Luxemburgo, digo-lhe que vontade não nos faltaria. Aqui morre-se aos poucos. Não se dá pela vida que passa tão depressa e que se desperdiça sem proveito para ninguém. Nem sequer economicamente, é compensadora [...].<sup>1283</sup>

Durante o período de exílio, o que faz Maria Lamas manter a serenidade intelectual são as cartas recebidas e as que escreve. É através delas que temos um relato pormenorizado de como se sente, o que pensa, as preocupações que a assolam, o horário rigoroso a que se submete para conseguir trabalhar. A carta<sup>1284</sup>, dirigida a Maria Amélia, que transcrevemos a seguir é um exemplo perfeito disso mesmo:

Querida Maria Amélia:

Peço-te que me desculpes não ter podido esperar por ti, ontem, como tínhamos combinado. Estive no hotel até às 12h, 30 e, como não apareceste, tive que sair; era minha intenção deixar-te um bilhete que já tinha escrito, mas só quando ia quase no fim do Boulevard Saint Michel é que reparei que me esquecera e não tive coragem de voltar atrás.

Ando permanentemente cansada – o médico diz que eu precisaria de fazer análises, etc., o que, neste momento me não é possível. Vou limitando quanto posso tudo quanto me possa fatigar, não posso, todavia, deixar de cumprir as minhas tarefas profissionais, que chegam e sobejam para me arrasar, sem falar nas tremendas preocupações de toda a ordem que me trazem em constante tensão de nervos.

Para a minha idade é demais. Explico-te isto, sem qualquer exagero, para que compreendas melhor a minha forçosa atitude de retraimento perante o que excede a minha capacidade de resistência – nunca se trata de desinteresse, mas tudo tem o seu tempo, e os 71 anos que pesam sobre o meu organismo, de saúde abalada, têm direito a uma moderação cada vez maior de esforços.

Não poderia, de qualquer forma, ir à reunião de ontem. Não contes comigo para reuniões, tanto mais que a minha presença em nada influiria para o seu resultado.

Não passo de uma simples mulher que deu toda a sua energia, à causa da Mulher e do Povo Português, à Paz e à valorização geral da humanidade. Dando tudo, não quer dizer que tivesse qualquer merecimento ou valor: fiz o que a minha consciência e o meu coração decidiram. Nada fiz que tivesse importância, mas, fosse como fosse, pus a minha total boa vontade<sup>1285</sup>, na medida que as minhas forças o permitem. E as minhas forças vão chegando ao fim. Terei que reservar as que me restam para quando a minha ajuda, embora modestíssima, possa realmente ser eficaz.

Concordo inteiramente com a homenagem à memória de Catarina Eufémia; concordo com tudo quanto possa unir-nos em sentimentos e acções de homenagem aos que se sacrificaram pela conquista de uma vida digna e livre para todos os portugueses, por tudo quanto possa contribuir

<sup>1283</sup> Carta manuscrita de Arquimedes da Silva Santos a Maria Lamas, datada de 21 de Dezembro de 1964, na Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.53.

<sup>1284</sup> Cópia de carta dactilografada de Maria Lamas a Maria Amélia, datada de 11 de Maio de 1965. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 14, referência 1.330. Não sabemos se a carta foi enviada, mas demonstra bem o pensamento de Maria Lamas.

<sup>1285</sup> A seguir a esta frase Maria Lamas escreveu mais um pouco, que riscou, o que significa que reconsiderou e achou melhor não enviar com aquele trecho. No entanto a parte riscada ficou bem compreensível e transcrevemo-la aqui: “ sem olhar a perigos nem sacrifícios, ao serviço das causas que defendia e defendo. Procurei sempre colocar-me acima de questões mesquinhas, de ódios e disputas estereis e, o pior de tudo, altamente prejudiciais para a luta travada. Cada vez é mais consciente o meu amor pelo que considero o sentido da minha vida: a libertação do Povo Português. Cada vez mais necessito de me sentir coerente com o Ideal que me norteia, mais humilde na avaliação do meu esforço e mais decidida a não aceitar o que se me apresenta contraditório, cada vez mais se torna imperioso para a minha consciência procurar a rectidão, isto é, com uma atmosfera de suspeição, de excomunhões e até perseguições implacáveis entre irmãos.”



para reavivar o espírito de luta e pela democracia e a confiança no triunfo da nossa tão justa causa, mas só poderei dar o meu concurso momentâneo, sem responsabilidades de organização. Felizmente, muitas mulheres vão surgindo capazes de se organizarem e realizar iniciativas verdadeiramente úteis. O meu sincero desejo é que se estenda a todas a possibilidade de se esclarecerem, de tomarem consciência da importância do seu papel na vida e de ajudarem a construir a sociedade verdadeiramente humana e justa a que aspiramos.

Terei sempre muito prazer em estar contigo e tomar conhecimento do que quiseses comunicar-me. Peço-te apenas que me procures, de preferência do meio-dia para o meio-dia e meia hora (é uma excepção para ti, porque a hora a que estou normalmente livre é a seguir ao almoço; das 14 às 15, mas sei que essa hora não te convém).

Confirmo o meu desejo de passar alguns momentos contigo e com o teu marido - num sábado ou num domingo – em convívio calmo e com certeza agradabilíssimo para mim. Deixo-vos a escolha da data.

Entretanto os meus melhores cumprimentos para o Jacques e um beijo para ti, da tua velha amiga, sempre dedicada, que te deseja todo o bem.

Em pleno Maio de 68, Lucinda Relvas<sup>1286</sup>, conhecida e amiga de Maria Lamas do tempo da revista *Modas & Bordados* escreve-lhe a queixar-se da sua doença, que a impossibilita de andar, passando, por isso, os dias na cama. Afirma que o seu pensamento está sempre com a amiga e que todos os dias olha para uma fotografia de Maria Lamas a perguntar-se onde estará. Já indagou a muitas pessoas se sabiam onde Maria Lamas estava, mas ninguém lhe soube dizer.

Havia cuidados a tomar em relação à política portuguesa, mesmo estando no exílio. Esta circunstância é verificável através da correspondência recebida por Maria Lamas, como se constata quando Arminda Gonçalves (1899-?) mostra a sua alegria em relação a “esta oportunidade de mandar-lhe notícias pela [...] amiga Lília da Fonseca (1916-1991),”<sup>1287</sup> apesar de em Portugal continuar a viver-se um “ambiente de desânimo, de malogro, de sufocação.”<sup>1288</sup>

Em Maio de 1968, Maria Lamas assistiu, em Paris, à comemoração do centenário da morte de Charles Baudelaire, que decorreu entre 31 de Outubro de 1967 e 31 de Dezembro de 1968. Das comemorações faziam parte algumas noites poéticas internacionais, que tiveram lugar no Théâtre des Nations entre 29 de Abril e 10 de Maio.

---

<sup>1286</sup> Carta manuscrita de Lucinda Relvas a Maria Lamas, datada de 1 de Maio de 1968. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.141.

<sup>1287</sup> Carta manuscrita de Arminda Gonçalves a Maria Lamas, datada de 27 de Dezembro de 1968. Biblioteca Nacional de Portugal, E-28, caixa 4, referência 1.52.

<sup>1288</sup> Carta manuscrita de Arminda Gonçalves a Maria Lamas, datada de 27 de Dezembro de 1968. Biblioteca Nacional de Portugal, E-28, caixa 4, referência 1.52.

Sophia de Mello Breyner<sup>1289</sup> é a única portuguesa a participar ao lado de Alfred Kossmann, da Holanda; Heinz Piontex, da Alemanha, Janos Pilinsky, da Hungria, com a apresentação a cargo de Michel Deduy.

Participaram também a 29 e 30 Abril, 21 h: Kathleen Raine, Grã-Bretanha, Jan Skacel, Checoslováquia; Vasko Popa, Jugoslávia, apresentação de Pierre Emmanuel; 2 e 3 Maio, 21h: José Bergamin, Espanha; Mando Aravantinou, Grécia; Eugénio Montale, Itália, apresentação de Jean Cassou; 7 e 8 de Maio, 21h: Tadeusz Rozewicz, Polónia; Ana Blandiana, Roménia; Hugo Claus, Bélgica, apresentação de Jean Claude Renard; 9 e 10 Maio, 21h: Félix Tchicaya, Congo; Anne Hebert, Canadá; Marcel Thiry, Bélgica; Assia Djebar, Argélia; Maurice Chappaz, Suíça, apresentação de Felix Giacomoni.

Sophia apresentou o poema «Patrie»:

À cause d'un pays de pierre et de vent dur  
À cause d'un pays où la lumière est parfaite et claire  
À cause du noir de la terre et du blanc des murs

À cause des visages de silence et de patience  
Que la misère longuement a dessinés  
Autour des os avec toute l'exactitude  
D'un long rapport irrécusable

À cause des visages pareils au soleil et au vent  
À cause de la limpidité des tant aimés  
Mots toujours dits avec passion  
À cause de la couleur et de la pesanteur des mots  
À cause du silence concret et net des mots  
Où les choses émergentes sont nommées  
À cause de la nudité des mots émerveillés

Pierre fleuve eau maison  
Plainte jour haleine chant  
Espace racine et vent  
Oh mon pays et mon centre

La lune me blesse l'océan me pleure  
Et l'exil au cœur du temps s'inscrit.

---

<sup>1289</sup> Informação recolhida no folheto das comemorações. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 23, referência 2.25. Das informações acerca de Sophia constava o seguinte: Née en 1919 à Porto. Études de Philologie Classique. Grand Prix de la Poésie Portugaise en 1964. C'est une figure de premier plan dans la littérature portugaise. Le poète Ramos Rosa écrit d'elle que son itinéraire "ignore la distinction du sensible et du spirituel, et va de la louange des choses et de leur accord au cri devant l'injustice et la violence". Il faut souligner le grand courage intellectuel de cet écrivain dans une situation historique des plus difficiles. Citons parmi ses oeuvres: *Dans le Temps Divisé*, *Mer Neuve*, *Livre Sixième*, *Géographie*. Sofia, segundo o folheto, actuou nos dias 4 e 6 de Maio às 21 horas.

Em Outubro do 1969, Maria Lamas recebe uma carta de Flausino Torres (1906-1974) a alertá-la sobre a situação vivida em Praga, não vá o mesmo acontecer em Portugal. Pede-lhe inclusive que lembre aos democratas a unidade que é necessária para lutar contra a adversidade política. Flausino Torres, assumido militante comunista no tempo da ditadura, viu-se obrigado a optar pelo exílio, tendo passado por vários países. Encontrava-se em Praga, a leccionar na Universidade Carlos, quando a URSS invadiu a cidade de Praga a 21 de Agosto de 1968, contra a qual Flausino Torres se insurgiu. Na sequência da invasão soviética, apoiada por Álvaro Cunhal, Flausino Torres demarca-se deste apoio, pois assistiu no terreno à invasão, e pede explicações ao Partido Comunista, acabando expulso. Na sequência desta sua atitude, perdeu a cátedra que detinha na Universidade e viu-se em sérias dificuldades para voltar a Portugal, onde os seus últimos anos seriam de pobreza e abandono. É neste contexto que escreve a Maria Lamas<sup>1290</sup>:

Cara Amiga:

Vou tentar mais uma vez pôr-me em comunicação consigo. Certamente as minhas cartas lhe não têm chegado às mãos. Conte-lhe muitas coisas das que se têm passado aqui nesta cidade mártir de que apenas meia dúzia de Portugueses foram testemunhas – o que aliás lhes tem custado bem caro!

Oxalá desta vez não aconteça o mesmo, o meu objectivo neste momento é o de que lance um grito de alarme para o nosso País onde alguns gladiadores se batem na presença de dez milhões de portugueses e de César olímpico!

A luta de facções – que em verdade são pouco mais que nada, perante a imensidade de todo um Povo – está desorientando (segundo as notícias que tenho recebido) duma forma que pode ser decisiva. Pelo menos pode ter como consequência o começo de um novo período de 40 anos idêntico àquele que acabou com a «morte» do pseudo – professor de economia.

Tudo isto me faz lembrar a tentativa de partilha da herança, estando porém o pai ainda vivo – e neste caso, bem vivo! No fundo tudo questões de prestígio pessoal e de interesses que coisa alguma têm que ver com o Povo Português.

Por isso – segundo informações recentes – muitos se estão inclinando para a tese de que o que todos querem é sempre o mesmo.

Ponha, minha cara Amiga, seu nome e seu prestígio ao serviço duma unidade real entre os desavindos, chamando ao bom caminho, o que é da cooperação, aqueles que se intitulam de democratas portugueses.

Saudações cordiais do Flausino Torres

---

<sup>1290</sup> Carta dactilografada de Flausino Torres, com assinatura manuscrita, a Maria Lamas, datada de 2 de Outubro de 1969. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.95, transposta para a caixa 70.

## 6.1. PÓS- EXÍLIO OU O REGRESSO ANTECIPADO À PÁTRIA

José Barreiros oferece a Maria Lamas um poema de claro elogio e gratidão:

Maria Lamas  
No teu regresso cresceram as papoilas vermelhas  
Aprendemos contigo a dureza da terra  
A pureza da água  
A força de ser livre.  
No teu nome consigo não ter medo  
E sair para a rua  
E crescer nas fogueiras  
Nas pedras arrancadas ao sossego.  
Mulher assim tão grande  
Que não cabe  
Senão no plural que somos todos;  
Grito jovem de luta,  
De coragem,  
Maria, lama, barro, do teu povo!<sup>1291</sup>

Também José Maria Henriques de Oliveira lhe dedica um poema enaltecedor:

Mulher!  
Na calma plenitude do teu rosto,  
O sorriso do dia,  
O grito feito sol.  
Nas tuas mãos abertas,  
A tantas mãos fechadas,  
(sela-as o desespero),  
A adaga cintilante  
Talhando a liberdade.  
Mulher!  
Filha de muitas escravas,  
Irmã de muitos escravos,  
Na integridade total da tua vida,  
O quebrar das grilhetas,  
O saber estar no mundo,  
O pedestal (em carne),  
De homem de amanhã!<sup>1292</sup>

---

<sup>1291</sup> Poema de José Barreiros, dactilografado, mas assinado a mão, 6 de Outubro 1973. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 57.

<sup>1292</sup> Poema de José Maria Henriques de Oliveira, 9 de Outubro de 1973. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 57.

## 6.2. SOBRE A EMIGRAÇÃO

Em carta de 2 de Fevereiro de 1970, Soeiro Sarmiento<sup>1293</sup> envia a Maria Lamas uns apontamentos sobre emigração, com o objectivo de saber a sua opinião sobre os mesmos. Os apontamentos em causa são 61 páginas dactilografadas, semelhantes a um original, das quais consta o seguinte índice:

Jovem leitor (em jeito de prólogo)

Capítulo I- Prefácio

Capítulo II-O drama da emigração

Capítulo III -Comentários

1.A emigração e os jovens

2.A emigração e as eleições

3.A emigração e os sindicatos

4.A emigração e a poesia

Capítulo IV- Vida difícil

Capítulo V -Que fazer?

Para a publicação do livro, a que atribui o título de «Cadernos de Emigração» Soeiro Sarmiento não exclui uma edição de autor. O autor denuncia a vida dos emigrantes em França, e como Maria Lamas esteve emigrada no mesmo país, deve ter sido essa uma das razões de lhe ter enviado os apontamentos para análise. Soeiro Sarmiento aborda as condições de vida dos portugueses residentes nos «bidonvilles» e as dificuldades na obtenção da assistência social. Em França, assiste-se a um grande problema de aluguer de habitação, no qual os portugueses e emigrantes oriundos de outros países são explorados. O autor apresenta, também, as estatísticas da entrada de portugueses em França, no ano de 1968 e no de 1969 do Ofício Nacional de Imigração Francês. No que se refere ao ano de 1968, nos meses de Abril - 3 512; Maio -2305, Junho -2596. Em 1969 os números quase que duplicam: Abril - 6756; Maio -7259; Junho -5594.

---

<sup>1293</sup> Carta manuscrita de Soeiro Sarmiento a Maria Lamas, datada de 2 de Fevereiro de 1970. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 23, referência 2.25.

Os portugueses estão claramente à frente dos espanhóis, jugoslavos e marroquinos. Há também uma crítica aos funcionários do consulado, por levarem dinheiro por documentos que são grátis em França, explorando, desta forma, os emigrantes.

No documento enviado a Maria Lamas consta a opinião de António José Saraiva, emitida em 1947: “a escola não pode impedir que um indivíduo que seria excelente doutor não passe de um serralheiro, o que um serralheiro acabe num mau doutor.” Isto, porque Soeiro Sarmiento considera haver diferenciação entre os emigrantes operários e os emigrantes intelectuais que se encontram exilados por razões políticas e não económicas.

É também transcrita uma mesa redonda que o *Diário de Lisboa* realizou em 7 e 8 de Dezembro de 1969 sobre o problema da emigração, em que intervieram: Francisco Pereira de Moura (Comissão Democrática Eleitoral, (CDE), Lisboa), Etelvina Lopes de Almeida (Comissão Eleitoral de Unidade Democrática, (CEUD), Lisboa) e Henrique Ruas (Comissão Eleitoral Monárquica, (CEM), Lisboa) tendo como moderador José Carlos Ferreira de Almeida.

Etelvina Lopes de Almeida, que, em 1968, enviou uma série de reportagens sobre os emigrantes portugueses, para publicar no jornal *O Século*, sem a sua assinatura, pois também se exilou por motivos políticos considerou que era “a época do «boom» da construção civil e dos «bidonvilles», esses buracos de chão térreo, muito frios, aquecidos com braseiras e onde morreram alguns emigrantes intoxicados”.<sup>1294</sup>

Sobre os emigrantes e a sua relação com Maria Lamas, Etelvina Lopes de Almeida considerou ser um problema: “o contacto do intelectual português com o trabalhador emigrado em Paris.”<sup>1295</sup> Contou que esteve em Maio passado em Paris e teve “oportunidade de assistir a uma reunião em que falava Maria Lamas a uma sala de trabalhadores portugueses emigrantes.” Para Etelvina Lopes de Almeida “a palavra de Maria Lamas, muito serena, sem paixões, sem quase fazer política, dirigia-se e colocava-se no mesmo pé de igualdade” dos emigrantes. No entanto, concordou com Pereira de Moura, pois não sabe “se essas pessoas, esses intelectuais, que se sentem

<sup>1294</sup> Etelvina Lopes de Almeida, *Faces de Eva*, «(Auto)-retrato», n.º 5, 2001, p. 213.

<sup>1295</sup> Apontamentos de Soeiro Sarmiento, p. 51. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 23, referência 2.25.

úteis lá fora junto de outros portugueses e que formam com eles uma família humana, se hoje se sentiriam bem aqui”.<sup>1296</sup>

Já para Henrique Ruas os “intelectuais portugueses junto da emigração não realizam qualquer trabalho para os trabalhadores emigrados” e dá como exemplo, o facto de meios mais ou menos «afectos» ao governo publicarem quatro jornais (dois deles semanais), enquanto a «oposição» não publicava nenhum jornal efectivamente informativo (à parte a experiência realizada por alguns jovens na Liga Portuguesa do Ensino, que até agora se resumiu a seis números em quase dois anos). Henrique Ruas recorda que António José Saraiva<sup>1297</sup> dizia recentemente que “os intelectuais portugueses não conhecem o povo – de que falam muito. Isto acontece dentro de Portugal e naturalmente entre os portugueses exportados para o estrangeiro”.

Henrique Ruas dá o exemplo de Luís Cília, que participa há anos já, num trabalho entre emigração, tocando e cantando nas festas portuguesas. No entanto, Henrique Ruas esclarece que “vemos melhor Luís Cília englobado num grupo de jovens que não tem desarmado perante um trabalho humano e honesto entre a emigração, do que entre os «intelectuais exilados ou emigrados», os nomes famosos que em França se limitam ao seu dia a dia pessoal, à sua conversa de café e ao seu «refinado» oportunismo.” Henrique Ruas relembra ainda “o exemplo da escritora Maria Lamas (cuja correcção, coerência e lucidez dos factos nos levam a admirar a sua obra e o seu esforço), é mínimo, pois que Maria Lamas está bastante cansada duma luta a que nunca se recusou e que durante vários anos prosseguiu, além das suas condições de saúde serem hoje, infelizmente, bastante precárias.”

Henrique Ruas considera que “é um mito que tem sido criado de que em França «se faz e acontece», no sentido de esclarecer os trabalhadores. Não é verdade, e o que tem existido além de se resumir à região parisiense é extremamente diminuto e em certos casos concretos tem sido, ainda mais reduzido, pelo oportunismo de alguns nomes «feitos», de alguns «mandões da esquerda» ”.

Soeiro Sarmiento pensa que Luís Cília, Mário Branco, Manuel Alegre e Manuel Freire são nomes de jovens que têm ligado a sua actividade artística à tarefa militante de denúncia da emigração. Soeiro Sarmiento também denuncia os que vêm de férias a

<sup>1296</sup> Etelvina Lopes de Almeida refere-se a Portugal.

<sup>1297</sup> Em entrevista ao *Comércio do Funchal* de 12 Outubro de 1969.

Portugal fazer figura, mas não dizem em que condições vivem, as garrafas de vinho do Porto que tiveram de dar aos encarregados, a quantidade de horas que lá trabalham, nem o tráfico que fizeram com os documentos da «Securité Sociale», os esforços que fizeram para viver calcando os outros. Considera ainda que os emigrantes não têm culpa da sua falta de civismo.

Soeiro Sarmiento tinha enviado estes apontamentos para a Editorial Inova, no Porto, para publicação, mas perante a recusa da Editora reenviou-os a Maria Lamas.

Qual o efeito da emigração na transformação da mentalidade da mulher portuguesa? Maria Lamas responde a esta questão em entrevista a Rogério Fernandes (1933-), ao jornal *A Capital*<sup>1298</sup>:

As mulheres uma vez no estrangeiro, verificam que a vida tem aí certas vantagens. Começam a querer andar mais bem vestidas. Integram-se na sociedade de consumo. Usam o fogão a gás, vestem-se melhor, a elas e aos filhos, mas a mentalidade permanece.

## 7. O ADVENTO DO 25 DE ABRIL

A revolução de 25 de Abril de 1974 relança a confiança, a crença numa sociedade melhor e permite uma explosão de liberdade. Constatamos este facto no poema de Sílvia Soares<sup>1299</sup> dedicado a Maria Lamas:

Pátria  
O longo rio  
A correr na infância  
Do barco de papel

Pátria  
O cheiro a terra  
Na intimidade da chuva

Pátria  
O bocadinho de sol  
Que se guardou

---

<sup>1298</sup> *A Capital*, n.º 700, de 3 de Fevereiro de 1970, p. 5. À data, o director-adjunto do jornal era Mário Neves, amigo de Maria Lamas.

<sup>1299</sup> Sílvia Soares publicou: *Palavras de toda a Gente*, que mereceu uma crítica de Alfredo Guisado, no jornal *República*, e foi dedicado a Maria Lamas com grande amizade e admiração, *Horas Suspensas, Palavras Disponíveis, Bom dia?* (edição póstuma da Câmara Municipal de Évora, 1991). Sílvia Soares traduziu e organizou uma colectânea intitulada *Heroínas da Resistência*.



Para aquecer  
O exílio de sombra

Porque estragaram  
A Pátria com a História?

As crianças exilam-se da Pátria  
Porque não gostam da História<sup>1300</sup>

Maria Lamas aderiu ao Partido Comunista Português, indicando o seu cartão<sup>1301</sup> que era o membro n.º 118116. Maria Lamas indicou como profissão a actividade de escritora.

Num claro apoio à APU, Maria Lamas escreveu as seguintes quadras<sup>1302</sup> de apelo ao voto no partido:

Aliança Povo Unido  
É o caminho a seguir,  
Vamos lá, com decisão,  
Que o triunfo há-de vir!

A sorrir e a cantar  
Vamos todos, companheiros,  
Quando a vitória chegar  
Nós seremos os primeiros!

Avancemos lado a lado,  
Custe lá o que custar.  
Fascismo será vencido  
Abril há-de triunfar!

Todo o povo está em luta  
Seja homem ou mulher  
E a APU vai triunfar  
Porque o povo assim o quer

Que viva a reforma agrária  
É o direito do Povo,  
Os jovens são o futuro  
Querem um Portugal novo.

Vamos todos dar o voto  
E decerto assim será.  
Que ninguém fique de parte  
Abril vencerá!

Lutemos com toda a força,

---

<sup>1300</sup> Sílvia Soares, *Traço de Tinta*, s. l. , Edição de autor, [1973], p. 57.

<sup>1301</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 16, referência 2.2.

<sup>1302</sup> Quadras manuscritas por Maria Lamas, não datadas. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 65, sem referência.

Lutemos com alegria  
A APU há-de vencer  
Porque é democracia.

Vamos votar na APU  
Que é a força popular  
E a grande Reforma Agrária  
Conseguiremos salvar

Para a frente companheiros  
A reacção vai perder  
Povo Unido é uma força  
Capaz de tudo vencer.

Não há diferença de idade  
Para esmagar a reacção  
O que vale é a coragem  
Que nos enche o coração!

Tem cautela camarada  
Ao votar, pensa primeiro,  
Vota nas TRÊS ARGOLINHAS  
Que é o sinal verdadeiro.

Não esqueças, companheiro,  
E toma bem atenção  
Quem dá o voto à APU  
Defende a CONSTITUIÇÃO

Sempre com ligações políticas, Maria Lamas mantém relações de amizade com o Ministro do Desenvolvimento e Planificação Económica da República Popular de Moçambique, Ministério do Desenvolvimento e Planificação Económica, Marcelino dos Santos (1929-)<sup>1303</sup>, que lhe oferece duas capulanas em 1977. Marcelino dos Santos, político e poeta moçambicano, membro fundador da Frente de Libertação de Moçambique, antiga colónia portuguesa, que conquistou a independência a 25 de Junho de 1975, envia a D. Maria Lamas, “mil abraços e a lembrança profunda do seu amigo engajado neste combate para a criação do mundo novo com homens novos que Moçambique deve ser.”<sup>1304</sup>

Marcelino dos Santos oferece a Maria Lamas o poema intitulado «É preciso plantar»:

É preciso plantar  
Mama

---

<sup>1303</sup> Como poeta, Marcelino dos Santos usou os pseudónimos Kalungano e Lilinho Micaia.

<sup>1304</sup> Cartão manuscrito de Marcelino dos Santos a Maria Lamas, datado de 8 de Novembro de 1976, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 14, referência 1.301.

É preciso plantar.

É preciso plantar  
Nas estrelas e sobre o mar

Nos teus pés nus  
E pelos caminhos

É preciso plantar.

Nas esperanças proibidas  
E sobre as nossas mãos abertas

Na noite presente  
E no futuro a criar.

Por toda a parte  
Mama  
É preciso plantar.

A razão  
Dos corpos destruídos  
E da terra ensanguentada.  
Da voz que agoniza  
E do coro de braços que se ergue

Nos teus pés nus  
E pelos caminhos

É preciso plantar.

Por toda a parte  
Mama  
É preciso plantar.

Por toda a parte  
Por toda a parte  
Por toda a parte mama  
Por toda a parte  
É preciso plantar

A certeza  
Do amanhã feliz  
Nas carícias do teu coração  
Onde os olhos de cada menino  
Renovam a esperança.

Sim, Mama  
É preciso  
É preciso plantar  
Pelos caminhos da Liberdade  
A nova árvore  
Da Independência Nacional.

Em 1980, vivia-se em Portugal numa clara intervenção de liberdade política e cívica, Maria Lamas é uma activista sempre em acção e sempre muito solicitada.

Orlando da Costa (1929-2006)<sup>1305</sup>, autorizado por Maria Lamas, a incluir o seu nome em documentos de intervenção política e em que participassem reconhecidos antifascistas, escreve-lhe a pedir a confirmação para incluir o seu nome e um exemplar do documento. Eis o que consta da carta:

Como já há bastante tempo a Sr.<sup>a</sup> D. Maria tinha-me autorizado a incluir o seu nome em documentos de intervenção política que eu considerasse justos e em que antifascistas reconhecidos participassem, julguei que o documento de apoio – por parte dos escritores – à APU era dos tais documentos onde o seu nome deve figurar e, por isso, transmiti aos camaradas, que entretanto me solicitaram, que podiam contar com o seu apoio.

Junto fotocópia do referido documento e que reúne, além de nomes de camaradas nossos escritores, outros unitários.

Espero que esteja de acordo e isso dar-nos-á a todos grande contentamento. A Inácia e os miúdos mandam-lhe saudades. Um abraço e um beijo muito amigo do Orlando Costa

Anexo à carta, vinha a fotocópia do documento a ser assinado, mas sem indicação dos outros signatários:

Os signatários, escritores democratas e antifascistas, estão conscientes de que as próximas eleições legislativas são um ponto crucial na luta do povo português pela liberdade. Uma vitória da AD significaria o aniquilamento do regime democrático consignado na Constituição, a restauração do poder económico dos monopólios, um cada vez maior agravamento das condições de vida dos trabalhadores e das camadas sociais intermédias, uma política cultural obscurantista, a supressão das liberdades fundamentais, muito especialmente de pensamento e sua expressão, a instauração de uma nova censura, a perda real da soberania nacional, numa atitude de subserviência a interesses que não são os nossos, o afastamento das relações de cooperação e amizade com todos os povos do mundo, o regresso, enfim, a um passado de injustiça, corrupção e mediocridade. Sobre o povo português paira, neste momento dramático, o espectro odiado do fascismo.

Não são isto meros receios. A comprovar a ameaça, que nenhum verdadeiro democrata, nenhum português consciente pode esquecer ou ignorar, está a actuação nefasta do governo AD desde o primeiro dia da sua instalação no poder.

Nestes oito meses assistimos à tentativa premeditada de subversão de todas as conquistas do povo, obtidas com o sofrimento de tantos anos e com a vitória do 25 de Abril. Meses em que foi flagrante a diminuição do salário real, o aumento do desemprego, a institucionalização de uma política discriminatória contra os verdadeiros democratas e de reabilitação de responsáveis do fascismo, tanto no aparelho de Estado como nos outros sectores decisivos da vida nacional. Meses que são um estendal de violência, que nos campos do Alentejo atingiu já dimensões semelhantes às do pior tempo do passado, de latrocínio e corrupção, de revoltantes ilegalidades em todos os sectores da vida nacional. Meses de retorno a um autoritarismo primário, à total ausência de diálogo, ao sistemático ataque à cultura e à inteligência culminando num escandaloso assalto à comunicação social.

Por esta razão, e cientes de que, neste momento decisivo para o futuro da nossa terra, há que lutar por uma firme unidade de todos os democratas contra a escalada fascista, os signatários convidam o povo português a votar na Aliança Povo Unido, seguros de que o programa económico, social e cultural e o seu consequente e reiterado desejo de unidade em defesa da Democracia e das conquistas de Abril, serão um baluarte intransponível contra os que pretendem a destruição da Constituição que nos rege e o regresso ao passado.

Viva a Democracia! Viva o 25 de Abril! A reacção não passará!

<sup>1305</sup> Carta manuscrita de Orlando da Costa a Maria Lamas, datada de 15 de Setembro de 1980. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.192

O Movimento Democrático de Mulheres é uma associação de mulheres que surge das Comissões eleitorais de mulheres, criadas em 1968, num movimento de oposição ao regime salazarista. O seu primeiro acto público foi o festejo do dia 8 de Março de 1969, o qual marca o início como movimento feminino. Membro da Federação Democrática Internacional das Mulheres – FDMI – realiza a 21 de Outubro de 1973, o seu 1.º Congresso Nacional do MDM, tornando-se uma organização legal após o 25 de Abril de 1974.

Em 1975, Maria Lamas é Presidente Honorária do Movimento Democrático de Mulheres, sendo a aderente n.º 27 451<sup>1306</sup>, quando as lutas do Movimento se inscrevem no direito à instrução, à cultura, aos tempos livres e às actividades desportivas, no direito à segurança social, ao trabalho e garantia do emprego, à habitação. Outras preocupações inserem-se em aspectos como o planeamento familiar, a maternidade como função social, a formação e promoção profissional, as infra-estruturas de apoio (creches, jardins de infância, cantinas), a velhice em dignidade e o velho lema de trabalho igual, salário igual.

Maria Lamas mantém-se activa e participante política até ao final da sua vida, tornando-se a sócia n.º 1 da Associação Portugal-URSS<sup>1307</sup> e a sócia n.º 60 da URAP.<sup>1308</sup>

Sempre solicitada, Maria Lamas recebe em Março de 1982, uma carta<sup>1309</sup> da Comissão promotora da Conferência Nacional de Defesa das Liberdades, a informá-la de que esperam tê-la como convidada de honra, na conferência a ter lugar nos dias 17 e 18 de Abril do mesmo ano.

---

<sup>1306</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 15, referência 2.

<sup>1307</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 15, referência 2.

<sup>1308</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 15, referência 2.1.

<sup>1309</sup> Carta dactilografada, assinada por Maria Armanda Reis. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 40, referência 2.85.

## Capítulo 10

### A ÚLTIMA ESCALADA

#### 1.CONVITES E HOMENAGENS

Após quatro anos como directora<sup>1310</sup> da revista *Modas & Bordados*, Maria Lamas é alvo de uma homenagem no Salão do jornal *O Século*. A homenagem, processada através de inscrições<sup>1311</sup>, consistiu num chá, que reuniu, “ num alto objectivo, algumas das figuras de maior significação do nosso meio intelectual e artístico”<sup>1312</sup> entre as quais Graciete Branco Santa Rita.

A esta homenagem associa-se o Sindicato da Imprensa Portuguesa<sup>1313</sup> através de carta<sup>1314</sup>:

Exm.<sup>a</sup> Senhora

Não poderia o directório deste Sindicato deixar de associar-se calorosamente à homenagem hoje prestada a V. Ex.<sup>a</sup>.

Pelo talento, que uma superior sensibilidade feminina vem requintar ainda; pela energia, sempre marcada de elegância, e sempre senhoril; pelo espírito rasgado e moderno que sabe fundir com as forças do coração as suas mais vivas cintilações; e pelo alento que, em resultado do seu esforço incansável, foi dado à vida intelectual feminina, o nome de Maria Lamas, o perfume espiritual de Rosa Silvestre, subiu por direito de conquista a um alto lugar, na admiração de todos os trabalhadores intelectuais portugueses.

---

<sup>1310</sup> *O Século*, 10 Maio 1933. Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 14, referência 1.328.

<sup>1311</sup> *O Século*, 11 Maio 1933. Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 14, referência 1.328.

<sup>1312</sup> *O Século*, 12 Maio 1933. Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 14, referência 1.328.

<sup>1313</sup> O Sindicato da Imprensa Portuguesa foi aprovado por Alvará do Ministério das Finanças de 19 de Maio de 1932 (*Diário do Governo*, 2ª série, 120 de 25 de Maio de 1932) tendo a sede no Largo do Intendente, 35, 1.º D.º Lisboa, 431.

<sup>1314</sup> Carta dactilografada do Sindicato da Imprensa Portuguesa, assinada pelo presidente e pelo secretário do sindicato, a Maria Lamas, datada de 11 de Maio de 1933. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 14, referência 1.328.

É pois um dever, e um dever muito grato, vir trazer-lhe nesta hora de homenagem, a certeza de que estão com V. Ex.<sup>a</sup>, muito respeitosamente, como admiradores e como camaradas, todos os trabalhadores da Imprensa que, de Norte a Sul do País, têm como núcleo orgânico este Sindicato. Pelo Directório do Sindicato da Imprensa Portuguesa

O Presidente

Thomaz Ribeiro Colaço

No seguimento da Exposição sobre S. Miguel, organizada por Maria Lamas, a «ilha verde» decidiu homenageá-la, com grandeza, acontecimento que mereceu destaque na imprensa açoriana. O *Diário dos Açores*<sup>1315</sup> intitulava a notícia como «Um justíssimo e espontâneo preito constitui uma festa brilhantíssima o banquete de homenagem a D. Maria Lamas efectuado no Salão Nobre do Governo Civil». E o subtítulo: «Nos discursos foram postos em destaque os valiosíssimos serviços prestados pela ilustre escritora e jornalista e pelo «Século» a favor da propaganda de S. Miguel, sendo também prestada homenagem àquele grande quotidiano e ao seu ilustre director». Estavam presentes os jornalistas dos três jornais, *O Açoriano Oriental*, *Correio dos Açores* e *Diário dos Açores*, que tinham promovido a homenagem. No salão estava o retrato de Maria Lamas, pintado por Domingos Rebelo. A mesa apresentava a disposição duma enorme cruz de Cristo. A orquestra era dirigida por Licínio Costa. A ementa do banquete, confeccionado por Terra Nostra era composta por:

Sopa parisiense  
Peixe com molho russo  
Frango Palais Royal  
Vitela assada  
Salada Printanière  
Pudim diplomata  
Queijo, frutas  
Vinhos, café, licores.

A homenagem foi também prestada por uma operária da Casa Regional que ofereceu a Maria Lamas “uma lindíssima toalha bordada, lembrança de todas as operárias, como preito pelo muito que aquela ilustre senhora tem feito por S. Miguel, permitindo que, com a sua propaganda, se empreguem algumas centenas de braços femininos em labores regionais.”<sup>1316</sup> A operária leu uma carta, assinada por Maria da Conceição, a Maria Lamas em que destacava “que são 300 bordadeiras e para Deus lhe

<sup>1315</sup> O *Diário dos Açores*, n.º 17416, 7 de Outubro 1936, p. 1.

<sup>1316</sup> O *Diário dos Açores*, n.º 17416, 7 de Outubro 1936, p. 1.

dar vida longa para falar com os senhores que nos governam para que façam com que nesta ilha haja muito trabalho para todas”.

Muitas senhoras da sociedade pretendiam assistir ao banquete. O jornal *Correio dos Açores* considerava que embora, se tratasse de uma despedida, devia ser uma festa alegre, em que “as cores vivas das «toilettes» e o nacarado dos colos feminis, contrastarão, numa antítese feliz, com a seriedade das casacas dos convivas do sexo forte.”<sup>1317</sup>

O jornal *Correio dos Açores*<sup>1318</sup> referia, no dia seguinte, o discurso efectuado por Maria Lamas que afirmou “não haver palavras em alguma língua para expressar a sua gratidão.” Agradeceu ao Governador Civil, aos camaradas da imprensa micaelense, que tomaram a iniciativa da homenagem, à Terra Nostra, às humildes bordadeiras, que, na opinião da jornalista “foi a nota mais impressionante da festa”. E acrescentou:

Não me falem em agradecimento, deixem-me ser simplesmente, devotadamente, vossa amiga – filha adoptiva de S. Miguel. Portugal entrou numa fase de renovação que está sendo o pasmo do mundo civilizado! Salazar, o Chefe que Deus mandou na hora própria, não descure um só problema da Nação, e já olhou com “olhos de ver” para S. Miguel!

Não podia faltar a notícia no jornal *O Açoriano Oriental*<sup>1319</sup>, que apresentava o slogan «o mais antigo jornal português». Com destaque de primeira página, com uma imagem de Maria Lamas, a ilustrar a notícia intitulada «Horas de beleza e de apoteose, o banquete de homenagem à ilustre escritora e brilhante jornalista Senhora Dona Maria Lamas» indicava quem logrou ficar na mesa principal do banquete, sentado ao lado da homenageada, na festa que teve início às dez horas da noite e terminou às três horas da manhã: Governador Civil, Dr. Mendes Moreira, director do *Açoriano Oriental*, Ferreira d’Almeida, Dr. Carlos Carreiro, Dr. Guilherme de Moraes, Dr. Manuel Carreiro, João de Simas, Alice Moderno, Maria Evelina de Sousa, Maria Evelina Faria e Maia d’Aguiar, madame Pinheiro Chagas F. Pacheco, madame Marques Moreira.

No jornal *Correio dos Açores*<sup>1320</sup>, o articulista, que assina apenas H., destaca a parte do discurso proferido pelo Dr. Francisco de Ataíde Machado de Faria e Maia:

---

<sup>1317</sup> *Correio dos Açores*, n.º 17 411, 2 de Outubro 1936, p. 2.

<sup>1318</sup> *Correio dos Açores*, n.º 17 417, 8 de Outubro 1936, p. 2.

<sup>1319</sup> *O Açoriano Oriental*, n.º 5253, 10 de Outubro de 1936, p. 1.

<sup>1320</sup> *Correio dos Açores*, n.º 17 417, 8 de Outubro 1936, p. 1.



A este movimento regenerador da nossa Nacionalidade, iniciado por aquele insigne estadista, o Exm<sup>o</sup> Senhor Dr. Oliveira Salazar, o grande reformador das nossas energias sociais e mentais – que os açorianos admiram e que destas ilhas longínquas, seguem com orgulho de bons portugueses –, não quiseram os micalenses ficar estranhos, não fazendo nada pela valorização da sua terra, ficando de braços cruzados a esperar pela iniciativa oficial. Deste espírito de compreensão do dever que a todos impende de cooperar, na medida das suas forças, para a renovação e progresso da nossa Pátria, nasceu a Sociedade «Terra Nostra», que pretende a valorização da terra micalense, porque valorizar a terra em que vivemos é valorizar o país a que pertencemos. A «Terra Nostra» faz sentir a sua benéfica, salutar acção: além duns avultados milhares de contos distribuídos na construção dos seus hotéis, Casa Regional, Bureau de Informações, a sociedade emprega cerca de 60 pessoas permanentemente, e distribui, por meio da sua Casa Regional, trabalho a mais de 300 raparigas que para esta bordam.

No final do discurso realça o papel preponderante que Maria Lamas na defesa dos Açores, com a exposição e os seus artigos na imprensa.

A saída forçada de Maria Lamas, da revista *Modas & Bordados - Vida Feminina*, provoca imensas reacções na elite intelectual do país. É organizado um jantar de homenagem à jornalista a que compareceram diversas figuras destacadas da sociedade portuguesa de então, a saber<sup>1321</sup>: Capitão Augusto Casimiro e esposa, Alfredo Monteiro, Alice Maia de Magalhães, António Rodrigues Direito, Dr. Arlindo Vicente, Dr. Armindo Rodrigues e esposa, Aura Fernandes Martins Rebelo, Arminda Gonçalves, Dr. António Sérgio, Alves Redol, Assis Esperança, Berta Mendes, Beatriz Arnut, Benvinda Caíres, Berta Rosa Limpo, Branca Rosa Braga de Macedo, Cândida Caraça, Clélia Vital, Cristiano Lima, Cacilda de Castro, Dr.<sup>a</sup> Cristina Cunha, Dr.<sup>a</sup> Cesina Bermudes, Clarisse de Oliveira, Carlos Duarte, Deolinda Lopes Vieira, Maria da Graça Amado da Cunha, Dr.<sup>a</sup> Maria Tereza Amado Neves, Dr.<sup>a</sup> Maria Isabel Aboim Inglês, Maria Palmira Tito Morais, Maria Leónia Guedes Pacheco, Maria Alda Nogueira, Maria Amélia Costa, Manuela de Azevedo, Maria Suzete Gomes, Maria da Luz Espírito Santo Maria Keil, Maria da Conceição Malva do Vale, Maria do Céu Almeida, Maria Cândida Caeiro, Matilde Rosa Araújo, Matilda Taveira Santos, Natalina Corte Real, Orquídea Quartim, Palmira Bruno, Palmira Calixto de Melo, Rosa Pereira, Roberto Araújo, Dr. Ramos da Costa, Comandante Tasso de Figueiredo, Estrela Faria, Alice Gomes, Joaquim Calixto e esposa, Mário Neves, Edith Pinto Alves, Ema Quintas, Emília Rodrigues, Fernanda Tasso de Figueiredo, Fernando Lopes Graça, Francisco José Caeiro, Ferreira de Castro, Glicínia Quartim, Georgina Monteiro, Hortense de Almeida, Hermínio Inácio Flora Bento, Isilda Jorge, José Manuel Vital, João Tomás R. Silva Rebelo, José Dias Passos Pinto, Dr. José Alves Barroso, Julião Quintinha, Judith

<sup>1321</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 40, referência 2.88.

Teixeira, Joana Vassalo Mota, Lília da Fonseca, Lucinda Andrade, Luís Figueira, Laura Chaves, Mariana Silva, Maria das Dores Cabrita, Maria Amália Dias Neves, Maria Luísa Caldas, Maria da Soledade Batista, Manuela Porto, Manuela Campos e Mário Gonçalves de Castro e esposa.

Quem não pôde comparecer, não deixou por isso de manifestar o seu apoio, quer através de telegramas, quer através de cartas.<sup>1322</sup>

Entre os que enviaram telegramas encontram-se: Mário Dionísio; Abel Manta; Aquilino Ribeiro; Jaime Brasil; Etelvina Lopes de Almeida; Vitória de Oliveira; Matilde César; Lucília Costa.

Maria dos Anjos Branca Cruz e Maria Celeste expressam o seu reconhecimento com o seguinte texto:

Pessoal do *Modas & Bordados* vem testemunhar efusiva e respeitosamente a V. Ex.<sup>a</sup> a maior admiração pelos seus subidos méritos pessoais e pelas superiores qualidades que numa larga e profícua actividade evidenciou como chefe, directora, amiga e senhora e ainda manifestar-lhe a maior gratidão pela sua benemerente acção em prol da mulher e da criança.

Seguem-se os telegramas de Carvalhão Duarte; Manuela Palma Caldas Laranjo; Maria Letícia Clemente Silva; Júlio de Sousa; Aida Silva; Emiliana Cabrita; Maria Lúcia; Elina Guimarães; Hernâni Cidade; Roberto Nobre; Linda e Leão Penedo; Fernanda de Carvalho ( direcção do Ginásio Feminino); Sócias do Conselho da Figueira da Foz; Maria Luíza Palma Carlos; Manuel Mendes; João de Barros; Francine Benoît; Julieta Ferrão; Vasco Lopes Mendonça; Clarisse Oliveira, Branca Macedo, Isabel Cohen von Bonhorst; Virgínia Lopes Mendonça; Flávia e Maria Fernanda.

Mas o apoio chega também através de carta. E são muitas. Não as vamos referir todas, apenas aquelas que considerámos mais representativas. Maria Amália Lobo Jones<sup>1323</sup>, por exemplo, felicita a escritora “pela coragem e abnegação demonstradas perante o inimigo da instrução e reivindicação dos direitos da mulher.” De seguida sugere-lhe a edição de um jornal feminino, baseado numa literatura sã, conselhos de puericultura, economia doméstica, bordados, rendas, modas e toda essa infinidade de

---

<sup>1322</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 29, referência 2.54.

<sup>1323</sup> Carta manuscrita de Maria Amália Lobo Jones a Maria Lamas, datada de 2 de Junho de 1947. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 29, referência 2.54.

coisas de que é composta a vida da mulher, quer na vida privada, quer na vida social. Quem sabe se não foi uma das impulsionadoras da revista *As 4 Estações*.

Georgina Augusta Gomes Monteiro<sup>1324</sup>, membro do CNMP, dirige-se a Maria Lamas nos moldes, que podemos verificar e que foram a tônica geral das cartas enviadas à jornalista:

Exm.<sup>a</sup> Senhora D. Maria Lamas

Digníssima Presidente do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas

O gesto que V. Ex.<sup>a</sup> corajosa e nobremente acaba de praticar tocou tão profundamente a minha sensibilidade e a minha consciência que não ficaria bem comigo se, nesta hora de amargas desilusões, lhe não patenteasse, «desataviadamente» embora, toda a minha humilde solidariedade, a minha sincera estima e a maior admiração.

V. Ex.<sup>a</sup> com tão desassombrada atitude deu-nos um alto exemplo de coragem e abnegação de que só almas de eleição são capazes.

Faço votos muito sinceros porque todas as Mulheres do meu país, e em especial as do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, saibam apreciar e merecer o elevado sacrifício de que lhe são devedoras.

Receba V. Ex.<sup>a</sup> Senhora Presidente um fraternal abraço de gratidão da Amiga e Admiradora

Mais cartas de Hortense de Almeida, Maria Alice Correia Franco, Maria Luiza da Rosa Caldas, Mariana Ferreira de Mesquita Guimarães Macieira, Marília Cunha. Hernâni Cidade<sup>1325</sup> escreve as seguintes palavras:

Lamento-o sinceramente; e bem creio que o que mais lhe há-de ter ferido a sensibilidade de mulher e de intelectual é o que o seu caso pessoal patenteia da maior desgraça do nosso tempo. Vivemos, minha cara amiga, momentos na maior crise da História, em atmosfera de desconfiança e incompreensão. [...] Beija-lhe respeitosamente a mão, o muito amigo e admirador.

Ester F. Costa<sup>1326</sup>, por sua vez, dirige a Maria Lamas a seguinte missiva:

Minha boa amiga

Estamos numa época e numa situação em que nada se respeita - nem a idade nem o valor de uma senhora que é das figuras mais em relevo nos meios intelectuais femininos e até mesmo entre as raparigas.

---

<sup>1324</sup> Cartão manuscrito de Georgina Augusta Gomes Monteiro a Maria Lamas, não datado. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 29, referência 2.54.

<sup>1325</sup> Carta manuscrita de Hernâni Cidade a Maria Lamas, datada de 7 de Junho de 1947. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 29, referência 2.54.

<sup>1326</sup> Carta manuscrita de Ester F. Costa a Maria Lamas, não datada. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 29, referência 2.54. Nesta carta, Ester F. Costa pergunta a Maria Lamas o que há-de fazer para reaver o dinheiro que a revista lhe deve e que não quer trabalhar mais na revista. Manifesta, também preocupação em relação ao material que já entregou na revista: «Carta de Lisboa», o conto *Imprevisto* e a entrevista a Dilette Valadas. A Ester trabalhava num escritório e conheceu Maria Lamas como sobrinha de tia Filomena.

Maria Lamas não pode ser substituída por qualquer ambiciosa e ingrata Etelvina...nem a Tia Filomena por uma banal tia Rita ou coisa no género. As personalidades são diferentes e nós estávamos habituadas a Maria Lamas e à Tia Filomena...

A revista fala por si, minha amiga! E o coração de muitas mulheres e muitas raparigas não esquecerá facilmente um outro que compreendeu e sentiu o seu...

Espero que irá descansar esta semana. Se assim não fosse, talvez ainda a procurasse uma tarde para lhe fazer companhia um bocadinho!.. Gostaria imenso que, quando pudesse e se lembrasse, me dissesse onde e quando poderei ir buscar os livros que me prometeu emprestar e que estou ansiosa de ler: «Servidão» e «Homem da Rua». Tenho a paixão da leitura e aprecio muito o romance realista. Gosto também muito do Alves Redol e espero um dia comprar a colecção dele. Esperava comprá-la agora com o dinheiro da minha fraca colaboração no «Modas».

Mais apoio de Dra. Branca Rumina, Anita Patrício, Matilde Rosa Araújo, Maria Fernandes Costa, Lucinda Batista de Andrade, Arminda Gonçalves e Elina Guimarães<sup>1327</sup>, que lamenta imenso o acontecido:

Minha amiga

Não encontro palavras para exprimir a indignação e o desgosto que me causou a violência e o desgosto de que foi vítima, indignação de que todos cá em casa partilham. Vivemos numa triste época e ser vítima é a maior das honras.

Peço-lhe imensa desculpa de não ter podido aqui há dias fixar uma data para estar consigo mas a verdade é que ultimamente tenho umas crises de enxaqueca tão violentas que sou obrigada a permanecer em silêncio e às escuras e por isso tenho escrúpulos de pedir a alguém que venha tão longe correndo o risco de eu estar momentaneamente invisível. [...] Com um abraço de solidariedade permita-me que me declare mais do que nunca sua admiradora.

Também Palmira Guerreiro Burnay<sup>1328</sup> se dirige a Maria Lamas:

Muito prezada amiga e senhora D. Maria Lamas

Estou desolada e indignada com o que se passa.

Que possa encontrar a força precisa para se manter no posto que tão dignamente persiste em manter, pois todas nós bem precisamos de tão grande mestra.

Fernanda Tasso de Figueiredo<sup>1329</sup> afirma que “por mais que tente o seu problema não me sai do pensamento.” Acrescenta que “sente remorsos por aquilo que aconteceu” e que “não tem remédio para o que lhe fizeram.” Na opinião de Fernanda Tasso de Figueiredo “a atitude de director do jornal *O Século* é inclassificável” e “está convencida, que no seu caso teria procedido exactamente como a Maria.” Finaliza,

---

<sup>1327</sup> Carta manuscrita de Elina Guimarães a Maria Lamas, não datada. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 29, referência 2.54.

<sup>1328</sup> Carta manuscrita de Palmira Guerreiro Burnay a Maria Lamas, não datada. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 29, referência 2.54.

<sup>1329</sup> Carta manuscrita de Fernanda Tasso de Figueiredo a Maria Lamas, datada de 6 de Junho de 1947. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 29, referência 2.54.

afirmando que se sente responsável por ter entusiasmado Maria Lamas a ser Presidente do Conselho.

Eurico Braga<sup>1330</sup> considera incompreensível o que aconteceu, pois eram tão amigos dela, e diz que tem desgosto de ela não estar na realização do «Concurso das Costureiras».

Isabel Cohen von Bonhorst<sup>1331</sup> faz a seguinte afirmação: “ apenas sofro por não ter elementos para poder lutar a seu lado. Não tenho em meu poder além dos estatutos, qualquer outra documentação oficial, esta é dos arquivos do CNMP, que como sabe se encontram na sede e portanto agora selados.”

Mais sócias do CNMP manifestam o seu apoio a Maria Lamas: Deolinda Lopes Vieira, Maria Soledade Baptista. Também Aida Ferreira<sup>1332</sup>, trabalhadora do jornal *O Século* lhe assegura o “seu incondicional” apoio e uma “velha e leal amizade.”

Natália Pereira, que se auto-denomina como «mãe gratíssima» e Manuel Pereira Testa como «filho reconhecido» asseguram a Maria Lamas que “nunca poderemos olvidar os favores que lhe ficamos devendo durante o período da minha doença. As palavras carinhosas que V. Ex.<sup>a</sup> sempre teve para com minha mãe, ficaram gravadas no meu espírito, assim como o seu grande interesse.”<sup>1333</sup> Alfredo Ramos<sup>1334</sup>, trabalhador do jornal *O Século*, na área da publicidade, também se associa à homenagem. Por sua vez, Adelaide Bramão<sup>1335</sup> lamenta não ter comparecido, ma só teve conhecimento da homenagem, num jantar com a família Lupi.

Beatriz Arnut<sup>1336</sup> lastima não possuir nenhum dote de oradora para tomar parte nos discursos e para manifestar também todo o seu apreço a Maria Lamas.

---

<sup>1330</sup> Carta manuscrita de Eurico Braga a Maria Lamas, não datada. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 29, referência 2.54. Eurico Braga era o apresentador do «Concurso das Costureiras.

<sup>1331</sup> Carta manuscrita de Isabel Cohen von Bonhorst a Maria Lamas, não datada. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 29, referência 2.54.

<sup>1332</sup> Carta manuscrita de Aida Ferreira a Maria Lamas, não datada. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 29, referência 2.54.

<sup>1333</sup> Carta manuscrita de Natália Pereira e Manuel Pereira Testa a Maria Lamas, datada de 7 de Julho de 1947. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 29, referência 2.54.

<sup>1334</sup> Carta manuscrita de Alfredo Ramos, não datada. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 29, referência 2.54.

<sup>1335</sup> Carta manuscrita de Adelaide Bramão, não datada. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 29, referência 2.54.

<sup>1336</sup> Carta manuscrita de Beatriz Arnut, não datada. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 29, referência 2.54

O jornal *República* referia a 9 de Julho de 1947 que a homenagem à escritora Maria Lamas se realizou no passado dia 7, na Casa do Alentejo com “numerosa e brilhante assistência a festejar os 25 anos de actividade literária e jornalística.” O jornal afirmava que “a homenageada disse que a homenagem não lhe pertencia, mas sim a todas as mulheres portuguesas, dizendo que os seus 25 anos da actividade nas letras nada valiam, comparados com os sacrifícios de tantas mulheres na sua luta ignorada do dia-a-dia.”

Em Setembro de 1947, Maria Adelaide Teixeira de Almeida Ribeiro Vieira da Luz, que tinha sido professora de Maria Lamas, em Lisboa, em nome do Patronato de Nossa Senhora da Luz, convidou Maria Lamas para uma conferência na Ponta do Sol, e fez a apresentação da escritora na forma que a seguir se apresenta:

Minhas senhoras e meus senhores:

Vivo hoje momentos da mais íntima comoção ao ter a subida honra de apresentar a V. Exas. a ilustre escritora de Lisboa, dona Maria da Conceição Vassalo e Silva da Cunha Lamas.

Faço-o com duplo sentimento: pela admiração com que sinceramente costumo curvar-me a toda a manifestação de talento, venha donde vier, revista as modalidades que revestir, e pela amizade com que devo hoje particularmente fazê-lo, visto que se trata duma antiga aluna, a quem eu preparei gostosamente para um exame liceal e de quem me ficaram para sempre as mais indeléveis recordações.

Sabem todos com que interesse eu ensinava os alunos que me eram confiados. Pode, pois, avaliar-se a acuidade que revestiu a minha preparação, ao tratar-se duma aluna cujo trabalho rendia 100%, numa lição que constituía para mim, professora, um verdadeiro encanto por estar em contacto com uma Senhora para quem olhava já com o respeito que era passível aos meus 20 anos garotos, e pelo intercâmbio, digamos assim, espiritual que se trocava na nossa conversa depois de oficialmente cumprida a missão que me tinha sido confiada.

Nessa altura, um livro de versos já tinha publicado e o seu pseudónimo literário «Rosa Silvestre» assim como o título do seu livro *Humildes* davam, em síntese, todo o encanto, todo o amparo que sempre havia de manifestar por aqueles que na escala social ocupam o último plano, que, na onisciência de Deus serão os escolhidos, naquele concerto incompreensível as nossas inteligências de os últimos serem os primeiros....

Roda o tempo. Casei. Troquei as ideologias dum futuro puramente intelectual pelas preocupações muito mais banais, mas também muitíssimo mais concretas da fundação dum Lar. Mas, como no meu «abstractum», na minha vida psíquica tinha sido recalçado e não extinto o fogo que me abrasava de ser professora - intrinsecamente professora -, um dia irrompeu em mim o desejo de ensinar e foi assim que tantas raparigas pontassolenses ocupam no meu coração, como ocuparam no meu espírito, um lugar igual ao que ocupou, em muito maior relevo, a senhora dona Maria Lamas, que daqui a pouco vós, pontassolenses, tereis o enlevo de escutar.

É costume, ao fazer a apresentação oficial dum conferente, tecer um hino de louvores, um coro de exaltações a quem vai falar. Não o faço eu, porém; não vou exaltar, com considerações inúteis, a importância dos seus trabalhos.

Primeiro, porque tudo o que eu dissesse, bem ou mal, seria insuficiente porque a palavra atraiçoa o brilho do pensamento. Segundo, porque a conferente de hoje não é uma senhora banal. É alguém que no campo das Letras tem o seu lugar marcado, conquistado de glória sempre merecidamente alcançada a poder de muito esforço pessoal e de muita persistência.

É alguém que, durante 19 anos, dirigiu com todo o acerto e apurmo a revista feminina *Modas e Bordados*, que chega a todos os recantos desta Ilha.

É alguém que tem sido escutada por assembleias cultas de Lisboa, Porto e Ponta Delgada, e cujo valor literário foi consagrado pelo governo ao conceder-lhe a Ordem de Santiago.

Perante isto, nada mais há a dizer. Apenas, aproveitar o ensejo de manifestar-lhe publicamente a minha admiração pelo sentido social, digamos assim, com que tem procurado sempre amparar, proteger, dignificar a mulher portuguesa.

É curioso que, ao fim de 24 anos do nosso convívio, o Acaso, o simples Acaso, tenha proporcionado esta assembleia, e que a Ponta do Sol possa ter a honra de ser o primeiro núcleo madeirense que vai escutar a palavra sugestiva da senhora, escritora e jornalista.

E eu, que fui sua professora, numa quadra recuada da minha mocidade, e que continuei na Ponta do Sol o ciclo de leccionações tão amorosamente tomadas em Lisboa, quis como que associar esta antiga aluna, ilustre, consagrada, nomeada, ao punhado de raparigas pontassolenses que foram minhas alunas, numa época em que se me censurava querer eu fazer doutoras as raparigas da Ponta do Sol...

Não foi, nenhuma, doutora. Mas o conceito antigo que pedia se preparassem as mulheres só para os seus deveres de mãe, de esposa, de dona de casa, não podia antever as consequências de mil factores de ordem económica e social, que nos foram impondo novos deveres. O mundo deu um salto, chegou o convulso momento social em que uma rapariga tem necessidade de ganhar a vida, e, se chegou aqui, a este cantinho ignorado do mundo essa necessidade, muito e muito bem se compreende que ela tenha chegado, mais instante e mais premente aos grandes centros de vida onde a luta é mais rija e inglória. E a melhor resposta que eu posso dar a Senhora, ilustre a todos os títulos, que me censurava então, é ver como ganham a vida ou se preparam para ganhá-la estas filhas – família pontassolenses, então apegadas a ideias velhas, hoje acompanhando o rodar dos tempos.

É a trindade inicial: a Dália, que me sucedeu nas leccionações; a Beatriz que daqui a pouco virá tomar o seu lugar marcante da primeira pontassolense Assistente Social na Madeira; e à Ilda que na Ericeira é professora primária e que tem sabido sempre marcar nos lugares por onde tem exercido o seu nune.

Depois, a Dóres, que é hoje a grande auxiliar do senhor Cabrita no Patronato, no que representa de dedicação e actividade consagrada ao seu ofício. É a Fernanda Spranger, que hoje ensina num colégio em Lourenço Marques. São a Maria Augusta, a Maria Amélia Paulo, a Regina, prontas já ou a começar a exercer os seus cargos de professoras primárias oficiais. É a Amélia, diplomada hoje, gloriosamente, pelo curso Rockfeller. São a Estefânia e a Manuela (que ocupa aqui, acidentalmente, o lugar de Beatriz, ausente), em estudos de auxiliares assistentes. É a Maria Amália pronta a seguir também para Palhavã. Foi ainda a Laurencinha, a única das casadas que não exerce actividade remunerada, mas que se habilitou durante anos aos Correios. Foi ainda, episodicamente, a Olímpia, aqui presente, que vinha de longe à lição e a quem eu presto homenagem como o espírito mais cintilante de quantos por aqui passaram.

E, se eu tenho em Lisboa mais duma dúzia de alunas que são hoje formadas pela Faculdade de Letras, não as elevo em detrimento das obreiras ignoradas da nobre vida da Ponta do Sol, que eu tenho muita honra de considerar o meu segundo berço porque foi o berço dos meus filhos.

A consideração que me merece a terra foi que me fez pensar em aproveitar esta oportunidade única duns momentos de encanto espiritual, ao ter na minha casa a senhora D. Maria Lamas.

Depois, reunir o agradável ao útil.

Lançar um grãozinho de semente no coração acolhedor duma Avó, que sempre tem procurado defender e proteger os infelizes, como se seus netos fossem.

À ideia de contribuímos para o Patronato<sup>1337</sup>, a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lamas entusiasmou-se.

A vossa generosidade fará o resto. Na história do Patronato, já algumas conferências têm figurado com fins idênticos.

A oportunidade de ouvir uma senhora de tão longe era única. Urgia não perdê-la. Faço daqui os mais ardentes votos para que a ideia dum ciclo de conferências, já começado a favor do Patronato, quebrado há muito, seja hoje reatado por este elo tão sugestivo que tive a honra de vos proporcionar.

E sentir-me-ei satisfeita se a vossa generosidade corresponder ao meu desiderato e se pudermos viver nestes momentos, que vão ser certamente de grande encanto, a certeza de que fomos chamados a lançar mais um baguinho de areia nos alicerces da melhor obra social da Madeira.<sup>1338</sup>

<sup>1337</sup> Cada pessoa devia contribuir com a quantia de 430\$00.

<sup>1338</sup> Discurso manuscrito e assinado por Maria Adelaide Teixeira de Almeida Ribeiro Vieira da Luz. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 37, referência 2.82.

Maria Lamas é alvo de uma homenagem no Porto<sup>1339</sup>, em Maio de 1950, a qual consiste num almoço em que participam, além da homenageada, Ruy Luís Gomes, Virgínia Moura, Guedes Pinheiro e esposa, Natércia Babo, Manuela Delgado, Sampaio e Castro, Rodolfo Teixeira, Jaime dos Anjos entre outros.

Em 1961, Maria Lamas recebia, através de carta, um poema da amiga Bernardette Falcão<sup>1340</sup>, com quem manteve vária correspondência:

Pelas lágrimas que chorou  
E que enxugou

Pelos sorrisos abertos nos seus lábios  
E pelos que fez florir

Pelos espinhos que rasgaram os seus pés  
E pelo caminho liso que atrás deles deixou

Pela angústia em que essas mãos se uniram tanta vez  
E pelas carícias que distribuíram

Pelos silêncios dolorosos dessa boca  
E pelas palavras de conforto que ela disse

Pelas decepções  
E pelos sonhos tão lindos que sonhou

Pelos tormentos de Artista  
E por tanta Beleza que criou

Por tudo o que sofreu, amou, viveu  
Bendita seja a hora em que nasceu

No ano de 1973, Guedes de Amorim e o jornal *República*<sup>1341</sup> fazem um apelo aos leitores para que se pronunciem sobre a personalidade de Maria Lamas, a fim de ir publicando vários artigos de várias individualidades, o que culminará numa grandiosa festa de homenagem à escritora, no dia do seu octogésimo aniversário.

O director do jornal, à época, Dr. Raul Rego (1913-2002), insiste em que “falar no nome de Maria Lamas é um acto de justiça.”<sup>1342</sup> Considera que Maria Lamas representa uma lição de “humanidade, de civismo e de luta.” Por isso sugere que todos os que a “conhecem e admiram” lhe enviem um depoimento sobre a “personalidade de

<sup>1339</sup> *O Comércio do Porto*, 27 de Maio de 1950, p. 4. Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 58.

<sup>1340</sup> Carta manuscrita de Bernardette Falcão a Maria Lamas, datada de Outubro de 1961. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.21.

<sup>1341</sup> *República*, n.º 15197, 1 de Agosto 1973, p. 11.

<sup>1342</sup> *República*, n.º 15197, 1 de Agosto 1973, p. 11.



Maria Lamas”, contando algo “sobre a sua vida” o que poderá servir “para a montagem de uma biografia”.

A 20 de Julho de 1973, Jacinto do Prado Coelho<sup>1343</sup> envia a Maria Lamas uma cópia da carta enviada a Raul Rego na qual declara que se junta a todos os que “ têm manifestado admiração e apreço pela escritora Maria Lamas.” Jacinto do Prado Coelho<sup>1344</sup> associa-se a esta homenagem por “imperativo de consciência”, afirmando em relação a Maria Lamas que:

A dignidade da sua vida e da sua obra constitui um exemplo que devemos, neste momento, agradecer e propor. Exemplo de amor pátrio esclarecido, que procura no conhecimento honesto, exacto, da realidade (de onde o inquérito realizado no País inteiro para escrever o livro ímpar que se chama «As Mulheres do Meu País») a base indispensável para uma transformação. Exemplo de fidelidade ao amor de quanto na vida é belo e fecundo, á confiança no espírito, ao propósito de contribuir para a humanização do homem, em formas cada vez mais elevadas de fraternidade, de compreensão, de justiça. Só recentemente pude conviver com a escritora Maria Lamas – e desde o primeiro instante me causou uma profunda impressão, pela juventude mental, pela delicadeza, pela distinção, pelo raro equilíbrio. Bem consciente da condição e dos deveres da mulher, impõe – se – nos ao mesmo tempo pela firmeza de pensamento e pela tenacidade na acção intelectual, sempre imbuída de um sentido cívico. A sua luta é a luta pela emancipação do ser humano – o que significa edificar um mundo melhor na tolerância, na paz e na lucidez. É a luta por todos nós.

No dia seguinte é a vez de Maria Evelina<sup>1345</sup> fazer chegar ao jornal a sua opinião sobre Maria Lamas:

Homenagem mais justa não pode haver do que esta que se presta a uma Escritora, Poetisa, Jornalista e sobretudo a uma Mulher de oitenta anos, cujo coração lateja fremente ainda, a vislumbrar melhores dias para o mundo revolto. Esta homenagem tem de reunir à volta desses oitenta anos de prestígio e luta desabrida, amigos de todas as classes sociais, colegas nas letras, artistas que ela pôs em foco e todos juntos, queira Deus que todos saibam, não em laudas pouco sinceras, mas com amor e gratidão murmurar-lhe um «Bem-haja» pelo muito que deu a todos, grandes e pequenos que dela se abeiraram, num momento, para eles sempre inesquecível...Eu fui um deles e a minha Ilha e toda a sua gente mereceu a dádiva generosa da sua atenção...há dívidas para as quais não há nunca pagamento e a dívida da ilha de S. Miguel para com Maria Lamas é desta qualidade...talvez que agora muito humildemente seja ocasião de por qualquer modo dizer-lhe obrigado...

Duarte Pimentel<sup>1346</sup> recorda ao jornal *República* a sua permanência em Paris, durante umas férias e a preciosa ajuda e recepção feitas por Maria Lamas:

---

<sup>1343</sup> Cópia de carta dactilografada de Jacinto do Prado Coelho a Raul Rego, enviada a Maria Lamas, datada de 20 de Julho de 1973. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5, referência 1.115.

<sup>1344</sup> *República*, n.º 15197, 1 de Agosto 1973, p. 11.

<sup>1345</sup> *República*, n.º 15198, 2 de Agosto 1973, pp. 10 e 11.

<sup>1346</sup> *República*, n.º 15201, 6 de Agosto 1973, p. 12.

Já lá vai uma boa vintena de anos, quando cheguei a Paris, com mais três amigos, para a nossa «première» na Cidade – Luz. Viagem programada com muita antecipação, dinheiro poupado, contado e recontado, algumas latas de conserva surripiadas em casa para previsíveis momentos de apuro – bem adivinhados, diga-se de passagem... – e local de alojamento indicado por outros amigos. O Hotel St. Michel, nº 18 (salvo erro), da Rue Cujas, perpendicular ao «boulevard» do mesmo nome. Um hotel, onde tratavam sempre bem os portugueses. Nessa altura, o português era um tipo muito raro em Paris – a grande maioria ainda trabalhava em Portugal... – e cremos mesmo que a colónia estaria resumida a alguns estudantes e outros tantos exilados. [...]

Quando já na fase «descendente» das férias, os francos começaram a diminuir, chegávamos mais cedo ao hotel para as refeições previstas de pão e conservas. Foi nessa altura que tivemos ocasião de conversar com Maria Lamas.

Nunca mais poderei esquecer como «ciceronizou», através das suas indicações, a nossa última semana em Paris. Foi a única pessoa que compreendeu e me auxiliou a realizar um desejo que levava de Lisboa: repetiu os passos de Jean Valjean<sup>1347</sup> nos esgotos da cidade. Foi ela também que nos falou, através da França a quem amava, do nosso País que tanto queria. E da saudade dos seus e de toda a gente.

Apenas conseguimos retribuir o tanto que nos deu, com o ter-lhe trazido para Lisboa correspondência para a família, dada súbita greve dos Correios que ameaçava prolongar-se, o que de facto se verificou.

Nunca mais vimos Maria Lamas, mas na nossa memória permanecerão sempre os curtos momentos vividos com «La grande dame portugaise», na pequena sala de estar do Hotel St. Michel.

Chega também a vez de os conterrâneos se manifestarem a propósito da escritora. José Alberto Marques<sup>1348</sup> manifesta-se da seguinte maneira, quase em jeitos de desculpa:

Peço desculpa do tempo roubado, mas há prioridades que o são e às quais se devem/devemos o nosso apoio, ainda que seja em breves minutos.

Falo de/sobre MARIA LAMAS. A mulher. A escritora. A democrata.

Não só, porque, em determinado ponto dos antepassados um pouco – nada dela está em mim, não só porque os seus já distantes romances fizeram itinerário na minha vida de leitor, cinco tostões e uma ficha na Biblioteca de Torres Novas, mas fundamentalmente porque correram quatro anos e um grupo de moças, então mais jovens ainda, lembravam ao descuido dos conterrâneos alguns nomes vivos que deviam decorar. À cabeça MARIA LAMAS. Que, por doença, creio, não pôde comparecer.<sup>1349</sup> Mas lemo-la [...]. Hoje, porém, felicito a «REPÚBLICA» que o mesmo é dizer falo da MARIA LAMAS.

E para ela, velhinha como penso, vai este copo bebido.

Pela minha parte, pelo menos, muitas vezes falo dela. Já lhe tive o telefone e não telefonei; já lhe tive a direcção e não escrevi. Já podia ter feito muita coisa e nada incipiente e declamatório, mas firme na certeza de ser ela uma das personalidades mais vivas da nossa história político-social e literária.

Mariac Dimbla<sup>1350</sup> recorda como conheceu Maria Lamas, primeiramente através da leitura do livro *Para além do Amor*, depois como directora da revista *Modas &*

<sup>1347</sup> Personagem principal da obra *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, publicada em 1862 e que viria a ser traduzida por Maria Lamas.

<sup>1348</sup> *República*, n.º 15202, 7 de Agosto 1973, p. 12.

<sup>1349</sup> Prende-se com a homenagem prestada a Maria Lamas em Torres Novas, à qual a jornalista não pôde comparecer.

<sup>1350</sup> *República*, n.º 15204, 9 de Agosto 1973, pp. 10 e 11.

*Bordados*, seguidamente como presidente do CNMP e posteriormente como sua entrevistada:

Há muitos anos, com essa gula que todos os que não são moços devoram todas as publicações que encontram. Li no «Almanaque Bertrand» um artigo assinado por «Rosa Silvestre». Eu não sabia quem era «Rosa Silvestre», nem conhecia Maria Lamas. Foi na década seguinte que adquiri um livro de Maria Lamas: «Para Além do Amor», editado por «O Século», em 1935.

Nesses anos trinta, já muito próximos da escaldante década em que se deu uma das mais sangrentas guerras do nosso tempo, eu estava demasiado preocupada com as duras realidades da vida e dos acontecimentos que agitavam a Península Ibérica. Faltava-me tempo para as leituras que dantes me apraziam, no entanto já sabia quem era «Rosa Silvestre» e arranjei tempo para ler o livro de Maria Lamas. Pressenti a escritora de mão firme e «Para Além do Amor» ainda hoje figura entre os milhares de volumes da minha biblioteca.

O meu primeiro encontro com Maria Lamas deu-se na redacção da revista «Modas & Bordados», onde fui – como pretendente a colaboradora – apresentar alguns artigos. Nessa época, essa revista dirigida por Maria Lamas contava com uma colaboração escolhida e apresentava artigos assinados por escritoras que ocupavam um lugar assinalado nas letras portuguesas; tinha uma aceitação especial e uma grande tiragem que sempre manteve. [...]

Entretanto o editor Lyon de Castro publicava um jornal literário intitulado «Ler». Pediu-me para entrevistar as escritoras que nessa época estavam em evidência. Isso marcou o começo da minha grande amizade com Matilde Rosa Araújo que eu apenas conhecia de nome e pelos altos méritos e que como as outras gentilmente respondeu a todas as minhas perguntas. Entre as minhas entrevistadas figurava Maria Lamas. Combinámos que viria a minha casa e foi na minha sala de trabalho que a muitos anos de distância do nosso primeiro encontro, falámos de escritora para escritora.

Posso repetir as suas respostas às minhas perguntas porque já então eu possuía um arquivo organizado. Eis o que me disse: “Tenho um romance que espero publicar este ano: «Um Rapaz à Proa dum Barco». É um romance escrito em determinado género, não quero fazer um neo-realista, de tese. Pretendo escrever sobre a realidade sem pensar que tenho de me cingir a este ou àquele género. Posso, no entanto, dizer-lhe que é feito de sonho e de realidade.

Tenho também um volume de cartas. Interessa-me ainda, logo que tenha frescura, espírito e calma, voltar à literatura infantil. Tenho pronto a ser publicado «Confissões de Sílvia». Mas não sei ainda quando aparecerá ao público. De resto, estou neste momento completamente entregue àquilo que estou a fazer: «A Mulher no Mundo». Trata-se de um estudo sobre a mulher, muito consciencioso [...].

Quando lhe perguntei de qual dos seus livros gostara mais, disse-me quanto vibrara ao escrever «As Confissões de Sílvia». Como se exultara ao escrever «Um Rapaz à Proa dum Barco» e sublinhou: “Humanamente, sob o ponto de vista da análise directa da realidade, «As Mulheres do Meu País» teve uma grande influência na evolução do meu espírito desenvolvendo muito o meu sentido de solidariedade com todas as mulheres que sofrem e lutam.”

E foi a propósito desta grande obra de Maria Lamas que nesta entrevista se quebrou essa incompreensível frieza que havia entre nós, pois ambas nos inspirávamos na obra de Virgínia de Castro e Almeida (1874-1945); ambas a conhecíamos a fundo e conversámos largamente sobre os livros desta escritora há muito desaparecida mas que sempre perdurará na memória dos seus leitores de todas as idades.

Continuam a ser publicadas as opiniões de individualidades que conheciam Maria Lamas. O articulista<sup>1351</sup> faz uma breve apreciação sobre a escritora:

É preciso conhecer pessoalmente Maria Lamas ou, pelo menos, ter recebido alguma vez uma carta dela para se ter a noção de toda a grandeza da sua personalidade. Maria Lamas jornalista,

<sup>1351</sup> *República*, n.º 15205, 10 de Agosto 1973, p. 9.

escritora, mulher com rara consciência dos direitos e deveres cívicos, empenhada no futuro, é além do mais um ser que soube assumir perante si própria e os outros a grandeza de uma profunda humanidade.

Falar com Maria Lamas é descobrir-se a possibilidade de comunicação entre as pessoas, sós na sua individualidade, mas capazes de integrarem a dor dessa solidão com a generosidade da disponibilidade para os outros. A disponibilidade que sempre foi possível, que é possível encontrar em Maria Lamas.

Manuel Campos Pereira<sup>1352</sup> envia também a sua opinião sobre Maria Lamas. Em carta, dirigida ao director do jornal *República*, expressa o seguinte:

Embora já então colaborador aturado de «República», era eu ainda estudante quando conheci Maria Lamas, creio que por intermédio do nosso querido Ferreira de Castro.

Já lá vão portanto muitos anos, mas guardo desses escassos minutos uma impressão inesquecível. O seu entusiasmo e a chama do seu olhar não se apagaram mais do meu espírito.

Toda a sua obra, em especial esse monumento literário que se chama «As Mulheres do meu País», merece bem a nossa admiração e o nosso respeito. Como o merece também a sua humildade, a firmeza do seu carácter, o seu amor de namorada à Liberdade e à Justiça.

David de Carvalho<sup>1353</sup> escreve a Maria Lamas as suas palavras de admiração, pela ocasião da homenagem prestada:

Lisboa, 6 de Outubro de 1973

Muito estimada e admirada Maria Lamas

Dê-me a alegria de aceitar o meu voto de adesão à homenagem que lhe vão prestar com o pretexto de completar 80 anos de uma vida exemplar de devoção e compreensão de todos os problemas humanos. Estarão hoje à sua volta uma, duas centenas de pessoas, tão poucas apenas porque não mais comportará a sala, centenas de pessoas que se distinguem pela sua projecção moral e intelectual. Maria Lamas mereceria uma homenagem maior, em lugar muito mais vasto, com uma participação de todos os escalões em que a sociedade continua dividida, sem essa limitação disfarçada em convites previamente solicitados com o devido empenho, método que bem caracteriza esse condicionamento social e político eivado de inquirição e vigilância, que nos tortura há meio século e que tanto combatemos até ao máximo sacrifício. Gostaria também de estar presente, mas a verdade é que me decidi a ficar na rua, a olhar a gente que passa tão silenciosamente e de expressão tão preocupada, gente do povo e gente da burguesia, enquanto relembro intimamente a luta admirável que empenhou toda a existência de Maria Lamas, animada por imensas aspirações de bem-estar e justiça, de igualdade e de paz, de ternura e compreensão pelos homens, mulheres e crianças, sem que pensasse um momento em inquirir da sua identidade e do seu destino, com a singeleza que só uma sensibilidade rara sabe criar e manter. Só na rua, confundido na gente sempre igual, se pode meditar com mais profundidade na coragem com que Maria Lamas tem sabido expor todo o problema da mulher, sem hesitar em falar de tantos pormenores que uma moral verdadeiramente medieval, ultramontana, que não cessa o seu domínio na nossa vida, nos impõe a todos que escondamos por mera hipocrisia. E agora recorro a esse combate de Maria Lamas sempre que observo de perto ou de longe, essa admirável invasão da mulher em todos os sectores de actividade social, administrativa, económica, profissional e intelectual, onde a mulher afirma dia a dia extraordinários dotes de capacidade de trabalho, de iniciativa e de inteligência e saber, mesmo ao nível da capacidade de que o homem persiste em se julgar o único senhor. Não acha que eu deva notar tudo isto com um

<sup>1352</sup> *República*, n.º 15205, 10 de Agosto 1973, p. 9.

<sup>1353</sup> Carta manuscrita de David de Carvalho a Maria Lamas datada de 6 de Outubro de 1973. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.71.

entusiasmo que teria na juventude? Para si, Maria Lamas, seja uma valiosa recompensa de toda a sua luta! E aqui, na rua, em que cada qual só trata da sua vida, lembro a luta desenvolvida por Maria Lamas por uma democracia profundamente humana, solidária, fraternal, em que o egoísmo tão natural nos indivíduos fosse ofuscado por elevados fins sociais, em que todos os atritos e todos os interesses, que sempre viverão, talvez, no âmago das sociedades humanas, sejam eliminados por uma moral profundamente humana e pelo respeito pela maneira de ser de cada um. Paz e democracia, sem dúvida, o ideal de toda a humanidade desde tempos imemoriais. E lembro que fomos companheiros nesta luta nos breves períodos em que não fomos forçados a seguir o caminho do exílio, como Maria Lamas, como Ruy Luís Gomes, como aqueles que foram nossos companheiros, ou a permanecer nas prisões por tempos que nos pareciam intermináveis, como foi o caso de todos nós. E nestes períodos pude admirar essa coragem varonil de Maria Lamas ao referir ela própria aos inquisidores policiais quais caminhos trilhara apesar de interditos pela tirania, uma coragem varonil que, consoante a sua expressão adjetiva, se pretende a prosápia do homem. Imagine, Maria Lamas, como não deverei considerar orgulho da minha vida havê-la tido por companheira de armas, armas pacíficas como elas foram sempre, nunca armas de morte! E aqui, na rua, lembra-me a simpatia humana com que Maria Lamas falou um dia a uma operária, eu vi, como procurava debelar a ignorância dessa mulher do povo cuja condição social, e não a sua inteligência, lhe impedia, como a todas as suas iguais, o acesso a uma cultura que continua a ser reservada à classe dominante. Como se Maria Lamas fosse também uma mulher do povo, sem limitações nem condicionamentos nem preconceitos de classe. Sei muito bem que falar assim é como sonhar. Mas a verdade é que todos vivemos afinal num sonho que um dia se tornará realidade em todo o mundo. E vejo que Maria Lamas continua a sonhar assim. Vejo no que diz a todos nós, nas suas entrevistas, nos seus artigos em jornais, no uso de modestos meios de comunicação de ideias e sentimentos, pois os poderosos meios de comunicação do nosso tempo de progresso vertiginoso não deixam de permanecer reservados aos poderosos. E o seu exemplo, a sua esperança, o seu anseio por uma vida melhor, faz que aumente a imensa admiração que nunca deixei de sentir por si. E anima-me a manter-me nesta minha obstinação em ansiar por um mundo de paz, justiça e igualdade. E talvez volte ainda a animar-me em participar num esforço de tantos homens e mulheres para a criação desse mundo. Assim o desejo, inspirado pela atitude que Maria Lamas mantém com uma confiança prodigiosamente juvenil. Gostaria de lhe dizer muito mais, se o condicionamento, que nos tortura já vai em meio século, não me forcesse a limitar a minha própria sinceridade, apesar de tanto sacrifício despendido por corajosos combatentes. Ainda preciso de toda esta minha admiração por Maria Lamas, despeço-me com o voto de mil felicidades para si, despeço-me com um abraço de velho companheiro, David de Carvalho

Domingos Costa Gomes (1921-2003), na impossibilidade de estar presente na iniciativa, por estar a residir em Chaves, na ocasião, envia o seu abraço a Maria Lamas, através de carta<sup>1354</sup>:

Minha Querida Amiga

Tanto quis ir dar-lhe um abraço de parabéns pelos seus 80 anos e dizer, em público, com o coração na boca, meia dúzia de palavras bonitas e não me foi possível. Trabalho e sobretudo a doença inesperada da minha filha mais nova (que me nasceu no Canadá) impediram-me de ir a Lisboa no dia da homenagem que lhe fizeram.

Parece que foi ontem quando a conheci em Caxias onde a fui visitar como advogado e donde saí rendido pela sua extraordinária personalidade. E, no entanto, 20 anos passaram! 20 anos de luta, por vezes de desespero, mas também de esperança e sempre de um são optimismo, numa mão empunhando a liberdade e na outra a alegria de viver.

20 anos em que nos fomos encontrando aqui e acolá, cá na Pátria ou no exílio, mas sempre correndo atrás do mesmo sonho de sempre e que faz parte integrante da nossa vida.

<sup>1354</sup> Carta manuscrita de Domingos Costa Gomes a Maria Lamas, datada de 19 de Outubro de 1973. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.75

Consegui finalmente a sua direcção e aqui me tem a dizer-lhe que estou vivo, que continuo o mesmo e que estou impaciente para voltar a abraçá-la. [...] Abraça-a com muita ternura o Domingos

Maria Lamas agradeceu ao escultor Anjos Teixeira (1908-1997)<sup>1355</sup> a medalha por ele produzida a que ele responde de uma forma enaltecadora:

Exm<sup>a</sup> Senhora D. Maria Lamas

Recebi a sua carta muito gentil, que venho agradecer.

Penso que foi para mim uma honra ter a oportunidade de fazer a medalha duma Mulher notável pelo talento e pelas convicções, como é a ilustre Senhora D. Maria Lamas; e se ainda tive a sorte de lhe dar uma satisfação, que melhor paga desejar para o trabalho dum homem que ama a sua arte?

Quanto a ter feito o seu retrato, representando-a como nos anos antes de 1973 que então corria, não foi uma ideia preconcebida mas a sujeição aos documentos que pude obter, porque considero V. Ex.<sup>a</sup> com o mesmo espírito brilhante de há 20 ou 30 anos atrás.

Resta-me desejar-lhe, Minha Senhora, uma longa vida feliz para exemplo e alegria de todos nós e a mim pertence beijar a mão generosa de V. Ex.<sup>a</sup>, com admiração e respeito.

Num outro jornal<sup>1356</sup>, que não o jornal *República*, também Vera Lagoa<sup>1357</sup> (1917-1996) se associa à homenagem prestada a Maria Lamas, na rubrica «Bisbilhotices», apesar de tardiamente, no seu entender:

Numa altura em que tanto se fala de Marias, com ou sem «simplesmente»<sup>1358</sup>, é oportuno que, mais uma vez, se fale da nossa única Maria. Ou seja, da Maria Lamas.

Durante longos anos, quando se dizia «Maria», era evidente que se tratava de Maria Lamas. Os amigos diziam, ternamente, Maria. Surgiram os folhetins pirosos, na rádio e impressos e a nossa Maria passou a ser aquela que, com uma simples máquina de costura, atinge a fortuna, etc., etc. Não pode haver confusões.

A nossa única Maria não tem fortuna. Podia tê-la. Mas a sua dignidade, a sua honestidade, nunca lho permitiram. E eu gosto dela assim. Daquela Maria que, um dia destes almoçou comigo na varanda do Grémio Literário e ainda teve capacidade (com os seus oitenta anos homenageados) para admirar o canto lisboeta que se avista da varanda e para se entusiasmar com o Tejo. Daquela Maria que continua a conviver com os amigos, a achar mesmo que a sua maior alegria são os amigos.

Minha querida Maria: perdoa-me a inconfidência, mas não posso deixar de contar aquele bocadinho de conversa que comigo tiveste, naquele almoço onde reinou a amizade. Amizade antiga.

Foi assim: «Sabes que não consigo sentir-me espiritualmente, com oitenta anos? É de facto, essa a minha idade física, mas de modo algum a idade que eu sinto, o meu espírito continua ávido, sempre pronto a interessar-se por tudo.»

Eu sabia isso. Eu tinha a certeza. Dizia-mo o teu olhar. Habituei-me a ler nos teus olhos. Também li nos teus olhos que te sentiste feliz naquela manhã de sol, na adorável varanda do Grémio.

<sup>1355</sup> Carta manuscrita de Anjos Teixeira a Maria Lamas, datada de 10 de Agosto de 1974. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 4, referência 1.37.

<sup>1356</sup> *Diário Popular*, n.º 11174, 29 de Novembro 1973, p. 13.

<sup>1357</sup> Pseudónimo de Maria Armanda Falcão.

<sup>1358</sup> Clara alusão ao folhetim «Simplesmente Maria» que passava na rádio e que captou grandes audiências.

Disse alguém, durante a homenagem que te prestara, que se, verdadeiramente, te queriam homenagear, bastava seguir o teu exemplo. É verdade. Mas, Maria, quem pode seguir o teu exemplo? Achas que qualquer de nós tem a pureza e a força da tua alma? Achas que qualquer de nós podia viver, como te vi viver, naquele quatinho pobre do Hotel S. Michel, comendo, às vezes, sabe-se lá o quê? Esse quê consistia, muitas vezes, num simples caldo. Mas a alegria de receber os teus amigos (que eram constantes) naquele quatinho que se tornara um centro de romagem, compensava-te da ausência da família, da ausência da tua terra, da ausência de conforto. E tinhas quase oitenta anos.

É a história dessa ausência que Maria Lamas vai contar no seu livro, a publicar no princípio do próximo ano, «Tempo de Exílio».

A história dum sofrimento que ela acha natural, porque nunca lhe passou pela ideia mudar de forma de pensamento. E pensar custa muito caro.

Não vou falar mais de Maria Lamas. Enquanto estive no Japão, muito se falou dela, justamente. Todos (muitos que a admiram e estimam) tiveram as palavras oportunas. A minha vem tarde. Mas é sempre oportuno dizer que, já há anos, tento seguir-lhe o exemplo. Sem o conseguir.

Por isso, Maria, minha querida amiga, peço-te que continues a dar-me a tua ternura, a tua compreensão, e o incentivo que me deste naquela manhã. Para ti, como me disseste, eu ainda estou no princípio.

Sabes? Tenho ainda um longo caminho a percorrer para aprender contigo a ser uma Mulher.

Mário Neves<sup>1359</sup>, amigo de longa data de Maria Lamas, pronuncia um discurso veemente e elogioso sobre a escritora e a amiga que considera como um exemplo a seguir. No início do discurso declara que a ideia de homenagem foi de Guedes de Amorim, destaca o amigo Assis Esperança, que não pôde estar presente por doença e o facto de a iniciativa ter sido apoiada pelo jornal *República*, prosseguindo:

Todos os que acorreram hoje a esta casa, hão-de concordar em que faltam aqui muitos daqueles que lhe devem provas inesquecíveis do seu interesse magnânimo, traduzido em intervenções carinhosas de efeitos decisivos, nas mais inesperadas circunstâncias. E a par destes - está sobretudo ausente essa vasta multidão anónima dos que constituíram sempre, para além dos múltiplos casos pessoais, em que Maria Lamas terá tido influência fundamental e benéfica, motivo das suas constantes preocupações, ao longo de uma existência vivida realmente sob o signo da bondade e do amor. [...]

Apesar de ter nascido para amar, muito nova ainda, nada fez para impedir que o pensamento lúcido reprimisse as tendências dessa predestinação sentimental, optando, decidida e corajosamente, por outros amores mais amplos e despersonalizados. [...]

Para Mário Neves, Maria Lamas “foi a irmã de todos os que vivem e sofrem numa sociedade de injustiças e de egoísmos, em que só o enérgico amparo de uma forte solidariedade pode fomentar a luta por uma vida melhor.”

No seu discurso salienta a dedicatória que Maria Lamas fez às filhas, aquando da publicação do seu primeiro livro, e explica a formação do pseudónimo Rosa Silvestre<sup>1360</sup>, afirmando que “a existência de Maria Lamas teve tremendas canseiras,

<sup>1359</sup> Mário Neves, *Esboço de um Perfil de Maria Lamas*, s. l., edição de Amadeu Gaudêncio, 1974., pp. 5-23. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 29 2.52.

<sup>1360</sup> Trata-se de uma homenagem aos nomes queridos de uma tia e do avô paterno.

indescritíveis dissabores, desumanas incompreensões, mas que não a levaram à desistência, mas sim a insuspeitados sacrifícios.” Uma palavra de relevo para o “ânimo e a abnegação, disposta a vencer todos os obstáculos e distribuir o fruto da sua bondade e a ajuda determinante da sua inteligência lúcida e dotada da mais evidente sensatez.”

E o discurso prossegue:

Lembro-me de a ver, há 45 anos, sem sinal de impaciência, interromper o seu trabalho, para atender no seu gabinete da rua do Século, aqueles que a procuravam para lhe revelar o espírito atormentado, num desabafo sobre uma dificuldade momentânea ou resultante do desespero de uma hora perturbada de desilusão. Dava sempre uma palavra amiga, de serenidade e confiança. Quantos espíritos afectados por inquietações que pareciam de irremediáveis consequências conseguiram assim recuperar a tranquilidade perene?

Maria Lamas impusera a si própria uma missão que se traduzia, na sua expressão singela, em envolver num amplexo gigantesco de solidariedade todo o mundo dos que sofrem e lutam contra um destino infeliz. [...]

Foi ter andado pelo país que a levou a compreender a condição primária da maternidade estar ligada ao destino da criança.

Destacando a sua obra literária, que abrange as mais variadas facetas, ficcionista, documental, jornalístico, Mário Neves afirma:

Durante os anos que permaneceu em Paris, o pequeno hotel do bairro latino onde se hospedava era o porto de salvação onde acorriam todos os portugueses aos quais se deparava qualquer dificuldade. E, quer a proprietária do hotel, quer a amiga que dedicadamente a acompanhava, viam-se forçadas a usar de astuciosos artifícios para a defender, por vezes, de tanta gente que a procurava com os mais inesperados problemas e que ela pretendia sempre atender, sem cuidar da sua saúde abalada ou da fadiga resultante da vida exaustiva que levava. Conservo bem fresca na memória a lembrança desse período em que pude observar esse esforço abnegado da escritora, ora trabalhando fechada no seu exíguo quarto de estudante, ora calcorreando as ruas da cidade para tratar do assunto de um amigo ou procurar resolver a situação de algum compatriota desconhecido que a ela tivesse recorrido, em hora de incerteza ou desespero. Durante longas caminhadas que tive então o privilégio de fazer pelo seu braço, através dos bairros de Paris, quando eu próprio beneficieei também dessa acção de bondoso missionato, foi-me proporcionada a comovedora oportunidade de verificar com que satisfação cumpria essas tarefas frequentes. E é com viva emoção que recorro hoje as confissões que dela recolhi, nas saborosas horas de convívio em que passeávamos ambos pelos «boulevards» enlameados, nos dias pardos do Inverno parisiense, ou em que nos detínhamos num banco acolhedor do jardim do Luxemburgo, sob a folhagem doirada do arvoredado nesse Outono incomparável da capital francesa. E se já aprendera, havia muito, que Maria Lamas nascera para amar, aí pude compreender, com mais nítida clareza, que foi realmente o amor que inspirou toda a sua maravilhosa existência - «não somente o amor que procria» - como ela escreveu numa das suas obras mais belas -, «mas também, e muito, a ternura humana que suplanta afectos pessoais e torna o homem irmão do homem».

No Hotel Diplomático, na Praça da Ilha do Faial, em Lisboa, é prestada uma homenagem, promovida pelo Cenáculo Artístico e Literário «Tábua Rasa», à escritora e jornalista Maria Lamas, em 14 de Março de 1974, com um jantar, cuja ementa



englobava creme camélia, posta de garoupa à moleira, escalopes de vitela à inglesa, sendo o preço 150\$00. Esta cerimónia foi presidida pelo comendador Júlio Navarro Cabral, que proferiu algumas palavras de saudação à homenageada, o que foi igualmente feito por Maria Ondina Braga, Armando de Aguiar, jornalista do jornal *Diário de Notícias*, José Wagner, Manuela Montenegro e Ferreira de Castro. Além dos oradores, estiveram presentes, entre várias personalidades, Neves Franco, Maria Hermínia Matta, a poetisa Maria Adelaide Leal, Maria Luíza de Bettencourt, Assis Esperança e Cármen de Figueiredo. No final, Maria Lamas proferiu algumas palavras alusivas à literatura infantil e juvenil.<sup>1361</sup>

A 14 de Maio de 1976, Maria Lamas foi homenageada em Torres Novas, onde recebeu a medalha do Concelho. A esta homenagem associou-se também Vasco Gonçalves, que apesar de não poder estar presente lhe enviou a seguinte carta<sup>1362</sup>:

A Maria Lamas

Militante exemplar da luta pela libertação política, económica e social do homem, da luta antifascista e pela paz, com a maior admiração, respeito e gratidão, a minha humilde homenagem, de português  
Vasco Gonçalves.

Maria Lamas é alvo de uma homenagem, aos 88 anos, no dia 8 de Março de 1982, no Teatro S. Luiz, em Lisboa, numa sessão pública promovida pelo Movimento Democrático das Mulheres, apoiada pela Associação Portuguesa de Escritores, pelo Conselho Português para a Paz e Cooperação e ainda pela Sociedade Portuguesa de Autores.

Maria Lamas recebeu a «Medalha de Honra» do Movimento Democrático das Mulheres pela sua “luta constante em prol da defesa dos direitos das mulheres”<sup>1363</sup>. Na sessão de homenagem, actuaram, entre outros, José Afonso, Olga Pratts e o Coro dirigido pelo maestro Fernando Lopes Graça. A homenagem era também constituída por uma exposição patente no Palácio Galveias entre 7 e 14 de Março, subordinada ao lema «Maria Lamas, uma Mulher». A esta sessão de homenagem associaram-se algumas individualidades, tais como Alcina Bastos, Alda Nogueira, António Macedo,

<sup>1361</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 44, referência 2.101. E revista *Gente*, n.º 20, de 26 de Março a 1 de Abril, 1974, p. 14

<sup>1362</sup> Carta manuscrita de Vasco Gonçalves a Maria Lamas, datada de 14 de Maio de 1976. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 40.

<sup>1363</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 20 793, 5 de Março 1982, p. 8.

Carlos Aboim Inglês, Fernando Vassalo e Silva, Piteira Santos, Helena Cidade Moura, João de Freitas Branco, Manuel Alegre, Maria Keil, Luís Francisco Rebelo, Maria Antónia Palla e Isabel Soares.

O Movimento Democrático Português<sup>1364</sup>, com a colaboração de MDM (Movimento Democrático de Mulheres), MUTI (Movimento Unitário dos Trabalhadores Intelectuais), URAP (União dos Resistentes Antifascistas Portugueses), Conselho Português para a Paz e Cooperação, Associação Portuguesa de Escritores, Sociedade Portuguesa de Escritores e Choral Phidelius, organizou em Torres Novas, uma homenagem a Maria Lamas entre 8 e 15 de Maio de 1982.

O Programa teve início no dia 8, pelas 21 horas com a abertura das exposições na União Sindical. No Cine Clube estavam patentes duas exposições. Uma sobre «As mulheres e o socialismo» e outra sobre «A mulher na guerra e na paz». No Centro Cultural podia-se ver uma foto bibliografia sobre Maria Lamas. Ainda no mesmo dia, pelas 21 horas e 30 minutos, podia-se assistir, na Caixa Agrícola a um colóquio-debate sobre «A guerra e a paz», orientado pelo Conselho Português para a Paz e Cooperação. No dia 10, de novo na Caixa Agrícola, pelas 21 horas e 30 minutos, tinha lugar um colóquio, orientado pelo Movimento Democrático de Mulheres. No dia 12, à mesma hora, O MDM promoveu uma sessão de cinema sobre o «Congresso Mundial da Mulher». No dia, pelas 14, pelas 21 horas e 30 minutos, dava-se no Cine Teatro Virgínia uma sessão pública de homenagem com a presença de Maria Lamas, na primeira parte, com a participação de representantes das diversas organizações e na segunda parte com a participação do CHORAL PHIDELIUS.

No último dia, pelas 16 horas, o MUTI orientou uma sessão sobre «Maria Lamas na vida política e cultural». Discursou o Presidente da Assembleia Municipal, Dr. Augusto Guimarães Amora, que elogiou a obra de Maria Lamas, particularmente *As Mulheres do meu País*, lendo mesmo um excerto. Manifestou grande satisfação em homenagear a escritora e destacou a urgência de que os dinheiros públicos sirvam para fornecer cultura ao povo, porque essa cultura é o pão do espírito. Referiu também o problema da educação, porque a maioria do país tem a 4ª classe. Para o orador, Maria Lamas é um exemplo a seguir, uma mulher a apontar a todas as mulheres torrejanas.

---

<sup>1364</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 40.

Nesta homenagem, destacamos parte do discurso<sup>1365</sup> de José António Carvalho Fialho Ferro, vereador socialista:

Maria Lamas possui qualidades de lutadora antifascista e de resistente à tirania de que ao longo da vida tem dado provas. Maria Lamas também simboliza a luta das mulheres e homens deste país, a liberdade porque sempre lutou, a cultura que transmitiu, na obra e que com enorme alegria se vêem hoje extractos nos livros de ensino. Talvez por simbolizar todos estes valores, talvez por haver quem não lhe atribua o seu real significado é que só hoje, 8 anos volvidos sobre a data libertadora do 25 de Abril e depois de outras localidades lhe terem prestado o justo reconhecimento é que surgiu por parte deste concelho que lhe serviu de berço esta homenagem que pouco mais que simbólica nos parece. Mas diz o povo que mais vale tarde do que nunca. Obrigado Maria Lamas por ter vivido o que viveu, por ter lutado o que lutou, por nos ter ensinado tudo o que nos ensinou. Pouco temos para lhe oferecer como retribuição do que fez por nós, pensamos contudo que estes cravos vermelhos que lhe vamos entregar simbolizarão toda a gratidão da parcela do povo deste conselho que aqui representamos. Obrigada Maria Lamas.

Salette Tavares (1922-1994)<sup>1366</sup>, professora universitária, poeta e amiga de Maria Lamas, lamenta não ter estado presente, na homenagem prestada, por questões de saúde, relembra quando o papel importante de Maria Lamas na sua vida e o valor que teve para ela:

Minha querida Maria

Estou a escrever-lhe no momento em que muitas pessoas se juntaram à sua volta para a homenagearem. Eu também estou e bem perto. Embora não tivesse sido convidada teria sido fácil estar presente se não fossem as dores intensas que me atormentam de novo desde que apareceu este tempo de sol. Estou incapaz de me manter numa posição nem de pé nem sentada e não posso tomar nada pois as doses dos remédios são as máximas. Por outro lado tenho sempre medo da noite que em geral me deixa pior. Perdoe-me, foi pouca sorte porque até tenho estado bem ultimamente.

O que não queria era deixar de estar consigo de qualquer forma, desta vez que sei, antes, da sua homenagem. Das outras vezes calhou sempre eu ter sabido só depois. Vivo aqui tão no centro e tão longe.

Tenho o dever e o gosto de lhe dizer por escrito a minha gratidão; a Maria deu-me a Liberdade, a minha liberdade que ia sendo quartada. E isto pela sua elegância moral de ser inteiro e tão simplesmente natural. Bloco sereno e vivo de inteligência e sentido exacto de justiça. Não esquecerei o que por mim fez quando um dia em 1958, em Paris, tendo eu escrito a meu marido para me enviar autorização para eu ter um passaporte meu, ele a procurou para se gabar de que não o faria. Foi milagre ter-lho dito a si, por isso e só por isso, esta autorização foi imediatamente feita e ainda esse ano pude ir à Exposição de Bruxelas e depois a Paris, para o seu hotel, onde a nossa amizade começou «nossa».

Com o regime em Espanha não reconhecendo a separação que judicialmente consegui em 1964 em Portugal, teria ficado anos e anos aqui prisioneira. Das suas mãos me chegou este presente extraordinário que nunca saberei agradecer.

<sup>1365</sup> Discurso dactilografado de José António Carvalho Fialho Ferro. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 40.

<sup>1366</sup> Carta manuscrita de Salette Tavares a Maria Lamas, datada de 8 de Março de 1982. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 6, referência 1.206. Apesar de haver referência a outras cartas, apenas esta consta no Espólio E-28. Salette Tavares morava na Costa do Castelo.

Desde então pelas nossas cartas, o nosso encontro, (de encontros mais frequentes porque eu conseguia publicar) deixou-me perceber a nossa coincidência, a muito grande admiração por uma mulher única que encontrei a «meio do caminho da minha vida».

Disse-me há dois anos quando lhe dei o meu «poema dos efes» que entendia sempre profundamente tudo o que eu escrevia. Não será que nos encontramos ambas muito profundamente uma na outra? As nossas conversas não foram só entendimento de espírito mas também crítica conivente de ambas para além de separar-nos um pouco agora a proximidade, o meu isolamento ou talvez só a raiva de sentir que me querem paralisar. Mas se a solidão é grande, grandes são os amigos que tenho e, para si, nesta hora, vai um grande abraço e um beijo com a expressão da muita admiração e de um enorme muito obrigada de quem lhe ficou infinitamente grata. Um grande beijo muito amigo da Salette.

Não resistimos a reproduzir o «poema dos efes» que fez a delícia de Maria Lamas:

é grave.  
sério e exige d  
e ti grande precau  
ção. Podias cumprir f  
acilmente o mandato qu  
e te digo, mas tinhas d  
e voltar com cuidado toda ponto  
s as dobras das calças q a lumino  
ue cost umas disfarçar p sos a bril  
ara den tro, abrir as har na soub  
algibeí ras e sa raonde penetr  
cudir t odos a um raio de sol. e  
os rest Aspapilas liquefaz e spo.  
os de c m-se e abrangem com suavi que es  
otão qu dade es sas distâncias i táctico f  
e se ju ncessi veis da peque ica, foto  
ntas na nez que circula e grafado por  
a fenda m renoi nho to antiquada des  
s das c de um p coberta dentro do peç  
osturas onto br o onde se abriu mais um  
e entre ilhante braço d e mina. Os c  
os pont a outro irculo s bati  
os, tir ponto b as sua  
ar de e rilhant vement  
ntre os e. As a e as a  
fios as ções abr sas em  
poeiras es gest vibraç  
acumula os de o voas mi  
das peli ontenta croscô  
os muit mento e picas  
os anos ntre as e o ond  
pendura particu lar qualqu  
dosa, d las de ulação  
epois j poeira es su  
antar o que can aves.  
frio da tam e d poéti  
s corre ansas n cas e  
ntes de o rodop sedos  
ar que io mai as. O  
pudesse s inte movim  
m circu nao e e ento c  
lar naq stonte apila  
uelas d ante c r das  
irecção ada ve decor  
s. Jant z que q ações s  
ar é o t ualque brusc  
ermo gr r bris o e o  
asseiro a pert venda  
para di urba a val i  
zer rap queia nteri  
idament tranqu or ro  
e aquel ilidad m pia  
a obser e abso cada  
vação d luta i cédul  
e decan ntocáv a ded  
tar sub el e m entro  
lamente arsore para  
todos o a do t

No ano de 1982, é atribuída a Maria Lamas a medalha de ouro de Instrução e Arte, pela Federação Portuguesa de Colectividades de Cultura e Recreio de Évora, em cerimónia a que Henrique Maria dos Santos não pode assistir, mas não deixando de a felicitar e de lhe dizer “que não poderia ser outra a atitude a da Federação Portuguesa de

Colectividades de Cultura e Recreio perante quem tem revelado tanta capacidade e mérito.”<sup>1367</sup>

O jornal<sup>1368</sup> *O Diário* noticia, em 3 de Janeiro de 1984, que a Assembleia da Damaia aprovou o nome de Maria Lamas para uma rua junto às escolas Preparatórias e Secundária com os votos favoráveis da APU e do PS e a abstenção da ex – AD.

## 2. O FINAL

Adeus a Maria Lamas

Tu que nasceste pássaro  
E soltaste longe o teu canto  
De Cidadã e de Mulher  
Não mereces choro, lamento ou pranto  
Pois geraste em ti a consciência  
E lançaste longe o teu corpo frágil  
A Vida a Seiva e o Ardor  
Que continua em nós...  
Em nosso querer.

Em tua Homenagem  
Juramos aqui de viva voz

Continuaremos contigo  
O teu canto de luta  
E de Amor<sup>1369</sup>

É com este poema que a comissão da freguesia de Benfica, do Movimento Democrático de Mulheres Portuguesas se despede no acto da morte de Maria Lamas. Fernanda Gomes<sup>1370</sup> escreve no dia 6 de Dezembro de 1983, o que sentiu pela morte da mulher que sempre defendeu aquilo em que acreditou:

Numa manhã cinzenta de Dezembro, uma mulher fechou os olhos para sempre. Os sinos não dobraram (como é costume na velha tradição), mas para quê? A fé e a esperança não terminaram. Acreditar e ter esperança naquilo que ela sempre defendeu e para o qual sempre lutou é hoje a nossa obrigação.

---

<sup>1367</sup> Carta manuscrita de Henrique Maria dos Santos a Maria Lamas, datada de 19 de Novembro de 1982, na Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 5 (transferida para a caixa 70), referência 1.103.

<sup>1368</sup> Espólio E-28, caixa 44, referência 2.101.

<sup>1369</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 12

<sup>1370</sup> Documento dactilografado de Fernanda Gomes datado de 6 de Dezembro de 1983. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 57.

Foi a primeira mulher portuguesa que levantou a voz e falou de aborto. Foi escritora, começando por escrever um livro infantil. [...] As mulheres portuguesas estão de luto porque as trevas de um dia apagaram a Maria Lamas.

Foi enorme o número de pessoas que enviou cartões<sup>1371</sup> de pêsames à família de Maria Lamas, tanto a nível individual, como em nome de organizações, o que demonstra o reconhecimento da sua personalidade. Dada a quantidade elevada, demonstrativa do valor da escritora e humanista, não resistimos à sua indicação, o que torna mais compreensível o impacto que teve a sua vida.

Cartões enviados a título individual:

(José) Morais e Castro<sup>1372</sup>; Adalgisa Pilar Coelho; Adelino Guerra Fernandes; Albano José Moreira Parra; Alberto Lopes Parada (gráfico da Empresa Nacional de Publicidade (Anuário - *Diário de Notícias*) correspondente do *Anuário Geral de Portugal*; Amélia Rey Colaço Robles Monteiro; Ana Sara Cavalheiro Alves de Brito, (vereadora da Câmara Municipal de Lisboa); António de Sequeira Zilhão, (economista e advogado); António Domingues Lopes Rodrigues; António Durão; António Joaquim Ferreira; António Joaquim Tavares e Francisca dos Santos Tavares; António José da Silva Godinho; António Ricardo Coelho Freixial e mulher, (Banco de Portugal, Beja); António Rodrigues Gameiro, (engenheiro técnico); António Saia, (Igrejinha, Arraiolos); António Vidal, (Verdial); Armanda Rosa Mendes Moreira e Alfredo Cristóvão Moreira; Carlos Albino Guerreiro; Carlos de Oliveira; Carta assinada pelos alunos do 2º B, da Escola Preparatória Maria Lamas do Porto, assinada por todos; Carta assinada pelos alunos do 2ºD da Escola Preparatória de Maria Lamas, Porto; Castorina Luísa Ferreira Bastos Pinto; Claudina de Almeida Henriques Gaudêncio<sup>1373</sup>; Cremilda Gil; Cristina dos Santos Baltazar; Duarte Vidal; Ema Quinta Alves; Eugénio Morais Cardigos e Mulher; Eva, (grande cabeleireiro para senhoras); Feliciano Fernandes (advogado); Fernanda Maria da Cunha Porto; Fernando Sylvan, (Sociedade de Língua Portuguesa); Flório J. Oliveira, (advogado); Francisca da Encarnação Pimenta de Oliveira Simões; Francisco Caetano da Cunha Coelho do Amaral (licenciado Ciências Económicas e Financeiras); Francisco Eduardo Cascalho, (cabeleireiro); Francisco Honrado Lucas,

<sup>1371</sup> Documento no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 12.

<sup>1372</sup> Morais e Castro escreve as seguintes palavras no seu cartão: “Retido em casa, por causa de recente intervenção cirúrgica, por este meio pretende prestar sentida homenagem a grande mulher que considerava sua avó, e que muito contribuiu para a sua formação moral e humana desde criança, cuja memória sempre venerará naturalmente como todos os portugueses honestos.”

<sup>1373</sup> Apresentou dois cartões.

(curso superior de Sociologia); Francisco Marcelo Curto, (advogado); Guiomar Maria Parreira Pimentão e Malaquias da Costa Lobato Pimentão; Helena Neves, (revista *Mulheres*); Hélio Quartim; João das Neves de Sousa (jornalista); João de Freitas Branco e sua mulher; João Francisco Capa; João Freire, (*A Ideia*, Revista de Cultura e Pensamento Anarquista); João Joaquim Gonçalves de Oliveira; João Raul da Veiga Neves David, (arquitecto); Joaquim Seabra Dinis; Joaquim Vieira Pinto, (chefe de orquestra); Joaquina Maria David; Jorge de Melo Pereira Conceição, (médico); Jorge José da Cunha, (Secretário-Geral do Porto de Lisboa); José Branco Rodrigues, José Carlos Gonçalves, (chefe de sector de propaganda médica); José Gomes Ferreira; José Manuel Rodrigues Gaspar (engenheiro electrotécnico); Léa de Jesus Lopes Curado Mendes Jorge e Joaquim Alberto Mendes Jorge; Lúdia de Carvalho, (professora de violino do Conservatório Nacional); Lúdia Jorge; Lucinda Conceição Cota e Daniel Cota; Luís de Azevedo, (advogado); Luís Filipe Lindley Cintra, (Professor da Faculdade de Letras); Lydia Cartaxo; Manuel Alexandre Toscano de Almeida; Maria Aurélia Amaral Saavedra Alves Ferreira; Maria Berta Paneiro Taborda Duarte e António Taborda Duarte; Maria Carolina Cristóvão Moreira; Maria Cecília de Carvalho Quintanilha<sup>1374</sup>; Maria Celeste Silva Pércheiro; Maria da Conceição Froes David Zapico Baptista e Carlos Alberto Zapico Ruivo Baptista; Maria da Graça Dória Cochofel e Dolly; Maria de Lourdes Bernardette Gonçalves da Fonseca Ribeiro; Maria dos Santos de González Cabrera e Benigno González Cabrera; Maria dos Santos Mota Redol; Maria Ema Brandeiro Ferreira; Maria Emília Fernandes Fragoso Lima Goinhas; Maria Emília Rodrigues Bastos Flávio e Ernesto Bastos Flávio; Maria Fernanda Silva (advogada); Maria Filomena dos S. Dias Delgado Correia; Maria Helena Gomes Torrão Pereira e Armindo Varela Pereira; Maria Hermengarda Adão e Silva e Manuel Iglésias Esteves; Maria Judite de Carvalho; Maria Lúcia Vassalo Namorado e filhos; Maria Madalena Ramos Pedreira Vilela Pimentel e Leonel Rosa Pimentel; Maria Manuela Pires Gameiro (licenciada em Economia); Maria Ondina J. Oliveira Corregedor da Fonseca; Maria Raquel dos Reis Rodrigues, (Faculdade de Ciências de Lisboa); Maria Rosette da Veiga Camarate de Campos Palma e António Maria Palma; Maria Teresa Blanco Ferreira Camilo e Viriato Soeiro Ferreira Camilo; Maria Teresa e Henrique Paes d' Almeida, (veterinário); Maria Tereza e Rogério Paulo; Maria Violante Soeiro Pinheiro Alves e Jorge Pinheiro Alves; Mariac Dimbla, (escritora e correspondente da

---

<sup>1374</sup> Com a indicação manuscrita de que é filha do professor Aurélio Quintanilha.

imprensa estrangeira acreditada na S.E.I.T, que indicava no seu cartão: sentidos pêsames de Maria do Carmo D. Monteiro de Barros); Mariana Escária Grosso Baleiro e Manuel Baleiro Silva; Mariana Villar Rebello e Luiz Francisco Rebello; Matilde Rosa Araújo; Miguel Urbano Rodrigues (director de *o diário*); Nelson Moreira Cardoso; Noémia Maria Carrilho Madeira do Carmo Moral e António Samuel do Carmo Moral; Orlando Rodrigues Bento Pereira (notário); Regina Kasprzykowski e Vergílio Ferreira; Rodolfo Guilherme de Aguiar Serpa, (chefe de secção de expediente e contabilidade do DSTE, Câmara Municipal de Lisboa); Romana Morgado da Silva de Almeida Goês; Silvério Baptista da Cunha; Teresa Amélia Saldanha Gomes Mota e António M. S. dos Santos Lucas e Costa Brotas; Teresa Fava Rica Pimenta de Oliveira e Stelio José Pimenta de Oliveira; Teresa Maria Beltran Franco da Paula Soares e João Maria Pessoa de Paula Soares; Tito de Moraes, (presidente da Assembleia Da República, mas cortada a função, por isso o cartão é a título particular); Urbano Tavares Rodrigues; Vasco da Conceição, (escultor e medalhista); Vinício Sales Baptista.

Também foram imensas as instituições, quer a nível político, quer a nível cultural ou social, que se fizeram representar:

Adelaide Vilarinho em representação das Mulheres da Baixa da Banheira; Assembleia Municipal de Setúbal; Câmara Municipal de Évora; Casa da Imprensa; Colectivo de departamento de publicidade da revista *Mulheres*, Ricardo Botas, Glicínia Carvalheda, Ana Paula Silva; Comissão Concelhia da Amadora do Movimento Democrático de Mulheres; Comissão Concelhia do Partido Comunista Português de Évora; Conselho Directivo da URAP (União de Resistentes Antifascistas Portugueses); Direcção da Associação Portugal – URSS; Direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Serviços de Portaria, Vigilância, Limpeza e Actividades Similares, pela luta antifascista; Direcção do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços de Lisboa; Escola Preparatória Maria Lamas do Porto; Grupo de mulheres do Movimento Democrático de Mulheres, moradoras no bairro Garcia de Resende, Évora; Helitor, (aços especiais); João de Freitas Branco, presidente da Associação Portugal – RDA; Junta de Freguesia de Santo Antão, concelho de Évora; Luiz Francisco Rebello<sup>1375</sup>, administrador-delegado e presidente da Sociedade Portuguesa de Autores; Maria Manuela Pimentel Montenegro Rodrigues e João Edmundo da Silva Rodrigues em representação da Tertúlia «Arco-

---

<sup>1375</sup> Este é o segundo cartão de Luiz Francisco Rebello. O primeiro estava assinado também por Mariana Villar Rebello.



Íris»; MDP/CDE, base de Queluz; Movimento Democrático das Mulheres, concelho de Vila Franca de Xira; Movimento Democrático Português, Secretariado Nacional; Mulheres Comunistas do Lavrado; Mulheres do Concelho de Sintra; MURPI, (Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos); Partido Comunista Português de Évora (DORA); Pioneiros de Portugal<sup>1376</sup>; Presidente da Câmara de Torres Novas; Revista *O Professor*<sup>1377</sup>; Secretariado do Conselho Nacional da UDP (União Democrática Popular); Trabalhadores da Adeco, Jardim-de-infância (Associação para o Desenvolvimento Comunitário da freguesia da Mercês, Lisboa); Trabalhadores da CENTREL (Electrónica Geral, Gestão e Participações, S.A.R.L.); Trabalhadores da Editorial Caminho; União de Algés, (cooperativa de consumo); Voz do Operário.

A Assembleia Municipal de Évora aprovou, em 28 de Dezembro de 1983 um voto de pesar por Maria Lamas:

Voto de pesar da Assembleia Municipal de Évora: nascida em Torres Novas em 6 de Outubro de 1893, morreu em Lisboa às 7horas da manhã de 6 de Dezembro de 1983.

Com 90 anos de idade, detentora da Ordem da Liberdade, desapareceu uma das figuras mais prestigiadas da intelectualidade portuguesa, um dos nomes mais respeitados de entre os que lutam ao longo de décadas pela justiça e pela paz.

Escritora e jornalista, começou a sua actividade pela literatura infantil, em livros e revistas sob o pseudónimo de «Rosa Silvestre».

O problema da mulher e a sua integração na sociedade, constituíram a maior preocupação e interesse, no seu trabalho.

Escreveu vários livros, entre eles, «As Mulheres do meu País».

Presa e perseguida pela PIDE, obrigada a viver durante vários anos no exílio, não deixou que o seu ânimo e moral fossem abalados na luta que sempre travou ao longo da sua existência. Teve ainda a alegria de viver e sentir o 25 de Abril. Que o exemplo e coragem de Maria Lamas possam ser o lema de todos os que lutam em prol da Democracia e da Liberdade.

A Assembleia Municipal, reunida em 28 de Dezembro de 1983, manifesta o seu voto de pesar pelo desaparecimento de figura tão ilustre.

Em sessão plenária de 12 de Dezembro de 1983, presidida por Manuel Alfredo Tito de Moraes, antes da ordem do dia, foi discutido um voto de pesar pelo falecimento da escritora e jornalista Maria Lamas, subscrito pelos, a seguir descritos, deputados do PCP (Partido Comunista Português): Alda Nogueira, Zita Seabra, Jorge Lemos, Ilda

---

<sup>1376</sup> Associação juvenil, fundada em 1974, sem fins lucrativos, que realiza actividades de ocupação de tempos livres para crianças e jovens. A defesa dos direitos da criança e da aplicação da Convenção sobre os Direitos da Criança são transversais a toda a actividade. Pretende contribuir para uma formação pessoal que favoreça o desenvolvimento de crianças e jovens de forma harmoniosa, nas suas capacidades físicas, psicológicas, sociais e culturais.

<sup>1377</sup> A revista *O Professor* apresentou três cartões assinados por Manuela Agostinho, um deles em nome da redacção, o outro em nome de Rogério Fernandes e o outro só em nome de Manuela Agostinho.

Figueiredo, Carlos Brito, Octávio Teixeira, José Magalhães e João Amaral e que tinha o seguinte teor:

No dia 6 de Dezembro, faleceu Maria Lamas, vulto insigne da cultura e da vida social e política do nosso país.

Escritora, jornalista, militante antifascista e grande defensora da causa da paz, dos direitos da mulher e da criança e de todos os cidadãos em geral, Maria Lamas é merecedora do maior respeito e admiração de todos nós, homens e mulheres portugueses.

A sua obra escrita, da literatura infantil às obras de maior projecção, como *Mulheres do meu País* e diversos romances, a sua actuação nas fileiras da luta democrática pela paz e liberdade merecem a consideração das entidades nacionais e internacionais que por várias vezes a condecoraram.<sup>1378</sup>

Intervieram no debate os deputados Alda Nogueira do PCP, Manuel Alegre do PS (Partido Socialista), Helena Cidade Moura do MDP/CDE (Movimento Democrático Português/Comissão Democrática Eleitoral), Fernando Condesso do PSD (Partido Social Democrata) e Magalhães Mota da ASDI (Acção Social Democrata Independente). Após a aprovação do referido voto, por unanimidade, a Assembleia aguardou, de pé, um minuto de silêncio em memória de Maria Lamas.

Para Alda Nogueira, Maria Lamas “constitui um magnífico exemplo de humanismo, de sacrifício, de trabalho e de coragem.” E prossegue:

Vulto de grande projecção nacional e internacional, procurando por todas as formas conhecer, estudar e aprofundar os problemas da mulher no trabalho, na maternidade, na família, na sociedade, Maria Lamas foi também uma grande defensora e militante da causa da paz no mundo, de que é testemunho a sua eleição, em 1953, para membro do Conselho Mundial da Paz. Em várias exposições que organizou, de que a mais importante e que maior eco provocou foi a «Exposição de livros escritos por mulheres de todo o mundo», em 1947, nas Belas-Artes (quando presidente do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas), Maria Lamas foi igualmente uma conferencista, uma divulgadora dos problemas mais candentes da nossa sociedade.

A juventude, rapazes e raparigas, e os mais velhos também, acorriam em massa a ouvi-la. De uma forma pedagógica, explicando, explicando sempre, em expressões belas literariamente, culturais, mas simples, Maria Lamas abordava com audácia e espírito criador os problemas que mais afligiam as mulheres e os homens da sua época, apontava caminhos, rasgava perspectivas. [...] O grande mérito de Maria Lamas de se fazer ouvir e ler, entender, compreender e até apoiar, por indivíduos das mais variadas classes e opiniões, tinha as suas raízes no seu humanismo actuante, na sua formação democrática, na sua coerência política, na sua grande sede de verdade e justiça. [...] A esperança que Maria Lamas semeava por onde passava, o amor que punha em tudo que fazia, a confiança que transmitia mesmo numa simples conversa, a paixão com que defendia o que lhe parecia justo, fizeram de Maria Lamas uma personalidade de grande relevo na vida cultural e política, nacional e internacional.<sup>1379</sup>

<sup>1378</sup> *Diário da Assembleia da República*, I Série, n.º 55, 13 de Dezembro de 1983, p. 2389.

<sup>1379</sup> *Idem*, pp. 2389-2390.

Por seu turno, Manuel Alegre evidencia a grande humanidade e cultura de Maria Lamas:

O Partido Socialista associa-se ao voto apresentado pela bancada do Partido Comunista Português, não só pela circunstância de Maria Lamas ter pertencido ao primeiro conselho directivo do *Portugal Socialista* num determinado momento, mas, sobretudo, pela dimensão humana, moral, cultural e política verdadeiramente nacional e ímpar da autora de *Mulheres do Meu País*.

O livro *Mulheres do meu País* é, aliás, uma obra pioneira como, em muitos outros domínios, Maria Lamas foi também um espírito pioneiro. É uma obra clássica, de leitura obrigatória para todos aqueles que se interessam pela problemática da situação da mulher e da luta pela dignificação da mulher no nosso país.

Sou um dos muitos que tiveram o privilégio de privar com Maria Lamas, primeiro em Paris e depois em Argel, onde ela passou uma temporada da sua vida.

Eram tempos difíceis os de então e para nós, que éramos jovens e tínhamos deixado para trás casa, família e amigos, Maria Lamas, no seu pequeno quarto do Hotel Saint Michel, na Rue Cujas, em Paris, foi um símbolo da família, da casa, da própria Pátria perdida. [...] Maria Lamas sabia ouvir, sabia compreender, sabia dar ternura e sabia também transmitir e ensinar a tolerância. Eu diria que, para além da sua obra escrita, toda a sua vida foi um acto de cultura, um acto de elegância, um acto de beleza e também um acto de fidelidade às suas convicções, aos seus ideais, aos problemas do seu povo e da sua Pátria.

Por isso, Maria Lamas merece o respeito de todos os portugueses e a sua vida e a sua obra devem ser apontadas como um exemplo às gerações vindouras. Por isso nos inclinamos respeitosamente perante a sua memória, com a certeza de que ela ficará connosco, ela que foi um daqueles espíritos raros que souberam ser contemporâneos do futuro.<sup>1380</sup>

Para Helena Cidade Moura (1924-?) Maria Lamas “era a imagem da procura da liberdade, a imagem do amor e, com disse Manuel Alegre, a imagem da fidelidade aos princípios e a imagem da tolerância.”

Em reunião ordinária de 26 de Dezembro<sup>1381</sup> de 1983, a Câmara Municipal do Seixal aprova, por unanimidade, uma moção proposta pela vereadora Zaida Ramos dos Santos Dias na qual se afirma que Maria Lamas

Foi uma personalidade de relevo na cultura portuguesa, activa combatente na defesa da liberdade e da democracia, incansável lutadora pela defesa dos direitos da mulher. Participante ao longo da vida, em numerosas organizações defensoras de uma humanidade mais justa e mais fraterna e membro do Conselho Mundial da Paz e da Federação Democrática Internacional das Mulheres, onde em pleno fascismo representou as mulheres democratas portuguesas.

A Câmara exprime, deste modo, o seu pesar pelo desaparecimento de uma mulher que deixa entre nós o exemplo da sua coragem, da sua combatividade e confiança no futuro.

---

<sup>1380</sup> Idem, p. 2390.

<sup>1381</sup> Carta enviada à filha pelo Presidente da Câmara Municipal do Seixal, Eufrázio Garcez José. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 44, referência 2.100.

## 2.1. NOTÍCIAS PÓSTUMAS OU OUTROS OLHARES

A 7 de Janeiro de 1984, o jornal *Diário de Notícias*<sup>1382</sup> do Funchal, anuncia na primeira página, com uma fotografia ilustrativa de Maria Lamas e o título «Maria Lamas, grande dama da literatura e da política portuguesas dispensou grande amor à Madeira e aos madeirenses» que:

Maria da Conceição Vassalo e Silva da Cunha Lamas, escritora e jornalista, resistente antifascista, intransigente defensora dos direitos da mulher, passou na Madeira alguns dos mais importantes episódios da sua vida, desconhecidos do grande público. Aqui cimentou amizades sólidas; aqui escreveu esse maravilhoso hino à Ilha que é «Arquipélago da madeira – Maravilha Atlântica».

A partir de amanhã, no «DN», Luís Jardim, que pela mão de Maria Mendonça colaborou nessa grande iniciativa editorial, abordará esses capítulos da vida da insigne autora de «As mulheres do meu país», reconstituindo, inclusive, a partir de depoimentos dos mais directos amigos da saudosa escritora, as suas várias estadias na Madeira e o seu trabalho literário aqui produzido.

---

<sup>1382</sup> *Diário de Notícias* do Funchal, n.º 35475, de 7 de Janeiro de 1984, p. 1.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado que uma das predileções de Maria Lamas se entrosava com a poesia, escolhemos para início da parte final do nosso trabalho, o poema sem título da autoria de Nelly Sachs<sup>1383</sup>, que se apresenta:

Quantos mares perdidos na areia  
Quanta areia dura de orações na pedra,  
Quanto tempo chorado na corneta  
Dos búzios,  
Quanto abandono de morte  
Nos olhos de pérolas dos peixes,  
Quantas trombetas matinais no coral,  
Quantos padrões de estrelas no cristal,  
Quantos germes de riso na garganta da gaivota,  
Quantos fios de nostalgia  
Fiados nas órbitas nocturnas dos astros,  
Quanta terra fecunda  
Para a raiz desta palavra:  
Tu  
Atrás de todas as grades em ruínas  
Dos mistérios  
Tu.

Maria Lamas é uma personagem multifacetada. A sua vida distribuiu-se pela cultura, pela literatura, pelo jornalismo, pela defesa das mulheres, pela defesa do povo português, ao enfrentar o regime político de Salazar, pela defesa do mundo, ao lutar pela paz, contabilizando sempre as relações humanas, na vertente da amizade e no desejo de atingir a felicidade.

A nível cultural, a sua prestação mostrou-se exímia, em catapultar a atenção do público, e mesmo a sua presença, nos diversos acontecimentos que promoveu. É difícil, por vezes, imaginarmos, hoje, a população portuguesa dos anos trinta e quarenta, a deslocar-se em grande número, para assistir a conferências, demarcadamente culturais, dado o número elevado de iliteracia da época.

---

<sup>1383</sup> Pseudónimo de Margareta Holmquist, Prémio Nobel da Literatura em 1966. Publicou *Viagem para o País sem Poesia*, *Enigma em Brasas*, *Coros depois da Meia-noite* e *Ocasos*, este último traduzido por Paulo Quintela (1905-1987), onde se encontra o poema transcrito. Em recorte no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 47, referência 2.108.

Tendo como meta a felicidade, Maria Lamas serviu-se e serviu a cultura portuguesa, usando-a também como arma par ao civismo, como via de compreensão entre a humanidade.

Com aspirações a notabilizar-se como escritora, verificamos uma quantidade enorme de contos, os quais se inserem dentro da literatura infantil, apenas publicados em jornais. É óbvio que urge dá-los a conhecer aos pequenos leitores, como ela própria os designava. Na senda de grandes escritoras para a infância, que conhecia muitíssimo bem, até porque traduziu algumas, merecia, hoje, um maior reconhecimento a esse nível, dada a sua capacidade de produção narrativa.

No jornalismo, a sua participação é invulgar. Referimo-nos à feitura da obra *As Mulheres do meu País*, onde Maria Lamas demonstrou uma resistência física enorme, ao percorrer o nosso país, quase por completo. E não nos podemos esquecer, da sua participação como fotógrafa. É certo que recorreu a muitos fotógrafos e pintores, para a ilustração dos fascículos, mas não são de negligenciar as suas fotografias, tanto a nível de execução, como de adequação à demonstração da situação da mulher. É um documento, portanto, incontornável. Diríamos, até, precioso, para um estudo sociológico, que se pretenda realizar, sobre a condição feminina nos finais da década de quarenta, depois da IIª Guerra Mundial. A obra denota, fortemente, a capacidade humana de observação e de recolha dos dados, a fim de transmitir uma ideia, o mais realista possível, da vida feminina portuguesa.

Sessenta anos após ter publicado *As Mulheres do meu País*, Maria Lamas foi apresentada na exposição «Au Féminin», no Centro Cultural da Fundação Gulbenkian, em Paris, em 2009, com oito imagens, sendo uma delas a de quatro Jovens Trabalhadoras das Minas de S. Pedro da Cova<sup>1384</sup>, o que fez dela a fotógrafa mais representada. Esta mostra contemplava um panorama de fotografia feita por mulheres sobre mulheres, em todo o mundo e desde o início da fotografia até aos nossos dias.

Na defesa das mulheres portuguesas, exerceu Maria Lamas um importante trabalho, como por exemplo, nos artigos que escreveu, como nas personalidades reconhecidas da época que convidava para a redacção da revista que dirigiu durante cerca de vinte anos. É, também, um facto, que o Conselho Nacional de Mulheres Portuguesas mostrou maior influência, a partir da sua presidência em 1945, facilmente

---

<sup>1384</sup> Maria Lamas, *As Mulheres do meu País*, Lisboa, Caminho, 2002, p. 372.

verificável, através do número de sócias que aumentou significativamente. Sempre em contacto com outras organizações, Maria Lamas não deixou nunca de estar a par de como viviam as mulheres nos outros países e quais os direitos que iam sendo alcançados, lutando para que as mulheres em Portugal atingissem o mesmo nível, ao nível de regalias.

Esse conhecimento aumentaria significativamente, aquando do seu exílio obrigatório, em Paris. Aí, na cidade do Maio de 68, ao qual assistiu, e que, certamente lhe deu força para acreditar que o seu/nosso país, ainda, poderia aceder, também, à liberdade. Ao presenciar a revolução de Maio de 68, não lhe escapou o fulgor de uma juventude em força, com capacidade de alterar os sistemas indesejados.

No período de exílio, Maria Lamas não quebrou, nem baixou os braços. Lia diariamente *Le Figaro* e *Le Monde* onde dava particular atenção aos artigos filosóficos e literários. Maria Lamas guardou vários recortes de jornais<sup>1385</sup> com artigos em torno de uma das suas escritoras favoritas, de quem, aliás, traduziu a sua obra mais emblemática *Les Mémoires d'Hadrien*, Marguerite Yourcenar. Um desses artigos intitula-se «Louise de Lorraine, la reine inconsolée».<sup>1386</sup> Do jornal *Le Monde*<sup>1387</sup>, o artigo «La femme, l'enfant» por Nicole Bernheim (1926-).

Haverá, certamente, ainda muito a desvendar, no que se refere ao mundo das mulheres. Relembremos, que muitas das mulheres das relações de Maria Lamas, que não tendo ainda sido objecto de estudo, não constam em nenhuns dicionários, nem em outras obras.

A nível político, existe ainda hoje uma participação desigual dos dois sexos nos centros e órgãos de decisão política. Há, no entanto, cada vez mais uma forte consciencialização relativamente a esta questão, dada “a profusão de recomendações de diversas organizações internacionais, nomeadamente da ONU, no sentido de promover a igualdade de participação de homens e mulheres em todos os órgãos e processos de decisão.”<sup>1388</sup>

<sup>1385</sup> Recortes de jornais franceses, alusivos ao período de exílio de Maria Lamas, no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixas 47 e 48, referência 2.108.

<sup>1386</sup> *Le Figaro Littéraire*, 2 de Dezembro de 1961, p. 8. Louise de Lorraine (1553-1601), filha do conde de Vaudémont, Nicolas de Lorraine e de Marguerite d' Egmont.

<sup>1387</sup> *Le Monde*, 4 de Maio de 1967, p. 14.

<sup>1388</sup> José Manuel Leite Viegas e Sérgio Faria, *As Mulheres na Política*, Oeiras, Celta Editora, 2001, p. 1.

Na caracterização da sociedade portuguesa, um dos elementos que ressalta na sua caracterização é a “profunda transformação pela qual tem passado a condição feminina.”<sup>1389</sup> Um dos ilustradores desta transformação é a entrada maciça da mulher no mercado de trabalho. A taxa de actividade feminina quase que triplicou entre 1960 e 1991, o que revela que no início da década de 90, mais de “um terço das mulheres portuguesas deixou de se rever e de poder ser revisto apenas nas categorias de dona de casa ou de mãe.”<sup>1390</sup> Parece-nos que Maria Lamas desempenhou aqui um papel relevante.

Gilles Lipovetsky considera importante a interrogação sobre “o novo lugar das mulheres e as suas relações com os homens, quando os últimos cinquenta anos mudaram mais a condição feminina do que todos os milénios que os procederam”.<sup>1391</sup>

Segundo Fernando Martins “uma reflexão que inclua o género biográfico (ou biografia) raramente acontece”<sup>1392</sup> e acrescenta que

Naquilo que à biografia diz respeito, importa saber em que medida é possível, e até desejável, que o biógrafo se escuse, ou não, a produzir um juízo moral, e um juízo moral não apenas acerca dos factos analisados e do período histórico em que se integram, mas também, e sobretudo, sobre o próprio biografado.<sup>1393</sup>

Na opinião de Fernando Martins é “impossível ao biógrafo, com os seus valores, na sua circunstância, fazer qualquer juízo ético sobre outra época, sobre outras circunstâncias, pelo que se deve limitar a compreender e a explicar.”<sup>1394</sup> Para este autor

É difícil, mas não impossível, chegar ao conhecimento – conseguir conhecer o objecto de estudo –, é igualmente tão ou mais difícil, mas simultaneamente possível e legítimo ao biógrafo (ou ao historiador), produzir um juízo de valor, de natureza ética ou moral, sobre o objecto de uma análise que depende do uso da razão.<sup>1395</sup>

Esta aproximação biográfica é apenas uma breve e incompleta panorâmica sobre a vida extensa e intensa de Maria Lamas. Quase tudo está ainda para fazer e, neste

---

<sup>1389</sup> Idem, p. 2.

<sup>1390</sup> Id., ibid.

<sup>1391</sup> Gilles Lipovetsky, *A Terceira Mulher*, Lisboa, Instituto Piaget, 2000, p. 9.

<sup>1392</sup> Fernando Martins, «Historiografia, biografia e ética», *Análise Social*, vol. XXXIX (171), 2004, p. 396.

<sup>1393</sup> Id., ibid.

<sup>1394</sup> Idem, p. 399.

<sup>1395</sup> Id., ibid.



trabalho não pudemos aprofundar, como pretendíamos, mais este período da vida de uma escritora, feminista, pacifista, que é o pós 25 de Abril.

Maria Lamas manteve-se sempre interessada em tudo o que a rodeava, nomeadamente em relação à literatura. Eis alguns dos seus escritores de eleição: Samuel Beckett, Claude Simon, Alain Robbe-Grillet, Natalie Sarraute, Maurice Blanchot entre outros.

Ao chegar ao fim desta investigação, não podemos deixar de reflectir sobre o percurso realizado: porque fizemos dela o maior, o mais penoso e, ao mesmo tempo, o mais estimulante projecto de trabalho da nossa vida?

Porque foi importante a construção de uma biografia, mesmo que incompleta, de Maria Lamas? Como se caracteriza o seu percurso profissional? Que proposta tinha ela para educar as mulheres e as crianças?

Para que serve, hoje, o que acabamos de apresentar? Estas são as questões que, a partir do que anteriormente escrevemos, pretendemos sistematizar nesta conclusão.

Maria Lamas não era uma desconhecida. Já a tínhamos travado conhecimento, aquando da realização da nossa tese de mestrado, sobre a revista à qual consagrou a vida. Mas com o passar dos meses, esse conhecimento amadureceu e tomou outra forma, outra dignidade, e de certa forma, contribuiu para o nosso enriquecimento.

Em Outubro de 1958, Maria Lamas escreve nos seus apontamentos<sup>1396</sup> como se vê a ela própria:

A idade envelheceu-me da maneira mais natural: cabelos brancos, rosto sem frescura, tendência para deixar descair os ombros, como sob o peso dum fardo que se não vê... nem me faltam os prenúncios dum reumatismo que me tornam sensível às mudanças de tempo, nem a vista cansada nem uma certa surdez que desde bastante nova me inferiorizou e me obriga ao uso dum pequenino aparelho que pode figurar como sinal particular na minha ficha de identificação. Tudo isto faz parte da minha personalidade física e moral de hoje, assim como o que em mim prevalece da MULHER, em todas as idades que vivi – uma mulher que ultrapassou os problemas sentimentais e o instinto amoroso, mas que conservou, viva, a sua feminilidade, a sua necessidade de ternura e um sonho latente, transposto para horizontes universais do ideal e do interesse humano – tudo impregnado do sentimento maternal que foi a mais pura chama do meu destino. E é na amizade que hoje concretizo o meu potencial de dedicação e afecto. Mas, para mim, a amizade não tem limites: não há fadiga nem dom<sup>1397</sup> de mim mesma que me pareça excessivo quando se trata dum AMIGO. Até mesmo para um conhecido que me dá e de mim espera simpatia.

---

<sup>1396</sup> Duas páginas dactilografadas datadas de quinta-feira 23 de Outubro de 1958, no espólio. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 53.

<sup>1397</sup> Pensamos que houve um engano e que a palavra adequada era “dó”.

Para Maria Lamas “todos os fanáticos, de todos os campos, tornam impossível o diálogo – o convívio”<sup>1398</sup>, por isso, “as consequências da intolerância são sempre as mesmas, em todos os campos a ignorância, a falta de sensibilidade, produzem os mesmos tipos humanos, as mesmas dificuldades de convívio e de entendimento.” Eis o que faz parte dos pensamentos de Maria Lamas, o que demonstra bem as suas preocupações com a humanidade.

Maria Lamas teve influência em imensas pessoas, sendo difícil de contabilizar e apresentar um número, ainda que seja apenas de estimativa. Ocorre-nos por exemplo as centenas de cartas a que respondeu com o pseudónimo de Tia Filomena, no *Correio da Joaninha*, secção que dirigiu entre 1936 até 1947. E ainda, as resposta que deu na página de *As Mãos de Fada* sob o pseudónimo de Vera. Mas outras individualidades têm vindo a público manifestar a admiração que sentiam e sentem por Maria Lamas e de um modo mais subtil, o modo como foram influenciadas. É o caso de Marcos Olímpio Gomes dos Santos<sup>1399</sup> que afirma a propósito de Maria Lamas que “sempre se tem verificado que ao longo dos tempos tem havido mulheres cujos contributos e feitos merecem reconhecimento incontestável.”<sup>1400</sup> E questiona-se “como é que alguém que nunca conhecemos pessoalmente, nos pode levar a questionar estereótipos e práticas, e marcar-nos para toda a vida”<sup>1401</sup>, pela prática de actos distintos “para que vejamos que o mundo deve ser mais justo e solidário.”<sup>1402</sup>

Para o sociólogo “a coragem das e dos, que lutavam contra a iniquidade, enfrentando um mundo hostil, era perturbadora porque denotava uma força interior, uma vontade [...] que muitos dos vulgares cidadãos atribuíam a pessoas que tinham algo de superior e de excepcional.”<sup>1403</sup>

Maria Lamas tornou-se para Marcos Santos “num símbolo que, muitas vezes, contribuiu decisivamente para que o prato da balança pendesse para opções

<sup>1398</sup> Documento manuscrito, não datado e com a indicação: “pensar e analisar”. Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio E-28, caixa 53.

<sup>1399</sup> Sociólogo, docente universitário, adjunto do Director do Centro de Investigação em Sociologia e Antropologia Augusto da Silva, Universidade de Évora.

<sup>1400</sup> Marcos Olímpio Gomes dos Santos, «O mundo nunca foi só dos deuses e dos heróis», in Regina Marques (coord.), *A Memória, a Obra e o Pensamento de Maria Lamas*, Lisboa, Edições Colibri/Movimento Democrático de Mulheres, 2008, p. 131.

<sup>1401</sup> Id., *ibid.*

<sup>1402</sup> Id., *ibid.*

<sup>1403</sup> Idem, p. 132.

consentâneas com o ideário das pessoas que nunca desistem de lutar por um mundo melhor.”<sup>1404</sup>

Luísa Amorim<sup>1405</sup> considera Maria Lamas, “uma mulher que pela sua vida e obra influenciou gerações!”<sup>1406</sup> e ainda como uma mulher que “ousou a coragem da ruptura com os valores de uma época em que a mulher ou era adorno, personagem ignorada ou pior que isso diabolizada, mas sempre secundarizada e discriminada.”<sup>1407</sup>

Já para José António Gomes<sup>1408</sup>, Maria Lamas é “a imagem de uma Mulher de Cultura, escritora e jornalista de mérito incontestável, que sempre encarou as gerações mais jovens como reservas de esperança.”<sup>1409</sup> Salienta ainda que Maria Lamas é uma mulher de “convicções e valores, consciente da necessidade de um aprofundamento futuro da democracia cultural”<sup>1410</sup>, que nos legou obras “fundamentais” e exemplifica com a obra *O Mundo dos Deuses e dos Heróis (Mitologia Geral)*.

José António Gomes considera que Maria Lamas sempre se empenhou na promoção da leitura, no desenvolvimento do gosto estético dos mais novos e na formação da sua consciência cívica, tendo sido uma das fundadoras da nossa moderna literatura para crianças e jovens.

Para Eugénia Vasques<sup>1411</sup>, Maria Lamas é uma

Paladina dos direitos humanos e dos direitos das mulheres, em Portugal e pelo mundo. Maria Lamas é uma das (esquecidas) escritoras da segunda metade do século XX cuja obra, que a espelha como mulher e cidadã, merece ser relida através de uma óptica renovada de receção que seja consciente da existência de um programa de escrita, no feminino, assente na verdade, na auto – referencialidade e no valor documental.<sup>1412</sup>

Também Regina Marques afirma que Maria Lamas é uma

Defensora dos direitos das mulheres e propulsora da acção e organização de mulheres de várias gerações [que] nos deixou um pensamento marcadamente feminista. Feminista, no sentido transformador de mentalidades, de enaltecimento das mulheres e, de recusa decidida das desigualdades que marcaram as mulheres que estudou, ou com quem conviveu. Feminista, ainda,

<sup>1404</sup> Id., *ibid.*

<sup>1405</sup> Membro do Conselho Nacional do MDM.

<sup>1406</sup> Luísa Amorim, «Homenagem a Maria Lamas», in Regina Marques (org.), op. cit. p. 127.

<sup>1407</sup> Id., *ibid.*

<sup>1408</sup> Professor na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.

<sup>1409</sup> José António Gomes, «O exemplo de Maria Lamas», in Regina Marques (org.), op. cit., p. 125.

<sup>1410</sup> Id., *ibid.*

<sup>1411</sup> Professora, investigadora. Escola Superior de Teatro e Cinema.

<sup>1412</sup> Eugénia Vasques, «Toda a verdade sempre?», in Regina Marques (org.), op. cit., p. 121.

no sentido em que soube traduzir na prática, o princípio da relação dialéctica da teoria com a prática e, da complementaridade dialéctica e complexa, da subordinação social, económica e política das mulheres [...].

Por tudo o que escrevemos, consideramos que conseguimos atingir os objectivos a que nos propusemos. Pensamos que contribuímos para uma visão multifacetada de Maria Lamas e para o enaltecimento da sua personalidade. Maria Lamas, um valor a seguir, uma participante na história da mentalidade feminina.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### FONTES:

1. Espólio E-28, Espólio de Maria Lamas.(72 caixas)
2. Espólio N-33, Espólio de Francine Benoît.
3. Publicações Periódicas:

### PERIÓDICOS

*A Capital*, 1970; 1982.

*A Época*, 1925-1927.

*A Forja*, 1976; 1982.

*A Montanha*, 1931; 1935-1936.

*A Mulher e a Criança*, 1910.

*A Mulher*, 1947.

*A Novela*, 1923.

*A Opinião*, 1972-1974.

*A Voz*, 1927-1929; 1950.

*ABC*, 1930-1931.

*Acção*, 1942.

*Açores*, 1947; 1973.

*Actual*, 1983.

*Alma Feminina*, 1917-1946.

*Almanach Bertrand*, 1930.

*Avante*, 1982; 1983.

*Bandarra*, 1935.

*Boletim da Associação Feminina Portuguesa para a Paz*, 1949; 1950.

*Boletim da Comissão Nacional da Paz*, 1954.

*Boletim Informativo da Câmara Municipal de Loures*, Janeiro 1982.

*Boletim Informativo do Clube de Campismo do Conselho de Almada*, n.º 101- Maio 1982.

*Brados do Alentejo*, 1931; 1933; 1938.

*Cartaz*, 1936.

*Civilização*, 1928; 1929; 1930; 1936.

*Correio do Sul* (Faro), 1973.

*Correio dos Açores*, 1935; 1936; 1938; 1943; 1973.

*Das Artes e das Letras*, suplemento de *O Primeiro de Janeiro*, 1955.

*Diário da Assembleia da República*, III legislatura, I série, nº 55, Dezembro de 1983.

*Diário da Madeira*, 1935.

*Diário da Manhã*, 1953.

*Diário de Coimbra*, 1952.

*Diário de Lisboa*, 1935; 1938; 1952; 1953; 1963; 1964; 1969; 1971; 1973; 1977; 1982; 1983; 1984.

*Diário de Notícias* (Madeira), 1941; 1952; 1984.

*Diário de Notícias*, 1941; 1952; 1955; 1970; 1982; 1983; 1984.

*Diário do Alentejo* (Beja), 1952; 1955.

*Diário do Minho*, 1941.

*Diário do Sul*, 1975; 1983.

*Diário dos Açores*, 1935-1938; 1973.

*Diário Popular* 1969-1971; 1973-1974; 1977; 1982-1983.

*Eco do Funchal* 1951-1952.

*Escritório*, 1973.

*Eva*, 1971; 1972.

*Faces de Eva*, 2001-2008.

*Flama*, 1973.

*Fradique*, 1935.

*Gazeta das Caldas*, 1942-1943; 1950-1952.

*Gazeta de Coimbra*, 1935.

*Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 1938.

*Gente*, 1974.

*Humanidade*, 1936.

*Ilustração*, 1930; 1935.

*Jornal da Régua*, 1936.

*Jornal de Letras*, 1983.

*Jornal de Notícias*, 1940; 1975; 1984.

*Jornal do Algarve*, 1973.

*Jornal do Comércio e das Colónias*, 1930.

*Jornal Magazine da Mulher*, 1951.

*Juventude*, 1939.

*La Cité*, 1969.

*Mãos de Fada*, 1944-1945; 1949-1950.

*Modas & Bordados*, 1912-1947; 1974.

*Mulher, Modas & Bordados*, 1975.

*Mulheres*, 1979, 1983-1984.

*Nós, as Mulheres*, 1977.

*Notícias d' Évora*, 1978; 1982; 1983.

*Notícias da Amadora*, 1972; 1973.

*Notícias da Tarde*, 1982.

*Notícias do Sul*, 1978.

*Novidades*, 1934; 1938.

*O Açoriano Oriental*, 1930;1936.

*O Almonda*, 1980; 1982.

*O Comércio do Porto*, 1950; 1982; 1984.

*O Dia*, 1982.

*O Diabo*, 1934-1935; 1983.

*O Diário*, 1976-1984.

*O Distrito*, 1935.

*O Gaiato*, 1935.

*O Jornal*, 1983;1984.

*O Notícias Ilustrado*, 1935.

*O Primeiro de Janeiro*, 1973;1982.

*O Riomaioireense*, 1949.

*O Século*, 1929-1931; 1933-1936; 1938-1941; 1943; 1959; 1973.

*O Sesimbrense*, 1952.

*Os nossos Filhos*, 1943; 1950.

*Paz e Amizade*, 1982.

*Ponto 4*, Março 1982.

*Ponto*, 1982.

*Portugal Hoje*, 1982.

*Portugal Popular*, 1973.

*Portugal*, Novembro-Dezembro, 1983.

*República*, 1951; 1952; 1954; 1959; 1972; 1973; 1974.

*Revista Bibliográfica*, 1930.

*Revista d'Aquém e d'Além Mar*, 1938.

*Século Ilustrado*, 1938; 1944.

*Sintra Regional*, 1931.

*Unidade*, 1984.

*URAP*, Novembro-Dezembro 1983; Fevereiro-Março 1984.

*Vida Mundial Ilustrada*, 1947.

*Vida Mundial*, 1973.

*Voz do Sul*, 1952.

## BIBLIOGRAFIA ACTIVA

### 1. OBRAS

LAMAS, Maria, *A Estrela do Norte*, Lisboa, Meridiano, 2ª edição, 1972; 3ª edição, 1973, Vega, s. d.

\_\_\_\_\_, *A Ilha Verde*, Lisboa, Editorial “O Século”, 1938.

\_\_\_\_\_, *A Mulher no Mundo*, Rio de Janeiro/Lisboa, Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 2 volumes, 1952.

\_\_\_\_\_, *Arquipélago da Madeira, Maravilha Atlântica*, Funchal, Editorial Eco do Funchal, 1956.

\_\_\_\_\_, *As Mulheres do meu País*, Lisboa, Actuais, 1950; Lisboa, Caminho, 2002.

\_\_\_\_\_, *Aventuras de Cinco Irmãozinhos*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1931.

\_\_\_\_\_, *A Montanha Maravilhosa*, Lisboa, Editorial O Século, 1933; Lisboa, Meridiano, 2ª edição, 1971; 1978.



\_\_\_\_\_, *Mitologia Geral: o Mundo dos Deuses e dos Heróis*, Lisboa, Editorial Estampa, 1959, 1972, 1973, 1991, 2000.

\_\_\_\_\_, *O Vale dos Encantos*, 2ª edição, Lisboa, Meridiano, 1972; 3ª edição, 1978.

\_\_\_\_\_, *Os Brincos de Cerejas*, Lisboa, Editorial O Século, 1935.

\_\_\_\_\_, *Para além do Amor*, Lisboa, Editorial O Século, 1935; Parceria A. M. Pereira, 2002.

SILVESTRE, Rosa, *A Estrela do Norte*, Lisboa, Editorial O Século, 1934.

\_\_\_\_\_, *A Montanha Maravilhosa*, Lisboa, Editorial O Século, [1933].

\_\_\_\_\_, *Aventuras de Cinco Irmãozinhos*, Biblioteca dos Pequeninos, 34, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1931.

\_\_\_\_\_, *Humildes*, Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1923.

\_\_\_\_\_, *Maria Cotovia*, 1929.

\_\_\_\_\_, *O Caminho Luminoso*, Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia «O Século», 1930; 2ª edição, 1942.

\_\_\_\_\_, *Os Brincos de Cerejas*, Lisboa, Editorial O Século, s. d.

\_\_\_\_\_, *O Vale dos Encantos*, Lisboa, Universo, 1942.

## 2. POEMAS

FONSECA, Maria da Conceição Ribeiro da, *A Enfermeira da Cruz Vermelha*, *O Fôco*, 25 Novembro 1915.

\_\_\_\_\_, *Aragão*, *O Fôco*, n.º 78, 1 Maio 1915, p. 3.

LAMAS, Maria, *Ano Novo*, poema, *A Época*, n.º 2653, 1 Janeiro 1927, p. 15; *Modas & Bordados*, n.º 1508, 1 Janeiro 1941, p. 5.

\_\_\_\_\_, *Miragem*, *Modas & Bordados*, n.º 1295, 2 Dezembro 1936, p. 6.

\_\_\_\_\_, *S. Miguel*, *Terra Nostra: a D. Maria Amélia de Mendonça Rebelo Arruda*, *Almanaque Micaelense*, Novembro 1936, pp. 54-55.

MADRESSILVA, *A minha Ambição!*, *O Fôco*, n.º 56, 21 Novembro 1914, p. 2.

\_\_\_\_\_, *Alvo Luar de Janeiro... Amendoeiras em Flor*, *Modas & Bordados*, n.º 1455, 27 Dezembro 1939, p. 4.

\_\_\_\_\_, *Amor Pátrio*, *O Fôco*, n.º 60, 19 Dezembro 1914, p. 2; n.º 75, 25 Março 1915, p. 7.

\_\_\_\_\_, *As Ruínas do Convento*, *Modas & Bordados*, n.º 1390, 28 Setembro 1938, «Joaninha», p.2.

\_\_\_\_\_, *M. E.*, *O Fôco*, n.º 54, 31 Outubro 1914, p. 2.

\_\_\_\_\_, *Noites de Inverno*, *Modas & Bordados*, n.º 1522, 9 Abril 1941, «Joaninha», p. 1.

SILVESTRE, Rosa, *A Boneca Atropelada*, *Correio da Manhã*, secção «Correio dos Pequeninos», n.º 2279, 4 Dezembro 1927, p. 3; *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 705, 23 Janeiro 1929, p. 3.

\_\_\_\_\_, *A Carvoeira*, *Correio da Manhã*, «Página Literária», n.º 2390, 28 Março 1928, p. 3; *Modas & Bordados*, n.º 931, 11 Dezembro 1929, p. 8.

\_\_\_\_\_, *A Ceguinha*, *A Época*, n.º 2051, 5 Abril 1925, p. 3.

\_\_\_\_\_, *A Morte do Passarinho*, *Civilização*, 11, Maio 1929, p. 83.

\_\_\_\_\_, *A Passagem do Ano*, *Correio da Manhã*, «Correio dos Pequeninos», n.º 2306, 1 Janeiro 1928, p. 9; *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 684, 1 Janeiro 1929, p. 5,

\_\_\_\_\_, *Anno Novo*, *Almanach Bertrand*, 1930, p. 2.

\_\_\_\_\_, *Ano Novo*, *Correio da Manhã*, n.º 2017, 1 Janeiro 1927, p. 2.

\_\_\_\_\_, *As Ceifeiras*, *Almanach Bertrand*, 1929, p. 9.

\_\_\_\_\_, *Cantares*, *Almanach Bertrand*, 1930, p. 2, *Modas & Bordados*, n.º 1065, 6 de Julho de 1932, p. 4.; n.º 1153 de 14 de Março de 1934, p. 6.

\_\_\_\_\_, *Contrastes*, *Almanach Bertrand*, Lisboa, 1932, p. 196; *Modas & Bordados*, n.º 1348, 9 Dezembro 1937, p. 4.

\_\_\_\_\_, *Fazer Bem*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 328, 4 Janeiro 1928, p. 3.

\_\_\_\_\_, *Fiando*, *Modas & Bordados*, n.º 940, 12 Fevereiro 1930, p. 8.

\_\_\_\_\_, *História de um Peixinho*, *A Época*, n.º 2067, 22 Abril 1925, p. 3.

\_\_\_\_\_, *Hora de Paz*, *Modas & Bordados*, n.º 935, 8 Janeiro 1930, p. 8.

\_\_\_\_\_, *Nas Vésperas do Natal*, *Correio da Manhã*, «Correio dos Pequeninos», n.º 2293, 16 Dezembro 1927, p. 3, *Civilização*, n.º 14, Agosto 1929, pp. 100-101.

\_\_\_\_\_, *No Arraial*, *Modas & Bordados*, n.º 933, 25 Dezembro 1929, p. 11.

\_\_\_\_\_, *O Coelho Ambicioso*, *A Época*, n.º 2475, 4 Julho 1926, p. 5.

\_\_\_\_\_, *O Natal*, *A Época*, n.º 2292, 27 Dezembro 1925, p. 3; *Correio da Manhã*, n.º 2012, 25 Dezembro 1926, p. 2; *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 678, 25 Dezembro 1928, p. 7; *Modas & Bordados*, n.º 1037, 23 Dezembro 1931, p. 11; *Almanach Bertrand*, 1931, p. 309; *Tic Tac*, n.º 54, 24 Dezembro 1933, pp. 1 e 2.

\_\_\_\_\_, *O Pão-de-ló*, *Correio da Manhã*, secção «Correio dos Pequeninos», n.º 2313, 9 Janeiro 1928, p. 4; *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 531, 29 Julho 1928, p. 5.

\_\_\_\_\_, *O Pião*, *O Século*, secção «Pim Pam Pum», n.º 16495, 9 Fevereiro 1928, p. 7; *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 26, 27 Novembro 1928, p. 3.

\_\_\_\_\_, *O Pirilampo*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil» n.º 664, 11 Dezembro 1928, p. 3; *Civilização*, n.º 12, Junho 1929, p. 87; *O Gaiato*, n.º 7, 1935, p. 16.

\_\_\_\_\_, *O Presente da Madrinha*, *Correio da Manhã*, n.º 2286, 11 Dezembro 1927, p. 3; n.º 2293, 18 Dezembro 1927, p. 3.

\_\_\_\_\_, *O Ribeirinho*, *A Voz*, n.º 265, 30 Outubro, 1927, p. 5; *Modas & Bordados*, n.º 933, 25 Dezembro 1929, p. 6; *Joaninha*, n.º 9, 25 Maio 1936, p. 2.

\_\_\_\_\_, *O Tonio do Lagar*, *A Voz*, «Semana Infantil», n.º 251, 16 Outubro 1927, p. 5,

\_\_\_\_\_, *Os Pobres*, *Modas & Bordados*, n.º 947, 2 Abril 1930, p. 7.

\_\_\_\_\_, *Pedrinhas da Rua*, *A Voz*, «Semana Infantil», n.º 279, 13 Novembro 1927, p. 3, n.º 379, 26 Fevereiro 1928, p. 5; *Modas & Bordados*, n.º 938, 29 Janeiro 1930, p. 8.

\_\_\_\_\_, *Porque amo os Humildes*, *Correio da Manhã*, n.º 2038, 23 Janeiro 1927, p. 3.

\_\_\_\_\_, *Primavera*, *A Época*, n.º 2060, 15 Abril 1925, p. 3. *Correio da Manhã*, secção «Correio dos Pequeninos», n.º 2424, 4 Maio 1928, p. 3; *Mãos de Fada*, «Suplemento Literário», n.º 59, Maio 1950, p. 1.

\_\_\_\_\_, *Quem faz Mal...*, *A Voz*, Suplemento «Semana infantil», n.º 306, 11 Dezembro 1927, p. 5.

\_\_\_\_\_, *Resolução*, *Almanach Bertrand*, 1929, p. 44.

\_\_\_\_\_, *Súplica*, *A Voz*, secção «O Tiroliro», n.º 678, 25 Dezembro 1928, p. 16; n.º 921, 31 Agosto 1929, p. 3.

### 3.CONTOS E FOLHETINS

AYRE, Serrana d', *O Filho Perdido*, Serrana d' Ayre, *A Novela*, n.º 2, 4 Outubro 1923, pp. 1-8.

\_\_\_\_\_, *Perdidos para Sempre! História Verídica de um Trágico Acontecimento* (folhetim), *Correio da Manhã*, n.º 1881, 10 Agosto 1926 a n.º 1886, 15 Agosto 1926.

LAMAS, Maria, *A Revolta do Néquito, Civilização*, n.º 4, Outubro, 1928, pp. 73-75.

\_\_\_\_\_, *A Tristeza de Flor-de-neve, Civilização*, n.º 1, Julho, 1928, pp. 68-71.

\_\_\_\_\_, *Brincar! Brincar!*, *Civilização*, n.º 6, Dezembro 1928, pp. 108-109.

\_\_\_\_\_, *Joaninha, Menina Pobre, Modas & Bordados*, secção «Joaninha», n.º 1409, 8 Fevereiro 1939.

\_\_\_\_\_, *Joaninha, Menina Rica, Modas & Bordados*, secção «Joaninha», n.º 1412, 1 Março 1939; n.º 1420, 26 Abril 1939; n.º 1422, 17 Maio 1939; n.º 1427, 14 Junho 1939, n.º 1437, 23 Agosto 1939; n.º 1507, 25 Dezembro 1940; n.º 1509, 8 Janeiro 1941.

\_\_\_\_\_, *Milagre do Natal, Modas & Bordados*, n.º 1246, 24 Dezembro 1935, p. 12.

\_\_\_\_\_, *O Brilhante Perdido, Civilização*, n.º 2, Agosto, 1928, pp. 73-75 e pp. 78-79.

\_\_\_\_\_, *O Gigante Zabalão, Civilização*, n.º 5, Novembro, 1928, pp. 76-78 e p. 127.

\_\_\_\_\_, *O Lago das Sete Cidades, Modas & Bordados*, n.º 1683, 10 Maio 1944, p. 3.

\_\_\_\_\_, *O Milagre, Modas & Bordados*, n.º 1735, 9 Maio 1945, pp. 6 e 15.

\_\_\_\_\_, *Os Lagos da Ilha de S. Miguel, Modas & Bordados*, n.º 1248, 8 Janeiro 1936, pp. 12-13.

LAMAS, Maria da Conceição V. da Cunha, *Peregrina do Ideal* (folhetim), *Correio da Manhã*, n.º 2018, 3 Janeiro 1927 a n.º 2043, 28 Janeiro 1927; *Almanach Bertrand*, 1930, pp. 225-227.

LAMAS, Maria da Conceição Vassalo da Cunha, *Regresso à Felicidade* (folhetim), *Correio da Manhã*, n.º 1946, 19 Outubro 1926 a n.º 1985, 27 Novembro 1926.

MADRESSILVA, A *Dúvida, A Época*, n.º 1981, 23 Janeiro 1925, p.3.

\_\_\_\_\_, *Jardim de Joaninha, Joaninha*, n.º 17, 14 Setembro 1936, p. 9.

SILVESTRE, Rosa, *A Aldeia do Castigo, Correio da Manhã*, secção «Correio dos Pequenininos», 2252, 6 Novembro 1927, p. 3; *Civilização*, n.º 17, Novembro, 1929, pp. 76-78.

\_\_\_\_\_, *A Amiga das Avezinhas, Correio da Manhã*, secção «Correio dos Pequenininos», n.º 2306, 1 Janeiro 1928, p. 9; *A Voz, Suplemento «Semana Infantil»*, n.º 690, 8 Janeiro 1929, p. 3.

\_\_\_\_\_, *A Andorinha; A Voz, Suplemento «Semana Infantil»*, n.º 74, 17 Abril 1927, p. 3; *A Voz, Suplemento «Semana Infantil»*, n.º 672, 19 Dezembro 1928 ao n.º 792, 23 Abril 1929.

\_\_\_\_\_, *A Aventura da Ritinha*, *Correio da Manhã*, secção «Correio dos Pequeninos», n.º 2319, 15 Janeiro 1928, p. 3; *O Século*, secção «Pim Pam Pum», n.º 19 298, 5 Dezembro 1935, p. 1 e 4-5.

\_\_\_\_\_, *A Aventura da Rosinha*; *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 644, 20 Novembro 1928, p. 3.

\_\_\_\_\_, *A Aventura dum Príncipe*, *Civilização*, n.º 15, Agosto, 1929, pp. 84-86.

\_\_\_\_\_, *A Bela e a Fera*, *A Época*, n.º 2118, 21 Junho 1925, p. 3.

\_\_\_\_\_, *A Boneca de Aninhas*, *A Época* n.º 2304, 10 Janeiro 1926, p. 3.

\_\_\_\_\_, *A Capa de Asperges de S. Nicolau*, *A Época*, n.º 2380, 28 Março 1926, p. 3.

\_\_\_\_\_, *A Casa Misteriosa*, *A Época*, n.º 2559, 26 Setembro 1926, p. 3.

\_\_\_\_\_, *A Caverna do Dragão*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 392, 20 Março 1928, p. 5.

\_\_\_\_\_, *A Chegada da Primavera*, *Civilização*, n.º 22, Abril, 1930, pp. 73-75.

\_\_\_\_\_, *A Coragem de D. Pantaleão*, *A Voz*, secção «Semana Infantil», n.º 67, 10 Abril 1927, p. 5; *Civilização*, n.º 25, Julho, 1930, pp. 73-75.

\_\_\_\_\_, *A Coragem do Carlitos*, *Tic Tac*, n.º 12, Março, 1933, pp. 4-5.

\_\_\_\_\_, *A Esperteza dum Peixinho*, *Civilização*, n.º 7, Janeiro, 1929, pp. 73-75.

\_\_\_\_\_, *A Estrela da Tarde*, *Modas & Bordados*, n.º 919, 18 Setembro 1929, pp. 9-19.

\_\_\_\_\_, *A Fada dos Passaritos*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 517, 15 Julho 1928, p. 3; *Correio da Manhã*, «Correio dos Pequeninos», n.º 2259, 13 Novembro 1927, p. 3.

\_\_\_\_\_, *A Fada Madrugadora*, *Civilização*, n.º 15, Setembro 1929, pp. 81-83.

\_\_\_\_\_, *A Fada Risonha*, *Civilização*, n.º 21, Março, 1930, pp. 73-75.

\_\_\_\_\_, *A História da Rainha das Flores*, *Correio da Manhã*, secção «Correio dos Pequeninos», n.º 2387, 25 Março 1928, p. 3.

\_\_\_\_\_, *A Ideia de Pelicano*, *A Época*, n.º 2443, 2 Junho 1926, p. 4.

\_\_\_\_\_, *A Inimiga do Amor*, *Civilização*, n.º 13, Julho, 1929, pp. 75-78.

\_\_\_\_\_, *A Lenda das Margaridas*, *A Época*, n.º 2319, 21 Janeiro 1926, p. 3.

\_\_\_\_\_, *A Lenda das Nascentes*, *A Época*, n.º 2167, 9 Agosto 1925, p. 3.

\_\_\_\_\_, *A Lenda das Sete Cidades*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 623, 30 Outubro 1928, p. 3.

\_\_\_\_\_, *A Lição da Avozinha*, *Correio da Manhã*, secção «Correio dos pequeninos», n.º 2300, 25 Dezembro 1927, p. 9.

- \_\_\_\_\_, *A Maior Coragem*, *A Época*, n.º 2051, 5 Abril 1925, p. 3.
- \_\_\_\_\_, *A Maravilha das Cores*, *Civilização*, n.º 9, Março, 1929, pp. 76-78.
- \_\_\_\_\_, *A Mendiga de Nemi*, *A Época*, n.º 2407, 25 Abril 1926, p. 3.
- \_\_\_\_\_, *A Princesa dos Cabelos de Ébano*, *A Época*, n.º 2339, 14 Fevereiro 1926, p. 3.
- \_\_\_\_\_, *A Princesa Florbela*, *A Época*, n.º 2586, 24 Outubro 1926, p. 5; *Modas & Bordados*, secção «O cantinho das crianças», n.º 985, 24 Dezembro 1930, p. 25.
- \_\_\_\_\_, *A Princesa Liliana e os três Anões*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 379, 26 de Fevereiro, 1928, p. 5; *Civilização*, n.º 26, Agosto, 1930, pp. 76-78.
- \_\_\_\_\_, *A Princesa Yolanda*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 39, 13 Março 1927, p. 5.
- \_\_\_\_\_, *A Rainha das Flores*, *Civilização*, n.º 17, Novembro, 1929, pp. 73-75.
- \_\_\_\_\_, *A Rainha Rosina*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 32, 6 Março 1927, p. 5; *Civilização*, n.º 24, Junho, 1930, pp. 73-75.
- \_\_\_\_\_, *A Revolta das Flores*; *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 538, 5 Agosto 1928, p.5; *Tic Tac*, n.º 36, 20 Agosto 1933, pp. 4 e 5.
- \_\_\_\_\_, *A Ritinha foi à Cidade...*, *Joaninha*, n.º 20, 26 Outubro 1936, pp. 6 e 7.
- \_\_\_\_\_, *A Taça de Creme*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 60, 3 Abril 1927, p. 5.
- \_\_\_\_\_, *A Tempestade*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 80, 24 Abril 1927, p. 5.
- \_\_\_\_\_, *A Tesoura Mágica*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 12, 13 Fevereiro 1927, pp. 3 e 4.
- \_\_\_\_\_, *A Tristeza de Flor-de-neve*, *A Voz*, n.º 976, 26 de Outubro 1929, p. 3 e n.º 983, 2 de Novembro 1929, p. 3.
- \_\_\_\_\_, *A Vingança da Águia*, *Civilização*, n.º 26, Agosto, 1930, pp. 73-75 e p. 79; *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 306, em 11 de Dezembro, 1927, p. 5.
- \_\_\_\_\_, *A Vingança do Feiticeiro*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 121, 5 Junho 1927, p. 5; *Civilização*, n.º 24, Junho, 1930, pp. 76-79.
- \_\_\_\_\_, *A Visita do Papão*, *Correio da Manhã*, «Correio dos Pequenininhos», n.º 2346, 12 Fevereiro 1928, p. 3.
- \_\_\_\_\_, *A Voz da Consciência*, *A Época*, n.º 2489, 18 Julho 1926, p. 5.
- \_\_\_\_\_, *A Voz do Presépio*, *O Século*, n.º 18 960, 25 Dezembro 1934, p. 13.
- \_\_\_\_\_, *A Voz dos Búzios*, *Civilização*, n.º 6, Dezembro, 1928, pp. 105-107.

\_\_\_\_\_, *A Zequinha no Campo*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 114, 29 Maio 1927, p. 3.

\_\_\_\_\_, *Agulhas Falantes*, *A Época*, n.º 2427, 16 Maio 1926, p. 3.

\_\_\_\_\_, *Amor Triunfante*, *Modas & Bordados*, n.º 923, 16 Outubro 1929, pp. 5 e 10.

\_\_\_\_\_, *As Bolas de Sabão*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 53, 27 Março 1927, p. 5; *O Século*, secção «Pim Pam Pum», n.º 17 142, 27 Novembro 1929, p. 8.

\_\_\_\_\_, *As Memórias duma Esteira*, *Correio da Manhã*, «Correio dos Pequenininhos», n.º 2274, 28 Novembro 1927, p. 3; *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 630, 6 Novembro 1928, p. 3.

\_\_\_\_\_, *As três Maças de Prata*, *A Época*, n.º 2112, 15 Junho 1925, p. 3.

\_\_\_\_\_, *As Vozes Misteriosas*, *Civilização*, n.º 19, Janeiro, 1930, pp. 84-86.

\_\_\_\_\_, *Aventura de 7 Borboletas*, *Civilização*, n.º 25, Julho, 1930, pp. 76-78; *A Voz*, secção «Semana Infantil», n.º 427, 15 Abril 1928, p. 5.

\_\_\_\_\_, *Aventuras do Zito e da Zizinha*, *O Gaiato*, n.º 1 a 9, 1935.

\_\_\_\_\_, *Aventuras dum Coelho Branco*, *Civilização*, n.º 1, Julho 1928, pp. 65-67.

\_\_\_\_\_, *Aventuras duma Formiga Contadas por ela Própria*, *A Época*, n.º 2443, 2 Junho 1926, p. 4; *A Época*, n.º 2447, 6 Junho 1926, p. 5.

\_\_\_\_\_, *Boas Festas*, *A Época*, n.º 2298, 3 Janeiro 1926, p. 3.

\_\_\_\_\_, *Cláudio e Claudina*, *A Época*, n.º 2420, 9 Maio 1926, p. 5.

\_\_\_\_\_, *Como acabou o Reino da Tristeza*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 313, 18 Dezembro 1927, p. 5; *Tic Tac*, n.º 33, 30 Julho 1933, pp. 4-5.

\_\_\_\_\_, *Como D. Fagundo emagreceu*, *Civilização*, n.º 8, Fevereiro, 1929, pp. 76-78.

\_\_\_\_\_, *Como Duas Meninas de Más se fizeram Boas*, *A Época*, n.º 2572, 10 Outubro 1926, p. 5.

\_\_\_\_\_, *Como o Raul deixou de Ser Preguiçoso*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 360, 12 Fevereiro 1928, p. 5.

\_\_\_\_\_, *Como V. Ex.<sup>a</sup> quiser?*, *A Época*, n.º 2461, 20 Junho 1926, p. 3.

\_\_\_\_\_, *D. Espertalhão e o Saco de Trigo*, *Civilização*, n.º 5, Novembro, 1928, pp. 73-75, desenhos de Marimília; *Lusitânia*, Rio de Janeiro, n.º 6, 1934, p. 16.

\_\_\_\_\_, *Desforra*, *Magazine Bertrand*, n.º 46, Outubro 1930, pp. 81-84.

\_\_\_\_\_, *Desobediência Castigada*, *A Época*, n.º 2553, 20 Setembro 1926, p. 2.

\_\_\_\_\_, *História de D. Presumida*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 589, 25 de Setembro 1928, p. 3; *Civilização*, n.º 23, Maio, 1930, pp. 73-75 e p. 125.

\_\_\_\_\_, *História do Mau Gigante Périférigérilérimini e da Boa Margarida, Rainha dos Anões*, *A Época*, n.º 2475, 4 Julho 1926, p. 5.

\_\_\_\_\_, *História sem Fim*, *A Época*, n.º 2600, 7 Novembro 1926, p. 5; n.º 2607, 14 Novembro 1926, p. 5.

\_\_\_\_\_, *Luizinho e o Pato Voador*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 107, 22 Maio 1927, p. 5.

\_\_\_\_\_, *Manhã de Neve*, *A Época*, n.º 2653, 1 Janeiro 1927, p. 15.

\_\_\_\_\_, *Maria do Luar*, *Civilização*, n.º 20, Março, 1929, pp. 76-78.

\_\_\_\_\_, *Na Ilha da Bonecada*, *Correio da Manhã*, secção «Correio dos Pequenininos», n.º 2333, 29 Janeiro 1928, p. 3; *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 738, 27 Fevereiro 1929, p. 3.

\_\_\_\_\_, *Na Praia*; *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 210, 4 Setembro 1927, p. 3.

\_\_\_\_\_, *Não façam Mal aos Passarinhos*, *A Época*, n.º 2614, 21 Novembro 1926, p. 3.

\_\_\_\_\_, *Não há mal que sempre dure...*, *A Época*, n.º 2067, 22 Abril 1925, p. 3.

\_\_\_\_\_, *No Baloço*, *A Voz*, Suplemento «Tiroliro», n.º 865, 6 Julho 1929, p. 3.

\_\_\_\_\_, *No Quarto das Malas*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil» n.º 265, 30 Outubro 1927, p. 5; *O Gaiato*, n.º 4, 1935, pp. 10-11; *Joaninha*, n.º 24, 28 Dezembro 1936, pp. 6 e 14.

\_\_\_\_\_, *Nossa Senhora de Fátima*, *A Época*, n.º 2085, 17 Maio 1925, p. 3.

\_\_\_\_\_, *Nunca o Invejoso medrou...*; *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 353, 5 Fevereiro 1928, p. 3; *Correio da Manhã*, secção «Correio dos Pequenininos», n.º 2359, 26 Fevereiro 1928, p. 3.

\_\_\_\_\_, *O Achado da Rainha*, *A Época*, n.º 2468, 27 Junho 1926, p. 5.

\_\_\_\_\_, *O Ano Novo*, *Civilização*, n.º 7, Janeiro, 1929, pp. 76-78.

\_\_\_\_\_, *O Apostolado de Madalena*, *A Época*, n.º 2326, 31 Janeiro 1926, p. 3.

\_\_\_\_\_, *O Balão Mágico*; *A Voz*, 2, Suplemento «Semana Infantil», n.º 1, 31 Janeiro 1927, p. 3; *O Século*, secção «Pim Pam Pum», n.º 17 150, 6 de Dezembro 1929, p. 9.

\_\_\_\_\_, *O Camelo e o Dromedário*, *A Época*, n.º 2286, 20 Dezembro 1925, p. 3.

\_\_\_\_\_, *O Canto da Cotovia*, *Correio da Manhã*, secção «Correio dos Pequenininos», n.º 2387, 25 Março 1928 a n.º 2449, 29 Maio 1928.

\_\_\_\_\_, *O Castigo da Ambição*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 136, 20 Junho 1927, p. 3.



- \_\_\_\_\_, *O Colar de Joanhinha*, *A Época*, n.º 2332, 7 Fevereiro 1926, p. 3.
- \_\_\_\_\_, *O Comboio das Fadas*, *Civilização*, n.º 12, Junho, 1929, pp. 81-83.
- \_\_\_\_\_, *O Convento dos Capuchos na Serra de Sintra*, *A Época*, n.º 2139, 12 Julho 1925, p. 3.
- \_\_\_\_\_, *O Coração de Susana*, *A Época*, n.º 2209, 20 Setembro 1925, p. 5
- \_\_\_\_\_, *O Desejo de Carmina*, *Civilização*, n.º 11, Maio, 1929, pp. 84-86.
- \_\_\_\_\_, *O Gigante da Montanha*, *Civilização*, n.º 16, Outubro, 1929, pp. 81-83; *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 568, 4 de Setembro 1928, p. 3.
- \_\_\_\_\_, *O Gigante e o Feiticeiro*, *A Época*, n.º 2667, 18 Janeiro 1927, p. 5.
- \_\_\_\_\_, *O Jardim Infantil de Ponta Delgada, a Obra Encantadora de uma Rapariga, Joanhinha*, n.º 23, 7 Dezembro 1936, pp. 10-11.
- \_\_\_\_\_, *O João Mandrião*, *A Época*, n.º 2078, 10 Maio 1925, p. 3.
- \_\_\_\_\_, *O Lencinho da Pastora*, *Civilização*, n.º 12, Junho, 1929, pp. 84-86
- \_\_\_\_\_, *O Lencinho Maravilhoso, Joanhinha*, n.º 17, 14 Setembro 1936, p. 6.
- \_\_\_\_\_, *O Mealheiro de Mariazinha*, *Correio da Manhã*, secção «Correio dos Pequeninos», n.º 2417, 26 Abril 1928, p. 3.
- \_\_\_\_\_, *O Milagre das Rosas*, *A Época* n.º 2304, 10 Janeiro 1926, p. 3; *Almanaque Bertrand*, 1935, pp. 358-359.
- \_\_\_\_\_, *O Moinho de Papel*, *Modas & Bordados*, n.º 1089, 21 Dezembro 1932, p. 17.
- \_\_\_\_\_, *O Natal do Pastorinho*, *Civilização*, n.º 18, Dezembro, 1929, pp. 97-99.
- \_\_\_\_\_, *O Natal dos Pequenos Saltimbancos*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 320, 25 Dezembro 1927, p. 5.
- \_\_\_\_\_, *O Palácio da Fortuna*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 128, 12 Junho 1927, p. 5.
- \_\_\_\_\_, *O Pierrot Branco e Preto*; *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 26, 27 Fevereiro 1927, p. 5.
- \_\_\_\_\_, *O Preferido*, *Modas & Bordados*, n.º 904, Junho 1929, pp. 8 e 9; *Almanach Bertrand*, 1931, pp. 193-197.
- \_\_\_\_\_, *O Pregão da Rainha*, *A Época*, n.º 2674, 23 Janeiro 1927, pp. 5 e 6.
- \_\_\_\_\_, *O Presente do Rei dos Mares*, *A Época*, n.º 2566, 3 Outubro 1926, p. 5.
- \_\_\_\_\_, *O Príncipe Alzindro*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 279, 13 Novembro 1927, p. 3.

\_\_\_\_\_, *O Príncipe Dolcemar e a Princesa Rosalinda*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 93, 8 Maio 1927, p. 5.

\_\_\_\_\_, *O Príncipe Medroso*, *Civilização*, n.º 16, Setembro, 1929, pp. 81-83.

\_\_\_\_\_, *O Quarto da Porta Encarnada*, *A Época*, n.º 2634, 12 Dezembro 1926, p. 5.

\_\_\_\_\_, *O que Faz a Preguiça*, *A Época*, n.º 2359, 7 Março 1926, p. 3.

\_\_\_\_\_, *O Relicário Perdido* (folhetim), *Joaninha*, n.º 1, 3 Fevereiro 1936 a n.º 49, 19 Maio 1937.

\_\_\_\_\_, *O Rosário da Avozinha*, (romance infantil), *A Voz*, n.º 421, 8 Abril 1928 a n.º 501, 1 Julho 1928.

\_\_\_\_\_, *O Segredo do Papagaio*, *Civilização*, n.º 23, Maio, 1930, pp. 76-77.

\_\_\_\_\_, *O Segredo do Pato*; *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 531, 29 Julho 1928, p. 5.

\_\_\_\_\_, *O Sonho da Mariazinha*, *O Século*, secção «Pim Pam Pum», n.º 21468, 25 Dezembro 1941, p. 13.

\_\_\_\_\_, *O Tio Jerónimo e as Flores*; *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 8, 6 Fevereiro 1927, p. 5.

\_\_\_\_\_, *O Triunfo da Alegria*, *Modas & Bordados*, n.º 895, 3 Abril 1929, p. 4 e 10.

\_\_\_\_\_, *Os Barquinhos e a Boneca*, *Civilização*, n.º 3, Setembro, 1928, pp. 73-75.

\_\_\_\_\_, *Os Brincos de Cerejas*, (folhetim semanal), *A Voz*, n.º 517, 15 Julho 1928 a n.º 623, 30 Outubro 1928.

\_\_\_\_\_, *Os Cabelos de Teresa*, *A Época*, n.º 2181, 23 Agosto 1925, p. 3.

\_\_\_\_\_, *Os Calções do Joãozinho*, *A Época*, n.º 2160, 2 Agosto 1925, p. 3.

\_\_\_\_\_, *Os Castelos de Areia*, *Civilização*, n.º 16 Outubro, 1929, pp. 84-86 e p. 135.

\_\_\_\_\_, *Os Cisnes e os Bombons*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 510, 8 Julho 1928, p. 3.

\_\_\_\_\_, *Os Grandes Portugueses -S. António*, *A Época*, n.º 2097, 31 Maio 1925, p. 3.

\_\_\_\_\_, *Os Ratinhos Aventureiros*; *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 22, 23 Fevereiro 1927, p. 3.

\_\_\_\_\_, *Os Sapatinhos Dourados*, *Civilização*, n.º 13, Julho, 1929, pp. 84-86.

\_\_\_\_\_, *Os Soldadinhos de Chumbo*, *A Época*, n.º 2545, 12 Setembro 1926, p. 5; *Civilização*, n.º 13, Julho, 1929, pp. 81-83.

\_\_\_\_\_, *Os Soldados de Chumbo*, *O Século*, n.º 19312, 19 Dezembro 1935, p. 9, «Pim Pam Pum».

- \_\_\_\_\_, *Os Tesouros da Pobreza, Modas & Bordados*, n.º 912, 31 Julho 1929, p. 9.
- \_\_\_\_\_, *Quando o Inverno Chegou, Civilização*, n.º 20, Fevereiro, 1930, pp. 76-78; *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 616, 23 Outubro 1928, p. 3.
- \_\_\_\_\_, *Renascer, Almanach Bertrand*, n.º 1932, pp. 147-150.
- \_\_\_\_\_, *S. Francisco de Assis, A Época*, n.º 2572, 10 Outubro 1926, p. 5.
- \_\_\_\_\_, *Surpresas do Carnaval, Civilização*, n.º 8, Fevereiro, 1929, pp. 73-75.
- \_\_\_\_\_, *Um Natal no Sertão, Magazine Bertrand*, n.º 36, Dezembro 1929, pp.93-99.
- \_\_\_\_\_, *Um Presente da Primavera, Civilização*, n.º 10, Abril, 1929, pp. 92-94.
- \_\_\_\_\_, *Um Presente do Menino Jesus, A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 684, 1 Janeiro 1929, p. 5.
- \_\_\_\_\_, *Uma Aventura de Antoninho, A Época*, n.º 2627, 5 Dezembro 1926, p. 5.
- \_\_\_\_\_, *Uma Aventura de Três Porquinhos, A Voz*, n.º 602, Suplemento «Semana Infantil», 9 Outubro 1928, p. 3.
- \_\_\_\_\_, *Uma Aventura, A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 87, 1 Maio 1927, p. 7.
- \_\_\_\_\_, *Uma História Verdadeira; A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 226, 20 Setembro 1927, p. 3.
- \_\_\_\_\_, *Uma Ideia Feliz, A Época*, n.º 2366, 14 Março 1926, p. 3.
- \_\_\_\_\_, *Uma Luta no Jardim, Civilização*, n.º 21, Março, 1930, pp. 76-78.
- \_\_\_\_\_, *Uma Panne, Magazine Bertrand*, n.º 31, Julho 1929, pp. 91-95.
- \_\_\_\_\_, *Uma Viagem à Lua, Civilização*, n.º 22, Abril, 1930, pp. 76-79.
- \_\_\_\_\_, *Uma Viagem de Aeroplano, Civilização*, n.º 9, Março, 1929, pp.73-75.
- \_\_\_\_\_, *Uma Visita ao Reino dos Bonitos, A Época*, n.º 2593, 31 Outubro 1926, p. 5.
- \_\_\_\_\_, *Vem aí o Menino Jesus, A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», n.º 87, 1 Maio 1927, p. 7.

#### 4. TRADUÇÕES

DANIEL CARDIGOS:

RODRIGUEZ, F. E., *A Escada de Ferro*, Lisboa, Ulisseia, [1960].

MARIA LAMAS:

ATHANASSIADIS, Tassos, *Dostoievski*, Lisboa, Ulisseia, 1962.

BAUM, L. Frank, *O Feiticeiro de Oz*, Lisboa, Editorial Progresso, s. d. ; Porto, Civilização, 1946, Lisboa, Círculo de Leitores, 1985.

BURNETT, Frances, *A Pequena Princesa*, Lisboa, Editorial Progresso, 1943; 1950.

BURNETT, Frances, *O Pequeno Lorde*, Lisboa, Casa do Livro, 1942.

DICKENS, Charles, *David Copperfield*, Lisboa, Casa do Livro Editora, 1941. Reeditado em 1955; 1959; 1979 e 1980.

*Estas Vozes que nos vêm do Mar: Depoimentos de Aviadores Suicidas Japoneses*, Lisboa, Ulisseia, 1960.

GARD, Roger Martin du, *Vencer!*, Lisboa, Arcádia, 1961; Lisboa, Círculo de Leitores, [1972].

HUGO, Victor, *Os Miseráveis*, Lisboa, Estampa, 1962.

PIRENNE, Jacques, *As Grandes Correntes da História Universal*, vol. VII. *De 1939 aos nossos Dias*, s. l., Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileiro, s. d., [1956].

PORTER, Eric, *Francisco Goya*, tradução de Maria Lamas, colecção Romance e Vida, Lisboa, Ulisseia, 1965.

SÉGUR, Condessa de, *A Pousada do Anjo da Guarda*, Lisboa, Editorial Progresso, [1940].

SÉGUR, Condessa de, *João que Chora, João que Ri*, Lisboa, Editorial Progresso, [1937]; 1939; Lisboa, Casa do Livro, 1943; 1951.

SÉGUR, Condessa de, *O General Dourakine*, Lisboa, Casa do Livro, 1941; 1955; 1959.

YOURCENAR, Marguerite, *Memórias de Adriano*, Lisboa, Ulisseia, 1ª edição, 1962; 2ª edição, 1983; 3ª edição, 1984, 4ª edição, 1985; 5ª edição, 1986; 6ª edição, 1988; 7ª edição, 1991; 8ª edição, 1992; 9ª edição, 1995; 10ª edição, 1997; 11ª edição, 1998; 12ª edição, 2000; 13ª edição, 2002; 14ª edição 2004.

ROSA SILVESTRE:

*A Cigana de Madrid*, (folhetim), *Correio da Manhã*, n.º 2003, 16 Dezembro 1929 a 2017, 1 Janeiro 1927.

*A Estrela e o Plátano*, *A Época*, n.º 2181, 23 Agosto 1925, p. 3.

*A Lâmpada Cor-de-rosa*, *A Época*, n.º 2153, 26 Julho 1925, p. 3.

CHERBULIEZ, Victor, *A Vingança*, (folhetim), *Correio da Manhã*, n.º 2044, 29 Janeiro 1927 a n.º 2120, 25 Junho 1927.

*Os Ovos Quebrados*, *A Época*, n.º 2312, 17 Janeiro 1926, p. 3.

*Pim pim! Conto do Natal*, *A Época*, n.º 2298, 3 Janeiro 1926, p. 3.

## 5. PREFÁCIOS DE MARIA LAMAS:

FALCÃO, Bernardete, *O Mar é que teve a Culpa*, Funchal, Ecos do Funchal, 1961.

JÚNIOR, Henrique Marques, *Aventuras Maravilhosas de um Príncipe e outros Contos*, Porto, Livraria Latina, 1942.

SILVEIRA, J. Fontana da, *Crianças Bem Fadadas*, Porto, Livraria Escolar Progredior, 1936.

## 6. DIRECÇÃO

*O Clube Joaninha*, n.º 2, 17 Fevereiro 1936 ao n.º 7, 27 Abril 1936.

*Correio das Raparigas* (Vera), *Mãos de Fada*, n.º 59, Maio 1950 ao n.º 67, Janeiro 1951, secções «Suplemento Literário» e «Jornal da Mulher».

*O Correio da Joaninha* (Tia Filomena), n.º 2, 17 Fevereiro 1936 ao n.º 24, 28 Dezembro 1936.

*O Correio da Joaninha* (Tia Filomena), *Modas & Bordados*, n.º 1300, 6 Janeiro 1937 ao n.º 1843, 4 Janeiro 1947.

*As 4 Estações*, 1949.

*Modas & Bordados*, 1929-1947.

*Mulheres*, Maria Lamas, 1978-1979.

*O Pintainho*, Rosa Silvestre, 1925.

## 7. OUTROS

LAMAS, Maria, AIRES, Cristovam e SEQUEIRA, Gustavo de Matos (org.), *Catálogo da Exposição da Obra Feminina Antiga e Moderna, de Carácter Literário, Artístico e Científico*, Lisboa, O Século, 1930.

\_\_\_\_\_, *Catálogo da Exposição de Livros Escritos por Mulheres*, Lisboa, Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1947.

\_\_\_\_\_, *Duas Conferências em Defesa da Paz: Maria Lamas e Teixeira de Pascoais*, Porto, Associação Feminina Portuguesa para a Paz, 1950, pp.11-30.

SILVESTRE, Rosa, «Dentro da vida: impressões e comentários», *Correio da Manhã*, n.º 2101, 6 Junho 1927, p. 1; n.º 2108, 13 Junho 1927, p. 1; n.º 2115, 20 Junho 1927, p. 1; n.º 2122, 27 Junho 1927, p. 1; n.º 2136, 11 Julho 1927, pp. 1 e 2.

## 8. REPORTAGENS/ARTIGOS/NOTÍCIAS/ENTREVISTAS

AYRE, Serrana d',

\_\_\_\_\_, «A alegria cristã», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 595, 1 Outubro 1928, pp. 1 e 6.

\_\_\_\_\_, «A beleza moral e a importância da maternidade», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 546, 12 Agosto 1928, pp. 1 e 2.

\_\_\_\_\_, «A benéfica influência da mulher nas horas da adversidade», *A Voz*, secção

\_\_\_\_\_, «Cartas às Mães», n.º 553, 20 Agosto 1928, pp. 1 e 6.

\_\_\_\_\_, «A boa disposição, segredo dos lares felizes», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 574, 10 Setembro 1928, pp. 1 e 6.

\_\_\_\_\_, «A bondade e a fraqueza», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 705, 23 Janeiro 1929, p. 3.

\_\_\_\_\_, «A dor sofrida cristãmente aproxima-nos de Deus», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 768, 29 Março 1929, pp. 1 e 6.

, \_\_\_\_\_ «A fragilidade das boas intenções», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 688, 16 Janeiro 1929, p. 5.

\_\_\_\_\_, «A literatura e as mulheres II», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 622, 29 Outubro 1928, p. 1 e 6.

\_\_\_\_\_, «A literatura e as mulheres», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 615, 22 Outubro 1928, p. 6

\_\_\_\_\_, «A mentira é um mal que urge combater», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 658, 5 Dezembro 1928, pp. 1 e 2.

\_\_\_\_\_, «A propósito de Antero de Quental», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 828, 30 Maio 1929, p. 3.

\_\_\_\_\_, «A suave beleza e o terno significado das festas de família», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 539, 6 Agosto 1928, p.1.

\_\_\_\_\_, «A vaidade, origem de muitos males», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 581, 17 Setembro 1928, pp. 1 e 6.

\_\_\_\_\_, «A vida simples», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 490, 18 Junho 1928, p. 6.

\_\_\_\_\_, «As relações perigosas e as que devemos conservar», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 560, 27 Agosto 1928, pp. 1 e 6.

\_\_\_\_\_, «Depois da falsa alegria da quadra carnavalesca, recordemos que a verdadeira alegria provém do espírito e não da matéria», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 729, 18 Fevereiro 1929, p. 1 e 6.

\_\_\_\_\_, «Eduquemos a mocidade na disciplina de Cristo», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 629, 5 Novembro 1928, pp. 1 e 6.

\_\_\_\_\_, «Não devem desprezar-se os pequenos defeitos», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 650, 26 Novembro 1928, pp. 1 e 6.

\_\_\_\_\_, «O amor do próximo», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 671, 18 Dezembro 1928, p. 3.

\_\_\_\_\_, «O casamento», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 497, 25 Junho 1928, p. 1.  
«O culto da verdade», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 636, 12 Novembro 1928, pp. 1 e 6.

\_\_\_\_\_, «O perigo da má leitura e a responsabilidade moral dos escritores», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 737, 26 Fevereiro 1929, p. 1.

\_\_\_\_\_, «O pudor da mulher», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 445, 4 Maio 1928, p. 1.

\_\_\_\_\_, «O que é a verdadeira beleza», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 601, 8 Outubro 1928, pp.1 e 2.

\_\_\_\_\_, «O veneno da ambição», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 469, 28 Maio 1928, p. 1.

\_\_\_\_\_, «Os cuidados maternos», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 567, 3 Setembro 1928, p. 1.

\_\_\_\_\_, «Os Dias de Provação», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 532, 30 Julho 1928, pp. 1 e 2.

\_\_\_\_\_, «Os lares cristãos são o mais forte sustentáculo da sociedade», *A Voz*, secção «Cartas às Noivas», n.º 757, 18 Março 1929, p. 1 e 2.

\_\_\_\_\_, «Os maus livros»; *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 462, 21 Maio 1928, p. 1.

\_\_\_\_\_, «Os perigos da ociosidade»; *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 485, 13 Junho 1928, p. 3.

\_\_\_\_\_, «Pensemos nos que sofrem», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 340, 16 Janeiro 1928, p. 3.

«Precisamos de saber envelhecer», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 716, 4 Fevereiro 1929, p. 1.

\_\_\_\_\_, «Saibamos ser cristãos», *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 590, 26 Setembro 1928, p. 3.

\_\_\_\_\_, «Um apelo»; *A Voz*, secção «Cartas às Mães», n.º 455, 14 Maio 1928, p. 1.

LAMAS, Maria,

«12 dias em Marrocos», *Modas & Bordados*, n.º 1402, 21 Dezembro 38, pp. 4-5; 1405, 11 Janeiro 1939, pp.5 e 16; n.º 1412, 1 Março 1939, p. 5 e 12.

\_\_\_\_\_, «A camponesa», *Eco do Funchal*, «Página da Mulher», n.º 1195, 25 Novembro 1951, s. p.

\_\_\_\_\_, «A liberdade de expressão», *República*, n.º 7315, 21 Abril 1951, p. 4.

\_\_\_\_\_, «A maravilha do Atlântico», *Modas & Bordados*, n.º 1175, 15 Agosto 1934, pp. 9 e 18.

\_\_\_\_\_, «A natureza da mulher», *República*, 13 Novembro 1972, p. III.

\_\_\_\_\_, «A passagem do ano na Madeira», *Modas & Bordados*, n.º 1356, 2 Fevereiro 1938, pp. 4-5.

\_\_\_\_\_, «Ao correr da pena...-Viver II», *Modas & Bordados*, n.º 1432, 19 Julho 1939, p. 4.



- \_\_\_\_\_, «Ao correr da pena...-Viver», *Modas & Bordados*, nº 1430, 5 de Julho 1939, p. 4.
- \_\_\_\_\_, «Apontamentos da excursão madeirense às Canárias», *Eco do Funchal*, n.º 1172, 6 Setembro 1951 ao n.º 1180, 4 Outubro 1951.
- \_\_\_\_\_, «As mulheres de Portugal» *Notícias da Amadora*, nº 549, 22, Janeiro, 1972, p. 4.
- \_\_\_\_\_, «Branca de Gonta Colaço», *Modas & Bordados*, nº 1743, 4 Julho 1945, p. 4.
- \_\_\_\_\_, «Crónica das Elegâncias», *Modas & Bordados*, nº 767, 20 Outubro 1926, p. 3.
- \_\_\_\_\_, «Divulgação musical, a obra notável de D. Ema Romero Santos Fonseca da Câmara Reys», *Modas & Bordados*, nº 1186, 31 de Outubro 1934, p. 6.
- \_\_\_\_\_, «Eva Curie passou em Lisboa», *Modas & Bordados*, n.º 1459, 24 Janeiro 1940, pp. 4-5.
- \_\_\_\_\_, «Exposição de Lima de Freitas em Paris», *Diário de Lisboa*, secção «Vida Literária e Artística», n.º 14916, 25 Junho 1964, pp. 17 e 22-23.
- \_\_\_\_\_, «Júlio Pomar expõe em Paris», *Diário de Lisboa*, secção «Vida Literária e Artística», n.º 14806, 5 Março 1964, pp. 20-21.
- \_\_\_\_\_, «Laura Chaves: Uma grande poetisa que se revelou compositora de extraordinário talento», *Modas & Bordados*, nº 1222, 10 Julho 1935, p. 6.
- \_\_\_\_\_, «Na Riviera», *Modas & Bordados*, nº 1179, 12 Setembro 1934, pp. 4-5 e 8.
- \_\_\_\_\_, «No meu regresso», *Correio dos Açores*, n.º 7966, 7 Agosto 1947, pp. 1 e 4.
- \_\_\_\_\_, «O Cruzeiro do Mediterrâneo», *O Século*, n.º 18830, 15 Agosto 1934, pp.1 e 5; n.º 18836, 21 Agosto 1934, pp. 1 e 4; n.º 18843, 28 Agosto 1934, pp. 2 e 8; n.º 18847, 1 Setembro 1934, pp. 2 e 8.
- \_\_\_\_\_, «O sentimento popular em Garrett», *República*, n.º 8614, 9 Dezembro 1954, p. 6.
- \_\_\_\_\_, «Ouvindo Jorge Reis num encontro em Paris», *Diário de Lisboa*, Suplemento «Vida Literária e Artística», n.º 14559, 27 Junho 1963, pp. 17 e 19.
- \_\_\_\_\_, «Para os nossos filhos lerem», *Modas & Bordados*, n.º 1195, 31 Dezembro 1934, p. 14.
- \_\_\_\_\_, «Pela paz e pela vida», *O Diário*, n.º 1962, 31 Maio 1981, p. 7.
- «Pintoras portuguesas: D. Alda Machado Santos», *Modas & Bordados*, nº 1215, 22 Maio 1935, pp. 8 e 21.
- \_\_\_\_\_, «Pintoras portuguesas: Eugénia Coelho», *Modas & Bordados*, nº 1219, 19 Junho 1935, pp. 5 e 16.

\_\_\_\_\_, «Pintoras portuguesas: Maria Adelaide Lima Cruz», *Modas & Bordados*, nº 1216, 29 Maio 1935, p. 4.

\_\_\_\_\_, «Salões Musicais: Em casa da Senhora D. Adelaide Lima Cruz», *Modas & Bordados*, nº 1133, 25 Outubro 1933, pp. 4 e 5.

\_\_\_\_\_, «Senhoras da província», *Modas & Bordados*, nº 1579, 13 Maio 1942, p. 4.

\_\_\_\_\_, «Ser bonita...» *Modas & Bordados*, nº 1673, 1 Março 1944, p. 3.

\_\_\_\_\_, «*Servidão*, romance por Assis Esperança», *Modas & Bordados*, nº 1818, 11 Dezembro 1946, p.4.

\_\_\_\_\_, «Um Livro notável *A Criança*, por Maria Montessori», *Modas & Bordados*, nº 1720, 24 Janeiro 1945, p. 4.

«Uma carta de Maria Lamas», *República*, «Rota», n.º 10 478, 29 Dezembro 1959, pp. 5 e 6.

\_\_\_\_\_, «Uma evocação: D. Madalena Machado Rebelo Arruda Bicudo de Medeiros», *Modas & Bordados*, nº 1625 de 31 de Março de 1943, p. 5.

\_\_\_\_\_, «Uma grande artista desconhecida - Virgínia Passos», *Modas & Bordados*, nº 1633, 26 Maio 1943, pp. 5 e 10; *Almanaque do Algarve*, n.º4, 1945, pp. 92-93.

\_\_\_\_\_, «Uma notável escultora algarvia, Rosalina de Passos», *Modas & Bordados*, nº 1730, 1 Abril 1945, p. 6.

\_\_\_\_\_, «Valores Novos: Maria Emília Cordeiro Venâncio», *Modas & Bordados*, nº 1224, 24 Julho 1935, p.10.

\_\_\_\_\_, «Variações sobre um tema eterno...», *Modas & Bordados*, n.º 1713, 6 Dezembro 1944, p. 3.

\_\_\_\_\_, «Visões da Madeira», *Modas & Bordados*, n.º 1238, 30 Outubro 1935, pp. 6-7.

\_\_\_\_\_, «Viver», *Modas & Bordados*, rubrica «Ao correr da pena...», n.º 1430, 5 Julho 1939, p. 4; n.º 1432, 19 Julho 1939, p. 4.

SILVESTRE, Rosa, «O que as mulheres portuguesas pensam umas das outras» (entrevistas conduzidas por Rosa Silvestre), *Civilização*, 11, Maio 1929, pp. 27-32; n.º 8, Fevereiro 1929, pp. 27-31.

TIA FILOMENA, «A campanha do fio de lã, Tia Filomena, *Modas & Bordados*, Lisboa, n.º 1700, 6 Setembro 1944, «Joaninha», p. 1.

VERA, «Queres ser feliz?», *Mãos de Fada*, n.º 59, Maio 1950, «Suplemento Literário», p. 5.

\_\_\_\_\_, «Uma Carta para ti, *Eco do Funchal*, n.º 1151, 24 Junho 1951 a n.º 1201, 16 Dezembro 1951.

## 9. ENTREVISTAS:

«A entrevista da semana: A escritora e poetisa Maria Lamas» (entrevista), *Século Ilustrado*, «Semana literária», n.º 314, 8 Janeiro 1944, p. 28.

«A escritora Maria Lamas partiu hoje para a Madeira onde vai colher elementos para um livro sobre a ilha» (entrevista), *República*, n.º 8844, 2 Agosto, 1955, p. 5.

«A ignorância e o abandono em que vive a mulher do povo, segundo a escritora Maria Lamas», (entrevista), *Diário de Lisboa*, n.º 9398, 27 Janeiro 1949, pp.1 e 3.

«A Madeira vista por intelectuais e artistas portugueses: Maria Lamas» (inquérito), *Eco do Funchal*, n.º 1191, 11 Novembro, 1951, pp. 1 e 6.

«A importância moral do jornalismo» (opinião), *República*, n.º 7309, 15 Abril 1951, pp. 1 e 4.

«A liberdade individual: reflexões de Maria Lamas» (entrevista), *República*, n.º 15076, 12 Março 1973, «Presença da Mulher», [pp. I e IV-V].

«A literatura infantil na formação da criança» ml, (entrevista), *República*, n.º 14871, 10 Julho 1972, «Presença da Mulher» pp. [I e II].

«A mulher e a paz» (entrevista), *Vida Mundial*, n.º 1783, 10 Agosto 1983, pp. 26-29.

«A mulher e o voto: o depoimento de D. Rosa Silvestre», *ABC*, n.º 544, 15 Janeiro 1931, p. 18.

«A mulher no mundo: Maria Lamas responde a um fogo cruzado de perguntas», *Diário de Lisboa*, 16935, n.º 13 Fevereiro 1970, pp. 6-8.

«A mulher portuguesa», *Mulher, Modas & Bordados* n.º 3321, 8 Outubro 1975, pp.14-15.

«A palavra a Maria Lamas», *Mulher, Modas & Bordados*, n.º 3321, 8 Outubro 1975, pp. 2-4.

«A paz é uma espécie de revolução» (entrevista), *Seara Nova*, n.º 1491, Janeiro 1969, pp. 26-30.

«A que atribui a crise do teatro? Como debelar essa crise?» (inquérito) *República*, n.º 7354, 31 Maio 1951.

«As mulheres portuguesas reconstituíram o seu Conselho Nacional que vai entrar em grande actividade» (entrevista), *Diário de Lisboa*, n.º 8236, 29 Outubro 1945, p. 7.

«As que lutaram (nos anos vinte) pela emancipação da mulher», *Eva*, n.º 1174, Maio 1971, pp. 14-17, 58, 74-76.

«Cinco minutos de palestra com a escritora Maria Lamas, peregrina da reportagem do trabalho feminino», *O Primeiro de Janeiro*, «Das Artes, das Letras», n.º 116, 28 Abril 1948, p. 3.

«Como sente o Natal?» (inquérito), *Mulheres*, n.º 20, Dezembro 1979, p. 24.

«Como vivem os nossos escritores» (entrevista), *Eva*, n.º 966, Julho 1952, pp. 24-25.

«Conversas com Maria Lamas: dois fragmentos de uma entrevista inédita» (entrevista), *Diário Popular*, n.º 11932, 14 Maio 1976, p. [I, IV e V].

«Dá licença, minha senhora?» (inquérito), *República*, n.º 7438, 24 Agosto 1951, pp. 6-7.

«Da literatura feminina: o que nos confessou Maria Lamas» (entrevista), *Cartaz*, n.º 4, Jun-Jul, 1936, pp.12-13.

«Décadas de luta contra o fascismo e a condição da mulher» (entrevista), *A Capital*, n.º 2830, 24 Maio 1976, p. 7.

«Dez minutos com Maria Lamas» (entrevista), *Diário de Lisboa*, n.º 4543, 12 Julho 1935, «Suplemento Literário», p. 3.

«Durante a sua visita à China Maria Lamas ajudou a traduzir (em 1957) “Os Lusíadas” para chinês» (entrevista), *República*, n.º 15134, 19 Maio 1973, p. 13.

«Enquanto uma só mulher for escrava o homem não terá liberdade» (entrevista), *Flama*, n.º 1326, 3 Agosto 1973, pp. 50-53.

«Entrevista com Maria Lamas», *Boletim da Comissão Nacional da Paz*, Maio, 1954, pp. 1, 5-6 e 8.

«Entrevista com Maria Lamas», *A Capital*, n.º 700, 3 Fevereiro, 1970, pp. 1 e 5.

«Há uma coisa que vai transformar o mundo: é o desaparecimento das classes» (entrevista) *Flama*, n.º 1472, Maio 1976, pp. 14-17.

«Inquérito às mulheres portuguesas: fala a escritora Maria Lamas», *O Diabo*, n.º 76, 8 Dezembro 1935, p. 4.

«Já se encontra em Lisboa a escritora Maria Lamas» (conversa), *Diário de Lisboa*, n.º 16869, 6 Dezembro 1969, p. 24.

«Maria Lamas - revolução de rosto humano» (entrevista), *Modas & Bordados*, n.º 3251, 5 Junho 1974, pp. 2-5 e 52.

«Não há problemas de homens ou de mulheres, há problemas humanos» (entrevista), *República*, n.º 14050, 10 Março 1970, pp. 1 e 14.

«No mundo dos pequenitos» (entrevista), *Diário do Minho*, n.º 6491, 19 Fevereiro 1941, pp. 1 e 4.

«O Concelho de Nordeste visto por Maria Lamas» (entrevista), *Açores*, 13 Agosto 1947.

«O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas: Maria Lamas em entrevista exclusiva» (entrevista), *Escritório*, n.º 64, Fev.-Mar., 1973, pp.8-12.

«O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas» (entrevista), *A Província de Angola*, n.º 6220, 12 Abril 1946, p. 1.

«Os Avós gostam mais dos netos?» (inquérito), *Eva*, n.º 949, Fevereiro 1951, p. 23.

«Tenho ainda tanto para dizer...» (entrevista), *O Jornal*, n.º 55, 14 a 20 Maio 1976, p. 24.

«Uma exposição de livros escritos por mulheres: diálogo com a escritora Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lamas», *O Primeiro de Janeiro*, n.º 292, 24 Outubro 1945, p. 3, secção «Das Artes, das Letras».

«Uma mulher, “O Século” e as mulheres» (entrevista), *O Século*, n.º 32 583, 5 Janeiro 1973, p. 11, Suplemento Especial.

## BIBLIOGRAFIA PASSIVA

### 1.OBRAS DE REFERÊNCIA

*A “Frente Anti-fascista” da Candidatura de Norton de Matos em 1949*, Serviços Centrais da Candidatura do General Norton de Matos (org.), Lisboa, s. e.; 1976.

*A Igualdade de Género em Portugal*, Lisboa, CIDM/Presidência do Conselho de Ministros, 2004, pp. 19-34.

AA.VV., *1º Encontro de História da Educação em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

- AA.VV., *A Mulher e o Ensino Superior, a Investigação Científica e as Novas Tecnologias em Portugal*, Lisboa, Comissão da Condição Feminina, 1987.
- AA.VV., *A Mulher na Sociedade Contemporânea*, Lisboa, Prelo, 1969.
- AA.VV., *A Mulher na Sociedade Portuguesa. Actas do Colóquio*, Coimbra, Faculdade de Letras-Instituto de História Económica e Social, 1986.
- AA.VV., *Actas do Seminário - Construir a Igualdade*, Lisboa, CIDM, 1993.
- AA.VV., *Coeducação: do Princípio ao Desenvolvimento de uma Prática*, Lisboa, CIDM/Gabinete da Ministra para a Igualdade, 1999.
- AA.VV., *Em Busca de uma Pedagogia da Igualdade*, Lisboa, CIDM, 1995.
- AA.VV., *Estudos sobre as Mulheres em Portugal*, Lisboa, CIDM, 1993.
- AA.VV., *Igualdade de Oportunidades e Educação – Formação de Docentes*, Lisboa, Universidade Aberta/Educação, Formação, Juventude/CIDM, 1997.
- AA.VV., *Indicadores para a Igualdade – Uma Proposta Inadiável*, Lisboa, CIDM, 1997.
- AA.VV., *Rosa Cor de Azul – Projecto «Em Busca de uma Pedagogia da Igualdade»*, Lisboa, CIDM, 1995.
- AA.VV., *Seminário de Estudos sobre a Mulher*, Lisboa, Comissão da Condição Feminina, Boletim n.º 1-2, 1984.
- AA.VV., *O Livro Negro do Comunismo*, Lisboa, Quetzal Editores, 1999.
- AA.VV., *Portugal na Segunda Guerra Mundial*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989.
- ADÃO, Áurea, *O Estatuto Socioprofissional do Professor em Portugal (1901-1951)*, Oeiras, Instituto Gulbenkian da Ciência, 1984.
- ADÃO, Áurea, *A Criação e Instalação dos Primeiros Liceus Portugueses. Organização Administrativa e Pedagógica (1836-1860). Contribuição Monográfica*, Oeiras, Instituto Gulbenkian de Ciência, 1982.
- AGOSTINHO, José, *A Mulher em Portugal*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1908.
- ALBISTUR, Maité e ARMOGATHE, Daniel, *Histoire du Féminisme Français*, 2 vols., Paris, Éditions des Femmes, 1977.
- ALMEIDA, Ana Nunes de, *Bibliografia sobre a Família e a Mulher no Portugal do Século XX*, Lisboa, ICS, 1987.
- ALMEIDA, Ana Nunes de «As mulheres e as ciências sociais, os sujeitos e os objectos de investigação» in *Análise Social*, Lisboa, vol. XXIX, n.º 94, 1986, pp. 979-985.

ALMEIDA, Ana Nunes de, «Mulheres e famílias operárias: a “esposa doméstica”», *Análise Social*, vol. XXVIII, n.º120, 1993, (1.º), pp. 105-132.

ALMEIDA, Pedro Ramos de, *História do Colonialismo Português em África*, Lisboa, Estampa, 1979, pp. 53-60.

ALMEIDA, Virgínia de Castro e, *A Mulher: História da Mulher. A Mulher Moderna. Educação*, Lisboa, Livraria Clássica, 1913.

ALMEIDA, Virgínia de Castro e, *Como Devemos Criar e Educar os Nossos Filhos*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1908.

ÁLVAREZ, Ana, *O Feminismo Ontem e Hoje*, Lisboa, Ela por Ela, 2002.

ALVES, Luísa Vian, *Quem foi Maria Ulrich*, Terracitas, Coimbra, s. d.

ALVES, Maria Clara Ferreira Alves, *Féminisme (toujours et encore)*, Lisboa, Imprensa Manuel Lucas Torres, s. d.

ALVIM, Maria Helena Vilas-Boas e, «Em busca da “palavra” feminina na História», in ALVIM, Maria Helena Vilas-Boas e, COVA, Anne e MEA, Elvira Cunha de Azevedo (org.), *Em Torno da História das Mulheres*, Colecção de Estudos Pós Graduados, Lisboa, CEMRI/UA, 2002.

ALVIM, Maria Helena Vilas-Boas e, «Rostos Femininos da Primeira República», in ALVIM, Maria Helena Vilas-Boas e COVA, Anne (org.), *Mulheres, História e Sociedades -Linhas de Investigação nos Finais do Século XX*, Colecção de Estudos Pós Graduados, Lisboa CEMRI, UA, 2001.

AMÂNCIO, Lígia, *Masculino e Feminino-A Construção Social da Diferença*, Porto, Afrontamento, 1994.

AMÂNCIO, Lígia, «O Género na Psicologia Social em Portugal: perspectivas actuais e desenvolvimentos futuros», *A Construção dos Estudos sobre Mulheres, Ex-Aequo*, vol. 6, Lisboa, APEM/Celta, 2002, pp.56-75.

AMÂNCIO, Lígia, «O Género no discurso das Ciências Sociais», *Análise Social*, vol. XXXVIII, n.º 168, 2003, pp. 687-714.

ANDRADE, Adriano da Guerra, *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1999.

ANDRADE, António Alberto Banha de, *Contributos para a História da Mentalidade Pedagógica Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

*Anuário Artístico e Literário de Portugal*, Lisboa, Agência UPI, 1948.

*Anuários Estatísticos de Portugal*, Lisboa, I.N.E., 1907-1930.

ARAÚJO, Helena Costa – *Pioneiras na Educação: as Professoras Primárias na Viragem do Século: Contextos, Percursos e Experiências, 1870-1933*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 2000.

ARAÚJO, Helena Costa, «As Professoras Primárias na Viragem do Século: Uma Contribuição para a História da sua Emergência no Estado (1870-1910)» in *Organização e Trabalho*, n.º 5/6, 1992, pp. 127-139.

ARENDT, Hanna, *A Condição Humana*, Lisboa, Relógio d' Água, 2000, pp. 235-236.

ARRIAGA, Lopes, *Mocidade Portuguesa. Breve História de uma Organização Salazarista*, Lisboa, Terra Livre, 1976.

*As Mulheres na União Europeia-Família, Cidadania e Migração*, BARRADAS, Ana (tradução) Lisboa, Ela por Ela, 2006.

AZEVEDO, João Ayres de, *Estudos Feministas I – A Mulher*, Coimbra, Livraria Académica João de Moura Marques, 1905.

BADINTER, Elisabeth, *O Amor Incerto – História do Amor Maternal do Século XVII ao Século XX*, Lisboa, Relógio d' Água, 1985.

BAPTISTA, António Alçada, *Fundação Ricardo de Espírito Santos Silva, Museu – Escola de Artes Decorativas*, Lisboa, Quetzal Editores, 1988, p.69.

BAPTISTA, Virgínia do Rosário, *As Mulheres no Mercado de Trabalho em Portugal: Representações e Quotidiano (1890-1940)*, Lisboa, ONG do Conselho Consultivo da CIDM, 1999.

BARBOSA, Manuel, *Júlio Cabral – Autobiografia Epistolar*, Ribeira Grande, s. e., 1984, p. 17.

BARRADAS, Ana, *Dicionário de Mulheres Rebeldes*, Lisboa, Ela por Ela, 2006.

BARRADAS, Ana, *Dicionário Incompleto de Mulheres Rebeldes*, Lisboa, Edições Antígona, 1998.

BARRADAS, Ana, *Direitos da Mulher e da Cidadã. Textos Fundadores do Feminismo*, Lisboa, Ela por Ela, 2002.

BARREIRA, Cecília, *História das Nossas Avós. Retrato da Burguesa em Lisboa: 1890-1930*, Lisboa, Colibri, 1992.

BARREIRO, Abílio, *O Feminismo (Principalmente no Ponto de Vista do Ensino Secundário)*, Porto, Tipografia da Empresa Literária e Tipográfica, 1912, pp. 11-75.

BARRENO, Isabel, *O Falso Neutro: Um Estudo sobre Discriminação Sexual no Ensino*, Lisboa, Instituto para o Desenvolvimento, 1985.



- BARRETO, António e MÓNICA, Maria Filomena (coord.), *Dicionário de História de Portugal*, vol.s VII e VIII, Porto, Livraria Figueirinhas, 1999.
- BARRETO, António Garcia Barreto, *Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa*, Coleção Campo da Literatura/Ensaio, Porto, Campo das Letras, 2002, pp. 287-288; 418.
- BARROS, Teresa Leitão de, *Escritoras de Portugal*, vol. I, Lisboa, s. e. , 1924.
- BARROSO, João, *Os Liceus. Organização Pedagógica e Administração (1836-1960)*, 2 volumes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/JNICT, 1995.
- BELEZA, Maria dos Prazeres, *A Mulher no Mundo de Hoje*, Lisboa, s. e. , 1969.
- BELL, Daniel, *The Cultural Contradictions of Capitalism*, Londres, Heinemann, 1979, 2.<sup>a</sup> edição, p. 36.
- BELL, Judith, *Como Realizar um Projecto de Investigação*, Lisboa, Gradiva, 1997.
- BELO, Maria e outros «O Estado Novo e as Mulheres», in *O Estado Novo das Origens ao Fim da Autarcia, 1926-1959, Colóquio-Lisboa*, vol. II, Fragmentos, 1987, pp. 263-279.
- BESSE, Graciete, *Percursos no Feminino*, Lisboa, Ulmeiro, 2001, pp. 20- 23.
- BIVAR, Maria de Fátima, *Ensino Primário e Ideologia*, Lisboa, Seara Nova, 1975.
- BLACKBURN, Simon, *Dicionário de Filosofia*, Lisboa, Gradiva, 1997, p. 95.
- BLOCKEEL, Francesca, *Literatura Juvenil Portuguesa Contemporânea: Identidade e Alteridade*, Lisboa, Caminho, 2001.
- BOCK, Gisela, «História, história das mulheres, história do género», *Penélope, Fazer e Desfazer História*, 4, Lisboa, 1989, pp. 1-23, 158.
- BRAGA, Maria Ondina, *Mulheres Escritoras (da Biografia no Texto ao Texto da Biografia)*, Amadora, Livraria Bertrand, 1980.
- BRANDÃO, Fernando de Castro, *A I República Portuguesa – Uma Cronologia*, Lisboa, Livros Horizonte, 1991.
- BRASÃO, Inês Paulo, *Dons e Disciplinas do Corpo Feminino: Os Discursos sobre o Corpo na História do Estado Novo*, Lisboa, ONG do Conselho Consultivo da CIDM, 1999.
- BRAZÃO, Arnaldo, *Primeiro Congresso Feminista e de Educação*, Lisboa, Edições Spartacus, 1912.
- BRUNO, José Pereira de Sampaio, *A Ditadura. Subsídios Morais para o seu Juízo Crítico*, Lisboa, Rolim, 1987.

BRUNO, José Pereira de Sampaio, *Os Modernos Publicistas Portugueses*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1983.

BUESCU, Helena Carvalhão, *Dicionário do Romantismo Literário Português*, Lisboa, Caminho, 1997.

CABETE, Adelaide, *O Congresso Internacional Feminista de Roma (Relatório da Delegada Oficial do Governo Português)*, Lisboa, Oficinas Gráficas do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, 1923.

CABETE, Adelaide, *O Ensino Doméstico em Portugal*, Lisboa, Tipografia da Cooperativa Militar, 1923.

CAIEL, *O que deve ser a Instrução Secundária da Mulher?*, Lisboa, Typographia e Stereotypia Moderna, 1892.

CAMPOS, Agostinho de, *Educar na Família, na Escola e na Vida*, Lisboa, Livraria Aiullaud & Bertrand, 1919.

CARDONA, Maria João, *O Estado e a Educação*, Cadernos do Público, 1996.

CARDOSO, Nuno Catarino, *Poetisas Portuguesas*, Lisboa, Imprensa Manuel Lucas Torres, 1917.

CARMO, Isabel do e AMÂNCIO, Lúcia, *Vozes Insubmissas. A História das Mulheres e dos Homens que Lutaram pela Igualdade dos Sexos quando Era Crime Fazê-lo*, Lisboa, Dom Quixote, 2004.

CARREIRA, Medina, *O Estado e a Educação*, Cadernos do Público, 1996.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de, *Cartas a Luíza (Moral, Educação, Costumes)*, 3ª edição, Porto, Editora Educação Nacional, 1938.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de, *Mulheres e Criações (Notas sobre Educação)*, 2ª edição, Porto, Empreza Litteraria e Typographica-Editora, 1887.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de, *A Arte de Viver na Sociedade*, Lisboa, Livraria António Maria Pereira, 1895.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de, *Alguns Homens do meu Tempo*, Lisboa, Tavares Cardoso & Irmão, 1889.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de, *As Nossas Filhas. Cartas às Mães*, 2ª ed., Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1906.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de, *Mulheres e Educação*, Porto, Educação Nacional, 1938.

CARVALHO, Rómulo de, *História do Ensino em Portugal- Desde a Fundação da Nacionalidade até ao fim do Regime de Salazar - Caetano*, 2ª edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

CASTRO, Augusto de, *Sexo 33 ou a Revolução da Mulher*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1933.

CASTRO, Aurora Teixeira de, *Semeando....*, Lisboa, Empresa Literária Fluminense, 1927.

CASTRO, Zília Osório de e ESTEVES, João, *Dicionário no Feminino (Séculos XIX-XX)*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005.

CATROGA, Fernando, *Memória, História e Historiografia*, Coimbra, Quarteto, 2001.

CEIA, Carlos, *Normas para Apresentação de Trabalhos Científicos*, 3ª edição, Lisboa, Editorial Presença, 2000.

CLÉMENT, Elisabeth, DEMONQUE, Chantal, HANSEN-LOVE, Laurence e KAHN, Pierre, *Dicionário Prático de Filosofia*, Lisboa, Terramar, 1997, p. 81.

COMBES, Paulo, *O Livro da Dona de Casa*, Biblioteca de Educação Feminina, II volume da colecção, 3ª edição, Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1921.

CÓNIM, Custódio, *Portugal e a sua População*, 2 volumes, Lisboa, Publicações Alfa, 1990, p. 187.

COSTA, Adélia, *Representações Sociais de Homens e Mulheres*, Lisboa, CIDM/Cadernos Condição Feminina, n.º 34, 1992.

COSTA, D. António da, *A Instrução Nacional*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1870.

COSTA, D. António da, *A Mulher em Portugal*, Lisboa, Livraria Férrin, 1893.

COSTA, Emília de Sousa, *Economia Doméstica*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1918.

COSTA, Emília de Sousa, *A Mulher Educadora*, Lisboa, Edições Universo, s. d.

COSTA, Emília de Sousa, *A Mulher. Educação Infantil*, Rio de Janeiro, Álvaro Pinto Editor, 1923.

COSTA, Emília de Sousa, *Ideias Antigas de Mulher Moderna*, Braga, Livraria Cruz, 1923.

COSTA, Emílio, *As Mulheres e o Feminismo*, Lisboa, Separata da «Seara Nova», 1928, pp. 33-97.

COSTA, Fernando Marques da, *A Maçonaria Feminina*, Lisboa, Editorial Vega, s. d.

COSTA, Fernando Marques, *Mulheres, Elites e Igualitarismo na 1ª República*, separata de «A mulher na sociedade portuguesa», actas do colóquio, Coimbra 20 a 22 de Março de 1985, Coimbra, Coimbra Editora, 1985.

COVA, Anne «Escrever a história das mulheres», *Actas dos V Cursos Internacionais de Verão de Cascais*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1999, p. 119.

COVA, Anne, «As Historiadoras. Alguns apontamentos sobre a história das mulheres e os estudos sobre mulheres», *Mulheres Século XX. 101 Livros*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2001, pp. 25-30.

COVA, Anne, «Balanço historiográfico da história das mulheres: o século XX», in ALVIM, Maria Helena Vilas-Boas, COVA, Anne (organização), *Mulheres, História e Sociedades. Linhas de Investigação nos Finais do Século XX*, Coleção de Estudos Pós-Graduados Lisboa, Universidade Aberta, 2001, pp. 107-117.

COVA, Anne, «O conceito de feminismo numa perspectiva histórica», in SILVA, Maria Beatriz NIZZA DA, COVA, Anne (organização), *Estudos sobre as Mulheres*, Coleção de Estudos Pós-Graduados, Lisboa, Universidade Aberta, 1998, pp.157-176.

COVA, Anne, *História Comparada das Mulheres*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008, p. 23.

COVA, Anne, *Maternité et Droits des Femmes en France (XIX-XX siècles)*, Paris Anthropos, 1997.

COVA, Anne, PINTO, António Costa, «O Salazarismo e as mulheres. Uma abordagem comparativa», *Penélope*, n.º 17, pp. 71-94.

COVA, Anne, SILVA, Maria Beatriz NIZZA DA, *As Mulheres e o Estado*, Coleção de Estudos Pós-Graduados Lisboa, Universidade Aberta, 1999.

CRUZ, Manuel Braga da *et alli*, «A situação do professor em Portugal», *Análise Social*, Lisboa, I.C.S., 1988, vol. XXIV, n.ºs 103-104, pp. 1187-1293.

CRUZ, Maria Alfreda e CARVALHO, Maria Manuela, *Mulheres em Movimento, O Feminismo no Questionamento Actual*, Lisboa, Ela por Ela, 2004.

CUNHA, Pedro José da, *A Educação da Mulher*, Lisboa, Sociedade de Estudos Pedagógicos, 1934.

CUTILEIRO, José, *Ricos e Pobres em Portugal*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1977.

D'ARCOS, Joaquim Paço, *Ana Paula*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1938.

D'ARCOS, Joaquim Paço, *O Caminho da Culpa*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1945.

DACOSTA, Luísa, «Literatura de autoria feminina» in LOPES, Óscar, *História Ilustrada das Grandes Literaturas*, vol. VIII, Lisboa, Editorial Estúdios Cor, 1973, pp. 534-541.

*Dicionário de Educadores Portugueses*, NÉVOA, António (dir.), Porto, Edições Asa, 2003.

*Dicionário de História de Portugal*, SERRÃO, Joel (dir.), 4 vols., Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1961-71.

*Dicionário Ilustrado de História de Portugal*, PEREIRA, José Costa (coord.), 2 vols., Lisboa, Alfa, 1987.

*Dictionnaire du Féminisme*, HIRATA, Helena, LE DOARÉ, Hélène e SÉNOTIER, Danielle (coord.), Paris PUF, 2000.

DINIS, M. Clementina, Portugal. *20 Anos de Democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 496-502.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle (dir.), *História das Mulheres*, 5 vols, Porto, Afrontamento, [1993].

DUBY, Georges e PERROT, Michelle, *As Mulheres e a História*, Lisboa, Afrontamento, 1995.

*Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, 18 vols., Lisboa, Verbo, 1963-76.

*Estatísticas da Educação (1940-1971)*, Lisboa, I.N.E.

ESTEVES, João, «O Movimento Sufragista em Portugal na 1ª metade do século XX (1896-1947)», in *A Mulher na História. Actas dos Colóquios sobre a Temática da Mulher (1999-2000)*, Moita, Ed. CMM, 2001, pp. 239-260.

ESTEVES, João, «Os anos 20 : a afirmação de uma nova geração de feministas», in *O Longo Caminho das Mulheres. Feminismos 80 Anos depois*, Lisboa, Dom Quixote, 2007, pp. 77-89.

ESTEVES, João, *A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas. Uma Organização Política e Feminista (1909 – 1919)*, Lisboa, ONG do Conselho Consultivo da CIDM, 1991.

FARIA, Américo, *Dez Mulheres na Literatura*, colecção 10, XXVI, Porto, Livraria Clássica Editora, 1956, p. 68.

FERNANDES, Ernesto «Elementos para uma cronologia do Serviço Social em Portugal», *Intervenção Social*, n.ºs 2-3, pp. 143-148.

FERNANDES, João Viegas, *A Escola e a Desigualdade Sexual*, Lisboa, Livros Horizonte, 1987.

FERNANDES, Rogério, *Bernardino Machado e os Problemas da Instrução Pública*, Lisboa, Livros do Brasil, 1985.

FERNANDES, Rogério, *João de Barros-Educador Republicano*, Lisboa, Livros Horizonte, Lisboa, s. d., p. 24.

FERNANDES, Rogério, *O Pensamento Pedagógico em Portugal*, Col. «Biblioteca Breve», Lisboa, Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, 1978.

FERREIRA, Ana Paula (org.), *A Urgência de Contar. Contos de Mulheres dos Anos 40*, Lisboa, Editorial Caminho, 2002, p. 19.

FERREIRA, Cândida Florinda, *A Mulher Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Edição da Autora, 1935, p. 15.

FERREIRA, Eugénio Monteiro (introdução e notas), *Cartas de Maria Lamas*, Porto, Campo das Letras, 2004.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (org.), *O que os Filósofos Pensam sobre as Mulheres*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 1998.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (org.), *Pensar no Feminino*, Lisboa, Edições Colibri, Lisboa, 2001.

FERREIRA, Virgínia, «A Construção de um Novo Campo Científico», *A Construção dos Estudos sobre Mulheres. Ex-Aequo* vol. 5, Lisboa, APEM/ CELTA, 2001, pp. 9-25.

FIADEIRO, Maria Antónia, «Inquéritos Feministas nos anos 30 em Portugal : uma cronologia anotada», in *Desafios da Comparação-Família, Mulheres e Género em Portugal e no Brasil*, COVA, Anne, RAMOS, Natália, JOAQUIM, Teresa (org.), Oeiras, Celta, 2004, pp. 119-132.

FIADEIRO, Maria Antónia, «As mulheres do meu país (1948-1950) – uma monumental reportagem» in ALVIM, Maria Helena Vilas-Boas, COVA, Anne e MEA, Elvira Cunha de Azevedo (org.), *Em Torno da História das Mulheres* Lisboa, Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI) /Universidade Aberta, 2002, pp. 309-336.

FIGUEIREDO, Pais de, *O Elogio do Amor*, Porto, Tipografia Sequeira, 1931.

FONSECA, José Paulo, *Representações Femininas nos Manuais Escolares*, Lisboa, CIDM, 1994.

FRANCO, Graça, *A Censura à Imprensa (1820-1974)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

GODINHO, José Magalhães, *Pedaços de uma Vida*, Lisboa, Pégaso, 1992.

GOMES, Joaquim Ferreira, «As Primeiras mulheres que frequentaram a Universidade de Coimbra (1891-1910)» in *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Livraria Almedina, 1977.

GOMES, Joaquim Ferreira, *A Educação Infantil em Portugal*, Coimbra, Livraria Almedina, 1977.

GOMES, Joaquim Ferreira, *A Mulher na Universidade de Coimbra*, Coimbra, Livraria Almedina, 1987.

GOMES, José António, *Literatura para Crianças e Jovens: Alguns Percursos*, Lisboa, Caminho, 1991.

GOMES, José António, *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*, Lisboa, Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, 1997.

GONÇALVES, Artur, *Anais Torrejanos*, Torres Novas, Companhia Editora do Minho, 1939, pp. 150-151.

GORJÃO, Vanda, *Mulheres em Tempos Sombrios. Oposição Feminina ao Estado Novo*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

GORJÃO, Vanda, *O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas e o Nacionalismo*, Lisboa, ISCTE, 1992.

*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXIV, Lisboa, Editorial Enciclopédia, s. d., pp. 605-606.

GUIMARÃES, Elina, *Sete Décadas de Feminismo*, Lisboa, CIDM, 1991.

GUIMARÃES, Maria Alice Pinto, *Saberes, Modas & Pó-de-Arroz: Modas & Bordados, Vida Feminina (1933-1955)*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008.

GUINOTE, Paulo, «Práticas Femininas de Leitura e Escrita em Portugal no Primeiro Terço do Século XX» in *Leitura e Escrita em Portugal e no Brasil (1500 – 1970)*, Porto, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1998, vol. II, pp. 577-610.

GUINOTE, Paulo, *Quotidianos Femininos (1910 – 1933)*, Lisboa, ONG do Conselho Consultivo da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 2 volumes, 1997.

*Instruções sobre Literatura Infantil*, Direcção dos Serviços de Censura (org.), Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa.

JOAQUIM, Teresa, *Menina e Moça. A Construção Social da Feminilidade (Séculos XVII-XIX)*, Lisboa, Fim de Século, 1997.

LACLOS, Choderlos, *Da Educação das Mulheres*, Lisboa, Antígona, 2002.

LAPA, Albino, *Dicionário de Pseudónimos*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980.

LE GOFF, Jacques, *História e Memória*, Coleção Lugar da História, I Volume, Lisboa, Edições 70, 2000, p. 11.

LEAL, Maria Ivone Leal, *Um Século de Periódicos Femininos. Arrolamento de Periódicos entre 1807 e 1926*, Lisboa, CIDM, 1992.

LE MOS, Ester de, «Literatura Infantil», in COELHO, Jacinto do Prado (dir.), *Dicionário de Literatura*, 2º volume, 3ª edição, Porto, Figueirinhas 1984, pp. 468-470.

LE MOS, Ester de, *A Literatura Infantil em Portugal*, Lisboa, Ministério da Educação Nacional, 1972, p. 6.

LIPOVETSKY, Gilles, *A Terceira Mulher, Permanência e Revelação do Feminino*, tradução de Maria João Batalha Reis, Lisboa, Instituto Piaget, 2000.

LOPES, Ana Maria Costa Lopes, *Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos, Percursos de Modernidade*, Lisboa, Quimera, 2005.

LOPES, Ana Maria Costa, *O Conto Regional na Imprensa Periódica de 1875 a 1930*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 1989, p. 9.

LUCCI, Eduardo Schwalbach, *A Mulher Portuguesa*, Porto, Livraria Chardron, 1916.

MACHADO, Bernardino, *O Ensino Primário e Secundário*, Coimbra, Typ. França Amado, 1899.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de, «Escrita de Mulheres», in *Actas do Colóquio Escrita de Mulheres*, MINGOCHO, Maria Teresa Delgado (coord.), Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/ CIEG, 2005, p. 9.

MAGALHÃES, Maria José, *Movimento Feminista e Educação. Portugal, Décadas de 70 e 80*, Oeiras, Celta Editora, 1998.

*Maria Lamas 1893-1983*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1993.

*Maria Lamas, Vida e Obra*, Almada, Biblioteca da Câmara Municipal de Almada, 1984.

MARQUES, A. H. de Oliveira, *Portugal da Monarquia para a República*, Lisboa, Presença, 1991.

MARQUES, A. H. Oliveira (coord.), *Nova História de Portugal, Portugal da Monarquia para a República*, vol. XI, Lisboa, Editorial Presença, 1991, pp. 476-477.



- MARQUES, Oliveira A. H. de, *Dicionário da Maçonaria Portuguesa*, 2 vols., Lisboa, Delta, 1986.
- MARQUES, Oliveira A. H. de, *Guia de História da 1ª República Portuguesa*, Lisboa, Estampa, 1981.
- MARQUES, Oliveira A. H. de, *História de Portugal*, vol. III, Lisboa, Palas Editora, 1986.
- MARQUES, Regina (org.), *A Memória, a Obra e o Pensamento de Maria Lamas*, Lisboa, Edições Colibri/Movimento Democrático de Mulheres, 2008.
- MARTELO, Maria de Jesus, *A Escola e a Construção da Identidade das Raparigas - O Exemplo dos Manuais Escolares*, Lisboa, C.I.D.M., 1999.
- MARTINS, Fernando, «Historiografia, biografia e ética», *Análise Social*, vol. XXXIX, n.º 171, 2004.
- MARTINS, Rocha, *Pequena História da Imprensa Portuguesa*, Lisboa, Inquérito, 1941.
- MATLÁRY, Janne Haaland, *Para um Novo Feminismo*, Cascais, Principia, 2002.
- MATOS, Norton de, *Memórias e Trabalhos da minha Vida*, vols I e II, Lisboa, Editora Marítimo Colonial, 1944.
- MAURÍCIO, Maria José, *Mulheres e Cidadania: Alguns Perfis e Acção Política*, Lisboa, Caminho, 2005.
- MELLO, Carlos de, *O Escândalo do Feminismo*, Lisboa, «A Editora», 1910.
- MELO, Rose Nery Nobre, *Mulheres Portuguesas na Resistência*, Lisboa, Seara Nova, 1975.
- MINGOCHO, Maria Teresa Delgado (coord.), *Actas do Colóquio “Escrita de Mulheres”*, Coimbra, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Abril 2004, Cadernos do CIEG, n.º 19, 2005.
- MOIGÉNIE<sup>1413</sup>, Victor, *A Mulher em Portugal - Cartas dum Estrangeiro*, Porto, Casa Editora de A. Figueirinhas, 1924.
- MÓNICA, Maria Filomena, *Análise Social*, vol. XXXVI, n.º 160, Outono de 2001, pp. 603-604.
- MÓNICA, Maria Filomena, *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar*, Lisboa, Presença, 1978, pp. 80-81.
- MÓNICA, Maria Filomena, *Escola e Classes Sociais (Antologia)*, Lisboa, Presença/GIS, 1981.

---

<sup>1413</sup> Venderam-se em Portugal 5000 exemplares e este autor escreveu também *O Homem em Portugal*.

- MONTEIRO, Natividade, *Maria Veleda (1871-1955)*, Lisboa, CIDM, 2004.
- NASH, Mary, *As Mulheres no Mundo. História, Desafios e Movimentos*, tradução de Liliana Roma Pereira, Vila Nova de Gaia, Ausência, 2004.
- NEVES, Helena e CALADO, Maria, *O Estado Novo e as Mulheres. O Género como Investimento Ideológico e de mobilização*, Lisboa, CML/ Biblioteca Museu República e Resistência, 2001.
- NEVES, Helena, *Mulheres de um Tempo ainda Presente*, Amadora, Orion, 1975.
- NEVES, Helena, *O Problema Feminino e a Questão Social*, Lisboa, Prelo, 1973.
- NEVES, Helena, *Para a História dos Movimentos das Mulheres em Portugal*, Lisboa, MDM, 1996.
- NEVES, Mário, *Esboço de um Perfil de Maria Lamas*, s. l. , Edição de Amadeu Gaudêncio, 1974.
- NORTON, José, *Norton de Matos, Biografia*, Lisboa, Bertrand Editora, 2002.
- NÓVOA, António (dir.), *A Imprensa de Educação e Ensino -Reportório Analítico (Séculos XIX-XX)*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1993.
- NUNES, Ana Bela, «A Evolução, por Sexos, da População Activa em Portugal – Um Indicador de Crescimento Económico (1890 – 1981)» in *Análise Social*, Lisboa, n.ºs 112 -113, pp. 707 -722.
- OFFEN, Karen, «Erupções e fluxos: reflexões sobre a escrita de uma história comparada dos feminismos europeus, 1700-1950», in COVA, Anne (dir.), *História Comparada das Mulheres*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008.
- OLIVEIRA, Américo e VIANA, Mário Gonçalves, *Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis*, Porto, Lello & Irmão, 1967.
- OLIVEIRA, Américo Lopes de, *Dicionário de Mulheres Célebres*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1981.
- OLIVEIRA, Leonel de (coord.), *Quem é Quem, Portugueses Célebres*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003.
- OLIVEIRA, Manuel Alves de e REGO, Manuela, *O Grande Livro dos Portugueses: 4000 Personalidades em Texto e Imagem*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1990.
- OSÓRIO, Ana de Castro, *A Educação da Criança pela Mulher*, Figueira, Typ. Popular, 1905.
- OSÓRIO, Ana de Castro, *Às Mulheres Portuguesas*, Lisboa, Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, 1905.

PEREIRA, José Carlos Seabra, «Perspectivas do feminino na literatura neo-romântica» in *A Mulher na Sociedade Portuguesa*, Actas do Colóquio, Coimbra 20 a 22 de Março de 1985, Coimbra Editora.

PERROT, Michelle, *Uma História das Mulheres*, Porto, Asa Editores, 2007.

PESTANA, Alice, *Commentarios á Vida*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1900.

PINTO, Teresa, *O Ensino Industrial Feminino Oitocentista. A Escola Damião de Góis em Alenquer*, Lisboa, Colibri, 2000.

PIRENNE, Jacques, *As Grandes Correntes da História Universal*, vol. VII. *De 1939 aos nossos Dias*, tradução de Maria Lamas, s. l., Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileiro, s. d., [1956].

PIRES, Maria Laura Bettencourt Pires, *História da Literatura Infantil Portuguesa*, Lisboa, Vega, 1982.

PIRES, Maria Laura Bettencourt, *Teorias da Cultura*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2004, pp. 38-64.

PROST, Antoine «Fronteiras e espaços do privado», in *História da Vida Privada*, ARIÈS, Philippe e de DUBY, Georges (dir.), V vol, Porto, Edições Afrontamento, 1991, p. 15.

QUENTAL, Antero de, *Influência da Mulher na Civilização*, Barcellos, Typ. da «Aurora do Cavado», 1896.

QUINTEIRO, Maria da Conceição, «Notas sobre a relação social de género», *Plural*, 3, s. l., Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, 1996, pp. 122-135.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 2003, p. 230.

RAFAEL, Gina Guedes e SANTOS, Manuela, *Jornais e Revistas Portugueses do Século XIX*, volume 2, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002, p. 40.

RAMALHO, Maria Irene e RIBEIRO, António Sousa (org.), *Entre Ser e Estar. Raízes, Percursos e Discursos da Identidade*, Porto, Afrontamento, 2002.

ROCHA, Andrée, *A Epistolografia em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.

ROCHA, Clara Crabée, *O Espaço Autobiográfico em Miguel Torga*, Coimbra, Livraria Almedina, 1977.

ROCHA, Filipe, *Fins e Objectivos do Sistema Escolar Português – I Período de 1820 a 1926*, Porto, Paisagem Editora, 1991.

ROCHA, Ilídio, *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, (seis vols.), Mem Martins, 2001.

ROCHA, Natércia, *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*, Lisboa, Caminho, 2001.

ROMÃO, Isabel, *Situação das Mulheres Portuguesas perante a Educação*, Lisboa, Comissão da Condição Feminina, 1978.

ROSA, Elzira Machado, *A Educação Feminina na Obra Pedagógica de Bernardino Machado. Propostas a Favor da Igualdade e da Emancipação das Mulheres*, Vila Nova de Famalicão, Museu Bernardino Machado/Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1999.

ROSA, Elzira Machado, *A Fábrica e a Família. Famílias Operárias no Barreiro*, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1993.

ROSA, Elzira Machado, *Bernardino Machado, Alice Pestana e a Educação da Mulher nos Fins do Século XIX*, Lisboa, Comissão da Condição Feminina, 1989.

ROSAS, Fernando (coord.), *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Colibri/Instituto de História Contemporânea da FCSH, 1998.

SÁ, Domingos Guimarães de, *Catálogo de Literatura Infantil*, Braga, Barbosa & Xavier, 1974, pp. 133-134.

SALVADO, António, *Antologia das Mulheres Poetas Portuguesas*, Lisboa, Delfos, 1962.

SAMPAIO, J. Salvado, *O Ensino Primário (1911 – 1969) – Contribuição Monográfica*, 3 volumes, Lisboa, Instituto Gulbenkian da Ciência, 1975-1977.

SERRÃO, Joel e MARQUES, A. H. de Oliveira, *Nova História de Portugal. Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, vol. XII, Lisboa, Editorial Presença, 1992.

SILVA, Abúndio da, *Feminismo e Acção Feminina (Cartas a uma Senhora)*, Braga, Cruz & C<sup>a</sup>, 1912.

SILVA, Manuela e TAMEN, Maria Isabel (coord.), *Sistema de Ensino em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

SILVA, Manuela Parreira da, *Realidade e Ficção para uma Biografia Epistolar de Fernando Pessoa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004.

SILVA, Maria Regina A. Tavares da, «História no Feminino: os movimentos feministas em Portugal», in MEDINA, João (dir.), *História de Portugal*, Amadora, Edição Clube Internacional do Livro, vol. XV, 1995, pp. 282-297.

SILVA, Maria Regina Tavares da, «Feminismo em Portugal na voz das mulheres escritoras do início do séc. XX», in *Análise Social*, vol. XIX (n. ºs 77-78-79), 1983, pp. 875-907.

SILVA, Maria Regina Tavares da, *A Mulher - Bibliografia Portuguesa Anotada (1518-1998)*, Lisboa, Edições Cosmos, 1999.

SILVA, Maria Regina Tavares, *O Feminismo em Portugal das Mulheres Escritoras do Início do Século XX*, Lisboa, C.I.D.M., 1992.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, «Nótula sobre o Conceito de Literatura Infantil», in SÁ, Domingos Guimarães de, *A Literatura Infantil em Portugal: Achegas para a sua História*, Braga, Edição Franciscana, 1981, p. 14.

SILVEIRA, Olga de Moraes Sarmiento da, *Problema Feminista*, Lisboa, Typ. Francisco Luiz Gonçalves, 1906.

SIMÕES, João Gaspar, *Perspectiva Histórica da Ficção, das Origens ao Século XX*, Lisboa, D. Quixote, 1987, 2ª edição, p. 542.

SOARES, Sílvia, *Traço de Tinta*, s. l. , Edição de autor, [1973], p. 57.

SOUSA, Carlos Mendes de e RIBEIRO, Eunice (org.), *Antologia da Poesia Experimental Portuguesa – Anos 60-anos 80*, Coimbra, Angelus Novus, 2004.

TAVARES, Manuela, «Os 80 anos do I Congresso Feminista e da Educação» in *História*, n.º 70, Outubro 2004.

TAVARES, Manuela, *Movimentos de Mulheres em Portugal – Décadas de 70 e 80*, Lisboa, Livros Horizonte, 2000.

THÉBAUD, Françoise, *História das Mulheres*, in THÉBAUD, Françoise (dir.), V vol., Porto, Afrontamento, 1995.

THIBAUT, Pierre, *História Universal, O Tempo da Contestação 1948-1969*, Lisboa, Dom Quixote, 1992.

TOURAINÉ, Alain, *Iguais e Diferentes-Poderemos Viver Juntos?* Lisboa, Instituto Piaget, 1998.

TROMBETTA, M., *A Mulher não pode Instruir nem Educar*, Lisboa, Livraria Clássica Editora de António Maria Pereira, 1911.

VAQUINHAS, Irene, “*Senhoras e Mulheres*” na *Sociedade Portuguesa do Século XIX*, Lisboa, Colibri, 2000.

VAQUINHAS, Irene, «As mulheres na imprensa regional. O caso de *A Comarca de Arganil (1901-1980)*», *Ler História*, n.º 45, 2003, p. 64.

VAQUINHAS, Irene, «Miserável e gloriosa: a imagem ambivalente da mulher no século XIX», in *Senhoras e Mulheres na Sociedade Portuguesa do Século XIX*, Lisboa, Edições Colibri, 2000, pp. 25-32.

VELEDA, Maria, *A Conquista. Discursos e Conferências*, Lisboa, Livraria Central Gomes de Carvalho, 1909.

VENTURA, António, «A oposição ao Estado Novo», *História de Portugal -O Estado Novo (III)*, dir. João Medina, vol. XVII, Amadora, Ediclube, 2004.

VERÍSSIMO, Helena Ângelo, *Os Jornalistas nos Anos 30/40: Elite do Estado Novo*, Coimbra, Minerva, 2003.

VIEGAS, José Manuel Leite e FARIA, Sérgio, *As Mulheres na Política*, Oeiras, Celta Editora, 2001.

VIEIRA, Maria Manuel, «Letras, Artes e Boas Maneiras: A Educação Feminina das Classes Dominantes» in *Análise Social*, Lisboa, vol. XXVIII, n.º 120, pp. 7-53.

VITAL, Duarte, *O Processo das Três Marias*, Lisboa, Futura, 1974.

WHITE, Leslie A., *O Conceito de Sistemas Culturais*, Rio de Janeiro, Zahar, 1978, p. 12.

## 2.TESES

AMARELO, Isa Paula Pires, *Ruy Luís Gomes – Vida e Obra*, Dissertação de Mestrado, Departamento de Matemática, Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2003.

ARAÚJO, Manuel António Teixeira, *A Obra de Virgínia de Castro e Almeida e a Emancipação da Literatura Infantil*, Dissertação de Mestrado em Educação, Braga, Universidade do Minho, 1994.

BARBAS, Manuela de Sousa, *Mocidade Portuguesa Feminina 1937-1945*, Dissertação de Mestrado em História Social Contemporânea, Lisboa, ISCTE, 1998.

BARBOSA, Branca Maria Rocha, *A Educação Familiar Rural. Entre a Ideologia e a Pedagogia. Subsídios para o Estudo da Educação da Mulher no Estado Novo*, Dissertação de Mestrado em Educação, Braga, Universidade do Minho, 1997.

BORGES, Ana, *Os Nossos Filhos, uma Revista dos Anos 40*, Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, Lisboa, Universidade Aberta, 2003.

CARVALHO, Maria Margarida Mota da Cunha Rego de, *Domitila de Carvalho, Biografia de um Percurso Singular*, Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, Lisboa, Universidade Aberta, 2004.

CASTRO, Helena, *A Educação da Mulher em Portugal – Das Origens do Pensamento Liberal ao Movimento Republicano*, Tese de Licenciatura em Filosofia -Variante de História das Ideias, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1994.

COSTA, Célia Rosa Batista, *O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947)*, Dissertação de Mestrado em Estudos sobre Mulheres, Lisboa, Universidade Aberta, 2007.

CUNHA, Rita Manuela Adegas da, *Ruy Luís Gomes. O Matemático e a sua Época*, Dissertação de Mestrado, Departamento de Matemática, Porto, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2006.

FONSECA, Maria Manuel Baptista Vieira da, *Práticas de Educação Feminina nas Classes Superiores*, Dissertação de Mestrado em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1988.

GOMES, José António de Magalhães, *A Poesia Portuguesa para Crianças e Jovens, do Pós-guerra à Actualidade. O Caso de Matilde Rosa Araújo*, Dissertação de Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas -Época Contemporânea, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1991.

GONÇALVES, Eulália Maria Guerreiro de Faria, *Fenomenologia de um Discurso Crítico. Elina Guimarães (1904-1991)*, Dissertação de Mestrado em História Cultural e Política, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Nova de Lisboa, 2002.

ILDEFONSO, Maria Isabel Moutinho Duarte, *As Mulheres na Imprensa Periódica do Século XIX- O Jornal A Voz Feminina (1868-1869)*, Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, Lisboa, Universidade Aberta, 1998.

LOPES, Ana Maria Costa, *Imagens da Mulher nos Periódicos Femininos Portugueses de 1820 a 1890. Percursos da Modernidade*, Tese de Doutoramento, Lisboa, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa, 2003.

MARIANO, Maria de Fátima da Silva, *Génese e Desenvolvimento do Movimento Feminista Português (1890-1930)*, Dissertação de Mestrado em História do Século XIX e XX -secção Século XX, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2004.

MONTEIRO, Natividade da Conceição André, *Maria Veleda (1871-1955) - Uma Professora Feminista, Republicana e Livre-Pensadora. Caminhos Trilhados pelo Direito da Cidadania*, Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, Lisboa, Universidade Aberta, 2004.

PINTO, Teresa de Jesus da Costa, *A Exposição do Mundo Português – 1940 e as suas Arquitecturas*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, Universidade Lusíada, 1999.

PRATES, Maria Luzia Fouto, *O Jornalismo no Feminino nas Décadas de 30 e 40 na revista Modas & Bordados e a Personalidade de Maria Lamas*, Dissertação de Mestrado em Cultura Portuguesa, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2003.

ROCHA, Maria Cristina T. Teles da, *A Educação Feminina entre o Particular e o Público. O Ensino Liceal nos Anos 30*, Lisboa, Dissertação de Mestrado em Sociologia Aprofundada da Realidade Portuguesa, Lisboa, Faculdade de Ciências Humanas, 1991.

ROCHA, Maria Cristina Tavares Teles da, *A Educação Feminina Entre o Particular e o Público-O Ensino Secundário Liceal nos Anos 30*, Dissertação de Mestrado em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1989.

SEIXAS, Maria Augusta Anselmo, *Virgínia Quaresma (1882-1973) - A primeira Jornalista Portuguesa*, Dissertação de Mestrado em Comunicação e Jornalismo, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2004.

SERRALHEIRO, Maria Lúcia Marques, *Associação Feminina Portuguesa para a Paz-Delegação do Porto (1942-1952)*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, Universidade Aberta, 2002.

SOUSA, António Ferreira, *A Obra de Protecção às Raparigas: um Exemplo de Associativismo Católico de Mulheres*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, Universidade Aberta, 2004.



TAVARES, Maria Manuela Paiva Fernandes, *Movimentos de Mulheres em Portugal após Abril de 1974*, Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, Lisboa, Universidade Aberta, Lisboa, 1998.

VILELA, Ana Maria de Oliveira, *O Instituto de Odivelas sob a Égide do Estado Novo: Continuidades ou Mudanças na Educação 1926-1969*, Dissertação de Mestrado em História Social Contemporânea, Lisboa, Instituto Superior de Ciências do trabalho e Empresa, 1998.

# **MARIA LAMAS (1893-1983) - UMA PARTICIPANTE NA HISTÓRIA DA MENTALIDADE FEMININA**

**Maria Luzia Fouto Prates**

---

**Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Estudos Portugueses, Cultura Portuguesa do século XX, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Cecília Barreira**

**JULHO, 2010**

**Volume 2**



## ÍNDICE

ANEXO I- M. L., «Crónica das Elegâncias», *Modas & Bordados*, 20 Outubro 1926.

ANEXO II- SILVESTRE, Rosa, *O Tio Jerónimo e as Flores*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», 6 Fevereiro 1927.

ANEXO III- SILVESTRE, Rosa, *Os Ratinhos Aventureiros*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», 23 Fevereiro 1927.

ANEXO IV- SILVESTRE, Rosa, *O “Pierrot” Branco e Preto*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», 27 Fevereiro 1927.

ANEXO V- SILVESTRE, Rosa, *A Princesa Yolanda*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», 13 Março 1927.

ANEXO VI- SILVESTRE, Rosa, *As Bolas de Sabão*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», 27 Março 1927.

ANEXO VII- SILVESTRE, Rosa, *A Taça de Creme*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», 3 Abril 1927.

ANEXO VIII- SILVESTRE, Rosa, *A Andorinha*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», 17 Abril 1927.

ANEXO IX- SILVESTRE, Rosa, *O Tonio do Lagar*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», 16 Outubro 1927.

ANEXO X- SILVESTRE, Rosa, *O Ribeirinho*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», 30 Outubro 1927.

ANEXO XI- SILVESTRE, Rosa, *Pedrinhas da Rua*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», 13 Novembro 1927.

ANEXO XII- SILVESTRE, Rosa, *Quem faz Mal..*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», 11 Dezembro 1927.

ANEXO XIII- SILVESTRE, Rosa, *Fazer Bem*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», 4 Janeiro 1928.

ANEXO XIV- SILVESTRE, Rosa, *Os Sinos das Ermidinhas*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», 13 Março 1928.

ANEXO XV- SILVESTRE, Rosa, *O Pão-de-ló*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», 29 Julho 1928.

ANEXO XVI- SILVESTRE, Rosa, *Súplica*, *A Voz*, Suplemento «Semana Infantil», 25 Dezembro 1928.

ANEXO XVII- AYRE, Serrana d', «A dor sofrida cristãmente aproxima-nos de Deus» *A Voz*, secção «Cartas às Mães», 29 Março 1928.

ANEXO XVIII- AYRE, Serrana, «A propósito de Antero de Quental» *A Voz*, secção «Cartas às Mães», 30 Maio 1928.

ANEXO XIX- R. S., *No Baloço*, *A Voz*, Suplemento «O Tiro Liro», 6 Julho 1929.

ANEXO XX- SILVESTRE, Rosa, *Súplica*, *A Voz*, Suplemento «O Tiro Liro», 31 Agosto 1929.

ANEXO XXI- «Mulheres Portuguesas: as nossas matinées d'arte», *Modas & Bordados*, 25 Junho 1930.

ANEXO XXII- M. L., «Salões Musicais: em casa da senhora D. Adelaide Lima Cruz», *Modas & Bordados*, 25 Agosto 1933.

ANEXO XXIII- *La Semaine de Suzette*, 6 Dezembro 1934. Espólio E-28, caixa 27.

ANEXO XXIV- M. L. «Pintoras Portuguesas: D. Alda Machado Santos», *Modas & Bordados*, 22 Maio 1935.

ANEXO XXV- M. L., «Laura Chaves: uma grande poetisa que se revelou compositora de extraordinário talento», *Modas & Bordados*, 10 Julho 1935.

ANEXO XXVI- «Dez minutos com Maria Lamas», *Diário de Lisboa*, 12 Julho 1935.

ANEXO XXVII- LAMAS, Maria «Visões da Madeira», *Modas & Bordados*, 19 Julho 1935.

ANEXO XXVIII- LAMAS, Maria «Valores Novos: Maria Emília Cordeiro Venâncio», *Modas & Bordados*, 24 Julho 1935.

ANEXO XXIX- AMORIM, Guedes de, «Da literatura feminina, o que nos confessou Maria Lamas», *Cartaz*, Junho- Julho 1936.

ANEXO XXX- «D. Maria Lamas», *O Açoriano Oriental*, 3 Outubro 1936.

ANEXO XXXI- «Horas de beleza e de apoteose: o banquete de homenagem à ilustre escritora e brilhante jornalista Senhora Dona Maria Lamas», *O Açoriano Oriental*, 10 Outubro 1936.

ANEXO XXXII- *Miragem*, *Modas & Bordados*, 2 Dezembro 1936.

ANEXO XXXIII- COSTA, Emília de Sousa, «Ao rebusco: *A Ilha Verde*», *Modas & Bordados*, 16 Novembro 1938.

ANEXO XXXIV- SIMÕES, João Gaspar, «Os livros da semana: *A Ilha Verde*, romance por Maria Lamas», *Diário de Lisboa*, 24 Novembro 1938.

ANEXO XXXV- Madressilva, *Alvo luar de Janeiro...Amendoeiras em flor...*, *Ilha Verde, Modas & Bordados*, 27 Dezembro 1939.

ANEXO XXXVI- LAMAS, Maria, «João de Deus e os Jardins Escolas», *Diário de Notícias* (Madeira), 31 Março 1941.

ANEXO XXXVII- LAMAS, Maria, «Uma grande artista desconhecida, Virgínia Passos», *Modas & Bordados*, 26 Maio 1943.

ANEXO XXXVIII- LAMAS, Maria, «Variações sobre um tema eterno», *Modas & Bordados*, 6 Dezembro 1944.

ANEXO XXXIX- LAMAS, Maria, *O Milagre*, *Modas & Bordados*, 9 Maio 1945.

ANEXO XL- «Novos corpos gerentes do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas», *Alma Feminina*, 1945.

ANEXO XLI- Circular n.º 238, Direcção dos Serviços de Censura, 1945. Espólio E-28, caixa 26.

ANEXO XLII- *Boletim da Biblioteca do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, 1946.

ANEXO XLIII- MENDONÇA, Maria, «O concelho do Nordeste visto por Maria Lamas», 1947.

ANEXO XLIV- Tia Filomena, «Última carta», 1947, Espólio E-28, caixa 36.

ANEXO XLV- Carta de Maria Lamas a João Pereira da Rosa, 1947, Espólio E-28, caixa 26.

ANEXO XLVI- Carta de Hernâni Cidade a Maria Lamas, 1947, Espólio E-28, caixa 29.

ANEXO XLVII- Carta da Legação da Suíça a Maria Lamas, 1949, Espólio E-28, caixa 36.

ANEXO XLVIII- Biografia prisional n.º 19560 de Maria Lamas, pela PIDE.

ANEXO XLIX- Carta da Alliance Internationale des Femmes a Maria Lamas, 1949. Espólio E-28, caixa 50.

ANEXO L- «A que atribui a crise de teatro? Como debelar essa crise? Respondem hoje: a escritora Maria Lamas e o actor Jacinto Ramos», *República*, 31 Maio 1951.

ANEXO LI- «D. Maria Lamas», *Eco do Funchal*, 10 Junho 1951.

ANEXO LII- «D. Maria Lamas», *Eco do Funchal*, 14 Junho 1951.

ANEXO LIII- Vera, «Uma carta para ti-I», *Eco do Funchal*, «Página da Mulher», 24 Junho 1951.

ANEXO LIV- Vera, «Uma carta para ti-II», *Eco do Funchal*, «Página da Mulher», 1 Julho 1951.

ANEXO LV- Vera, «Uma carta para ti-III», *Eco do Funchal*, «Página da Mulher», 8 Julho 1951.

ANEXO LVI- Vera, «Uma carta para ti-IV», *Eco do Funchal*, «Página da Mulher», 15 Julho 1951.

ANEXO LVII- Vera, «Uma carta para ti-V», *Eco do Funchal*, «Página da Mulher», 22 Julho 1951.

ANEXO LVIII- Vera, «Uma carta para ti-VI», *Eco do Funchal*, «Página da Mulher», 29 Julho 1951.

ANEXO LIX- Vera, «Uma carta para ti-VII», *Eco do Funchal*, «Página da Mulher», 5 Agosto 1951.

ANEXO LX- Vera, «Uma carta para ti-VIII», *Eco do Funchal*, «Página da Mulher», 12 Agosto 1951.

ANEXO LXI- Vera, «Uma carta para ti-IX», *Eco do Funchal*, «Página da Mulher», 19 Agosto 1951.

ANEXO LXII- Vera, «Uma carta para ti-X», *Eco do Funchal*, «Página da Mulher», 26 Agosto 1951.

ANEXO LXIII- Vera, «Uma carta para ti-XI», *Eco do Funchal*, «Página da Mulher», 2 Setembro 1951.

ANEXO LXIV- Vera, «Uma carta para ti-XII», *Eco do Funchal*, «Página da Mulher», 9 Setembro 1951.

ANEXO LXV-M.L., «Apontamentos da excursão madeirense às Canárias», *Eco do Funchal*, 13 Setembro 1951.

ANEXO LXVI- LAMAS, Maria, «A Madeira vista pelos intelectuais e artistas portugueses», *Eco do Funchal*, 11 Novembro 1951.

ANEXO LXVII- Recomendações sobre os problemas da organização, Conselho Mundial da Paz, (com anotações manuscritas por Maria Lamas), 1954. Espólio E-28, caixa 21.

ANEXO LXVIII- PIRENNE, Jacques, *As Grandes Correntes da História Universal*, volume VII, tradução de Maria Lamas, s. l., Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileiro, s. d., [1956].

ANEXO LXIX- RODRIGUEZ, F. E., tradução de Daniel Cardigos, *A Escada de Ferro*, Lisboa, Ulisseia, [1960].

ANEXO LXX- LAMAS, Maria, «Júlio Pomar expõe em Paris», *Diário de Lisboa*, 5 Março 1964.

ANEXO LXXI- Carta da Direction des Relations Extérieures a Maria Lamas, Novembro 1966, Espólio E-28, caixa 28.

ANEXO LXXII- Carta da Direction des Relations Extérieures a Maria Lamas, Setembro 1967, Espólio E-28, caixa 28.

ANEXO LXXIII- «Maria Lamas regressa dentro de dias», *Diário de Lisboa*, 2 Abril 1969.

ANEXO LXXIV- «Entrevista com Maria Lamas», *A Capital*, 3 Fevereiro 1970.

ANEXO LXXV- «Quem é Maria Lamas», *Diário de Lisboa*, 5 Maio 1971.

ANEXO LXXVI- «Homenagem à escritora Maria Lamas», *Diário de Lisboa*, 4 Julho 1973.

ANEXO LXXVII- CASTRO, Ferreira de, «Maria Lamas é dos mais nobres e dotados espíritos de Portugal», *República*, 5 Julho 1973.

ANEXO LXXVIII- RODRIGUES, Urbano Tavares, «Em honra de Maria Lamas», *Diário de Lisboa*, 9 Julho 1973.

ANEXO LXXIX- LOURO, Regina, «Maria Lamas», *Flama*, 3 Agosto 1973.

ANEXO LXXX- *Tempo de Exílio* «Extracto inédito de um livro de Maria Lamas», *República*, 27 Agosto 1973.

ANEXO LXXXI- FERREIRA, Vergílio, «Lembrança de Maria Lamas», *República*, 19 Setembro 1973.

ANEXO LXXXII- FREITAS, Rogério de, «Saudação a Maria Lamas», *República*, 21 Setembro 1973.

ANEXO LXXXIII- RITA, Teresa, «Carta (de Paris) a Maria Lamas», *República*, 3 Outubro 1973.

ANEXO LXXXIV- «Maria Lamas preside hoje ao comício promovido pela Comissão Portuguesa para a Paz», *Diário de Notícias*, 1 Julho 1974.

ANEXO LXXXV- «Apresentação», *Mulher, Modas e Bordados*, 2 Julho 1975.

ANEXO LXXXVI- «Maria Lamas: personalidade, obra, exílio», *Mulher, Modas e Bordados*, 8 Outubro 1975.

ANEXO LXXXVII- «Maria Lamas homenageada», *Diário Popular*, 10 Maio 1976.

ANEXO LXXXVIII- «Maria Lamas», *Diário Popular*, 14 Maio 1976.

ANEXO LXXXIX- «Maria Lamas a “A Capital”: Décadas de luta contra o fascismo e a condição da mulher», *A Capital*, 24 Maio 1976.

ANEXO XC- F. M., «Maria Lamas portuguesa, escritora, 84 anos», *Diário de Lisboa*, 6 Outubro 1977.

ANEXO XCI- «Maria Lamas e *O Almonda*», *O Almonda*, 24 Outubro 1980.

ANEXO XCII- «Homenagem a Maria Lamas», *O Diário*, 28 Fevereiro 1982.

ANEXO XCIII- «Dia 8 de Março: homenagem a Maria Lamas», *Diário de Lisboa*, 4 Março 1982.

ANEXO XCIV- «A “mulher” Maria Lamas homenageada aos 88», *Diário de Lisboa*, 5 Março 1982.

ANEXO XCV- «Homenagem a Maria Lamas no próximo domingo no Teatro S. Luís», *O Diário*, 5 Março 1982.

ANEXO XCVI- «Maria Lamas: sessão de homenagem», *Diário Popular*, 6 Março 1982.



ANEXO XCVII- «Maria Lamas homenageada no Seixal e em Lisboa», *O Diário*, 6 Março 1982.

ANEXO XCVIII- CAMILO, Maria Teresa, «Carta a Maria Lamas»; FIADEIRO, Maria Antónia, «Maria Lamas: o roteiro de uma vida num esboço de biografia»; REIS, Jorge, «Uma amiga na “Rue Cujas”», *Diário de Lisboa*, 8 Março 1982.

ANEXO XCIX- «Maria Lamas homenageada esta noite», *O Diário*, 8 Março 1982.

ANEXO C- «Maria Lamas: “uma mulher que o fascismo não vergou”», *Diário de Lisboa*, 9 Março 1982.

ANEXO CI- Carta de Maria L. Bastos a Maria Lamas, Março 1982. Espólio E-28, caixa 28.

ANEXO CII- «Maria Lamas homenageada no âmbito do dia internacional da mulher», *A Capital*, 10 Março 1982.

ANEXO CIII- CASTRIM, Mário, «Um crime chamado RTP», *A Capital*, 11 Março 1982.

ANEXO CIV- ANJO, Isabel César, «Maria Lamas – contadora de histórias»; ANJO, Isabel César e PEDROSO, Alberto, «Maria Lamas na literatura e na imprensa infantil e juvenil», *O Diário*, 12 Março 1982.

ANEXO CV- NEVES, Helena, «Maria Lamas, uma vida no feminino colectivo», *O Diário*, 28 Março 1982.

ANEXO CVI- NEVES, Helena, «Maria Lamas, uma vida no feminino colectivo-II», *O Diário*, 11 Abril 1982.

ANEXO CVII- «Maria Lamas condecorada pela FDIM», *Avante*, 7 Abril 1983.

ANEXO CVIII- «Maria Lamas vai hoje a enterrar»; «Associando-se à homenagem em memória de Maria Lamas, “Diário de Lisboa” publica carta inédita da escritora», *Diário de Lisboa*, 7 Dezembro 1983.

ANEXO CIX- «Maria Lamas: uma vida, uma obra, um combate», *Diário de Lisboa*, 7 Dezembro 1983.

ANEXO CX- «Maria Lamas homenageada na Madeira», *Diário de Lisboa*, 10 Dezembro 1983.

ANEXO CXI- LAGOA, Vera, «Perdi a Maria dos cabelos de prata», *O Diabo de Lisboa*, 13 Dezembro 1983.

ANEXO CXII- *Diário da Assembleia da República*, I Série, n.º 55, 13 Dezembro 1983.

ANEXO CXIII- NOGUEIRA, Alda, «Maria Lamas: uma mulher na História», *O Diário*, 21 Dezembro 1983.

ANEXO CXIV- FIADEIRO, Maria Antónia, «E sentimentalmente», *Mulheres*, Novembro 1983.







# **MARIA LAMAS (1893-1983) - UMA PARTICIPANTE NA HISTÓRIA DA MENTALIDADE FEMININA**

**Maria Luzia Fouto Prates**

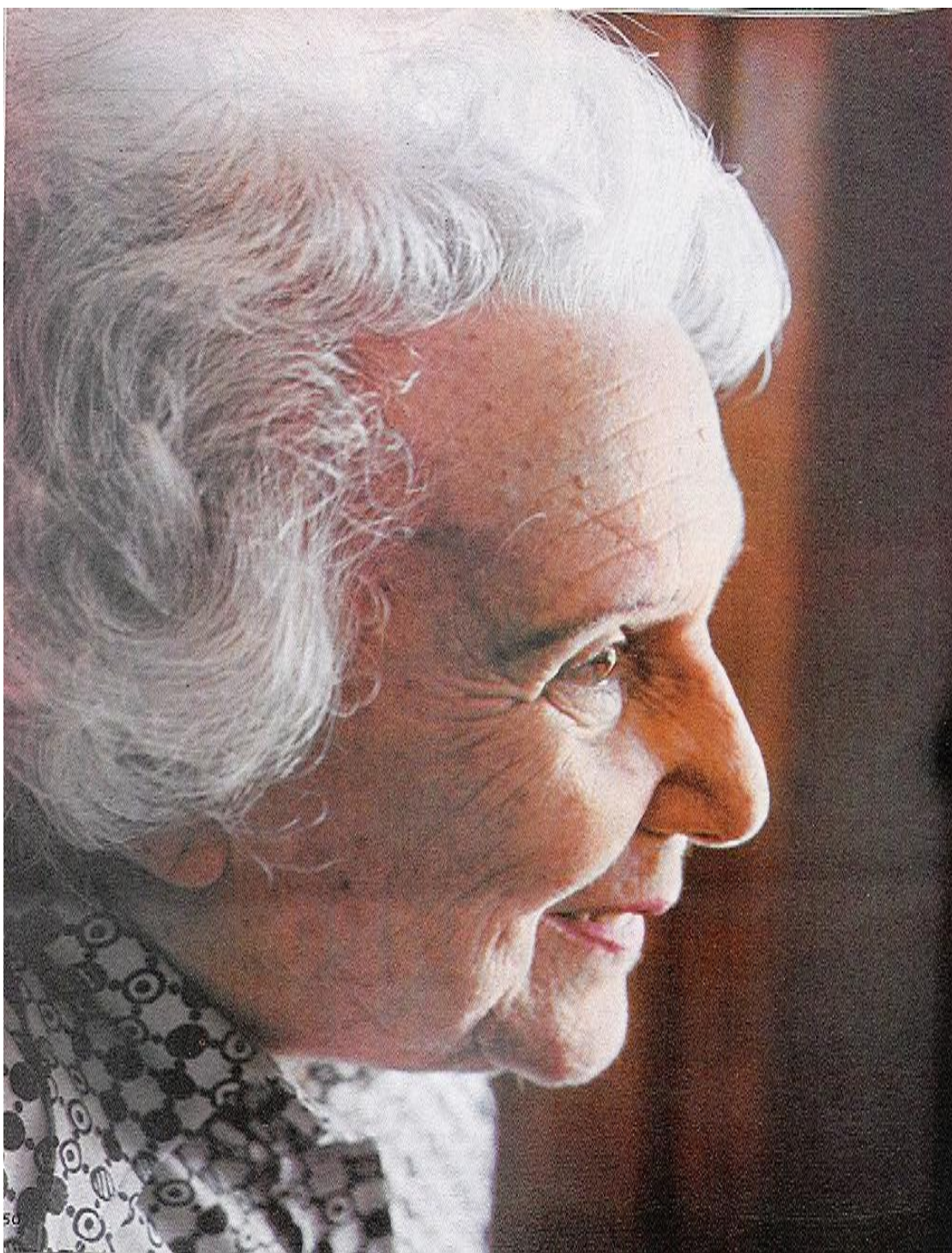
---

**Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Estudos Portugueses, Cultura Portuguesa do século XX, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Cecília Barreira**

**JULHO, 2010**

**Volume 3**





Maria Lamas, *Flama*, n.º 1326, 3 Agosto 1973, p.73



